

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRASILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

TOMO LXXV

PARTE II

(1912)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint sera posteritate frui

DIRECTOR :

DR. B. F. RAMIZ GALVÃO



RIO DE JANEIRO

1913

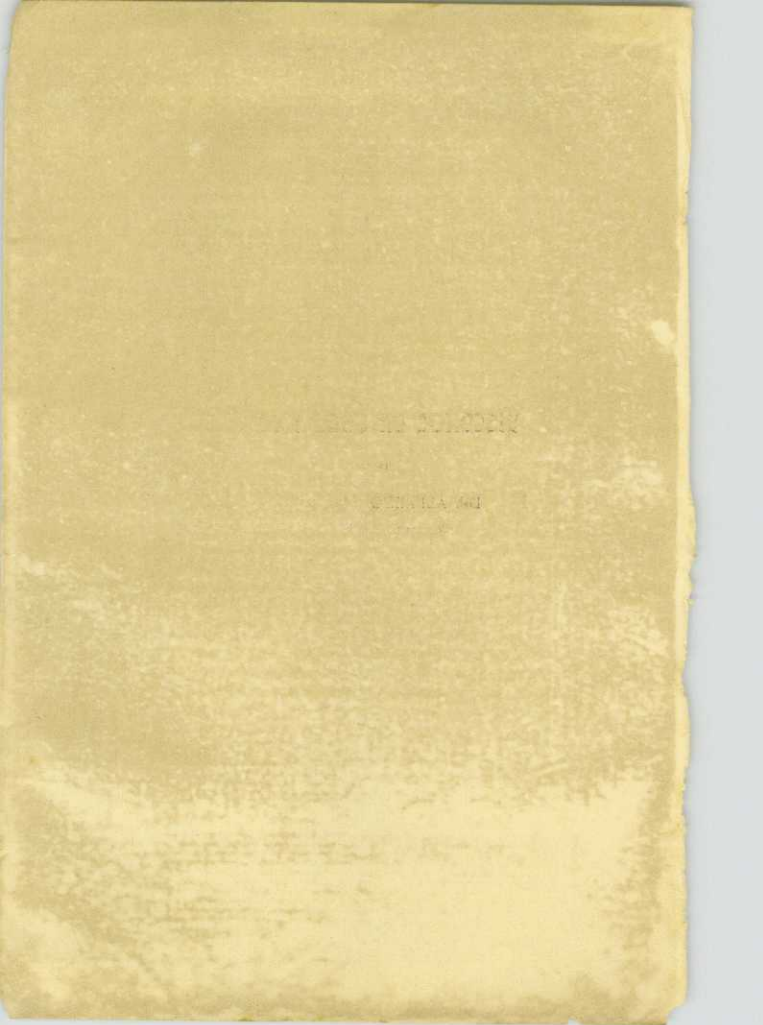


VISCONDE DE OURO PRETO

PELO

DR. ALFREDO VALLADÃO

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)

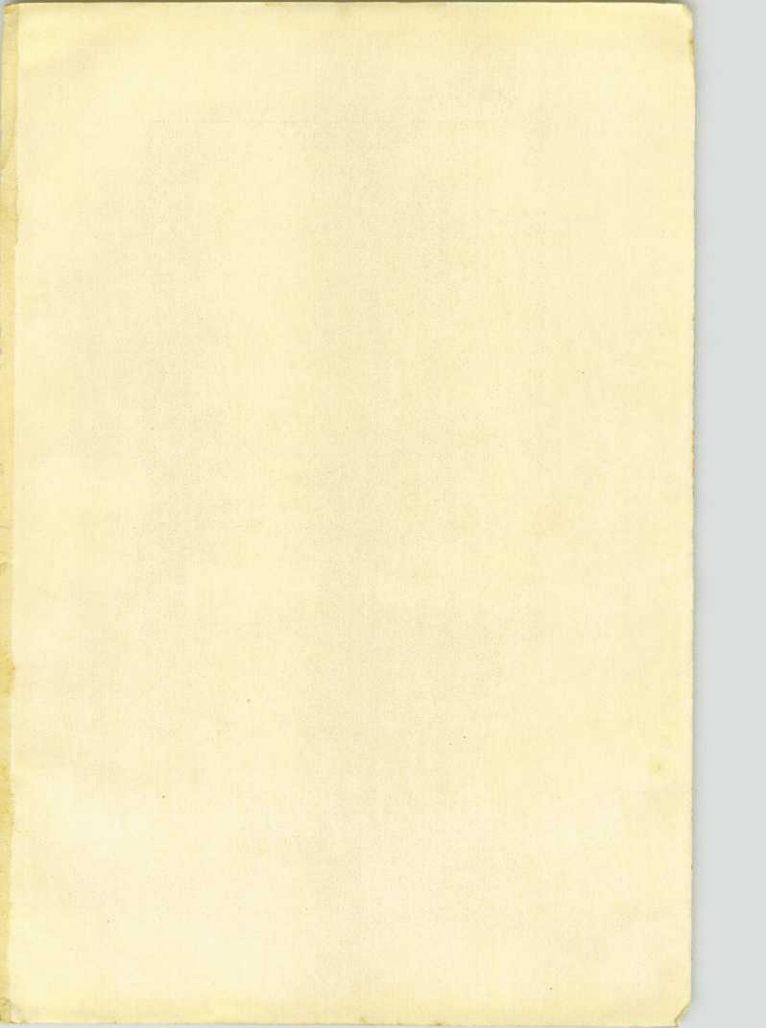




VISCONDE DE OURO PRETO
(DR. AFFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO)

Nasceu em Ouro Preto (Minas Geraes) em 21 de Fevereiro de 1837

Proposto socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro em sessão de 18 de Setembro de 1900, admittido em sessão de 9 de Novembro do mesmo anno. Tomou posse em 7 de Dezembro de 1900. Em Assembléas Geraes de 24 de Dezembro de 1901, 23 de Dezembro de 1902, 1903 e 1904 foi eleito para a Commissão de Historia. Em sessão de 8 de Maio de 1903 foi elevado a socio honorario. Em Assembléa Geral de 21 de Dezembro de 1905 foi eleito para o cargo de 3.º Vice-Presidente e para as Comissões de Fundos e Orçamento e de Historia. Em Assembléas Geraes de 21 de Novembro de 1906, 1907, 1908, 1909, 1910 e 1911 foi eleito para o cargo de 1.º Vice-Presidente e para as Comissões de Fundos e Orçamento e de Historia, nas quaes serviu até 1912. Falleceu em Petropolis a 21 de Fevereiro de 1912.



VISCONDE DE OURO PRETO

Etienne Pasquier, um dos maiores advogados do seculo XVI, accentuava que o merito legitimo de nossa profissão está em combater pela verdade e não pela victoria.

E, assim, nem a victoria nos deslumbra, nem a derrota nos acabrunha.

O que nos preoccupa é encontrar o direito.

E defendê-lo com lealdade, dando-lhe o melhor de nossas energias, é quanto nos basta!

O visconde de Ouro Preto, socio honorario do Instituto, era, antes de tudo, um advogado; e dos mais eminentes deste paiz.

Dedicou á advocacia trinta annos de serviços effectivos; delle só o afastava a incompatibilidade das posições politicas.

Foi nesta profissão que elle formou o seu espirito.

E foi com este espirito que elle entrou para a carreira politica.

Combateu, sempre, pela verdade!

E eu não conheço, entre nós, combatente mais destemido, nem mais sobranceiro.

Coube-lhe a maior causa, que a um estadista foi dado pleitear em nosso paiz: e ella não podia encontrar maior patrono.

Foi esta causa memoravel, que teve o seu desfecho em 15 de Novembro!

E, ainda bem, que o tempo decorrido permite, hoje, a completa serenidade da justiça, na apreciação daquelle momento.

A Republica está assentada.

O Brasil caminha para a «finalidade do continente americano», como accentuava Joaquim Nabuco.

Cessou a paixão: falla a Historia.

E nenhum homem deve ser julgado fóra do seu meio.

Ha nove annos, um illustre redactor do *Jornal do Commercio* desenhava com rapidez o quadro de 15 de Novembro: «de madrugada, o visconde de Ouro Preto ainda era o dominador. A figura do imperante ia-se apagando lentamente no declinio da velhice: para supri-la surgiu pouco e pouco um perfil indeciso, em que a Nação receava a debilidade feminina, e entre os dous, como expressão da força, da intelligencia, da ambição do govêrno, levantava-se esse homem de vontade, que já apontavam como uma aspiração de chanceller, querendo preparar o advento de um régimen novo, e sôbre elle imperar como seu obreiro victorioso.

«Nem um dia foi preciso para que se mudasse o scenario. Deante de uma revolta as tropas ainda marcharam ás suas ordens, ainda algum tempo parecia que iam obedecê-lo, e á tarde, quando o sol de todo se sumiu, tinham-n'o preso em um quartel.»

E, sómente, uma imperfeição ha neste quadro.

Era, de facto, a causa do Imperio, que estava entregue ao pulso forte do visconde de Ouro Preto.

Pedro II envelhecia, definhava: a successão estava proxima.

E o movimento republicano espreitava essa hora.

A situação era melindrosa. Ouro Preto comprehendeu o papel saliente, que lhe estava reservado, naquella phase de nossa vida politica.

Mas não o movia a ambição de govêrno, nem o seduziam as glorias de futuro chanceller.

O que o seduzia era a propria causa do Imperio.

Era esse reinado de Pedro II, dizia elle, que durante meio seculo manteve integra, tranquilla e unida a nossa Patria imensa!

Que converteu um paiz atrazado e pouco populoso, em grande e forte nacionalidade, primeira potencia naval sul-americana, considerada e respeitada em todo o mundo civilizado, factor eficiente da civilização moderna, uma das mais solidas garantias do futuro!

Que libertou povos vizinhos do mais cruel e aviltante despotismo!

Que ninguem proscreeu!

Que extinguiu a escravidão !

O que o seduzia era esta figura sem par de Pedro II.

Figura acatada, hoje, pela opinião unânime do paiz ; realçada a todo o momento pelos mais valentes batalhadores da cruzada republicana !

Esta figura tão bem descripta pelo conde de Affonso Celso.

Um rei que a própria Nação tirou do berço para o educar !

Um rei sabio, que protegia as sciencias, as letras e as artes.

Um rei honesto, fundamentalmente honesto.

Um rei magnanimo.

Um rei modesto, simples nos seus habitos.

Um rei liberal, que moribundo quasi, no estrangeiro, reergue-se de seu leito, recobra a saude á noticia de que estava abolida a escravidão em sua Patria !

O que o seduzia era o acto da princeza, assignando a lei de 13 de Maio, quando o grande vidente, que se chamou Cotegipe, a prevenia de que assignava, assim, a quéda do throno !

Acto, na verdade, impressionante !

Não que a abolição fôsse uma dadiva real, que a Nação recebêra !

Era uma causa popular, pleiteada em campanha memoravel !

Teve os seus apóstolos.

Vencia na opinião ; e parecia o termo, quando o exercito nobremente se recusou á captura de escravos !

Mas, injusto seria desconhecer a acção de d. Pedro II e da princeza nesta causa.

E, bem certo, a abolição viria abalar o throno, retirando-lhe o apoio das classes conservadoras, que viviam do escravo !

A causa do Imperio era, pois, para o visconde de Ouro Preto, a propria causa da Nação.

E foi, por isso, que elle acceitou.

E, só assim, a poderia ter acceito.

Correu agitada a sessão da Camara, em que se apresentou o gabinete de 7 de Julho.

Em vibrante oração, o deputado João Manuel ataca de frente o regimen, terminando por um viva á Republica !

E, com um viva á monarchia, começa Ouro Preto a sua resposta, em uma peça brilhante e convencida:

«Esta monarchia», dizia elle: «tão democratica, tão abnegada, tão patriótica, que seria a primeira a conformar-se com os votos da Nação, e a não lhes oppôr o menor obstaculo, si ella, pelos seus órgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar de instituições».

E por isso é que elle a servia.

Não era um aulico!

A altivez foi sempre a nota dominante do seu character! Aceitára, de facto, um titulo nobiliarchico.

«Mas, titulos de nobreza já os possuia, e seus foraes estavam registados em archivos superiores aos de todas as mordomias regias. Estes archivos são os annaes parlamentares de uma e outra casa electiva, os volumes da legislação do Imperio, que encerram fructos do seu trabalho, os jornaes que tem redigido, os livros que tem publicado.»

«Não são, porém, estes os melhores de que pôde se ufanar. E, sim, a moralidade de sua casa, e a educação que dá a seus filhos, que hão de elevar o nome humilde que herdou de seus pais.»

E, com legitimo orgulho, em resposta a um aparte, arguido de haver mudado de nome, accetando o titulo nobiliarchico, pôde dizer:

«Mudou, sim, porque graças a Deus transmittiu-o a quem podia eleva-lo.»

Ao inverso do que se practicava então, collocou nas pastas militares dous representantes das classes armadas.

E accusado de que o fazia para ameaçar, declarou que tinha em vista melhor attender ao serviço daquelles departamentos, em que havia mister de conhecimentos especiaes.

«Não ameaçava, nem quer ameaçar ninguém.»

«Quer doutrinar, exclama, quer convencer!»

Vinha salvar o Imperio com a bandeira de seu partido!

Não era um programma de oppressão, mas um programma de concessões!

O seu programma era o programma do partido liberal, appro-

vado em recente congresso, de que elle fôra um dos promotores.

Fôz o que elle disse ao Senado, e que elle havia dicto á Corôa.

E era um programma brilhante!

Comprehendia: o alargamento do direito de voto; autonomia dos municipios e das provincias, sendo a base desta reforma a eleição dos administradores municipaes, e a nomeação dos presidentes de provincias recaindo sobre listas organizadas pelos votos dos cidadãos; a liberdade de cultos e seus consecratorios; a temporariedade do Senado; a reforma do Conselho de Estado, que perderia o character politico, conservando só o character administrativo; a liberdade do ensino e seu aperfeiçoamento; a lei de terras; a redução dos fretes; a expansão das vias de communicação.

Mas, desde logo, o que o visconde de Ouro Preto tinha em vista, era o alargamento do voto e a autonomia das provincias.

E, ao mesmo tempo, empenhava-se: na elaboração do Código Civil; na conversão da divida externa; na amortização do papel moeda; no equilibrio da receita e da despesa; na fundação de estabelecimentos de credito.

Certo, no seio do proprio partido liberal, outros iam mais longe.

Não lhes bastava a autonomia das provincias; queriam a Federação.

A idéa seduzia.

Teve 19 votos no Congresso Liberal!

Defendeu-a o eminente conselheiro Ruy Barbosa em artigos de sensação!

Por ella se batia o bello espirito de Joaquim Nabuco.

E, afinal, a elle adheriu Saraiva, o velho conselheiro da monarchia.

Mas, o visconde de Ouro Preto não se deixou illudir.

Conhecia bastante o nosso paiz!

E está plenamente justificado.

A experiencia da Federação tem sido amarga para o paiz!

*No Brasil, dizia o Manifesto de 1870, antes ainda da idéa

democratica, encarregou-se a natureza de estabelecer o princípio federativo».

A extensão do território nacional e a diversidade de seus interesses — eis os argumentos que a todo o momento se invocavam pela Federação!

Como si fossem estes os únicos factores do problema!

Como si o Estado Federado se cifrasse no território!

Como si não houvesse necessidade, para a sua constituição, do elemento *povo*!

Não do povo, *massa humana*, mas do povo que pensa e delibera!

Como si a Federação se pudesse constituir sem atenção a um ponto capital, o de seu equilíbrio!

E d'ahi esta extravagante Federação: de Estados que são Estados e de Estados que não são Estados, porque ha Estados que deliberam e Estados que não deliberam; de Estados grandes e de Estados pequenos; de Estados ricos e de Estados pobres!

É uma situação a se esboroar!

A Federação só se poderia manter, ou com a desclassificação de alguns Estados reduzidos a territorios, ou com uma nova divisão de Estados.

E quem sabe, pois, si nesta mesma autonomia das provincias, de que cogitava o espirito clarividente de Ouro Preto para a salvação do Imperio, não estará também a salvação da Republica?

Empenhava-se o visconde de Ouro Preto em cumprir o seu programma.

E vinha sendo fecunda a sua gestão.

Em cinco mezes de seu governo, entre outros actos, citam-se os seguintes: regulando a execução do decreto sobre bancos de emissão; concluindo um empréstimo interno (ouro) de 100 mil contos, para auxiliar a lavoura; contractando o resgate do papel-moeda; estabelecendo a circulação em ouro; creando o *clearing-house*; decretando as obras do Porto do Rio de Janeiro; concedendo uma estrada de ferro do Recife a Valparaíso.

Além disto, collocou em excellente situação para o paiz o delicado caso das Missões, firmando habilmente, com a Argen-

tina, o tractado de arbitramento pelos Estados Unidos, do que resultou a nossa victoria.

Promoveu a elaboração do Codigo Civil por uma Commissão que estava em trabalhos.

As eleições para a renovação da Camara lhe deram uma assignalada victoria.

Procedia-se á verificação de poderes; breve estaria organizada aquella Casa do Parlamento.

E, dentro em poucos dias, seria lei o ponto capital de seu programma — a autonomia das provincias!

Não quiz, porém, a fortuna que o grande Brasileiro levasse a cabo a sua obra...

A onda revolucionaria vinha crescendo!

Era a propaganda republicana.

Era a questão militar.

Eram os escravocratas.

Não datava de muito a campanha republicana.

Desde 1845, quando se deu a pacificação dos Farrapos, até 1870, dizia Christiano Ottoni, tínhamos apenas pela Republica votos individuaes, sem echo na população.

A primeira manifestação collectiva e séria foi o manifesto de 1870.

Aggremiaram-se homens do valor de Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Prudente de Moraes, Campos Salles, Francisco Glycerio e Ubaldino do Amaral.

É o inicio da evolução republicana.

A propaganda breve se avoluma, nos clubs, na imprensa, nos *meetings*.

É Lopes Trovão, é Silva Jardim, é José do Patrocínio.

Entra para as escolas civis e militares; aqui, sob os auspícios do grande espirito de Benjamin Constant.

E, dentro em pouco, os veteranos de 1870 se encontravam com uma geração nova de homens de valor, de solida educação republicana, e que teve em Julio de Castilhos e João Pinheiro, para só fallar nos mortos, os seus maiores representantes.

Mas vinte annos de evolução republicana ainda não bastavam para a victoria da causa.

Mais temerosa era a questão militar!

Vinha de algum tempo.

E os políticos sempre a exploravam.

Justa ou injusta, era uma questão sempre digna em sua origem.

Era movida, algumas vezes, pela solidariedade da classe; outras vezes, pelo espirito de critica e de defesa, em collisão com os deveres da disciplina.

A lei de 13 de Maio levantara, na zona rural, grande aversão ao throno.

Ex-proprietarios de escravos adheriam, em massa, á Republica!

Mas eu não quiz confundir estes adhesistas de 13 de Maio, com os propagandistas da Republica.

Seria uma offensa aos manes de Benjamin Constant, de Saldanha Marinho, de Julio de Castilhos, de João Pinheiro.

Seria confundir o odio á liberdade com o amor á Republica!

Dei-lhes classificação á parte — *os escravoocratas*.

É o que elles eram; é o que elles continhavam a ser!

O visconde de Ouro Preto bem conhecia estas correntes, e habilmente havia providenciado.

Com o seu programma liberal tractou de enfraquecer a propaganda republicana.

Collocando duas patentes militares nas pastas da Guerra e da Marinha, procurou angariar a sympathia das classes armadas.

E, com a escolha de Floriano Peixoto para ajudante general, julgou-se garantido, na hypothese de uma revolta.

Floriano era seu amigo dedicado, e veterano do Paraguai, onde se distinguio por sua bravura.

E confirmou mais tarde o seu valor, nesta formidavel resistencia á Revolta de 1893.

Além disto Ouro Preto procurou firmar-se em outras milicias.

Augmentou o Corpo Policial; começou a organizar a Guarda Nacional.

Em relação á layouta, elle correu a auxilia-la, levantando para isto um emprestimo de cem mil contos.

O que não podia era fazer voltar os negros ao azotrague!

Mas os acontecimentos se precipitam.

Surge o 15 de Novembro!

Até á vespera chegavam-lhe simples avisos anonymos e vagos de um movimento...

Até á vespera, a segurança do ajudante general de que nada havia a receiar...

Na madrugada desse dia, e por intermedio do chefe de policia, Ouro Preto sabe que o 1.º regimento está em armas, em seu quartel!

Corre ao Quartel General; providencia, dá ordens!

É um homem que se prepara para a lucta!

Dentro em pouco surgem-lhe pela frente, e tomam posição, as vedetas do marechal Diodoro da Fonseca.

Diodoro era o Exercito!

A sua bravura e a posição que, de muito, vinha assumindo, de defensor dos direitos, dos brios e das reclamações de sua classe, deram-lhe extraordinario prestígio entre os seus camaradas.

Eca o inimigo!

E inimigo valoroso, franco; de uma franqueza que chegava á explosão!

Ouro Preto não se intimida.

Ordena o fogo; mas é desobedecido!

Comprehendeu tudo...

Estava vencido!

Entretanto o seu animo não se abate.

Parecia o vencedor!

Não accella a saída, que se lhe dá pelos fundos do quartel.

Espera o chefe da Revolução!

E, quando este o exprobra, responde com altivez!

Inspira admiração ao proprio vencedor!

É o marechal Diodoro quem, espontanea e nobremente, lhe manda dizer que, a todo o tempo, daria testemunho da altivez e da dignidade com que elle se houvera!

E foi assim a derrota de Ouro Preto!

Uma derrota que mais parecia uma victoria!

Que lhe importava a derrota, quando elle tinha consciencia

de haver servido, com lealdade, á causa que lhe parecia da própria Nação!

E que lhe importava uma derrota, a quem tantas victórias contava em sua vida!

A vida de Ouro Preto era uma série de victórias!

A principio, era o joven Affonso Celso, saindo da legendaria Villa Rica, para cursar a Faculdade de S. Paulo.

Da casa paterna apenas pudera levar o exemplo da honra e da virtude.

Em S. Paulo houve de procurar no trabalho, leccionando e escrevendo, os recursos para a sua subsistencia!

E tanto se destacou que, ainda estudante, era official de gabinete dos presidentes da provincia Diogo de Vasconcellos e Fernandes Torres.

Voltando a Minas, teve accesso a todas as posições e á representação.

Foi procurador fiscal, foi inspector da Thesouraria, foi deputado á Assembléa.

Adquire enorme prestigio politico.

E, breve, chega á Assembléa Geral.

Aqui, tal homem se revelou, que aos vinte e nove annos de idade entrava para o ministerio Zacharias, na pasta da Marinha.

Foi pela guerra do Paraguai.

A pasta da aprendizagem, como a chamavam, se transformou, nas mãos de Ouro Preto, em uma pasta de ensino!

Proporcionou dias gloriosos ao nosso paiz.

Foram estes dias da *Marinha d'outr'oro*, que elle descreve, com tanto brilho, e com tanto carinho!

Na pobreza dos nossos arsenaes, na modestia dos nossos recursos, o joven ministro, em mezes, apresta navios, levanta uma esquadra!

Mas, não são, apenas, os recursos materiaes, que elle fornece para a guerra.

É toda a sua alma de moço e de patriota!

É o estímulo que leva a Inhaúma, para forçar o Humaitá, quando lhe envia os monitores.

« Com estas novas machinas de guerra, e com a cheia do rio, V. Ex.^a zombará do Humaitá, suas cadeias e seus torpedos ».

É a ancia, com que pede e espera a solução do grande problema !

É a facilidade, com que assimila as questões de tactica naval !

Dirige-se a Inhaúma, como si fosse um profissional ; dá planos de campanha.

Nunca o departamento da Marinha teve, em nosso paiz, figura igual á do joven ministro.

E o seu nome está ligado para sempre ao feito heroico da passagem do Humaitá !

A quédá dos liberaes o affasta do poder.

E, agora, a sua actividade se desdobra !

Os conservadores o têm pela frente.

É o jornalista de combate, nas columnas da *Reforma*.

É o orador culto, logico, poderoso, na tribuna parlamentar.

Ouro Preto doutrina, convence,

Empolga, domina !

É uma figura de commando, em harmonia com a altivez de seu porte !

E foi uma lucta de annos, em que Ouro Preto esteve sempre de pé !

Mas a politica não absorve o legislador.

Elle é, tambem, um legislador, na exacta significação desta palavra.

De uma aprimorada cultura juridica, tem collaboração brilhante na obra legislativa.

E não são poucos os monumentos, que se lhe devem.

Com a ascenção dos liberaes, em 1878, Ouro Preto entrou para o Senado e, ao mesmo tempo, para o poder.

Agora, é a pasta da Fazenda que lhe tóca.

Reaffirma-se o administrador.

Mas não é só na alta competencia, com que elle gere as nossas finanças ; é na energia desta gestão !

É uma vontade consciente, que tudo affronta, até a impopularidade !

Entre outros actos da sua administração, figuram : a reforma

do methodo para a apresentação do orçamento, o empréstimo interno (outro) de cincoenta mil contos, lançado em excellentes condições e a regulamentação dos nossos impostos.

Com a organização do Ministerio Saraiva, em 1880, Ouro Preto deixou o poder.

E a nossa litteratura jurídica e social deve-lhe inestimaveis trabalhos.

Já, anteriormente, elle havia escripto *A esquadra e a opposição parlamentar*, e o *Assessor moderno*.

Agora, neste periodo que vai de 1880 a 1888, publica :

Algumas idéas sobre instrução, Statu Liberi, Marcas de Fabrica, Reforma das Faculdades de Direito, aos Mineiros, Finanças da Regeneração, Reforma da Administração Municipal, e o *Penhor* (refundido posteriormente no *Credito Movei*).

É uma elaboração intensa !

E, destes trabalhos, salientam-se, na litteratura jurídica, as *Marcas de Fabrica* e o *Penhor*.

São obras verdadeiramente classicas, em nosso direito.

E, em ambas, o visconde de Ouro Preto teve a primazia do assumpto, elucidando a regra jurídica, para situações novas, que se vinham creando no commercio, na industria e na agricultura.

Mas aquelles trabalhos não perturbam a sua actividade parlamentar, nem a sua actividade politica.

Organiza as forças do seu partido.

Funda a *Tribuna Liberal*.

Era o chefe !

Era este o visconde de Ouro Preto, o homem extraordinario, a quem a Corôa incumbiu de organizar o Gabinete de 7 de Junho !

E a proclamação da Republica não o diminue ! Ao contrario, augmenta-lhe o culto !

Ouro Preto é a personificação da altivez e da lealdade.

Preso, banido, não se intimida, nem se retrata !

É com energia de sempre que do exilio elle dirige um manifesto á Nação ; que elle escreve — *O Advento da dictadura militar*.

E é com esta mesma superioridade de espirito que supporta o exilio, recreando-se nesta viagem á Italia, de que nos deu tão bellas paginas na sua *Excursão*.

Regressando ao paiz, lucta pelas suas convicções na imprensa, nos tribunaes.

Funda um jornal de combate — *O Liberdade*.

Organiza uma publicação de critica ao regimen — *Decada Republicana*, a que dá sua brillante collaboração, no capitulo sobre as finanças.

Mas a Republica ia-se consolidando.

As investidas contra ella se espaçam.

Começam as deserções.

Ouro Preto é dos que não se rendem!

Cessou a lucta.

Mas elle não deixa a sua bandeira; com ella havia de ir ao tumulto!

É no culto do direito, é na advocacia, é na cathedra que a sua actividade agora se concentra.

E a nossa litteratura juridica lhe vai dever ainda uma obra preciosa — *Credito Moral* —, em que elle refunde o seu trabalho sobre o *Penhor* com um largo desenvolvimento destas duas instituições, « que podem proporcionar abundantes recursos a estas grandes arterias de qualquer Estado — a Industria e o Commercio. »

Ainda era o amor á sua Patria, que lhe inspirava este trabalho juridico!

E, ainda bem, que a sociedade brasileira o sabia venerar!

Onde quer que Ouro Preto se apresentasse, as maiores considerações lhe estavam reservadas.

Comparece ao Congresso Juridico, e um de seus membros illustres interpreta o sentimento de seus collegas, consignando em acta o desvanecimento que lhes causa a presença do eminente Brasileiro!

Realiza, no Instituto Historico, uma conferencia sobre a batalha de Riachuelo, e aquella corporação assignala, tambem, em acta a honra de sua presença!

É uma figura que cada vez mais se destaca!

Excepcional vida a de Ouro Preto: grande no poder, maior na sua quêda.

E, como si lhe não bastassem as glorias da vida, teve ainda,

as glórias da morte, que deixou neste documento postumo — o seu testamento!

Ouro Preto baixa ao tumulo com a sua bandeira!

Mas desobriga seus filhos.

Leva-a consigo.

O que elle via naquelle symbolo, que tão lealmente serviu, era a causa da sua Patria.

Mas a nação acceitou a Republica.

Ouro Preto quer que seus filhos sirvam neste regimen, e possam prestar á Patria melhores serviços do que elle havia prestado!

Extraordinaria figura!

As gerações que vierem hão de tê-la bem á vista, porque, na nossa historia, ninguem subiu mais na altivez, na lealdade e no amor da Patria!

E, assim, o seu exemplo os possa inspirar!

Damos hoje lugar nas paginas da *Revista* a um valioso achado do sr. dr. Alberto Lamego nos archivos portuguezes, e precedemos sua publicação da carta, que a esse estudioso da Historia patria dirigiu a tal respeito o nosso illustrado consocio sr. Oliveira Lima, a quem o auctor submittera os interessantissimos ineditos que em seguida entregamos á publicidade.

PAPEIS INEDITOS

SÔBRE

JOÃO FERNANDES VIEIRA

PELO

DR. ALBERTO LAMEGO

PAPEIS INEDITOS SOBRE JOÃO FERNANDES VIEIRA

(Denúncias, pareceres do Conselho Ultramarino e despacho real)

Bruxellas, 18 de Novembro de 1911.

Meu caro sr. dr. ALBERTO LAMEGO

Devolvo-lhe o estudo, que me fez o favor de submeter á minha apreciação e que considero, apoz le-lo, uma muito interessante achega para a nossa Historia. Felicito-o pelo seu achado, que é de natureza a chamar déveras a attenção. Não é sem certa mágoa que o estudioso ou admirador do passado vê amesquinhada uma personalidade historica, que aos olhos da posteridade apparecia magestosa, como a fizeram muitos dos seus contemporaneos; mas a verdade a tudo deve ser anteposta.

Aliás, no caso de João Fernandes Vieira, as prevenções eram numerosas e datam de bastante tempo. Havia como que o instincto, o presentimento de que o « governador da divina liberdade » como o baptizou um monge entusiasta, merecia menos do que a fama que lhe foi creada. A suspeita repousava mesmo sobre escassos e vagos dados documentaes. Sabe que Varnhagen procurou reduzir-lhe as proporções em beneficio de André Vidal de Negreiros, e que o erudito Pernambucano Pereira da Costa nunca poudo levar á paciência aquella celebridade, a qual tem tentado destruir a golpes de argumentos e de approximações.

Certos factos chegaram, é verdade, até nós, que os seus papeis tendem a confirmar e que escureciam o fulgor da aureola. O nascimento e origem do Madeirense tem sido objecto de ampla e até viva discussão. Lima Felner tractou-o de fidalgo; Pierre Moreau, que o conheceu em Pernambuco, de mulato. Suas relações intimas com os Holandezes, entre os quaes se lhe deparou um protector e amigo a quem foi infiel, tem sido frequentemente apontadas. O motivo, sinão essencial, decisivo da revolu-

ção, era sabido ser mais do que o sentimento patriótico, a pressão das dividas dos agricultores brasileiros á Companhia das Indias Occidentaes e aos traficantes batavos.

O que as denuncias dadas juncto a Antonio Telles da Silva, governador geral da Bahia, contra João Fernandes Vieira põem indubitavelmente em relevo — descontado mesmo o que em toda denuncia póte haver de exaggerado, sobretudo quando se tracta da direcção de uma guerra e de ciúmes de poderio e de valimento — é o péssimo conceito que delle formavam alguns dos seus coevos. Para estes não soffria dúvida a inferioridade moral do personagem, ao qual a restauração pernambucana ou antes brasileira deve em todo caso incontestaveis serviços.

Foi porventura insensível seu coração. Da escola da adversidade teria sua alma derivado, em vez de benignidade, dureza. Admitto que sejam exactos os factos relatados. Toda a guerra é porém, « feita com o sangue dos pobres », como se diz num dos documentos em questão, e por estar eu convencido disso é que sou um pacifista intransigente.

A guerra hollandeza não escapou de certo á pecha commum. As exacções commettidas, entretanto, não o foram de certo só por João Fernandes Vieira. As deshumanidades devem ter sido habituaes nessa sociedade e nessa epocha: nem se ignora as atrocidades, de que são capazes no seculo xx, os povos mais cultos quando os instiga o demonio da destruição. Os actos de favoritismo, os abusos do poder, as immoralidades administrativas, as injustiças revoltantes, as infamias públicas, não findaram infelizmente: como estariam ausentes de uma phase tão anarchica e cruel quanto essa da nossa reintegração politica no seculo xvii?

Taes attenuantes não diminuem o alcance dos documentos constantes do seu estudo, e que são tanto mais valiosos quanto o que nelles se descobre é o lado intimo do episodio mais brilhante dos nossos fastos coloniacs. Penetra-se ahí nos bastidores dessa grande representação de grande espectáculo, enxergando-se mais do que o chamado pelos Francezes *les petits côtés de l'histoire* — o machinismo real dissimulado ao publico. Tambem fóra da scena, longe da ribalta cujas luzes a clareiam como os panegyricos a historia, pondo-a em realce, nos apparecem os

actores da peça, em seus camarins grosseiramente characterizados. Necessario é o recô do palco para corrigir o traço, de perto caricatural.

João Fernandes Vieira valia provavelmente mais do que o fazem crer os libellos anonymos, que visavam desconceitua-lo, por maior porção de verdade que estes contenham. Valia, porém, com certeza menos do que o apregoavam seus encomiastas. Deve ter sido enfatuado, ganancioso, ambicioso, deshumano, si bem que valente, perspicaz, activo e perseverante. Como instrumento de guerra foi optimo, e com os resultados colhidos resgatou muitas faltas e mesmo alguns crimes. Como instrumento de paz refinou-se nas provações e achrysoleu-se nos perigos, acabando por ser devêras nobre quem não passava de um bastardo de côr concebido por uma meretriz do amplexo de um deportado.

É bem que se esclareça sua filiação; é conveniente que se conheçam seus antecedentes; é util que se relatem seus actos. Tudo isso não deslustra seus serviços nem diminue sua participação na nossa Historia. A fama de Napoleão sobrevive ao assassinato do duque d'Enghien, aos pasquins inglezes e até aos proclamados envenenamentos de Jaffa. O rei de Portugal fazia pois o que lhe cumpria, o que lhe dictava seu papel de pastor do seu povo, quando mandava recolher os papeis da delação « em parte onde não pudessem ser vistos ».

Creia-me com a maior estima

Seu muito att.º patricio e ob.º am.º

M. DE OLIVEIRA LIMA.

É útil excavar no passado.

Nas minhas demoradas investigações no Archivo da Marinha e Ultramar de Lisboa, procurando elementos para restaurar a verdade sobre os grandes acontecimentos que se desenrolaram na antiga capitania do Parahiba do Sul, deparei em uma consulta do Conselho Ultramarino, occulta em um poelrento masso com o título de *lembretes*, a seguinte resolução régia: « Como parece a Salvador Correia de Sá, accrescentando que estes papeis se recolham em parte, onde não possam ser vistos. Lx.ª 20 de Março de 1647. »

A extravagancia do despacho, a que se achava ligado o nome do pae de Martim Corrêa de Sá, mais tarde, 1.º visconde de Asseca e donatario da Capitania acima referida, despertou a minha curiosidade, e examinando detidamente esses papeis, verifiquei que se tractava de preciosos inéditos que fazem inteira luz sobre as densas trevas que encobrem a primeira phase da vida de João Fernandes Vieira.

A sua filiação, os seus primeiros passos em Pernambuco, os empregos que ahí desempenhára até ver a cidade tomada pelos Hollandezes, a sua amizade e traição aos invasores, os pormenores da lucta até Abril de 1646, data em que foram escriptos, e finalmente os motivos que tivera o govêrno portuguez para confiar a direcção da guerra a Francisco Barretto de Meneses, são pontos alli tractados com toda a minucia.

Nessa data, quando mais accessa estava a campanha da restauração pernambucana do dominio dos Hollandezes, os seus moradores, não podendo por mais tempo supportar as inauditas violências de Fernandes Vieira, dirigiram ao vice-rei do Brasil, Antonio Telles da Silva, longas denuncias contra o chefe da revolução. O governador geral, que devia achar-se inteirado da verdade, apressou-se em remettê-las para Lisboa, sendo por intermedio do secretario do Reino sujeitas á apreciação do Conselho Ultramarino.

Tão graves eram as accusações contra o temido Vieira, que

o proprio Conselho, em 22 de Setembro de 1646, foi de parecer, contra a praxe seguida «que El-rei fosse servido ouvir lér para se inteirar, que convem não haver dilação em acudir com remedio a tão grande necessidade» lembrando a conveniencia «de haver em aquella campanha, Mestre de Campo Geral e hum auditor geral que governem a guerra e a justiça porque convém muito acudir áquelles vassallos por todos os meios possiveis».

Levado ao conhecimento regio o parecer do seu Conselho Ultramarino, determinou «Parta Francisco Barretto e diga-me antes o Conselho sobre o que lhe parecer o que devo fazer sobre o que apontam os papeis inclusos. Lx.^a 30 de Janeiro de 1647».

Era esmagador o libello contra João Fernandes Vieira! Natural da ilha da Madeira e filho «de hũa mulata rameira a quem chamavam a *bemfeitinha* e de hũ homem que lhe dão por pay, que foi ali degradado em titulo de ladrão» foi ainda de pouca idade para Pernambuco, onde logo ao chegar «se alquilou e pôs a servir a hũ *João peres Coreya*, homem de nasão e depois deste a um marchante por nome *Afonso Roiz*, pera lhe matar e cortar carne ao povo por ser obrigado na villa de Olinda a lha dar e vender». Servindo nesse emprego durante alguns annos «veyo ter ao arraial de *pernamerim*, o mesmo officio» e auxiliado por alguns negros que se lhe detam, matava o gado e repartia a carne destinada á infantaria e ahí esteve até que o *arraial* foi tamado pelos Hollandezes.¹

Tornando-se desde logo amigo de Jacob Stacourt, governador da guerra «servio de olheiro e maisim dos que dentro estavam e se resgatavão por dinheiro» dando-lhe um rôl das principaes pessoas da terra e que tinham meios de fortuna, entrando nesse numero «*Pantalião monteiro* que hera muito rico e a quem

¹ Foi o p.^o Francisco da Costa Abreu, vigário de N. S. da Varzea de Capibaribe, o primeiro que levou a noticia a Mathias d'Albuquerque, do desembarque dos invasores em «Paos Amarelllos».

Este sacerdote foi preso pelo inimigo e deportado para as Indias e só mais tarde conseguiu fugir para Lisboa. No livro 41 de Consultas de Partes dos annos de 1635 e 36 a fs. 102 (Arch. Mar. e Ultr. de Lx.) se encontra o seu requerimento em que, allegando esse serviço e descrevendo todos os tormentos por que passára, pede ser soccorrido até poder embarcar para Pernambuco.

tomaram mais de vinte mil cruzados, prata, ouro, dinheiro e escravos, a mulher do capitão *João Dias*, a quem chamavam a *bombarda* por ser dantes casada com o capitão *Pero fernandes Veiga*, oito mil e tantos cruzados em dinheiro, cadeyas de ouro, prata lavrada e muitos escravos, ao *Judique* (?) cinco ou seis em dinheiro, ouro, prata e escravos em que entrou hũa mulata *Bernarda* com quem andava amancebado ».

Enfim, nem os bens das confrarias foram poupados.

João Fernandes Vieira captou tanto a confiança de Stacourt, que este, não obstante ter em Pernambuco um cunhado e outros parentes, ao retirar-se para a Hollanda deixou-o « como seu Lugar-Tenente e thesoureiro de todos os seus haveres que mal adquirido tinha, assim de raiz e escravaria, tres engenhos e mais de quatrocentas pesas de escravos furtados, muitas fazendas em hũa logia, moradas de casas no Recife etc. ». Os seus legítimos donos estavam impossibilitados de recuperar o que lhes fôra tirado « pela potencia que adquirio este cão traidor a Deus, a el-rei e aos homens ».

Comprando outras fazendas, mettendo-se em largas empresas e « em grandes faustos, veyo a descair e desfalecer em cabedat e sabendo disto Stacourt lhe mandou dizer da Olanda, por industria, que pasasse cá, cantidade de mil cruzados » e como tinha grande reputação entre os Flamengos se obrigou a pagar á Companhia mais de 180 mil cruzados, dando como seus fiadores « *Bernardim de Carvalho* e *Francisco beringer* », ambos insolvaes, « e fez tantos empenhos que veyo a sair-se do Recife por o poco credito que já tinha e devia á Companhia e particulares mais de quatrocentos mil cruzados ».

Depois de pôr na Bahia « em mão de *Antonio de Freitas da Silva*, cantidade de dinheiro, joyas, prata, ouro, convidou a alguns homens nobres e ambiciosos, muitos dos quaes como elle devedores aos flamengos, para a conjuração e entre estes : « *francisco Berenguez*, seu sogro, *Cosmo de Crasto paços*, *João laurenço francez*, *Antonio* e *Manuel Calvacanty*, *João Cordeiro de Mendonha*, *Antonio da silva*, *Amaro Lopes madeyra*, *Luiz da costa sepulveda*, *Capitão Antonio corneiro* e *bernardim de Carvalho* » os dous ultimos não deviam « mas foram com elles por temer dos

flamengos». No dia 13 de Junho de 1645 deu início ao levantamento contra os Holandeses que mandaram prender Vieira, não sendo porém encontrado em sua casa «poŕ aver mezes que não dormia nela» achando-se já com os seus companheiros no interior da Capitania, mandando «pôr editaes em todas as paredes que todos se levantassem com penna de morte e de os averem par traidores á sua real magestade sem para iso aver armas e munisoins». Abandonando por esse motivo os homens as suas casas, os Flamengos as saquearam «arrastando as mulheres e filhas dos ausentes e entregando-as ao gentio para as desonrar, como fizeram a muitas casadas e donselas e matando a muitas».

Mandando eguaes ordens para o Rio Grande do Norte, os seus moradores se levantaram, mas por falta de auxilio tiveram em *Cunhaú* de se render ao inimigo que os mandou ajunctar todos dentro da egreja «em hu domingo tomou-lhes as armas e entregou-os ao gentio que tinha emboscado matando todos e ao vigario que estava pera dizer missa, não escapando mais que Gonçalo de Oliveira e dous ou tres criados seus officiaes de engenho».

Foi horrivel a carnificina e talvez teria sido evitada, si fossem os infelizes soccorridos, pois Vieira teve aviso de se acharem estes «mettidos em duas cercas fortes» á espera de soccorros que tardiamente enviou, quando «desesperados de remedio se entregavam com promessa que o flamengo lho fez de vida e fazenda e em os tirando das forças os entregavam aos gentios tapuios que com grande crueldade matou a todos, grandes e pequenos e nos mais d'elles abriam pelas costas e lhes tiravam o coração e lingua e as mulheres que deixavam com vida assy casadas como donselas, as desonravam os mesmos indios, etc.» Gonçalo de Oliveira «missionou muita gente» e 5 semanas depois da tragedia de *Cunhaú* teve encontro na matta das *Tubocas* com os Flamengos em numero de 1:200 incluindo os indios «e suposto que o nosso poder era pouco menos em numero de gente eram poucas as armas de fogo que não chegavam a trescentas e foi a peleja em parage que dos nossos não pelejaram dusentos, de sorte que pelejaram té pela noyte que com ella se retirou o inimigo com perdas de trezentos entre mortos e feridos».

Quinze dias depois chegava à Varzea João Fernandes Vieira com a sua gente e André Vidal com a da Bahia, e tiveram aviso que os Flamengos levavam para o Recife «tres mulheres dos retirados as coas tinham na casa que foy de *Jerônimo paes*»; foram atacados e vencidos em *Casa forte* entregando-se «por se querer pôr fogo nas casas... e os indios, que eram noventa, a todos degolavam sem dar a vida a nenhũ e com esta victoria se recolheu a nossa gente ao engenho de *Luis Ramires*, que hê agora do dito Vieira, onde estiveram dous mezes, sem mais tratar de guerra e so se occupavam em jogar dia e noite e as mais das paradas de 20, 30, 40 dobrões, como quem os não ganhou».

Durante o tempo, em que esteve ahí aquartelado, Vieira promoveu uma representação a el-rei fazendo valer os serviços que prestava à Corôa portugueza, assignando todos «uns por serem da sua fausão e outros com medo». Estabeleceu uma finta para as despesas da guerra «em dinheiro de contado e os pobres que o não tinham, mandava mettel-os no tronco e golilha, que tinha debaixo de hũa varanda que lhe servia de matadeiro e partir carne aos soldados e por ser assy sujo e o lugar infame e cheio de moscas e fedor ahí os tinha entrocidos e golhilados á vista dos moradores» que com receio que lhe succedesse o mesmo, «lhe entregavam prata lavrada, cadeyas de ouro, joias, dinheiro, gado e assucar... e cavallos que tinha mais de hũa duzia». Os que não tinham dinheiro eram obrigados a desfazerem-se de objectos preciosos, assim «hũa mulher que morava nas *Salinas*, por nome a *Segua* deu hua cama muito rica que diz lhe custara duseitos mil reis, *Abel pachequo*, hua colcha de montaria de muito preço e outras pessoas e tudo isto tem Fernandes Vieira que faz papéis que faz esta guerra á sua custa e ela he feita com o sangue dos pobres».

Dispoz dos empregos entre os seus amigos, aos quaes dava as ordens e era cegamente obedecido.

Para o almoxarife dos mantimentos nomeou *João Cordeyro de Mendanha* que não lançava as entradas e sahidas do que se consumia; este «devia sete ou oito mil cruzados e andava ausente pera não prenderem e oje dizem que tem furtado mais de des mil cruzados e seio porque o trato hê largo».

A *Luiz da Costa Sepulveda* «que devia no Recife 8 a 10 mil cruzados e corria tres annos andava ausente e fez capitão de cavallos com gineira na mão, sem soldados e lhe deu em nome de S. Mag.^a hua propriedade na vila, de casas e olarias e negros que foram de hũ judeo por nome *ballazar da fonsqueira* e que val 8 mil cruzados».

«A hũ *Antonio da Sileo* que foy filho de hũ ferreyro do Recife, christão novo, cinco ou seis dias antes do levantamento, tomou no Recife cinco ou seis mil cruzados de telas, bordados e outras fazendas e joias, a este foy capitão de cavallos com corenta cruzados cada mez.

A *Antonio Bezerra* fez comisario de cavalos, tambem pago, este tambem estava empenhado no Recife.

A *Francisco Lisboa*, que a seu mandado assassinara *Alcvaro Velho Barreto*, com um tiro de espingarda «fez tambem capitão de hũa Companhia».

A *Amaro Lopes Madeira* que devia mais de 12 mil cruzados, escrívão da Camara.

A *Francisco Berenger*, seu sogro, juiz ordinario, dos orphãos, ouvidor e auditor.

Ao capitão *Taborda* «que sempre foi ladrão da campanha deu hũ engenho inteeyro com fabrica e cobres».

Do engenho que um Flamengo tinha comprado a *D. Catharina de Moura* «e estava feito de novo, mandou tirar os cobres, ferros, correntes e tudo coanto avia e mandou levar para o seu».

Articulavam mais contra Vieira ter mandado enforcar cinco infelizes em *Apícuos*, queimando outros vivos «desonrando e infamando tantas casas, mulheres e donselas».

Numa das verbas do seu testamento confessou que teve relações illicitas com *Moria de Arruda*, mulher de um Francez, que fôra creado de *Jacob Stacourt* e que depois fôra morto pela gente da campanha.

Este facto não foi esquecido na denuncia, e o nome do responsavel por esse assassinato é apontado.

«Sendo compadre de um francez por nome *Lamarque* e seu lavrador, por lhe andar com a mulher ho mandou matar hũa

noyle fingindo que o matava a gente da campenha e dois mame-lucos e mulatos que o matarão, ao depois temendo que por elles fosse descoberto, os mandou matar, mandando-os com cartas para a Bahia a hũ por hũ e no caminho e nos matos os mata-vam ».

Foi a 17 de Fevereiro de 1647 que se reuniu o Conselho Ultramarino, para dar o seu parecer sôbre as graves accusações feitas a Fernandes Vieira.

Na memoravel sessão tomaram parte Salvador Correia de Sá e Benevides, Jorge Albuquerque, Jorge Castilho e o marquez de Montalvão. O primeiro que rompeu o debate e o unico voto favoravel ao accusado, foi Salvador Correia, que não obstante attribuir a denuncia á inveja, *por serem os seus principios humildes*, opinava que o mestre de campo general o afastasse da Campanha « de maneira que se entenda que nasce isto do dito Mestre de Campo, pois no tempo presente, ainda com papeis fidedignos, não convem obrar em parte em que tanto se necessita de prudencia ».

Jorge de Albuquerque caiu a fundo sôbre Vieira.

« Além deste papel lhe forão á mão outros por differentes vias que continham o mesmo e mais circumstancias e foi advertido por pessoa de Pernambuco nesta cidade do mesmo que contem o dito papel. » Era de parecer, que devia ser ordenada a sua vinda immediata á Corte, pois sendo pessoa poderosa em Pernambuco e não se achando allí, os moradores podiam livremente, sem receio d'elle, jurar na devassa que era urgente abrir, p.^a castigo dos culpados.

Jorge de Castilho alvitrou a conveniencia de se tirar uma devassa particular « com to-lo o resguardo possivel e achando-se este homem, que se diz de *baixissima sorte* com culpas, o prendam e mandem para o Reino para exemplo dos mãos ».

Finalmente, a 20 de Março do mesmo anno, resolveu el-rei de accordo com o parecer de Salvador Correia! mandando que se fechassem os papeis a seto chaves! E assim conseguiram estar occultos ás vistas de tantos investigadores, que tem passado pelo Archivo da Marinha e Ultramar de Lisboa, durante 265 annos! São elles os mais antigos documentos, que se referem a

João Fernandes Vieira e que foram devidamente apreciados pelos seus contemporaneos. Corresse nas velas do feliz madeirense o sangue nobre dos Munizes e Ornellas, e não o da *benfeitinha* e do *degradado*, certamente não seria este o homem de *principios humildes* nem de *baixissima sorte* no dizer dos dous illustres membros do Conselho Ultramarino que o deviam conhecer.

Fazendo gosar do beneficio da impressão os valiosos inéditos, julgo prestar um grande serviço á historia, que com o seu juizo imparcial e severo dirá si o *valeroso Lucidano*, o *Cos'rioto hesitante* deverá continuar a permanecer no pedestal da gloria onde o collocaram os seus panegyristas fr. Manoel Calado e Rafael de Jesus.

CARTAS QUE FORAM DIRIGIDAS AO GOVERNADOR GERAL DO BRASIL, ANTONIO TELLES DA SILVA, CONTRA JOÃO FERNANDES VIEIRA (1646).

Sr. Governador

Pos Deus a V. S.^a nese lugar pera emparo e remedio deste povo de Pernãobuquo e dos mais das Capitánias no Norte, se hé que caresem do mesmo remedio pellos males, riscos, robos, tiraniás vexnosais escandallos que dittos povos padecem e mizerias em que está aflito todo cauzado de máo governo pellos subornos que ha nos menistros que governão cousa tão abominada dos bons como asseita pellos máos:

Se hé verdade que o povo segio o motivo de se levantar com *João fernandes Vieira* foi por lhe parecer como hé serto, que V. S.^a entrevinha niso e avia de emparar e vir governar e não que o sobredito fose absoluto e senhor de tantas vidas vontades fazendas e padecessem tantos rigôres, oprimidos e obrigados

ainda subornados e intimidados por elle a fuser e asinar tantos papeis tantas mentiras e tantos juramentos falsos como ão feito e em corrido contra si e seus proximos amigos, irmãos e parentes e ainda esta maldade e suborno, alcançou a hos Mestres de Campo e pesosas de mais confiança com V. S.^a contra sua opinião virtude e letras e verdade e que não devião faltar com V. S.^a e pera que V. S.^a tão bem não ficasse de fora ás eleisões da Camara fez fazer subornadas metendo nellas compadres familiares e amigos e feita enganavão a V. S.^a com a verdade pera que se reputassem e não ficassem culpados e o mesmo estilo tiveram em principio com o povo que geralmente robarão e lhe tirarão tanto numero de escravos que parece cousa encryvel disello, a titulo que V. S.^a assim o ordenava e o pior hé que hera frase comum dizerem os executores desta bõa hoira hera pera se ficher certo numero de pesas que se mandava a V. S.^a de presente por que não faltasse nasistencia de neso remedio como si estes escravos fossem tirados e tomados aos judeos e flamengos com grandes riscos, mas forão tomados e tirados aos pobres moradores com todo o rigor não sendo bastante mostrarem como os tinham comprado e muitos já pagos, inda que fose depois do levantamento que durou tres meses primeiro que o povo se levantasse em que deixou o Comercio fiandose muitos por ventura por não serem robados e presos por os mesmos flamengos, que isso atendião e notavão, como aconteseo e fizerão a muitos e chegou esta execução a tanto que chegara a tomar escravos a quem por ventura estava prezo no Recife pellos flamengos a desposição de ojustisarem, como aconteceu a *Rodrigo de Barros pimentel* aquem tomarão algũas pesas que avia comprado na mesma prizão aos flamengos e judeos onde tinham e depois dizem justisarão tão hatros mente sendo que coando ouvera pretensão nellas forão de S. Mag.^a que o cobrava a seu tempo, disto ouve muito como tão bem a sarta viuva a quem tomarão oito pesas de escravos que avia comprado por hũ e feito de debito que lhe devia o dito *João fernandes Vieira* por o *Estacor* e sento e tantas arrobas de asucar que mais deu e não lhe valer mostrar e provar por testemunhas ante os auditores as tinha pago pera que absolutamente lhas mandou tomar e por lhe faltar depois de tomados

hũa das oito da caza e não dos que lha tomavão e levarão-lhe forão a tomar outra das mais que tinha, tudo cauzado e ordenado por o dito *João fernandes Vieira*, como tão bem no donativo e pedido que fez aos moradores, em lugar de rógos bons termos e palavras, imitando a V. S.^a nos que teve com as pessoas e moradores desa cidade da Bahia o fes, quiz por o contrario, porque não serviu de agradecimento nem boas palavras aos que davão e prometião dar de seus proprios metes e boa vontade antes os afrontava com palavras, chamando-lhes de traidores e outras semelhantes palavras, mandando os meter em troncos e golilhas que tinha debaixo de hũa varanda que lhe servia de matadeiro e partir a carne aos soldados e por ser assim sujo e o lugar infame cheio de moscas e de fedor ahi os tinha entroncados e engolilhados á vista do povo e moradores que concorrião e erão chamados e outros acudião e assistião por mais terror e espanto, pera que a vista destes logo se caísem e dessem a suas vontades tudo o que tinhão e lhe pedião e não dilatasem a entrega que fazião de prata lavrada, cadeyas de ouro, joias, dinheiro em ouro e prata, gado asucar e omens que tinhão sem nesta cobrança aver Receita em forma e menos despesa e o pior hé que se guardavão pera aqui os odios e afrontas e chegou a tanto que se meterão em tronco e golilhas a homens muito nobres tomando por occasião, não darem por ventura o que lhe pedião e não tinhão nem devião, usando com estes e os mais tão más palavras que me corro eu de as dizer e nisto se poz á disposição da guerra, deixando degolar os moradores do Rio Grande por lhe não acudirem com só dusesentas armas de fogo polvora pelouros com pouca gente por terem lá muita metida e fortificados em cercas com todas suas riquezas e familias e com aver já muitas armas gente e munisois, que V. S. avia mandado e por se não acudir a tempo pereseo toda aquella capitania e mais de vinte mil cabeças de gado de que o flamengo se aproveitou e dos muitos mantimentos que avia e só se tratou de faser guerra aos moradores tomando lhes primeiro os negros e escravos que avião comprado e muitos pagos e nisto se pason o tempo e agora em jogos banquetes e se passou orden. a *EnRique Dias* para mandar tomar todos os

mulatos crioulos e escravos aos moradores de seu serviço e goarda que os mandou buscar por as casas de seus senhores não sendo bastante acudir com elles muitos na guerra nas ocaziões de peleja e acudir as fortificações que fazem sem se atentar nem darem lugar a se plantar mantimentos e acudir aos canaviaes que mandarão tão emconsideradamente abrasar e nisto e em mercancias se trocou a guerra que se pôs em calma e está de pior natureza que nunca e são tem lugar os estancos que ao feito e posto na terra, nas carnes farinhasinhos azeites e toda a mais fardagem de fazenda que troxe *Jucê Fernandes* e os mais da sua companhia, que se repartirão por as partes mais remotas, Garasú, Goyana Paraiha e com grandes penas a que não passem outros tais fazendas que as suas da Jangáda pera diante que há hũ Rio que chamão o do Estremo 4 legoas destes coarteis, cousa mal prometida e pior aceita, sem poder remediar nada nem ainda com a superintendencia da Camara que pera iso está subornada por hũ juiz compadre, procurador de sua casa a quem elle casou e que tudo encontra e por lhe ficar mais a seu comodo o fes meter agora por os governadores na serventia do escrivão da Camara que está vaga por assim sendo fazer na Camara nada sem que elle saiba e sonegarem as entradas dos navios e fazendas que trazem vinhos e azeites de que se paga imposição e que oje não há e dizem que V. S. ordena assim e falos asinar os com que podem e tem confiansa pera subornar e assim o menos porque se vende hũ vara de pano he cinco e seis tostões, hũ arroba de farinha 1600 rs., hũ canada dazeite cinco patacos e hũ de vinho dois crusados e tudo o mais a este respeito, juntando todo quanto dinheiro há e avia na terra com que está recolhido e rico e com o que tirou de donativo, prata e ouro sem constar de Receita nem despeza nem constará nunca porque o converte em sangue em si e fas conta que paga com os trapos que comprou e tinha a Infantaria e paga ao mercador *Jucê Fernandes* e outros com muito asucar que achou por os emgenhos de judeos flamengos e com os que fes quando aos mais mercadores se lhe queimarão e abrasarão suas fazendas e canaviaes, alem de darem o que tem de mantimentos carnes e farinhas e o mais que lhes pedem com boa vontade por se

verem livres dos soldados sem presudisois rogos nem rigores mais que hū zello de liberdade que he o que nos obrigou levantar, entendendo tinhamos a V. S.^a pera nos emparar e defender e governar como espera ainda este afligido povo e porque V. S. saiba tão bem das partes e calidades deste noso verdugo são as seguintes :

Partes e calidades de *João Fernandes Vieira*.

Veyo este S.^{re} a esta terra e Capitania de Pernambuco da Ilha da madeira donde hé natural e filho de hū mulata Rameira a quem chamão a bemfelinha e de hū homem que lhe dão por pay que foi ali degradado em titolo de ladrão, chegando aqui se alquilou e pôs a servir a hū *João peres Coreya* homem de nasão e depois deste a hū marchante por nome *Affonso Roiz serrão* pera lhe matar e cortar carne ao povo por ser obrigado na vila dolinda alhadar e vender como hé ordenado por as Camaras das sidades e vilas e lugares no que se exercitou alguns annos e depois veyo a ter ao Arayal de *pernamerim* o mesmo officio que fazia com pontualidade e diligensia enquanto ouve gado e o araiál esteve em ser na companhia de algūs negros que se lhe derão pera o ajudarem a dar e partir carne a emfantaría e depois pondo se serco ao Arayal foi rendido por os flamengos e este honrado S.^r nelle que serviu de olheiro o malsim dos que dentro estavão e se resgatarão por dinheiro entrou nestes com certo o *Estacor* como governador da gerra com ho coal se meteo e lhe deo por Rol e alvitre as pesosas que tinham cabedal e principaes e outros muitos que elle conhecia lóra e dentro do arayal e subia tinham dinheiro ouro e prata como foi a *Pantalião monteiro* que hera muito Riquo e tomarão mais de vinte mil cruzados, prata e ouro dinheiro e escravos a mulher do *Capitão João Dias* a quem chamavão a *bombarda* por ser dantes casada com o capitão *Pero fernandes Veiga*, oito mil e tantos cruzados em dinheiro cadeyas de ouro e prata lavrada e muitos escravos, hão *Judique* cinco ou seis em dinheiro ouro prata e escravos em que entrou hūa Mulata *Bernarda* que andava amancebada com o dito e desta maneira e outras muitas pessoas a quem fes trazer e descobrir muito dinheiro prata e outras muitas pesas de ouro athé prata de muitas confrarias e egrejas de maneira que com tanto numero

e cantidade de dinheiro amoedado ouro e prata lavrada escravos emcheo e pós o dito *Estacor* que cobrou com elle tanta confiança que o fes seu tezoureiro de todos seus haveres que mal adqueridos tinha asim de raiz e escravaria que o deixou em seu lugar tenente pella confiança que delle tinha e lhe aver dado tanto tendo parentes e cunhado que sóo a elle elegeo e deixou indoso para Olanda com 3 engenhos mais de controsentas pesas de escravos furtados muitas fazendas em hũa logea moradas de casas no Recife e de tudo o fes S.^{or} e se foi para Olanda ficando soo com o encargo de lhe segir o que quizesse e se lhe não tomaria mais conta do que elle quizesse dar logo com este grande cabedal e fazendas de tantos que oje padecem e vem os seus escravos sem se poderem valer delles com a potencia que adquerio este cão traidor a Deus e a el Rey e aos homeis se meteu em comprar outros dous engenhos boas fasendas que mais tem e comersios e mercansias tomando os dizimos e pensois algũs tunos metendose em grandes faustos que veyo a descair e desfalecer em cabedal por onde o dito *Estacor* lhe mandou de Olanda diser por endustria que por elle pagasse ca cantidade de mil cruzados e como este cão tinha adquerido reputasão com os flamengos se obrigou a Companhia e fes hũa grande soma de dinheiro a quem se obrigou que forão sento e oitenta e tantos mil cruzados e que deu por seus fiadores a *Bernardim de Carvalho* e *Francisco de biringel* não tendo elles mais do que elle lhes dava e assim fes tantos empenhos que veyo a sair-se do Recife por o poco credito que já tinha e devia á Companhia e particulares mais de quatro centos mil crusados.

Vendo se neste estado, como he máo e ativo fes consideração de quem era do que tinha ofendido este povo que tão escandalizado estava delle e dos flamengos e conhecco que com coalquer occasião que tivesse ou lhe dessem com piquena causa se moveria e levantaria pello que tratou de sesanar com os flamengos e juntamente com o *Marquez de Montaleão* que governava na Bahia e porque faltou no governo o fes com V. S. a quem agradou sua trasa e promesas e pedio que o ajudasse nesta occasião em que queria se levantar com o povo fazendo se cabeça pera o que buscou os de sua parsialidade homeis livianos e mal nasidos

prometendo-lhes onrras abitos mersês e toda a fazenda que descobrissem fosse de judeos e flamengos e par sesaniar melhor com V. S. pôs na Bahia em mão de *Antonio de Freitas da Alca* cantidade de dinheiro joyas e pratas e ouro e convocou tambem algũs homeis nobres e ambiciosos pera se autorizar e a todos estes de sua conjuração emdusio a que fizesem empenhos no Recife com a Companhia judeos e flamengos pera que ficassem ricos compoem sem repararem em inconvenientes e o que podia soseder de males nem na palavra Real de S. Maj.^a dava em fé de pazes. Alguns destes, se não forão todos fizerão ditlos empenhos e logo a modo de conjurados se levantarão e no mesmo histante que o fizerão avisarão a V. S. que os assistise com gente armas e muniçois que estavam levantados e caresião do sobre ditto, logo que os flamengos forão avisados por pessoas da mesma fansão do levantamento, tratarão de os buscar e mandar por as ma's capitãtas tomar as armas aos moradores e matalos e roubalos como fizerão no Rio Grande e conseguirão o mesmo em toda a parte se V. S. não acudira com tanta brevidade e com seu favor e gente que se ajuntou ao sobredito e seus confederados e mais povo que já os seglião aos quaes foi buscar no mato das tabocas e se virão desmayados por ser o partido desigual comtudo ante- vendo o perigo resistirão e tiverão vitoria do inimigo que parece Deus o prometio assim pera se levantar todo o povo destas coatro capitãtas e tratar de se defender e faser gerra ao Enimigo mais constrangidos das mórtes que vião e medo que por confiãsa que tivessem de lhes poder resistir nem de serem socorridos de V. S. tão em breve como fomos com muita gente armas e muni- sois com que nos defendeu e amparou de tão videntes malles. Mas a vista deste socoro e vitoria que alcansou no inimigo vendo já todo povo segillo e levãtado tomou este cão tão grande domínio sobre os pobres moradores vidas e fazendas que ai abso- luto os caluniou logo de trahidores haında ha muitos da sua fan- sã e conjuração que se alevantarão com elle por não caber em seu so peito amalos e estimalos por nobres dando de mão a no- breza da terra que não advertiu hũ soo homem antes predeo afrontar com effeito pallayras e obras obrigandoos faser e asinar papeis mentirosos e falsos pera acrescentar seu domínio e enfor-

mar a V. S. e S. Maj." que foram enganados com este povo induzindo a muitos que nesa cidade da Bahia e em Portugal tinham intelligencia e herão e sã conhesidos escrevesem e fizesem muitas cartas em seu favor aos ministros e religiosos e ainda a V. S. para que o levantassem e declarassem por Governador absoluto aquelle que fez robar por vezes o povo tirar lhe as armas matar enforcar estropiar a muitos asim soldados da Campanha como moradores e outros foi pessoalmente buscar e prender como fez a sinco que fez enforcar nos *apeucos* juntos e outros queimar vivos dezonrando e infamando tantas casas mulheres e doselas e o pior de tudo era que o publicava e chegou a diser diante de muitos honrados homeis que malou ao compadre a vista da mulher por ficar com ella a sua vontade aquelle quo fes matar a *Alvaro Velho barretto* a espingarda e trás os matadores que feitos capitais por soo estranhar suas cousas por malfeitor aquelle que esteve muitos Annos privado afastado da Igreja sem se confessar nem comungar nem se lembrar que tinha nome de cristão este se fez absoluto por não decair nunca de sua altives e prosperidade pois se perguntasemos com quem se confederon e ajuntou foi com o sogro *Francisco de bringel* tal como elle em partes e costumes, fraco e arrogante grande traidor grande ladrão bebado e que conseguira té agora deste levantamento muitas mortes muito desemparo de honras miserias robos que fazem elles e os desta parcialidade nos bens e fazendas não soo dos judeos flamengos mas dos pobres moradores portuguezes vejase as caxas de asucar que se comboyão e carregão a *nazaré* que carros as levão com titulos de caxas de S. Maj." e o mesmo as fazendas que trazem sem por isso lhes darem nem pagarem hũ tostão nem sua majestade ter hũa soo caixa nem lha darem que muitas lhe pertencerão mas soo tem nome dos sobreditos alem de muitas que fás nos contro engenhos que esta safra toda moerão e lhes não faltarão perras nem muitos bois faltando por ventura a seus donos veja-se tambem a prosperidade em que oje está e veja-se a emque estava de miseria quando se levantou que soo as fazendas com poucos negros e bois tinha e não basta com a occasião da guerra tyrannizar o povo e moradores mas agora o fas absoluto pondo estanques asim nas fazendas secas que atravessa

e manda vir como vinhos azeites farinhas gados e tudo o mais a este respeito vende absolutamente sem este triste povo que clama o poder remediar ora remedeio Deus e V. S. com mandar devasar deste tyrano geralmente e não seja em particular por Padres da Companhia nem por outras pessoas que todas contenta e fazem suas partes seja a desposição do vulgo e mais queixosos e venhamos V. S. governar e não outrem porque fará o mesmo que dos mestres de Campo que lhes constituiram tudo o mais que queria e com dar conta a V. S.^a somente em toda a verdade fico descansado na consiêcia o mesmo fasso a hũ Ministro e S.^{or} do Reino de Portugal que sou certo ha de comunicar a Sua Real Magestade e porque me não conhêsão a letra que se tenha noticia desta o fasso tresladar por hũa pessoa inconnita com muiltos risco. G.^o Deus a V. S. muitos Annos. Cappelão de V. S.^a que o encomenda muito a Deus.

RELASÃO VERDADEYRA DO ALEVANTAMENTO DE PERNÃOBUQUO
E GOVERNO DELE

João fernandes Vieyra veio a privar tanto com os flamengos que veio a ser senhor de sinquo emgenhos comprados todos a flamengos estava tão acreditado no Resife que quantas pessas e joias de riquo presso e diamantes avia tudo comprava fiado tanto assy que devia mais de trezentos mil crusados e essa foy a principal causa de seu alevantamento felo comunicar com as pessoas de sua fansão que todos estavão devendo a flamengos e judeos muito dinheiro dondê foy *francisco berenguer* seu sogro e *Cosmo de Crasto paços João Lourenço francex Antonio e Manuel Cavalcanty João Cordeyro de mendonha Antonio da silva, amaro Lopes madeyra Luis da Costa sepulveda* e outros mais do capitão *Antonio Carneyro e bernardim de Carcalho* estes não devião mas forão com eles com temor dos flamengos dia de Santo Antonio 13 de Junho do anno pasado de 645 por suspeytas que já os flamengos tinham deste alevantamento man-

darão prender o dito Vleyra e ho não acharão em caza por aver meses que não dormia nela por já se temer e em lugar de se fingir hido pera a bahia se meteo pelo mato com os nomeados asima donde mandou por editaes em parages que todos se levantassem e o acompanhassem com penna de morte e de os averem por traidores a sua real magestade sem pera iso aver armas nem polvora nem munisols e com temor largarão suas cazas familias e fazendas de que despeis o flamengo lansou mão saqueando geralmente a todos e as mulheres dos ausentes e filhas arrastavão e entregavão ao gentio pera as desonrar como fizeram a muitas cazadas e donzelas e matando a muitos que achavão e tanto assy que tambem mandou cartas ao Rio Grande pera o mesmo effeito de que o inimigo teve noticia e em *Cunhahú* mandou ajuntar a todos os moradores daquella parte em hũ dia santo em domingo na igreja donde a todos tomou as armas e os mandou meter na igreja e ali os entregou ao gentio que tinha emboscado e a todos matou e ao vigário que estava pera dizer missa não escapando daquy mais que *Gonsalo doliveyra* e dous ou tres cryados seus officiaes do engenho que fugirão por onde se consegió que o dito *Gonsalo de Oliveyra* foy o que os missionou em cabo de cinco semanas que avia, andava o flamengo com poder atrás deles, se encontrarão no mato donde tiverão um encontro milagroso por ser grande o poder do flamengo que devia ser mil e duzentos entre flamengos e indios e suposto que o nosso poder era pouco menos em numero de gente, erão poucas as armas de fogo que não chegavão a trezentas e foi a peleja em paragem que dos nossos não pelejarão duzentos de sorte que pelejarão té pera noyte que com ella se retirou o inimigo com perda de trescentos entre mortos e feridos que bem conheseamos todos fóra milagre do sêo e não animo nem estorço dos homêes posto que lhes não faltou alguns nossos morrerão mas forão poucos. Daly a quinze dias em 17 de Agosto chegou a *carree João fernandes Vyeira* com da sua gente e *andré Vydal* com a da Bahia que tiverão aviso como o flamenguo levava pera o Ilesife tres molheres dos retirados as coais tinhamo na casa que foy de *Jeronimo paes*, abaixo do *arraial velho* do nele tinha feito engenhos e casas de sobrado grandes e fortes donde o go-

vernador das armas estava com todo o poder e conforme o que soubemos e eles confesarão que naquele dia nos degolavão a todos se Deus como pay de Misericordia nos não acudira como acudio com este poder que com grande alvoroço e animo os forão buscar e o inimigo veio reseber a nossa gente fora em hũ cercado mas pouco se detiverão que logo forão de corrida a recolherse na *Casa forte* e outros fugirão para o Resife e querendo por fogo as casas por eles não quererem entregar se entregarão a bom coartel e os indios que eram noventa a todos degolarão sem se dar vida a nenhum e com esta vitoria se recolheu a nossa gente ao engenho de *Luis Ramires* que hé agora do dito Vyeira donde estiverão dous meses sem mais tratar de guerra e só se occuparão em jugar de dia e de noite e as mais das paradas de vinte, trinta e corenta dobrois como quem os não ganhou e logo se fizerão papeis por parte de *João fernandes Vyeira* en que todos asinamos fazendo-o nosso governador hũs asinavão por serem da sua fansão, outros com medo e temor que como estava tão soberbo contra os que não ho acompanhavão todos tratava de traidores asy lhe asinamos todos os papeis que ele quis em seu louvor e favor e logo comesou a fintar a todos em dinheyro de contado e os pobres que ho não tinham estavam no tronco e golilha até o darem como derão e os que não podiam alcansar dinheiro davão prata e ouro pelo pezo e esta prata se consumiu como também o dinheyro que não seguira que se gastou por coanto forão mais de vinte mil crusados e deses se derão pela forssa do *pontal de nazaret* sinco mil crusados os coais vierão da *Bahia* pois com os soldados e feridos e doentes supriu e suprem os moradores que tem dado tudo coanto tinham de criasols de vaquas e bois e farinha e já não tem mais que dar pois cavallos tem os dous governadores mais de hũa duzia dos melhores que havia na terra cada hũ, huns que os davão por vontade e os outros tomados tãobem hũa molher que morava nas *Salinas* por nome a *segua* por não dar dinheiro deu huma cama muito rica que diz lhe custara dusentos mil reis e a *Abel pacheco* hũa colcha de montaria muito rica de muito preço e outras pessas e tudo isto tem *João Fernandes Vieira* que fas papeis que fiserã esta guerra á sua custa e ela he foila

com o sangue dos pobres e todos estão muy ricos assy governadores como capitais com muitas peças e bois que ficaram de flamengos e judeos que se repartiu com os da sua farsão bois que se tomarão e vem do Rio de São Francisco dos moradores e outros que vierão do Rio Grande os bois se anoytecem no curral não amanhesem e he tambem o governo que entra a farinha e gado nem se tomasem conta nem se toma a quem a despende que hé *João Cordeyro de Mendanha* a quem fes almoxarife dos mantimentos e he por ser hũ dos da sua farsão que devia sete ou oito mil crusados e andava ausente pera não prenderem e oje dizem que tem furtado mais de dez mil crusados e será porque o trato he largo.

torando atraz, estando este governo na casa do *Ramires* daly a sete ou oito dias chegarão dous homes do Rio Grande pedlr socorro por averem deixado todos os moradores com suas familias metidos em duas cercas fortes até lhe hir socorro e como eses governadores se occupavão so em jogar e regular e não saber como dispôr da guerra, não tratarão de socorrer aos pobres que em tanto aperto estavão defendendo-se do inimigo com algũas armas que tinham dous mezes e assy se dilatarão sete semanas, sendo todos os dias importunados dos dous homes que a isso vierão, em cabo dellas se resolverão a mandar socorro que coando lá chegou o avião morto a todos, averia sete ou oito dias que já desesperados de remedio ce entregarão com promessas que o flamengo lhe fez de vida e fazendas e em os tirando das forças os entregarão ao gentio e tapuios que com grande crueldade matou a todos grandes e pequenos e nos mais deles abrirão pelas costas e lhe tiravão o corasão e lingua e as mulheres que deixavão com vida assy casadas como donselas desonravão os mesmos indios e se mandarão o socorro a tempo em coanto estavão vivos ainda que fora pouquo se defenderião e não hera o inimigo senhor de tanto coanto avia no Rio Grande e de quinze ou desaseis mil cabezas de gado que avia do qual he agora senhor e chegarão a tal estado faltas de gente e mantimentos que todos entendemos que por falta de governo não está o Recife por nós, que os rendidos que vem para nós assy o dizem e estamos todos tão temidos que não ha quem fale palavra

que quem aserta de falar he molino e o mesmo escrever as mercês que se fazem e cargos e offisios são aos apaniguados e aos de sua fansão e criminosos que o acompanhão no mato como foy o *Luiz da Costa Sepulveda* este devia no Resife oito ou dez mil cruzados e corria tres annos andava ausente e o fez capitão de cavallos com gínetta na mão sem soldados e lhe deu em nome de S. Maj.^o hua propriedade na vila de casas e olarias e negros que forão de um judeo por nome *Baltasar da fonsaca* o que val 8 mil cruzados a hũ *Antonio da Silva* que foy filho de hũ ferreyro do Resife, christão novo por parte de sua may por ser casado com hũa prima de sua mulher este sinco ou seis dias antes do seu levantamento tomou no Resife sinco ou seis mil crusados de telas e bordados e outras fazendas e joias, a este fez capitão de cavalos pagos com corenta cruzados cada mez // *Antonio Lesserra* fez comisario de cavalos tambem pego este tambem estava empenhado no Resife, a hũ *Francisco de Lisboa* cristão novo fez tambem capitão de hua companhia este matou a *Alvaro Velho barretto* a espingarda com seu favor e ajuda a *Amaro Lopes madeyra* que devia dose mil cruzados a este fez escrivão da Camara // ao timbo fez tambem servir de chacorreyro e outras cousas mais sendo home vil e o fizerão tabalião e escrivão do auditor e escrivão da almotasaria // a *francisco berenguer* seu sogro serve de juiz ordinario e juiz dos orphãos, ouvidor e auditor // outras muitas propriedades tem dado em nome de S. Mag.^o e entendo que todas as casas do Resife tem dado // ao *Capitão Taborda* que sempre foi ladrão da Campanha a este deu hũ engenho inteeyro com fabriqua e cobres, tem pasado enflinta sertidões hũas com verdade e outras falsas // o engenho que foy de dona *Caterina de Moura* que estava ao longo donde o fez o Amara! o coal pesuhia hũ flamengo e estava feito de novo este loguo no principio lhe mandou tirar os cobres que vierão muytos e ferros e correntes e tudo coanto avia no dito engenho mandou levar para o seu aproveytando de tudo pois pessas que tinham comprado os moradores no Resife ainda por pagar todas, mandou tomar e repartir consiguo e com quem quiz enfim temse enrequesido assy governadores como seus ministros em breve tempo e pobre do miseravel povo que tanto sofre e tam perse-

guido está e se dura isto muito tempo tudo ficará perdido e todos sem remedio algum a sua real magestade ha mister muito par dar as promessas que se tem feito e dado em seu nome de abito e vierão aquy muitosinhos e todos atravesou e pos estantes que ninguem vende senão ele, // nos seus engenhos sempre moe mas com o sangue dos pobres que por ser governador manda vir todos os carros e o servem sem lhe pagar e as caixas assy suas como algumas que se dão ao dizimo todas vão nos carros a *Nazaret* e delas nem as pipas pagão nada e sey de boa parte que da carga da caravella que foy delrey se fez despeza de duzentos mil reis de carroto de pão brasil e caixas a conta de S. Mag. sem disto se pagar nem vintem e tudo asy vae e todos furtão e com tanta ambição reseio que nos falte o favor do São que té agora todos os bons sucessos são por milagre que nos Deus faz e não por se dispor da guerra como foy ir em a tamaracá e tendo coaze a forssa de sima ganhada perdeu o pelo pouquo governo deu o inimigo nos nossos tomando-os desceydados e dormindo alguns entrarão e ferirão mais de duzentos.

Sendo compadre de hũ francez por nome *lamarge* e seu lavrador por lhe andar com a molher ho mandou matar hũ noyte fingindo que o matava a gente da campanha e dous outros mamelucos e mulatos que o matarão ao despois temendo que por eles fosse descoberto os mandou matar, mandando-os com cartas para Bahia a hũ por hũ e no caminho e nos matos os matarão este tal em coatro annos se não confessou e o padre frey *estecão* o tornou a reduzir a nossa fee // *Cristovão Alcares* mestre das obras estando em *nazaret* tapando a barretinha escreveu huma carta ao Governador Geral e outra a *Matias de Albuquerque* e teve *andré cidal* notisia disto o prendeo e o meteo no tronco dandolhe muita pancada e ferindo-o e na prisão esteve muito tempo até que foi nesecario soltado para tornar á *Nasaret* acabar a frota da barra e nas cartas relatava toda a verdade deste bom governo e com esse medo e temor não ha quem se arrisque a escrever nem falar porque são tantos os olheiros que traseem que nada lhes escapa e tantas intelligencias tem que da bahia lhes tirarão as cartas ás suas mãos.

Remettidas para Lisboa as cartas acima transcriptas em sua integra por intermedio do Secretario do Estado, foram enviadas ao Conselho Ultramarino, que em 22 de Setembro do mesmo anno de 1646 lavrou o seguinte parecer: « Havendo-se visto os dois papeis inclusos e considerada a materia de que neles se trata, por ser cousa de tanta consideração e que pede remedio effectivo e breve e asy para o governo daquelles moradores como para a justiça e castigo dos grandes excessos que fazem que merece haja exemplo para que Deus Nosso Senhor possa ajudar aos que merecem favor no estado em que estão e se castiguem aos que forem causa e a terem dado aos excessos vexações e escandalos e malles que representam a V. Mag. nos ditos papeis e por este negocio é de importancia que V. Mag.^a por elles mandará ver;

« Pareço ao Cons.^a dizer a V. Mag.^a se sirva de ouvir ler para se inteirar que convem não haver delação em acodir com remedio a tão grande necessidade; e para que a V. Mag.^a seja presente; que por este Cons.^a se lembra a V. Mag.^a que era necessario em aquella campanha, Mestre de Campo Geral e hum Auditor Geral que governassem a guerra e a justiça, poisque convem muito acudir aquelles vassallos por todos os meios possíveis. Lx.^a 22 de Setembro de 1646. *Marquez de Montalvão. Jorge de Albuquerque. Salvador Correa de Sá e Benevides.* »

Levado ao conhecimento regio o parecer do seu Conselho Ultramarino foi este o despacho: « Diga-me antes o Conselho e parta *Francisco Barretto*, sobre o que lhe parece o que devo fazer sobre o que apontão os papeis inclusos. Lx.^a 30 de Janeiro de 1647 ».

O Conselho finalmente assim se pronunciou :

« Snr.

Vendo-se neste Conselho a resolução de S. Mag.^a posta á margem desta consulta :

Parece a Salvador Corrêa do Sá e Benevides que vendo os papeis inclusos, achava serem cartas minimas sem firma e vindas da campanha de Pernambuco onde governa *João Fernandes Vieira* e que por cuja causa tem muitos inimigos ; o primeiro

que naquella campanha ha guerra e fome causa de haver pouco gosto e hé força se atribua estas a este homem como a primeira pedra desta revolução; o segundo que como governador não pode dar gosto a todos e para se fazer hū papel sem firma basta hūa só pessoa e se tiver um parente frade fará muitos; o terceiro que como *João Fernandes Vieira* forão seus principios humildes, sofra mal a inveja da nação portugueza ser avantajado aos de principios semelhantes; o quarto é que a gente de Pernambuco não é da mais escolhida deste Reyno e ainda dessa se retirou a melhor no tempo da guerra e a que ficou com os olandezes hé amiga de novidades, e assy com desluzir as acções deste homem, o procurão com outra cabeça da qual em estando lá quatro mezes hão de dizer o mesmo; o quinto que como o Governador Geral lhe mandou queimasse os engenhos e cannavias e esta gente não teve outro remedio, parece que não podia deixar de fazê-lo nem queimal-os todos, porque o assucar e vinho de mel he sustento e assy hé força que houvesse queixosos e o mesmo de tudo o mais que pedisse para sustento dos moradores e soldados pobres e ninguem quer justiça em sua casa.

E assy lhe parece conforme as razões apontadas V. Mag.^a deve mandar ao Mestre de Campo General afaste o dito *João Fernandes Vieira* por bom modo de maneira que se entenda naquella campanha que nasse do dito Mestre de Campo, para que assy recobrando os animos dos que estão contra elle e não dezespere com excesso o castigo dos da banda do dito *João Fernandes Vieira*, pois no tempo presente ainda com devassas e papeis muy fidedignos não convem obrar em parte em que tanto se necessita de procedimentos de prudencia, quanto mais por papeis sem firmas que se não devem admitir e melhorando Deus as cousas se tratará de castigar a quem o merecer.

A *Jorge de Albuquerque* pareça que os crimes contidos no papel que se acusa do aviso que se deu a V. Mag.^a sobre o succedido em Pernambuco de que se dá por oppressor *João Fernandes Vieira* são de qualidade que qualquer delles hé digno de hū exemplar castigo, sendo assy como no dito papel (se acusa) e por esta razão deve V. Mag.^a exactamente mandar devassar da materia, por pessoa sem suspeita e capaz de a apurar e castigar

com grande demonstração as pessoas culpadas em qualquer das principaes culpas accusadas nelle.

Porque alem deste papel lhe forão á mão outros por diferentes vias que continhão o mesmo e mais circumstancias e foi advertido por pessoa de Pernambuco nesta cidade do mesmo que contem o dito papel. E porque *João Fernandes Vieira* é hoje pessoa tão poderosa em Pernambuco e se diz que tambem na Bahia, e nesta cidade não é desamparado, lhe parece que V. Mag.^a seja servido de o mandar logo vir a esta Corte, porque não estando em Pernambuco poderão aquelles moradores, livremente sem receio delle, jurar a verdade e com ella apurar se as culpas que contra elle se impoem o que se não poderia conseguir, se elle estiver presente, porque hũs por serem da sua facção, outros com medo ou peitados delle, não haverá quem contra elle jure a verdade e lhe parece esta materia de tal consideração, que se não acudir com brevidade com remedio será só a causa de se perder aquelle povo christão e vassalos de V. Mag.^a sem intervir nisso poder de olandezes a quem V. Mag.^a como Rei e Senhor Nosso está obrigado por todas as vias, acudir com todo o remedio na afflicção em que, se diz, estão.

E depois de saydo daquella Capitania o dito *João Fernandes Vieira*, lhe parece deve V. Mag.^a mandar, tire esta devassa, o mestre de Campo Geral que ora vay com o Auditor que levar deste Reyno, pois convem tanto ao serviço de V. Mag.^a mandal-o áquella capitania, asy para este effeito como para os mais de serviço de V. Mag.^a na fórma em que aquelle povo pede a V. Mag.^a perguntandose pelas culpas apontadas no dito papel e pelas mais de que houver noticia, porque tambem se entende geralmente, não será de prejuizo da defensão dos moradores daquella Capitania a ausencia do dito *João Fernandes Vieira* antes que fora della, haverá mais conformidade e justiça, segundo a geral queixa que há dos seus máos procedimentos, e poderá tambem servir de demonstração para com os olandezes, poderse dar a entender em Olanda q. V. Mag. manda vir, por haver sido causa e cabeça daquelle alevantamento.

Jorge de Castilho diz que viu as cartas inclusas e é de justiça se acuda com os remedios possiveis para que os máos to-

não castigo e tão grandes atrocidades não vão por diante e fique exemplo.

Relata-se nestas cartas escriptas ao Governador Geral do Brazil *Antonio Telles da Silva* as grandes maldades, crueldades, insultos e tiranias que fez *João Fernandes Vieira* naquella Capitania de Pernambuco e pouco fundamento com que se moveu aquella guerra, mais fundado tudo no grande empenho em que estava com os olandezes e judeos que haviam e existião no Recife e mais praças sendo homem de *baixissima sorte* e que só tratou neste particular de tyrannisar aquella gente do que servir a V. Mag.^a devia este homem conforme se avisa, mais de 300 mil cruzados e vendo se já fulto de credito impossibilitado de poder pagar, buscou este caminho tão prejudicial e para isso adquerio algũas vontades de homens de taes procedimentos como os seus, que só tratão de seguirem os seus paços e violentão os miseraveis e pobres e não se pode entender nem creio que em terra onde se fazem tão abominosos casos, ajude e asista Deus e asy; Parece que deve V. Mag.^a mandar com particular cuidado, encomendar ao Mestre de Campo Geral e ao Adjunto a elle, ou Auditor se V. Mag.^a fôr servido mandal-o nesta occasião, tirem devassa particular com todo o segredo e resguardo possível para que se averigue a verdade, e se conheça que no Real Animo de S. Mag.^a não quer haja mais que justiça rezão e verdade e com ella quer conservar os seus vassallos, achando se este homem com as culpas que as cartas relatam, a elle se prenda e mandem ao reino, p.^a fique exemplo aos mãos de verem se castigão culpas semelhantes e aos bons desejo e animo p.^a se avantajarem no serviço de V. Mag.^a O Marquez presidente se conforma com o voto de *Salvador Correa de Sá*. Lx.^a 17 de Fevereiro de 1647. *Marquez de Montalvão, Jorge de Castilho, Jorge de Albuquerque, Salvador Corrêa de Sá e Benevides.*»

Foi este o despacho regio :

« Como parece a *Salvador Corrêa de Sá*, accrescentando, que estes papeis se recolhão em parte onde não possão ser vistos. Lx.^a 20 de Março de 1647. »

ALBERTO LAMEGO.

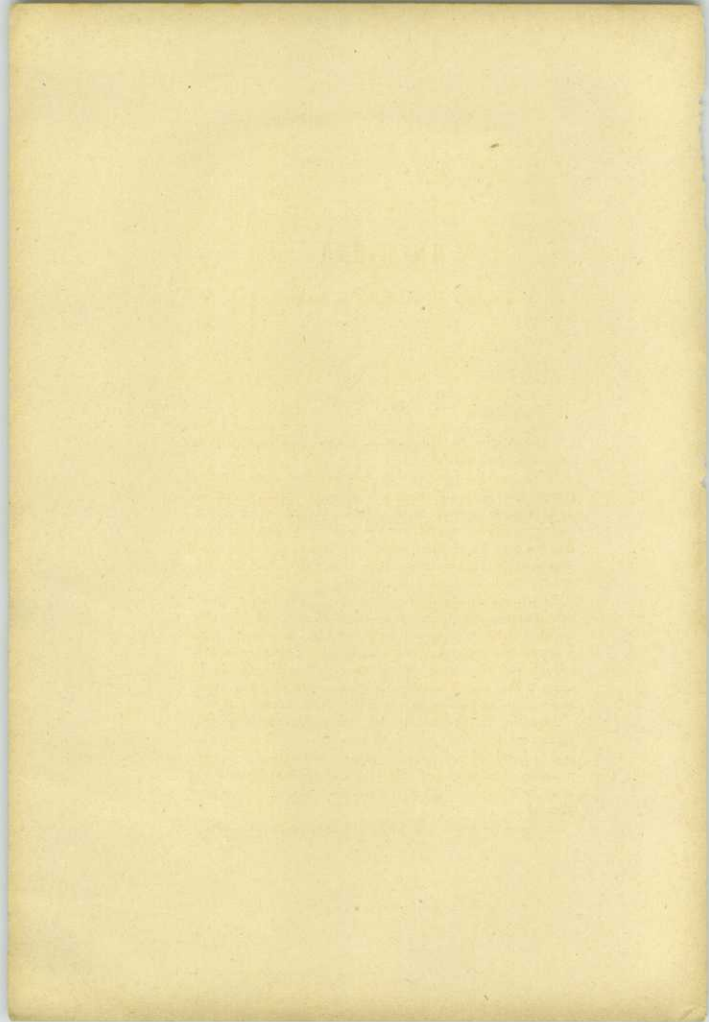
ANCHIETA

A DOENÇA EUCHARISTICA DO NOVIÇO JOSÉ

PELO

DR. TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JUNIOR

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)



ANCHIETA

A DOENÇA EUCHARISTICA DO NOVIÇO JOSÉ

§ 1.º

Aos 18 annos de idade entrou Anchieta para o noviciado da Companhia de Jesus.

Este instituto conquistava, assim, o espirito mais poetico, o coração mais chelo de angelitude, de quantos o frequentaram. As inclinações mysticas de tão privilegiada natureza davam-lhe, então, um tom de tristeza, fôrma original de piedade, que penetrava os corações vizinhos, perfumando a alma de todas as pessoas, que entravam no tracto dessa criança extraordinaria, com os effluvios da mansidão e da virtude.

A tristeza segundo Deus, definem os Sanctos Padres, é o estado d'alma que se traduz na nostalgia da perfeição divina. A nostalgia não é isenta de um sorriso celestial, como os mysticos a sentem por vocação, — riso que, não procedendo dos musculos, irradia transfigurado sob a penumbra do olhar, numa elação etherea. Essa alegria nostalgica apossou-se do noviço José, desde os primeiros passos da sua vida consciente de devoto.

Quando, na Universidade de Coimbra, souberam os condiscipulos que José ia ser jesuita, foi um choro e uma saudade universal. Alegraram-se, porém, os noviços da Companhia, porque recebiam no seu seio uma influencia nova que lhes ia aquecer o amor divino, porventura adormentado na casa em que se preparavam.

Diz um biographo que Anchieta a esse tempo fazia de si o

conceito mais humilde. O odio sancto contra o corpo era a condição essencial para a sua intima união com o Deus que adorava. Esse odio, porém, tinha um significado que não é o commum. Entendia que a fragilidade dos órgãos servidores das faculdades eram como um constante impedimento aos surtos do seu espirito, do que resultava o seu resentimento contra a carne.

No fóro interno a oração era continua; apesar disso, a vigilância externa não lhe desfallecia ainda, como aconteceu depois. Assim ninguém com igual escrupulo observava as mais insignificantes prescrições do instituto. A beatitude permanente de seu coração angelico não creava por este modo o minimo obstaculo á sua vida activa, no conselho, no exemplo, no trabalho, no padecimento; de onde dizer-se que nesse tempo José de Anchieta já vivia abraçado no anseio da salvação das almas, principalmente da sua.

Tão precoce e excessivo ardor deu que pensar aos seus directores espirituaes.

O corpo do noviço resentia-se de falta de resistencia, o que obrigou seus superiores a moderarem tão excepcional actividade.

A resolução foi um pouco tardia. Aggrediu-o de subito gravissima enfermidade, e mais graves se tornaram as consequências della.

Não satisfeito com os trabalhos materiaes, os estudos e exercicios a que era obrigado pelas regras da Companhia, não repousava nas horas que lhe sobravam. Punha-se a rezar de joelhos horas exquecidas e ainda por cima ajudava seis e sete missas por dia, zombando da fadiga, para castigar o corpo.

Similbante regimen, no qual o mysticismo innato do rapaz entrava em lucta com as faculdades practicas de que elle era energicamente dotado, acabou por exaurir-lhe as forças. Apoderou-se do devoto a asthenia muscular. Dóres agudissimas o excruciarão.

Ignorante dos segredos da nutrição do organismo humano, que é uma machina delicada, a intercadencia da accumulção de força e despesa proporcional de energia, o ingenuo noviço, persuadido de que fosse offensivo do corpo aquillo que julgava tão

util á alma, embora apprehensivo, escondeu o seu mau estado de saúde e reincidiu em eguaes excessos.

Trahiu-o, por fim, lamentavel desastre. Caheu-lhe uma escada sobre os rins, do que lhe resultou a deformação do espinhaço e das espaduas; e conquanto supportasse o revéz com resignação, assaltou-o o receio de que com o incremento da enfermidade fosse privado de exercer o ministerio apostolico, sua unica ambição terrestre.

Destes temores sagrados consolou-o intrepidamente o padre Simão Rodrigues, superior dos Jesuitas em Portugal, fazendo-lhe ver que, não sendo aquelle achaque mortal, com certeza assignalava uma prova de que Deus o preparava pelo soffrimento para a sua gloria.

§ 2.º

Começaram então as endoenças de Anchieta.

Dous annos duraram os martyrios physicos desse corpo frágil porque, no que toca ao moral, a mais completa e heroica serenidade lhe invadira a alma. A verdadeira dôr, que elle sentia, mas uma dôr nostalgica do céu, era a de não ter o coração mais largo para conter o seu amor das cousas divinas.

Na vida mystica encontrou o noviço, a principio, grande alivio, e a contemplação do mysterio da Eucharistia inundou-o com o perfume da religião do Christo. Dedicou-se, pois, á adoração permanente do Sanctissimo Sacramento.

Será o mysticismo, em todos os casos, uma molestia?

O exemplo mais frequentemente citado é o de Sancta Tereza de Jesus. Innumerables estudos medicos existem publicados, no intuito de provar, á luz da sciencia, que essa mulher foi uma hysterica superior. Quem, porém, ler com exame esclarecido as «Memorias» de sua vida e especialmente a sua correspondencia epistolar, terminará pondo em dúbida a seriedade dos escriptores que retrospectivamente diagnosticaram a enfermidade da sancta.

E' certo que os grandes trabalhos emprendidos por Te-

reza de Jesus provocaram, durante o decurso de sua existência, accidentes graves, que trouxeram em risco a saúde corporal dessa religiosa, cuja resistência e poder de agir eram admiráveis.

A raça, a família, a educação, os exercícos espirituaes, desde os primeiros annos, coadjuvados por uma imaginação poderosíssima, são sufficientes para explicar o curso de sua existência e a transverberação do coração da sancta, sem evasão da esphera normal da humanidade, nem ingresso na região onde começa a vida crepuscular do louco.

A hypothese repugna desde que se tenha lido com attenção aquella sua correspondencia epistolar.

Póde-se, até certo ponto, affirmar que a actividade de um Napoleão resultasse da grande intelligencia do homem de genio, larvada do epilepsia, porque, á primeira inspecção, verifica-se que esse individuo era «um mutilado». Havia no seu character lacunas consideraveis, como, por exemplo, a completa ausencia de bondade.

Em Tereza de Jesus, porém, essa virtude impunha-se como a pyramide sobre que repousavam todas as qualidades que fortaleciam e harmonizavam o seu character.

As suas cartas o demonstram exuberantemente. Com lucidez extraordinaria esses documentos assignalam a vida exterior da filha de Cepidas como o exemplo perfeito de laboriosidade da mulher forte e equilibrada. E' a fundadora da reforma das Carmelitas Descalças, a administradora indefessa, a mantenedora da ordem, guia imperturbavel dos que precisam de suas luzes e conselhos, a theologa sempre esclarecida, que se multiplica na direcção dos institutos até onde chega a sua influencia, e a quem, no meio de tantos trabalhos e por vezes tambem perseguições, sobra tempo para o carinho e a dedicação ás pessoas seculares, que necessitam de sua protecção.

Um dos casos mais característicos do esplendor dessa vida e da irradiação de tão eloquente bondade é o cuidado que Tereza dispensa a um ermão que se transportara para o Chile. Esse ermão recebia constantemente a correspondencia della, e graças aos conselhos da ermã e á direcção que de longe lhe imprimia

aquella religiosa, educon-se nas cartas e determinações que lhe enviava a proceptora e fez-se um homem forte e decidido para o combate da vida.

Similhantes factos estereotypam as qualidades visíveis de Tereza. Resta, porém, a actividade interior, a historia de sua vida mystica, de onde se tem de ordinario extrahido a documentação com a qual pretendem os criticos medicos condemnar-la como hysterica e quasi louca.

Ora, é preciso nunca ter reflectido sobre os *Exercicios espirituaes* de Sancto Ignacio de Loyola, que foi o mestre da practica da oração no seculo xvi, para se levarem á conta de pura enfermidade os excessos mysticos adoptados por certos espiritos de eleição.

« Os exercicios espirituaes de Sancto Ignacio de Loyola, diz um commentador, são uma machina celestial para effectuar maravilhosas mudanças, como cada dia se experimenta. »

O mysticismo, porém, preconizado pelo fundador da Companhia de Jesus, e por elle systematizado, nada tem de commun com as practicas do Oriente, que tendem a supprir a personalidade humana. E' apenas a gymnastica psychica utilizada para fortalecimento das forças da alma com o fim positivo do retorno ás applicações á obra mundana. Tal gymnastica apura o coração, sem mutilar a vontade. As relações celestiaes, usando da expressão consagrada pelos hagiologos, afinam a sensibilidade humana, pela contemplação do typo de Jesus, para os fins da redempção do homem, transformando a terra no escabello do céu, e elaboram o verdadeiro typo de batalhador da Igreja.

E' indispensavel neste caso que a disciplina não mutilo o disciplinando, porque então, esterilizadas as fontes da actividade util, o religioso corre o perigo da sepultura no estado da mais completa anesthesia psychica.

Anchieta estava em risco de perder aquella harmonia. As enfermidades, consequentes da quêda da escada, influiram duplamente sobre o seu debil organismo. A resistencia physica diminuiu, sobrevindo-lhe uma séria obsessão. A sua ultra-excessiva adoração da Eucharistia converteu-se em uma doença mais grave do que a do corpo,

Veremos, em seu lugar, como os ares da America lhe restituam a saude e o equilibrio da alma.

§ 3.º

Porque esteve Anchieta em termos de perder a serenidade e a verdadeira angelitude? Di-lo a sua biographia. Do mesmo modo que a Tereza de Jesus, aconteceu-lhe apaixonar-se na perpetua contemplação de Deus pelo mysterio da humanidade de Jesus-Christo.

« Sendo a contemplação, diz a sancta, uma obra puramente espiritual, tudo quanto cai debaixo dos sentimentos pôde, conforme ensinam os auctores, transformar-se em obstaculo ou impedimento. Segundo essas auctoridades, o que convém fazer é considerar-se a gente como num recinto, cercado por todos os lados de Deus e inteiramente inundado d'elle. »

A sancta pensava em principio que essa practica era a legitima; mas o que lhe parecia abominavel era o completo afastamento de Jesus Christo, considerando o seu corpo divino entre nossas miserias como si pertencesse á classe das outras creaturas.

A sua contestação, pois, aos doutos lhe creou um novo supplicio; grande temor a assaltava quando se sentia obrigada a desmentir a affirmação dos sabios. Deus attrahe a si as almas por caminhos e por meios muito diversos. Firme nesta idéa, Tereza não se pôde conformar com o que lêra nos doutores, o que foi para ella verdadeiro caminho da salvação.

« Creio, accrescentava, que aquelle que conseguir a união, sem ultrapassar certo limite, isto é, os arrebatamentos, as visões e outras graças que Deus concede ás almas, ha de admitir o que existe escripto nesses livros como a expressão do melhor, assim como eu propria o faço. Mas si eu houvesse parado ahí, estou certa que nunca teria attingido o ponto em que me acho. No meu parecer, seria uma illusão; mas o que é verdade é que si me engano, não é menos certo que d'elle fui victima buscando a verdade. »

Como não tinha mentor, lia todos os livros em que julgava poder encontrar algum ensinamento; mas, com o andar do tempo, comprehendeu que si o Senhor não a tivesse instruído, ella nada teria colhido das leituras, e só obteve o verdadeiro conhecimento quando o Senhor lh'o permittiu pela experiencia.

Anchieta, porém, longe disto, absorto no mysterio dessa humanidade, buscava caminhos que não podiam leva-lo a uma attitudé clara e tranquillá deante desse mysterio. A oração tornou-se para elle uma especie de *sortilegio*. O feitiço que esse enlace tomava na alma do noviço não era o recommendado por Loyola para cada situação. Dir-se-hia antes o principio da ankylose religiosa, que ordinariamente ataca as pessoas de espirito espesso e incapazes de elevarem-se á contemplação do que se considera a harmonia do dogma. Anchieta era bastante intelligente para evitar esse mau passo; mas não o evitou, o que seguramente encontra a sua explicação no estado de infantilidade em que recaiu devido ao desastre que o victimou, deformando-lhe a espinha.

Na eschatologia dos apostolos e principalmente na de S. Paulo encontra-se a idéa de um corpo espirital. Mas dizem os doutores que essa idéa não passaria de uma grande aspiração, um desejo de soccorro e não mais do que isso, porque São Paulo não definiu exactamente o que é semelhante substancia, isto é, si feita de uma terceira, participando das qualidades da materia e do espirito, por tal modo livre dos characteres que difficultam o exito da idéa de resurreição, ou si um symbolo ou pintura da realidade fóra disso inapreciavel.

E' quasi o conceito que o espiritismo ou espiritalismo moderno fórma daquillo que os sectarios denominam *per-espirito*.

Concepção swenderborgiana, de accôrdo com a qual os adeptos buscam explicar a acção da vida invisível sobre os seres humanos. Do mesmo modo que Swedenborg, os actuaes espiritas fundam a sua theoria na realidade da experimentação. Com certeza o illuminado Sueco não se suppoz transportado em corpo terrestre ás regiões que visitou e que descreve nas obras *Archana* e *De celo ac inferno, ex visu et auditu*, mas alli esteve em

per-espírito ou corpo astral. Todavia, em toda sua obra não se encontra definição clara e exacta do que seja esse corpo.

Wallace, em seu livro *Os milagres e o espiritualismo moderno*,¹ declara que existe uma hypothese, velha em seus princípios, nova em alguns pormenores, a qual reúne certos phenomenos em departamento da natureza até agora ignorado da sciencia e vagamente meditado pela philosophia.

«Segundo essa hypothese, aquillo que, na falta de termo melhor, chamaremos o *espírito*, constitue a parte essencial dos seres sensitivos, de que o corpo constitue apenas o mechanismo e o instrumental por meio do qual percebem e agem sobre os outros seres e sobre a materia. Só o *espírito* sente, percebe, comprehende, adquire conhecimentos, raciocina, deseja, — bem que não possa fazer tudo isso sinão por intermedio do organismo, ao qual está ligado e numa exacta proporção com a natureza deste. *E' o espirito do homem que é o homem*. O espirito é o pensamento; o cerebro e os nervos são apenas a bateria e o telegrapho magneticos, por via do qual o espirito communica com o mundo exterior. Não obstante ser o espirito em geral inseparavel do corpo organizado, ao qual dá vida animal e intellectual, pois que as funcções vegetativas do organismo não se mantêm sem aquelle, não é raro encontrar-se individuos constituidos por tal maneira, que o seu espirito póde perceber independentemente dos órgãos corporaes da sensação, ou seja susceptivel de deixar, parcialmente ou talvez completamente, o corpo por algum tempo e depois voltar ao mesmo. Quando a morte se verifica, elle o abandona para sempre. O espirito, como o corpo, obedece a leis proprias, e as suas faculdades são sujeitas a limites definidos.»

Postas estas bases, Wallace passa á questão da *mediumnidade* e do per-espírito. Na sua opinião, o espirito que viveu e evoluiu suas potencialidades no envolvero do corpo, quando se separa deste corpo nada perde das formas anteriores do pensamento; as inclinações continuam as mesmas, de igual modo os

1 *Op. cit.*, trad. frans., p. 140.

sentimentos e as affeições. Ausente do corpo material, o espirito mantém identicas condições de existencia. Nenhuma acquisição subita de novas propensões mentaes; nenhuma transformação de natureza moral. O progresso só se faz pelas novas encarnações.

Enquanto ligado ás condições da vida actual, como no phenomeno da «dupla vista pura», dir-se-hia que o espirito, desligado dos entraves do corpo, chega á percepção das cousas por meios differentes dos sentidos ordinarios.

Nesse estado de clarividencia, diz Wallace, mais transcendente ainda e a que chamamos «viagem mental», o espirito como que deixa o corpo, ficando todavia unido a este por um nexo fluidico, e desta maneira pôde atravessar as maiores extensões terrestres, communicando-se com outras pessoas em paizes distantes, contanto que haja qualquer indicio de localidade em que aquellas estejam, percebendo e descrevendo as eventualidades que occorrem em torno dellas.

E accrescenta que, dadas certas circumstancias, o espirito é capaz de formar por si mesmo, da emancipação de corpos vivos postos em relação magnetica especial consigo, *um corpo visivel*; e em condições ainda mais favoraveis essa substancia pôde-se tornar tangivel.

A theoria de Myers, que de todos os espiritualistas parece o mais philosophico de quantos se têm deixado impressionar pelos factos em que se baseia essa pretensa nova sciencia, para chegar ás suas conclusões sobre a existencia de communicações por via de meios differentes dos órgãos ordinarios, parte de um principio, aliás sustentado por Augusto Comte, de que o homem não vive nem morre para si sómente. Num sentido mais profundo do que o da metaphora, « nós todos somos membros uns dos outros.»¹

«Como os atomos, continúa Myers, como os sões, como as vias lacteas, nossos espiritos são systemas de forças que vibram

¹ *La personnalité humaine, sa survivance, ses manifestations supranormales*, Op. cit., p. 409. Trad. e adapt. Jankalevitch. Paris, 1905.

de continuo sob a dependência mutua das respectivas forças attractivas.»

Para Myers, pois, o amor constitue uma especie de telepathia exaltada, mas não especializada, que se resolve na expressão mais simples e universal dessa gravitação mutua ou dessa realza dos espiritos, bases da lei da telepathia.

É em similhante meio que se operam todos os phenomenos. Em tal região provavelmente as gerações futuras, pelo continuo esforço da actual e das que immediatamente se lhe seguirem, alcançarão desembrulhar o que ainda existe de confuso nesta vida, em busca dos lineamentos de um mundo superior, descobrindo assim « a substancia das cousas esperadas, a prova das cousas invisíveis. »

Infinitas, pondera elle, são as variedades da alegria espirital. « Na epocha de Thales, a Grecia já havia experimentado a alegria da primeira noção vaga da unidade e da lei cosmica. Quando veio o Christianismo, a Europa recebeu a primeira mensagem authentica de um mundo situado além do nosso. Na epocha actual, surge a convicção de que as mensagens são susceptíveis de continuidade e de progresso, — que entre o mundo visível e o mundo invisível existe um caminho de comunicação, que as gerações futuras se empenharão em alargar, illuminando-o. » ¹

Partindo do phenomeno da desintegração da personalidade, como nos casos do somno, do hypnotismo, da hysteria e de outras psychoses, Myers chega á concepção do genio, que parece resultar da integração do que elle chama personalidade *subliminal*, com a personagem supra-subliminal, por uma utilização em larga escala do ser psychico humano em vista dos fins postos pelo eu supraliminal.

É por via dessa consciencia vaga, mas verdadeira, do meio espirital, que o genio do artista ou do philosopho obtem, pela concentração interior, a revelação de factos estranhos ao commum dos homens — factos que tendem, de mais em mais, a se tornarem *telesthesicos*.

¹ *Op. cit.*, p. 407.

Accresce o automatismo sensorial e motor. Esse phenomeno origina a telepathia e a telesthesia. É por similhante caminho que penetramos no dominio, onde as limitações da vida organica desaparecem. Operando-se uma verdadeira dessociação da personalidade, que então começa a agir em um meio meta-ethereo, comprehende-se como se consegue explicar os casos até hoje conhecidos por apparições veridicas.

Para Myers a palavra espirito não significa sinão a fracção desconhecida da personalidade humana, que não é a sua fracção subliminal e cuja actividade nós sorprehendemos antes ou depois da morte naquello meio meta-ethereo.

Os casos, portanto, de possessão, da extase, na sua doutrina, differem profundamente da que attribue a taes phenomenos character objectivo, averbando esta como um retórno ás crenças supersticiosas da idade de pedra.

Segundo aquelle auctor, tudo assim se devia explicar por corréntes conscientes ou inconscientes da personalidade humana.

Comunicações da força psychica, que se operam no tempo e no espaço por meios naturaes, cujo processo não podemos ainda submeter ao criterio rigorosamente scientifico, nem muito menos dar-lhe existencia práctica, ao alcance de todos.

Grandes analogias encontro entre essa doutrina e a disciplina dos yoghis. Na sciencia yoga ha, todavia, uma superioridade como práctica, e é que, sendo ella uma collecção systematica de leis destinadas á consecução de um fim determinado, o automatismo, de que falla Myers, entra por menor, pois que o seu alvo principal é justamente o desenvolvimento da consciencia. ¹

A doutrina yoga repelle esse estado vacillante das correntes humanas. A espiritualidade, segundo ella, é a relação da unidade; — o psychismo: a manifestação da intelligencia, através de um vehiculo material; — o yoga, a busca da união por meio do intellecto. O mystico, porém, procura essa mesma união por via

1 Annie Besant, presidente geral da Sociedade Theosophica — *Yoga*, Ensaio de Psychologia oriental; trad. ital. Boggiani, 1909 — p. 15 e 82.

da emoção. O seu processo nada adeanta, porque, fixando elle a mente sobre o objecto de sua devoção, acaba por perder a auto-consciência; e em um raptó de amor e de adoração, sente-se envolvido em uma grande onda de emoção, e arrebatá-se até deus. E ahí temos o alheamento pela idéa fixa, a consciencia isolada pelo sequestro de toda relação com o mundo, vazio de si, e cheio da divindade, o que constitue o triumpho do sancto. O objectivo do yoga é a realização, por ultimo, de uma idéa, que Herbert Spencer desenvolveu no campo limitado da sociologia evolucionista. Quanto mais o homem se aperfeiçoa, e a sociedade em que vive mais se civiliza, mais se accentua o vigor da sua personalidade pela complicada interdependencia dos phenomenos constitutivos da vida collectiva, os quaes tendem, por isso mesmo, a uma crescente integração ou unidade.

O NIRVANA, conforme a lição de Lafcadio Hearn, escriptor que deixou a perder de vista as explanações de Burnouf e Taine sobre o budhismo, não é, em substancia, outra cousa, sinão a integração da actividade moral collectiva, pela subordinação do homem ás leis naturaes.¹

Augusto Comte, sem embargo de limitar a evolução á sociedade planetaria, sustentou em como o homem nada é sem o concurso das actividades intellectual, affectiva e moral, desenvolvidas no tempo e no espaço. No seu elevado conceito quem fabrica propriamente a alma humana é a sociedade; o que não quer dizer que, por esse facto da subordinação sempre crescente, a humanidade, a individualidade do homem diminua, nem tenda a desaparecer; ao contrario, esse philosopho demonstrou que o individuo augmenta de valor á proporção que a sua vida moral mais se vai subordinando ao principio organico da vida em sociedade.

Ora, Lafcadio Hearn, estudando o budhismo e os principios em que se funda o NIRVANA, desembaraçando a philosophia dos symbolos que podem difficultar a comprehensão daquella religião, diz que, julgada a mesma no ponto de vista do agnosticis-

¹ Lafcadio Hearn — *Gleanings in Buddha — Fields*, p. 224.

mo, sendo a persistencia o toque da realidade, e dando-se a circumstancia de que o buddhista encontra no universo visivel apenas um fluxo perpetuo de phenomenos e consequentemente o aggregado material não real, porque não persistente, mostra que a *relação* é a fórma universal do pensamento.

Essa relação, porém, pergunta elle, é impermanente ou tende a tornar-se persistente?

«Julgada sob esse aspecto, a doutrina buddhista não é anti-realista, mas antes um realismo transfigurado, achando expressão condigna nas palavras exactas de Herbert Spencer: — Todo sentimento, todo pensamento é transitorio, e, portanto, a vida, que assenta inteiramente sobre taes sentimentos e pensamentos, não pôde tambem deixar de ser transitoria. Deste modo, os objectos, entre os quaes a vida atravessa, posto que menos transitorios estejam em parte a caminho de perderem sua individualidade, mais depressa ou mais demoradamente, tudo nos dá a entender que a unica cousa permanente é a INCOGNOSCIVEL REALIDADE, que se occulta sob todas essas fórmas mutaveis e oscillantes.»

De onde se vê que no fundo todas as concepções humanas convergem para o mesmo ponto, e que as divergencias nascem simplesmente do feitiço dos signaes, das imagens, ou da linguagem, empregados pela faculdade discursiva do homem.

§ 4.º

Voltando á obsessão de Anchieta, não é difficil reconhecer a natureza da sua situação mental.

Tomado da ferocidade indigena que gera o egoismo mystico, elle cuidava que, entregando-se a DEUS, teria a salvação da sua alma garantida. A fraqueza physica o desalentava, em um crescendo enorme, e as suas faculdades mentaes, desamparadas da resistencia da carne, calam, a pouco e pouco, nesse estado hysterico que desvitaliza o homem e o transforma em uma especie de sombra humana.

A oração contracta, segundo Loyola, e a extase de alegria

celestial dissipavam-se. A enfermidade invadiu-lhe o cérebro com rudeza insolita.

O noviço, então, rodava deliquescente em torno do pensamento constante de ver sair da Eucharistia o corpo material de Jesus. A hostia consagrada, quando se elevava, no momento mais solenne do sacrificio incruento da missa, dir-se-hia que sangrava, suspensa nos dedos do sacerdote celebrante.

As forças da alma, abysmada no mysterio, pois, não lhe offereciam soccorro contra as perplexidades que afundavam-lhe o espirito no sortilegio da humanidade de Jesus, depereciam no cataclysmo da esperança morta.

Não raciocinava mais, e, de continuo, arrebatado para a região perigosa do pesadelo em vigilia, onde só podia encontrar o suicidio da verdadeira adoração pela paralyisia da faculdade de imaginar, provavelmente sentiu em turbilhões, devido á invalidez da intelligencia, a obsessão turgida, vertiginosa, do corpo espirital esboçado pela eschatologia pauliana.

A oração e a extase de Anchieta tinham-se convertido em febre, em allucinação demoniaca, da qual emergia o espectro do sancto mallogrado. Caía desmaiado como Christo ao peso da cruz que carregava. Nestes momentos, no sorriso de alguém julgava divisar o escarneo de Satan.

Faltou-lhe nesse tempo o que abundava, na mesma idade, em S. Francisco de Assis, — o elance para DEUS, atravez de um sublimado sentimento poetico de arte naturalista.

Veremos depois como nos campos de Piratininga a natureza brasílica e o amor dos catechumenos indigenas lhe repuzeram na alma a poesia religiosa.

Nas terras bravias de S. Paulo elle ponde abrir as pupillas dos olhos para uma terra nova, brilhante, florida e perfumosa, e compôr, com a vista posta em DEUS, sem perder a sensação da vida real, poema igual ao *Frate sole*, como o *poverello* de Assis.

« *Laudato sîi, mio signore, per nostra madre terra : la quale me sustenta et governa : et produce diversi fruti et coloriti fiori et herba.* » ¹

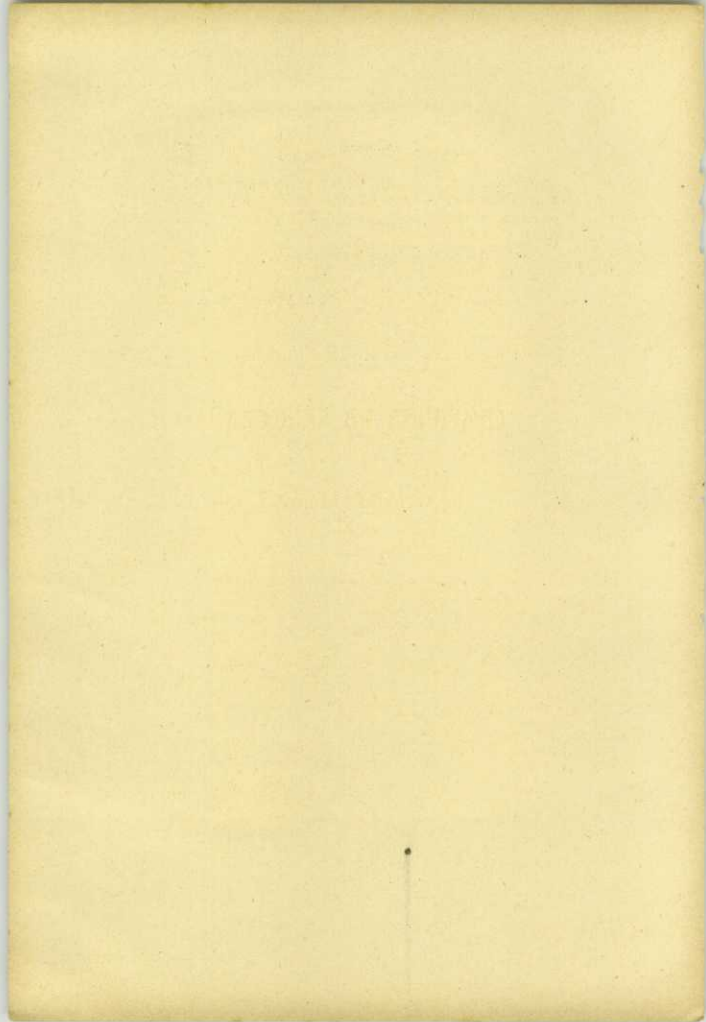
¹ Piero Mischiattelli, *Idalita franceseana*, 1909, p. 55.

Resolveram, pois, os padres envia-lo para o Brasil. Em 8 de Maio de 1553 embarcou José em Lisboa na companhia do novo governador da terra e de alguns religiosos da Companhia de Jesus.¹

Tinha Anchieta vinte annos de sua idade...

T. A. ARARIPE JUNIOR.

1 E. Sainte-Foy, *Vida do ven. P. José de Anchieta*; 1878; p. 13.

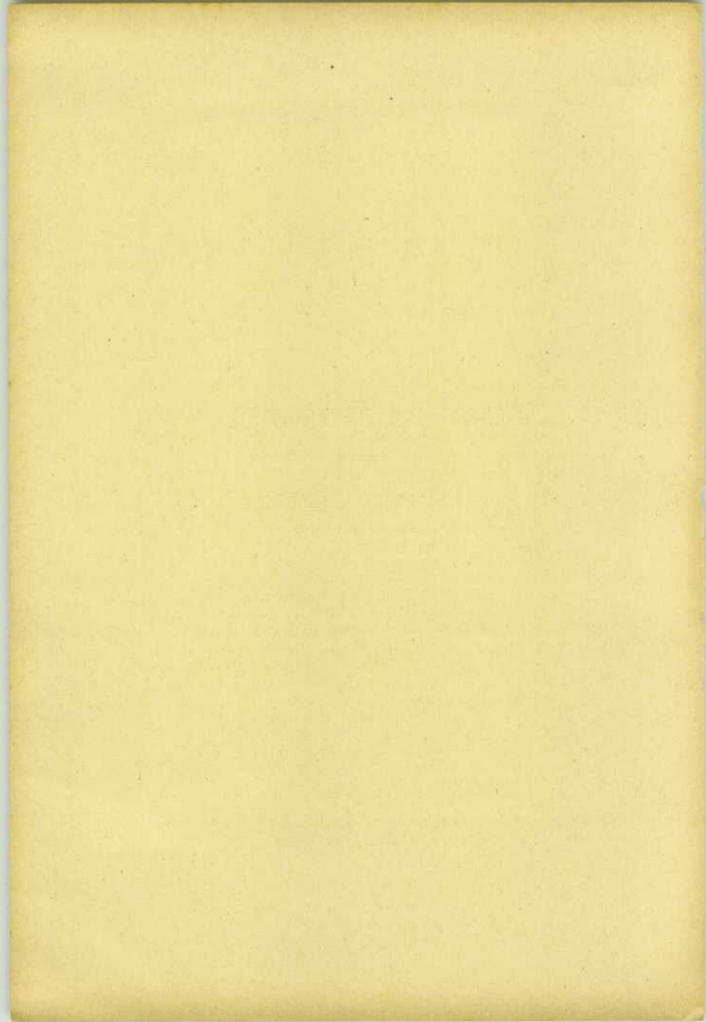


CAMPANHA DA PRINCEZA

PELO

DR. ALFREDO VALLADÃO

(SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO)



CAMPANHA DA PRINCEZA

I

Em torno da velha cidade mineira formou-se uma lenda.

Campanha era um nome suggestivo; havia de exprimir lucta, de significar combate!

Mas a historia colonial não assignalava encontro algum naquelle sitio.

A imaginação se incumbiu de crea-lo.¹

Em principio do seculo XVIII, dous criminosos se evadiram da cadeia de Villa Rica. E, varando extensos sertões, na ancia de bem garantir a sua liberdade, chegaram áquella paragem.

Este mesmo instincto de liberdade, porém, já havia conduzido para alli dous pretos fugitivos. Um *quilombo*, talvez, estava a pique de formar-se.

E o infortunio fez irmãos no deserto, uns e outros!

Entretanto, breve cessou esta harmonia.

Ao que parece, mesmo alli, o sentimento de raça veio a explodir, arrogando-se os brancos supremacia sobre os pretos.

Ou, então, na sua alma ainda endurecida de condemnados, elles formaram o proposito da destruição e do roubo de quanto os pretos possuíam!

1 O saudoso commendador Bernardo Saturnino da Veiga narra a lenda, no *Almanack Sul-Mineiro* de 1874; e declara tê-la ouvido ao venerando dr. Manoel Joaquim Pereira de Magalhães, que, por sua vez, a ouviu a seu pai, o coronel José Francisco Pereira, fallecido em 1833, com a idade de 86 annos.

Acceptamos pois esta narrativa, como a expressão fiel da lenda.

O que é certo é que a lucta estalou! E os pretos succumbiram!

Os condemnados venceram a *campanha*. E, como a Romulo, coube-lhes a fundação da cidade!

Mas, aqui a lenda perde o interesse; não tem um relêvo. Apaga-se.

Senhores exclusivos daquelle sitio, e deixando a arder a choça de suas victimas, para que a lembrança das mesmas de todo se extinguisse, elles se abalaram para o rumo de Léste, a explorar a região.

E com esta direcção chegaram á margem do Rio Verde.

Ahi, precisamente no local em que se ergue hoje a Conceição do Rio Verde, deparou-se-lhes a tosca vivenda de um lavrador.

Pediram abrigo, e foram acolhidos.

Captaram a confiança do lavrador; e desposaram-lhe as filhas.

Voltando com suas mulheres ao sitio primitivo, ahi se instalaram de vez.

Assim termina a lenda.

Mas, a lenda está desfeita.

E, dest'arte, não póde a Campanha se exhibir á moda da Cidade Eterna!

Entretanto, titulos não lhe faltam para que se lhe dispense esta originalidade.

Foi da sua propria situação que a Campanha tirou o seu nome.

Este nome não lhe adveio de uma *campanha* de foragidos, mas das *campanhas* do Rio Verde.¹

¹ O proprio commendador Bernarde Veiga, depois de se occupar da lenda, alvitra, tambem, esta hypothese.

— O *Almanach da Campanha*, editado em 1900 pelo infatigavel redactor do «Monitor Sul-Mineiro», sr. José Pedro da Costa, e elaborado pelo illus-

A palavra — *campanha* — era empregada, nos tempos coloniaes, com a significação de campina, campo.

Assim, denominavam-se correntemente *campanhas* do rio Grande, *campanhas* do rio Sapucahi, *campanhas* do rio Verde, *campanhas* do rio Capivari, as campinas situadas no valle destes rios.

Allás, esta acceção é do nosso lexico, como se vê em Moraes.

E embora fr. Francisco de S. Luiz diga, em seu *Glossario*, que este uso é uma affectação do francezismo, elle é seguido por Vieira e outros classicos.

E, mesmo, de Vieira, o seguinte trecho :

«Cai o pó, ou no Rio, ou no mar, ou no monte, ou na *campanha*.»

E, ainda hoje, tal acceção é corrente, no Estado do Rio Grande do Sul.

Minas do Rio Verde era a denominação primitiva de um nucleo de mineração, do qual a Campanha se constituiu centro.

Achavam-se estas minas na comarca do Rio das Mortes, espalhadas por uns campos, que, com intervallos de pequenas mattas, se succedem do rio Verde ao Sapucahi; e dellas havia noticias muito vagas até o anno de 1737.

Foi por esta occasião que se effectuou o seu reconhecimento.

Chegára, pouco antes, á capitania, em importante missão, Martinho de Mendonça de Pinna e de Proença.

tre sr. Julio Bueno, não attribue, por sua vez, á lenda a denominação da cidade; e, sim, á expressão — *campanha* — usada no periodo colonial.

A nossa divergencia está, apenas, em que ao distincto escriptor parece que este vocabulo era empregado na acceção de *bacia* de um rio; e, a nós, na de *campina*, campo.

Em um auto de verença da Camara de Campanha, de 1800, já se dizia que «a villa estava toda assentada sobre campos, e rodeada quasi toda dos mesmos.» — *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno de 1896, pag. 483.

Já não bastava, para os gastos de d. João v, o rendimento que o ouro do Brasil, então, estava produzindo.

Era preciso mais ainda! ¹

E o Brasil havia de o enviar, custasse o que custasse.

Mas, não era só.

A recente descoberta, no Tejuco, de jazidas diamantinas, fôra um successo!

O rei mandou que os conegos da Sé patriarchal rezassem, com pompa nunca vista, uma novena em intenção da alma de Pedro Alvares, o subdito benemerito. ²

O Brasil apresentou-se-lhe, assim, em todo o esplendor de sua riqueza.

Desta riqueza com que d. João v poudo fazer face aos seus gastos fubulosos, o Pombal, na phrase do proprio Oliveira Martins, reconstruir não só Lisboa, mas Portugal inteiro! ³

Era preciso, pois, um regimen severo de fiscalização nas minas.

Era preciso que a lavra despejasse a flux, no erario régio, o ouro e o diamante, embora o mineiro assistisse ao esbulho de seu invento, ao sacrificio de seu trabalho.

Dahi a missão de Martinho de Mendonça, enviado para a capitania, com a carta régia de 1733.

E, tão importante esta missão, que os governadores do Rio de Janeiro e de Minas tiveram ordem de lhe dar a ajuda e credito de que necessitasse, e mostrar nas secretarias ainda os mais reservados papéis.

Tão importante, que ao governador do Rio de Janeiro se recommendou que, caso urgente, puzesse sempre á disposição delle uma não que levasse a sua correspondencia para Lisboa.

E esta correspondencia occupa, pelo menos, quatorze volumes da Torre do Tombo, pois tantos viu o visconde de Porto Seguro. ⁴

1 Rodrigo Octavio, *Felisherto Caldeira*, pag. 67.

2 *Op. cit.*, pag. 68.

3 *O Brasil e Colonias*, pag. 24.

4 *História do Brasil*, vol. III, pag. 906.

Mais do que um auxiliar do conde de Galveas, no govêrno da capitania, Martinho de Mendonça era um alto commissario do rei.

Era, de facto, um fiscal do proprio govêrno da capitania.

O regimento que elle trazia dava-lhe as mais amplas attribuições.

Cabia-lhe empregar-se em tudo que fosse conveniente ao real serviço.

Nada devia escapar ás suas vistas.

E o pensamento da Corôa era, realmente, o do esbulho, o da oppressão!

O proprio regimento o constata.

Assim, se recommendava a Martinho de Mendonça que « mandasse a *pretexto de reças*, tomar posse dos sitios, cuja occupação fosse conveniente á real Corôa »!

E a certeza de que, cedo ou tarde, uma reacção se havia de levantar contra os designios da Corôa, levou tambem á seguinte recommendação: « se informasse ácerca do sitio mais conveniente para a residencia dos governadores *cuja habitação, com a apparencia de casa, tenha a segurança e a utilidade de fortaleza* »!

« No caso de se temer algum tumulto ou principio de sedição », dizia ainda o regimento, « se poderá proceder contra os culpados pela verdade sabida, *sem figura alguma de juizo, e com execução militar* »!

Cumpria Martinho de Mendonça, á risca, sua missão.

E, já agora, as *Minas do Rio Verde* não podiam continuar occultas.

Haviam de despejar tambem para o erario régio!

Martinho de Mendonça toma conta, mesmo interinamente, do govêrno da capitania, em 15 de Maio de 1736, e nelle serve até 25 de Dezembro de 1737.

E, dentro de algum tempo, um de seus cuidados foi o reco-

nhecimento daquellas minas, que elle commetteu ao ouvidor da comarca do Rio das Mortes, Cypriano José da Rocha.

O governador interino tinha este ouvidor na melhor conta.

« He o unico ministro de jurisdicção ordinaria », dizia elle, « que cuida nos ossos do officio, tem zelo de justiça e cuidado nas cousas publicas ».¹

Era o homem para a empresa, para desvendar os segredos daquellas minas !

As minas mysteriosas, cujo ouro Martinho de Mendonça como que adivinhava, devia mais tarde adornar a princeza da Beira !

Desempenhou-se o ouvidor de sua incumbencia, de que deu conta a Martinho de Mendonça, em officio de 9 de Dezembro de 1737.²

E não foi sem receios que elle empreendeu a sua jornada, « para o descobrimento », dizia elle, « das Minas do Rio Verde só famigeradas por hũa obscura noticia de algũa pessoa que occultamente dava mantimentos aos Criminozos que se refugiarão naquelles Dezertos ».

Tanto mais quanto, « os criminosos espalharam vozes : que defenderião os certoens que habitavam para que não fossem entrados de pessoa algũa ».

Era uma empresa arriscada !

Era um « osso do officio », que o leal ouvidor acceitava.

E, partindo de S. João d'El-Rei, com a escolta que Martinho de Mendonça lhe enviara, elle chegava afinal áquellas minas, com uma viagem de dez dias.

Entretanto, dissiparam-se os seus receios.

1 Trecho de um officio por elle dirigido para Lisboa em 18 de Outubro de 1737. Transcripto na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno I, pag. 982.

2 Este officio consta do Archivo Publico Mineiro, e está transcripto nas *Ephemerides Mineiras*, de Xavier da Veiga, vol. IV, pag. 88.

A sua chegada, somem-se os criminosos.

E ninguém se oppõe á sua auctoridade.

É uma população ordeira que o acolhe.

O ouvidor percorre, á vontade, as minas, « situadas em uns bem delatados campos, que os findam varios corgos e Ribeiros com muitos matos proveitosos ».

E observou, com prazer, que « em todos os corgos e Ribeiros se acha ouro que entra pera terra, pelo que promete duração ».

Explorou os rios daquelle zona, o rio Verde, o Lambari, o Palmella, chegando ao Sapucahi, que atravessou em canôa.

E alli lhe informaram que, com tres dias de navegação rio acima, se communicavam as minas do Itajubá.

Não se dispoz, porém, a esta investigação, pelo inverno que reinava.

Ao que observou, « comprehende o descoberto em circuito mais de vinte legoas ».

Providenciando sobre a organização do serviço das minas, ordenou « que quem quizesse entrar na repartição das terras mineraes dêsse a rol os negros que possui, pelos bilhetes de capitação fesse a repartição por sortes, não houve descobridor ».

E « foram sete mil negros a que se repartiram terras » !

E, para coroar a sua obta, fundou o ouvidor « um Arrayal em forma de Villa, a que se deu o nome de S. Cypriano, que está povoado com praça e ruas em boa ordem e muito boas casas ».

Causou-lhe impressão o movimento do arraial, que lhe parecia devia ser erigido em villa:

« Vão entrando muitas gentes, tem mantimentos em abundancia em bom comodo e continuamente estão entrando carregações ».

E, depois de septenta e tres dias de ausencia, chegava victorioso a S. João d'El-Rei, pela estrada que abria, e que punha esta villa em tres dias de communicação com o novo arraial de S. Cypriano.

Encerrando o seu officio, dizia:

« Entrei nesta acção por entender fazia bons serviços a S. Magestade sem mais interesse do que dar-se o mesmo Sr. por

bem servido da minha intenção e cessarem as queixas de muitos que não tinham adonde minerar ».

« Obrei a despezas minhas perdendo emolumentos, o que hé notorio ».

As *Minas do Rio Verde*, como se vê do officio do ouvidor, comprehendia em circuito mais de vinte leguas.

Ha, pois, um raio de quatro leguas, mais ou menos.

E, tomando a Campanha como centro, verifica-se que, nesta área, se acha, também, parte dos actuaes districtos da cidade de Tres Corações, do Rio Verde e de São Gonçalo do Sapucahi.

Em tal área, já decadente a mineração, em 1814, eram exploradas, ainda, como attesta von Eschwege, as seguintes minas :

Bairro Alto, Almas, S. Pedro, S. Bento, Rio Verde, S. Gonçalo, Boa Vista, S. Gonçalo Velho, Ouro Falla e Sancta Luzia. ¹

O officio do ouvidor, porém, suggere diversas considerações, uma das quaes não passou despercebida ao illustre auctor do *Almanack da Campanha*, quando entende que elle encontrou alli um arraial constituido.

De facto.

Era impossivel que, nos poucos dias de sua estada naquellas minas, elle conseguisse fundar um arraial em fórma de villa, « com praças e ruas em boa ordem e muito boas cazas » !

A antiguidade das minas está constatada no officio, quando o ouvidor se refere á distribuição das datas.

A primeira data, na fórma da lei, pertencia ao descobridor.

Mas a disposição legal não se poudo cumprir, porque « não houve descobridor ».

Tão antigas eram as minas, que a geração que as habitava delle não tinha noticia.

1 *Pluto Brasiliensis*, pag. 308.

A população das minas era, realmente, colossal!

A septe mil negros se distribuíram terras!

Em 1814, não ha duvida que decadente a mineração, o número de escravos empregados nas minas, em toda a capitania, não attingia a tanto, como se observa nos quadros estatísticos organizados por von Eschwege: ¹ era, apenas, de 6.493.

E aquella população parecia regularmente organizada.

Os negros eram escravizados, como se vê do officio do ouvidor, que ordenou a quem quizesse entrar na repartição das terras mineiras, dêsse a rol os negros que possuía.

Os serviços da lavoura e do commercio pareciam, da mesma fórma, em ordem.

Havia producção abundante e um intenso gyro commercial.

As *Minas do Rio Verde* constituem, de facto, uma das surpresas dos tempos coloniaes.

Eram uma cidade occulta!

De longe escreveu Oliveira Martins; apanhou, entretanto, com felicidade, o aspecto social daquelle epocha:

« A educação recebida nas *bandeiras* da caça aos Indios, agora convertidas em *bandeiras* de caça de minas, não era, de certo, feita a proposito, para dulcificar o temperamento agreste dessas populações, costumadas á vida errante do sertão, nem para as levar a reconhecer a legitimidade de um govêrno, até então ausente, só manifesto agora que, nos leitos dos rios e nas quebradas das serras, ellas tinham descoberto o cascalho auriífero e diamantino ». ²

E foram estes sentimentos que levaram a explosões terribes, como o encontro do Rio das Mortes.

Os mineiros do Rio Verde, porém, asseguravam a sua liberdade por um processo astucioso.

¹ *Loc. cit.*

² *O Brasil e Colonias*, pag. 84.

Faziam chegar ás auctoridades da capitania boatos terrificantes da existencia de criminosos naquellas paragens!

E, sob a vigia deste espantinho, se sentiam garantidos.

A liberdade em que se encontravam não degenerou, porém, em anarchia.

Foi uma liberdade fecunda!

Viveram no trabalho.

Edificaram a sua cidade.

E quando o ouvidor Cypriano, dissipado aquelle espantinho, alli penetrou, foi para admirar a obra dos mineiros!

A cidade estava feita!

E o trabalho havia temperado, naquelles mineiros, a sua alma de *bandeirantes*.

Dispensaram ao ouvidor a melhor acolhida.

E mostraram-lhe vaidosos a sua obra.

Tão perfeita, que o ouvidor pedia para ellas as honras de villa, dignidade de que apenas gozavam, naquelle momento, Marianna, Villa Rica, S. João d'El-Rei, Caethé, Serro, Sabará e Minas Novas. Certo, o ouvidor chamou para si as glorias desta obra.

E, ao que nos parece, não foi por vaidade pessoal, e, sim, por melhor servir a S. Magestade.

Ao bom ouvidor, que fez viagem á sua custa, que abriu mão dos emolumentos que lhe eram devidos, repugnaria chamar para si aquellas glorias.

O vassallo, entretanto, não teve escrúpulos!

Era preciso diminuir a gloria dos povos, para augmentar a do rei.

Quando, entretanto, e por onde, se fizeram as entradas para *Minas do Rio Verde*?

Vinha de longe o conhecimento do alto rio Verde e do alto Sapucahi.

O Embahú, ¹ a celebre garganta da Mantiqueira, era a porta

1 É, mesmo, garganta, a significação da palavra Embahú, como explica o dr. Diogo de Vasconcellos, na *História Antiga das Minas Geraes*, pag. 35.

de entrada para o território de Minas; e quem a transpuzesse havia de pertrastar o rio Verde.

O rio Verde era, assim, o guia das entradas; por elle se dirigiam as *bandeiras* até o Pouso Alto.

Dahi é que estas apumavam para o Norte, passando por Baependi, em procura do rio Grande.

E desde os primeiros annos do seculo xvii, diz o dr. Francisco Lobo, « foi este caminho senhoreado e frequentado pelos Paulistas, tornando-se, então, a linha de penetração mais importante do Brasil, sinão da America do Sul. »¹

Era o caminho *velho* para Minas Geraes; ² e delle ainda nos dava completa noticia, em 1711, o celebre escriptor Antonil.³

Só mais tarde se abriu o caminho *novo* de Minas para o Rio de Janeiro, pela picada que Garcia Rodrigues tracára em 1701-4.⁴

E o caminho *velho*, ao passar por Baependi, ficava a nove leguas das *Minas do Rio Verde*, na parte destas minas situada na actual cidade de Tres Corações, e a doze leguas, na parte situada na actual cidade da Campanha.

Desde o começo do seculo xvii, pois, que era bastante conhecido o alto rio Verde, e que a grande estrada para Minas passava bem perto das futuras *Minas do Rio Verde*.

E interessante coincidência, como salienta o dr. Pandiá Calogeras, a desta velha estrada com a actual Estrada de Ferro Minas e Rio.⁵

Os trilhos da linha ferrea passam pela mesma garganta do Embahú, e seguem o mesmo caminho *velho*, até Pouso Alto.

A engenharia moderna nada teve a acrescentar á obra dos selvicolas!

1 *Descobrimento e devassamento do territorio de Minas Geraes, na Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno VII, pag. 577.

2 Francisco Lobo, *loc. cit.*

3 *Cultura e Opulencia do Brazil*, 2.^a edição, 1837.

4 Diogo de Vasconcellos, *op. cit.*, pag. 35.

5 *Minas do Brazil e sua legislação*, vol. I, pag. 43.

Relativamente ao alto Sapucahi, segundo o dr. Diogo Vasconcellos, elle foi conhecido pela expedição promovida, em 1601, por d. Francisco de Sousa, e da qual fazia parte o hollandez Glimmer.¹

Certo, pensa diversamente o dr. Orville Derby, para quem o caminho desta expedição foi pela garganta do Embahú e, depois, pelo rio Verde, até certa altura, seguindo, afinal, para o Rio Grande.²

E desta opinião é, também, o sr. Capistrano de Abreu.³

Mas, alguns annos depois da morte de d. Francisco de Sousa, diz ainda o dr. Diogo de Vasconcellos, Diogo Gonçalves Lago e Francisco Proença, moço fidalgo da camara do infante d. Luiz de Sousa, tomando o rumo de Araraquara e Mugi, vieram alcançar o leito do Sapucahi, por onde subiram, perlrstraram o rio Grande e voltaram ao Embahú.⁴

Como quer que seja, porém, é positivamente certo que, pelos annos de 1692 e 1693, se achava perfeitamente conhecida a existencia de ouro no alto Sapucahi e no alto rio Verde.⁵

A esta descoberta se refere Bento Corrêa, na informação que prestou ao governador geral do Brasil, d. João de Lencastro, em data de 20 de Julho de 1693.

O roteiro, de que falla Bento Corrêa, existe na Bibliotheca

1 *Op. cit.*, pag. 21.

2 *Roteiro de uma das Primeiras Bandeiras Paulistas*, na *Revista do Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV, pag. 329.

3 *Descobrimto do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI*, pag. 84.

4 *Op. cit.*, pag. 22.

5 Antonio Olyntho, no seu trabalho sobre a *Mineração, Riquezas Minerases*, no *Livro do Centenario*, vol. III, pag. 46.

— É também tradição corrente em Baependi, que, em 1692, Antonio Delgado da Veiga, seu filho João da Veiga e Manuel Garcia souberam da existencia de ouro naquella região, e alli estiveram, vindos de Taubaté. Vide *Almanack Sul-Mineiro*, de 1874, pag. 395.

Nacional, e foi publicado pelo dr. Orville Derby no seu trabalho sobre *Os primeiros descobrimentos do ouro em Minas Geraes*.¹

As minas foram descobertas por uma expedição chefiada pelo afamado sertanista padre João de Faria Fialho, que mais tarde deu o seu nome a um bairro de Villa Rica.

No roteiro se fazem referencias a minas existentes no alto Sapucahi, bem como nos morros e rios proximos de Baependi, já conhecidas estas, anteriormente, por Bartholomeu da Cunha.

Orville Derby explica que a descoberta destas minas tenha passado despercebida, « por ser o ouro « de lavagem » e não em quantidade sufficientemente deslumbrante, para fazer desaparecer o antigo preconceito contra esta qualidade de minas, em confronto com as minas de prata, com que se desejava collocar a colonia portugueza a par das de Hespanha ».²

De facto, eram pobres as jazidas do Sul de Minas, onde, apenas, vieram a sobresair, por sua importancia, as *Minas do Rio Verde*, principalmente na parte situada entre a actual cidade da Campanha e a de S. Gonçalo do Sapucahi.

Deviam ter sido conhecidas, nessa epocha, as *Minas do Rio Verde*.

Mas o ouro daquella zona não inspirava confiança.

E, por outro lado, surgiu breve esta Potosi, que era Villa Rica, onde « rios de ouro saham das fraldas da montanha, perfurada como um favo de abelhas pelos mineiros paulistas, correndo pelas ruas da opulenta cidade sob a forma de um luxu desvaído, de que dão, ainda hoje, testemunho os antigos palacios e as igrejas dessa epocha »!³

O caminho *velho* coalhava-se de *entradas*!

¹ Vide *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, vol. IV, pag. 268.

² *Op. cit.*, pag. 87.

³ Oliveira Martins, *O Brasil e Colonias*.

Era a onda humana crescendo para Villa Rica!

As *Minas do Rio Verde* ficavam á margem.

Poucos, a principio, desgarravam para alli.

Mas, logo no começo do século XVIII, ellas tinham, certamente, um nucleo regular de população, exquecido na margem do caminho *velho*, enquanto na opulenta Villa Rica se atropelavam os aventureiros de toda a parte!

E este nucleo crescia silencioso, ao passo que a exploração ia desvendando as riquezas das *Minas do Rio Verde*!

As entradas começavam a se fazer, tanto pelo rio Verde como pelo rio Sapucahi.¹

E a vizinhança do Sapucahi muito facilitava a exploração clandestina, em que viviam aquelles mineiros.

O ouro saía por alto, para Santos.

Por outro lado, abria-se o caminho *novo*, de Minas para o Rio de Janeiro.

O caminho *velho* se fez deserto; crescia o matagal!

E mais occultas ficavam as *Minas do Rio Verde*!

Assim, só em 1737 o governo da capitania as podia conhecer, por intermedio do ouvidor Cypriano.

E o populoso arraial, a que este deu o seu nome, é o mais antigo do Sul de Minas,² e, quicá, um dos mais antigos da capitania!

Pouso Alto, Baependi, etc., por aquella epocha, não constituíam povoados; eram, apenas, sitios do caminho *velho*.

1 O proprio ouvidor Cypriano declarou, em seu officio, ter sabido, no Sapucahi, que com tres dias de navegação, rio acima, se communicavam as minas do Itajubá.

E' o Itajubá *velho*, actual Soledade de Itajubá, situada nas fraldas da Mantiqueira.

2 Denominamos Sul de Minas a zona limitada pelo rio Grande.

II

E, breve, o arraial de S. Cypriano estava erecto em freguezia de Sancto Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde.¹

A Campanha do Rio Verde era tambem a primeira freguezia do Sul de Minas.

E espalha-se a fama de sua riqueza!

O govêrno de S. Paulo tenta apossar-se da freguezia, nomeando para superintendente das minas a Bartholomeu Corrêa Bueno.

A camara de S. João d'El-Rei, porém, fazendo-se acompanhar de gente armada, corre para alli e expulsa o usurpador, em 1743, lavrando um auto de ratificação de posse.

A Campanha estava em fôco.

E só a necessidade da defesa daquella zona contra as pretensões de S. Paulo explica que, em 1746, se creasse para além, no modesto povoado de Sanct'Anna de Sapucahi, e não na Campanha, o primeiro julgado do Sul de Minas.

E' mais tarde, em 1785, que ella vai ter a honra de um julgado.

E familias distinctas de S. Paulo e de S. João d'El-Rei começam-se a transferir para a Campanha do Rio Verde.

É, porém, Alvarenga Peixoto o hospede mais illustre que ella vae receber.

E, com elle, a sua exemplar esposa, Barbara Heliodora — a heroína da Inconfidência!

E, com elle, a sua graciosa filha, Maria Iphigenia — a *Princesa do Brasil!*

1 Uma provisão de dom frei João da Cruz, bispo do Rio de Janeiro, de 21 de Setembro de 1742, já se refere á existência da freguezia. Vide *Atmanact da Campanha*, pag. 20.

Não foi propriamente no districto da actual cidade da Campanha, que Alvarenga Peixoto se localizou, mas um pouco adiante, no districto, hoje, da cidade de S. Gonçalo do Sapucaí.

Entretanto, por aquella epocha, não existia a freguezia de S. Gonçalo; pois esta se creou pela resolução de 23 de Julho de 1819.

As minas que Alvarenga Peixoto adquiriu pertenciam, então, á Campanha do Rio Verde.

Alvarenga Peixoto era uma das grandes figuras da Inconfidência!

Ainda joven, improvisava bellos sonetos, rivalizando com Basilio da Gama.

Academico em Coimbra, tanto sobressai que, logo após á sua formatura, é nomeado juiz de fóra em Cintra, onde serve por tres annos.

Mas, não o seduzem as posições na metropole.

Anceia pela Patria!

É para aqui que elle guarda os primores de seu estro!

Volta ao Brasil em 1776, como ouvidor da comarca do Rio das Mortes, cuja séde era S. João d'El-Rei.

E S. João ia ter uma influencia decisiva em seus destinos.

Ahi, Alvarenga Peixoto apurou a sua alma de patriota que o fez o poeta do *Canto Genethliaco*, o poeta das *Cartas Chilenas* e, mais tarde, o Conjurado!

Echoava ainda, pela margem do rio das Mortes, o fragor deste combate de 1708, entre Paulistas e *emboabas* — cruenta affirmacão do sentimento da nossa nacionalidade!

Ahi, elle integralizou a sua vida, neste feliz consorcio com

« Barbara bella,
« Do norte estrella,
« Que o meu destino
« Sabes guiar, »

Barbara Heliadora, a esposa de Alvarenga Peixoto, era filha do dr. José da Silveira e Sousa e de d. Maria Bueno, pertencente a uma das mais illustres familias de S. Paulo.

Recebera educação primorosa, e na distincção de seu tracto revelava a nobreza de sua origem.

Todos os encantos da intelligencia, da belleza, da graça e da virtude se encontravam nesta mulher extraordinaria!

E, para que melhor pudesse comprehender a seu esposo, o culto das musas lhe era tão familiar, como a elle proprio!

Alvarenga Peixoto renuncia á carreira da magistratura, dispensa-lhe as dignidades e as honras!

Bastava-lhe a felicidade de seu lar; o mais feliz da capitania!

É para elle, enriquecido agora com a encantadora Maria Iphigenia, que Alvarenga Peixoto vai viver.

Quer a opulencia na sua casa!

E procura a Campanha do Rio Verde.

Espirito emprehendedor, adquire alli terras mineraes e realiza importantes trabalhos hydraulicos, na exploração das jazidas.

E estes trabalhos aproveitam á collectividade, desencavando as melhores minas e lavras de varios possuidores, as quaes comprehendiam para mais de quatro mil datas mineraes, até então abandonadas pela falta de expedição de aguas.¹

Em attenção aos seus serviços, o governador da capitania, d. Rodrigo de Menezes, o nomeia coronel de milicias da Campanha.

E o trabalho leva, breve, a prosperidade á casa de Alvarenga Peixoto.²

Feliz vida, a daquella familia!

Barbara Heliadora deixa as musas, absorve-se toda nos seus deveres de esposa e de mãe!

1 Joaquim Norberto, *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 182.

2 Além da importante fazenda dos Pinheiros, pertenciam-lhe as terras e aguas mineraes da Boa Vista, Sancta Rufina, Espigões, S. Gonçalo Velho, Castro, Campo do Fogo, Aterrado, Ouro Falsa, Santa Luzia e muitas outras, como consta do sequestro de seus bens. Vide *Brazilia, Obras Posthas de Alvarenga Peixoto*, por Joaquim Norberto, nota 76, pag. 111.

« Nenhuma nuvem toldava a felicidade dessa família, apontada como modelo de virtudes. Seus dias decorriam entre as doçuras da opulência, as práticas da caridade e os attractivos de uma sociedade de escol. » ¹

E todos os desvelos do casal se voltam para Maria Iphigenia.

Não houve sacrificio que Barbara Heliodora não empregasse para a educação desta seductora criança!

A peso de ouro, logrou que viessem se estabelecer em S. João d'El-Rei os melhores professores da capitania!

Maria Iphigenia recebe uma educação completa; aperfeiçoa-se no idioma patrio, como nos idiomas estrangeiros; e tem um curso esmerado de bellas artes. ²

E que melhores professores podia ella ter do que seus proprios paes?

Ao completar sette annos, recebe de Alvarenga Peixoto os bellos conselhos deste soneto :

« Amada filha, ó já chegado o dia,
« Em que a luz da razão, qual tocha accesa,
« Vem conduzir a simples natureza.
« E' hoje que o teu mundo principia.

« A mão que te gerou, teus passos guia,
« Despreza offertas de uma vã belleza,
« E sacrifica as honras e a riqueza
« Às santas leis do Filho de Maria.

« Estampa na tu'alma a caridade.
« Que amar a Deus, amar os semelhantes,
« São eternos preceitos da verdade.

« Tudo mais são idéas delirantes :
« Procura ser feliz na eternidade,
« Que o mundo são brevissimos instantes. »

¹ Americo Werneck, *A Heroína da Inconfidência*, pag. 8.

² Joaquim Norberto, *Brasileiras Celebres*, pag. 155.

Á maneira, porém, que Barbara Heliadora « se extremava pela educação de sua filha, crescia-lhe o amor maternal, excedia-se a afeição, exagerava os seus carinhos ».

« Já não amava, adorava-a; e exigia dos mestres não só toda a paciência, como deferencia por aquella que, dizia ella, devia ser tractada como princeza. » ¹

E, de facto, por *Princeza do Brasil* era tractada, na capitania, a formosa menina, antonomasia pueril, que se tornando popular, passou á posteridade quasi como um delicto ! ²

Ao que parece, ao principio, não era permanente a estada de Alvarenga Peixoto na Campanha do Rio Verde, residindo elle, ora em S. João, ora alli.

E quando na Campanha, installava-se luxuosamente na sua fazenda dos Pinheiros.

E' bem viva, ainda, a tradição local sobre a familia Alvarenga Peixoto.

Americo Werneck apanhou-a em seu opusculo — *A Heroína da Inconfidencia*.

Era principesco o seu tractamento.

Mas, tão captivante e generosa esta familia, que a sympathia popular acompanhava a sua felicidade.

Aos domingos, d. Barbara e a filha vinham á missa parochial, em S. Gonçalo, « mettidas em dourado palanquim, e seguidas de numeroso cortejo, faziam a sua entrada triumphal no povoado, e apeando em frente á igreja, penetravam no recinto

1 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186, e, tambem, *História da Conjuração Mineira*, pag. 182.

— No depoimento do professor de Musica, Xavier Vieira, tanto na *Declaracao* de Minas, como na do Rio de Janeiro, diz elle que d. Barbara lho recommendava que tractasse sua filha como princeza.

— E a testemunha José Joaquim de Oliveira diz que ouviu dizer « que d. Barbara dizia que sua filha devia ser tractada como princeza do Brasil, e era tão soberba que acrescentava que, si o paiz viesse e ser governado por nacionaes, sem sujeição a Europa, só á sua filha, pela sua antiguidade e nobreza, pertencia o governo, por ser ella de uma das mais antigas e primeiras familias paulistanas ».

2 Joaquim Norberto, *História da Conjuração Mineira*, pag. 182.

sagrado, passando por sobre os tapetes, que os famulos, á sua chegada, extendiam como de costume, á entrada da nave». ¹

Mas, a prosperidade de sua casa, os encantos de sua familia não fazem esquecer, em Alvarenga Peixoto, a sua alma de patriota!

Como bem accentúa Silvio Romero, elle tem duas notas principaes como poeta, o doce sentimento da familia e a grande intuição da independencia nacional. ²

Esta se accentuou decisiva no *Canto Genethliaco*.

Nascera no Brasil um filho de d. Rodrigo de Menezes, governador da capitania.

E, pelo seu baptizado, Alvarenga Peixoto improvisa a mais bella de suas composições, elevando-se em majestoso vôo ás altas regiões da poesia epica, em admiraveis oitavas. ³

E' um canto patriotico!

E' a revolução occulta na poesia!

Alvarenga Peixoto dirige-se mais á patria do que a seu *heróe*.

Descreve a riqueza do Brasil:

«Aquellas serras, na apparencia feias,
«Dirás por certo — Oh! quanto são formosas!
«Ellas conservam nas occultas veias
«A força das potencias majestosas:
«Têm as ricas entranhas todas cheias
«De prata, ouro e pedras preciosas;
«Aquellas brutas, escavadas serras
«Fazem as pazes, dão calôr ás guerras.»

¹ Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 9.

² *Litteratura Brasileira*, vol. I, pag. 377.

³ *Brasília, Obras Poéticas de Alvarenga Peixoto*, por Joaquim Norberto, pag. 35.

Das florestas do Brasil se fazem as esquadras que cruzam os mares, se fazem os ricos palacios e os pomposos templos de Lisboa :

« Aquelles morros negros e fechados,
« Que occupam quasi a região dos ares,
« São os que em edificios respeitados
« Repartem raios pelos crespos mares.
« Os corinthios palacios levantados,
« Os doricos templos, jonicos altares,
« São obras feitas desses lenhos duros,
« Filhos desses sertões feios e escuros. »

E conclue pedindo ao céu lhe permittisse vêr o filho do heróe governando o Brasil.

Entretanto Alvarenga Peixoto não se preoccupa só com a libertação da patria, mas, ainda, com a libertação dos captivos !

Canta tambem o valor destes homens fortes :

« Esses homens de varios accidentes,
« *Pardos, pretos, tintos e tostados*,
« São os escravos duros e valentes,
« Aos penosos serviços costumados :
« Elles mudam aos rios as correntes,
« Rasgam serras, tendo sempre armados
« De pesada alavanca e duro malho
« Os fortes braços feitos ao trabalho. »

Alvarenga Peixoto compõe, ainda, as *Cartas Chilenas*.¹

Estas *Cartas*, como diz Silvio Romero, formam o *Libello do Povo* daquella epocha !

1 Certo, alguns as attribuem a Claudio, outros a Gonzaga; temos, porém, por irrespondiveis os argumentos com que Silvio Romero justifica a auctoridade de Alvarenga Peixoto. Vide *Litteratura Brasileira*, vol. 1, pag. 297 e segs.

A satyra castiga, com vigor, o govêrno desastrado de Cunha Menezes, o *Fanfarrão Mineiro*.

Agora, Alvarenga Peixoto é o Conjurado.

A independência dos Estados Unidos vem repercutir na capitania, animando a idéa de um levante.

E, por outro lado, as minas começavam a se exaurir.

« Os mineiros deviam septe annos de serviço de cem arrobas, em que o *Quinto* fôra transformado, e as minas improductivas não davam para pagar o sustento dos mineiros, que se arruinavam: quanto mais para enviar 700 arrobas de ouro para Portugal, essa metropole madrastra, a quem nada saciava, nem os impostos nem os monopollos — entre os quaes o do sal vexava a todos! »

E' um historiador portuguez quem assim se pronuncia: Oliveira Martins. ¹

A *derrama* estava imminente!

Forma-se a Conjuração.

Alvarenga Peixoto era, naquelle momento, a sua principal figura.

Toma parte activa nos conciliabulos, que se realizam em Villa-Rica, do Natal de 1788 a Reis de 1789.

Certo, avultava ali a figura de Tiradentes, em quem, como diz Americo Werneck, a idéa da Independência, que Maciel lhe havia inspirado, fôra como a scentelha na pólvora. ²

Certo, ali se achavam homens da inspiração e do saber de Claudio e Gonzaga.

Mas Alvarenga Peixoto a todos sobrelevava.

Tiradentes era a dedicação allucinada e, por isto mesmo, inconveniente, levando a Conjuração ao mallogro! ³

¹ *O Brasil e Colonias*, pag. 104.

² *A Heroína da Inconfidência*, pag. 7.

³ Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 13.

Montado no seu *rosilho*,¹ de Villa-Rica para o Rio, elle vi-nha pela estrada fóra imprudentemente, a apregoar a revolução!

Apostolava por toda a parte, sem cuidados nem cautelas.

Da sua imprudencia se queixavam os proprios conjurados!²

E a tal ponto esta chegou que, a todo o momento, elle ouvia observações de que estava louco!³

Além disso, era inculto, sem o menor conhecimento dos grandes problemas que estavam em causa, com o exito da Independencia.

E só levava, para o movimento, a sua contribuição pessoal.

Claudio e Gonzaga eram... *poetas*.

Alvarenga Peixoto era, tambem, um poeta.

Mas, nelle, como salienta Silvio Romero, a poesia é um acto de força e de seriedade.⁴

Não era um pedante!

Era um industrial que, nas suas lavras, « tinha as expansões do trabalho em lucta aberta contra a natureza ».

Um luctador, e a sua poesia, militante!

Antes que jovens Brasileiros trouxessem da Europa a idéa da nossa libertação politica, elle a levantara, em 1783, pelo menos, no seu *Canto Genethliaco*.⁵

Este canto echoou na capitania, como um verdadeiro grito de Independencia!

Alvarenga Peixoto ainda o repetia, nos conciliabulos de Villa-Rica, com grande arrebatamento da assistencia, inclusive Tiradentes.

E a lembrança de que elle o improvisara em um baptizado, deu a senha para a Revolução: *Tal dia, faça o baptizado*.

A liberdade dos escravos — *estes braços fortes feitos ao tra-*

1 O *rosilho* em que elle fez esta viagem figurou no sequestro, e foi arrematado por 100000. Joaquim Norberto: *Historia da Conjuração Mineira*, pag. 78.

2 *Op. cit.*, pag. 171.

3 *Loc. cit.* e interrogatorio de Vieira da Motta, na *Decassa*.

4 *Litteratura Brasileira*, vol. 1, pag. 293.

5 D. Rodrigo de Meneses governou a capitania de 1780 a 83.

balho — figura, da mesma fôrma, naquella canto, sendo assim Alvarenga Peixoto o verdadeiro precursor da abolição no Brasil!

Foi ainda elle quem se bateu pela abolição nos conciliabulos de Villa-Rica, contra a opinião de Maciel.

E este acto é tanto mais saliente, quanto Alvarenga Peixoto possuia para mais de duzentos escravos, nas suas lavras, tendo assim, muito a perder com a abolição.

Foi elle, ainda, quem deu a legenda para a bandeira, tirada do versiculo de Virgilio: *Libertas quæ sera tamen*.

E era quem maior contingente offercia para o levante: de 400 a 600 homens da Campanha do Rio Verde.

Collaborou nas leis que Claudio e Gonzaga teriam preparado.¹

Outra nota saliente de Alvarenga Peixoto: o seu estado.

Os conjurados eram quasi todos solteirões.

Alvarenga Peixoto era casado; tinha o culto acendrado da familia.

Era o legitimo representante da familia mineira, na obra da Independencia; e, por certo, da mais illustre, elle o esposo de Barbara Heliodora.

Mas, um facto inesperado vem enfraquecer o movimento!

O visconde de Barbacena, governador da capitania, suspende a *derrama*.

Abate-se o animo dos conjurados!

Com razão dizia Gonzaga: «A occasião para o levante perdeu-se!»

Retira-se Alvarenga Peixoto para S. João d'El-Rei e, a caminho, sabe pelo tenente-coronel Francisco de Paula que o visconde de Barbacena estava informado do movimento!

E' a 5 de Abril, domingo da Paixão, que elle chega a sua casa.

¹ Joaquim Norberto, *História da Conjuração Mineira*, pag. 68.

E tristes, como os dias desta semana, começaram a ser os daquela casa !

A suspensão da *derrama* e a noticia, que lhe dera o tenente-coronel Francisco de Paula traziam-no sobresaltado.

Não passaram muitos dias, e o coronel Oliveira Lopes o procurou, para lhe transmitir a horrivel nova de que Joaquim Silveiro, com toda a vileza, havia denunciado a Conjuração.

Estava tudo perdido !

Alvarenga Peixoto sente-se desfallecer !

A sua figura vai-se diminuir no scenario da Conjuração.

E entra agora uma nova personagem :

Barbara Hellodora, a heroína da Inconfidencia !

Andou exquecido este momento da Conjuração, do qual já fallava, entretanto, frei Raimundo de Pennaforte. ¹

Delle não tracta o visconde de Porto Seguro.

A Conjuração Mineira é, de facto, assumpto mal estudado entre nós.

Certos historiadores do Imperio a tractavam com as reservas dictadas pelo seu aulicismo.

E, para os historiadores republicanos, bastou Tiradentes !

Queriam a figura dum martyr, como bandeira de propaganda ; não era preciso mais.

E a verdade historica é que vinha sendo deixada á margem por uns e por outros.

Joaquim Norberto foi o primeiro a destacar a figura de Barbara Hellodora. ²

E Americo Werneck escreveu a pagina definitiva sobre o assumpto, no seu bellissimo trabalho *A Heroína da Inconfidencia* !

1 *Ultimos Momentos dos Inconfidentes*, n. 31.

2 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 186.

Conhecia Alvarenga Peixoto, como ex-magistrado, a natureza do supplicio imposto aos réus de lesa-majestade.

E viu bem a extensão de sua desgraça; a separação eterna da esposa, da filha, a ruína de sua casa e a sentença de infâmia pairando sobre a cabeça de Maria Iphigenia!

Era de mais!

Desespera! E, louco, premedita medonha traição, que o devia salvar!

Denunciaria também a Conjuração!

« A sua resolução estava tomada. Entretanto, como si o remorso já lhe atormentasse previamente a consciencia, encerra-se o infeliz no mysterio do seu tenebroso projecto, a olhar com profunda tristeza para tudo que o cercava ».¹

É neste estado que sua esposa o vai encontrar, ella que bem suspeitava a grande tempestade que lhe passava pela alma!²

— Que tens, Alvarenga?

Elle vacilla a principio.

Mas, confiando na ternura de sua adoravel esposa, vasa-lhe a alma, conta-lhe tudo: a catastrophe, que estava imminente, e a salvação unica — a denúncia!

E a pallidez da morte, como diz Joaquim Norberto, tinge neste momento a face de Barbara Hellodora!

— Que é isto, Alvarenga? — orgulhosa exclama, a fulmina-lo com um olhar de fogo!³ Que horror! Tu, delator! A denúncia, nunca! Caíam sobre nós os castigos todos deste crime, de haveres trabalhado pela liberdade da nossa patria; arruine-se a nossa casa; tire-se a nossa vida! Mas, não compromettas teus amigos, que contigo se bateram por tão sancta causa! Sé homem! Affronta a tyrannia. Si é preciso, segue com os teus companheiros para o martyrio!

E ajoelha-se supplicante.

— Por Deus, Alvarenga, poupa á tua familia a nodoa da delação!

1 Americo Werneck, *A Heroína da Inconfidência*, pag. 11.

2 Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 126.

3 Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 13.

— Perdão, diz Alvarenga.

E beija as mãos de sua esposa, como as do anjo da guarda.

Dias após, chegava a S. João d'El-Rei o official encarregado de effectuar a prisão de Alvarenga Peixoto.

Passeava este pelas ruas da villa, quando d'elle se approxima uma ordenança, convidando-o a ir á presença d'aquelle official.

E Alvarenga Peixoto não poudo voltar á casa.

Nunca mais viu a familia.

Estava preso, algemado, e coberto de ferros !

Neste estado é conduzido para o Rio de Janeiro !

Chagou-se-lhe o corpo ! ¹

E no Rio, o esperavam as masmorras da ilha das Cobras !

E começou para Barbara Hellodora o seu martyrologio !

A villa de S. João d'El-Rei tinha agora, para ella, um aspecto sinistro.

Por toda parte, via a figura do beleguim, que acorrentara o esposo : por toda a parte ouvia o tinir dos ferros, que o haviam de chagar.

Pede, implora aos seus parentes, que a levem para a Campanha do Rio Verde. ²

Socêgo, não o teria mais na sua vida !

Entretanto, lá estaria mais distante dos beleguims de S. Magestade.

Lá, era mais viva a tradição das *bandeiras*, a alma nacional menos contaminada do servillismo dos *emboabas* !

Lá, estava a gente simples, mas valente, com que Alvarenga Peixoto contava derrocar a tyrannia, libertar a Patria !

Era lá, que ella queria concentrar-se no seu lucto, verter as suas lagrimas.

¹ Joaquim Norberto, *Op. cit.*, pag. 47, com fundamento no interrogatorio do padre Rollim.

² É a tradição que alcancei na Campanha.

E a Campanha do Rio Verde presenciou, enternecida, os seus sobressaltos!

Mal havia chegado, e apresenta-se em sua casa o ouvidor do Rio das Mortes, para effectuar o sequestro.

E ella vê sair toda aquella fortuna, que o trabalho havia accumulado!

Entrega desdenhosa as baixellas; despoja-se das joias!

O seu olhar estava fito na ilha das Cobras, onde, por sua vez, Alvarenga Peixoto procurava, em vão, atravez das paredes do carcere, divisar a Campanha do Rio Verde!

Para lá dirigia o poeta estes versos:

« Barbara bella,
« Do Norte estrella,
« Que o meu destino
« Sabes guiar.
« De ti ausente,
« Triste sómente,
« As horas passo
« A suspirar.

« Por entre as penhas,
« De incultas brenhas
« Cança-me a vista
« De te buscar;
« Porém não vejo
« Mais que o desejo,
« Sem esperança
« De te encontrar.

« Eu bem queria,
« A noite, o dia,
« Sempre contigo
« Poder passar;
« Mas orgulhosa,
« Sorte invejosa,
« Desta fortuna
« Me quer privar.

« Tu entre os braços
« Ternos abraços
« Da filha amada
« Pódes gosar :
« Priva-me a estrella,
« De ti e della.
« Busca dous modos
« De me matar. »

Tres annos levaram as justças de Maria I a suppliciar os conjurados, com um processo interminavel !

E Barbara Heliodora supportava o seu martyrio, apenas alliviada pelos versos, que o esposo lhe dirigia !

Veiu, afinal, a sentença !

Alvarenga Peixoto é condemnado ao patibulo !

Mas, não o impressiona a morte ; o que elle sente é a — Saudade !

Logo após a leitura da sentença, compõe este soneto na cadeia publica, actual Camara dos Deputados :

« Não me afflige do potro a viva quina ;
« Da ferrea maça o golpe não me offende ;
« Sobre as channas a mão se não estende ;
« Não soffro do agrilhe a ponta fina.

« Grilhão pesado aos pés não me domina ;
« Cruel arrocho a testa não me prende ;
« Á força a perna ou o braço se não rende ;
« Longa cadeia o collo não me inclina.

« Agua e pomo, faminto não procuro ;
« Grossa pedra não cança a humanidade ;
« O passaro voraz eu não aturo.

« Estes males não sinto ; é bem verdade ;
« Porém, sinto outro mal inda mais duro,
« Sinto da esposa e filhos — a Saudade ! »

Supporta ainda Barbara Heliodora, com coragem, esta sentença!

Dentro em pouco, a pena é commutada em degredo para a Africa.

E, no dia 23 de Maio de 1792, Alvarenga Peixoto, da pópa do *Princeza Imperial*, via sumir-se-lhe, para sempre, a Patria!

Mas, a sentença declarava infame a sua prole!

E Barbara Heliodora, que tinha em tão alto grau o sentimento de honra, succumbia!

« A desordem invadiu-lhe os sentidos, apagou-se-lhe a intelligencia brilhante, e a intrepida matrona submergiu no chaos da loucura! »

Teve uma loucura pacifica: sorria e cantava em voz baixa, e como si lhe ficasse uma impressão fugitiva do mallogrado levante e suas causas, simulava distribuir ouro em pó pelas pessoas que della se approximavam, accompanhando o gesto com palavras de uma ironia inconsciente sobre a ambição mesquinha dos despotas. » ¹

De vez em quando, recitava com tristeza a poesia, que seu marido lhe enviara.

Assim desapareceu!

E, antes della, vexada pela sentença de infamia, Maria Iphigenia, a *Princeza do Brasil*, tambem havia desaparecido!

E é tempo de confrontar, como faz Americo Werneck, a figura de Barbara Heliodora, com a figura de Tiradentes.

Tiradentes é um vulto heroico no seu martyrio!

Chama a si toda a culpa do crime!

E sóbe destemido ao patibulo!

Mas, era um homem, a quem a carreira das armas, certo, havia preparado para esses soffrimentos!

Além disto, vinha perseguido pelo infortunio em todas as tentativas da sua vida!

¹ Americo Werneck, *Op. cit.*, pag. 17.

Tudo lhe falhara !

Barbara Heliodora houve que vencer a debilidade de seu sexo !

E a felicidade a acompanhara em toda a sua vida !

Filha, esposa e mãe, ninguém era mais feliz na Capitania !

E vivia na opulencia, cercada de riqueza !

Tudo isto sacrificava pela causa da Patria, pelo nome de sua familia e pelo seu proprio.

O supplicio de Tiradentes foi rapido.

O della, demorado ; foi esta lenta agonia que, compungida, presenciou a Campanha do Rio Verde !

A luz que a Campanha do Rio Verde projecta sobre a Conjuracão ainda é mais brilhante, pois, do que a que irradia do Campo da Lampadosa !

III

Sepultam-se, na Campanha do Rio Verde, a heroína da Inconfidencia e a *Princesa do Brasil*.

Mas, parecia escripto que o nome de Princeza estaria sempre ligado aos fastos da Campanha.

Fôra tambem no *Princesa Imperial* que Alvarenga Pêixoto havia seguido para o desterro.

E é sob os auspícios da princeza da Beira, que a Campanha vai ser erigida em villa.

Tristeza das cousas humanas :

Mal se extinguia a heroína da Inconfidencia, a victima de Maria I, e os habitantes da Campanha haviam de supplicar da rainha a mercê de villa !

E esta mercê seria concedida, dando-se á villa o nome de

Princeza da Beira, como para sobrepô-lo ao da infortunada *Princeza do Brasil*!

Foi em 1795 que a súplica daquelles habitantes chegou á rainha.

Queriam a criação da villa, correndo os seus limites pelo rio Capivari.

E allegavam que a população da Campanha, fóra o seu termo, já excedia, naquelle momento, a oito mil pessoas.¹

Informaram, a respeito, a Camara e o ouvidor de S. João d'El-Rei, em Abril de 1798.²

A Camara é severa para com a pretensão da Campanha.

Chega a julga-la audaciosa!

Além disto, pondera que o termo, que se tem em vista, comprehende tres julgados, além do proprio julgado da Campanha: o de Itajubá, o de Cabo Verde e o de Jacuhi.

Comprehende dez freguezias: Lavras do Funil, Baependi, Pouso Alto, Sant'Anna de Sapucahi, Camandocaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuhi.

« Assim », dizia ella, « depauperam esta Camara e lhe tiram toda renda ».

Allegava, ainda, as despesas que havia feito no pretendido termo:

Em 1743, 264 oitavas de ouro, quando fazendo-se acompanhar de gente armada, expulso da Campanha a Bartholomeu Bueno; em 1746, 792, com o estabelecimento do julgado do Sapucahi, e para ausentar a jurisdição que S. Paulo tinha conferido a Francisco Lustosa; 500, para a destruição do Quilombo do Campo Grande, quando se descobriu Jacuhi; em 1759, 400 para a destruição do Quilombo do Ambrosio, na expedição confiada a Bartholomeu Bueno do Prado.

Mais justo foi o ouvidor.

Era legitima a pretensão da Campanha, de se erigir em villa. Mas, pelos limites de seu proprio julgado.

¹ Vide a petição transcripta na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, anno de 1806, pag. 450.

² *Op. cit.*, pagina 461 e segs.

Seria muito precaria a situação da Camara de S. João, creada a villa, com os limites que a Campanha pretendia.

Apezar disto, porém, pelo alvará de 20 de Outubro desse mesmo anno de 1798, Maria I ha por bem crear a villa, com a denominação de Campanha da Princeza.¹

E assim procedeu porque a Campanha, « pelo crescido numero de seus habitantes e de outros mais Lugares que povoam a vasta extensão do seu Districto, se tem feito tão consideravel, que hé uma das Povoações mais importantes da Capitania de Minas Geraes ».

A carta regia de 12 de Maio de 1799 nomeou, por sua vez, juiz de fóra, para installar a villa, o dr. José Joaquim Carneiro de Miranda e Costa.

O termo seria demarcado com approvação do governador, sujeita esta á confirmação regia.

E a demarcação se faria de tal arte que, para a villa da Campanha, ficassem os logares que lhe estivessem mais proximos do que da villa de S. João.²

A 26 de Dezembro, installou-se a villa.

Conhecia a Camara da Campanha a má vontade com que a Camara de S. João d'El-Rei recebera a criação da villa.

E, em represalia, prepara-lhe tremendo golpe!

Em auto de vereança de 10 de Janeiro de 1800, providenciando sobre a criação de uma consignação voluntaria, para o serviço de obras publicas, lembrou-se de destinar a terça parte da consignação para os *alfinetes* da princeza da Beira!³

1 O alvará publicado na *Revista* cit., pag. 409.

2 Carta regia, na mesma *Revista*, pag. 408.

3 Este auto, na *Revista*, pag. 478.

Homenagens como esta, costumavam os príncipes receber das villas de Portugal.

No Brasil, a Campanha teria a primazia!

E certa do éxito que o golpe ia ter, passou a Camara da Campanha a demarcar o seu termo com o maior desassombro.¹

O limite já não seria, como se pensou a principio, pelo rio Capivari, mas por todo o Rio Grande!

E, no respectivo auto, se dizia abertamente, que assim convinha aos interesses da princeza, para maior e mais segura arrecadação da consignação voluntaria!

Era a morte, quasi, de S. João d'El-Rei; era a villa da Campanha constituida com o territorio de uma capitania!

Protestou, energicamente, a Camara de S. João!

Mas, em pura perda!

Maior poder tinham os *alfinetes* da princeza!

O governador da Capitania, conde de Sarzedas, por muito favor, altera a demarcação no sentido de excluir a freguezia de Lavras do Funil.

Mas, nem esta freguezia havia de pertencer a S. João d'El-Rei!

A Camara da Campanha queixa-se ao príncipe regente, e não tardou que recebesse a seguinte carta:

« Levei á Real presença do Príncipe Regente Nosso Senhor a representação que Vossas Mercês fizeram com data de 7 de Junho do anno proximo passado. E o mesmo Senhor tendo presente o generoso offercimento que essa Camara fez da Terça parte de suas rendas, para o cofre de Sua Alteza Real o Príncipe Nosso Senhor, mercoceram Vossas Mercês, por este motivo, huma justa e particular contemplação da parte do Príncipe Regente. Foi Sua Alteza Real servido ordenar ao Governador Cap. General dessa Capitania, por Aviso de 3 de Fevereiro proximo passado, que suspendesse toda a divisão do territorio de que Vossas Mercês se queixão, e que puzesse logo tudo no seu anterior estado. Deus Guardé a Vossas Mercês. Palacio de Queluz, sete de

1 O auto da demarcação, na *Revista*, pag. 455.

Fevereiro de mil oitocentos e um. — *Dom Rodrigo de Souza Coutinho.* » ¹

Em Mafra, em 6 de Novembro de 1800, o príncipe regente havia assignado a carta régia, approvando e agradecendo a consignação que a Camara da Campanha estabueira para os *alfinetes* da princeza.

Esta carta é aberta em sessão da Camara, com as maiores formalidades.

Achando-se os officiaes em auto de vereança, pelo juiz de fóra foi apresentada uma « carta feixada do Conselheiro de Estado dom Rodrigo de Souza Coutinho, aberta a qual se achava dentro outra em feixo de Carta Régia, que era um vinculo de uma tira de papel passado pelo meio, e prendidas as pontas debaixo dos sellos das Armas Reaes com o subscripto seguinte — Pelo Príncipe Regente — Ao Juiz, Vereadores e Procurador da Camara da Villa da Campanha da Princeza; e sendo aberta Logo que se vio a Firma do Punho do Real Príncipe Regente Nosso Senhor, se levantaram todos e de pé ouviram ler como foi lida pelo Ministro Presidente o qual depois de se congratularem todos com reciprocos paratens disse — Aqui está Senhores, como a Real Grandeza da Magestade é tão benigna e Liberal em favorecer e honrar os seus Vassallos; quando elles se fazem dignos pela sua obediencia e fidelidade. »

É como reza o proprio auto de vereança. ²

E, passando-se a deliberação, ficou resolvido que a villa, dalli em deante, fosse nomeada, nos papeis publicos — *Nobre e Leal Villa da Campanha da Princeza.*

Convocou-se o clero, nobreza e povo, para assistir á publicação da carta.

E, finalmente, se resolveu que :

¹ Publicada na *Revista*, pag. 527.

² Este auto se acha publicado na integra, na *Revista do Arquivo Publico Mineiro*, vol. I, pagina 518 e segs.

« Sendo a Carta Regia um título de Nobreza para esta Villa, e uma mercê de honra para os seus moradores, hé muito conveniente que a gloria que temos com Ella se eternize com a duração da Mesma por todas as edades futuras ; e para este fim depois de registrada seja copiada em pergaminho com caracteres de oiro, e juntamente com o seu original, e o Auto que se fizer de sua Publicação, e todos os Documentos pertencentes á Creação e privilegios desta Villa, se guardará tudo em o Archivo da Camara depositada em um Cofre de tres chaves, o qual nunca se poderá abrir quando fór preciso, sinão em presença de todos os Officiaes da Mesma em acto de Vereação de que se fará termo. »

Os clavicularios do cofre seriam « aquellas Pessoas, que representam as tres Corporações dos Mordomos da Villa ; que têm parte na Carta Regia, como premio de sua fidelidade, e que se devem interessar com o maior zelo na perpetua conservação da mesma, pelo que terá huma das ditas chaves o vereador mais velho, representando a Camara : A segunda o capitão-Mór da Villa, significando a nobreza : A terceira o Procurador do Conselho, pela parte do Povo ».

E os clavicularios teriam, como distinctivo, uma chavinha de ouro nas cadeias do relógio, « ou pregada no bolso do vestido da parte de fóra, para que a vista deste distinctivo, que será insignia de honra, se Sua Alteza Real houver por bem approvar, faça despertar e eternizar na Memoria de nossos Netos e Descendentes, para o seu exemplo, e imitação a Mercê e honra, que conseguirão do Real Throno pela sua Lealdade os primeiros moradores desta Villa que têm debaixo daquellas chaves os titulos de sua Nobreza e de sua Gloria » ¹

1 Ha, na Bibliotheca Nacional, uma certidão extrahida dos livros da Camara da Campanha, em 1802, e com assignatura original do juiz de fóra e officiaes da Camara.

Na capa, e em letra muito bem desenhada, se lê : *Accordão da Camara da villa da Campanha da Princeza sobre os meios da conservação dos titulos da nobreza e privilegios, com instruções para arrecadação das rendas da consignaço voluntaria, instituida para o augmento das rendas publicas da mesma*

Em Março de 1802 o príncipe regente assigna a carta regia, fazendo doação á princeza do senhorio da villa da Campanha. Nesta carta, diz elle :

« Por desejar Eu mostrar á Princeza do Brasil, Minha Muito Amado, e Presada Mulher, o muito Amor que lhe tenho, e a particular estimação que faço de sua Pessoa, he razão e pedem as Suas Virtudes, e merecimento. Me Praz e Hey por bem lhe fazer

Camara, com applicação da terça de todo o seu rendimento para o cofre de S. Alteza Real a Princeza da Beira, Nossa Senhora, e com approvação de S. Alteza Real e Principe Regente, Nosso Senhor.

A certidão vem acompanhada de um pequeno mappa do termo da Campanha, desenho de Francisco Salles; e precedida deste soneto :

Não é esta Campanha onde as bandeiras
Tintas de sangue arrasta Marte irado.
Onde a funesta voz e o triste brado
Indicam mortaes golpes nas Fileiras.

Esta Campanha he sim onde as ribeiras
Dão agradável vista ao verde prado;
Aonde um Povo habita, que tem dado
De fidei corações provas inteiras.

Ella á Villa subiu, Real Piedade
Da Princeza a Protego, e desta sorte
Adora agradecida a Magestade.

Feliz se jacto Villa deste porte,
Que apesar de vindoura e longa idade,
Com hum Nome Immortal não teme a morte.

O soneto não tem assignatura; mas, quem apparece, algum tempo depois, fazendo versos, na Campanha, é Antonio Bressane Leite.

Nas solennes exequias que alli se effectuaram em 1916, pela morte de Maria I, elle figura recitando os versos que se acham publicados na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, do anno de 1866, pag. 596.

Provavelmente, seria delle o soneto.

— A certidão tem o numero 3.202 do catalogo da Exposição da Bibliotheca Nacional, e provavelmente, pertencia ao príncipe regente, a quem a Camara da Campanha a tivesse offerecido.

Mercê e Doação, durante a sua vida, do senhorio da Villa da Campanha.»¹

E deram-se poderes ao juiz de fóra, para tomar posse do senhorio em nome da princeza.

Pela demora, entretanto, em chegar a carta regia, esta posse se effectuou em Abril de 1806.²

A terça era remettida em ouro do mais fino quillate, e acondicionada com esmero.

Em 1808, ao chegar o príncipe regente ao Brasil, a Camara da Campanha veio incorporada beijar-lhe as mãos e as da princeza, trazendo para esta a terça que estava prompta.³

E, mesmo depois de rainha, d. Carlota Joaquina conservou aquelle rendimento, enquanto esteve no Brasil.⁴

É esta a primeira phase da Historia da Campanha.

A Campanha entrou para o seculo XIX, com os seus titulos de nobreza, que nunca havia de perder.

Consolidou-os, seculo em fóra!

Tornou-se o berço de familias illustres e, certo, foi a cidade do interior do paiz, em que as letras tiveram maior culto!

Mas, na Historia de Minas, com relação á Campanha, se observa o phenomeno identico ao das *entradas*.

A Campanha ficou á margem.

A avalanche dos historiadores se encaminhou para Villa Rica; poucos desgarraram para alli.

E é por isto que eu me proponho escrever a Historia da Campanha, de que este trabalho é um inicio.

1 Esta carta está publicada na *Revista*, pag. 533.

2 Auto de posse, na *Revista*, pag. 535.

3 Auto de vereança, na *Revista*, pag. 550.

4 *Almanack Sul-Mineiro*, de 1874, pag. 49.

Em um maço de papeis varios existentes no archivo do Institute foram encontrados estes documentos, cuja procedencia não foi possível averiguar, mas positivamente authenticos e dignos de publicidade, por mais de um titulo. São 12 cartas de d. Maria Leopoldina a Schäffer, amigo particular e devotado da Familia Imperial; são datadas: a primeira de 28 de Abril de 1821 e a última de 8 de Outubro de 1836. Ha nellas algumas particularidades curiosas, que devem ser conhecidas; o historiador consciencioso e justo aproveita-las-ha sem duvida.

Juncto a essas cartas da imperatriz está outra de d. Pedro I ao mesmo Schäffer, datada de 13 de Junho de 1821, e cujo conteúdo tem igual importancia.

Das primeiras publicamos o texto original allemão, seguido immediatamente da versão portugueza.

CARTAS INEDITAS

DA

1.^a IMPERATRIZ D. MARIA LEOPOLDINA

(1821 A 1826)

CARTAS DA IMPERATRIZ LEOPOLDINA AO SR. SCHÄFFER

N. 1

Reçu 28 d'Avril 1821.

Seyn Sie so gut, aber unter dem grössten Geheimnisse dass keine Seele es ahnen kann: mir in einem Schiffe welches nach Portugal schnell abgesellt, denn mein Gemahl soll binnen 3 Tagen abfahren und ich auf unbestimmte Zeit hier bleiben, welches Gründe, die mir nicht erlaubt sind zu offenbaren mir nicht erlauben ich gezwungen bin, gerechtfertigt durch die Einwilligung meines Gemahls, in der Flucht mein Heil zu nehmen.

1 — Möchte ich auf diesem Schiffe *welches sicher seyn* muss, auf eine deutsche Familie etwa 6 Gliedern bestehend.

2 — Verschaffen Sie mir eine gute gesunde fähige Amma für einem Kind welches auf dem Meere zur Welt kommen wird, auf diese Art keine Brasilianerin noch Portugiesin. Alles dieses unter dem grössten Geheimnisse, nicht ein Mal darf man ahnen, ich lage mein Schicksal, mein Glück in die Hände eines *Teütschen*, eines *Landsmannes*, hich hoffe er wird mich nicht täuschen.

Recebido em 28 de Abril de 1821.

Debaixo do maior segredo, de modo que nem viva alma o possa sequer suspeitar, tenha V. a bondade de fretar para mim uma embarcação que zarpe brevemente para Portugal, visto que

meu Esposo deve seguir dentro de 3 dias e eu devo ficar aqui por tempo indeterminado motivos que não estou auctorizada a divulgar, não m'o permitem, sou obrigada a procurar minha salvação na fuga legitimada pelo consentimento de meu Esposo.

1 — Desejaria encontrar nesta embarcação, que deve ser segura e veleira, commodos para uma familia allemã composta de 6 pessoas.

2 — Queira procurar-me uma boa ama de leite, saudavel e geitosa para meu filhinho que nascerá no mar e que, dessa fórma, não será nem Brasileiro nem Portuguez.

Tudo isto debaixo do maior segredo, ninguém deve sequer suspeitar.

Entrego minha sorte, minha felicidade nas mãos de um *Allemão*, de um *patricio*, espero que elle não me enganará.

N. 2

Bester Schäffer.

Ich war ausserst verwundert, als ich gestern Abend auf ein Mal meinen Gemahl erscheinen sah —

Er ist besser gestimmt als ich hoffte, für die Brasilianer, es ist aber nöthig durch mehrere Personen auf ihn wirken zu machen, denn er ist noch nicht so gewiss entschlossen als ich es wünschte. Man sagt hier: Die portugiesische Truppe will ihn zur Abreise zwingen —, denn wäre Alles verloren dieses zu verhindern ist höchst nöthig. —

Pernambuco will zum Gehorsam eilen, aber nichts von Cortes wissen — das soll es nicht aussern, denn sonst willigt er nicht ein.

Antworten Sie mir schriftlich schnell, denn mich zu besuchen ist nicht rathsam, man möchte misstrauen. Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich.

Ihre wohlgewogene
Leopoldine.

P. S. Suchen Sie mir schon das Schiff auf um meine Sachen in 150 Kisten bestehend abzusenden und auf meine Meinung nicht zu errathen, — so ist es nöthig.

Excellente Schaffer.

Fiquei admiradissima quando vi, de repente, apparecer meu Esposo, hontem á noite.

Elle está mais bem disposto para os Brasileiros de que eu esperava — mas é necessario que algumas pessoas o influam mais, pois não está tão positivamente decidido quanto eu desejaria.

Dizem aqui que as tropas portuguezas o obrigarão a partir. — Tudo então estaria perdido e torna-se necessario impedi-lo.

Pernambuco deseja voltar á obediencia mas não quer nada saber das Côrtes — não deverá, porém, externa-lo sob pena do Imperador não acquiescer.

Responda-me depressa por escripto, pois não convem visitar-me, a fim de que não desconfiem.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, sou

Sua bem affeiçãoada
Leopoldina.

N. 3

Erhalten 8 Januar 1822.

Bester Schaffer! Seyn Sie doch so gut mir heute den Conto de Reis zu sendèn, die äusserste Noth zwingt mich ihnen abersmal zu plagen.

Man will hier von dem morgenden Tage viele Unruhen ver-

sprechen; haben Sie was gehört, — Der Prinz ist gefasst aber nicht so wie ich wünschte, die Minister werden verändert, und hiesige Eingeborenen mit Einsichten angestellt, und die Regierung auf die Art der vereinigten, nordamerikanischen Freistaaten eingeführt.

Alles dieses zu erlangen kostete mir viel — nur wollte ich noch mehr Entschlossenheit einblasen können.

Antworten Sie mir sogleich und seyn Sie meiner steten Freundschaft und wohlwollens versichert.

Vertatur.

Leopoldine.

Recebida em 8 de Janeiro de 1822.

Excellent Schaffer

Tenha a bondade de mandar-me hoje o conto de reis. — Necessidade a mais extrema obriga-me de novo a importuna-lo.

Receiam-se aqui muitos disturbios para o dia de amanhã.

Terá V. ouvido alguma coisa?

O Principe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria. Os ministros vão ser substituidos por filhos do Paiz, que sejam capazes. O Governo será administrado de um modo analogo aos Estados Unidos da America do Norte.

Muito me tem custado alcançar isto tudo — só desejaria insuflar uma decisão mais firme.

Responda-me immediatamente e fique persuadido de minha eterna amizade e de minha benevolencia.

Leopoldina.

N. 4

Bester Schaffer! In der Eile in der ich war habe ich vergessen Ihnen zu sagen: dass ich glaube es besser wäre die wacke-

ren Brasilianer liessen meinem Gemahl über die Regierung hier nach seinem Willen einzurichten sonst möchte dieser kleiner Umstand *sein Hierbleiben* verhindern und besonders versprechen dass sie die ganze responsabilität auf sich nehmen wollen bey den Cortes.

Sie meiner steten Freundschaft und wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre wohlgewogene

Leopoldine.

Excellent Schaffer. — Na pressa em que eu estava, esqueci dizer-lhe que julgo preferivel que os Brasileiros conscienciosos deixem meu Esposo organizar o Governo como Elle bem o entende. No caso contrario, esta particularidade insignificante talvez impedisse que *elle aqui ficasse*. Elles devem sobretudo prometter assumir toda a responsabilidade perante as Côrtes.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sus bem affeiçãoada

Leopoldina.

N. 5

8 Februar 1822.

Bester Schaffer! Hier haben Sie das verlangte Schreiben sehen Sie ob Sie es so gut finden und senden Sie es mir (es dann) um es zu versiegeln.

Man nimmt jetzt Gottlob kräftigeren Maszregeln gegen die verdammte Kanalla.

*

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre wohlgewogene
Leopoldine.

Excellente Schäffer

Aqui tem V. M. o documento, veja se o acha bom assim e mande-m'o para o chancellar.

Graças a Deus, estão tomando agora medidas mais rigorosas contra a amaldiçoada canelha.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem afeiçoada,
Leopoldina.

N. 6

9 Februar 1822.

Bester Schäffer

Das Papier finde ich sehr gut und nöthig besonders in dem jetzigen Zeitpunkte gedruckt zu werden. Ihre Ideen von Padre St. Payo bearbeitet habe ich nicht erhalten und begreife dieses nicht. Wenn er will mir die Hand küssen so mus er in den Garten der Joanna Morgen Nachmittag kommen; suchen Sie ihm dieses nur schnell anzudeuten, und bringen Sie mir Geld so viel als möglich und Naturschätze; kommen Sie heut 12 Uhr oder Nachmittag 3 Uhr sprechen.

Sie meiner steten Freundschaft und wohlwollens versichernd

Ihre wohlgewogene
Leopoldine.

9 de Fevereiro de 1822.

Excellentente Schäffer

Acho o papel muito bom e julgo especialmente necessario manda-lo imprimir, nas circumstancias actuaes. Os seus pensamentos redigidos em collaboração do Padre Sampaio, não me chegaram ás mãos e não me explico isso. — Se elle deseja beijar-me a mão, que venha amanhã de tarde na Quinta da Joanna — tracte de communicar-lhe isso com urgencia e traga-me V. M. tanto dinheiro quanto possível fór e riquezas naturaes, Venha V. M. fallar commigo hoje ao meio dia ou ás 3 horas da tarde.

Assegurando-lhe minha amizade eterna e benevolencia

Sua bem affeiçãoada

Leopoldina.

N. 7

(Falta o original em allemão)

4 de Agosto de 1822.

Meu caro Schäffer!

Estou sensivelmente embarazada. — Leia V. M. a carta inclusa;¹ e o homem diz q. quere fazer bulha; por amor de Deos veja V. M. a satisfazer-lhe.

Venha V. M. ver-me ao meyo dia e seja persuadido de minha amizade e Benevolencia, pedindo a V. M. /mesmo quando as tro-

¹ Com toda a umildade e respeito lembra Antonio José da Costa Ferreira a V. A. Real q. em 30 de Julho p. passado se findos o prazo do emprestimo que fez a V. A. Real em 30 de Janeiro do corrente anno.

Rio de J.* 4 de Agosto de 1822.

pos aei o querlão/ de impedir que não se me mande embora daqui.

Sua bem afeiçoada

Leopoldina.

N. 8

Bester Schäffer. So eben erhalte ich Ihren Brief durch Schulze der mir ein recht braver Mensch scheint zu seyn. Ich sende Ihnen hier einen Brief des Kaisers eingeschlossen, mit deren Inhalt Sie sehr zufrieden seyn werden.

Senden Sie noch 3,000 Mann mehr, alle ledig und Burschen, weggerechnet die zahl die ich Ihnen das andere Mal schrieb. Sie müssten sich auf Niemand verlassen, und besonders das Schreiben des Kaisers sehr gut aufbewahren, da es Ihnen vielleicht bei Ihrer Rückkunft sehr nöthig sein wird.

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwillens versichernd verbleibe ich.

Ihre wohlgewogene,

S. Christoph, den 12 Juni 1824.

Leopoldine.

P. S. Im häfte des kunftigen Monates erwarte ich meine glückliche Entbindung und ich glaube es wird dies Mal ein Knabe sein.

Excellente Schäffer :

Agora mesmo recebo sua carta por intermedio do Schulze, que me parece ser um muito bom homem. Remetto-lhe, inclusa, uma carta do Imperador, de cujo conteudo ficará V. M. mui satisfeito.

Mande mais 3.000 homens, todos solteiros e moços, sem descontar o numero que lhe escrevi da outra vez.

Não se fie em ninguém e guarde especialmente e com todo o cuidado a carta do Imperador, que, talvez, lhe seja muito necessaria na sua volta.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçãoada,

S. Christovão, 12 de Junho de 1824.

Leopoldina.

P. S. Meio do proximo mez espero meu feliz bom successo e creio que, desta vez, será um menino.

N. 9

15 März 1825.

Bester Schaffer! Sehr freute mich ihr Brief welchen mir Lins überbrachte. Der Kaiser ist auszerordentlich zufrieden mit den Soldaten, und die Pferde machten ihm eine auszerordentliche Freude, er besuchte sie diese 2 Tage welche sie angekommen sind, mehr als hundertmal und wenn nicht Kloss ihn gewarnt hätte, ich glaube er wäre darauf ausgeritten.

Nun ist Kloss ein grosser Liebling, bekommt den Gehalt von 40,000 reis monatlich Essen und Wohnung frey. Wegen der Offiziere sind Sie auszer Sorgen nur können sie nicht in Kavallerie angestellt werden. Der Kaiser sagt mir: er hätte Felisberto Brandt den Befehl gegeben Ihnen mit allem gestampften Golde zu unterstützen, er trägt mir auf Ihnen zu sagen Sie möchten so gleich den Scheinmal von Steinalt bey Labeck und die 2 Brauen von Ilfeld bey Neu Brandenburg stehend bey Amtmann May von welchen Kloss sprach, kaufen und senden so schnell als möglich, da er sie so gut gepflegt als die Ersteren bekommen will, so sagt Kloss sie sollen mit dem Schwager von Schulze sen-

den. Herzlich wünsche ich Ihnen der Kaiser übersandte, es freut mich herzlich, da ich Ihre aufrichtige Freundin bin und nie vergessen werde die guten Dienste welche Sie immer leisten und die ich zu schätzen weisz so wie der Kaiser da sie äusserst selten in mehr Leuten anzutreffen sind.

Nun will ich nachdem ich dem Herrn gedient habe, von mir sprechen; wir sind Alle recht gesund und ich bitte Sie als die *einzige Person* auf die ich mich verlassen kann mir wenn möglich in einem sicheren Hause 120.000 Gulden aufzutreiben. Meine Lage zwingt mich dazu, denn hier denkt man nur wegzunehmen aber nicht zu vermehren nor geben. Scheiner leugnet die 500 £ St. und nennt Sie einen grossen Lump; so dasz der Kaiser ihn bald über die Treppe hinausgeworfen hätte. Er bekam durch dieses Schiff Finanzen und da nur hier der Befehl in der Hauptmante ist, die Schiffe zu siegeln und dann früher oder später die Siegel abzulacken so wollte er sich helfen und schrieb auf der Liste meinen Namen darauf der Kaiser darüber böse, blieb mit Ihnen, wenn er sich Ihnen beklagt so wissen Sie die ganze Geschichte. Seyn Sie überzeugt der Kaiser ist Ihnen sehr geneigt und ich elffe ihn immer mehr an. Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre Wohlgewogene

St. Christoph den 15 März 1825.

Leopoldine.

P. S. Der Kaiser trägt mir so eben auf Ihnen zu sagen dasz er Sie zu seinem Encarregado de Negocios: (oder Geschäfts-Träger) mehr als Consul in den Hanseatischen Städten und Niedersachsen ernannt um alles Geld was Sie begehren zu ihre Disposition gegeben wird nebst bey sollen Sie 2.000 Mann welche Sie mir schreiben Sie hätten bereit, sobald als möglich senden. Sehen Sie daraus wie fleiszig ich arbeite für Sie und sehen Sie um Gotteswillen dasz Sie mir 120.000 Gulden aufreiben oder in hiesigem Gelde 40 Contos de Réis sonst komme ich in eine verzweifelte Lage denn die hiesigen interessirten und heim tückis-

chen Portugiesen wollen nicht schweigen. Ich bitte geben Sie mir die Beweise ihrer Freundschaft und senden Sie mir das Geld.

15 de Março de 1825.

Excellent Schaffer. — Muito me satisfiz a carta de V. M. que o Lins trouxe de lá. O Imperador está extraordinariamente satisfeito com os soldados, e os cavallos causaram-lhe um prazer extraordinario. Elle os foi ver mais de cem vezes nestes dois dias em que chegaram, e penso que os teria montado si o Kloss não o tivesse dissuadido.

Agora o Kloss é um grande favorito — recebe o ordenado de 40\$000 réis mensaes e casa de graça. — A respeito dos officiaes não tenho V. M. cuidados, sómente elles não poderão entrar na Cavallaria. — O Imperador disse-me ter dado ordens ao Fellsberto Brandt para que sustentasse V. M. com todo o ouro em barra e encarregou-me de lhe dizer que pôde V. M. comprar immediatamente o *Cavallo branco (?) de Steinar perto de Lubeck e os dois cavallos castanhos, de Illefeld, perto de Brandenburg, que estão com o Bailio May*. Foi o Kloss quem lembrou isso, dizendo ainda que afim de recebe-los tão bem tractados como os primeiros V. M. deveria remette-los acompanhados pelo cunhado do Schulze.

De coração desejo a V. M. toda a felicidade com a Estrella da Ordem do Cruzeiro que lhe remetteu o Imperador — allegre-me cordialmente, pois sou leal amiga de V. M. e nunca esquecerei os bons serviços que sempre me prestou e que sei apreciar assim como o Imperador, pois é excessivamente raro encontrar essas qualidades em outras pessoas.

Agora, depois de ter servido meu Senhor, quero tallar de mim; passamos todos muito bem de saude, e peço a V. M. como a *única pessoa* a quem posso confiar-me, que me arranje, si for possivel, por intermedio de uma casa de confiança, a quantia de 120.000 Gulden. Minha posição obriga-me a isso, visto que aqui só se pensa em retirar, mas não em augmentar ou dar. — Scheiber nega as 500 £ esterlinas e trata V. M. de grandissimo mise-

ravel, de tal forma que o Imperador não tardou em atira-lo pelas escadas abaixo. Elle recebeu dinheiro por este navio e como, aqui, é da Alfandega principal que são dadas as ordens para sellar os navios — e, depois, mais cedo ou mais tarde, a ordem de levantar os sellos, elle quiz ajudar-se a si mesmo e escreveu meu nome na lista, para que o Imperador ficasse zangado com V. M. por causa disso. — Si elle se queixar, já sabe V. M. a historia toda.

Fique persuadido de que o Imperador lhe quer muito e que o animo cada vez mais para isso.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, sou, como sempre,

Sua bem affeiçãoada

S. Christovão, 15 de Março de 1825.

Leopoldina.

P. S. O Imperador encarrega-me agora de participar-lhe que o nomeou seu Agente de Negocios (Chargé d'Affaires) mais de que Consul — nas cidades Hanseaticas e na Saxonia Baixa — que V. M. receberá todo o dinheiro que requisitar e que V. M. deve remetter o mais cedo que fór possível os 2.000 homens que já escreveu-me haver apromptados. V. M. conclua por isso o trabalho gigantesco que tive e procure pelo amor de Deus, me arranjar 120.000 Gulden ou 40 Contos em moeda daqui, sinão fico numa posição desesperada, visto que os egoistas e hypocritas Portuguezes não ficarão calados. Rogo a V. M. esta prova de amizade e mande-me o dinheiro.

N. 10

Bester Schäffer, Ich antworte durch diese Gelegenheit auf drei Ihrer Briefe und haben Sie mein Schreiben schon erhalten wo ich Ihnen melde dasz alle Wünsche erfüllt sind. Da nun General Brandt hierherkommt so will ich ihn recht zu Ihren Güns-

ten bearbeiten. Scheiner hat endlich gezahlt, was aber unumgänglich nöthig ist, ist dasz Sie mir 140.000 G : aufreiben um dann alle diese *Beutchen* los zu werden, was kein kleines Glück sein wird.

Senden Sie mir nun bald die Bücher und viele — viele Soldaten, denn ich glaube jedes Mal werden sie nöthiger.

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich.

Ihre Wohlgewogene,

St. Christoph, den 16 May 1825.

Leopoldine.

P. S. Sendem Sie mir 2 Sachs-Hunde und einen Hund der untertaucht.

16 de Maio de 1825.

Excellente Schäffer. — Respondo agora a trez de suas cartas, e V. M. já terá recebido minha carta participando-lhe terem sido attendidos todos os seus desejos. — Como o General Brandt vae agora chegar, quero preparal-o bem como o deseja V. M. Scheiner pagou finalmente — o que se torna absolutamente indispensavel é que V. M. me procure 140.000 Gulden, para ver-me livre de todos aquelles *pequenos assaltos*, o que não será pequena felicidade. Mande-me V. M. bem depressa os livros e multos — multos soldados —, pois acredito que se tornam cada vez mais necessarios.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçãoada,

S. Christovão, 16 de Maio de 1825.

Leopoldina.

P. S. Mande-me 2 cães saxonicos e um cão que saiba mergulhar.

N. 11

Bester Schäffer! Herzlich freuten mich ihre 2 letzten Briefe, und mit wahrer Ungeduld erwarte ich die Bücher und das Weitere. Wegen des Geldes ist schon der Befehl an Gameiro abgegangen, um ihnen alle Soldaten und Colonisten welche schon bereits besprochen sind zu bezahlen, weiter aber Keinen mehr zu engagiren, indem der *Allerliebste Obererwähnte!!* sagt: es fehle ihm am Gelde: /wie mir aber nicht scheint in seiner Tasche/.

Der Kaiser wünscht sehr, Sie mögten einige Tausende schon besprochen haben, denn so hat der Andere kein Mittel als sie zu bezahlen und nur durch diesen Betrug kann es gut gehen, denn sonst gewinnt die Schlacht gegen Brasilien's Wohlgesinnte Parthey. Hier geht Alles nicht so wie ich wünschte, aber wir wollen das Beste von dem Allmächtigen hoffen.

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd, verbleibe ich.

St. Christoph, den 10 May 1826.

Ihre Wohlgewogene,
Leopoldine.

P. S. Zeigen Sie diesen Brief Niemand als wenn Sie wollen Hauft, denn Sie sind von Feinden umgeben.

Excellente Schäffer

Suas ultimas duas cartas agradaram-me cordialmente e espero, com vordadeira impaciencia, os livros e o resto. A respeito de dinheiro já seguiu a ordem para o Gameiro a fim de que se-

jam pagos todos os soldados e colonos já contractados, mas V. M. não deve contractar nenhum mais, visto que o *Amadissimo supracitado* (!!) diz que falta-lhe dinheiro (parece-me que não é no bolso delle).

O Imperador faz votos para que V. M. já tenha contractado alguns milhares, assim o outro não teria remedio sinão pagar, e só com este estratagemá poderá a coisa andar direita e a batalha será ganha contra o partido bem intencionado do Brasil. Aqui não vae tudo como eu desejaria, mas queremos esperar a melhor solução do Todo Poderoso.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçãoada,

Leopoldina.

S. Christovão, 10 de Maio de 1838.

P. S. Não mostre esta carta a ninguém, a não ser ao Sr. Haufft, se quizer, pois o Sr. está rodeado de inimigos.

N. 12

Bester Schäffer! Herzlichen Dank für Ihren Brief und Geschenke. Der Kaiser wünscht jedes Mal mehr Soldaten und sagt mir: er gab Befehl Alle schon *engagirte* sollten Sie senden und für das Uebrige steht er. Auch habe ich nach einem langen Kampfe durchgesetzt, der mich vielleicht mehr als viele Eroberungen der Griechen und Römer kostete, dass Sie als Geschäftsträger in den Hanseatischen Städten und Niedersachsen nebst Mecklenburg Oldenburg und dem Bundes-Tage in Frankfurt ernannt; hier geht Alles leider verdreht, denn aufrichtig gesprochen, nichtswürdige Frauen gleich einer *Pompadour und Maintenon!!* und noch ärger, da sie keine Einziehung haben, und Minister ganz Europe und der heiligen Ignorenz feil regieren

Alles und die Anderen müssen schweigen und nur grosse Einsamkeit und jedes Mal mehr der Wunsch sich frey und ruhig zu wissen bleibt Einem übrig!!!

Sie meiner steten Freundschaft und Wohlwollens versichernd verbleibe ich

Ihre Wohlgewogene,

St. Christoph, den 8 October 1826.

Leopoldine.

Excellente Schäffer :

Um cordial obrigado por sua carta e os presentes. — O Imperador deseja cada vez mais soldados e disse-me ter dado ordens para que V. M. mande todos os já contractados e que se responsabiliza Elle pelo resto.

Tambem, depois de longa batalha, que talvez mais custasse que as conquistas dos Gregos e dos Romanos, consegui sua nomeação de Encarregado de Negocios nas Cidades Hanseaticas e Saxonia Baixa, junctamente a Mecklenburgo, Oldenburgo e Dieta, da Confederação Germanica, em Francfort.

Aqui anda tudo transtornado infelzmente, pois, sinceramente fallando, mulheres infames como si fossem Pompadour e Maintenon (!!) e ainda peor, visto que não teem educação alguma, e ministros da Europa toda e da Santa Ignorancia governam tudo torpemente. E os outros devem ficar calados e procurar apenas o maior isolamento, ficando cada vez mais almejando a independencia e a tranquillidade.

Assegurando-lhe minha eterna amizade e benevolencia, continuo

Sua bem affeiçãoada,

S. Christovão, 8 de Outubro de 1826.

Leopoldina.

CARTA DO IMPERADOR D. PEDRO I A SCHÄFFER

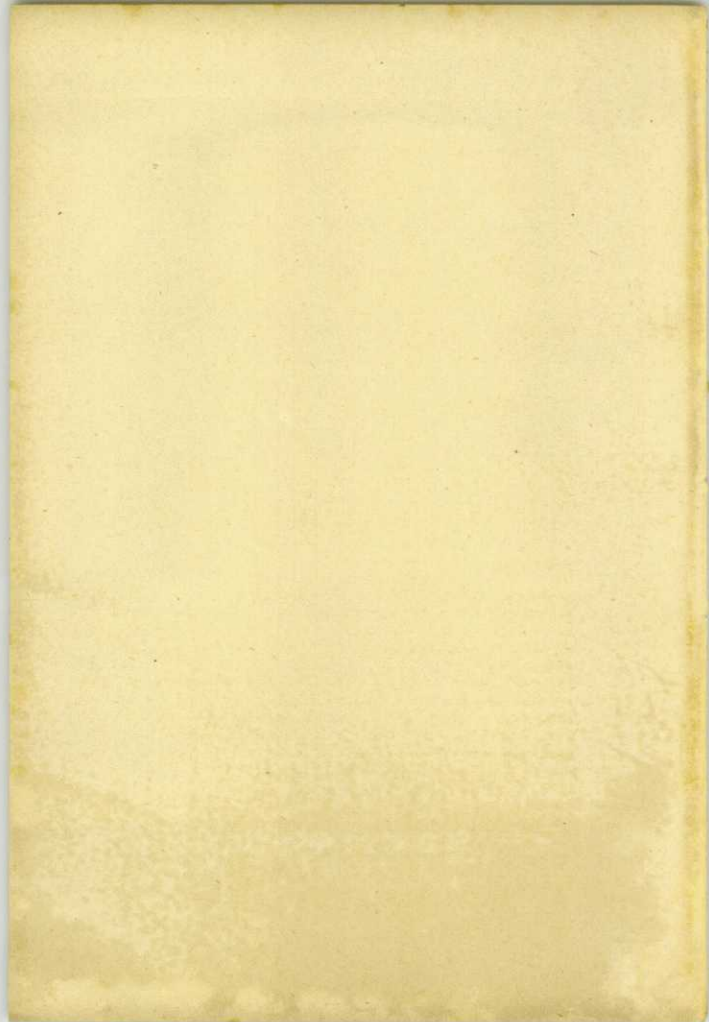
Meu Schäffer.

Muito lhe agradeço a boa gente que tem mandado para Soldados. A Imperatriz já lhe mandou da minha parte encommendar mais 800 homens para Soldados, agora eu lhe ordeno que em logar de Colonos cazados mande mais 3.000 Solteiros para Soldados alem dos oitocentos. O Ministro dos Negocios Estrangeiros lhe mandou dizer que não mandasse mais, mas eu quero que mande os que por esta lhe encommendo, e faça de conta que não recebeu ordem para não mandar. Mande, mande e mande, pois lho ordena quem o hade desculpar e premiar, pois he

Seu

Boa Vista, 13 de Junho de 1824.

Imperador.



D. PEDRO II NO EGYPTO

CONFERENCIA

DE

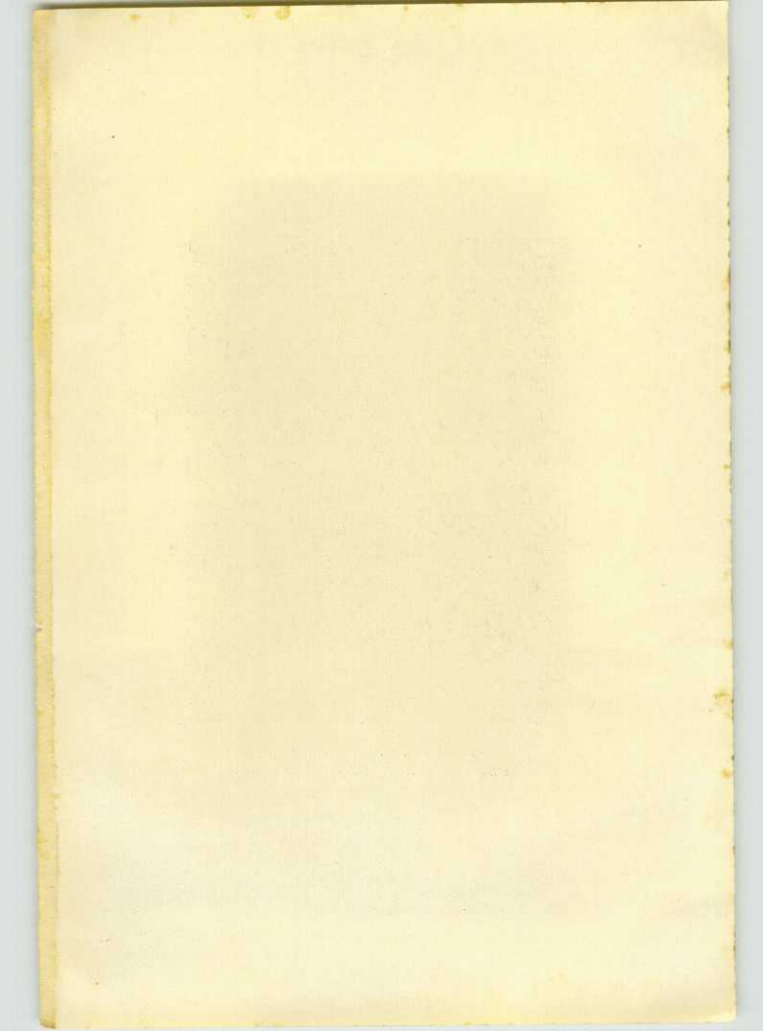
NICOLAS DEBANNÉ

(Socio correspondente do Instituto)





SUA Magestade Sr. D. Pedro II no Cairo
Tendo á sua direita o Visconde de Bom Retiro



D. PEDRO II NO EGYPTO

Eis a interessante conferencia que o sr. Nicolas Debanné, addido á Agencia diplomatica do Brasil no Egypto, fez sobre d. Pedro II, no Instituto Egypteo, na cidade do Cairo :

D. PEDRO II E OS SABIOS DO EGYPTO

« Fallando-vos de d. Pedro, não é de um estrangeiro que me occuparei, mas sim de um dos vossos: por isso, exprimo-vos o meu reconhecimento pela prova de confiança e amizade, que me testemunhaes permitindo que vos falle de um membro, por assim dizer, da vossa familia.

D. Pedro II foi o grande soberano de um grande Estado; presidiu brilhantemente por mais de meio seculo aos destinos de um paiz por si tão extenso quanto toda a Europa; foi o educador de um povo que elle formou desde a infancia como nação, para deixa-lo, em plena idade viril e em plena força, preparado para tornar-se o grande povo, que hoje conhecemos.

Mas d. Pedro tambem foi o « imperador homem de sciencias », como o denominava o seu amigo Pasteur; o « principe philosopho », como o appellidava Lamartine; o neto de Marco Aurelio, como o chamava Victor Hugo. Membro de diversas sociedades scientificas, do Instituto de França e do Instituto Egypteo, foi vosso collega ou de vossos predecessores; e, embora a sua modestia procurasse occultar seus titulos, para elle era especial prazer ostentar o último; evocando suas recordações pessoais, um dos vossos, o sr. Gaillardot Bey, que fora encarregado de lhe

*

fazer entrega do diploma de membro honorário do Instituto Egyptico, conta-nos com que alegria e entusiasmo elle o recebeu.

É porque elle amava sincera e profundamente o Egypto e seus sábios; é porque vos dedicava sentimentos de real amizade e verdadeira admiração: emprego, senhores, propositalmente as palavras « verdadeira, sincera, profunda e íntima », porque os sentimentos de d. Pedro para convosco não eram apenas os do « estylo », cuja manifestação official entre membros honorários de Sociedades Scientificas é de bom tom; não, os seus sentimentos eram íntimos e reaes; nunca os deixou de evidenciar, e as próprias circumstancias permittem-nos ouvi-lo fallar a vosso respeito mesmo além do tumulto; a publicação do jornal das suas impressões íntimas de viagens ao Egypto, que acaba de ser descoberto ultimamente por acaso no Brasil, offerece-nos ensejo para lermos no íntimo da alma do vosso imperial collega. Quando elle se occupa de vós nas suas notas privadas, quando faz allusão a Mariette ou áquelles que elle chama « meu amigo Brugsch ou meu amigo Gaillardot », não é o soberano membro honorário de uma grande corporação scientifica que falla, é o homem que falla com emoção de amigos amados e admirados.

Senhores, deveis ter avallado a parte effectiva e real, que elle tomou em vossos trabalhos: era realmente um dos vossos.

Recordae-vos da sessão de 10 de Novembro de 1871, em que o vistes tomar parte em nossas interessantes pesquisas, discutir convosco, informar-se a vosso respeito, expôr as suas theorias, communicar suas observações e duvidas sobre diversas questões scientificas e especialmente de Egyptologia. Recordae-vos da sessão de 13 de Janeiro de 1877, em que sua alma de artista e de amigo das sciencias, indignada deante do abandono em que se achavam os monumentos do antigo Egypto, denunciou-nos esse crime de lesa-beleza e de lesa-ciencia, e chamou nossa attenção para o « vandalismo dos viajantes ». A sua communicação sobre o « Vandalismo dos viajantes » está archivada no vosso Livro de Ouro; o appello do soberano brasileiro e o apoio que destes ás suas observações contribuíram não pouco para que fossem tomadas diversas medidas, afim de se conservarem os thesouros artisticos e scientificos do Egypto dos Pharaós.

Emfim, estais lembrados da attenção com que d. Pedro acompanhou as interessantes communicações do nosso collega, o Dr. ... final, por elle encarregado de apresentar estudos e relatórios sobre a cultura racional do café, do fumo e do algodão.

D. Pedro tem sido estudado como chefe de Estado e no seu papel historico, já em vida e immediatamente depois de sua morte, de sorte que sob esse ponto de vista temos hoje a sua figura bem delineada e prompta para passar á Historia. O Brasil republicano de agora, embora ame a forma actual de governo que escolheu, nunca deixou, mesmo por occasião da revolução que proclamou a Republica, de amar e venerar a personalidade do seu velho soberano; ultimamente erigiu-lhe uma estatua; mas seus traços não se perpetuarão na posteridade sómente por essa estatua de bronze; conservar-se-hão mais fielmente ainda pelos numerosos estudos sobre sua personalidade e seu reinado, que os seus antigos subditos lhe dedicarem. Bas'ia, entretanto, erigir uma estatua immaterial a um outro d. Pedro, a d. Pedro o philosopho, o amador das sciencias e das letras; será demasiada exigencia solicitar dos seus collegas, ou antes, dos seus amigos do Instituto Egypteo que, com seus estudos, suas notas e suas recordações, concorram para a realisação dessa obra?

Peço-vos, portanto, senhores, que façais por elle o que por vós elle fez; conservar a sua lembrança como elle guardou a vossa, no jornal da sua viagem ao Egypto, de que uma parte acaba de ser descoberta e publicada no Brasil.

Senhores, em primeiro logar dir-vos-hei algumas palavras sobre esse jornal e sobre as circumstancias da sua descoberta; depois, fallar-vos-hei do seu auctor; além disso, por esse mesmo jornal, retratareis ao vivo e apreclareis o character e a alma do vosso collega.

Em 1890, por occasião da dispersão dos moveis de d. Pedro, alguém, que havia comprado uma pequena mesa que lhe pertencera, encontrou no fundo de uma gaveta um manuscripto incompleto com as paginas meio rasgadas, escripto pelo imperador: eram suas notas e impressões de viagem ao Egypto e diversos desenhos feitos por elle mesmo durante sua viagem ao Nilo. O manuscripto estava redigido em francez, e parece que o impera-

dor queria da-lo a conhecer aos seus amigos do Instituto Egyptico, ou servir-se como borrão ou minuta para as correspondencias que dirigiria a Mariette, a Brughsh Bey e provavelmente tambem a outras pessoas.

O manuscripto descoberto pelo visconde de Tannay foi apresentado por seu filho á mais importante instituição scienciafica brasileira, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de que d. Pedro havia sido presidente e protector; e foi publicado na *Revista* desse Instituto, não ha muito tempo.

Reproduzindo esse jornal, o Instituto Brasileiro o fez prece-der dos commentarios seguintes, commentarios tanto mais interessantes porquanto o Instituto acima referido conta entre seus membros muitas notabilidades das mais consideradas na joven Republica Brasileira, e entre seus presidentes honorarios diversos presidentes da Republica do Brasil; sabe-se, por consequente, qual o respeito e qual a veneração que o Brasil republicano de hoje dedica á memoria de d. Pedro, sentimentos esses tão elogiosos para o que delles é alvo como para os que os alimentam.

« Tudo que se refere, diz esse prefacio, á existencia intima das individualidades historicas, principalmente daquellas que occuparam posições eminentes entre seus concidadãos, não póde deixar de interessar não sómente á critica, mas tambem á massa do público.

Todo escripto deixado por essas pessoas merece ser estudado e observado com attenção; esses documentos explicam um character e uma epocha, para a solução do problema humano. Sob este ponto de vista, tractando-se daquelle que durante meo seculo presidiu aos destinos de sua patria, e mais quanto ao que diz respeito ao Instituto, daquelle que sempre foi seu protector supremo e inolvidavel amigo, é um dever conservar com veneração as suas mais insignificantes religiosas reliquias.

.....
Este jornal prova as qualidades primordiales do soberano magnanimo, que foi d. Pedro: o amor da Sciencia, sua actividade infatigavel, seu escrupulo, seu amor á verdade, sua dedicacão a tudo que é nobre e bello, uma intelligencia e um character dignos de perpétua veneração ».

Por outro lado, o dr. A. d'Escragnolle Taunay lastima o estado incompleto do manuscrito e suggere a idéa, segundo a qual a continuação poderia ser encontrada nas mãos dos sábios amigos de d. Pedro, ou ao menos completa pelas communicações que d. Pedro lhes teria feito.

É nestas condições, senhores, que ousou fallar-vos de d. Pedro II, que muitos dos illustres membros desta assembléa conheceram pessoalmente: com effeito, desejaria, tanto quanto possível, encontrar a continuação desse jornal e estabelecer detalhadamente as relações do grande soberano do Brasil com seus amigos, os sábios do Egypto, e, para alcançar similhante fim, sollicito de todos e particularmente dos illustres membros desta assembléa que me communicuem qualquer documento emanado do imperador ou que se relacione ás suas viagens ao Egypto, nos annos de 1871-72 ou 1876-77.

Si para o Instituto Brasileiro esse jornal é interessante, porque retrata vivo o character de d. Pedro, tambem é interessante para o Instituto Egypto pelas observações pessoais do imperador sobre o Instituto, seus commentarios sobre seus trabalhos e suas apreciações sobre os seus amigos, os sábios do Egypto.

O jornal de viagem de d. Pedro ao Alto Egypto não é propriamente a narrativa de sua viagem; são antes notas sobre suas impressões pessoais e observações concernentes quasi exclusivamente a questões de Egyptologia.

O imperador expõe suas idéas sobre diversas questões, nota o que lhe chamou a attenção, formula duvidas sobre esta ou aquella questão de Egyptologia, collecciona recordações que, a seu ver, esclarecem alguns pontos duvidosos, etc. Vê-se claramente que elle tomava essas notas para discutir o assumpto com os membros do Instituto, quer no primeiro encontro, quer por meio de correspondencia.

Assim é que observa: Mariette pretende que a pyramide de Sakkarah, de que fallei hontem, poderia ser attribuida a Bephes, da primeira dynastia, 5,000 annos antes de J. C.... Ha divergencia de 2.079 entre os egyptologos allemães a respeito da data do reinado do rei Mena..., Mena, o Mênos dos Gregos, significaria «o perpetuo»...

Meu amigo Brugsh pensa que Mena vivia no anno de 4455 A. C., etc., etc.

Mais tarde elle escreveu no seu jornal :

« Porventura não é curioso approximar o nome de Mena com o de Minos dos Gregos e o de Manu dos Indús : haverá mais do que uma simples similhança ? »

Reproduz igualmente observações sobre a epocha em que o camello e o cavallo começaram a apparecer nos monumentos egypcios. A proposito da sepultura de Knum Hotep procura saber si se poderia attribuir uma origem semitica á lingua dos antigos Egypcios e ao Copto ; o nome de Ammon se liga ao hebraico amigo do povo.

Em outro trecho observa que o dr. Gaillardot sustentou no Instituto Egypcio a opinião, segundo a qual o Egypto conheceu o período prehistorico ; parece estar convencido da these do dr. Gaillardot, mas acrescenta que Mariette combateu no Instituto a theoria do dr. Gaillardot com argumentos, que mereciam ser tomados em consideração.

As vossas ultiores pesquisas deviam dar razão á these do dr. Gaillardot, porquanto descobriu-se no Egypto o vestigio da idade de pedra.

Elle estabelece em outra passagem o paralelo entre Mariette e aquelle que elle denominava seu amigo Brughs : « as descobertas de Mariette são mais brilhantes, mais impressionantes, diz elle, entretanto julgo que o meu amigo Brughs possui mais sciencia. » Menciona que conheceu o dr. Gaillardot por occasião da sua primeira viagem em 1871-72, e lembra a estima, que lhe votava o conde Joubert.

Dá a conhecer as suas relações com o sr. de Rougé, que foi o seu iniciador em Egyptologia ; oppõe Rougé a Brugsh e este a Champollion, em diversos pontos duvidosos ; o seu livro de cabeceira era a *grammatica hieroglyphica* de Brughs, que elle lia antes de dormir ; observa, entretanto, que para « a leitura dos textos hieroglyphicos é necessario contar tanto com o faro de adivinhação, como com as regras da interpretação. »

Cito-vos esses poucos fragmentos, sobre os quaes não mais me alongarei, unicamente para mostrar-vos o genero dessas

notas de viagem de d. Pedro. Com effeito, espero poder apresentar-vos o texto desse jornal em francez.

Algumas vezes, porém, taes notas mudam de assumpto; tractando de Fayoum e do canal de Lahoun, elle faz allusão aos trabalhos executados pelo khediva Ismail: aponta os progressos da instrucção entre a sua primeira viagem ao Egypto, em 1874, e o anno 1876. Porahi se avalla a preocupação daquelle para quem as questões da organização do ensino constituíam o pensamento principal.

Varias vezes, porém, as notas que insere no seu jornal apresentam-se sob tal forma, que não podem ser incluídas sinão no numero das notas de natureza privada.

A sua alma de sábio e de artista indigna-se ao contemplar o abandono em que, a seu ver, jaziam nessa epocha os monumentos dos Pharaós. « Alguns vestígios flagrantés de incrível vandalismo, diz elle, a respeito das ruínas de Karnack e de Abydos; francamente o khediva poderia gastar um pouco menos com os seus palacios e despendar um pouco mais com a conservação desses monumentos. »

Mais adeante accrescenta: « Vê-se bem que estamos no Oriente, onde ninguém se apressa! »

Soberano de um paiz productor de assucar, d. Pedro examina cuidadosamente as usinas assucareiras que encontra no Alto-Egypto e salienta a sua producção: « A usina de assucar do khediva em Minich, diz elle, possui apparatus Derosne e Gail, e produz 50,000 quintaes de assucar e 4,000 litros de alcool de 40 grãos. »

A par disto, discute pontos de arte: « Como é de lamentar que os artistas egypcios sejam obrigados a seguir o « dogma » que lhes foi imposto; si elles gozassem mais liberdade, certamente a sua habildade e a sua arte produziriam obras primas. » Elle annota que Cleopatra parece ter nas suas reproduções o ar de uma pessoa demaziado cruel. Acerca de Amenophis IV, recorda ter lido na Bibliotheca Imperial de S. Petersburgo um ukase da imperatriz Elisabeth da Russia proclamando solennemente retrato official um dos seus retratos, em que está favorecida, e condemnando outro em que parece feia, o que prova-

velmente era; em presença dos traços grosseiros de Amenophis IV, elle observa que aquelle faria bem si impedisse a reprodução, e concita os egyptologos a informarem-se si não ha a este respeito um edicto analogo ao de Elisabeth.

Nota em Karnack que as queixas de Setil contra Ammon, que o abandonou em uma batalha, lembram muito o estylo de David; demora-se com agrado na phrase final das censuras de Setil ao seu exercito. « Luctei só ». Esta phrase recordava-lhe evidentemente as suas proprias luctas em campos de batalha de outra ordem, onde tambem teve que luctar « sósinho ».

Em outras occasiões as observações de d. Pedro apresentam uma nota commovida, que nos revela uma alma sensivel, embora não expressiva: « Não posso repetir com o filho de Pharaó Aen: Conservae-vos alegres durante vossa vida; com effeito, como é possivel ter uma alegria que não é partilhada por meus amigos? Esta viagem encanta-me; entretanto, fico triste ao pensar em meus amigos, que estão privados de similhante prazer. »

O que precede com certeza já vos deu idéa do « Jornal de viagem de d. Pedro ». Quanto ao que se refere ao auctor, dir-vos-hei agora algumas palavras, senhores, não para vos fazer conhecer, mas simplesmente para reviver na vossa memoria a personalidade do imperial membro do Instituto Egyptio.

Existe no mundo uma nação, senhores, cujo papel providencial, cujo destino historico e cuja função no organismo mundial consistem em faze-lo á luz, á nação que civiliza, educa e tórna as outras: é a França. Embora quizesse ou não, fosse em seu proveito ou em seu detrimento, tivesse consciencia ou não, ella sempre teve que dar desempenho a essa missão: aperfeiçoar os outros paizes, dar-lhes todo o proveito e todas as vantagens possiveis; é uma fatalidade que lhe foi imposta e á qual não se poderia furtar. Si a civilização latina diffundiu-se na Allemanha, não foi porque atravessou os Alpes, como bem obtemperou Gughelmo Ferrero, mas sim porque tomou o caminho da Gallia, que é a senda, por que enveredou a civilização da Renascença; de sorte que tudo que ha do character latino na civilização allemã é um character latino modificado pelo terreno pelo qual atravessou, com mais razão esta consideração se applica á Inglaterra e á

Hispanha. Mais tarde a propria França utilisou-se, em favor da sua influencia, do traçado dos caminhos latinos; logo, vemo-la ultrapassar as fronteiras dos estados limitrophes e manifestar-se na Turquia, na Russia, na Suecia, transpôr os mares e apparecer nas Indias, no Canada, na Luisiana. Ha trezentos annos que todo o movimento mundial parte da França como de um ponto de irradiação e reflecte-se nos outros paizes como um echo que, por seu turno, produzisse echos secundarios. O movimento litterario e artistico do seculo xvii, o movimento scientifico e philosophico do seculo xviii, o politico de 1789, o napoleonico, o de 1848, o da ultima epocha imperial partem da França como de um centro commum e provocam outros movimentos nos demais paizes: esses movimentos podem não ser identicos á causa que lhes deu origem, podem mesmo estar apparentemente em opposição á mesma; não deixam, porém, de ser effeitos de tal causa.

O vosso illustre fundador, o general Bonaparte, creou indirectamente, mas effectivamente, o Egypto de nossos dias com sua nova civilização européa; foi elle tambem quem creou, embora indirecta e inconscientemente, o Brasil, independente logo depois de uma dezena de annos, sobre o qual d. Pedro, contando apenas cinco annos, foi chamado a reinar.

Com effeito, foi para fugir á invasão de Napoleão, que o principe regente de Portugal, d. João vi, abandonou o seu reino da Europa e refugiou-se, em 1808, na colonia do Brasil, que desde logo foi elevada a reino. A antiga colonia adaptou-se facilmente á sua nova situação e, pouco tempo depois, o proprio filho de d. João vi, d. Pedro i, (aliás de accordo secreto com seu pai) proclamou, em 1822, a independencia do Brasil, constituido em imperio; forçado a abdicar nove annos mais tarde, partiu para Portugal, deixando o throno a uma criança de cinco annos: d. Pedro ii.

Na idade de 15 annos, d. Pedro, declarado maior, viu-se obrigado a começar o exercicio effectivo do poder. Essa criança de 15 annos tinha átraz de si o Brasil de hontem apenas formado, entretanto já perturbado pelas commoções de duas revoluções, por numerosas guerras, por luctas intestinas, cujos ferimentos ella devia curar; tinha deante de si o Brasil da amanhã, cujo

aperfeiçoamento estava por se fazer: para um homem recto e escrupuloso como era o novo imperador, a idéa da immensidade da missão a cumprir era uma verdadeira tortura de todos os instantes; com effeito, senhores, o homem honesto receia mais a falta de omissão do que a falta de commissão, porque esta última, uma vez praticada, não pôde mais ser sanada, e a consciencia acalma-se diante da impossibilidade de desfazer o que já se consummou, no passo que a primeira sempre é uma falta continua, que se repete a todo instante, que se multiplica a todo momento, si a acção prosegue. D. Pedro acorrontou-se á tarefa durante cincoenta annos: forçado do trabalho, embora forçado coroado, viu-se na contingencia de presidir á evolução de um paiz que, como sabeis, fórma por si só a decima quinta parte do globo terrestre e occupa mais de metade da America do Sul, onde está em contacto com todos os Estados, salvo o Chile e talvez a Republica do Equador; com effeito, o Brasil possui a enorme superficie de mais de oito milhões e meio de kilometros quadrados, por conseguinte uma superficie quasi igual á extensão de toda a Europa. Para se fazer idéa de uma maneira sensivel da sua extensão, basta observar que 15 Allemanhas, ou 16 França, ou 30 Italia e 200 Belgicas nelle caberiam folgadoamente.

Quando cansado e sobretudo ferido n'alma, d. Pedro abandonou o poder em 1889, sem remorso, mas com o desgosto que antes d'elle Salomão havia experimentado de todas as cousas da vida, repetindo como elle, sem cholera, mas com tristeza: « Validade das vaidades »; deixou um Brasil com bastante força vital para offerecer ao mundo o espectáculo de um intenso movimento, que os resultados seguintes nos permitem verificar: em quinze annos, de 1894 a 1910, a população do Brasil elevou-se de 16.000.000 a quasi 25.000.000 de habitantes.

A emigração, que no anno de 1840 era de 300 emigrantes por anno, attingiu em 1888 a 133.000 emigrantes annualmente e permanece depois, não obstante as fluctuações diversas, em um nível dos mais elevados. A população desse paiz que, no principio do reinado de d. Pedro, compunha-se apenas de elementos quasi exclusivamente de origem portugueza e hispanhola, não levando em linha de conta os escravos e indigenas, soffreu depois uma

renovação em seu sangue pelo affluxo de elementos Italianos, allemães, francezes, suíços, polacos, russos e orientaes, sem contar os portuguezes e hispanhoes recémvindos da mãe-pátria.

A exportação do Brasil era de 33.000 contos de réis em 1840; elevou-se a 261.000 contos em 1889 e a 861.000 contos em 1907. Assim, nestes últimos annos, a exportação passou do valor de 30 milhões á de 60 milhões de libras esterlinas, e, no mesmo lapso de tempo, a importação passou de 20 milhões a 40 milhões de libras esterlinas.

De 1840 a 1848 a produção do caoutchouc era de quasi 200.000 kilogrammas; no fim do reinado de d. Pedro chegou a 10.000.000 de kilos e actualmente a 50.000.000; o café passou de 70.000.000 em 1840 a 600.000.000 em 1889, e a 950.000.000 em 1907.

A importancia do movimento de navegação no Brasil passou de 1.500.000 toneladas em 1844, a 18.000.000 de toneladas no fim do reinado de d. Pedro, para attingir actualmente a 35.000.000 de toneladas.

Enfim, no orçamento do Brasil, as receitas que eram de 16.000 contos e as despesas de 20.000, em 1840, elevaram-se respectivamente a 167.000 e 186.000 contos em 1889, e chegaram a 400.000 e 380.000 contos respectivamente em 1907.

Não vos fatigarei, senhores, continuando esta enumeração com mais alguns dados; pretendi apenas dar-vos uma idéa do desenvolvimento do Brasil, para que pudesseis julgar os esforços daquelle que tinha que presidir a esse desenvolvimento.

Haveis de ter notado, senhores, que faço figurar nesta estatística algarismos relativos ao progresso do Brasil depois do periodo do reinado de d. Pedro, e que apparentemente nada têm a vêr com elle; permitti-me, porém, que faça aqui uma observação; quando lançamos os olhos sobre os acontecimentos de uma epocha historica, esquecemos facilmente que esses homens e esses acontecimentos são, em parte, o producto da epocha precedente; sem duvida, os livres combatentes da Revolução brilharam nos campos de batalha da Europa, sem duvida Napoleão e seus generaes se fizeram quasi que por si mesmos, mas não esqueçamos que esses combatentes estavam cerca-dos de soldados instruidos

e disciplinados pelo regimen precedente, que Napoleão e seus generaes não eram chefes de partidarios mas em grande parte, salvo algumas excepções, officiaes que haviam recebido solida instrucção militar, embora sumaria, nas escholas militares reaes. Os juristas de Napoleão haviam feito seus estudos sob o antigo regime.

O Egypto dos Mamelucos influíu sobre o Egypto de Mahomed Aly; mas os homens deste ultimo fizeram o Egypto de Ismail, como vós mesmos formareis o Egypto de amanhã. Com effeito, o passado é o pai do presente, como a criança é o pai do homem.

Tambem os grandes homens do Brasil republicano actual, os artífices do Brasil próspero de hoje, são em summa os homens do Imperio, formados por d. Pedro, que, não obstante amarem profundamente a Republica, não renegam as suas origens; e a força do Brasil actual foi em grande parte lentamente elaborada e accumulada durante 40 annos de um reinado pacifico, ligeiramente perturbado por algumas guerras. Dous presidentes da Republica haviam sido ministros e conselheiros de d. Pedro e não receiavam usar o titulo de «conselheiro»; o grande Chancelier Brasileiro, o malgrado tanto do lilo Branco, ministro das Relações Exteriores, e que ao mesmo tempo era presidente do Instituto Brasileiro, foi formado pelo imperador, de cujas tradições conservou-se fiel depositario. O mesmo se poderia dizer de todos os outros homens eminentes, que dirigem actualmente os destinos da joven e gloriosa Republica; todos os chefes do Exercito e da Marinha, os medicos de que se ufana o Brasil moderno, os grandes engenheiros que transformaram e utilizaram a natureza desse paiz, assim como seus predecessores os engenheiros dos Pharaós e os de Roma, devem a sua formação intellectual á epocha do imperador.

O Brasil de nossos dias collocou e fez fructificar brilhantemente o capital que lhe legou, desde a origem, alguém que lentamente o accumulou.

Até aqui, senhores, sómente temos considerado d. Pedro sob a physionomia exterior. Penetremos mais adiante, procuremos chegar tanto quanto possível ao seu ser intimo.

Muitos de vós, senhores, lembram-se ainda dos seus traços em 1876; quanto ao que lhe diz respeito, não o conheci pessoalmente senão em 1888, quando elle projectava voltar pela terceira vez ao seu querido Egypto e tornar a vêr os seus caros collegas do Instituto, no que foi impedido pelas circumstancias; era então um velho venerando, digno, muito affavel, de maneiras simples, porém, graves, de aspecto um pouco triste, posto que de olhar ainda extraordinariamente brilhante.

A sua bella barba branca mais augmentava a nobreza, que delle se desprendia por effluvios e que, aliás, era o principal character que sempre se assignalou nelle; si um pintor quizesse, em uma composição allegorica, reproduzir o typo classico do monarcha venerando, nada melhor poderia fazer do que inspirar-se na pessoa de d. Pedro, que era o « imperador de barba florida ».

E, desde que evoquei esta recordação pessoal, deixae-me dizer que, em 1888, d. Pedro apressou-se em aproveitar da minha entrevista com elle para conversar em arabe com o moço, que eu era então.

Além disso, um dos nossos sabios diplomatas, o dr. Oliveira Lima, da Academia Brasileira, nos seus cursos effectuados no anno passado em Pariz, na Sorbonne, sobre a formação historica da Nacionalidade Brasileira, descreve-nos d. Pedro aos 20 annos, em 1845, tal como o retrata um viajante francez, o conde Suzannet, que o conheceu nessa epocha:

« O retrato que o conde Suzannet deixou-nos, diz o dr. Oliveira Lima, é interessante. D. Pedro, nessa epocha, era um enigma, pelo menos assim o considerava Suzannet; a sua impassibilidade era, entretanto, modificada pela benevolencia, mais ainda, por uma bonhomia constante que nelle se tornára costumeira.

Logo ao primeiro encontro, embora affavel, conserva-se frio, mesmo um pouco tímido... depois mais loquaz, quando se apresenta occasião, communicativo sem o menor sacrificio da magestade do seu posto; quasi não fallava, de sorte que a vivacidade parecia extranha a um espirito que, mais tarde, mostrar-se-hia até mesmo dispersivo, tanta seria a sua versatilidade. »

E o dr. Oliveira Lima explica perfeitamente o estado da alma

do imperador e observa que elle foi educado na mais dura escola, mas talvez a melhor, a escola do soffrimento. Practicamente orphão aos cinco annos, criança abandonada nos degrãos do throno, a sua infancia sem carinhos, a sua adolescencia sem alegria e a sua mocidade sem prazer haviam desde logo amadurecido a sua intelligencia e dado precocemente ao seu character essa feição, que foi um dos seus mais notaveis traços; — accrescentae a isto que o elemento feminino desempenhou insignificante papel na adolescencia desse joven, educado na intimidade « por vezes aborrecida dos senadores do Imperio » e de um tutor ecclesiastico, os quaes, conhecedores do excesso de energia animal de seu pai, d. Pedro I, o intemperato do além Atlantico, desejavam ter um soberano mais calmo; por isso, comprehendem-se as causas do character especial de d. Pedro II. Supponde que o rei de Roma conseguisse elevar-se ao throno de seu pai Napoleão I e ahi se conservasse até avançada edade, em meio das luctas, dos ataques e das agitações dos partidos: o seu character, durante sua vida, não ficaria impregnado dessa especie de tristeza que se nota no de d. Pedro?

Entretanto, essa tristeza estava longe de ser o effeito de um desânimo; d. Pedro era por ella assaltado, mas não se deixava dominar completamente. Nas diversões que lhe proporcionavam as palestras com os sabios e pensadores, seus amigos, d. Pedro, que se despojava do pesado manto de soberano e vestia a roupa leve do homem, podia viver e respirar e manifestar-se tal qual era. As memorias pessoas de Brugsh e do professor Schweinfurt revelam-nos um Pedro II bem differente da figura calma, um pouco fria, direi mesmo « hieratica », que se está acostumado a vêr nelle; contemplamos um d. Pedro, que não emprega esforço nenhum por conter o natural despeito quando o capitão do navio em que viajava trahia o seu incognito, içando o pavilhão imperial no mastro grande e dando assim occasião a uma manifestação official inoportuna, ou quando Mariette demora em lhe dar informações sobre esta ou aquella questão de Egyptologia, que elle pedira; um d. Pedro, que se deixa scommetter por accessos de sã e franca hilaridade, como por exemplo no dia em que o seu amigo Brugsh, que mostrava bem ter sido estudante, e gostava

de prégar farças aos seus amigos, o apresentou como Imperador do Brasil sem que ninguém quizesse acreditar, porquanto todos imaginavam que era um novo gracejo de Brughsh, e aquelle que elle chamava d. Pedro não era mais do que um seu jovial cumplice.

Frequentemente d. Pedro, a imperatriz e o visconde de Bom Retiro iam á modesta casa de Brughsh, ao quartelão Kolali, tomar chá e discutir sôbre sciencias; essas reuniões eram para o soberano banhos de vida natural, que lhe penetravam por todos os poros da pelle, embebendo-o de humanidade e dan-lo-lhe novas forças para o duro labor do throno, a que novamente se devia entregar.

O dr. Oliveira Lima, que estudou de perto d. Pedro, julga-o do modo seguinte: «o seu amor extremado á paz, sem desaire, e á justiça; a paixão pelas sciencias, em primeiro logar, depois pelas letras, e enfim pelas artes, em summa, por tudo que se refere ao espirito; o desprezo ás vulgaridades e o despreendimento das riquezas, a affabilidade cheia de dignidade, a gravidade sem carrancismo, a bondade sem affectação e a honestidade illimitada tornaram o nome desse monarcha não só familiar áquelles que tractam de Historia e Politica como de Philosophia e Moral, mas tambem aos que se deixam seduzir pelos aspectos superiores da humanidade.

O seu renome é justo, porque elle foi o mais nobre dos homens e o mais perfeito dos soberanos.»

Será crível, senhores, que nestas condições d. Pedro se tenha dedicado á Philosophia e ás sciencias por desgosto da vida, por não encontrar nesta os prazeres que as circumstancias afastavam, assim como uma desillusão de amor pôde levar uma moça ao convento? Será admissivel que o amor á sciencia fosse para elle uma paixão como outra qualquer, não menos violenta nelle do que a paixão pelo jogo ou pelas mulheres em outros, e que esse sentimento, por mais nobre que fosse, não passasse de uma paixão, que o empolgou em detrimento dos seus deveres de soberano, dos seus legítimos interesses, de sorte que se pudesse dizer delle o que se disse de outro soberano, amigo das sciencias e da Philosophia: Afonso de Castella, o «sábio», o profundo

astrônomo, a quem devemos as leis chamadas « Affonsinas »; que contemplando as cousas do céu perdeu as da terra?

Ou talvez, sob outro ponto de vista, o amor ás sciencias fosse em d. Pedro simples passatempo de um espirito esclarecido, uma diversão ás preocupações do seu governo e, em outros termos, dedicar-se-hia d. Pedro ás sciencias do mesmo modo que Luiz XVI á marcenaria?

Estas duas opiniões tiveram seus defensores; creio, porém, que nenhuma é exacta. A sciencia, sem duvida, é uma amante exigente e apaixonada, que obriga seus adoradores a praticarem loucuras; um dictado arabe muito divulgão diz que « dous homens jámais podem ficar saciados: o que ama o ouro e o que ama a sciencia ». Ella partilha com todo amor um bem immaterial, com todo altruísmo o dom de fazer martyres, que como os primeiros christãos experimentam nos seus soffrimentos a mais intensa alegria, e que perseveram em curtir dôres pelas suas convicções ou pelo bem de outrem.

Conheceis, senhores, o martyrologio dos que se votaram ao bem da humanidade: o pensador, o sabio, o investigador, o escriptor, o artista, o explorador, o navegador, cujos esforços e trabalhos redundarão em proveito de seus similhantes, que verão augmentado o seu bem estar intellectual e material; deante delles o seu proximo deveria curvar-se em homenagem e reconhecimento; entretanto, elles vivem e morrem pobres e desprezados, enlameados e maltractados pelo luxo de um commerciante ou de um agente de cambio felizardo. Pensemos em Galileu, Christovão Colombo e Pascal; lembremo-nos de Cortez implorando uma esmola a Carlos Quinto, depois de lhe ter doado um dominio mais vasto do que o que os seus antepassados lhe legaram; recordemo-nos de Lavoisier solicitando o tempo necessario para terminar uma experiencia e recebendo do Tribunal Revolucionario esta resposta: A Republica não tem precisão de chimicos; lembremo-nos de Sauvage, morto louco no hospital, enquanto a sua invenção da helico era explorada na Inglaterra; recordemo-nos, enfim, senhores, de Mouillard, morto na miseria depois de ter dado a muitos o proveito material e á humanidade a solução da conquista do ar!

Mas não foi por paixão desarrazoada, nem por despeito e á guiza de consolação que d. Pedro se entregou ao cultivo das sciencias; a sua probidade, que sempre esteve ao sabor dos ataques de seus adversarios, não lhe permittia que sacrificasse os interesses do paiz ás satisfações de uma paixão, por mais nobre que fosse, e elle tirava da sua Philosophia força bastante para resistir ao desanimo e ao desgosto da vida.

Tambem não foi por simples passatempo que se consagrou ás sciencias e ás lettras. Outra opinião, embora sustentada com mais pertinácia, é erronea; « D. Pedro, diz Joaquim Vianna, criticando-o, não perdia tempo no estudo das sciencias sociaes; as litteraturas antigas como as da Grecia e de Roma constituiam sua preocupação; a Philologia encantava-o; a Historia natural, fertil em minucias pittorescas, havia-o seduzido; a Astronomia era a sua predilecção, a que não se podia furtar; d. Pedro, fixados os olhos á ocular do telescópio, contemplava os astros, admirava a harmonia do systema planetario e a eterna calma do céu; imaginava que no seu paiz tudo se passaria nessa paz e nessa ordem perpetuas, que elle observava nos quietos espaços celestes. »

Dizer que a sua sciencia era encyclopedica, é dizer tudo. Ora, é fóra de dâvida que um homem, que se via deante da Historia com a obrigação de fundar um Imperio, não devia consagrar esse tempo em deixar-se absorver pela Geologia de Agassiz e a Cosmographia do astrónomo Liais, pela Chimica, pelo hebraico, pelo sanskritto, pela Physics, pela Archeologia do sabio Lund, pelas Mathematicas, pela Botanica e, mais do que tudo isto, pela interpretação da « Divina Comedia ».

Senhores, vós mesmos dareis resposta a esta critica; a Chimica, o hebraico, o arabe e a Archeologia e, não obstante os esforços de Camillo Flammarion, a Astronomia nunca foram sciencias para amadores; até hoje, não vemos as bellas senhoras ou os elegantes dos salões mundanos estudarem a Egyptologia e o sanskritto, ou o syriaco, na qualidade de amadores, do mesmo modo por que compõem obras de pyrogravura, miniatura, e fazem versos, musica, critica litteraria, ou mesmo politica.

Por consequente, é inutil insistir sobre esse ponto.

Na realidade, senhores, que pretendeu d. Pedro? A resposta é fácil, si considerarmos por alguns instantes a personalidade íntima desse grande pensador.

Contrariamente aos juízos de Lavoisier, estava persuadido de que « o paiz necessitava de sabios »; tinha que reinar não sómente sobre uma nação nova, mas também sobre um paiz virgem; sem duvida, o Brasil é um paiz para o qual a natureza se mostrou prodiga das suas riquezas; mas que pôde fazer a natureza, si a sciencia não vier em seu auxilio? O exemplo do Egypto sempre lhe chamára a attenção; elle comprazia-se em commentar a phrase classica de Herodoto: « O Egypto é um presente do Nilo », phrase que reproduziu em seu jornal de viagem.

Mas, para ser exacto, é preciso modificar um pouco esta phrase e dizer: « Um dom do Nilo e dos sabios ». De que utilidade teria sido o Nilo ao Egypto, sem os trabalhos de irrigação dos Pharaós e dos engenheiros modernos? Que vestigio deixaria o Egypto no mundo, sem a sciencia dos que, na antiguidade, gravaram a sua historia e conservaram a civilização e a historia antiga nos livros de pedra, que são os monumentos dos Pharaós e sem a sciencia daquelles que souberam descobrir e ler esses livros: os Champollon, os Mariette, os Brugsch, os Maspero? D. Pedro, reflectindo nisso, escreveu num livro dado pelo sabio egyptologo Lepsius ao consul allemão de Louxor: « Os monumentos do Egypto são para os pensadores uma revelação ».

De outro lado, o imperador sabia que um paiz que deseja tornar-se grande deve revelar-se sob o melhor aspecto ao estrangeiro e firmar favoravelmente a sua reputação, dando uma idéa do seu valor; mas a melhor propaganda de um paiz é a que fazem os seus grandes homens; elle tinha sempre presente ao espirito o professor allemão, que creou a Allemanha moderna, e o facto da civilização franceza espalhada no estrangeiro pelos sabios, pelos escriptores e pelos artistas francezes.

Elle pretendia tornar-se o propagandista, o embaixador intellectual do seu paiz.

A seu ver, mais do que as armas, o valor intellectual assegura a grandeza de um paiz; e o exemplo da França impressionava-o a tal ponto que a 18 de Dezembro elle notou no seu

jornal, depois de ter descripto a visita que fez ás ruínas de Karnak: «...e subi até o cume do Pylone, e, lá, adorei a Deus creador de tudo que é bello, e pensei nas minhas duas patrias: o Brasil e a França; esta, pátria da minha intelligencia; aquella, pátria do meu coração.»

Mas não é cousa facil inspirar o gosto da sciencia a um paiz novo, pouco antes ainda colonia abandonada de um pequeno paiz da Europa. Ora, aqui se revela o processo que foi sempre familiar a d. Pedro, processo que varias vezes foi coroado de exito mas que, é preciso confessar, foi insufficiente, em vista das circumstancias. Imperador constitucional, d. Pedro era o homem escrupuloso, o homem probo por excellencia; respeitava tanto a liberdade dos partidos, que não se julgava com o direito de usar do poder, propriamente dicto, mas sim da influencia para fazer prevalecer suas idéas. É a theoria que Eduardo VII enunciou, depois d'elle, dizendo: «Deixae-me a influencia e eu dispensarei o poder.» O principio é perfeito para governar... com a condição que elle seja violado ao menos secretamente, porque dispõe de meios para exercer essa influencia e abster-se do poder... D. Pedro, demasiado theorico, julgava dever respeitá-lo lealmente; não possuía a habillidade um pouco machiavelica de Napoleão; por isso, durante todo o seu reinado, no que concerne á politica, foi victima dos partidos que paralytavam, por vezes, as suas boas intenções nesse paiz de luctas ardentes, e faziam-no o bode expiatorio das suas faltas e, quando se reconciliavam, prejudicavam-no.

Em compensação, nas questões alheias á politica, no que se referia, por exemplo, ao desenvolvimento intellectual do paiz, o seu processo triumphou admiravelmente. Aconteceu com elle o que aconteceu a todos os soberanos, que reinaram longo tempo num paiz: acabou por fazer o paiz á sua imagem. Diz-se geralmente que um povo tem o chefe que merece; poder-se-hia tambem dizer que um chefe de Estado tem o povo que merece. É interessante verificar esse phenomeno de assimilação do povo ao character do seu soberano, ou deste ao character daquelle; parece que se está em presença de dous vasos communicantes, que devem chegar a um mesmo nivel, ou de dous corpos egualmente

quentes, que devem chegar a uma mesma temperatura. A França de Luiz XIV lembra Luiz XIV, como a França elegante e leviana de Luiz XV é a imagem do seu soberano, como « a egua indomita e rebelde » é o typo do « corso de cabellos curtos » que a cavalgava. O mesmo aconteceu ao Brasil: cinquenta annos de reinado effectivo fizeram do Brasil a imagem do seu velho soberano; o amor da sciencia, a preocupação pelo desenvolvimento intellectual transmittiram-se aos seus discipulos.

Depois do reinado de d. Pedro, foi tão sómente graças ás suas faculdades admiravelmente desenvolvidas em seus filhos que o Brasil chegou a obter os resultados sorprendentes, que encham o mundo de admiração á vista da sua expansão.

Censurou-se d. Pedro por ser a sua sciencia muito encyclopedica e pouco especializada; repete-se isto frequentemente como uma critica, sem se comprehender que é o melhor elogio que se lhe pôde fazer; com effeito, não ha dúvida que d. Pedro era menos sabio em Biologia do que Pasteur, em Astronomia do que Liais, Egyptologia do que Mariette, ou Maspéro ou Brugsch; mas o Brasil não precisava de um soberano que fosse mineralogista, chimico, astrónomo, ou auctoridade em Philologia e em Archeologia, mas sim de um soberano que entendesse de Chimica, de Astronomia, de Mathematica e sciencias em geral, de maneira a ser capaz de as amar e transmittir esse gosto ao seu povo; foi justamente o que d. Pedro desejou ser e conseguiu; nisto consistiu o seu grande e inextinguível merito, ao passo que teria faltado aos seus deveres si se especializasse nesta ou naquella parte e abandonasse as outras. Elle havia judiciosamente comprehendido as necessidades do Brasil, na sua epocha; as letras estavam bastante desenvolvidas e poderiam continuar por suas próprias forças, as bellas artes poderiam esperar, mas a necessidade de communicar ao seu povo ou de penetrar-lo do gosto pelas sciencias era urgente; portanto, era o estudo das sciencias que reclamava o auxilio da acção immediata de d. Pedro; por isso, elle prestava o seu concurso por ordem, de preferencia, como muito bem observou o dr. Oliveira Lima; primeiro ás sciencias, em seguida ás letras e em ultimo lugar ás artes.

Além disso, senhores, citei no começo desta conferencia a

opinião de Pasteur e de Victor Hugo a respeito de d. Pedro, e penso que um Pasteur e um Victor Hugo eram conhecedores dos homens e sabiam ajuizar do seu valor. O Instituto de França, nomeando d. Pedro para seu membro honorário, ratificou o juízo de Pasteur, de Victor Hugo e de Lamartine, e vós mesmos, senhores, o haveis dignamente apreciado no dia em que o nomeastes membro honorário do Instituto Egypto e inscrevestes o seu nome na vossa gloriosa lista, que lhe dá como companheiro de valor em merito, um Ampère, um Barthelemy St. Hilaire, um Claude Bernard, um Cesar Cantu, um Lesseps, um Pasteur, um Maspéro, um Livingstone, um Milne-Ewards e um Schosinfurt, que também foram ou são membros honorários do nosso Instituto.

D. Pedro conseguiu deixar o poder com a mais nobre satisfação que os philosophos desejam ao homem: a do dever cumprido. Elle havia desempenhado a sua missão providencial; a preparação do seu povo para o regimen da Republica; com effeito, é necessario um preparo, mesmo para o progresso; quantas vezes não vemos na historia os povos mal preparados para as mais amplas liberdades, que inopinadamente lhes são concedidas, não saber usa-las convenientemente ou dellas tirar proveito. Graças a d. Pedro este perigo foi poupado ao Brasil; com tutor ou um educador menos esclarecido do que d. Pedro, talvez o Brasil não tivesse conseguido constituir essa reserva de energia nem esse manancial de intellectualidades, que se desenvolveram immediatamente depois da proclamação da Republica, que marcou a hora propicia para o Brasil passar do recolhimento á acção.

A flor esperou o brilhante sol da primavera para desabrochar, e felizmente encontrou um bom jardineiro para semear um grão escolhido e para zelar pelo crescimento um pouco latente, na estação de inverno.

O Brasil está geographicamente um pouco longe de nós, senhores, embora hoje em dia não exista mais a distancia; mas muitas vezes tivestes ensejo de apreciar a intellectualidade brasileira moderna, já mesmo aqui, graças aos diversos sabios brasileiros, que vêm frequentemente em viagens de estudos, já mesmo na Europa, nos diversos congressos a que assististes e

onde estivestes em contacto com os delegados do Brasil; muitos daquelles que formam aqui, no Cairo, o vosso círculo intellectual ou social, puderam aquilatar de modo mais preciso essa intellectualidade; o commissario francez actual na Caixa da Dívida Pública, o barão d'Anthouard, que representou a França no Brasil, e auctor de um bello livro sobre o Brasil, pô-lo estudá-lo *in loco*; o seu collegá, o commissario russo junto á Caixa da Dívida, o conde Prozer, manteve relações estreitas com grande numero de representantes da intellectualidade brasileira; o bello prefacio de uma obra recente de um dos nossos diplomatas, o «Chanaan» de Graça Aranha, exprime, aliás, a sua opinião a tal respeito.

Para não fallar mais de letras nem de artes, o que nos leva muito longe, restringimo-nos unicamente ás sciencias.

Com effeito, em nenhuma parte como no Brasil verifica-se tanto gosto pela sciencia e pelas sciencias; alguns mesmo vão ao ponto de dizer que os Brasileiros caem no excesso das suas qualidades; já se começa a criticar a sobrecarga, a que se entrega a geração brasileira actual, sobretudo no ensino secundario e superior. O impulso dado por d. Pedro, continuado pelo Governo esclarecido da Republica, está produzindo fructos.

Astrónomos como Morize e Araujo Ferraz, mineralogistas como o professor Joaquim da Costa Senna, dignos successores dos Liais e dos Agassiz, podem soffrer confronto com qualquer das celebidades do velho continente. Barbosa Rodrigues, que morreu ha poucos annos, era uma auctoridade em materia de flora tropical; e especialmente em palmographia, e o seu «*Sertum palmarum Brasiliensium*» é um monumento para essa parte da Botânica. Na Medicina o Brasil, graças á sciencia dos seus concladãos, e pelos seus esforços unicos, conseguiu desembaraçar-se completamente da febre amarella, que hoje não é mais do que uma longínqua recordação; a lucta contra a malária e as molestias transmitidas pelos parasitas, contra o beriberi, contra as picadas das serpentes e outros animais venenosos, o desenvolvimento das affecções nervosas, a medicina legal, a hygiene urbana e outras ainda tornam-se, de algum modo, especialidades brasileiras. Nomes de especialistas brasileiros contemporaneos, como os de Oswaldo Cruz, Vidal Brasil, Julianô Moreira, são de

uma reputação geral no mundo medico, não só naquelle paiz, mas tambem no extrangeiro. Mas é nas artes de engenheiros, tão necessarias a um paiz novo, que o Brasil moderno occupa um dos mais notaveis logares; corporações de sabios, como o Centro Industrial do Brasil e o Club de Engenharia do Rio de Janeiro, provocam a admiração dos scientistas extrangeiros, e os trabalhos executados ultimamente para estender ao interior do paiz a rede civilizadora dos caminhos de ferro, como os que tão vantajosamente transformaram os grandes portos brasileiros, como os que transformaram em dezoito mezes a antiga Rio de Janeiro em uma das mais bellas capitães modernas, tendo a seu favor as bellezas da natureza e da arte, são verdadeiros trabalhos de Romanos.

E não esqueçamos, senhores, que os Brasileiros são um punhado de 25.000.000 de habitantes, obrigados a transformar a natureza de um territorio tão extenso quanto a Europa, tal é a superficie do Brasil; pode-se já, por esta unica consideração, dignamente apreciar o valor da intellectualidade e da intelligencia de homens como Lauro Müller, o grande engenheiro que, nomeado ministro das Relações Exteriores, traz á politica exterior do seu paiz as qualidades que empregou nos seus admiraveis trabalhos technicos; como Miguel Calmon du Pin, Teixeira Soares, Paulo Frontin, Lassance Cunha, Vieira Souto, Francisco Bicalho, Castro Barbosa e muitos outros, cujos nomes me dispensarei de lembrar, para não alongar mais a lista.

Sendo o triumpho do alumno uma prova do valor do mestre, pôde-se por esses resultados ter idéa do valor de d. Pedro como educador do seu paiz.

D. Pedro, além de inspirar ao Brasil o gosto pela sciencia, transmittiu-lhe o seu particular interesse pelo Egypto.

Mas, perguntar-me-heis, senhores, donde se originava o interesse de d. Pedro pelo Egypto, interesse que o levou a emprender duas longas viagens a este paiz e projectar, em 1888, uma terceira? Erroneamente suggeriu-lhe como causa uma futil curiosidade pela Egyptologia e, mesmo no seu tempo, alguns espiritos demasiado materialistas, por demais « businessmen », censuraram-no por esse facto; entretanto, não se tardou em fazer justiça a d. Pedro e em avallar a profundza das suas vistas. Sem du-

vida o imperador experimentava um prazer intellectual nas suas pesquisas egyptologicas — e o seu jornal revelou-nos uma especial maneira de se occupar de Egyptologia, uma maneira que vai bem com o seu character e que eu chamarei « estudar a Egyptologia como philosopho, como pensador », segundo sua propria expressão; mas não se limitava sómente a isto; elle havia notado a extraordinaria similitude de clima entre o Brasil e o Egypto. Com effeito, o Egypto está situado entre o tropico de Cancer, que passa em Assonan, e o grão 31 de latitude, que passa em Alexandria; ora, passando do Norte ao Sul, é precisamente esta a situação da parte meridional do Brasil collocada entre o tropico de Capricornio, que passa perto de S. Paulo, e o grão 31 de latitude Sul, que é o da fronteira meridional do Brasil; o resto do Brasil evidentemente está em latitude inferior e deveria ter um clima mais quente, correspondente ao do Sudão, mas como esta parte forma exactamente um planalto de 900 metros de altitude, em média a influencia da altitude corrige a da latitude, e, em vez de ter uma temperatura equivalente á da Africa Central, continúa a ter a do Egypto ou antes a do Alto Egypto. Tambem muitas culturas são communs ao Oriente e ao Brasil: a canna de assucar, o café, o algodão, o fumo, etc. Por conseguinte, por que o Egypto com a sua adelantada civilização, com os seus processos de cultura vindos de tempos immemoriaes, com os immensos trabalhos que nelle eram executados ou projectados, deixaria de constituir um campo de estudo e de observação para o Brasil? Por outro lado, independente dessa troca intellectual, qual a razão de não se estabelecer entre os dous paizes uma troca commercial mais activa? Era este o pensamento de d. Pedro, e fivesse occasião de notar, senhores, com que cuidado elle salientava nas suas notas de viagens que observava sobre a irrigação e a industria assucareira; vistes tambem que, a pedido do Governo Brasileiro, o Governo Egyptio confiou ao vosso collega, o dr. Gattinell, a missão de estudar a cultura racional do café, do algodão e do fumo, para depois vir ouvir, entre vós, a leitura e discussão do seu relatorio, e das suas notas sobre a depuração do oleo dos grãos de algodão!

A idéa de d. Pedro foi retomada pelos sabios da Republica,

e é com a maior attenção que se acompanham no Brasil os vossos trabalhos e os dos engenheiros e agrônomos do Egypto; os vossos sábios engenheiros, os William Willcocks, os William Garstin, os Ismaïl pachá Sirry, os Webb, os Macdonald e todos os outros creadores do próspero Egypto moderno são tão conhecidos no Brasil quanto aqui.

Nas discussões do Club de Engenheiros do Rio de Janeiro, citam-se frequentemente os nomes de Mangel e de Linant de Bellefonds, de Willcocks e do major Brown. As corporações scientificas do Brasil seguem attentamente os trabalhos do Instituto Egyptio: quarenta dias apenas depois de ter sido feita aqui a ultima communicação do vosso secretario geral, o dr. Bay, sobre a incubação artificial dos ovos, já era estudada no Brasil. Os processos egypcios gosam da mais alta estima nesse paiz, que tambem segue a theoria de lord Kitchener sobre o «trilho civilizador», porquanto a civilização penetra no seu interior por meio da via ferrea e ao mesmo tempo que ella. No Congresso Brasileiro foi apresentada, em Novembro ultimo, uma proposta para adaptar ao exercito desse povo, que vive num paiz tropical ou semi-tropical, um regimen de hygiene militar e um genero de alimentação baseados no das tropas egypcias e das tropas inglezas no Sudan. Os especialistas brasileiros vêm estudar e admirar os vossos bellos trabalhos de irrigação, nos quaes se inspiram para realizar trabalhos analogos; e, lá, são effectuadas experiencias de cultura sobre os dados fornecidos pelos vossos agrônomos.

Em outra ordem de idéas, os especialistas brasileiros vêm ao Egypto estudar questões particulares, como a psychologia criminal dos paizes tropicaes, as relações entre as condições de temperatura e o genero de criminalidade, a criminalidade e a natureza de vida e de occupação, a criminalidade das raças semi-civilizadas, como no Sudan, etc., estudos a que prestaria concurso, mas que não puderam ser levados a effeito, porque aqui não havia documentos sufficientes contrariamente ao que se suppunha no Brasil.

Todas estas considerações vos demonstram, senhores, a elevada estima, que o Brasil dedica ao Egypto e aos seus sábios, estima que é ainda um legado do nosso collega d. Pedro ao seu

povo, como os seus outros legados: o amor ás sciencias, ás lettras e á cultura intellectual.

O testador deixou um herdeiro, que não é ingrato; o Brasil conservou-se reconhecido ao seu velho soberano e não confundia o seu justo amor á Republica com o menosprezo ao merecimento de d. Pedro, considerado pessoalmente. O Imperio caiu; porque? Roosevelt declara nunca ter podido comprehender bem as razões da queda do imperador brasileiro, como tambem as da revolução de 1848, na França.

O Imperio desapareceu sem que fosse derramada uma gotta de sangue, sem convulsões, como um fructo muito maduro que se destaca da arvore; devia cair porque era uma anomalia na America. Além disto, já havia desempenhado o seu papel providencial; d. Pedro tinha por missão preparar para o futuro um Brasil forte, grande e robusto, occupando logar definitivo no concerto das nações; esta missão estava terminada, a função do tutor não tinha mais razão de ser, o pupillo já era maior. Por outro lado, a Republica favorecia com mais vantagem o desenvolvimento das energias, de que o porvir necessita; era, portanto, a Republica que faltava ao Brasil. A substituição, nesse paiz, do Imperio, cujo papel estava concluido, pela actual fórma de governo, mais apropriada ás novas condições, estava na ordem normal e natural das cousas; é assim que, na natureza, a borboleta morre, depois de ter fecundado.

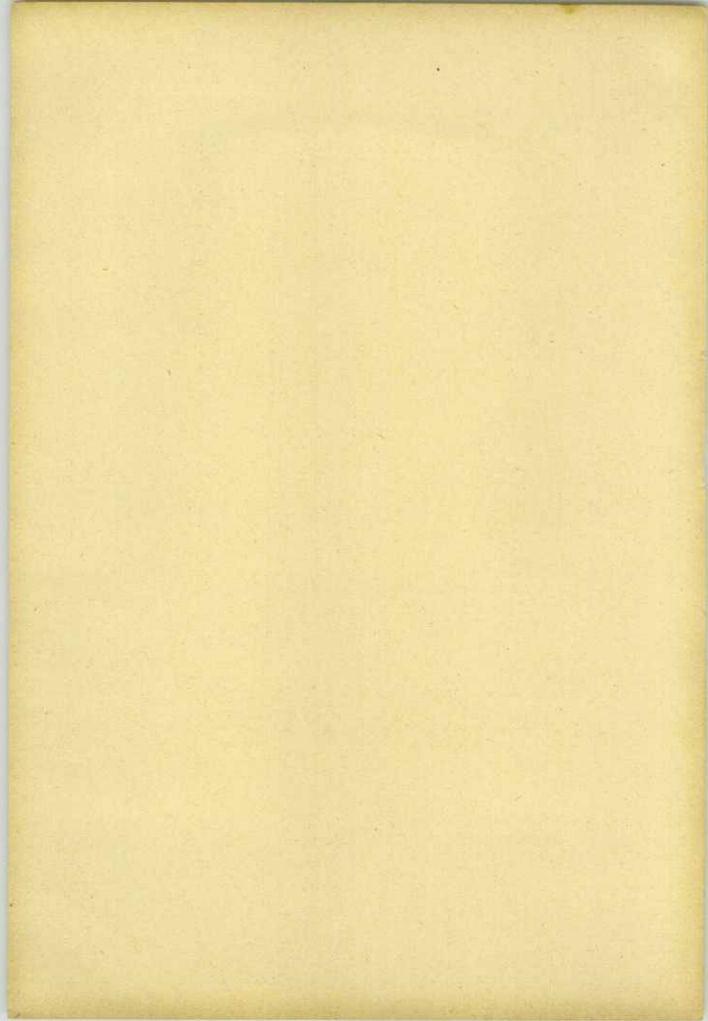
Mas o Brasil, não obstante a mudança de regimen, guardou sempre a veneração ao seu grande soberano; foi com os olhos marejados de lagrimas que o primeiro presidente da joven Republica acompanhou o antigo Imperador a bordo do navio, que se dirigiria para o exilio; a Republica chegou a offerecer a d. Pedro uma pensão, que elle recusou, mostrando por esta fórma que, mesmo depois de abandonar o poder, era tão desinteressado como antigamente. E admirae, senhores, este espectaculo modelo, que vos dá uma idéa da tolerancia, da philosophia e da largueza de vistas dos Brasileiros contemporaneos: no anno de 1909, o presidente da Republica, o dr. Nilo Peçanha, um verdadeiro e sincero republicano historico, como se diz no Brasil, ordenou que se tornasse a dar ao principal estabelecimento de ins-

tracção secundaria, no Rio de Janeiro, o nome de d. Pedro II, seu fundador, nome este que um excesso de zêlo da revolução havia tirado. No proprio dia do anniversario da proclamação da Republica, 15 de Novembro, deante de todas as auctoridades officiaes reunidas, o general Quintino Bocaiuva, presidente do Senado, e que havia sido um dos membros do Governo Provisorio que estabeleceu a Republica, não hesitou em solicitar que fossem transportadas officialmente as cinzas do Imperador, de Portugal para o Brasil. No mesmo dia, o presidente da Republica, acompanhado pelo general Thaumaturgo de Azevedo, inaugurou, no quartel central da policia do Rio de Janeiro, a galeria dos retratos dos grandes benefactores do Brasil; eram d. Pedro II, seu pai d. Pedro I, seu avô d. João VI, e sua filha a princeza Isabel, condessa d'Eu. Enfim, ha alguns mezes apenas, o actual chefe de Estado, o marechal Hermes da Fonseca, sobrinho do marechal Diodoro da Fonseca, inaugurou solennemente uma estatuade d. d. Pedro. Que direis, senhores, desta nobreza de character, deste espirito de verdadeira liberdade, desta tolerancia e largueza de vistas? Pois bem, senhores, estes sentimentos equivaleram aos de d. Pedro, que não temeu dar cargos elevados, no Governo e na Instrucção, a republicanos declarados.

Enfim, senhores, facilmente fareis idéa da veneração á memoria do vosso imperial collega pelos commentarios do Instituto Brasileiro sobre o seu jornal, commentarios que eu citei no começo desta conferencia.

Tentei, senhores, esboçar o retrato de d. Pedro, considerado como vosso collega, retrato entrevisto através das suas notas de viagem e através dos seus trabalhos; mas é um esboço muito imperfeito, são antes ensaios para um retrato do que mesmo um retrato. O retrato definitivo, vós mesmos o fareis, senhores, rebuscando e examinando as vossas recordações, tirando dellas deducções, que a vossa sciencia suggerir.

Sí, aceitando o meu concurso para fazer a pintura desse retrato moral, quizerdes communicar-me todas as cartas, documentos, etc., que tenham emanado de d. Pedro, por occasião da sua estadia no Egypto, meus compatriotas e eu mesmo hypothecar-vos-hemos a nossa gratidão.

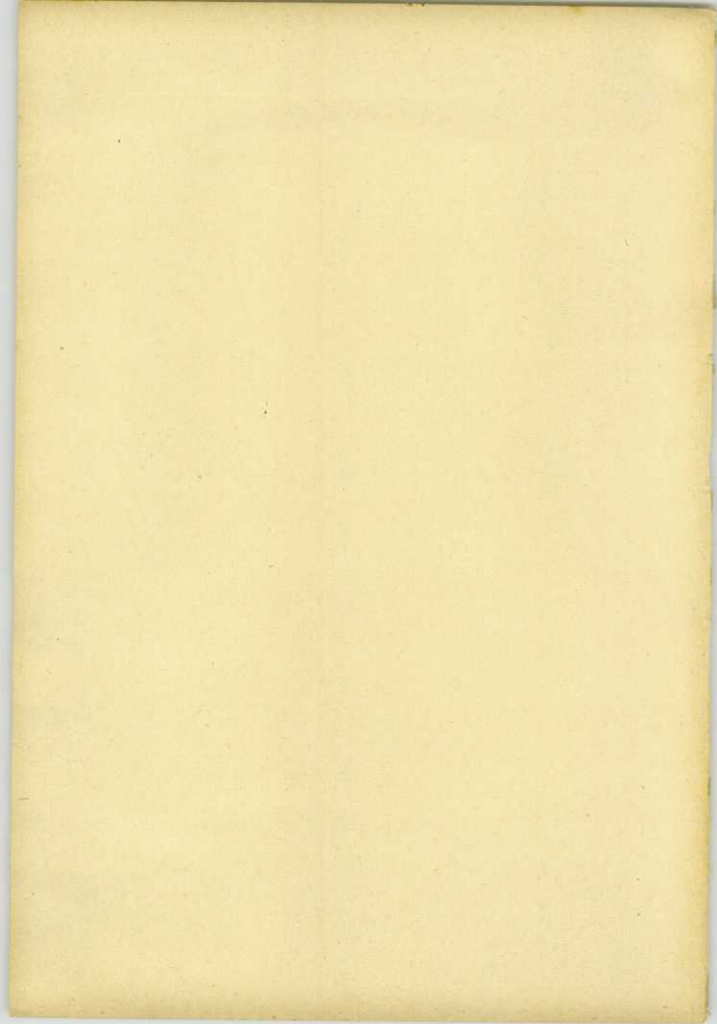


CARTAS DO EXILIO

DE

DOM PEDRO II AO VISCONDE DE TAUNAY

(1890-91)



Offerecendo ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro as onze cartas de d. Pedro II, exilado, a meu pae, cujos autographos estão em meu poder, penso trazer uma nova contribuição, tão curiosa quanto cheia de maior valia, para o estudo da personalidade excelsa do grande protector perpetuo do Instituto, na sua phase derradeira, no periodo em que a grandeza moral dominadora de toda a sua existencia tomou proporções inextinguíveis.

Escreptas na maior intimidade, num tom inteiramente paternal, sem a menor preocupação de possível publicidade, nellas vemos as singelas contestações do monarcha decaído aos topicos das cartas do fiel correspondente, entremejando-se ás noticias relativas aos seus estudos philologicos e projectos « para servir á Patria sempre », as pequenas distracções que lhe minoravam as máguas, os planos de traducção de obras litterarias, ás impressões de leituras ou de audições musicaes, de critica a discursos e conferencias, tudo isto narrado com tanta simplicidade! Era sempre o mesmo soberano, o imperador, que se contentava em Petropolis na sua cella monastica de um catre de ferro e um lavatorio de pinho, ao lado dos caros livros, um por um escolhidos, manuseados incansavelmente e annotados. « Espero ainda reve-los, antes de minha morte, como a filhos queridos », declarava na penultima das cartas, quarenta dias antes de morrer.

Nessas cartas, em todas, nenhuma palavra de revolta, ou siquer de queixume e acrimonia! Paira acima de tudo o mais entranhado amor ao Brasil, accompanhando as saudades intensissimas da natureza patria, as lembranças queridas dos amigos; recalca no intimo todos os sentimentos de dôr. Confia na absolvição que a posteridade lhe dará, attendendo ás intenções com

que sempre agiu, e é na maior intimidade que confessa ao servidor fiel que, ao pensar na sua « Fé de Offício de Imperador do Brasil », as lágrimas lhe marejam os olhos.

Tanta elevação de ânimo realmente nos enche de pasmo e da maior admiração...

Cada vez mais avulta aos olhos de todos os Brasileiros a figura grandiosa de d. Pedro II; dia virá em que acima do patriota e do defensor perpetuo da moralidade publica brasileira collocará a convicção nacional o exilado, que na adversidade deu os estupendos exemplos de grandeza d'alma, a serenidade que nelle vieram completar, sem duvida alguma, uma das mais nobres figuras da Humanidade, uma das figuras maximas da nação brasileira.

S. Paulo, 4 de Dezembro de 1912.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY.

I

Versailles, 25 de Maio de 1890 ¹

Taunay

Respondo á sua carta de 26 de Abril, digna dum verdadeiro filho de Felix Emilio Taunay, que tanto sentia o bello em suas multiplas manifestações. Lerei com o maior interesse o complemento do seu trabalho sobre Matto Grosso: lembro-me do dr. Cesar de Azevedo desde os bancos do nosso collegio.

Passo bem, trabalho melhor e logo vou á Academia de Sciencias, sobretudo para ouvir o Lipmann sobre a reproducção das cores pela photographia. Já estudei aqui, *de visu*, o que pretendem ter feito um certo Baudran e conheço a tentativa de Becquerel, que morreu ha pouco.

Lidei com os representantes das tres gerações na Academia das Sciencias a que pertenceram avô e pae e agora pertence o filho, todos elles physicos notaveis.

Já fui a uma das exposições de bellas artes.

Tenho um destes dias no theatro do « Trianon » *Le devin du village* e *Le philosophe sans le savoir*. Vou passar uma temporada em Vichy, que não conheço, e volto ao meu Paris, onde tanto se aprende.

Lembranças a sua mãe, a toda sua familia e aos que se lembram do

Seu muito afeiçoado

D. Pedro de Alcantara.

¹ Embora traçadas em má calligraphia, obra de mão muito trémula, são as cartas de d. Pedro II que aqui transcrevemos perfeitamente legíveis: varias, muito claras até. Em algumas ha palavras quasi inintelligíveis a que o sentido suppre com a maior facilidade, porém.

II

Taunay

Vou passando bem, e com proveito para os meus estudos linguísticos e históricos.

Passo por estes logares lindíssimos; falta-me porém a sociedade que mais me agrada.

Breve irei para Baden-Baden por causa do meu tractamento de duchas e de gymnastica nos diversosapparelhos, sem contar a natação de que tanto gosto.

Reenvio-lhe o seu folheto sobre o Paraná annotado por mim, para a prova de quanto me interessou a sua leitura. Si quizer guarda-lo peço-lhe outro exemplar, em que copie minhas notas, a que deseje talvez ajunctar outras.

Peço-lhe que dê muitas lembranças minhas a toda a sua família, começando por sua mãe.

Nunca me esquecerei do que devo a seu pae.

Adeus! receite o abraço de

Seu muito afeiçoado

Cannes, 12 de Julho de 1890.

D. Pedro de Alcantara.

III

Taunay

Muito obrigado por sua carta de 22 de Fevereiro e o seu « Estudo histórico ». Já principiei a lê-lo. Para que não me pareça injusto o que diz de mim, enviar-lhe-hei brevemente a minha fé de officio de Imperador do Brasil.

Escreva-me sempre dando-me noticias de tudo que saiba interessar-me, sobretudo do que de qualquer modo se refira á colonização.

Vou bem de saúde e estudo bastante para mesmo de longe servir á nossa Patria.

Como vão os seus? Falle-me de Petropolis...

Adeus! receba um abraço do amigo de seu pae e seu

D. Pedro de Alcantara.

Cannes, 21 de Março de 1891.

IV

Taunay

Lendo sua carta de 16 de Abril parecia-me gozar da bella vegetação do nosso Brasil.

Falle-me tambem das pessoas que sabe mais prezava eu, augmentando-me ellas o prazer dos passcios¹ e agora as entra-nhadissimas saudades...

De Versailles já vi quasi tudo, não exquecendo, bem entendido, os quadros de seu avô.

Um destes dias tenho, no theatro Trianon, uma representação pela companhia do theatro francez do *Devin du village* e de *La gageure imprévue*. Fui hontem a Paris ouvir no theatro francez: *Grisélidis*. Deve conhecer o conto de Boccacio; aproveitaram-no bem, e os versos de Armand Silvestre são mui bellos e dos que se repetem depois de ouvidos.

M.^{lle} Bartet representou perfeitamente o papel sympathico de Grisélidis. Coquelin Cadet não me agradou no de Diabo.

Continuo os meus estudos de sciencias naturaes, e facio curioso, psychologico: depois de minha grande molestia a intelligencia tornou-se-me muito mais apta para as mathematicas; reconheço-o sobretudo pela leitura dos *Compte-rendus*, que vou

1 Allusão de uma delicadeza tocante. Refere-se o monarcha aos passeios matutinos a pé, que diariamente dera em Petropolis, no ultimo verão alli passado, em companhia do seu correspondente e do conde de Aljezur.

anotando conforme o que sei, e mais estudo para melhor fazê-lo. Infelizmente não estamos na epocha musical de Paris. Arrisquei alguns passeios pelo Parnaso: sobretudo traducções como a do poema de Lucrecio.

Enfim si soffro não me aborreço nem a outros com as minhas queixas — e agora, até outra, pois as tentações ahí estão em torno de minha mesa e sobre ella bem à mão.

Muitas lembranças a todos os seus, e conte sempre com

Seu amigo

Versailles, 22 de Maio de 1891.

D. Pedro d'Alcantara.

V

Versailles, 29 de Maio de 1891

Taunay

Recebo sua carta de 30 de Abril e respondo já a Sylvio Dinarte, nome que me recorda escriptos tão estimados de quem gosta da boa litteratura.

Não fallo do estellionato artistico do... Está bem punido pelos artigos da imprensa; tenho mesmo pressa de occupar-me do meu Rio de Janeiro.¹

Concordo plenamente no juizo que forma da pintura do panorama e, como para *detalhes* achou *minucias* ou *pormenores*, tambem substituiria *aproveitamento* — *lavra* (quanto a minas) — *exploração* — vá pela palavra traduzindo *nuance*, embora de aspecto estranho, pois *matiz* não exprime completamente a ideia; e *lucineu*?² Elle não se espiçou somente nas palavras que phantasiou, merecendo embora elogios por esse seu trabalho e sobre-

¹ Refere-se o soberano ao Panorama do Rio de Janeiro de Victor Meirelles.

² Allusão a diversos neologismos do dr. A. de Castro Lopes.

tudo serviços prestados ao estudo do latim tão deslembado por quem fallando a propria lingua não reflecte quando imagina com o poeta :

« Com pouca corrupção erê que é latina »

tal qual Mr. Jourdain a exprimir-se em prosa.

A data de 7 de Maio provou-me bem que nunca é importuno a quem tanto o preza e á sua familia...

Com effeito *non est ibi locus* para a estatua, e prefiro vê-la onde diz. Prevaleceu porém o empenho aliás bem justo do Vazquez, e a gratidão não é comensinha. ¹

Sursum corda! esperava que os seus artigos fossem repercussão de meus sentimentos.

Continue, continue, seus estudos sobre Villa Bella.

As informações sobre Ricardo Franco de Almeida Serra, apreciando seus trabalhos, serão justa homenagem ao seu merito. Não me recordo agora de publicações que lhe possam aproveitar, pois vejo que, como eu, conhece o minucioso Philippe Coelho. O conego Guimarães poderá ter deixado escriptos curiosos.

Os bispos de Matto Grosso têm sido homens illustrados e poderão talvez fornecer bom subsidio.

O actual é muito intelligente e instruido — embora não tanto como o que foi ultimamente transferido de Goiaz, e, pela proximidade relativa das duas provincias, poderá ter estudado o que se refira a Matto Grosso.

Enfim, vá-me escrevendo e, á medida que progredir o trabalho, eu lhe lembrarei o que me lembrar.

30 — Acabo de ler o seu folheto. ²

Pag. 7. *Integralizada?* Não entendo bem.

1 Referencia ao monumento de João Caetano, acerca do qual houve grande polêmica quanto á collocação, indo finalmente figurar em frente á Academia de Bellas Artes.

2 Reporta-se o imperador ao opusculo *Algumas Verdades*, que o visconde de Tannay publicou em principios de 1891, dedicando-lh'o. Transcreve aqui as annotações á margem do opusculo.

Pag. 8. Fiz o que pude; — *mares encapellados* — agradeço-lhe a intenção, mas acho-a por demais poetica.

Pag. 14. « Também de seus labios... », etc. Creio que ahí também ha poesia.

15 — Não é difficil ser assim, basta ter *verdadeiro* sentimento religioso; é querer agitar-se. Não comprehendo effeito sem causa; o exercito não é a tropa que se achava no Rio.

16 — *Alfinetadas*; admittirei. — Sem fallar... etc., inteiramente de accordo, apesar de eu sempre esforçar-me por boa força de policia.

(Aguardo com impaciencia o livro, que facilitará as minhas reflexões).

17 — « Melhor remuneração » — Tem razão, mas a despesa? Por isso penso como sabe quanto ao exercito permanente no Brasil.

18 — Quem foi?

19 — Fiz meu dever.

20 — Por fim já não achava opposição por parte dos ministros.

22 — Não ha dúvida. Sempre pugnei por inteira liberdade de imprensa; seu correctivo está nella mesmo.

23 — Pela *evolução* sempre a quiz; seria a prova do desenvolvimento, sobretudo moral, do Brasil.

31 — Li, e com tanto maior satisfação quanto elle muito concorreu para a calumnia do governo pessoal.

35 — Todos os dias; e só penso na posição que occupei, por ella permittir-me prestar mais facilmente serviços á nossa terra. Serviços presto-os eu, todos os dias, occupando-me de tudo o que mais ou menos directamente lhe possa ser util.

Obrigado ainda pelas suas *Verdades*!

Adeus! Lembranças a todos os seus; breve espero carta sua.

Seu muito afeiçoado,

D. Pedro de Alcantara.

VI

Taunay

Respondendo á sua carta de 28, datada de nosso Petropolis, só tenho que lhe agradecer o que fez para a publicação de « Minha Fé de Officio ».

Ainda direi que me confessei perante a Nação. A posteridade me absolverá de meus erros, attendendo ás intenções.

Creia que lhe escrevo estas linhas com as lagrimas nos olhos. Tenho tanta fé em tudo que fiz e faço que, penso, seria martyr nos primeiros seculos do Christianismo. Não exagero.

Aguardo impaciente o seu trabalho sobre Matto Grosso.

Queira dar muitas lembranças á sua veneranda mãe e a todos os seus.

Estive bastantes dias de cama por causa de um callo. Houve gangrena, mas graças ao meu já duas vezes salvador Motta Maia, não foi preciso cortar o pé esquerdo. Agora tudo vai bem. Mas sempre li e escrevi, o que é o meu consólo, longe da patria como da affeição dos que querem ao

Seu muito seu

Vichy, 27 de Junho de 1891.

D. Pedro de Alcantara.

VII

Vichy, 20—Julho—1891.

Taunay

Vou bem, embora se tivesse aggravado o incommodo do callo mal tirado, onde até houve gangrena. Em poucos dias poderei partir daqui para a Auvergne, que desejo conhecer.

Minha futura digressão já está fixada.

Muito aproveitei do *De bello gallico* que descreve a região de Vichy, cujos contornos já na *realidade* percorri.

Admirei sempre o talento de Proudhon, mas não sei em que me poderia elle aproveitar.

Tambem gostei muito da Encyclica do Papa.

Sobre musica sabe que estamos, em geral, sempre de accordo. Já ouvi trechos do *Ligurd* e pretendo escuta-lo na opera em Paris. O que conheço do *Condor* me agradou, mas ás vezes não me parece original.

Adeus! Até breve?¹

Muitas lembranças á sua familia.

Seu de sempre

D. Pedro de Alcantara.

VIII

Taunay

Não sei si já respondi á sua carta de 8 de Agosto; mas tomara ter muitas maneiras de conversarmos.

Nada lhe direi do que se refere a meu character, e apenas repetirei o verso de Camões, que sempre me inspirou e inspira:

« A minha patria amei e a minha gente »

Não conheço esses livros de Tolstoi, e escreverei ao bom Rebouças que me diga quaes são.

Espero com impaciencia novos escriptos seus.

Muitas e respeitosas lembranças a sua mãe; nunca esqueço a familia de Felix Emilio Taunay, a quem tanto devo, o que talvez não seja completamente aquilatado.

Cada dia vou melhor.

Seu muito seu

Vichy—5—7.bro—1891.

D. Pedro d'Alcantara.

¹ Annunciara o visconde uma viagem á Europa com o fim de visita-lo.

IX

Vichy, 15 de Setembro de 1891.

Taunay

Chins!! Não sabem o que querem.¹

Tenho as minhas traducções da *Bíblia* e das *Mil e Uma Noites* soffrivelmente adeantadas.

Tambem releio a *Odisséa* mas, desde muito tempo, comparando com o original as traducções do Odorico, reparo que bem mostra não saber o grego, lançando mão das traducções de Piedemonte, de outras e dos commentadores. Como é bello o grego! Estimaria muito cartear-me com o senhor sobre taes assumptos.

Continuo os meus outros estudos.

Conto brevemente sair d'aqui, e em Paris ou perto de Paris trabalhar a meu gosto.

Que trabalheira mandar vir livros! Bem o experimentei agora para obter os de que preciso para explicar um pouco de Egyptologia aos meus companheiros. Os pontos das lições já estão escriptos, faltava-me porém pôr-me ao nível do estado actual desses conhecimentos.

Escreva-me sempre, como me disse, e creia-me

Seu amigo,

D. Pedro de Alcantara.

Muitas lembranças a todos os seus.

X

Paris, 28 de Outubro de 1891.

Taunay

Muito prazer causou-me, como sempre, a sua carta de 18.

Já vi seu mano, com o que muito folgaram as lembranças dos bons tempos.

1. Allusão ao projecto apresentado ao Congresso sobre a immigração chinesa e vigorosamente combatido pelo visconde na imprensa fluminense.

Si o corpo envelhece e já não presta, o espírito é sempre moço; vou agora estudar com Picard, da Academia das Sciencias, novos processos mathematicos.

Cumprer tentar sempre attingir a exactidão.

Que progressos nas applicações! Já determinamos o ponto do navio com um erro maximo de 200 metros. Vejo quasi resolvida a navegação aerea e a submarina. Zombaremos das montanhas e das tempestades.

Hei de escrever-lhe regularmente sobre todos esses melhoramentos; aproveite, como melhor lhe parecer, taes informações.

Que saudades me faz tudo o que de Campos me diz!

Approvo completamente sua opinião sobre o destino de meus livros, que espero ainda rever, antes da minha morte, como a filhos queridos.

Proximamente, escrever-lhe-hei carta maior.

Lembranças a todos que lhe fallarem de mim — meus respeitos affectuosos a sua mãe. Jámais exquereci a sua familia.

Seu muito affeiçãoado

D. Pedro de Alcantara.

XI

Paris, 24 de Novembro de 1891.

Taunay

Vou bem e já ando com o apoio da bengala.

Tenho trabalhado bastante, estou aprendendo novos processos mathematicos com um collega do Instituto e já assisti hoje á sessão ordinaria e á anniversaria da Academia Franceza, onde muito me agradou o discurso do «*Prix de vertu*» pelo Cherbulliez.

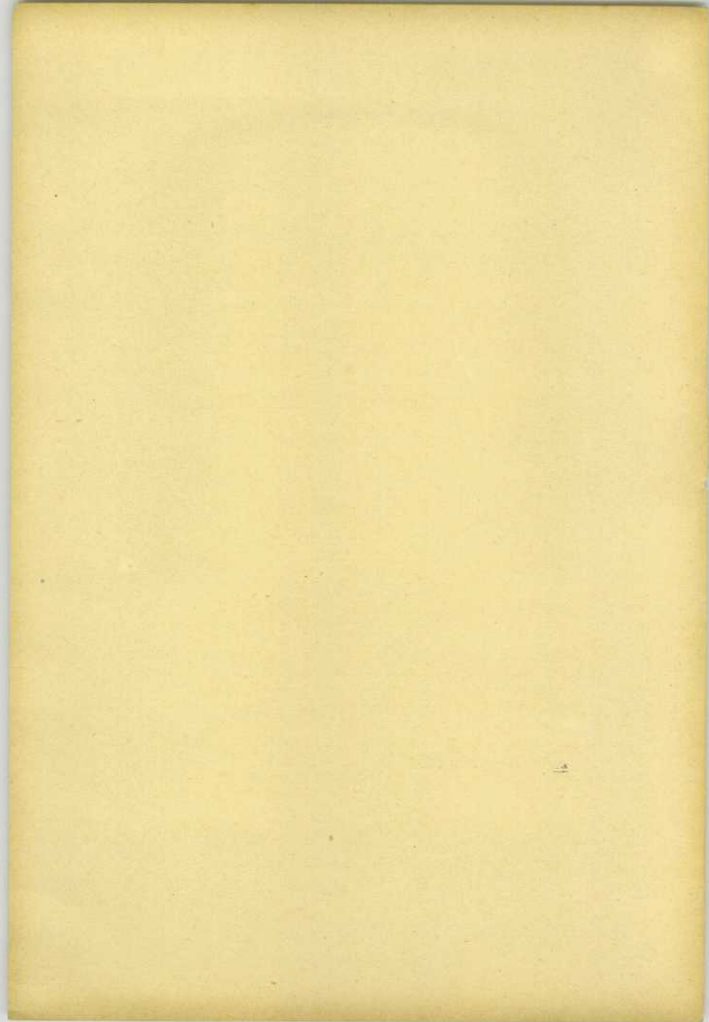
O C. Doucet, secretario, apezar de todo o seu espirito delicado, mal lhe posso comparar.

Obrigado por todas as suas cartas. Lembranças a sua mãe, aos Dorias e á familia. Seu filho deve estar muito crescido.

Adeus ! Falle-me de tudo.

Seu amigo muito affeiçãoado

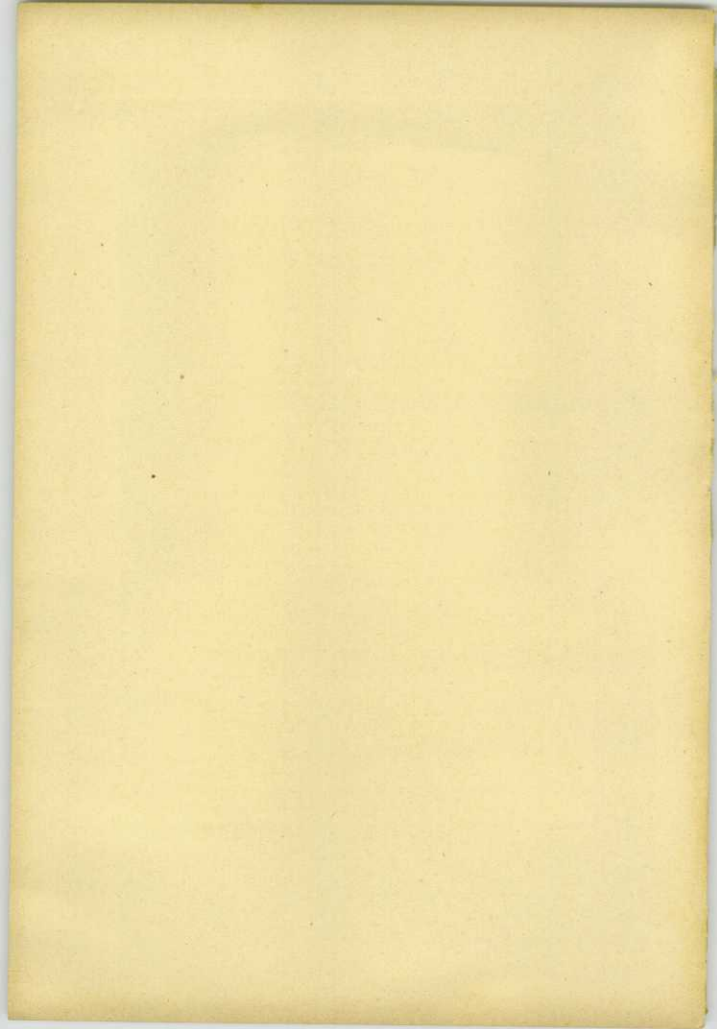
D. Pedro d'Alcantara.



SCENAS E PAIZAGENS DO ESPIRITO SANCTO

POR

D. JULIA LOPES DE ALMEIDA



SCENAS E PAIZAGENS DO ESPIRITO SANCTO

I

Propaganda do Brasil — O que se dizia do Estado do Espírito Sancto — Viagem — Os trens da Leopoldina — Jornaes de Campos — Itabapoana — Paizagens espirito-sanctenses — O Saturno — Habitações camponesas — O destino das terras marginaes da linha ferrea — A construção dessa linha e a iniciativa do Governo espirito-sanctense — A estação terminal de Argolas — A luz — A travessia do canal em lanchas — As senhoras de Victoria — Cães de embarque, etc.

Estou convencida, agora mais do que nunca, de que precisamos fazer a propaganda do Brasil — não só na Europa, onde ella deve ser feita com extrema habilidade, como no proprio Brasil. Porque a verdade é esta: nós conhecemos muito imperfeitamente o nosso paiz. Acabo eu propria de obter uma prova disto, observando num Estado vizinho cousas, que estava bem longe de imaginar.

Delliberei por esse motivo expô-las a quem tinha dellas a mesma ignorancia que eu tinha. Escrevo com inteira e absoluta isenção, por não ser presa á politica por nenhum vinculo quer de familia, quer de sympathia pessoal.

Comecemos:

Quando constou que eu arrumava as minhas malas para uma excursão á Victoria, alguém, que não ha muitos annos viveu por algum tempo nessa cidade, correu a avisar-me que as suas ruas eram fetidas, verdadeiros depositos de lixo, não devendo eu esquecer-me de carregar commigo frascos de desinfectante e de perfumarias. Obedeci sem hesitação, pondo um vidro de Phenol em cada canto da mala e enchendo de frascos de essencias a bolsinha de mão. Além dessa calamidade, avisava-me o meu in-

formante, há a da falta d'água. Um chafariz plnga uma lagrima hypocrita de cinco em cinco minutos, ainda assim expremida com inaudito esforço e esperada pela população com enorme anseio. Em frente do chafariz ha sempre uma multidão de carregadores, homens, mulheres e crianças, com bilhas e latas vazias de kerozene, fazendo cauda, á espera do momento feliz de ir apapar o choro da fonte quasi exaurida.

Só esse espectáculo basta para demonstrar a apathia daquella gente. Quem quizer, após as agruras de uma longa viagem, refrescar-se, ao chegar ao hotel, com um banho geral, terá de avisar o hoteleiro com certo tempo de antecedencia por carta ou por telegramma, para que elle possa dar para isso as suas providencias.

Ouvindo taes palavras eu não sabia si havia de sorrir, si de tremer, tanto ellas me pareciam mentirosas ou apavorantes! Logo a onda das informações engrossou. Toda a gente que dizia conhecer o Espírito Sancto me descrevia com pena o seu atrazo material. Além do mais affirmava-se que o fanatismo do seu actual presidente criára por todo o Estado uma atmosphera oppressiva de desconfiança e de terror. Ninguém dobrava uma esquina sem se benzer. Falava-se em funcionarios exonerados de cargos vitalicios por não assistirem á missa (!) ; em ruas conlhadas de batinas e de gente escorrida, de olhos postos no chão ou espreitando pelas frinchas a vida alheia para fazer resuscitar na terra brasileira a alma terrivel da Inquisição.

Procuru orientar-me pela leitura dos jornaes. Mas os jornaes não me orientam. Ao contrario, aggravam-me a expectativa, commentando com acrimonia um contracto de madeiras firmado pelo Governo do Espírito Sancto com uma firma estrangeira, em que, segundo dizem, as florestas famosas desse Estado serão devastadas, pondo a nú a terra e amesquinhando os mananciaes dos rios. Eu, que sou uma defensora das florestas, toda me sinto arrepiar a esses commentarios. Deante de tantas informações desagradaveis, não será muito mais prudente deixar-me ficar quietinha em casa? Voltando-me, entretanto, a fallar da belleza da bahia da Victoria, Alfonso Celso, alma de artista e de poeta, recommenda-me que não deixe de navegar em horas de varia luz por entre

as suas penedias e as suas ilhas maravilhosas. Ha qualquer cousa que me chama, que attrahe o meu coração e o meu pensamento para essas terras tão nossas vizinhas e tão nossas desconhecidas; tomo uma resolução e invisto para o trem.

—
Às nove horas de uma sexta-feira parti da estação de Sanct'Anna, em Nicteroi, para a Victoria num confortavel vagão-leito da Leopoldina. O quarto, illuminado a luz electrica, fornecida ao trem pelo movimento das rodas e nunca interrompida, porque elle dispõe de accumuladores, permite que, mesmo delatada, eu continue a leitura de um livro que me interessa. A cama é boa, de alvos lenções de linho e cobertor branco, de lã. Para início da viagem não estou mal; de resto, o movimento de *tangage* (dos pés para a cabeça) imprimido ao corpo por esses leitos transversaes parece-me menos enjoativo que os collocados em sentido longitudinal, como os da Central. Com pequenas interrupções, durmo até a vizinha cidade de Campos, onde se passa ao carro-salão, e onde ha uns tantos minutos de demora para o café. Percorro a *gare* — olho para todos os lados, a ver si lobrigo algo da cidade: pontas de torre ou dorsos de telhados. Mas a cidade deve ficar longe; não vejo nada e verifico com alegria que, se nada posso julgar, embora furtivamente, da sua grandeza material, tenho do seu desenvolvimento intellectual uma prova ao alcance das minhas mãos: os jornaes. Nada menos de cinco. Compro-os com avidez e atiro-me para o trem, que partiu logo.

Da minha travessia pelo Estado do Rio tinha-me ficado um desgosto: não ter visto a estação, já que não podia ser mais, da velha cidade de Macahé, a que sou affeiçãoada por tradições de familia e que não conheço. Mas agora, á luz da manhã toda azul e ouro, eu não tinha tempo para lamentar cousa nenhuma e só para ver.

A região descampada que percorriamos respondia á nossa curiosidade amiga com uma nuvem de pó, e foi só transposto o rio da divisa, o claro e manso Itabapoana, que essa nuvem loura e importuna se dissipou, como que por encanto.

Por maior que seja a simplicidade com que procuro escrever

estas linhas, desordenando-as de todo o luxo de uma adjectivação embaraçosa, tornando-as, tanto quanto possível, numa espécie de photographia intellectual, em que se veja mais a nudez da verdade do que a atmosphera que a envolve, é bem possível que me fuja da penna uma ou outra expressão, que possa parecer ao leitor demasiada em relação á belleza dessa estrada que sobe em voltas de valsa de longas ellipses até a uma altura de setecentos e dezesseis metros, e que desce do mesmo modo até quasi ao nível do mar.

Os côrtes das montanhas desenhão porticos de roxo antigo no fundo verde da vegetação. A estrada, evitando a perfuração de tuneis, como si tivesse medo ao escuro, colêa pelo dorso das montanhas, quasi na grimpá, ora approximando-se, ora fugindo de aguas que se despenham ou que deslizam. Aqui ondeia o Muqui, de leito tachonado como uma pelle de tigre, e de alma socegada como uma pomba juriti. Apertado entre collinas e penedias, accompanha por algum tempo a estrada, dando logar depois a outros rios mais fortes e cachoeirosos.

Ha, porém, um trecho nesta bellissima estrada da Leopoldina, de que jámais se esquecerá quem o tenha percorrido com a cabeça fóra da portinhola do trem: é o « Soturno » ou Garganta do Inferno. O trem côrta o flanco da penedia immensa, cosendo o seu corpo de reptil negro e fumegante ao corpo duro e frio de pedra branca. O precipício é terrível. Não tem mysterios. É a ribanceira enorme, ingreme, alvadia, em que se despedaçaria, implacavelmente, carne humana ou ferro bruto, que nelle fosse despenhado.

Vista de cima, do caminho estreito em que parece haver apenas espaço para os trilhos, cortado parte na rocha, parte suspenso sobre um viaducto, a pedreira do Soturno, na sua nudez e austera simplicidade, acôrda fatalmente em quem a veja a idéa da morte. Vista de fóra, de uma curva da estrada, têm o aspecto de uma obra de arte monumental, esculptura da nossa natureza posta alli pela mão formidável de um ignoto Miguel Angelo.

A par de bellezas imponentes ha docuras de paizagens, que atrahem a imaginação para outras idéas.

Não me sinto nunca afagada pela sombra fria de florestas

densas. As regiões que atravesso devem ser antes propícias a campos de criação, embora todas ondeadas pelos dorsos dos morros successivos. Ha de longe em longe restos de cafezaes e um ou outro cannival sem importancia.

O destino daquellas terras deve estar realmente preso ao gado. Entre montes de vegetação rasteira e clara apparecem aqui e além grandes tufos de arvores. São os bosques de mattaria, em que sobresaem as umbaúbas e Imbaibas com os seus troncos altos, esguios, muito brancos, como ossos descarnados ou grossos traços verticaes de giz sobre o fundo verde-negro da vegetação.

Sempre que viajo pelo interior dos nossos Estados procuro, embora de passagem, observar o typo da habitação dos nossos camponezes. Estes, do Espirito Sancto, parece terem certos instinctos de gosto. As casas, si ainda têm telhados de palha, esta é subjugada por linhas parallelas de trançados de embiras aparádas com maior ou menor perfeição. Entretanto, entre estes telhados são frequentes outras cobertas de escamas de madeira com a sua côr natural. As casas são em geral bem caiadas, resplandecendo de alvura no meio dos prados, e tanto os seus humbraes como as suas portas vêm-se ao longe pela violenta tinta azul anil com que são pintadas. O aspecto é agradável e dá, francamente, a quem o vê, uma impressão saudavel de alegria e de asseio. Uma outra nota que affina com essa é a de fazerem paredes divisorias de terrenos com pés de laranjeiras, plantadas tão perto umas das outras que os seus ramos se embaralham e confundem, a ponto que ellas mesmas, interrogadas, não poderiam dizer quaes seriam os seus galhos, quaes os das suas vizinhas.

Isto, que parece cousa nenhuma, é já, aos meus olhos, um magnifico symptoma. Passam-se, todavia, largos trechos sem que eu veja nenhuma habitação. A terra está á espera do trabalhador que a fecunde, do rebanho que a anime. Ao longe, a famosa pedra Itabira aponta silenciosamente o azul limpo do céu, entre os grandes rochedos — o Frade e a Freira. Por mais curvas que o trem faça, vejo-a sempre ao longe, como uma sentinella sonhadora, coberta pelo véo azul da idealidade.

Eis-me, porém, sobre o raso Itapemirim, largo e cantanto,

em frente á cidade do Cachoeiro, que, a julgar pelo movimento da *gare*, deve ser animada.

Tendo almoçado no proprio trem, no seu bem organizado salão-restaurant, eu não tinha, desde a vespera á noite, posto o pé em terra sinão na curta estadia em Campos, para o café matinal. Não me sentia, contudo, enfadada pela viagem; ao contrario, tinha a convicção de que, só por si, ella justificaria o interesse de uma excursão á Victoria.

Essa estrada, inaugurada pelo dr. Nilo Peçanha, creio que no ultimo mez da sua administração, é um verdadeiro desafio para o Estado do Espirito Sancto. Ella é tanto uma estrada estratégica como um traço de união entre o progresso da capital da Republica e a Victoria, e representa um golpe de alto tino administrativo do homem que, como depois observei, á energia silenciosa de um esforço incansavel, allia a habilidade de um fino diplomata: o dr. Jeronymo Monteiro.

Quando esse senhor assumiu a presidencia do Espirito Sancto, encontrou feito um trecho dessa estrada, entre a cidade da Victoria e a do Cachoeiro, tendo, portanto, principio e fim em terras do mesmo Estado, numa zona de insignificante produção agricola e pequeno movimento commercial. O custo desse trecho da estrada tinha sido excessivamente caro e a sua manutenção era incompensada, mesmo onerosa. Á vista desse embaraço economico, o Governo do Estado tomou a resolução progressista de o vender por preço reduzidissimo á Leopoldina, impondo-lhe a obrigação de, em prazo determinado, inaugurar a viação ferrea entre Victoria e Niteroi e exigindo ainda dessa Companhia outras obrigações, entre as quaes figura a construcção de uma grande ponte movediça, que ligue a cidade da Victoria ao continente. Houve naturalmente quem puzesse as mãos na cabeça, clamando contra o desperdício de ver vender por quasi nada o que tanto dinheiro tinha custado ao Estado; mas tudo leva a crer que essas mesmas pessoas estejam hoje convencidas de que, mesmo que o Governo tivesse feito presente desse trecho de caminho de ferro á Leopoldina, ainda assim teria lucrado com a transacção. Graças a esse rasgo administrativo, nem as pessoas nem os progressos da Capital Federal precisam esperar, com oit

dias de intervallo, o enjoutivo transporte marítimo, afim de se seguirem para a terra capixaba.

Estas primeiras informações foram-me fornecidas no proprio trem por um viajante portuguez, que eu conheci ha annos no Rio de Janeiro e que é actualmente morador na Victoria. Nenhum laço o prende á politica nem ás pessoas da representação official. É, pois, uma voz insuspeita, a primeira voz que me revela alguma cousa sôbre a organização administrativa do Espirito Sancto.

É ainda esse viajante quem me aponta, na vertiginosa corrida do trem, uma grande represa de aguas e uma usina fornecedora de electricidade.

— Então a cidade da Victoria...

— É illuminada a luz electrica. Devemos tambem esse melhoramento ao Governo actual. E vai ver que boa luz!

— Antes, havia gaz?

— Não; havia lampiões de kerozene o lanternas. Quem se aventurasse a sair á noite teria de levar luz consigo... Passar-se do petroleo e da vela á lampada electrica é caminhar aos saltos!

Era já noite quando o trem parou na sua estação terminal, em Argolas, em face da cidade da Victoria. A *gare* estava coberta de povo, sendo grande parte delle constituido por senhoras, elegantemente trajadas. A estação tem o character provisório; é feia e de madeira. Espera naturalmente o lançamento da ponte para se mudar definitivamente para a outra margem. Mas não ha tempo de olhar para isso, já as lanchas estão atracadas á espera dos passageiros, e temos todos de saltar para ellas sem perda de um minuto.

Ainda não rompeu o luar, mas no céu de velludo azul ferrete brilham os astros com um esplendor diamantino. Nas aguas escuras tremeluzem reflexos de ouro e de escarlate de varias luzes, as lanchas partem, e em poucos minutos pizavamos o sólo da Victoria, desembarcando no Eden-parque. A cidade tinha uma feição alegre e tumultuosa, a que não me referirei por ser anormal; sómente posso assegurar que no adormecer, tarde, nessa noite no hotel, eu me sentia abalada pela doce impressão de uma agradável surpresa.

II

Cidade de granito e de mangue — O estylo da cidade — Maria Ortiz e os Hollandezes — Casas commerciaes — Uma esperanza — Uma crysalide que rompe o casulo abandonado — Villa Moscoso — Um parque e duas avenidas — O quartel de Policia — Lodaças e mangues que desapparecem — O hospital novo — Habitações populares — A cidade acorda de um lethargo — O Bairro do Rubim ou a cidade de palha — Os telhados — A agua — Os filtros — Elementos de salubridade — O astro saudoso encarregado do policiamento da cidade — A luz electrica — Aguas servidas — Os exgotos — Quando as familias dos opposicionistas devem discordar dos seus chefes — O futuro Mercado — O futuro hotel — O papel desempenhado pelos frascos de Phenol e de essencias — Serviço de limpeza publica e domiciliaria — Em duas horas de passeio — O Suá — A capella do Rosario — O palacio presidencial; o cões do Imperador; o jardim da Esplanada — Velhos conventos — Maravilhosa transparencia da atmosphera — Os astros — Partida para Villa Velha.

Victoria, si não é, como a Lisboa cantada pelo poeta, uma cidade de marmore e de granito, é uma cidade de granito e de mangue.

A casaria apertada, no estylo das velhas cidades minhotas, encarrapita-se pelo morro acima formando ladeiras e vielas que fazem, a quem as veja pela primeira vez, pensar nas aventuras dos romances de capa e espada.

Aqui uma rua estreita descendo em successivos lances de escadas entre predios altos, de janellas á antiga, de uma das quaes Maria Ortiz despejou agua a ferver sobre os Hollandezes invasores; acolá a sinuosidade de um caminho beirando as paredes de um convento ou de um collegio fundados pelos Jesuitas nos tempos coloniaes e, de repente, um corte de terreno, de onde se descortina o azul do mar ou do dorso verde das collinas da outra banda, isto é, do continente.

Na linha plana, em baixo, as ruas commerciaes têm muito maior movimento do que eu poderia suppor, á vista do que me

diziam no Rio da apathia do povo e do atrazo do logar. Nessa parte da cidade as casas, já com fachada á moderna, infundem, muitas dellas, a idéa da abastança e da prosperidade.

Ha cousas que não se vêem nem se explicam — sentem-se. O ambiente de um logar tem a sua voz que, embora intraduzivel, nos assegura si nelle se vive com esperança ou desespero. E tudo, neste torrãozinho pittoresco que é a velha cidade de Victoria, me falla do futuro, porque, todo elle é uma esperança que lateja, uma crysalide que rompe o tosco casulo abandonado para espanejar á luz as azas multicôres.

Basta olhar, de qualquer ponto em que se descortine uma área consideravel, para se observar o seu esforço de transformação. Os mangues, a que alludi, começam a desaparecer sob as camadas do atêrro. Na parte baixa da cidade, em uma planicie conquistada a um antigo e extenso lodaçal, Villa Moscoso, vi o debuxo de duas avenidas e um parque já com o leito do seu lago prompto e já combinadas as suas futuras sombras pelo agrupamento das plantas, indicadas nos relvados nascentes.

Em frente a esse campo, agora todo drenado e enxuto, onde em vez de caranguejos patinhando em lama correrão em breve as crianças por sob a galharia das arvores beneficas, o Quartel de Policia, livre agora das humidades geradoras do beri-beri, que se infiltravam nas suas paredes precipitando a ruina do edificio e a morte dos soldados, firma-se em terra sêcca e mostra internamente condições de hygiene, que não sei si serão communs em outros quartéis. No alojamento das praças, por exemplo, vi camas com lastros de arame revestido de sola. Essas camas são moveis, ficando durante o dia suspensas, para que toda a sala livre e nua possa ser lavada sem estôrvo. O officio rude do soldado é adoçado assim na sua hora de repouso. Não tive tempo de visitar as aulas de leitura e de Musica no curso policial, porque a minha visita a esse estabelecimento foi apenas uma visita de passagem, matinal e apressada.

Não longe desse lodaçal desaparecido, está desaparecendo tambem um mangue, engulido pelo atêrro do hospital novo. Esse hospital é edificado em pavilhões separados, quasi concluidos, olhando do alto de uma collina para a cidade e para o mar. Si

bem entendi o meu cicerone, para construirem esses pavilhões em terreno nivelado fizeram um *plateau* no alto da collina, e é com a terra tirada para esse effeito que aterram o mangue proximo, saneando o local e prolongando uma das ruas mais bonitas da Victoria, que é a Avenida Schmidt.

Foi num curto passeio matinal que tive occasião de observar estas cousas, que desejaria descrever com absoluta clareza, porque tenho a convicção que serviriam de estímulo a muitas actividades ainda adormecidas...

Realmente a impressão, que tive naquelle curto passeio, foi uma alegre impressão de trabalho.

Enquanto as carroças cobriam o lodo salgado com a terra sêcca do morro; enquanto os trolhas e os pintores davam a ultima de mão a uma grande serie de habitações populares hygienicas e baratas, feitas por iniciativa do Govêrno de acôrdo com um poderoso capitalista do logar, com quem contractou a edificação de duzentas casas sob varias condições de preço, de typo e de tamanho, prestando com isso grande beneficio á população crescente da Victoria, enquanto as paredes do Hospital novo cresciam para refugio de futuros padecimentos, cá em baixo na estrada os engenheiros electricistas se apressavam mandando a turma dos seus empregados abrir covas no chão para os postes dos bondes electricos.

A cidade acorda de um letargo de seculos e quer ganhar tempo aos saltos.

Foi no bairro Rubim, antigamente cidade de palha, que eu vi as obras, que acabo de citar. Essa visita não figurava no programma estabelecido para os seis dias da minha demora na Victoria.

Para ver a cidade de palha não roubei nada ao meu programma, mas roubei ao meu somno algumas horas, que só no Rio recuperei. Pelo menos isto indica que a Victoria tem que ver!

Que é a cidade de palha? Uma villa de operarios, uma especie do nosso Morro de Sancto Antonio, mas sem lixo, com alegria, com asseio, com agua. Até ao alto do mais alto barranco, onde se

aninha um casebre, ahí vereis uma torneira jorrando agua com abundancia.

Antigamente todas as cobertas das habitações desse bairro eram traçadas com folhas de palmeira ou com sapê.

Era o canto da pobreza, bem significativo e bem pittoresco, entretanto.

Numa collina, em frente ao canal que divide a ilha do continente, esse bairro polychromo e modesto dá a impressão de um quadro curioso, uma grande tela coberta de borõesinhos de tintas disseminadas sem ordem, ao salpicar dos pinceis, pela mão phantasiosa de um paizagista risonho.

Hoje as casas têm paredes caiadas, e a maioria dellas é coberta de telhas. Póde-se ainda assim, conforme observou o illustre medico que me acompanhava, presidente do Congresso espirito-sanctense sr. dr. Julio Leite, a cujo espirito e a cuja amabilidade seria ingratiidão muito feia não fazer eu aqui uma referencia, estudar nesses telhados da Villa Rubim, alinhados em varios planos como nas camadas geologicas, as diferentes epochas da sua historia.

Ao lado de um ou outro tecto de polha ainda refractario, vê-se um de zinco com a sua côr natural, para logo adeante apparecerem outros tambem de zinco, mas já pintados de vermelho ou de verde, até aos outros, de telha commum. Não será preciso esperar muito para surgirem entre elles alguns de terraco, com as competentes balaustradas e finas para flores...

Mas a principal alegria para os habitantes do Rubim, como para os de toda a cidade, é a agua. Si para os ricos e os remediados a agua era ainda ha tres annos na Victrola um liquido quasi tão precioso como o Champagne, imagine-se o que seria para os operarios, que a não podiam comprar com a mesma facilidade, por que na estação estival cada lata (das de keroneze) cheia de agua custava 200 réis, 500 réis e, quando a sêcca apertava, dez tostões e por muito favor! Então ella era colhida dos mananciaes escassos da ilha, distribuida em quatro chafarizes da cidade, fóra alguns poços para serventia publica. Parece impossivel que um tal estado de cousas pudesse durar perto de um seculo, para só agora ser remedjado, mas felizmente remedjado de um modo

absoluto e definitivo. Disseram-me haver na Victoria agua pura para uma cidade de dez vezes maior população, e que haverá em breve para uma cidade de cem vezes maior população, porque está sendo atacada com vigor uma nova obra para abastecimento de agua aos arrabaldes do continente, bem como outra muito importante — que é a construção dos filtros. A agua sairá já filtrada das torneiras, e não em pranto gottejado como outr'ora, mas em torrentes copiosas.

Tanto este elemento de alegria e de salubridade como o da luz electrica, que substituiu as lampadas belgas akerozeneque allumiavam as ruas, com excepção das noites de luar, em que, de boa ou de má vontade, o astro sandoso ficava encarregado do policiamento da cidade; tanto esses dous melhoramentos como ainda o dos exgottos, inaugurado no anno passado, deram tamanha popularidade na Victoria ao actual Govêrno do Espírito Sancto, que não se pôde deixar de fallar num, e com justo louvor, sempre que se tenha de fallar da outra.

Até ha bem pouco tempo era um problema saber-se nessa cidade, em que a maioria das casas não tem quintaes, onde attirar-se um pouco de agua servida, visto que nem sempre pôde ser considerada obra meritoria vasar-se de uma varanda qualquer taxada de barrella a ferver sobre a cabeça de quem passe, seja hollandeza ou cabocla, pacifica ou bellicosa.

Mas foi sobretudo o abastecimento da agua, primeira commodidade estabelecida pelo sr. Jeronymo Monteiro na capital do Espírito Sancto, que lhe grangeou a sympathia da cidade, e muito especialmente a de todas as donas de casa. As proprias familias dos opposicionistas discordam com certeza dos seus chefes sempre que abrem as torneiras dos seus banheiros ou das suas cozinhas.

A par das obras que observei nessa excursão matinal, citam-me outras já contractadas e com protecção do Govêrno, como por exemplo o mercado. O de agora será substituido por um outro de ferro e de vidro, com aquario para peixes e camaras frigorificas para carnes e fructas. Fallam-me tambem na construção de um hotel com cerca de oitenta quartos e todos os rigores da Hygiene e do conforto moderno, preocupação que não pôde

ser adiada, porque já é consideravel o número de forasteiros nessa cidade. E esse número crescerá em pouco tempo enormemente, sem a menor dâvida.

Volto para o meu hotel com a cabeça cheia de surpresas. Realmente, será esta a gente apathica, de que me fallavam, e esta a cidade fétida atapetada de lixo? Para certificar-me ainda, chego á janella do meu quarto. Em frente, a ladeira da Matriz sóbe apertada entre casaria de paredes brancas; em baixo, ondeia outra rua edificada em estylo mais moderno. Olhei: tanto uma como outra estavam limpas. Inclinei-me da sacada, dilatei as narinas no esforço de perceber a qualidade do cheiro dessa cidade marítima. Não senti nada. Si nas varandas não havia rosas, também nas portas não havia lixo. Lembrei-me então dos meus vidros de phenol e de essencias, ainda arrolhados, e não pude deixar de sorrir.

Contando eu isto a algumas pessoas nesse mesmo dia, retrucaram-me que na verdade até pouco tempo o leito das ruas da Victoria permanecia por longas horas enfeitado por pequenos monticulos de retalhos e de detritos de toda a especie. O actual Góvêrno estabeleceu o serviço de limpeza e de Hygiene pública e domiciliaria, de modo a fazer cessar por completo essa vergonhosa exhibição de imundicies.

Em duas horas de passeio, feito ora de bond, ora a pé, tive assim nessa manhã ensejo de observar, colhendo-a a bem dizer, em flagrante, a ancia de progresso que se está desenvolvendo na capital do Espirito Sancto, essa pequena cidade, hoje de tão originaes aspectos e tão alegres coloridos e destinada a ser em futuro não remoto um grande emporio marítimo; assim lhe succedam a este actual outros governos egualmente patrióticos e activos.

Em contraposição ao bairro dos operarios, a antiga cidade de palha, ha o bairro elegante da praia do Suã, preferido por toda a gente que pôde hoje na Victoria construir um chalet ou um palacete. Fica um pouco distante do centro. Corresponde em ponto muito mais pequeno e em relação á cidade á nossa Copacabana. Demais a mais, é a melhor, si não unica praia de banhos da Victoria, e parece que muito concorrida, pela facilidade de

condução, indo o bond até à prala em viagens amidadas. O bond atravessa grandes extensões ainda por edificar, ora em linhas rectas, ora em estradas curvas marginando golfos e mangues. Mas esses mangues estarão em breve cobertos de bosques de eucalyptos e essas collinas alegradas pelos talhões das hortas e dos jardins.

O seu destino está escripto pelo progresso da cidade que desperta, guardada á vista pelo penhasco magestoso do Penedo, que desempenha na bahia da Victoria, com mais austeridade, o mesmo papel ornamental do nosso Pão de Assucar.

Conquanto a cidade seja constituida num terreno rochoso, ha nella em varios pontos alguns tufos de vegetação forte de um verde intenso, como um, do qual se destaca o palacete do coronel Guaraná, e o outro que serve de fundo á capella do Rosario, que se vê de longe com a sua branca escadaria de pedra e o seu adro cingido de pilastras e de gradis.

Como em toda a parte do mundo por onde andem, os Jesuitas souberam escolher na Victoria os pontos mais culminantes e melhores para as suas edificações. Dá disso testemunho o proprio Palacio presidencial, que é um antigo convento construido na parte alta da cidade, e dominando por uma das suas faces lateraes uma larga escadaria de pedra que vai até a baixo, o caos do Imperador. Em frente á sua fachada principal ha um novo jardim, de esplanada, sustentado por muralhas, e onde duas vezes por semana tocam as bandas locais para alegrar o povo. Juncto ao palacio, tem a igreja de S. Thiago, que não visitei, como não visitei tambem o velho convento de S. Francisco, o que lamento, porque deve haver dentro delles algum assumpto antigo e artistico digno de attenção. Nem ousei fallar nisso, porque havia um programma a cumprir, e eu começava a perceber que a pequena e tão singular cidade da Victoria não se mostrava toda em poucos dias a ninguem.

O que notei alli desde o primeiro dia até ao ultimo, foi uma admiravel transparencia na atmosfera, uma claridade purissima que envolvia as cousas, fazendo-as realçar com todos os seus detalhes.

Essa nitidez que delectava os meus olhos deve fazer o de-

sespero dos pintores que tentem passar para a tela as encantadoras paizagens espirito-sanctenses. Aguas, troncos, pedras, galharias de arvores, telhados de casas ou barrancos de estradas, não se dissimulam nem se fazem adivinhar sob nenhum véo de névoa que os idealize; mostram-se cruamente, nuamente, em todas as minucias da sua côr e da sua contextura. O céu tem por isso tintas de um fulgor delicioso, manhãs de turqueza liquida, crepusculos côr de rosa que tingem de vermelho as aguas fundas do mar. Mas é sobretudo á noite, que na sua transparencia e profundidade o firmamento mais se embelleza pelo clarão lucilante dos seus astros.

Mas não nos detenhamos a olhar para as estrellas felliceiras, porque é tempo de tomar a lancha e partirmos para Villa Velha.

III

A bahia da Victoria — Um canteiro ambulante de papoulas — Villa Velha — O fim destes artigos — Um periodo de transformação — A sociedade — Pedro Palacios — O Convento da Penha — Um quadro de Velasquez — Efeitos da fé — A construção do Convento no alto da Penha — Rivalidade de Villa Velha e da Victoria — A Diamantina e seus prodigios futuros — Ladeira mais facil de subir que descer — Promessas — Hospedagem fidalga — Escolas — Governo Municipal de Villa Velha — Fortaleza de Piratininga — Belleza do local — Ordem do estabelecimento — Gymnastica sueca — « Five o'clock tea » — Doçura ambiente — Volta à Victoria.

Eram oito horas da manhã, quando « Santa Cruz » zarpou da Victoria com rumo à cidade do Espirito Santo.

Ora, até que em fim, lá eu ver essa poetica bahia tão recomendada pelos poetas e pelos navegantes. Propensa às contemplanções da natureza, desviei a attenção das pessoas que me rodeavam, o que posso garantir não ser cousa facil, visto que a sociedade da Victoria tem na singeleza do seu tracto seducções imperiosas, e abri bem os olhos para as maravilhas dessa porção de mar em que a « Santa Cruz » ia extendendo o lençol do seu rasto escumoso.

A quem já conhece a bahia Guanabara parece impossivel poder encontrar motivo de admiração em outra bahia, demais a mais do mesmo paiz, o que quer dizer da mesma natureza e a pequena distancia, relativamente. E, todavia, encontra-o. A da Victoria tem surpresas. Toda ella é feiticeira, toda ella é um mixto de poema e de graça, de transparencias lucidas e de recortes airosos. Porque eu levasse talvez nos olhos a impressão magestosa da bahia do Rio, tudo nessa do Espirito Sancto me parecia de proporções reduzidas e tendo nisso mesmo um encanto muito peculiar e muito interessante. As montanhas que a rodeiam não assombram ninguém; guardam proporções perfeitamente comprehensíveis e de uma normalidade de fórmis quasi inquietante.

Em certos pontos, quem está dentro della pôde julgar-se em um lago, tanto a conformação das terras que a cingem parece isola-la do grande Atlantico.

Alguem, dentro da lancha, chama a minha attenção para os pontos mais pittorescos: aqui uma ilha; acolá uma linha branca de praia, ou a habitação de um inglez, de bom gosto, numa collina solitaria e verde, ou um bosque á beira da agua. No cimo de tal montanha azul, cujo nome a minha triste memoria exquecen, descrevem-me uma cavidade natural, para onde os indios atiravam os seus mortos.

Ficava assim o seu alto cemiterio de facil communicação com o céu.

Reconheço de longe a graciosa praia do Sná com as suas larracas brancas ainda armadas para os banhistas; e perto o forte de S. João, Penedo, e o contórno de terras vistas na vespera. O mar está de um azul vehemente. Cruzamos com outra lancha, em que escolares de vestidos escarlates, uniforme dos collegios, fazem lembrar a floração de papoulas num canteiro ambulante.

Sacodem-se lenços, mas já alguem me faz voltar a cabeça para a Pedra dos Ovos, ilha que lembra as da vizinhança do Paquetá.

Seria estulticie tentar siquer descrever com esta minha penna rombuda e tropega o encanto das terras, que circundam a bahia da Victoria. De resto, o fim destes artigos não é fazer litteratura, mas dar, com a possivel clareza, idéa do movimento de um dos nossos Estados de menores recursos e em um periodo que é para elle, positivamente, de transformação.

Foi a verificação deste facto que me impulsioneou a escrever estas linhas, com a esperanza de que ellas possam servir de alento a outros Estados de mais frouxa iniciativa.

Fique, pois, entendido que a bahia da Victoria não desmentiu, antes confirmou absolutamente todo o bem, que della me itnam dicto, e que foi com os olhos cheios da sua belleza que aportei a Villa Velha, primeiro pouso desse desventurado bohemio Vasco Fernandes Coutinho, a quem por mercê de D. João III foi doada a capitania do Espirito Sancto.

Rodeada, alli como na Victoria, por uma sociedade fina e carinhosa, apprehendi corajosamente a subida do convento da Penha, proeza de que me sinto ainda agora um pouquinho espantada. Não sei a quantos metros de altura fica esse templo, mas posso assegurar que jámais pisei rampas mais resvaladiças nem mais ingremes do que as da Penha, em que elle está assente.

Antes de subir, para que eu tomasse folego, levaram-me a vêr, perto do portão da entrada, uma pequena gruta natural, onde um frade, frei Pedro Palacios, salvo de um naufragio, se acolheu, ou antes se escondeu, talvez com medo dos indios, guardando consigo um registo a oleo da Senhora da Penha, que attribuem a Velasquez, não sei porque, e que tambem não sei como poudo escapar são e perfeito do naufragio alludido. Mas lendas não são assumptos de commentario neste genero de artigos meramente descriptivos, não se podendo gastar com elles sinão o tempo da referencia. Não sei quantos dias vivem frei Palacios agachado no seu obscuro buraco, sob uma lapa suspensa e humida.

O caso espantoso não é esse; o caso espantoso é que todas as noites o quadro a oleo da Senhora da Penha, com o seu ben-dicto filho nos braços, via na gruta da planície adormecer o frade em sancta paz, para, ao romper da aurora, apparecer bem do alto da alta penha, em que vive agora definitivamente! O poder do milagre fez os seus effeitos. Indios e colonos, tocados por elle, consentiram em carregar á cabeça as pedras, as madeiras, todos os materiaes, enfim, com que lá em cima se construiu o grande convento, com a sua torre quadrangular, a sua capella, em que a obra de talha conserva a côr natural da madeira em que é feita, as suas grandes cisternas, porque não havendo fontes no morro seria preciso prevenirem-se para conservar as aguas da chuva; as suas cellas e corredores e as suas escadarias e terraços. Bem como as pedras, foi carregada á cabeça a agua com que se argamassou o barro e a areia para edificação de tantas e tão grossas paredes!

O caso espanta o «touriste», mesmo o menos impressionavel, e que ainda arquejante dá por bem empregado o esfaltamento da subida, quando lá em cima espalha a vista pelo pano-

rama em redor e vê de um lado o mar, de que emergem aqui e além dorsos de rochas ou pontas de serras de varios cambiantes, extendendo-se depois azul e largo até ao infinito horizonte. Em baixo, a grande planicie de Villa Velha, verde-clara e branca, toda ella coberta de gramineas curtas e de areaes, com os seus grupos de casas aqui e além, ruas bem alinhadas e campos cortados de esteiros, que lampejam ao sol e que alli estão á espera da futura cidade, que os ha de aproveitar como elemento de graça, margeando-os de arvores, cobrindo-os de longe em longe por pontes elegantes.

Parece-me perceber uma certa rivalidade entre Villa Velha e Victoria, mas essa rabugice ingenna desaparecerá logo que as duas cidades formem uma só, ligada que seja a filha ao continente pela ponte movel da Leopoldina. Si as distancias hoje são grandes entre si, tambem grande será o incremento dado á capital do Espirito Sancto pela Estrada de Ferro da Leopoldina, destinada a transformar o porto da Victoria num dos portos mais activos do Brasil.

Calculam-se já as toneladas de ferro bruto, que os comboios dessa estrada trarão diariamente de Minas e dos confins do proprio Estado do Espirito Sancto, para despejarem nos porões dos transatlanticos estrangeiros á sua espera na Victoria, e o numero dessas toneladas attinge a uma somma enorme. Mas, voltemos a fallar do convento.

Como a ladeira do fado portuguez, que é mais facil de subir que de descer, porque ao subi-la levava o namorado a esperanza de ver lá em cima a sua amada, e descendo-a já vinha carregado de saudades suas — assim, mas por outras razões, está claro, é a do Convento da Penha de Villa Velha.

Para cima, o peito arfa, mas os pés não escorregam; para baixo, é necessario vir-se executando prodigios de equilibrio para não se cair redondamente sobre os duros calhãos denegridos e lustrosos, que revestem o solo. E ao pisa-los pensa a gente com espanto na resistencia de certas creaturas, que sobem aquellas rampas de rastos por promessa, chegando a cima quasi exanimtes, ensanguentadas, mas, enfim, ainda vivos!

Parece que hoje não são permittidos taes excessos e que

mesmo as ofertas de cêra, de cabellos, de trabalhos a missanga e de quadrinhos ingenuos e grotescos, que alli, como em todos os templos milagrosos, cobrem as paredes das sacristias, vão ser pouco a pouco substituídas por pequenas placas de marmore com o voto do offerante.

Creio bem que a imaginação do povo relucte em acceitar essa substituição, não encontrando na pedra fria o symbolo correspondente ao ardor da sua fé.

Chegimos a baixo com os joelhos tremulos, mas com os pulmões revigorados por um grande hausto de ar puro e livre, e trazendo para sempre reflectida nos olhos a visão maravilhosa dessas terras e rochedos, desse immenso mar, e desse immenso céu todo azul e ouro.

Depois de algumas horas de repouso numa hospedagem fidalga, de uma visita ao Góvêrno municipal de Villa Velha e outras visitas aos collegios publicos do logar, cujas aulas estavam repletas de crianças robustas e alegres, seguimos por uma linda estrada para a Fortaleza de Piratininga, Eschola de Aprendizizes Marinheiros.

Tinha de notavel essa estrada, perfeitamente construida, ter sido feita pelos aprendizes da Eschola, sob a direcção de um dos seus officiaes. E eis ahi uma iniciativa, que deve ter lisongead a Municipalidade de Villa Velha, por facilitar a communicação do povo da terra com a pittoresca e velha fortaleza. Ahi, ao transpor o portão da entrada, não tive a impressão de penetrar numa praça militar, mas num bello e vasto parque de castello europeu, com as suas largas alfombras veludosas e as suas alleas de bellas perspectivas.

O local é amplo, todo numa curva de terra beijada pelo mar. No pateo do edificio, de fórma convexa, tocava a banda dos aprendizes com muito garbo e afinação, embora constituida havia poucos mezes.

O director da Eschola, commandante Mauricio Pirajá, official distincto e que allia ás suas qualidades de militar severo as de um perfeito *gentleman*, teve a delicadeza de percorrer connosco todo o estabelecimento: enfermaria, pharmacia, alojamentos,

aulas, refeitório, cozinha, lavanderia e paiol, fazendo notar em tudo o maior asseio e a ordem mais absoluta.

Sobre uma das portas da fortaleza, hoje remoçada e até florida, vê-se ainda, como documento historico, uma pedra gravada com dizeres no portuguez do tempo relativos á sua fundação.

Depois de ter percorrido todo o interior do edificio sah, a ver no parque os exercicios de gymnastica sueca executados com precisão admiravel pelos menores.

De cima de um terraço eu dominava o grande tapete relvado onde os aprendizes, dirigidos por um companheiro, faziam ao mesmo tempo que elle todos os movimentos disciplinares, do mais suave ao mais torturado, como si os musculos de todos elles obedecessem a um só machinismo e a uma só vontade.

A tarde estava de um encanto inexecuvel. Numa parte do jardim lateral do edificio, uma grande quantidade de pequeninas mesas brancas e floridas para o *five ó clock*, e dispostas com arte de modo a poderem os que estavam em uma dellas ver os que estavam em outras, traziam á lembrança naquelle scenario de macias relvas, de praias claras, em que o murmurio das ondas si casava ao ramalhar das arvores e ao som da musica ao ar livre, scenas de outros logares distantes, talvez Nice, talvez Cannes...

E até sol-posto foi um rumor alegre de vozes naquelle jardim, e um correr de meninos pelos gramados, tachonando-os com as côres alegres dos seus vestidos e dos seus chapéus floridos.

E si o mar não promettesse mão embarque, alli ficaríamos até ao romper do luar, para navegarmos depois em mar de prata e gozarmos por mais tempo as doçuras daquelle ambiente delicioso...

IV

Ora, pois, abro um parentese na série destes artigos descriptivos, para me referir a um facto, que nos impressionou a todos no Rio de Janeiro, porque teve na imprensa carioca uma horrível repercussão. Não é preciso uma extraordinária perspicacia para se adivinhar qual elle seja; já o leitor percebeu que alludo ao contracto feito pelo Governo do Estado do Espírito Sancto com a firma Lichtenfels & C.^a para exploração de mattas do Estado e desenvolvimento da sua immigração.

Quando parti para a cidade da Victoria levava o espirito apouquentado por esse assumpto e vou dizer por que, para que não pareça exaggerada a minha sensibilidade. É o caso que desde que peguei na penna, resolvida a escrever para o público, me arvorei, por minha conta propria, em advogada das nossas arvores urbanas e florestaes.

Corajosamente, sem medo de crear com a minha insistencia fama de monotona a proposito de tudo, e manda a boa verdade dizer que muitas vezes fóra de proposito, procurei sempre fazer entre nós a propaganda da árvore e da flôr, e, si a minha vaidade, ou velleidade, já se tem consolado com alguns triumphos nesse sentido, confesso que ainda estou bem longe de ver confirmados todos os meus propositos. Tendo em artigos de jornaes, em conferencias, em livros, clamado sempre contra a devastação inutil das nossas mattas e a favor do plantio e replantio do arvoredo benefico, é facil de imaginar qual seria a minha opinião em face desse famoso contracto, destinado, segundo diziam, a desnudar por uma miseria a linda terra espirito-sanctense!

E, por isso mesmo, porque esse assumpto me interessasse vivamente, ardia em curiosidade de indagar de alguém bem informado todos os seus detalhes e circumstancias, não ousando faze-lo, com receio de ferir susceptibilidades e melindres, tanto o caso me parecia monstruoso.

Em face, porém, dos progressos que via realizados na Victo-

ria e que me attestavam a boa orientação do Govêrno do Espirito Sancto, comecei a duvidar do meu criterio anterior, e, sem poder sopitar curiosidades, pedi a alguém, cujo espirito me pareceu imparcial e justo, que me demonstrasse o verdadeiro espirito da questão.

A nossa palestra, no pacato recanto do velho salão do hotel, foi rapida e concisa. O meu illustre informante affirmou, com espanto para mim, considerar o contracto, em volta do qual se levantou tanta celeuma, de magnificos resultados para o Estado, accrescentando :

« Minha senhora, não se podem abrir estradas em mattarias ; fazer villas em pontos disseminados dos sertões para colonias agrarias ; cultivar terras até hoje inexploradas, sem que muitas árvores das florestas gemam sob os golpes do machado derrubador. O progresso tambem faz as suas victimas, e parece-me de boa politica aproveitar-lhes os corpos inertes, não para aquecer locomotivas das estradas de ferro, como se faz em alguns logares, mas para converte-las em dinheiro para os magros cofres do Estado, já que se interessa pelo assumpto, eu lhe arranjarei algumas notas positivas a seu respeito. Os meus vagares de aposentado permittem-me esse trabalho. »

A palavra foi cumprida. As notas vieram, e é sobre ellas que eu escrevo estas linhas.

Entre os problemas nacionaes, que mais nos preoccupam, existe um que no conceito geral merece a primazia :

« Atrahir immigrantes e localiza-los definitivamente no paiz. »

Não ha sacrificios a que não nos tenhamos submettido para conseguir similhante resultado, e ainda a esta hora até humilhações recebemos mesmo das nações de 2.ª ordem em troca deste triste papel de mendigos de colonos que representamos, batendo as portas de quem abertamente nos repelle e injuria.

Espalhar agentes pelo mundo civilizado, subvencionar a imprensa, banquetear auctoridades, derramar folhetos e mappas em todas as linguas, pagar passagens em linhas terrestres e maritimas, fazer gastos com alojamentos, alimentação, assistencia de toda a ordem, despende com transportes, salarios, adiantamentos, ferramentas, sementes, casas e até com caprichos, eis o que

nos custa o agenciamento de meia dúzia de colonos, que, não raro, mezes depois nos abandonam em busca da Argentina, ou se transformam em mascates drenadores de nossas economias para o Oriente.

Mas não é tudo: — Os núcleos exigem direcção, fiscaes, interpretes, instructores, escolas, boas estradas, cercados seguros, mercados garantidos, centros industriaes e outros complementos, representando no conjunto avultado dispendio, arriscado e aleatorio. Tomemos no Brasil os ultimos quatro annos; sommemos as quantias todas empregadas com a introducção e manutenção de immigrants, computadas as despesas acima enumeradas, e dividamo-las pelo numero de familias realmente localizadas.

— Qual o resultado? Nem com dous contos de réis conseguiremos representar a quota de cada uma!

A colonia Affonso Penna custára ao Estado do Espirito Sancto mais de 120 contos de réis ao ser transferida á União e, no entanto, não recobêra ainda um só colono. Rios de dinheiro tem custado ao Governo o nucleo Italiaia; e quaes as suas actuaes condições? Que produz? Que importancia representa para attrahir immigrants?

De agora em diante a immigração vai-se tornar cada vez mais difficil e dispendiosa, porque pouco a pouco nos estão fechando os portos as nações, onde nos habituáramos a abastecernos. Mas não levemos em conta essa circumstancia e digamos que cada familia introduzida e localizada em nosso paiz, de bons immigrants, vale sómente por dous contos de réis. É essa quantia que em plena consciencia e acertadamente está buscando applicar a União para povoar alguns dos nossos Estados, entre outros o Paraná, Minas e mesmo (em escala reduzida) o Espirito Sancto.

Este Estado que, todo elle com uma superficie superior varias vezes á da Belgica, não conta sinão duzentos mil habitantes, isto é a quinta parte, tão sómente, da população do Rio de Janeiro, precisa antes de tudo cuidar de povoar o seu territorio, coberto em grande parte de mattas e montanhas.

Preocupação constante de alguns dos seus governos, não tardou que se lhes apresentasse como insolúvel o problema, em

face da renda exigua do Thesouro, difficilmente mantida, ainda assim, por uma população pobre e desaparelhada.

Foi em uma situação de tal ordem que, ao actual presidente do Estado, se apresentou a casa Lichtenfels & C.^a pretendendo extrahir madeiras do Estado, allegando dispor de facilidades excepcionaes para lhe colonizar o territorio. Era a solução que se offerecta, afinal, tão anxiosamente buscada: por isso, após acurado estudo, tendente a harmonizar os reciprocos interesses, o accôrdo se estabeleceu, traduzido em um contracto que é uma gloria para o Govêrno, a despeito dos repetidos mas infundados ataques, de que tem sido alvo até por quem confessa nunca ter lido as clausulas que firmaram a transacção.

A casa contractante viu deante de si terras abundantes, cobertas de cerradas matias virgens, e muito naturalmente acreditou que mediante um bem estudado plano de exploração, apoiado em um conjuncto de medidas que mutuamente se auxiliassem, poderia gerar para os capitães, com que contava, uma razoavel fonte de renda. Sabia onde encontrar colonos, que acudissem ao seu chamado e viessem occupar as terras offerecidas, não sómente sem lhe exigir as despesas, a que jámais se podem furtar os govêrnos no pagamento e collocação de immigrants, como dos mesmos colonos recebendo até, e muito justamente, uma certa somma pelo patrimonio recém-adquirido.

Para tornar accessiveis os nucleos projectados seria necessario construir centenas de kilometros de estradas de rodagem, mediante uma despesa inevitavel e sem duvida no valor de muitas centenas de contos de réis, mas era possivel attenu-la utilizando essas novas vias de communicacão com o transporte de madeiras até os rios navegaveis ou as linhas ferreas em tráfego.

Esse plano intelligente, govêrno algum poderia utiliza-lo, porque si existe trabalho fóra do alcance dos meios officiaes, esse trabalho é sem duvida o de explorar madeiras. Assim, aquillo que seria ruinoso e inexequivel para o Govêrno, tornava-se nas mãos de um particular arguto uma medida complementar de alto valor economico.

Cumpre accentuar que a exploração de madeiras, no Brasil,

sómente pôde ser lucrativa si aquelle que as quizer extrahir dispuzer de abundantes capitaes e estiver seguro de lhe não faltarem avultadas reservas de mattas, que assegurem compensações pelas despesas a fazer com a abertura de estradas e com a indispensavel e dispendiosa organização commercial, que o abrigue contra o ruinoso monopollio exercido por meia duzia de casas da praça do Rio. Não fôra a necessidade de taes reservas e certamente a casa contractante preferiria comprar madeiras em mattas particulares á razão de um ou dous mil réis o metro cubico — como é corrente no interior do Estado — a paga-las a 5\$000 em regiões desprovidas de meios de transporte e de população. Sô os que não conhecem o assumpto acreditarão que 800.000 metros cubicos de madeiras nas brenhas de um Estado despovoado podem fornecer 20 a 30 mil contos de lucros aos que se abalançaram a extrahi-las. Basta reflectir que é 9\$000 a differença apontada entre os onus fiscaes que gravam os actuaes possuidores de mattas e os que vão pesar sobre o novo contractante, para, feitos os calculos, verificar-se que o lucro, si o houvesse, seria no maximo de 9\$000 vezes 800.000, isto é, 7.200 contos, tão sómente.

Esse lucro, conforme deixamos dicto, só se verificaria si o contractante não fosse onerado de outros encargos e si obtivesse as suas madeiras ao longo das estradas ou dos rios navegaveis, como acontece com os terrenos particulares. No entanto, nada disso acontece; muito ao contrario. Assim, pois, o contractante só poderá ter lucros (e é muito justo que os tenha), nas seguintes condições:

- 1.º, si dispuzer de grandes capitaes;
- 2.º, si puder, sem despesas, attrahir colonos para o Estado, colonos que tenham recursos e sejam realmente agricultores;
- 3.º, si tiver tino commercial para bem collocar as madeiras que extrahir;
- 4.º, si desenvolver qualidades administrativas para, de modo economico, extrahir e transportar as madeiras contidas nas mattas devolutas, que lhe forem concedidas.

Acceptando elle o contracto, é de presumir que possua esses requisitos: será para o Espírito Sancto uma felicidade, que assim seja!

E o Governo sob que moveis agiu?

O seu pensamento fundamental foi colonizar o Estado. Como conseguil-o? Sendo dispendioso e difficil realizar tão legitima aspiração, um caminho sómente se offercia a quem não dispunha de dinheiro: ceder terras e o que nellas se contivesse, em troca dos braços que deverão cultiva-las, para enriquecimento do Estado. Ceder gratuitamente terras devolutas a colonos. Que é que fazem os Estados, ás claras, doando-as ou, veladamente, vendendo-as a preços irrisorios, sem juros, a prazos que sempre se prorogam e mediante pagamento proveniente de salarios elevados, pagos por compromissos formaes e expressos pelos cofres officiaes? Milhares de hectares recebeu do Estado a União a titulo gratuito, quando lhe foi transferida a Colonia Affonso Penna, mediante menos ainda da quantia, que em benfitorias despendera o Governo que a fundara. Por que motivo não investiram contra ambos? O complemento da paga ao contractante fornecem-o o Governo dispensando de impostos a madeira das terras cedidas. Examinemos, para fulminá-lo, o acto perdulário. A madeira em causa é das terras devolutas. Esta, si não fosse dispensada do imposto, não seria evidentemente exportada, porque outras, ao longo das linhas de transporte, existem que se vendem por menos de cinco mil réis, preço cobrado pelo Governo no contracto. E nesse caso, que sorte teriam taes madeiras?

Seriam queimadas sem proveito para ninguém.

Com effeito, sendo impossivel colonizar terras sem lhes derubar as mattas e transforma-las em culturas, claro é que em breve estariam reduzidas a cinzas as suas madeiras. E é isso mesmo que se tem feito em toda a parte, a despeito de estereis clamores da imprensa e das vãs promessas interventoras das administrações. Assim, o Governo dispensou de impostos aquillo que jámais poderia ser taxado, porque estava condemnado a ser devorado nas queimadas.

Vendendo árvores por 4 mil contos, o Governo salvou para o Estado essa grande somma. Foi habil e tornou-se um benemerito.

Cem contos, que as mattas produzissem, já seria uma bella conquista ao incendio. Quando, porém, não militassem tão justos motivos para a transacção, é facil demonstrar que o preço de

54000 por metro cubico de madeira em pé, nos sertões do Espírito Sancto, não é um preço baixo. Informem-se dos preços vigentes em regiões mais accessiveis, e verão que ninguém vende por mais, nem por tanto. Proximo á linha da Leopoldina, na Serra do Frade, em Macahé, as madeiras escolhidas podem ser e são compradas a 2 e 3 mil réis o metro, si não menos. E ainda mais perto, á margem da Central, a 3 leguas apenas de distancia, paga-se 3 a 4 mil réis, sómente, pela mesma unidade de madeira de 1.^a classe em árvore. Si levantam os preços, afastam-se os compradores e não tarda então que o fogo realize a sua obra...

Eis ahí os factos esmagadores, que não receiam contestação.

Mas, na realidade, por quanto foram vendidos os 80.000 metros cubicos de madeira que figuram no contracto? Vejamos:

Contos de réis

1. ^o	Em dinheiro.....	4.000
2. ^o	Como renda dessa quantia, por ter sido fornecida adeantada. Sendo de 10 annos o prazo concedido, tomemos metade desse prazo para média do tem- po, em que devem ser contados os juros, que sup- poremos de 7,5 % ao anno	
	Teremos:	
	4.000 contos, a 7,5 % ao anno, em 5 annos.....	1.500
3. ^o	Custo de introdução e localização de 3.500 fami- lias a 1 conto de réis sómente (em lugar de 2 contos)	3.500
	Total de.....	9.000

Eis o que directamente vai receber o Estado pelos 80.000 metros cubicos de madeira, em árvore, nos sertões do Espírito Sancto.

Em árvores disputadas ao fogo! Mas de modo menos expresso, mas não menos categorico, são bem maiores os serviços e vantagens auferidos pelo Estado no contracto. Em primeiro lugar ha a obrigação de introduzir mais 300 familias para a lavoura,

e isso não vale menos de 200 a 300 contos de réis. Em segundo lugar, em virtude da clausula 35.^a combinada com a clausula 3.^a, obrigou-se o contractante a introduzir mais 1.400 famílias, sob pena de reverterem ao dominio do Governo os lotes a ellas destinados. Eis ahí mais uma verba de mil contos, pelo menos. Em resumo: as vantagens do Governo, traduzidas em dinheiro, não sommam menos de 10 a 11 mil contos de réis.

As consequencias de outra ordem são extraordinarias para o Estado:

1.^o — O numero de immigrants, que nelle se deverão localizar, será de cerca de 20.000. Ora, sendo de 200.000 apenas o numero total de habitantes do Estado, conclue-se que a sua população vai ser de prompto augmentada em 10 %.

E esse co'ossal resultado se fará sem onus ou incommodos de qualquer natureza para o Governo Federal.

2.^o — Sendo, no presente momento, de cerca de 40.000 contos de réis o valor da producção do Estado, é licito admittir que essa producção será em breve elevada de 10 %/o, isto é, a 44.000 contos, só por influencia do contracto.

3.^o — A renda fiscal do Estado, avaliada no corrente anno em cinco mil contos, poderá em breve, sob aquella mesma influencia, elevar-se a 5.500 contos.

Si se quizesse aprofundar o estudo dos resultados da introdução e localização de 3.500 famílias nas terras devolutas do Estado do Espírito Santo, a abertura de estradas, dahi decorrentes, a movimentação do interior actualmente despovoado, a repercussão no paiz de origem dos colonos, e innumerous outros effeitos evidentes, não haveria louvores bastantes para galardoar o acto de quem assignou o novo contracto. Si este se realizar, como tudo faz prever, acontecerá com este caso o mesmo que se passou com outros na apreciação dos actos administrativos do actual Governo: as mais acerbas criticas e os mais sombrios vaticínios seguidos dos mais retumbantes successos. Arguiu-se de ruinosa loucura a exeenção das obras que deram agua, luz e ex-gottos á Capital. — « Despender 3.000 contos era empobrecer o Estado, porque, si a obra se fizesse, não daria sinão prejuizos » — eis o que de todos os lados se ouvia.

Pois bem! Fizeram-se as obras. Não são passados sinão mezes, e aquillo que custou 2.500 contos está vendido por mais de 5.000. O Góvêrno fez construir casas na Capital, e não faltou quem condemnasse a resolução. Resultado: as casas estão sendo disputadas e não bastam para as necessidades da população accrescida. O mesmo acontecerá ao contracto das madeiras e a quantos actos administrativos praticar o Góvêrno, inspirado pela confiança nas condições naturaes daquelle sólo privilegiado, na energia de seus filhos e no futuro brilhante, que aguarda o Estado do Espírito Sancto.

A estas informações, que aqui ficam expostas, vieram juntar-se ainda, a meu pedido: um schema representativo da superficie do Estado do Espírito Sancto, contendo os terrenos occupados, os devolutos e a área sufficiente para a extracção de 800.000 metros cubicos de madeiras, e mais as seguintes ponderações sobre o mesmo assumpto:

Si considerarmos um hectare de terras cobertas por matta virgem, podemos representar esta área por um quadrado que tem 100 metros de lado.

Si suppozermos que haja apenas uma árvore de 20 em 20 metros, teremos que em um hectare existirão 5×5 , ou 25 árvores. Tendo cada uma dessas árvores, em média, tres metros cubicos, teremos 75 metros cubicos de madeira em um hectare, e, portanto, em 10.667 hectares encontraremos 800.025 metros cubicos de madeira.

A área 10.667 hectares é equivalente á de um rectangulo cujos lados são: 10.667 e 10.000 metros. Neste rectangulo não ha lado que attinja sequer a duas leguas, pois o maior lado tem uma legua, tres quartos e uma pequena fracção, e o menor tem exactamente uma legua e tres quartos.

O Estado tem cerca de 6.000.000 de hectares de terras devolutas, e ha proprietarios no Espírito Sancto de duas e meia sesmarias cobertas de mattas virgens ou de 2.222,5 alqueires, área esta que representa $\frac{1}{382}$ aproximados dos 3.000.000 de hectares. Esses proprietarios poderiam, pois, extrahir e exportar os 800.000 metros cubicos de madeiras.

*
* *
*

O contracto para extracção dos 800.000 metros cubicos de madeira estabelece a obrigação da fundação de *sete nucleos colonias* por parte da firma concessionaria. Será feita para cada uma das « 500 familias » de colonos, que compõem cada nucleio, uma derribada de 5 hectares.

Já vimos acima que cada hectare contém 75 metros cubicos de madeira e, portanto, cada lote colonial fornecerá na derribada dos 5 hectares 375 metros, e cada nucleio 187.500 metros cubicos. Fundados os 7 nucleos colonias, a firma concessionaria terá feito a derribada de árvores, cujo volume é de 1.312.500 metros.

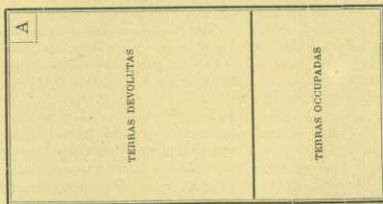
SCHEMA

representativo da superficie do Estado do Espirito-Santo, contendo os terrenos occupados, os devolutos e nestes a área sufficiente para a extracção de 800.000 metros cubicos de madeiras, representada pelo quadrado que tem o signal A.

Kilom. :

Superficie do Estado.....	44,800
Superficie das terras devolutas.....	30,000
Área para a extracção dos 800.000 metros cubicos de madeira.....	106,67

Escala: 0m,01 = 20 k.



E depois deste eloquente quadro, que mostra de modo práctico e evidente quão exigua é a área, não já do Estado, mas das « terras devolutas », barbaras e incultas do Estado, comprometidas no malsinado contracto, e que deu azo á accusação phantasiada e mirabolante, de que o presidente do Espírito Sancto vendera o seu Estado ao concessionario, só me resta esperar a publicação deste artigo para entregar ao *Jornal* o 5.º e ultimo das « Scenas e puzagens do Espírito Sancto ».

V

Comparação de aspectos — Partida pela Diamantina — O que será dentro em pouco tempo essa via ferrea — Fazenda Modelo da Sapucaia — Terras do Sul e terras do Norte — Pastor e arado — Primeira condição de agrado da Fazenda Modelo; exemplos admiráveis que devem ser seguidos pelos governos de intenções sinceras — A segunda condição de agrado; simplicidade, rusticidade; como se deve ensinar os pobres; a casa; a hospedagem; passes gratuitos — Premios; seu estímulo — Machinas — Ceifeira de arroz; quadro de José Malbôa; as moças no arrozal; os discipulos; o mestre; cereaes; produções; diversas installações; substituição de jacarés por feijão; capitães que não de correr por seus pés — Vias de communicação; construcções de estradas; colonias; fabricas e ainda mais nucleos colonias e ainda fabricas — O maior beneficio prestado pelo sr. Jeronymo Monteiro — O ensino publico — A alma da Victoria — O enthusiasmo do estudo — Instituto de Pintura — As creanças do Espirito Sancto — A frequencia dos collegios — Asylo do Coração de Jesus — Nem uma batina nas ruas nem habitos de frade — A impressão da viagem — Saudade e agradecimento.

«Só os factos loucam sem mentira».

REY BARBOSA.

Porque o aspecto da capital do Espirito Sancto me tivesse impressionado, não só pela sua feição original e pittoresca, como pelo seu fremito de progresso, desejei conhecer tambem o de seus campos de lavoura.

Para isso, partimos por uma lindissima manhã pelo trem da Diamantina, estrada que será muito breve a grande arteria propulsora de progresso e de fortuna desse esperançoso Estado, para a Fazenda Modelo da Sapucaia, a poucos kilometros da Victoria.

As terras cortadas pela Diamantina fazem já promessas diferentes das outras atravessadas pela Leopoldina. Deram-me estas a impressão de terem nascido para a fartura dos rebanhos e as lidas do pastor; e aquellas, mais coloridas, mais exuberantes, para os sulcos do arado e a gloria das sementeiras.

A primeira condição de agrado que me proporcionou a «Fazenda Modelo Sapucaia», creada pelo dr. Jeronymo Monteiro, e

Inaugurada em 4 de Dezembro do anno passado, foi a de ser organizada mesmo ás margens da estrada de ferro, que a corta pelo meio. Assim, e ha nisso uma tactica muito intelligente, quem passar no trem, verá forçosamente por qualquer dos lados do comboio por que olhe, os talhões das differentes culturas da fazenda extendendo-se, como mostradores em exposição permanente, pelos campos e alegrando a paisagem aqui com um tapete dourado de trigo maduro ou de arroz sêcco, alli com um azul, de linho em flôr; acolá com um outro verde de um feijoad novo ou de um cannavial. O exemplo offerecido assim a prevenidos e desprevénidos é de consequencias admiraveis e deve ser seguido, sempre que fôr possível, pelos organizadores de escholae dessa natureza; porque enterrar taes estabelecimentos em logares de conducção difficil e longe da vista das populações, quasi sempre preguiçosas e indifferentes, é gastar dinheiro sem pena e perder grande parte de trabalhos e de exemplos, que ficam desaproveitados.

Ha cousas que parecem insignificantes e que têm, entretanto, um grande alcance administrativo. Esta pareceu-me uma dellas. Na realidade, a um povo sem educação é preciso metter-lhe pelos olhos dentro tudo que possa cooperar para a sua felicidade e que a sua inercia não descobrirá de outro modo. Um apeadeiro na propria fazenda facilita a visita dos curiosos.

A segunda condição de agrado, que me proporcionou aquella propriedade agricola, creada para educar agricultores pobres, foi a sua simplicidade, mais do que simplicidade: a sua rusticidade.

Alli, tudo o que pôde ser feito com materiaes fornecidos pela propria fazenda: madeira, barro ou pedra bruta, é — o de preferencia a ser executado em metaes mais ou menos caros, madeiras envernizadas ou pedras britadas a capricho. Em face daquelle exemplo o lavrador pobre não levantará os hombros desdenhosamente com a convicção de que objectos de preço só podem servir nas propriedades dos ricos, ou do Governo, e nunca nas suas propriedades modestissimas. Ao contrario, observando os processos postos alli em prática, aprenderá a fazer obras de utilidade agricola aproveitando com acôrto em seu beneficio os elementos naturaes offerecidos pela terra em que trabalha.

O muchôcho, com que o, calpira olha sempre para tudo que está fóra da sua comprehensão ou das suas posses, é assim substituído por um olhar de curiosidade, de surpresa e de estudo. Porque o que elle vê deante de si é um modelo que não lhe será impossivel imitar. Certamente que aquella fazenda não foi feita para ser mostrada á gente pomposa das cidades, mas só para servir de eschola a populações pobres e sem engenho.

Quantos infelizes desesperam por não saber tirar partido de recursos que têm muitas vezes mesmo embaixo das mãos ! É essa faculdade e essa independência, que a «Fazenda Modelo Sapucaia» estimula e sugere com o seu exemplo, visando facilitar assim a applicação das theorias que difunde.

A casa, no mesmo estylo singelo, verdadeiramente roceiro, tem accommodações para hospedagem gratuita, até o prazo de trinta dias, para os agricultores que desejarem demorar-se nella, estudando os processos agronomicos modernos. Para facilitar tanto quanto possivel a frequencia dessas visitas, o Estado fornece, tambem gratuitamente, passes da Estrada de Ferro a todos os agricultores que os solicitarem. Procura desse modo animar a lavoura, que vinha de longe arrastando uma crise pesada, de desesperança.

Foi tambem com o intuito de fazer vibrar os animos dos lavradores que o mesmo Governo estabeleceu uma lei, em 1908, creando 241 premios em dinheiro para os agricultores, que mais se distinguissem em produção, qualidade e exportação de culturas agricolas, além de outros premios, representados por um reproductor de raça, já acclimado no paiz, para o criador que no Estado criasse mais de duzentas cabeças de gado lanigero, vacum, mear ou cavallar.

Essa lei, traduzida em allemão e em italiano, que são os idiomas da maioria dos colonos do Espírito Sancto, foi publicada, assim como em portuguez, em folhetos, largamente distribuidos pelos principaes centros agricolas do Estado.

O fructo dessa sementeira não tardou a apparecer. Tanto o nosso povo rural carece de estímulo ! Já no anno seguinte foram distribuidos varios premios e, desde então, a roda nunca mais parou, fazendo, na sua rotação, salpicar premios para um lado

ou para outro, sob varios pretextos: a este industrial, porque mantem uma usina; áquelle criador, porque exportou tantos mil kilos de toucinho, de fructa em conserva, ou uma quantidade consideravel de saccos de arroz beneficiado, etc.

Não é nada? É como um punhado de milho louro, espalhado para o alvoroço e a alegria de pintos, que, já na contenda de apanharem os grãos mais gordos, encontram meio de satisfação e de actividade. Eu aprecio essas cousas, achando nellas assumpto de interesse especial, porque representam gestos independentes, livres de pelias, com que a politica costuma embarçar os Governos dos Estados, e, muito principalmente, os Estados de poucos recursos.

Assim, ora acorçoando lavradores e industriaes agricolas com certas sommas de dinheiro, ora criadores com exemplares de reproductores de raça, o Governo do Espirito Sancto tractou pari-passu de combater os processos rotineiros, ainda empregados na lavoura do Estado, estabelecendo um campo de demonstração, (fazenda-modelo da Sapucaia), onde o lavrador pôde fazer practicamente a sua aprendizagem, manejando instrumentos agricolas que o estabelecimento lhe fornece pelo preço do custo, mediante pagamento em prestações, previamente combinadas.

Quando o lavrador não se quizer sujeitar a isso, o Governo mandará, a seu requerimento, montar as machinas e ensinar a maneja-las, gratuitamente, á sua propriedade. Tudo isso me pareceu muito bem determinado e muito digno de divulgação.

Na manhã em que visitei a « Fazenda » fazia-se nella a experiencia de uma nova machina de ceifar e de enfeixar arroz. E a essa experiencia cabiam perfeitamente as palavras da chapa: estava sendo coroada de magnifico exito.

O arrozal maduro lourejava ao sol.

Lembrava um quadro pintado por José Malhóa, e varias vezes as alegres tonalidades desse artista exuberante e rural me acudiram á memoria naquella transparente e luminosa manhã de Maio.

A *Ceifadeira* mergulhava na onda loura o seu pesado corpo de ferro, atirando o arroz, já em feixes atados rapidamente por ella mesma com um solido nó, de embira, para o campo devas-

tado, onde ficavam apenas pequenas touceiras do arrozal, rentes ao chão. Aos lavradores que dirigiam a machina e a outros lavradores que acompanhavam para observa-la de perto, reuniu-se um grupo de senhoras, curiosas, cujas *toilettes* claras e sombrinhas de côr junctaram ao bucolismo do quadro uma nota risonha, que o completava. Dentro de poucos minutos não havia alli chapéo nem cinto que não estivesse enfeitado com um pennacho de arroz.

Do lado opposto da estrada, em outros campos da mesma propriedade, empregavam-se alguns discipulos na aprendizagem dos processos aratorios, preparando o terreno para novas plantações. Sorprendi assim a fazenda numa hora de actividade, e de applicação dos modernos processos de trabalho. O mestre de culturas, sr. Agostinho de Oliveira, que se me afigurou sinceramente apaixonado pela sua profissão, informou-me, mostrando-me uma vitrina, em que estavam varios punhados de cereaes, que já se têm feito alli experiencia de 57 variedades de plantas forraginosas, alimenticias, texteis, oleaginosas, etc. Dando a aveia na razão de 46 hectolitros por hectare; alfafa, 10 côrtes por anno; trigo, 12 hectolitros por hectare; linho, 80 centímetros de altura; algodão, 0,^m60 de extensão de fibra; sorgho, 700 alqueires por alqueire de semente, etc.

Embora as terras, em que está organizada a fazenda, não sejam das melhores do Estado, tendo sido escolhidas pela sua situação, a cujas vantagens alludi, e pela sua facilidade de comunicação, ainda assim o quadro comparativo da sua produção de trigo, por exemplo, com a de outros paizes, é-lhes extremamente lisongeiro.

Enquanto Portugal colheu 9 hectolitros por hectare, a Argentina 11, a Australia 10, os Estados Unidos 7, — o Espirito Sancto colheu 12, o que já constitue uma differença razoavel, guardando as mesmas proporções nas diferentes qualidades de trigo que cultivou como experiencia e demonstração, tendo igualmente obtido magnificos resultados de plantas estrangeiras, ainda não conhecidas no Brasil, ao mesmo tempo que, provado as vantagens das plantas conhecidas quando tractadas pelos processos mechanicos que augmentam, melhoram e barateiam a sua produção.

As installações da fazenda para os seus animaes estão ainda de accôrdo com o seu typo modesto. São modelos de facil imitação e em que, na sua rudeza, estão previstas todas as condições de hygiene.

Entretanto, fallava-se na construeção de novas baias, de um posto zootechnico e não me lembra mais o quê. Em todo caso, os carneiros *Lincoln*, os touros *Gersey*, ou as gallinhas *Plymouth* encontram condições de vida farta nos campos da fazenda da Sapucaia, para onde têm sido remettidos alguns exemplares delles, e que sempre serão mais proveitosos que os terríveis jacarés que alli habitavam um charco, hoje transformado, pelo atêrro, num vistoso e fertil feijoad!

Ainda com o sentido de animar a lavoura, tendo sido fundado o Banco de Crédito Agrícola e Hypothecario, o jornal official da Victoria começou a imprimir uma secção diaria, de typo gordo e entrelinhado, com explicações e conselhos sôbre agricultura. Este ardil facilita a leitura, pelo menos desse trecho do jornal, ás pessoas de vista cansada, ou que saibam apenas soletrar.

É alguma cousa: é o interesse levado a toda gente, em doses de facil assimilação, pelo mais portentoso assumpto do paiz.

Observando esses pequenos nadaes, penso com alegria que o nosso vicio de politicagem começa a transformar-se em séria actividade administrativa... Mas quem me dirá si nos outros Estados se faz o mesmo?

Nós os Brasileiros gostamos pouco de viajar em nosso paiz; desde que se não possa ir para o estrangeiro preferimos a tudo ficar em casa; dahi a ignorancia de muitos aspectos curiosos e de muitos factos interessantes de nossa terra e da nossa gente. Quando porém, por qualquer circumstancia inesperada, visitamos um ou outro dos nossos Estados, dizemos não trazer delles impressões que valham a pena de ser communicadas a ninguem! É um mal e um êrro, porque da nossa critica ou do nosso louvor podem resultar beneficios imprevistos para o paiz.

Por minha parte confesso que tive intenso prazer sorprendendo no Estado do Espirito Sancto, tão acofinado de pobre e de rotineiro, um tão grande movimento de progresso e de transformação, e que julgo cumprir um dever de patriotismo affirmando

a convicção que nutro de que essas terras, dentro em pouco tempo, attrahirão só por si capitaes importantes que para ellas irão espontaneamente, na certeza de optimas recompensas. Já não é um Estado rotineiro; é um Estado progressista.

Ao mesmo tempo que o Governo dava á cidade principal agua, luz, exgottos, serviço de hygiene publica e domiciliaria, escholas, habitações populares e um novo e moderno hospital; ao mesmo tempo transformava os seus lodaços em parques seccos e drenados, contractava diversas vias de communicção: linhas de bonds electricos, construcções de estradas para carros e automoveis; navegação a vapor pelos rios Doce e Itapemirim, construcções de estradas de ferro que atravessam regiões fercissimas; e tudo em varios pontos do Estado, simultaneamente. Não contente com isso, o Governo põe outros serviços em execução, contractando com particulares construcções de outras estradas e a fundação de colonias, de fabricas, de serrarias, de usinas, do plantio do cacão, de exploração de mattas e desenvolvimento da immigração com a fundação de 7 nucleos coloniaes de 500 familias cada um; e ainda de mais estradas e ainda de mais immigrantes, e ainda de mais fabricas e de mais usinas electricas!

Mas sobrepujando a todos, o grande beneficio prestado pelo dr. Jeronymo Monteiro ao seu Estado natal está na reforma do seu ensino publico. Hoje a alma da Victoria é a collegial. Ella dá á cidade, provinciana e socegada, uma nota de alegria vibrante pelo seu ar decidido e entusiasmado e pelo seu traje encarnado ou azul, segundo o grupo escolar a que pertence. A certas horas, quem chegar ás janellas ou andar pelas ruas, verá surgir em varios pontos essas manchas luminosas e inconfundiveis, que fazem pensar que tambem as hortensias e as papoulas andam!

Não são só as pequenas, tambem as mocinhas vestem com orgulho os seus uniformes de normalistas. Toda a mocidade da Victoria estuda e fa-lo com um entusiasmo como jámais observei em parte alguma; o seu Instituto de pintura é frequentado com immenso interesse por muitos moços e moças da sua melhor sociedade.

Mas o seu maior encanto está sobretudo nas escholas publicas

refundidas pelo modelo das de S. Paulo, que são as mais afamadas do paiz. Em geral as crianças no Espírito Sancto são fortes e desembaraçadas, o que duplica o encanto das salas escolares, que estão bem organizadas, comapparehos e mobílias modernas. A prova do grande interesse que ha na Victoria pelo estudo está bem expressa pelas suas estatísticas escolares.

No mez de Maio, em que visitei essa cidade, foram as suas escolas publicas frequentadas por mil e oitenta e sete crianças, o que representa uma somma respeitavel numa cidade de pequena população, tanto mais quanto nella não ha só escolas publicas, mas tambem particulares de grande frequencia. Eu mesmo visitei uma, «Asylo Coração de Jesus», em que erá muito grande o numero de discipulas, áparte as orphãs pobres do Estado, alli recolhidas, si me não engano, em numero de 200, e por cuja manutenção o Governo subvenciona esse estabelecimento com uma determinada quantia.

E o engraçado é que foi preciso entrar num edificio religioso para eu ver a primeira touca de religiosa no catholico Estado do Espírito Sancto! Foi só então que me ocorreu á lembrança o que me tinham affirmado no Rio, isto é, que eu iria esbarrar com botinas de padres e habitos de monges por todos os angulos e curvas da Victoria, quando a verdade é que, em cinco dias, eu ainda não vira nem uma só batina, nem um só habito de freira ou de frade, nas ruas da Victoria nem nas estações do caminho de ferro do Estado do Espírito Sancto!

Isso não acontece em S. Paulo nem em Minas, nem aqui, verdadeiro refugio de religiosos exilados da Europa.

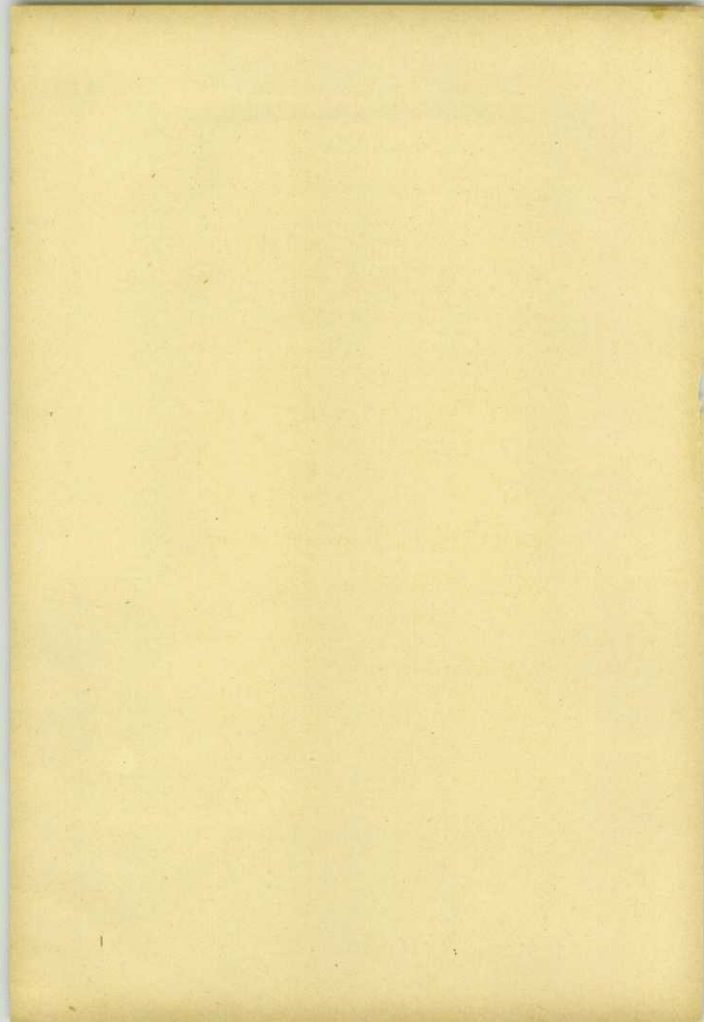
Ora pois, até nisso aquella terra era differente do que me tinham affirmado antes da minha partida.

De facto, em vez de uma sociedade fanatica, tristonha, desconfiada, achei-me no centro de uma sociedade carinhosa, risosna, desembaraçada e vivaz, de que guardarei sempre saudades.

E porque de tudo trouxe uma impressão de agrado, de esperança, ou de surpresa, quiz fixa-la nestas linhas, em que escondi quanto pude a gratidão pelo excepcional acolhimento que devo a esse Estado, para só deixar transparecer a verdade nua dos fa-

ctos que nelle observei, sem véos de phantasia, nem parcialidade de sentimento.

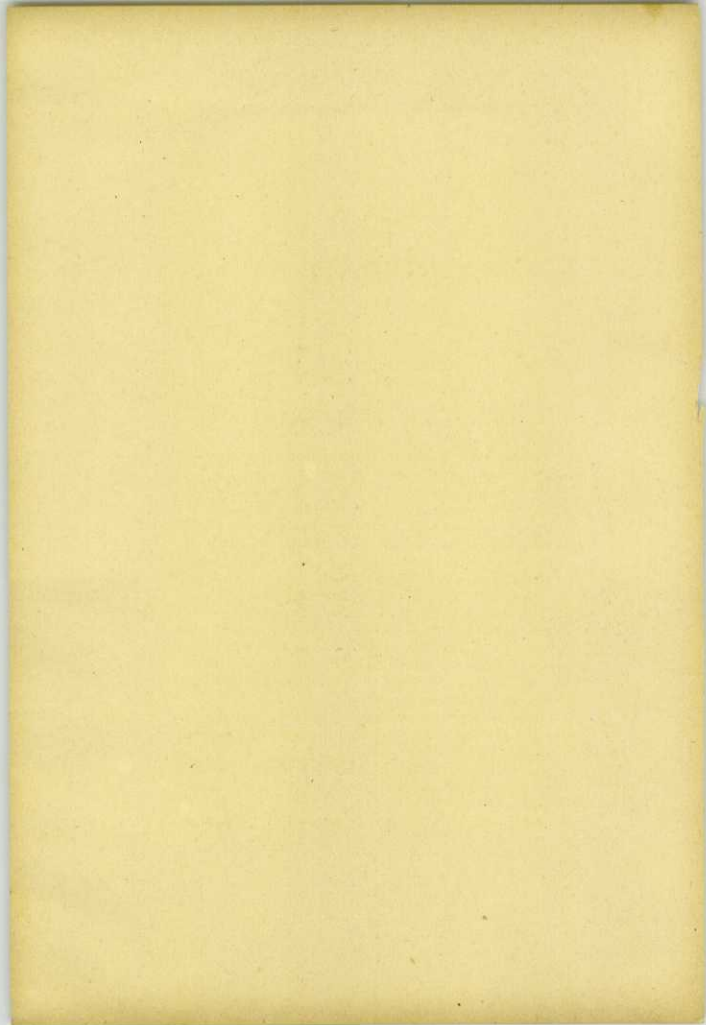
E, tambem, para isso, não escrevi precipitadamente. Esperei; dei tempo a que as minhas idéas amadurecessem antes de rever as notas feitas no tropel das horas movimentadas, que passei na Victoria e que tão imperfeitamente descrevi. Sinto-me, porém, satisfeita de poder affirmar a todos os Brasileiros, mesmo aos mais indifferentes, que esse pedaço da Patria achou quem o despertasse do somno lethargico que ha tanto tempo o entorpecia e que, agora, despertado e fortalecido, caminhará activamente, alegremente, para um futuro nobre e feliz.



ACTAS

DAS

SESSÕES REALIZADAS NO ANNO DE 1912



ACTAS

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA, EM 17 DE FEVEREIRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.

Às duas horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão de assembléa geral com a presença dos seguintes socios :

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, commendador Arthur Guimarães, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, coronel Ernesto Senna, conde de Leopoldina, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Gastão Ruch, dr. Clovis Bevilacqua, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Nelson de Senna, contra-almirante Arthur Indio do Brasil, dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, dr. Norival Soares de Freitas, dr. José Americo dos Santos, dr. Alfredo Rocha, conde de Affonso Celso e padre dr. Julio Maria.

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO declara assumir a presidencia da Assembléa nos termos dos Estatutos, por não estarem presentes os vice-presidentes do Instituto.

O SR. PRESIDENTE DA ASSEMBLÉA declara que a presente sessão da assembléa geral foi convocada em virtude dos seguintes officios, que lê :

« Petropolis, 11 de Fevereiro de 1912. — Ex.^{mo} Sr. Dr. Max

Fleuss, M. D. 1.º Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Por determinação de meu Pai, o Visconde de Ouro Preto, 1.º Vice-Presidente desse Instituto, tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª o seguinte:

« Tendo occorrido hontem o fallecimento de S. Ex.ª o Sr. Barão do Rio-Branco, illustre Presidente Perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, cumpre que essa instituição preste ao preclaro morto todas as homenagens do que elle é merecedor, pelo que determina o mesmo Sr. 1.º Vice-Presidente sejam por V. Ex.ª tomadas as necessarias providencias, para que o Instituto tenha representação condigna.

« Por outro lado, e segundo o precedente creado pelo fallecimento do 1.º Presidente Perpetuo do Instituto — Visconde de S. Leopoldo — determina mais o alludido Sr. 1.º Vice-Presidente que seja convocada uma assembléa geral para o dia 17 do corrente, afim de proceder-se á eleição para preenchimento da vaga.

Por ultimo, e como o seu estado de saude lhe não permitta ir ao Rio de Janeiro, pede a V. Ex.ª comunicar ao Ex.º Sr. 2.º Vice-Presidente — Barão Homem de Mello — ou a quem suas vezes fizer, a mencionada convocação da Assembléa Geral, solicitando de S. Ex.ª que haja por bem substitui-lo na presidencia da assembléa convocada.

« Sou com a maxima consideração de V. Ex.ª admirador e amigo — *Dr. Vicente de Toledo de Ouro Preto.*»

— « Petropolis, 16 de Fevereiro de 1912. — Ill.º e Ex.º Sr. Max Fleuss, M. D. Secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Em nome e por ordem de meu Pai, o Visconde de Ouro Preto, 1.º Vice-Presidente desse Instituto, tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª o seguinte:

« O alludido Sr. 1.º Vice-Presidente approva as medidas tomadas por V. Ex.ª para que o Instituto dêsse as provas públicas do pezar que a todos os seus consocios causou o infausto fallecimento do Ex.º Barão do Rio-Branco.

« Confirma, outrosim, a convocação da assembléa geral para

preenchimento da vaga de Presidente, para o dia 17 do corrente, ás duas horas da tarde.

« É o que occorre ao mencionado Sr. 1.º Vice-Presidente responder ao officio de V. Ex.ª communicando as providencias tomadas.

« Sou com a maxima consideração de V. Ex.ª admirador e amigo — *Dr. Vicente de Toledo de Ouro Preto.* »

Diz mais o Sr. Presidente que a presente convocação foi devidamente annunciada no *Jornal do Commercio*.

O SR. MAX FLEIUSS (*1.º Secretario Perpetuo*), lê uma indicação concebida nestes termos: « Propomos que em homenagem á grande e saudosissima memoria do insigne Presidente Perpetuo do Instituto SR. Barão do Rio-Branco, nada mais se faça na presente assembléa geral sinão decidir se insira na acta um voto de profunda magua pelo passamento do glorioso Brasileiro, levantando-se logo em seguida a sessão. — Rio de Janeiro, 17 de Fevereiro de 1912. — *Conde de Affonso Celso. Max Fleiuss.* »

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO, na qualidade de Presidente, submettendo á consideração da assembléa a proposta dos Srs. Conde de Affonso Celso e Max Fleiuss, significa em breves palavras que acha justissima esta manifestação de apreço á memoria do illustre Sr. Barão do Rio-Branco. Põe, entretanto, a proposta em discussão.

O SR. DR. VIVEIROS DE CASTRO combate a indicação, manifestando-se pela eleição immediata, legalmente convocada por quem de direito.

« Lembra as provas de apreço que reiteradamente receberam elle e seu saudoso pai, o conselheiro Gomes de Castro, do barão do Rio-Branco, mas entende que a directoria do Instituto deve sem demora ser integralizada, mesmo para se poder providenciar sobre as homenagens que devem ser prestadas á memoria do grande morto. Pensa que a simples suspensão da sessão não traduz o sentimento que domina o Instituto, que por outras formas manifestará por certo o tributo de sua veneração ao insigne Brasileiro que foi seu Presidente Perpetuo.

O PADRE DR. JULIO MARIA declara-se tambem contrario ao adiamento, fazendo a respeito varias considerações e concor-

dando com o Sr. Dr. Viveiros de Castro sobre as providencias que se devem tomar para as homenagens ao grande morto.

Posta a votos a proposta dos srs. conde de Affonso Celso e Max Fleiuss, é rejeitada.

Os srs. coronel Ernesto Senna, conselheiro Lampreia e almirante Indio do Brasil fizeram declarações de haverem votado pelo adiamento.

Á vista desse resultado, retiraram-se do recinto os srs. Ernesto Senna e conde de Affonso Celso.

O Sr. DR. RAMIZ GALVÃO manda, então, proceder á eleição. Feita esta, são recolhidas 22 cédulas.

O Sr. DR. RAMIZ GALVÃO nomea escrutinadores os srs. coronel Jesuino de Mello e capitão-tenente Radler de Aquino.

Apuradas as cédulas, ha o seguinte resultado: Conde de Affonso Celso, 20 votos; visconde de Ouro Preto, 2 votos.

O Sr. DR. RAMIZ GALVÃO, na qualidade de presidente da assembléa geral, proclama presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. conde de Affonso Celso.

O Sr. CONSELHEIRO CAMELO LAMPREIA lê a seguinte proposta:

« A assembléa geral, no exercicio da sua auctoridade soberana, desejando dar uma publica e solennissima demonstração de apreço ao muito illustre e respeitado 1.º vice-presidente do Instituto, sr. visconde de Ouro Preto, resolve elegê-lo Presidente Honorario, Sala das sessões, 17 de FEVEREIRO de 1912. — *Ramiz Galvão, J. de Sá Camelo Lampreia, Manuel Cicero, Clovis Bevilacqua, Gastão Ruch, A. Indio do Brasil, Viveiros de Castro, Miguel J. R. de Carvalho. Padre Julio Maria, Radler Aquino, Jesuino da Silva Mello, Nelson de Senna, José Americo dos Santos, Arthur Guimarães, Tobias L. Figueira de Mello, Norival Soares de Freitas, João Coelho Gomes Ribeiro, Antonio Coutinho Gomes Pereira, Conde de Leopoldina, Max Fleiuss.* »

O Sr. DR. RAMIZ GALVÃO diz que tendo se retirado alguns socios e não havendo numero para a votação, fica a proposta sobre a mesa para ser votada na primeira assembléa, que se realizar.

O CONDE DE LEOPOLDINA propõe, como homenagem ao ba-

rão do Rio Branco, que se dê á sala das sessões do Instituto o nome de Sala *Rio Branco*, não só no edificio actual, como no que se projecta construir.

Esta proposta fica tambem sôbre a mesa, para deliberação ulterior.

Levanta-se a sessão ás 3 horas e 30 minutos da tarde.

Jesuino da Silva Mello, Radler de Aquino.

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE ABRIL DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 8 horas da noite, na sede social, presentes os srs. conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, drs. José Americo dos Santos, Norival Soares de Freitas, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, moresenhor Vicente Ferreira Lustosa de Lima e Carlos Lix Klett, abre-se a sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) convida o sr. capitão-tenente Radler de Aquino para occupar o logar de 2.º secretario, na falta do effectivo. O sr. Radler de Aquino occupa o logar de 2.º secretario.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz o seguinte :
« Cabendo-me hoje, pela primeira vez, a honra de, no character de presidente effectivo, dirigir em sessão os nossos trabalhos, devo, antes de tudo, agradecer a generosidade que inspi-

rou a minha eleição, com a qual quizesles sem dúvida, meus dignos consócios, galardoar magnanimamente vinte annos de devotamento ao Instituto e a boa vontade de continuar a servi-lo, até ao derradeiro esforço.

Captivastes de modo irredimível o meu reconhecimento; ultrapassastes os meus meios de expressão para vo-lo patentear.

Occupar eu a cadeira vaga pela perda incommensuravel de Rio-Branco, só se pôde explicar pelo phenomeno dos contrastes, tão commum na natureza e na historia.

A Alexandre Magno, o extraordinario dilatador de sua patria, succedeu, no throno da Macedonia, — sabeis-lo, — o obscuro e infeliz Arrhideu.

Acolhei a sincera oblação do meu profundo reconhecimento. Acolhei-a, talvez ainda maior, pelas demonstrações de acatamento e saudade que tributastes á memoria do visconde de Ouro Preto, a quem, por numerosos motivos, houvera competido a distincção a mim conferida.

Conto com a vossa collaboração, com o vosso conselho, com a vossa censura amigavel, com vosso leal apoio, no desempenho da minha tarefa; e, ao iniciá-la perante vós, invoco Aquelle, sem cujo assenso não se fazem nem as pequenas nem as grandes cousas, para que Elle, em sua infinita liberalidade (e eis ahi a minha confiança) sempre me ampare e esclareça. » (*Palmas; muito bem*).

O SR. PRESIDENTE diz que no intervallo das suas sessões perdeu o Instituto os seguintes consócios: dr. Duarte Murtinho, socio honorario; dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, socio effectivo; marquez de Paranaguá e barão do Rio-Branco, socios benemeritos; visconde de Ouro Preto, socio honorario, e commendador Manuel José da Fonseca, socio benfeitor.

São nomes vantajosamente conhecidos e sobre elles dirá, na sessão propria, o exímio orador do Instituto sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Na fórma do art. 64 dos estatutos, na acta da sessão de hoje se insere um voto de pezar pela perda destes conspícuos consócios.

Diz mais o sr. presidente que, por alma dos srs. barão do

Rio-Branco, marquez de Paranaguá e visconde de Ouro Preto, foram celebradas solennes exequias, em nome do Instituto, na egreja da Candelaria e na Cathedral.

O sr. FLEIUS (1.^o secretario *perpetuo*) justifica a ausencia dos consocios dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho e Eduardo Marques Peixoto.

O mesmo sr. secretario lê o expediente :

— Aviso do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, n.^o 459, de 29 de Janeiro de 1912, declarando ter sido approvada a applicação dada á subvenção entregue no anno de 1911, estando certos todos os documentos.

— Officios da Commissão Fiscal de Desobstrucção dos rios da Baixada do Rio de Janeiro, datados de 7 de Março e 15 de Abril ultimos, accompanhados da planta da hacinha da Estrella e seis vistas da Baixada Fluminense.

— Carta do sr. Julio de Medeiros, offerecendo os objectos que encontrou nas suas excursões nos subterraneos do morro do Castello.

— Telegrammas do Instituto Historico de Alagoas, do Instituto do Ceará, do Instituto da Parahiba, do Instituto do Rio Grande do Norte, dos consocios drs. Viveiros de Castro, Affonso Arinos, José Salgado, barão de Alencar, Luiz Gualberto, bispo de Campinas, do Instituto Historico da Bahia, do Instituto Historico de Minas, da Liga Maritima Brasileira de Pernambuco, da Associação Central Brasileira dos Dentistas, dando pezames pela morte do marquez de Paranaguá, barão do Rio-Branco e visconde de Ouro Preto.

— Officio do sr. barão de Werther relativamente aos manuscritos historicos deixados pelo sr. barão do Rio-Branco.

Tendo o sr. conde de Affonso Celso communicado ao Governo, aos chefes das repartições publicas, ás diversas associações e a todos os consocios, nacionaes e estrangeiros, a sua eleição e posse do cargo de presidente do Instituto, recebeu até hoje as seguintes respostas : do ministro da Justiça e Negocios Interiores, do ministro da Fazenda, do ministro da Agricultura, do ministro da Guerra, do ministro da Marinha, do ministro da Viação e Obras Publicas, do prefeito do Districto Federal, do

director geral da Bibliotheca Nacional, do director do Archivo Nacional, do chefe de policia do Districto Federal, do chefe do Estado maior da Armada, do chefe do grande Estado maior do Exercito, do commandante do Corpo de Bombeiros, do commandante da Brigada policial do Districto Federal, do director da Bibliotheca do Exercito, do director geral da Imprensa Nacional, do director geral de Saude Publica, do presidente do Tribunal de Contas, do presidente do Estado do Rio de Janeiro, do presidente do Estado de Minas Geraes, do presidente do Estado do Rio Grande do Sul, do secretario do Interior e Justica do Estado de Sancta Catharina, do presidente do Estado do Rio Grande do Norte, do presidente do Estado do Paraná, do presidente do Estado do Espirito Sancto, do presidente do Estado do Ceará, do secretario do Interior do Estado do Pará, do presidente do Estado do Amazonas, do presidente do Club Naval, do presidente do Club Militar, do director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, do inspector da Caixa da Amortização, do director do Museu Nacional, do director geral dos Telegraphos, do director da Eschola Polytechnica, do director interino do Jardim Botanico, do ajudante do director da Bibliotheca de Marinha, do director geral interino dos Correios, do presidente da Associação Commercial do Rio de Janeiro, do 1.º secretario da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, do secretario geral do Instituto Polytechnico Brasileiro, do secretario do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo, do Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, e dos consocios, todos applaudindo a escolha, dr. Viveiros de Castro, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, barão dr. Brazílio Machado, dr. Luiz Gualberto, dr. J. J. Seabra, barão de Alencar, dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, dr. José Americo dos Santos, dr. Amaro Cavalcanti, dr. Rocha Pombo, dr. Rodrigo Octavio, dr. Sabino Barroso Junior, dr. Epitacio da Silva Pessoa, dr. Norival Soares de Freitas, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Alcibiades Furtado, cardeal J. Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, dr. André Werneck, dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva, padre Rafael Maria Ga-

Ianti, conselheiro Cândido Luiz Maria de Oliveira, dr. José Carlos Rodrigues, dr. José Veríssimo, dr. Adolfo Augusto Pinto, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, D. Joaquim Silverio de Sousa (arcebispo de Diamantina), dr. Lassance Cunha, dr. J. M. Cardoso de Oliveira, dr. Augusto de Siqueira Cardoso, dr. Pedro Souto Maior, dr. Alípio Gama, desembargador Thomaz Garcez de Paranhos Montenegro, D. João Baptista Corrêa Nery (bispo de Campinas), dr. Nelson Coelho de Senna, desembargador Agostinho Ermelino de Leão, dr. Sebastião Paraná, dr. Augusto Tavares de Lyra, dr. Manuel de Mello Cardoso Barata, dr. Alfredo de Toledo, coronel Raimundo Cyríaco Alves da Cunha, dr. Manuel de Oliveira Lima, dr. Afonso d'Escagnolle Taunay, dr. José Salgado e dr. Ramón J. Cárcano.

O SR. FLEIUS (1.^o secretario perpetuo) diz que o eminente consocio dr. Theodoro Sampaio veio hoje ao Instituto para o fim especial de offerecer uma monographia, que acaba de elaborar sobre os « KRAÓS DO RIO PRETO ».

É um trabalho que parece do maior interesse, ornado de seis figuras Kraós, tendo a primeira parte descriptiva e historica, um vocabulario portuguez-kraó e terminando por uma carta ethnographica dos povos da familia Gê ou Cran.

O SR. PRESIDENTE diz que o Instituto agradece a valiosissima offerta que constitue nova demonstração do amor, que á Ethnographia brasileira dedica de ha muito o dr. Theodoro Sampaio; manda que a monographia seja enviada ao illustrado director da *Revista* para a devida publicação.

O mesmo sr. secretario perpetuo apresenta ao Instituto um manuscripto offerecido pelo distincto consocio dr. Martin Francisco, intitulado: « *Política Brazilica* » dirigida aos venturosos indios da villa de Lavradio, por Feliciano Joaquim de Souza.»

Segundo informações do sr. dr. José Vieira Fazenda, projecto bibliothecario do Instituto, esse manuscripto deve ser de 1777, e de Feliciano de Sousa Gomes Neves existe no archivo do Instituto uma biographia escripta pelo dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

O SR. PRESIDENTE diz que o Instituto agradece penhorado a interessante offerta feita pelo presado consocio dr. Martin Francisco desse manuscripto, que será recolhido ao archivo e devidamente catalogado.

O SR. DR. MANUEL CICERO (*1.º vice-presidente do Instituto*) diz prevalecer-se da occasião para muito reconhecidamente agradecer ao sr. presidente do Instituto a nomeação que fez da sua pessoa, nos termos do art. 26, § 4.º dos Estatutos, para occupar, no corrente anno, o cargo de 1.º vice-presidente do Instituto.

Considera tal distincção muito superior aos meritos, que possa ter, e diz que a acceitou não por vaidade, mas cumprindo um dever de disciplina e respeito, de que todos os socios devem cercar as resoluções do illustre presidente. Conta com as luzes e o auxilio da benevolencia dos seus collegas.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que escolheu os srs. drs. Manuel Cicero e Ramiz Galvão para primeiro vice-presidente e orador, attendendo aos impulsos da mais rigorosa justiça e felicita-se por ver a sua escolha ratificada pelo applauso do Instituto. Diz mais que em virtude da delegação escripta, que todos os membros da Commissão de estatutos e redacção fizeram ao sr. dr. Ramiz Galvão, quanto á redacção da *Revista*, nomeou o mesmo dr. Ramiz Galvão director da nossa respeitada publicação, que tudo terá a lucrar. Communica ainda ter nomeado para representarem o Instituto no Congresso de Americanistas de Londres, a reunir-se em fins de Maio, os consocios dr. Affonso Arinos de Mello Franco e Fernando A. Georlette, e para o Congresso de Anthropologia e Archeologia Prehistoricas a celebrar-se em Genève, o consocio Fernando A. Georlette. Diz mais o sr. presidente que, em virtude das vagas existentes, nomeou os consocios dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão para membro da Commissão de Estatutos e Redacção, o conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lamprea para a Commissão de Fundos e Orçamento, os drs. Augusto Olympio Viveiros de Castro e Clevis Bevilacqua para a Commissão de Historia, o capitão-tenente Francisco Radler de Aquino para a Commissão de Geographia, e o dr. Antonio Olinho dos Santos Pires para a Commissão de Admissão de Socios.

O SR. FLEIUS (1.º secretario perpetuo) lê o seguinte parecer da Comissão de Fundos e Orçamento:

«Tendo examinado as contas do exercicio do anno social de 1911, a Comissão de Fundos e Orçamento é de parecer que sejam approvadas, e mais uma vez aproveita o ensejo para louvar o zelo inexcédível do nosso digno thesoureiro, o consocio Arthur Machado Guimarães, credor da gratidão do Instituto, pelo que em seu beneficio tem abnegadamente feito.

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1912. — *Clovis Bevilacqua*, relator. — *João de Oliveira Sá Camelo Lampreia* — *Jesuino da Silva Mello*.»

O SR. PRESIDENTE põe em discussão o parecer.

Ninguém pedindo a palavra é o mesmo approved unanimemente.

O mesmo sr. secretario lê os seguintes pareceres da Comissão de Historia:

«*Cousas do passado*» é o titulo de um extenso trabalho do sr. dr. Luiz Gastão d'Escagnolle Doria, já estampado nas paginas da nossa *Revista* (tomo 71.º, p. II, 1909) e hoje offerecido como titulo para a sua admissão ao gremio deste Instituto.

Nelle se acham escriptos de varia natureza:

1.º, «Artistas de outro tempo» — uma serie de monographias de grandes vultos artisticos, que se exhibiram com brilho no palco fluminense;

2.º, «O Theatro na Exposição», estudos retrospectivos;

3.º, «Notas de historia financeira»;

4.º, «Figura do passado».

Entre os artistas de outro tempo figuram Segismundo Thalberg (1855) — Rosina Stoltz, Henrique Tamberlick e Juliana Dejean (1856) — Rosina Laborde (1859) — Emillo Wroblewski (1860) — Gottschalk (1869) — Adelaide Ristori (1869-1874) — Carlota Patti, Ritter e Sarasate (1870) — Julião Gayarre (1876) — Domingos Sentinelli (1879) e Eleonora Duse (1885-1907).

Os *Estudos retrospectivos*, a proposito do Theatro na recente Exposição de 1908, referem-se ás primeiras exhibições d'*Os Irmãos das Almas* e d'*O Noviço*, comedias de Martins Penna (1844 e 1845); d'*As Doutorinhas*, de França Junior (1889); do *Deus*

e a *Natureza*, de Arthur Rocho; das *Azas de um anjo*, de José de Alencar (1858), e da *História de uma moça rica*, de Pinheiro Guimarães (1861).

Nas *Notas de história financeira*, o auctor delinea o perfil político e parlamentar de Sousa Franco e Salles Torres Homem.

A *Figura do passado*, finalmente, é Manuel Marques de Sousa conde de Porto-Alegre, o inclito batalhador de Monte-Caseros, Curuzú, Curupaiti e Tujuti.

Daqui se infere que sob o título geral «Cousas do passado», o sr. dr. Escagnolle Doria nos offerece quadros de história da Arte e de história parlamentar brasileira, além da biographia de um grande general rio-grandense.

Em assumptos de genero tão diverso o auctor, illustrado professor de História, revela distinctos predicados de escriptor e critico: aqui, dando-nos um suggestivo quadro dos costumes e da sociedade fluminense da ultima metade do seculo passado; alli, pondo em relêvo o valor intellectual e moral dos políticos notaveis que compuzeram a brilhante phalange do segundo reinado; acolá, celebrando feitos heroicos de um galhardo chefe que personificou a bravura e a correcção militar nos nossos campos de batalha, desde as luctas coloniaes, em 1818, até ao tremendo combate de Tujuti em 1867.

A penna do escriptor é aparada; seu grande amor ás cousas da Patria transpira em todas as paginas da memoria; seu criterio de historiador promete ao Instituto um amestrado cultor da verdade.

Somos, pois, de parecer que o sr. dr. Escagnolle Doria fez jus a inscrever-se nas nossas fileiras, onde será recebido com jubilo.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 10 de Outubro de 1911. — Dr. B. F. Ramiz Galvão, relator. — B. T. de Moraes Leite Velho. — Antonio Jansen do Paço. — Pedro Lessa».

É approvedo e vai á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Manuel Cicero:

« — Nos volumes VIII e IX (1903-1904) da *Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo*, occorrem as duas me-

morias do sr. dr. Washington Luiz Pereira de Sousa, intituladas : « Contribuição para a Historia da Capitania de S. Paulo (Governo de Rodrigo Cesar de Menezes) » e « Antonio Raposo », que são apresentadas como títulos á admissão de seu auctor no gremio do nosso Instituto.

São ambas importantes, e fructos de accurada investigação.

A primeira preenche um claro na nossa Historia, offerecendo-nos o quadro até certo ponto palpitante da situação da Capitania de S. Paulo, no periodo de 1720 a 1729, a feição moral do seu primeiro governador Rodrigo de Menezes, seus meios de governo e as entradas dos bandeirantes paulistas para os lados de Goiaz e Matto Grosso, expostas com minudencia á luz de bons documentos.

É um estudo de real valor no seu conjuncto e nos pormenores. O episodio dos irmãos Leme (João e Lourenço), sacrificados pela ambição do matreiro reinol Sebastião Fernandes do Rego, é um quadro typico da sociedade anomala daquella epocha de povoamento e exploração do nosso paiz, em que fervilhavam o interesse, a corrupção de costumes, o desmando dos potentados e o arbitrio dos governantes, ao lado de uma ousadia de empreendimentos e uma coragem individual, que realizaram prodigios — ainda hoje motivo de assombro.

Do estudo meticoloso do illustrado sr. dr. Washington Luiz, salu um retrato do primeiro governador da capitania de S. Paulo, que se não pôde qualificar de lisorjeiro. O fidalgo, ainda aparentado com a Casa Real Portugueza, irmão mais moço do 1.º conde de Sabugoza, vice-rei do Brasil, e brigadeiro da corte de d. João v, foi primeiro um dissimulado, depois um violento, que deixou ensopados em sangue os corações dos bravos Paulistas e a capitania em transe de miseria. Felizmente havia naquella bello torção brasileiro grandes elementos de vida e prosperidade, que não desapareceram nem podiam desaparecer; melhores tempos tinham de sobrevir; alli mesmo se levantaria um seculo depois o grito generoso da independencia nacional, e á sombra della a familia paulista se poderia preparar livremente, com a sua pujante energia, para a conquista do futuro e para

assumir mais tarde os primeiros postos na vanguarda da Republica Brasileira.

A segunda memoria do sr. dr. Washington Luiz é de menos valor sociologico, mas traduz ainda o seu espirito investigador e critico.

Tem ella por objecto discriminar o que realmente devemos attribuir a cada um dos individuos conhecidos nas velhas chronicas coloniaes pelo nome de *Antonio Raposo*.

Entre as façanhas mencionadas um tanto confusamente pelos historiadores e attribuidas a um desses Raposos figura a famosa bandeira, que, em meados do seculo xvii, descendo o Paranapanema e entrando no Paraná subiu o Ivinheima, foi ter ao Paraguai, ganhou o Guaporé e o Madeira para ir pelo Amazonas até Gurupá.

O auctor, argumentando com criterio, conclue por dar a gloria desse feito a Antonio Raposo Tavares, — o mesmo que annos antes chefára expedições contra os estabelecimentos da Companhia de Jesus no chamado territorio das Missões.

Os dous referidos trabalhos historicos do sr. dr. Washington Luiz, dignos de ponderação e grande estima, são pois documentos da sua competencia e indubitavelmente lhe dão direito á entrada no nosso gremio. Oxalá acolhido aqui entre irmãos de letras com justo desvanecimento, se não demore o distincto cultor da Historia patria em opulentar as paginas da nossa *Revista* com algum novo trabalho valioso. Sobram-lhe predicaes para este mister.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 20 de Março de 1912. — *Dr. B. F. Ramis Galvão*, relator. — *Clovis Bevilacqua*. — *Dr. Viveiros de Castro*. — *Antonio Jansen do Paço*. »

É approved e vai á Commissão de Admissão de Socios, relator o sr. dr. Miguel Carvalho :

O sr. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê o seguinte parecer do sr. dr. Viveiros de Castro, relativamente á proposta do consocio dr. Alberto de Seixas Martins Torres :

« Nomeado por despacho do sr. presidente, de 4 do corrente, para emitir parecer sobre a proposta do consocio honorario dr.

Alberto de Seixas Martins Torres, sobre a criação de uma associação que funcionará com o título de *Universidade Brasileira*, venho desempenhar o honroso mandato, rendendo desde logo o testemunho da minha admiração pelos elevados intuitos da mesma proposta e pela oportunidade, com que ella põe em foco problemas que visceralmente interessam a nossa civilização e progresso.

Si eu examinasse a proposta por todas as suas faces, teria de escrever um tractado, tão importantes são as questões que suggere.

Effectivamente, sem sair do assumpto, teríamos de dissertar:

Sobre a acção do Estado quanto ás necessidades culturais da sociedade;

Sobre a utilidade do regime universitario, estabelecendo comparações entre o rígido systema allemão e o inglez, mais utilitário e prático, e sobre a possibilidade de se acclimar entre nós uma instituição igual ao *University Extension Movement*, que promovesse o ensino publico por meio de conferencias systematicamente organizadas;

Reconhecida a impossibilidade de ser a Universidade Brasileira mantida exclusivamente com os recursos fornecidos pelos particulares, teríamos a examinar, si ella deveria pesar sobre todos os contribuintes, ou unicamente sobre os intellectuaes, creando o legislador uma taxa especial *betterments taxes* ou *special assessments*, como os inglezes e os Americanos denominam as contribuições que tem por objecto fazer face ás despesas de certas obras publicas ou melhoramentos, que redundam em vantagem de uma classe determinada de pessoas.

Em um paiz em que a leitura, excepção feita dos jornaes e das revistas apimentadas, ainda é objecto de luxo, não seria uma gravissima imprudencia incluir os livros na esphera taxativa dos impostos de consumo?

Seria facil enumerar muitos outros problemas fundamentaes contidos na proposta; bastam, porém, os citados para mostrar que o respectivo exame exigiria demorados estudos de gabinete, ficando assim o Instituto privado por muito tempo do prazer de tomar conhecimento de um assumpto tão interessante.

Consequentemente, o meu parecer terá por objecto duas únicas questões :

1.^a É útil a criação da Universidade Brasileira, com os intuits consignados na proposta ?

2.^a Deve o Instituto tomar a iniciativa de promover a referida criação ?

Quanto á primeira questão, não hesito em responder affirmativamente.

Nenhum povo civilizado contesta hoje as vantagens da instrucção, nem desconhece a legitimidade do predomínio dos competentes ; tem havido apenas duvidas sóbre o alcance práctico do ensino.

Durante longos annos vivemos a repetir, sem mais detido exame, a celebre phrase de Victor Hugo — *abrir escolas é fechar cadeias* ; mas a sciencia penal já pulverizou esses devaneios.

O homem, o mais illustrado, conserva em estado latente a selvajaria primitiva, que irrompe violenta ao tumultuar das paixões, assim como esses vulcões, que suppunhamos extinctos, abrem de subito as hediondas crateras, espalhando pelas cercanias a destruição e a morte.

A meu ver, as vantagens da instrucção são principalmente *políticas e economicas*.

Nenhum govêrno livre, seja qual fôr o rotulo sob o qual se apresente, pôde prescindir dos tres seguintes requisitos :

1.^o, *voto consciente* ;

2.^o, *eleições livres* ;

3.^o, *apuração e reconhecimento, em moldes estrictamente judiciarios, afastadas absolutamente as preoccupações partidarias*.

A arte de governar (e todos os cidadãos a exercitam, quer como depositarios da soberania nacional, quer como elementos componentes da *opinião publica*), não pôde dispensar o preparo technico, a aptidão profissional.

Estou convencido de que o êrro fundamental da chamada escola liberal, na qual militel por muito tempo, convencido de que era a ultima expressão da sabedoria politica, foi ter consi-

derado o voto um direito, que devia ser liberalizado, quando é realmente uma *função publica* que não póde ser exercida sinão pelos que são capazes de comprehender a sua importancia.

Nem esse modo de comprehender o exercicio do voto constitue propriamente uma *novidade*.

Expondo as idéas politicas de Royer-Collard, (que desempenhou tão saliente papel na Restauração, apesar de ter sido chefe do partido doutrinario de tal fórma reduzido que na phrase ironica de Beugnot — *il aurait tenu sur un canapé* —) assim se expressa Nesmes Desmaret :

« C'était un fait a peu près généralement admis en 1815, que l'électorat était une fonction et non un droit. Les liberaux, eux mêmes, ne paraissent pas avoir soutenu bien vivement la théorie du droit personnel de suffrage ; presque tous et Benjamin Constant tout le premier, étaient opposés au droit de vote accordé aux non propriétaires. Ce n'était donc pas pour eux un droit naturel, et cette idée du suffrage universel ne devait paraître que plus tard, quand le proletariat, qui n'était rien en droit public, deviendra une force, en 1848. »

Quanto ao suffragio universal, eu subscrevo inteiramente o juizo de Angelo Fani, o eminente publicista italiano que tão profundamente estudou as bases juridicas da liberdade moderna, considerando-o *una delle maggiori illusioni che abbiano funestato il mondo*.

Considerando o voto uma *função publica*, é claro que ha a maior vantagem *politica* no desenvolvimento da instrucção publica, porque irá sempre em augmento o número de cidadãos capazes de exercer a alludida função.

Não são menos intuitivas as vantagens economicas da instrucção, porque actualmente as populações não são mais consideradas sob o ponto de vista da efficiencia militar; o homem é principalmente um instrumento de producção, e a capacidade productiva augmenta na proporção que se esclarece a intelligencia, que dirige o braço que trabalha.

Felizmente já são muito raras as manifestações da actividade humana, em que não prepondera o elemento intellectual; o *homem-braço* vai cedendo logar ao *homem-cerebro*.

Segundo observa o professor Ponsiglioni, até em um bello fructo, que á primeira vista parecia produzido unicamente pela fertilidade do terreno, nós encontramos a intervenção da sciencia, porque são devidos ás investigações dos sabios os novos processos agrarios, os methodos de adubamento que restituem aos terrenos exgotados a força productora.

Além de ser um propulsor de primeira ordem do nosso progresso, a projectada Universidade será como que o expoente da intellectualidade brasileira, o ponto de convergencia dos esforços dos que acreditam na influencia creadora e saneadora da Sciencia, o campo neutro onde na phrase feliz do illustrado auctor do projecto, se reunam os espiritos em torno de um programma conciliador de todas as doutrinas e opiniões sobre as bases amplas da liberdade e da ordem.

É portanto utilissima a idéa da creação da Universidade Brasileira com os intuitos consagrados na proposta.

Quanto á segunda questão, porém, não respondo pela affirmativa, pensando pelo contrario que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro não deve tomar uma iniciativa, que momentaneamente o afastaria da esphera habitual da sua actividade.

Da mesma fórma que a *divisão do trabalho* é um axioma da sciencia economica, a especialização é hoje a directriz de todo o movimento intellectual.

Na primeira das magnificas conferencias realizadas nesta Capital, affirmou G. Ferrero que a crescente especialização scientifica só em parte constitue um phenomeno de progresso, determinado pela necessidade de dividir o trabalho da pesquisa da verdade; mas em parte depende de uma debilitação do pensamento, impotente para abraçar as relações entre ordens de phenomenos um pouco distantes e longinquos.

Apezar de ser um admirador do estylo colorido do illustre apostolo do culto de Roma, não estou convencido dessa *debolezza* da intelligencia humana.

A especialização tem por intuito fazer convergir para um campo limitado todo o exforço de uma intelligencia creadora, habilitando-a assim a aprofundar cada vez mais o conhecimento de um ramo da arvore da sciencia; obedece a essa força pro-

pulsora, que Ferrero tambem assignalou na segunda conferencia e que reside na necessidade, que sentem as gerações novas de, partindo do ponto em que as gerações precedentes deixaram as investigações scientificas, irem ainda mais longe: conhecer, gosar, avançar sempre e sempre.

Ora, nesse accumular incessante de conquistas scientificas, não é de admirar que a mais portentosa intelligencia humana se declare incapaz de dominar o conjunto dos factos, que não haja mais um Pico de la Mirandola, cuja divisa era — *de omni re scibili*.

Seja qual for, porém, a explicação do phenomeno, indique realmente uma fraqueza da intelligencia, ou seja apenas um methodo de trabalho, é incontestavel a tendencia manifestada pelos trabalhadores intellectuaes a circumscreverem o campo da sua actividade.

Ora, o nosso Instituto tem como objectivo o estudo dos problemas historicos, geographicos e ethnographicos, principalmente relativos ao Brasil, e as pesquisas de documentos da nossa Historia que, apesar de algumas monographias de valor, ainda não atravessou o periodo lendario; e ninguém dirá que estejamos tão adeantados na tarefa que empreendemos, que seja possivel distrair esforços tomando a iniciativa de uma idéa tão grandiosa como é a da criação da Universidade Brasileira.

Modesta embora, sem encenações deslumbrantes que provocam facilmente o entusiasmo das massas, creando a granel os sabios e os herões, a missão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, digo (com a consciencia serena de quem proclama uma verdade indiscutivel) é proveitosa, é utilissima, é benemerita.

Prosigamos calmamente nos nossos trabalhos deixando que um outro instituto melhor aparelhado colha os louros da criação da Universidade.

Sujeito ao voto do Instituto a seguinte conclusão:

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, applaudindo com entusiasmo a idéa da criação da Universidade Brasileira e os seus elevados intuitos, felicita cordialmente o seu illustre consocio honorario dr. Alberto de Seixas Martins Torres, e la-

menta que a natureza especial dos seus trabalhos não lhe permitia tomar a iniciativa da criação da alludida Universidade.

Sala das comissões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 28 de Março de 1912. — *Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro.* »

É aprovado unanimemente o parecer.

O SR. FLEIUSS (1.^o *secretario perpetuo*) lê as seguintes propostas :

« Propomos para socio honorario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o illustre sr. dr. Julio Fernandez, ministro da Republica Argentina no Brasil, e que no exercicio do seu elevado cargo tem dado sobejas provas de estima ao nosso paiz, procurando assim consubstanciar o ideal de todos nós, a confraternidade sincera das nações americanas.

Advogado de nome em seu paiz, tendo patenteado notaveis conhecimentos nos diversos ramos do saber humano, o sr. Julio Fernandez é em tudo digno da distincção para que o indicamos.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* — *Benjamin Franklin Ramiz Galvão.* — *Radler de Aquino.* — *José Americo dos Santos.* — *Sebastião de Vasconcellos Galvão.* — *Monsenhor Vicente Lustosa.* — *Figueira de Mello.* — *Norival Soares de Freitas.* »

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Propomos para socio honorario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o ex.^{mo} sr. dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, actual ministro da Justiça e Negocios Interiores.

Advogado notavel, parlamentar illustre, auctor da Reforma do Ensino Publico, onde ha idéas pelas quaes s. ex.^a sempre se bateu, o sr. dr. Rivadavia da Cunha Corrêa tem prestado ao Instituto notaveis serviços, que o recommendam á nossa gratidão.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Propomos para socio honorario do Instituto Histórico e

Geographico Brasileiro o sr. dr. Lauro Severiano Müller, actual ministro das Relações Exteriores, homem cujo valor intellectual, patenteado em diversos ramos da intelligencia, mesmo naquelles que constituem o nosso escopo, e em factos de incontestavel e applaudida notoriedade, o erige num dos nossos mais apreciados estadistas contemporaneos.

Além disto, como muito bem salientou o nosso insigne bibliothecario, dr. José Vieira Fazenda, nos seus *Subsidios* para a historia do Instituto, esta Associação já deve ao sr. dr. Lauro Müller notaveis serviços.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Manuel Cicero.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

— « Propomos nos termos rigorosos da letra *b* do art. 9.º dos Estatutos que seja elevado a socio honorario o dr. Manuel de Oliveira Lima, socio correspondente desde 11 de Agosto de 1895.

Os trabalhos admiraveis do nosso eminente companheiro dispensam quaesquer considerações para justificar esta proposta.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Manuel Cicero.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. almirante Indio do Brasil.

« Propomos seja elevado a socio honorario o cõrrespondente barão de Studart, nos termos dos Estatutos e attendendo aos relevantes serviços prestados ao Instituto desde 25 de Maio de 1892.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Manuel Cicero.

— « Propomos seja elevado a socio honorario o effectivo dr. Amaro Cavalcanti, nos termos dos Estatutos, admittido em 1897, considerando os seus altos meritos e os serviços que tem prestado ao Instituto.

Sala das sessões, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Manuel Cicero.

— « Propomos seja elevado a socio honorario o effectivo dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, nos termos dos Estatutos, attendendo aos relevantes serviços prestados ao Instituto, no exercicio da Commisão de Historia e nosso consocio desde 23 de Agosto de 1901.

Sala das sessões, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Miguel de Carvalho.

— « Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. desembargador João da Costa Lima Drummond.

A simples citação deste nome laureado nas letras juridicas e historicas dispensa outras indicações para comprovar o acerto desta proposta, que estamos certos será recebida com os maiores applausos.

O dr. João da Costa Lima Drummond apresenta uma serie de interessantissimos trabalhos historicos desde o seu discurso como orador da Commisão do Collegio Pedro II no Congresso Academico em homenagem ao marquez de Pombal, proferido em 1882 até os de mais recente data.

Reunimos os seguintes: « Conferencia sôbre a Conjuração Mineira », proferida em Setembro de 1883; « Discurso sôbre Victor Hugo », proferido em Julho de 1885; « Memoria historica dos acontecimentos mais notaveis da Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes », publicada em 1894; « Discurso official », proferido em 7 de Setembro de 1894 na sessão solenne do quinquagesimo anniversario da installação do Instituto dos Advogados; « Discurso », proferido no Club Academico em 18 de Janeiro de 1903 em homenagem ao barão do Rio Branco; « Discurso », proferido na commemoração da data do anniversario do Collegio Pedro II; « Prelecções sôbre o direito criminal », publicadas em 1908; « Discurso », pronunciado na collação de grau

aos bachareis em sciencias e lettras de 1910, no Externato Sancto Ignacio », « Patronato official dos liberados ou egressos definitivos da prisão », publicado em 1911.

Além disso, o sr. dr. Lima Drummond é justamente tido em nosso meio social como possuidor das mais insignes qualidades moraes, que o tornam alvo de profundo respeito e geral admiração.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.* — *Manuel Cicero.* — *Carlos Lix Klett.* — *Norival Soares de Freitas.* — *Figueira de Mello.* »

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Viveiros de Castro.

— « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Afranio de Mello Franco, auctor da brilhante monographia intitulada — « Barão do Rio Branco ».

O dr. Afranio de Mello Franco, com o dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, já nosso consocio, tem sido um dos maiores propugnadores de todas as medidas acceitas pelo Parlamento em beneficio do Instituto Historico.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Clovis Bevilacqua.

— « Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Alfredo Valladao, illustre representante do ministerio publico juncto ao Tribunal de Contas, servindo de base a esta proposta o seu trabalho historico, offerecido ao Instituto, denominado « Campanha da Princeza », relativo ao conhecido municipio do Estado de Minas Geraes.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.* »

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Viveiros de Castro.

— « Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Helio Lobo,

auctor dos seguintes trabalhos por elle offerecidos ao Instituto: «O Tribunal Arbitral Brasileiro Boliviano», 1910, e «Diplomacia Imperial no Rio da Prata» — (Contribuição para um estudo definitivo da historia diplomatica da guerra do Paraguay).

O sr. dr. Helio Lobo, funcionario superior do Ministerio das Relações Exteriores, é um dos nossos mais jovens e distinctos investigadores de assumptos de historia patria.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Jansen do Paço.

— «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, bacharel em direito, natural do Rio de Janeiro, residente em Pariz, servindo de base desta proposta o seu trabalho denominado «Os Deputados brasileiros nas côrtes geraes de 1821», por elle offerecido ao Instituto com dedicatória autographa.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Ramiz Galvão.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o illustre major Liberato Bittencourt, engenheiro militar, auctor de varios trabalhos historicos, servindo de base a esta proposta o denominado «Psychologia do barão do Rio-Branco», por elle offerecido ao Instituto e prestes a apparecer na parte I do tomo 75 da *Revista*.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lix Klett.*»

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Ramiz Galvão.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Francisco Agenor Noronha Santos, servindo de base desta proposta, além de muitos outros, o seu trabalho «Chorographia do Districto Federal».

O sr. Noronha Santos tem collaborado nos seguintes jornaes: «Kosmos», «Renascença», «Brasil Moderno», «Brasil Revista»,

«O Mez», «Jornal do Brasil», «O Paiz», «Gazeta de Noticias», «Jornal do Commercio», «Diario do Commercio» e outros jornaes do Rio, Pernambuco e Minas, tractando de assumptos historico-geographicos.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss*. — *Manuel Cicero*. — *Arthur Guimarães*. — *Carlos Lix Klett*.»

Val á Commisão de Geographia; relator, o sr. capitão-tenente Radler de Aquino.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o dr. Alberto Rangel, auctor do trabalho denominado «Inferno Verde—Scenas e scenarios do Amazonas —» já por elle offerecido ao Instituto.

De Alberto Rangel disse o nosso extraordinario Euclides da Cunha no preambulo do «Inferno Verde»:

«Sente-se que o escriptor está entre homens e cousas, uns e outras dubios, mal afforando ás vistas pela primeira vez laivados de mysterios. O pensamento faz-se-lhe adrede, vibratil, ou incompleto, a diffundir-se de improviso no vago das reticencias, por não se desviar demasiado das verdades positivas que se advinham. As imagens substituem as fórmulas. Realmente, fôra impossivel subordinar a regras prefixas, effeitos de longos esforços culturaes, as impressões que nos despertam a terra e as gentes que mal se descortinam agora aos primeiros lampejos da civilização.

«Além disto, Alberto Rangel é um assombrado deante daquellas scenas e scenarios; num impeto ensofregado de sinceridade, não quiz reprimir os seus espantos ou rectificar com a mechanica frieza dos escreventes profissionaes a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

«Fez bem; e fez um grande livro.»

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss*. — *Norival Soares de Freitas*. — *José Americo dos Santos*.»

Val á Commisão de Historia; relator, o sr. dr. Clovis Bevilacqua.

— «Propomos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Ataúlfo Napoles de Paiva, bacharel em sciencias jurídicas e sociaes pela

Faculdade de S. Paulo, tendo sido até esta data advogado nos auditórios da cidade de Barra Mansa, juiz municipal da comarca de Pindamonhangaba, juiz da 10.^a pretoria do Districto Federal, juiz do Tribunal Civil e Criminal, sendo actualmente desembargador da Corte de Appellação do Districto Federal e presidente desse tribunal.

O sr. desembargador Ataúlfo de Paiva foi vice-presidente honorario do Congresso de Direito Comparado, em Pariz, em 1900; delegado do governo do Brasil no Congresso de Assistencia Publica e Privada de Milão, em 1906; vice-presidente honorario desse mesmo Congresso; commissario especial do governo do Brasil para preparar o projecto de organização dos serviços de Assistencia Publica e Privada do Brasil.

Servem de base desta proposta os seus seguintes trabalhos: « L'Assistance Publique au Brésil », « Congrès International d'Assistance Publique et Privée de Milan, 23 à 27 Mai, 1906 »; « O Brasil no Congresso de Milão, 1906 », primeiras noticias; « Discurso proferido pelo relator da 1.^a these », no Congresso Nacional de Assistencia Publica e Privada do Rio de Janeiro, de 1908; « Assistencia Publica e Privada do Rio de Janeiro », 1.^a these.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1912. — *Max Fleiuss.* — *Manuel Cicero.* — *Arthur Guimarães.* — *Carlos Lúcio Klett.* »

Vai á Commissão de Historia; relator, o sr. dr. Pedro Lessa.

— « Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o dr. Alberto Lamego, advogado, estudioso de assumptos historicos, notavel pesquisador de archivos e colleccionador de manuscritos, que acaba de fornecer á *Revista do Instituto* importantes documentos sobre João Fernandes Vieira e á *Revista da Academia de Letras* interessantissimos papeis sobre Claudio Manuel da Costa, tendo quasi concluido um extenso e meritorio trabalho, baseado sobre documentos ineditos, relativo á Capitania da Parahiba do Sul.

Bruxellas, 19 de Março de 1912. — *M. de Oliveira Lima.* »

Subscrevemos a proposta acima. Rio, 23 — iv — 912. — *Manuel Cicero.* — *Max Fleiuss.*

Vai á Commissão de Historia; relator, dr. Ramiz Galvão.

O SR. FLEIUSS (1.^o secretario perpetuo) diz que achando-se

na secretaria o novo socio, sr. dr. Pedro Souto Maior, pede ao sr. presidente que designe uma commissão para introduzi-lo no recinto.

O sr. presidente nomeia para tal fim os srs. 1.º e 2.º secretarios.

Dá entrada no recinto o sr. dr. Pedro Souto Maior, a quem o sr. presidente dirige as saudações do estylo.

Pede a palavra o sr. dr. Pedro Souto Maior, que profere o seguinte discurso :

« Ex.^{mo} sr. presidente e illustres consocios. — Como succede aos que alcançam a almejada meta, a emoção tolhe-me as expressões do jubilo que me invade ao penetrar neste recinto, e da gratidão para com esta excelsa sociedade pelo immerecido galardão do meu devotamento aos estudos historicos.

Considerando que com tal acto de benevolencia quizestes apenas me animar a proseguir na longa jornada da sciencia, sinto-me reconfortado e protesto obedecer á vossa indicação, marchando sempre avante na condição de modesto obreiro em busca da verdade historica.

Venho agora prestar conta da missão, de que fui incumbido por especial designação do nosso grande chancellor barão do Rio-Branco, para representar este Instituto ante a Sociedade de Geographia de Lisboa.

O accôrdo luso-brasileiro concebido pelo inolvidavel Consiglieri Pedroso, o sympathico ideal da maxima approximação intellectual dos dous povos irmãos, é quasi desnecessario firmar-se no papel, pois já se acha feito e sellado, ha muito tempo, na consciencia de ambos os povos.

Quanto á sua approximação social ou politica, parece ter degenerado em fusão.

Havendo-se tornado o Brasil, durante a estada de d. João vi no Rio de Janeiro, por assim dizer, a metropole de Portugal, e graças á nossa incruenta independencia, os dous povos, unidos por tanto tempo e separados sómente quando a colonia alcançou a maior-idade, nunca nutriam rancor entre si, sendo esse talvez um facto unico na historia das relações dos paizes americanos com as suas antigas metropoles.

Tem havido projectos de ligas políticas entre povos da mesma raça; ingleza, hispanhola, etc.; quanto á portugueza, sabemos que nunca deixou de existir.

São essas as impressões da minha visita a Lisboa, tendo sido recebido não como o delegado de uma associação estrangeira, mas como um irmão, havia tempos ausente.

A epocha da minha missão não foi aliás muito opportuna, devido ás conturbações políticas do paiz.

A republicana Lisboa vibrava de patriotismo; convinha a todo o transe impedir a invasão, que se annunciava.

Formaram-se innumerous batalhões de voluntarios, que marchavam para as fronteiras, aclamados por toda parte com estrepitosas ovações.

Apezar do fervor patriotico, a directoria da Sociedade de Geographia se reuniu em sessão solenne para me receber.

A reunião foi presidida pelo dr. Bernardino Machado, ministro de extrangeiros, que recordou o facto de haver nascido no Rio de Janeiro, assim como outros dous socios presentes, e devido á communidade de raça e berço acolhia-me como um seu compatriota.

Fallou com extrema consideração do notavel estadista que foi o barão do Rio-Branco.

Fez depois algumas referencias ao projectado accôrdo e cedeu-me a palavra.

Por minha parte ponderei ter sido uma coincidência feliz estarem á testa das duas associações os dous illustres estadistas ministros do Exterior; asseverei a nossa sympathia pelos irmãos de além mar, observando que no Brasil o Portuguez não é considerado extrangeiro e conclui tractando de alguns pontos do accôrdo.

Outros usaram da palavra, dando-me as boas vindas e discutindo o assumpto, por fim o secretario perpetuo da Sociedade, o conselheiro Augusto de Vasconcellos, que com muito methodo expoz a situação do projecto e mostrou a conveniencia daquella Sociedade discutir e formular as propostas das bases do accôrdo para serem apresentadas mais tarde ao Instituto Historico ou ao seu representante.

Convém declarar que além de outras gentilezas usadas por aquella illustre sociedade para commigo, ainda lhe devo agradecer a de me haverem distinguido com o diploma de socio.

Tive a melhor das impressões ao visitar o riquissimo museu.

Desobrigado da missão, parti da bella Lisboa com destino á Hollanda em principios de Julho.

Confesso que ia muito preocupado e duvidoso sobre o resultado das pesquisas, que tencionava fazer nos archivros daquelle paiz.

Que poderia eu lá encontrar, tendo já sido o principal, o de Haya, visitado por Joaquim Caetano da Silva, Netscher e José Hygino?

No dia 14 de Julho pela manhã, tocámos em Boulogne-sur-mer, d'ahi a umas tres horas em Dover e durante a tarde fomos navegando no mar do Norte á vista das costas, todas baixas, da Hollanda e pudemos lobrigar algumas povoações e entre ellas a da afamada praia de banhos de *Scheveningen*, que só cede a palma á Brighton, na Inglaterra.

As seis horas entravamos no portosinho de IJmuidem.

Tudo é surpresa para quem, pela primeira vez, visita esse paiz.

O nome de Hollanda (terra cava) indica bem a propriedade characteristic do seu aspecto physico, pois, metade do paiz a occidental, é quasi toda mais baixa do que o nivel do mar, impedido de inunda-la pela estreita nesga de terra que fórma a costa.

É tal a preocupação nesse paiz pelos serviços de portos, canaes e diques, que, dos nove ministerios em que está dividido o seu govêrno, um dos mais importantes, é o *Waterstaat*.

Esta palavra intraduzivel em qualquer lingua comprehende todos os cuidados consagrados pela auctoridade aos interesses hydrographicos do paiz e mesmo os serviços technicos e administrativos, incumbidos de zelar esses interesses.

Diz o sr. Sandvick :

« Os Paizes Baixos tem vivido ha seculos em constante lucta com a agua e, para doma-la e subjuga-la, foi preciso aos habitan-

tes empregar toda a intelligencia, energia e principalmente perseverança.

Mas, ao mesmo tempo, tem-se mostrado sua amiga, pois foi, graças a ella, que se desenvolveu a navegação, origem da sua grandeza, e foi graças a ella ainda, que se puderam desenvolver nos Paizes Baixos as condições necessarias para fazer prosperar a Agricultura, e Pecuaria, as pescarias e a industria em um territorio que, abandonado a si mesmo, não teria jámais podido manter uma densa população.

Si, agindo como inimiga, tem assolado os Paizes Baixos por invasões, cujas consequencias nem sempre tem podido ser annulladas, em compensação, permitindo-lhes amigavelmente restringir o seu dominio, ella lhes tem fornecido a occasião de operar uma expansão consideravel do seu territorio e de practicar durante seculos e sobre vasta escala, uma politica de conquista pacifica sem sair de suas fronteiras naturaes. »

O porto artificial de *Ijmuiden* é formado por dous diques, partindo da costa e avançando para o mar.

D'ahi começa um canal maritimo de 24 kilometros de extensão, atravessando o chamado isthmo de Hollanda e ligando Amsterdam, situada no Zuiderzée ao mar do Norte.

Percebe-se logo, que se está no paiz dos canaes e da Hydraulica.

Para entrar na primeira secção do canal, é preciso utilisar-se das « eclusas », alli existentes, deixando então o navio ao nivel da secção interior.

Perde-se nesse serviço meia hora que, sendo junta a tres horas de viagem no canal, prefazem tres e meia horas. Quantas mais não se perderiam pela navegação do Zuiderzée ?

O espirito ahí fica distraído com as obras colossaes d'arte.

O vapor principia a marcha com a velocidade de umas quatro ou cinco milhas por hora. Do convez, domina-se com o olhar todo o horizonte.

Patenteia-se-nos então vasto e encantador panorama de uma paizagem toda original: as casas de estylo flamengo, còr de chocolate, e os tectos de um vermelho muito vivo, onde parece habitem a paz e o conforto: os moinhos de vento, com suas

longas azas; os campos todos divididos em quadrados, quaes taboleiros de verdura, por canaletes ou grandes fossos que servem ao tempo de barreiras e demarcação ás propriedades dos terrenos.

Alguns desses quadrados estão plantados de feno, trigo, cevada, centelo, aveia, etc.; outros estão servindo de pastagem a rezes, principal riqueza do paiz dos laticínios.

Em todo o curso desse canal marítimo só existem duas pontes gyratorias, que servem de traço de união entre as suas riquezas.

Uma estrada serpenteia pelo campo e algumas vezes se aproxima do canal.

Corre por ella grande numero de cyclistas, de ambos os sexos. Mais tarde soube que nenhum povo excede ao hollandez nesse genero de *sport*.

Não só a palizagem me deleitava pela sua originalidade, como o olfato tambem se sentia acariciado pelos effluvios emanados daquellas plantações odoríferas.

Devo recordar que estávamos no mez de Julho.

O crepusculo dura então até depois das 8 horas.

Às 9 $\frac{1}{2}$ chegámos a Amsterdam. O ar era subtil e, desmentindo a fama de constantes nevoeiros de que gosa o paiz, brilhava esplendido luar.

A Veneza hollandeza resplandecia de luz electrica, que se multiplicava reflectindo-se no Dam. Era simplesmente feerico.

Sentia-me tão bem impressionado por tudo quanto via, que já me achava pago da viagem.

No dia seguinte, pela manhã, tomei o trem para Haya, lá chegando após uma hora de viagem.

Todo estrangeiro crê ser essa a capital do paiz, mas ao annunciar o seu pensamento recebe logo a seguinte advertencia dos nacionaes:

A verdadeira capital é Amsterdam, onde o monarcha deve passar uma semana, no vasto e sombrio palacio *Koninglyck Palast*, correndo as despesas dessa ephemera visita por conta dos cofres da municipalidade.

Haya é apenas a cidade, onde mais se demora s. m. a rainha Guilhermina e é chamada a *Residenz*.

Lá também se reúnem os Estados Geraes no *Binnenhof*.

A residencia favorita da actual rainha é o palacio campestre de Loo.

Muito poderia eu dizer sobre Haya, sobre a ordem, o requintado asseio, a hygiene, a instrucção publica e abastecimento de agua nessa cidade, mas para tanto não me sobra tempo.

É aqui o momento opportuno de manifestar minha gratidão ao ex.^{mo} sr. dr. Eduardo Lisboa, nosso ministro em Haya, e aos demais membros da legação, pelos serviços prestados a bem da minha missão e também pelo affavel acolhimento e agradável convívio, quo ainda mais amena tornaram minha residencia naquella cidade.

Tractemos agora do « Archivio do Reino ».

O investigador que desejar colher dados sobre a historia das terras conquistadas pela Companhia das Indias, Oriental e Occidental, é a esse archivo que se deve dirigir, pois todos os papéis das duas companhias lá estão depositados.

O *Rijks Archief* acha-se em um bello edificio de construcção á prova de fogo e situado na rua Bleyenburgh.

Façamos um summario historico dos archivios das companhias Oriental e Occidental.

Eles se achavam junctos em um mesmo depósito em Amsterdam até 1821.

Segundo as informações de empregados do Ministerio das Colonias, parte desses archivios, e especialmente do seculo xvii, achava-se muito damnificada por insectos, pela humidade e frequentes remoções, por cujo motivo o ministro os mandou vender naquelle mesmo anno, sendo incluídos na venda todos os manuscritos da Companhia das Indias Occidentaes do seculo xv, escapando apenas um pequeno numero de registos.

Estavam, portanto, perdidos todos os documentos, que poderiam elucidar aquelle periodo da nossa historia.

Houve, entretanto, uma feliz circumstancia que evitou tamanho desastre.

A assembléa dos xix, a verdadeira directoria da Companhia

das Indias Occidentaes devia, por força da clausula 21 do seu privilegio, reunir-se alternadamente em Amsterdam e em Middelburg.

Ora os archivos da Zelandia estavam intactos na sua capital, Middelburg.

Em 1851 foram transportados para Amsterdam.

Em 1856 todos os archivos das antigas directorias coloniaes foram reunidos aos archivos do Reino em Haya.

Confrontemos aqui algumas datas.

A obra de Netscher foi dada á luz em 1853.

As investigações de Joaquim Caetano tiveram logar de 1850 a 1854.

Portanto quer Netscher, quer Joaquim Caetano quasi só conheceram as actas dos Estados Geraes.

Varnhagen, que consultou apenas as cópias de Joaquim Caetano, achava-se no mesmo caso.

O arauto da boa nova para o Brasil, da existencia de preciosos documentos para a nossa historia no archivo de Haya, foi o nosso illustrado consocio e ex.^{mo} sr. barão de Ramiz Galvão.

A publicação do seu relatorio em 1874, após sua viagem á Europa, decidiu a missão do dr. José Hygino a Haya.

Foi aquelle notavel Pernambucano quem o declarou :

« Alem disso uma razão peremptoria houve que decidiu este Instituto (o Pernambucano) levar a effeito o seu intento de mandar visitar o archivo de Haya. É a seguinte :

« O illustrado sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, tendo sido encarregado pelo govêrno imperial de visitar as principaes bibliothecas da Europa, apresentou o seu relatorio ao ministro do Imperio em 29 de Maio de 1874 e ali fez menção de algumas collecções de documentos do seculo xvii acerca do Brasil ; as quaes, conquanto parecessem ter o mais alto valor historico, eram completamente desconhecidas. Nem Netscher nem o visconde de Porto Seguro a ellas se referiram ».

« Foi especialmente para consultar esses documentos que esta associação me incumbiu de ir á Hollanda ».

Teve o dr. José Hygino a primazia de consultar os precio-

ses archivos, e dessa vantagem resultou trazer innumeradas cópias de documentos interessantes.

Afirmou elle que, além das cópias incluídas na lista do seu relatório, deixára encomendadas muitas outras e, realmente, verifiquei em todas as principaes collecções do archivo signaes a lapis — uma cruz á esquerda para começar e outra á direita indicando os limites da cópia. Algumas vezes encontrei indicações escriptas egualmente a lapis.

Si tudo que elle pediu que copiassem chegou de facto ao Instituto Pernambucano, não é quasi necessario ir-se ao Archivo de Haya: temos a sua duplicata no Recife, quanto á parte mais interessante ao Brasil.

No dia seguinte á minha chegada fiz a primeira visita ao Archivo.

A sala de leitura é de tamanho regular e contém seis vastas carteiras com grande espaço para dous consultantes de cada lado.

Indicaram-me um logar na primeira e occupei-o durante cinco mezes e meio, de 11 horas da manhã ás 4 da tarde, nos dias uteis, bem se vê.

Durante todo o tempo da minha estada em Haya houve dous dias feriados: o anniversario da rainha mãe e o da rainha Guillermina.

Repotreado numa boa e solida cadeira de braços, manifestei desejo de consultar os manuscritos da Companhia das Índias Occidentaes, relativos ao anno de 1630.

Dahi a pouco estava satisfeito o meu pedido: trouxeram-me um volumoso *in-folio*, contendo centenares de folhas de papel de linho cobertas de mysteriosos riscos.

Não foi surpresa para mim a difficuldade, que me antesurgiu no caminho.

Perdi, entretanto, 20 dias para me familiarizar com os caracteres hollandezes daquella epocha.

O dr. José Hygino confessou haver gasto dous mezes para conseguir o mesmo fim.

Eu já conhecia os caracteres gothicos da lingua allemã, mas no seculo xvii não escreviam algumas lettras como hoje; além

disso havia abreviações para certos prefixos e terminações de palavras, floreados para a conjunção *ende*, etc.

Logo que pude ler correntemente, comecei a escolher e copiar documentos, que achava mais interessantes, e como os ia encontrando em grande abundancia, tive de occupar dous copistas.

Não são muitos, mesmo na Hollanda, os que conhecem o hollandez antigo e a sua escripta. Algumas senhoritas se dedicam a esse mister.

Eram seis as que frequentavam o Archivo, sendo tres minhas companheiras de carteira.

Não tendo levado commigo o numero da *Revista* do Instituto Pernambucano, em que vem publicado o relatorio do dr. José Hygino, com uma lista das cópias por elle extrahidas desse archivo, não podia saber quees os documentos já existentes no Recife.

Tambem senti a falta da lista dos manuscriptos hollandezes mandados copiar pelo dr. Joaquim Caetano da Silva e que se acham neste Instituto.

Felizmente quando já aprendêra a ler os escriptos que no primeiro momento me pareceram hyeroglyphos, fui apresentado a um dos principaes funcionarios do Archivo, que estivera no goso de férias.

Sou extremamente grato áquelle cavalheiro pelo muito que me auxillou nas minhas investigações. Refiro-me ao dr. Julius de Hullu.

Elle tambem se dedica á historia, e já tem publicado alguns trabalhos desse genero.

É formado pela Universidade de Leyden, occupou um cargo importante na Bibliotheca de Utrecht e actualmente se acha no Archivo de Haya.

Graças a elle tive a fortuna de pesquisar tudo que ha naquello estabelecimento de interessante para a nossa historia.

Entre os livros que constituem a sua pequena, mas selecta, bibliotheca encontra-se o relatorio do dr. José Hygino.

Mostrou-me, bem guardada num armario do seu gabinete, uma collecção de aguarellas de Post.

Manifestou sempre grande interesse pelos trabalhos, indo frequentemente á sala de consultas ver o progresso, que eu nelles fazia, e muitas vezes lembrar uma idéa feliz, fornecer-me um livro, etc.

E elle tem prestado egualmente grandes serviços aos investigadores norte-americanos, que vão quasi todos os annos fazer investigações na Hollanda para a historia de Nova-York.

Vi o seu nome citado mais de uma vez no livro «*Narratives of New Netherland, 1609-1614*». General Editor, J. Franklin Jameson, Ph. D. LL. D. Director of the Department of Historical Research in the Carnegie Institution of Washington.

É de lastimar que o nosso Govêrno não imite o americano, auxiliando os nossos institutos historicos nas investigações dos archivos europeos, onde se poderiam colligir dados importantes, como para nós seriam os de Lisboa, Madrid, Pariz, Londres e Hollanda.

Sobre isso ha ainda a considerar que nos Estados Unidos o bafejo official não é tão necessario, pois lá os millionarios porfiam na protecção aos instiutos scientificos.

Os documentos do Archivo estão incluídos nas seguintes collecções.

Brieven en Papieren uit Brasilië, 1630 - 1654.

Compõe-se de 19 *in-folios*, contendo cada um delles centenas de peças, e além de officios e missivas do Supremo Conselho, documentos, processos judiciais e cartas particulares.

Dagelyke Notulen van den hoogen en secreten raad in Brasilië (Actas ou notulos diarios do Conselho Supremo e Secreto do Brasil, 1635 e 1654).

Compõe-se tal collecção de oito *in-folios*.

Secreten notulen. Esta collecção começa em 1642 e vai a 1654, faltam-lhe muitos cadernos e fórma um unico *in-folio*.

Secreten Notulen van de vergaderinge van de Negentien. Registo das resoluções secretas da Assembléa dos 19, 1629 - 1645.

Registo em tres volumes. Série completa dos officios, que os directores das companhias dirigiram ao govêrno colonial do Brasil e ás autoridades civis e militares da costa da Africa 1639 - 1653.

Volume dos relatorios. Desses o mais importante é o de Van der Dussen.

Band met stukken merendeel betreffende Brasilië. Tem uma carta de Gaspar Dias Ferreira ao rei de Portugal e o jornal de viagem ao Brasil do vice-almirante de Witt.

Um registo de Amsterdam e outro da *Zelandia*.

Criminele Papieren, do Tribunal provincial da Hollanda.

Archivo dos Estados Geraes.

Placaet Boeck. Contém regulamentos do govêrno das conquistas da Companhia.

Parece que me posso ufanar de não ter sido de todo improficua a minha ida à Hollanda: trouxe noticias de successos até então ignorados pelos nossos historiadores, completei o conhecimento de outros com o fornecimento de novos dados e dissipei algumas duvidas.

Havendo sido o segundo a fazer investigações naquelle archivo, naturalmente tive de encetar minhas pesquisas sobre certos factos, do ponto em que as declarára deixar o meu illustrado antecessor no seu relatorio.

Mas tambem descobri terreno inexplorado.

Perguntar-me-hão: como pôde isso ser, si declarastes ter elle devassado todo o archivo?

É facil a explicação. Mandar copiar por se perceber, pelo titulo ou primeiras linhas de um longo manuscripto, a conveniencia em faze-lo, não quer dizer que se fique inteirado de seu assumpto.

Está claro que mais tarde o investigador faz selecção no material, quanto ao que deve traduzir e divulgar.

Nem de outra fôrma se pôde proceder no curto espaço de alguns mezes.

Depois do seu regresso á patria, o meu incansavel antecessor, além da noticia sobre a assemblêa de 1640 em Mauricia e outras publicações nos jornaes, ainda traduziu a descripção da Parahiba por Elias Herckman e a do Norte do Brasil e alguns folhetos, ficando ainda, porém, ignorado o conteúdo da maior parte dos documentos existentes no Instituto Pernambucano.

Durante meus estudos na Hollanda, recordei-me constantemente do conselho do insigne Brasileiro, o visconde de Ouro Preto.

Por varias vezes disse-me elle que os nossos indios mereciam maior estudo dos nossos escriptores, sendo este um assumpto pouco explorado.

Creio ter satisfeito, pelo menos em parte, o seu desejo, visto haver lançado alguma luz sobre aquelles que entraram nas luctas dos Hollandezes em Pernambuco.

Por já haver publicado uma série de artigos sobre esses indios no *Jornal do Commercio*: — « Assembléa, correspondencia em tupi, dous indios notaveis, etc. » — e devendo tudo isso apparecer brevemente na *Revista* deste Instituto, nada mais direi sobre essa questão.

O Archivo de Haya fez acquisição de documentos e de papeis particulares que pertenceram aos directores da Companhia, alguns, talvez, provenientes da venda em Amsterdam no anno de 1821.

Vejamos as acquisições do anno de 1806.

Tive a vantagem de manusear um longo diário do director Haecx; darei delle algumas noticias no trabalho, que offereço á nossa *Revista*.

Copiei tambem das acquisições daquelle anno o inquerito sobre o assassinato de Jacob Rabbi, judeu allemão casado com uma india.

Ficou provado por esse inquerito ter sido o mandante do crime o tenente-coronel Garsman e ter sido o seu fim o roubo.

A morte de Rabbi foi muito sentida pelos indios, entre os quaes gosava de grande prestigio, e, não tendo sido satisfeito o seu pedido para que lhes entregassem Garsman afim de o justicarem, — muitos romperam em hostilidades contra os Hollandezes.

Garsman esteve preso a bordo de um navio e depois em um forte do Recife, e mais tarde teve aquella cidade por menagem.

O cacique Jandowi ficou muito indignado com os Hollandezes quando soube do crime, sendo preciso mandarem-lhe Roelof Baro como embaixador, acompanhado de valiosos presentes.

Tambem fazem parte das dictas acquisições e foram por mim copiadas as explorações feitas por Persyn e outro perito nas minas do Rio Grande.

Sobre essa questão de minas no Rio Grande e Ceará, trouxe muitos documentos, sobresaindo entre elles o diario de Beck, por dar bastantes noticias sobre os indios no Ceará.

Copiei igualmente o resultado de uma analyse feita por um ourives na Hollanda sobre mineraes daquellas capitanias, em que elle affirmava existir grande quantidade de prata.

Um tal João de Albuquerque, prisioneiro no Recife, informou aos seus detentores saber de uma mina descoberta por Soares Moreno, que a não pôde explorar, por ter sobrevido a invasão dos Hollandezes.

Sobre o padre Manuel de Moraes, colhi varias noticias; a sua concessão para cortar pão brasil e varias reclamações suas sobre aquelle serviço.

O padre tornou-se suspeito aos pastores protestantes, pois na 5.^a sessão do Synodo no Recife, em 1644, um delles perguntou si deviam permittir que Manuel de Moraes, ex-padre jesuita, estivesse procurando corromper os bons protestantes, chamando-os para a prática da idolatria dos catholicos.

Quanto á sua Historia do Brasil, elle recebeu, da camara de Amsterdam, por ella e por um vocabulario tupi, algum dinheiro, uns 300 florins, para fazer frente ás despesas do seu casamento.

Pedira elle muito mais, de sorte que não parece ter vendido aquella obra.

É mais provavel a hypothese aventada por J. de Laet, de que o padre a trouxera para o Brasil.

Por intermedio do dr. de Hullu obtive de um seu amigo da Universidade de Leyden um estudo sobre a descendencia daquelle padre, alcançando até o anno de 1889 e parecendo haver-se extincto naquella epocha a linha masculina.

Figuram nessa arvore genealogica medicos, advogados, notarios e militares.

Quiz fazer o mesmo com a descendencia de Gysbert de Witt,

conselheiro político em Pernambuco, terceiro marido de Anna Paes, e a de Doncker, casado com uma índia.

O primeiro reclamou do governo portuguez, em 24 de Fevereiro de 1663, a quantia de 144.315 florins, sendo pela propriedade de um engenho de assucar (a Casa Forte ou casa de d. Anna Paes) 89.960 florins.

Os seus descendentes receberam 33.000 florins em 28 de Novembro de 1692.

Os de Doncker receberam em 27 de Novembro de 1692 a quantia de 16.000 florins.

Essas noticias procedem das actas dos Estados Geraes. Nada mais pude colher a respeito desses personagens.

Trouxe cópia do seguinte notulo sobre o cruzamento das duas raças, hollandeza e portugueza, que reza o seguinte :

« O esculteto e escabinos do Rio Grande communicam-nos que muitos Neerlandezes casam-se com viúvas de Portuguezes e depois sustentam que os bens daquelles lhes pertencem e por conseguinte procuram apoderar-se delles.

« Os soldados e indios, que estão de posse de muitos animaes e negros incluídos naquelles bens, julgam, pelo contrario, que são sua presa e que lhes pertencem de direito.

« Não sendo possível arrancar delles taes presas sem causar grande desgosto, os escabinos pedem-nos que resolvamos a respeito.

« Tendo sido consultado o Conselho da Justiça para ver o que convinha fazer, ficou resolvido communicar ao esculteto e escabinos que tudo que fôr adquirido na guerra, no primeiro ataque, pelos soldados e homens livres, como sejam os indios, devem ser deixados com esses e que elles devem fazer o possível para que as outras partes se accomodem ; quanto aos bens de que ainda ninguem se apossou e ficaram fóra da presa, devem ser arrolados em nome da Companhia, e si os que se casaram com as dictas viúvas os quizerem resgatar teem de os comprar á Companhia ».

Os notulos do Supremo Conselho fornecem variadas noticias sobre a vida no Recife e na Maurícia.

Alguns estabelecem os preços do pão, da carne e de outros generos alimentícios, etc.

Um delles refere que, havendo exagêro nas quantias exigidas para os funeraes, dalli em deante vigoraria a tabella nelle indicada. Em seguida veem os preços do vehiculo funerario, grande manta para o cobrir, grinaldas, cirios e sepultura nas egrejas ou cemeterios.

O Supremo Conselho concedia a um numero limitado de pessoas o direito da venda de pão e carne.

Havia casas de bebidas, algumas destas feitas com mel, aguardente e agua.

Em uma occasião succedeu morrerem varios individuos depois de haver feito uso dessas bebidas, por cujo motivo o Conselho mandou analisa-las.

Encontram-se pedidos de moradores para que as ruas sejam calçadas, concertadas ou limpas.

Fica-se sabendo da empreitada para construcção da ponte de Afogados e da renda annual do pedagio das outras.

Depois da revolta dos Pernambucanos em 1645 tornou-se franco ao publico o transito das pontes.

Alguns tractam do descanso obrigatorio aos domingos, mesmo para os escravos. Esta medida se referia aos Judeus, que não queriam obedecer ao preceito.

Muitas vezes o Conselho se reunia duas vezes ao dia, quando o serviço assim o exigia.

Pôde-se, apenas pela leitura dos notulos, ficar inteirado de todos os successos da revolta, desde a batalha de Tabocas e a rendição da Casa Forte até as batalhas de Guararapes.

Por elles vê-se a consternação, que causaram essas derrotas ao govêrno do Recife.

Varios notulos tractam da captura do navio em que vinha Francisco Barreto de Meneses, nomeado pelo rei de Portugal commandante em chefe do exercito pernambucano, e da sua prisão no Recife.

A versão hollandeza sôbre esse facto é differente da dos nossos historiadores.

Foi por varias vezes transferido de uma prisão para outra

até ser entregue á custódia de Jacques Brae, donde fugiu auxiliado pelo filho deste.

Dare notícias mais desenvolvidas sobre esse assumpto no trabalho, que offereço á nossa *Revista*.

Extrahi dos diários de De With, Haex e le Maire subsidios interessantes, que lançam muita luz sobre os ultimos tempos da occupação hollandeza em Pernambuco.

Tenho ainda a mencionar que obtive cópias photographicas de algumas cartas e plantas existentes no gabinete do dr. De Hullu, assim como de tres cartas em tupi da serie de seis, traduzidas por J. Edwards.

Creio ter dado conta dos meus trabalhos no Archivo.

Passemos á Bibliotheca Real de Haya.

Ahi existe uma secção assás importante para os que desejarem indagar sobre a historia das conquistas das Companhias Occidental e Oriental; é a dos folhetos.

São em numero de 20 e tantos mil e foram catalogados pelo dr. Knuttel; os referentes ao Brasil não excedem muito a 200.

Encontra-se o seu catalogo em a nossa Bibliotheca Nacional.

Manuseei na Bibliotheca de Haya alguns desses folhetos e copiei dous, que tanto tem de raros como de interessantes.

O primeiro é o diário da viagem de um capitão do exercito hollandez, o qual descreve a primeira batalha de Guararapes.

Aproveitei dahi algumas noticias para o trabalho, que dedico á *Revista* deste Instituto.

O segundo consiste de duas memorias apresentadas por Antonio Paraupaba, que foi enviado a Haya em 1654 pelos indios fiéis aos Hollandezes para asseverar a sua constancia como súditos dos Estados e pedir-lhes auxilios.

A primeira memoria foi datada de 1654 e a segunda de 1656.

O auctor dessas memorias era um indio notavel não só pelo seu valor como por possuir bastante instrucção.

Educado na Hollanda, tinha grande affeição por aquelle paiz e era fervoroso adepto da religião reformada.

Foi capitão-mór dos indios do Rio Grande, desde a sua eleição para aquelle cargo na assembléa dos indios em 1645 até 1654.

Na sua segunda memoria faz um historico das relações dos indios com os Hollandezes e conta que aquelles foram empregados até em expedições na Africa.

Referu como Pedro Poti foi martyrizado pelos Portuguezes por não querer abjurar o calvinismo.

O nosso illustrado consocio, o dr. José Carlos Rodrigues, possuiu um exemplar, que actualmente se acha na Bibliotheca Nacional.

Traduzi grandes trechos desse folheto para um artigo meu no *Jornal do Commercio*, e para a *Revista* do Instituto.

O professor B. J. Stokvis, presidente do Congresso Internacional de Medicos das Colonias, proferiu um discurso na abertura daquelle Congresso, em 1883, em que muito se occupou do célebre medico Piso de Leyde, que esteve em Pernambuco, a serviço de Mauricio de Nassau, e auctor de uma Historia natural, etc.

Na sua apologia áquelle homem illustre da sciencia faz referencia ao casamento do príncipe Mauricio com a filha do grande eleitor de Brandemburgo, seu amigo e protector.

Mostrei esse discurso ao professor Kramer, distincto director do Archívo da casa real, que considerou inexacta a noticia.

Não liquidei esta dúvida por falta de tempo, mas poder-se-ha resolvê-la consultando a arvore genealogica da casa de Brandemburgo.

Disse o dr. José Hygino no seu relatório: « Na nota 502 da obra de Dermont sobre a egreja reformada das Provincias-Unidas (*Geschiedenis der Nederlandsche Hervorinde Kerk*) o auctor faz menção de um Catecismo Brasillense (*Brasiliansche Katechismus*) composto para os indios e publicado em Enkuisen ».

Aquelle investigador acreditou na existencia desse livro e lamentou não ter tido tempo para o procurar.

Tractei de indagar sobre o assumpto, encontrando a solução.

O Synodo do Recife mandou realmente imprimir em Enkuisen um catecismo em tupi, para o uso dos indios, cujo titulo em hollandez era — *Corte onderweysinge der Christelycke religie*, e communicou a sua iniciativa ao Synodo da metropole.

A resposta do Synodo da Hollanda foi negando á classe de

Pernambuco o direito de resolver sobre taes assumptos, sem a sua auctorização e prohibindo expressamente a impressão do livro.

Encontra-se essa noticia na pagina 402, Artic. 12 da obra:

Acta
der
Particuliere Synoden
Van Zuid-Holland
1621-1700
Uitgegeven door
Dr. W. P. C. Knuttel
S. Gravenhage
Martinus Nyhoff
1909.

A mesma noticia da prohibição do Catecismo vem na pagina 13, art. 9 do volume II da obra.

Archief
voor de
Geschiedenis
der
Oude Hollandsche Zending
Utrecht
C. Van Bentum
1884.

Sobre a religião protestante no Brasil trouxe um volume da Chronica do Instituto Historico de Utrecht no anno de 1874, que contém as *Classicale Acta van Brasilië* — Actas das *Classes* do Brasil.

Classis é uma especie de divisão da Igreja Neerlandeza, um centro que encerra varios cantões (ou reuniões) chamadas *ring* — circulo.

Esse synodo da colonia do Brasil deliberava sobre as questões ecclesiasticas, costumes, instrucção primaria, catechese dos indios, etc.

Pela leitura dessas netas fica-se sabendo o numero de egrejas, de pastores, o grau de moralidade dos colonos, o desenvolvimento da instrucção e a civilização dos indios.

Os Hollandezes mostraram-se extraordinariamente liberais quanto á distribuição da instrucção; não só facultaram escolas para os brancos e indios, como mesmo para os negros.

A egreja da metropole angariava donativos para os ministros distribuirem entre os selvícolas.

O padre Antonio Vieira pôde apreciar em Ibiapaba o resultado dessa intelligente propaganda e descreveu em poucas palavras a situação:

« Ibiapaba era uma outra Genebra ».

Outro livro interessante sobre a religião protestante em Pernambuco é o *Algemeen Nederlandsch — Familie Blad*, onder leiding van A. A. Vorsterman van Oyen en G. J. Honig.

Nelle se encontra a noticia de curiosos registos de baptizados em Pernambuco.

Passemos agora ás publicações do Historisch Genootschap van Utrecht (Instituto Historico de Utrecht).

Esta importante sociedade tem publicado, entre outros documentos pertencentes ao Archivo Hilten em Utrecht, muitos manuscritos que dizem respeito ao Brasil. Trouxe todos esses numeros.

Convinha-me saber si havia ainda alguns manuscritos não publicados, para o que achei melhor ir eu mesmo áquella cidade.

Indaguei sobre a minha dúvida naquella repartição; não me puderam informar, mas forneceram-me um catalogo do dicto Archivo, que, por signal, ainda se acha em manuscrito.

Tomei nota de todas as peças, que se referem ao Brasil, e verifiquei, pelos numeros da *Revista* do Instituto, já estarem todos publicados.

Particpei o resultado da minha busca ao Archivo.

Só me resta fallar sobre a descoberta de alguns quadros do celebre pintor Franz Post, cujo pincel se dedicou exclusivamente ás paisagens do Brasil.

Tendo encontrado no archivo particular da rainha uma correspondencia particular de Mauricio de Nassau com os ministros

e com o proprio rei de França, Luiz xiv, em que tractava de uns quadros de assumpto brasileiro e de que elle fez presente áquelle monarcha, fui a Paris investigar a respeito.

Não, sem algum esforço, fiz apparecerem no Louvre cinco telas de Post, havendo esperanza de se encontrarem mais algumas.

Sobre esse assumpto escrevi um artigo no *Jornal do Commercio*.

Concluo a exposição dos meus trabalhos, esperando ter prestado algum serviço á sciencia, á qual se consagra este Instituto, colligindo no curto espaço de seis mezos e meio bastantes dados, que poderão ser melhor aproveitados pelos nossos historiadores.

Tenho concluido.

(*Palmas. O orador é muito cumprimentado*).

Responde ao sr. dr. Souto Maior o orador do Instituto, sr. dr. Ramiz Galvão, nos seguintes termos:

«Tenho a honra e o prazer de saudar em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. dr. Pedro Souto Maior, novo e distincto collega que vem trazer-nos o concurso de suas preciosas investigações historicas e um bello exemplo de pertinacia nas lides, que fazem o objecto dos nossos trabalhos.

«É justo, é indispensavel que novos elementos de prosperidade se aggreguem ao nosso corpo social, tão dolorosamente golpeado pelos decretos da Providencia Divina. Aos grandes batalhadores, que se vão partindo da arena — folhas preciosas desta arvore symbolica —, é mister que succedam luctadores exforçados. A cadeia não pôde nem deve romper-se; o facho sagrado tem de passar de mão em mão; e o vasto campo que lavramos pede sempre trabalhadores, para se desentranhar em fructos de benção.

«Temos uma curta historia de 400 annos, mas ainda incompleta, aqui e acolá inçada de dâvidas, á falta de documentos seguros, nem todos ainda reunidos e dados á luz para que nelles se exerça a boa critica. Nos nossos proprios archivos, mais recentemente organizados, dormem talvez papeis de valor capazes de elucidar questões litigiosas; nos de Portugal, Hispanha e

Hollanda, embora perlustrados por investigadores de alto valor como Joaquim Caetano da Silva, Gonçalves Dias e Varnhagen, para não citar outros de mais recente data, nesses velhos e opulentos repositórios ainda não foi tudo revolido e esquadri-nhado. Ha nessas minas veieiros occultos ou esquecidos, por onde não passou ainda o alvião do operário. Cumpre que se explorem cuidadosa,meticulosamente, até colhermos o ultimo grão de ouro.

«A melhor prova deste asserto temo-la hoje na pessoa do illustre consocio recém-vindo ás nossas fileiras.

«O sr. dr. Souto Maior teve a feliz inspiração de procurar nos archivos holandezes documentos novos para a historia desse periodo memoravel dos nossos annaes, que vae de 1630 a 1654. Netscher tambem os havia sondado para escrever o seu livro; ha bem poucos annos o illustre e saudoso dr. José Hygino Duarte Pereira, egualmente apaixonado por este genero de in-vestigações, examinára-os com carinho e muita cousa colhêra de bom e aproveitavel.

«O sr. dr. Souto Maior, em sua ultima viagem á Europa, voltou á mina preciosa e, como acabaes de ouvir, teve a boa fortuna de encontrar valores desconhecidos. Tenaz, persistente e illuminado por um sentimento patriotico digno de todo o lou-vor, cavou como bom mineiro e trouxe-nos informações estima-veis, que os estudiosos da patria Historia poderão apreciar den-tro em pouco na nossa *Revista*, e de que já tivemos amostra nos curiosissimos artigos publicades no *Jornal do Commercio* sobre Pedro Poti e Antonio Paraupaba.

«Não satisfeito com estes descobrimentos, que elucidam pormenores da Historia do tempo e dos costumes da epocha, o nosso illustre consocio deu-nos a grata nova de haver encon-trado no museu do Louvre, graças a uma pesquisa habil e pa-cientemente dirigida, cinco telas do célebre Francisco Post — pintor distincto, que veio ao Brasil com o príncipe Mauricio de Nassau, e que gravou interessantes aguas fortes para a obra de Barboeus. Serão os originaes, cuja reprodução conheciamos por este livro, ou serão trabalhos totalmente novos? O nosso illus-tre collega di-lo-ha em tempo, porque teve a precaução de os

mandar photographar. Sejam porém ou não totalmente novos, é sempre grande o merito de os haver desentranhado da poeira secular dos depositos, e o incidente poderá despertar o achado de outras telas do mesmo artista, todas relativas a assumptos brasileiros, que Nassau offereceu a Luiz XIV.

« Bem se vê, srs. consocios, que o diligente investigador, cuja entrada festejamos nesta hora, assenta-se ao nosso lado com uma fé de officio muito honrosa e promissora. O Instituto recebe-o com jubilo, applaude a sua faina patriótica, e aguarda do experimentado combatente novos fructos de labor, que illustrem sempre o seu nome os fastos desta casa de trabalho.

« Sêde bem vindo, sr. dr. Souto Maior! »

(*Palmas, muito bem*).

O SR. PRESIDENTE disse que á ultima hora foi informado de que o emerito orador, que o Instituto acaba de applaudir, recebeu a nomeação de director geral da instrução publica do Districto Federal.

É o caso de se felicitar a importantissima repartição da capital do paiz. O sr. presidente julga que o Instituto homologará de bom grado a proposta de mandar inserir na acta da sessão de hoje uma nota de regosijo pela merecida distincção confiada a um dos mais antigos, prestantes e queridos consocios de nosso Instituto.

A indicação do sr. presidente é recebida com demonstrações de applauso e unanimemente approvada.

Disse ainda o sr. presidente que a proxima sessão se realizará a 13 de Maio, em commemoração á grande data da promulgação da lei conhecida pelo nome de *Aurea*, fazendo uma allocação o eminente consocio dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, e sendo nessa occasião inaugurados, na sala da directoria, os retratos da princeza d. Isabel, a *Redemptora*, de Joaquim Nabuco e do sr. conselheiro João Alfredo.

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite.

Radler de Aquino, servindo de 2.º secretario.

1.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 4 DE MAIO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 3 horas da tarde, na sede social, abriu-se a sessão, com a presença dos seguintes socios :

Conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero, Max Fleiuss, commendador Arthur Guimarães, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, capitão-tenente Radler de Aquino, Carlos Lix Klett, drs. Miguel de Carvalho, Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, drs. Pedro Souto Maior, Sebastião de Vasconcellos Galvão, José Americo dos Santos, Antonio Olyntho dos Santos Pires, commendador Tobias Lauriano Figueira de Mello, Eduardo Marques Peixoto e dr. Rodrigo Octavio.

Tendo faltado o 2.º secretario, dr. Gastão Ruch, o sr. presidente convidou o capitão-tenente Radler de Aquino para occupar este cargo.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê a acta da primeira sessão ordinaria, realizada a 23 de Abril, a qual foi approvada sem discussão.

O SR. PRESIDENTE diz ter convocado a presente sessão extraordinaria para o fim de serem lidos varios pareceres da Commissão de admissão de socios e da Commissão de Historia.

Havendo, entre os primeiros, um que se refere ao sr. dr. Julio Fernandez, ministro argentino, que em breve se retirará para a sua patria, consulta o Instituto si, a exemplo dos precedentes, convirá ou não seguir-se á sessão extraordinaria uma especial para as respectivas votações.

O Instituto, por unanimidade, respondeu pela affirmativa.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê o seguinte expediente :

— Telegramma do consocio almirante Indio do Brasil, communicando que por motivo de força maior não comparece á sessão.

— Carta do consocio dr. Pedro Souto Maior, communicando que o sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, digno director geral da Bibliotheca Nacional, fez aquisição, para aquelle estabelecimento, dos seguintes livros, photographias e manuscriptos trazidos da Hollanda pelo mesmo dr. Souto Maior:

Livros:

Van Haren. Obras poeticas, 3 vs.

Van Kampen. A Biographia de Hollandezes celebres, 2 vs.

Historisch Genootschap, 3 vs.

Diccionario hollandez-francez, 1624 — 1 v.

Biographia de Artichofski, em polaco — 2 vs.

Photographias:

5 photographias dos quadros de Franz Post, descobertos no Louvre pelo dr. Souto Maior.

1 planta do forte projectado por Mathias de Albuquerque em 1629.

1 retrato de Joannes de Laet.

3 cartas em tupi.

Manuscriptos:

Notulos do Brasil:

1 — Saturni den 23 December 1645. Tracta de muitos Hollandezes, que se casaram com viuvras de Portuguezes, e a quem devem pertencer os bens destes, quando forem conquistados na guerra.

2 — Jovis den 28 December 1645. Tracta da falta de refrescos em Fernando de Noronha naquella occasião.

3 — Veneris den 29 December 1645. Tracta da inconveniencia de mandar os negros trazidos pelo navio *Tamandaré* para Fernando de Noronha por haver lá falta de refrescos.

4 — Mercury den 5 Juny 1647. Tracta dos tostões portuguezes, que foram encontrados com menos do valor conhecido.

5 — Saturni den Juny 1647. Dávida sobre o numero de escabinos portuguezes e hollandezes no Recife e Maurits stad.

6 — Lunæ den 3 Juny 1647. Escolha pelo Conselho para escabinos por lista triplice.

7 — Saturni den 3 Augusti 1647. Tracta dos navios de Bankert, que estão comidos pelos vermes.

8 — Saturni den 5 Octobris 1647. Roclof Baro queixa-se que Pedro Poli não lhe deu índios para a sua expedição.

9 — Lunæ den 7 Octobris 1647. Boas condições de Fernando de Noronha.

10 — Lunæ den 14 Octobris 1647. Tracta da troca dos prisioneiros padre Matheus e padre João da Costa pelo capitão Ghysseling e o predicante Astetten.

11 — Martis den 11 April 1645. Tracta de uma assembléa de índios em Tapicirica.

12 — Mercury den 12 April 1645. Tracta de vantagens concedidas na occasião da despedida aos índios, que vieram apresentar os projectos de lei em sua assembléa.

13 — Jovis den 7 December 1645. Resolvem vender em leilão os negros trazidos da Africa por varios navios.

14 — Domenica den 31 December 1645. Dá noticias de Roclof Baro no Ceará e refere uma carta de Linge, dizendo estar informado por um negro vindo de Sancto André (onde estava o inimigo) que preparavam duas grandes barcas para levar 300 homens cada uma e irem atacar Pedro Poli no seu acampamento.

15 — Martis den 2 January 1646. Tracta da conveniencia de se deixar o judeu Miguel Cardoso advogar.

16 — Veneris den 15 Juny 1646. Tracta da competencia da convocação dos eleitores: si deve ser feita pelo conselho ou pelos escultetos.

17 — Veneris den 30 Marty 1646. Tracta da farinha de trigo e do pão, da venda deste ultimo e por quem deve ser vendido.

18 — Saturni den 16 Juny 1646. Tracta da eleição de escabinos no Recife. Tracta egualmente dos abusos commettidos por guarda-livros de navios, removendo na escripturação homens de um navio para outro.

19 — Mercury den 19 December 1646. Tracta de apressar o processo do tenente-coronel Gartsman.

20 — Lunæ den 27 Augusti 1646. Manda Gartsman desembarcar do *Swaen* e ficar preso em terra.

21 — Saturni den 29 April 1645. Gisbertus de With declara haver casado com d. Anna Paes, viuva de Tourlon, e que continua da mesma fórma a prestar seus serviços a bem da patria.

22 — Veneris den eersten April 1644. Tracta-se de saber si se pôde pagar os direitos com assucar em vez de dinheiro.

23 — Lunæ den 21 Marty 1644. Os judeus protestam contra o pagamento do direito de *recognitie* na metropole.

24 — Martis den 22 Marty 1644. Responde ao protesto dos judeus contra o *recognitie* e manda que se dirijam aos XIX.

25 — Lunæ den 29 Augusti 1650. Uma missiva de Beex.

26 — Saturni den 14 Marty 1648. Chega o yacht *Argyn* de Fernando de Noronha, com 2.000 mãos de milho.

27 — Veneris den Novembris 1647. Missiva de Gillis Venant, de Fernando de Noronha.

28 — Martis den 12 November 1647. Manda remover o mestre de campo general, o seu tenente e tambem o almirante para a casa de Jacques de Brae.

29 — Jovis den 7 November 1647. Os revoltosos começam a atirar contra o Recife.

30 — Mercury den 16 Octobris 1647. Fernão de Valle tracta de seus negocios.

31 — Mercury den 16 Decembar 1647. Cornelis Adriaensen e Dirck Jansen van Noren, capitão e piloto da barca *Jonge Arcke Noé*, dizem ter descoberto uma ilha no Equador, etc.

32 — Martis den 17 September 1647. Simão Alvares da Penha pede para ser removido da prisão em que se acha.

33 — Mercury den 25 September 1647. Chega o yacht *Sterre* de Fernando de Noronha.

34 — Mercury den 2 Octobris 1647. Gillis Venant, commandante de Fernando de Noronha.

35 — Martis, den 2 Februari 1649. Tracta de minas, uma dellas indicada por Gaspar Paraupaba.

45 — Tracta da *ração* dos indios. Tracta mais do processo de investigação sobre o assassinato de Jacob Rabbi.

Brieven en Papieren uit Brasilië.

36 — Anno de 1646 — Carta-manifesto de Camarão aos indios alliados dos Hollandezes.

37 — Traducção do tupi de seis cartas dos índios alliados dos Portuguezes para os patricios, que se achavam com os Holandezes, por Johannes Edwards.

38 — Informação ou calculo do rendimento da mina do Ceará, segundo a declaração do sr. Antonio Grill.

39 — Carta de J. van Heussen a respeito do calculo de Grill e do Ceará.

40 — Exposição do commissario Ham, recenhegado do monte Itarema. Anno de 1649.

41 — Carta de M. Beck, datada da ilha Barbados, em 8 de Outubro de 1654.

42 — Uma carta a respeito de um tal Laresse e referindo-se ao mineral do Ceará.

43 — Exame do ourives Jonas Laurent em um mineral do Ceará, em que se encontrou prata.

44 — Carta de 21 de Junho de 1649. Tracta do mineral do Ceará.

45 — Diario de Mathias Beck no Ceará, de 20 de Março de 1649 a 3 de Maio do mesmo anno.

46 — Continuação do diario de Mathias Beck até Julho de 1649.

47 — Carta em tupi sob o n. 1.

48 — Carta em tupi sob o n. 2.

49 — Carta em tupi sob o n. 3.

50 — Carta em tupi sob o n. 4.

51 — Carta em tupi sob o n. 5.

52 — Carta em tupi sob o n. 6.

53 — Uma carta do Recife a respeito de uma mina de prata, que João de Albuquerque diz conhecer.

54 — Carta de Telles da Silva a s. m. o rei de Portugal.

55 — Circular de Francisco Barreto convidando os soldados a serviço dos Holandezes a se passarem ao seu serviço.

56 — Carta de Jodocus Stelten.

57 — Declaração de João de Albuquerque sobre minas.

58 — Petição dos moradores da cidade Mauricia que querem pagar as despesas de Mauricio.

59 — Carta de Poti a Camarão.

DIVERSOS

- 55 — Um extracto do Staten Generael sôbre a reclamação de De With.
- 56 — Defesa de Sigismundo Schopp em Haya em 1654. (Criminellen Papieren).
- 57 — Edital contra os soldados e officiaes que estiveram na Bahia. (Estados Geraes).
- 58 — Inquerito sôbre a morte de Jacob Rabbi. (Acquisição de 1906).
- 59 — Journael van de Reyse naer de Silver myne, etc. (Acquisição de 1906).
- 60 — Journael van de Reyse na de mina, etc. (Acquisição de 1906).
- 61 — Carta de Luiz XIV a Mauricio de Nassau (l'Huys Archief).
- 65 — Carta de Bento Henriques (l'Huys Archief).
- 66 — Sôbre a reclamação de De With. (Staten Generael).
- 67 — Processo de Haecx em 1655. (Criminellen Papieren).
- 70 — Motivos apresentados pelos officiaes para rendição de 1654. (Staten Generael).
- 71 — Estado e situação do Rio de Janeiro em 1655.
- 72 — Instrucções secretas dadas a Henrique Loncq para serem abertas em S. Vicente.
- 73 — Sôbre a reclamação de De With em latim. (Estados Geraes).
- 74 — Sôbre a reclamação De With em hollandez. (Estados Geraes).
- 76 — Journael van de Vlote nyt de Verenighde Nederlanden na Brasilië (copia de um folheto do catalogo do dr. Knuttel).
O Instituto fica inteirado.
- Carta do consocio dr. Affonso Arinos, datada de Athenas, a 7 de Abril ultimo, nos seguintes termos:
- « Meu caro Max Fleiuss. — O nosso Instituto perdeu de uma feita os seus vultos mais notaveis, aquelles que representavam mais caracteristicamente o Brasil nas diversas phases do seu

desenvolvimento e exprimiam por assim dizer o conjunto da nossa Historia — Rio-Branco, Ouro Preto, Paranaguá. Nesta enumeração, eu devêra começar logicamente pelo último, que era dos tres o mais velho na idade e quanto ao periodo historico encarnado na sua pessoa, das mais sympathicas e expressivas. Eduardo Prado, nos *Fastos da Dictadura Militar*, falando nas causas do quebrantamento da disciplina militar, apontára erros dos governos monarchicos, mas indicava tambem esta: o desaparecimento dos velhos officiaes da antiga educação portugueza, aquelles que fizeram com gloria as asperas campanhas do Sul sem serem versados em livros de Philosophia, nem dados a obras de erudição, tendo, entretanto, a mais clara intuição do dever militar.

« Fôra da carreira das armas, na magistratura e na politica, tambem tivemos esse typo, que, si ainda não desapareceu, não apparece agora — a dos homens simples, sem o brilho nem as seducções do talento litterario, mas tendo a consciencia do dever e a força d'alma de praticá-lo sempre, singelamente, sem olhar a galeria nem pedir applauso. A physionomia do marquez de Paranaguá me evocava sempre a daquelles bons e incansaveis servidores, que trabalham silenciosamente e cujo trabalho *adeanta*, no dizer do povo, daquelles cultivadores que têm a mão feliz para deitarem o grão á terra. Chronologicamente, pertencia ao periodo da Independencia e á geração que fez algo de mais difficil do que tê-la proclamado: organizou o Brasil e manteve intacta durante o periodo convulsivo que succedeu á Independencia toda a herança portugueza da America.

« Dessa geração sadia, dada á acção e pouco inclinada ao pedantismo, Paranaguá fôrou a sua não vulgar actividade e a sua exactidão. O seu commercio era encantador, tanto mais quanto sobrava nelle uma qualidade que vae rareando, sobretudo nos homens politicos — a educação esmerada, as boas maneiras e a correcção da linguagem.

« Lembra-me ter lido excellentes artigos do velho Macedo Soares, o antigo ministro do Supremo Tribunal, sobre o desconchavo da nossa linguagem legislativa, mostrando quanto, na redacção das leis, estamos longe da gente que redigiu o Codigo Criminal

de 1830. A concisão, a elegância e a propriedade dos termos são essenciaes nos documentos legislativos destinados a vigorar para o futuro e a crear normas que afugentem toda a especie de dúvida.

« Mas, não pretendo traçar o perfil biographico do nosso eminente consocio, nem os de Ouro Preto e Rio Branco.

« Venho simplesmente pedir a intervenção do Instituto para que chegue a cada um dos filhos do marquez de Paranaguá a expressão do meu profundo pesar pelo passamento do nosso venerando companheiro. Ignorando o endereço dessas pessoas, não posso dirigir-me directamente a ellas, como o fiz quanto ás famílias do visconde de Ouro Preto e do barão do Rio Branco. Espero que o meu caro amigo Affonso Celso e o sr. Raul do Rio Branco tenham recebido em tempo meus telegrammas.

« Estou aqui de passagem, assistindo ao jubileu da universidade de Athenas e visitando os monumentos da Grecia classica. Tendo já visitado os sitios mais notaveis da Attica, parto amanhã, 8 de Abril, para o sanctuario de Delphos. De lá atravessarei o golfo de Corintho, antigo de Lepanto, para percorrer o Peloponeso. Para taes visitas, é preciso andar por mar e por terra; e por terra tem-se frequentemente de recorrer ao nosso processo nacional de locomoção — o lombo do burro. Adeus; um abraço do velho amigo *Affonso Arinos*. »

O SR. PRESIDENTE diz que, transcripta a carta do illustre consocio, satisfaz o Instituto os seus nobres desejos.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, para substituir nos justos impedimentos a qualquer dos membros da Commissão de admissão de socios, nomeou o sr. capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira.

O SR. FLEIUS (*1.º secretario perpetuo*) lê os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios, os quaes, nos termos dos Estatutos, ficam sobre a mesa para a votação na sessão especial :

— « A Commissão de admissão de socios julga que deve ser acceita a proposta do nome do sr. dr. Julio Fernandez, ministro da Republica Argentina no Brasil, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Preenche aquelle digno representante da nação amiga todos os requisitos, que os nossos Estatutos exigem.

« Individualidade de grande destaque em seu paiz e convivendo connosco ha muitos annos, tem tido a sociedade brasileira occasião de julgar por si das elevadas qualidades intellectuaes e moraes, que tornam o sr. Julio Fernandez tão respeitado e querido no seio da sociedade argentina. Amigo sincero do Brasil, não tem elle perdido oportunidade de estreitar de mais e mais os laços de sympathia e de respeito mutuo que se tributam as duas grandes nações do continente sul-americano, contribuindo para tornar uma realidade, por actos de inequivoca sinceridade, o ideal de confraternização entre as nações do continente, seguro phanal que nos guia para os destinos que a Providencia nos reserva.

« No estudo dos tractados que fixam nossas fronteiras com as outras nações do continente tem o illustre ministro da Argentina adquirido conhecimento amplo do sertão brasileiro; e no seu interesse pelas cousas do Brasil tem levado suas pesquisas, tanto geographicas como historicas, tão longe como os que mais desejam conhecer o nosso paiz.

« São titulos que aconselham e justificam a sua admissão como socio do nosso Instituto na categoria para que foi proposto.

Rio, 2 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires*, relator. — *A. Indio do Brasil*. — *Miguel J. R. de Carvalho*. »

— « Tomando conhecimento da proposta do nome do sr. dr. Rivadavia da Cunha Corrêa, actual ministro da Justiça e Negocios Interiores, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a commissão de admissão de socios é de parecer que deve ser acceita a proposta, visto preencher o sr. dr. Rivadavia Corrêa os requisitos que os nossos Estatutos exigem para inscripção naquella categoria de socios.

« Como bem assigna a proposta, tracta-se de um advogado que conquistou, pelo estudo e pela palavra, logar de destaque no fóro desta Capital — de um parlamentar que soube impôr a sua personalidade nas discussões, em que frequentemente se envolveu no Congresso Nacional, e a quem o nosso Instituto deve

já notáveis serviços — provas inequívocas da sympathia e do interesse com que acompanha os nossos trabalhos.

«Certamente esse passado é garantia segura de que o Instituto terá na pessoa do sr. dr. Rivadavia Corrêa um exorçado collaborador para os seus elevados fins.

Rio, 2 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho dos Santos Pires*, relator. — *A. Índio do Brasil*. — *Miguel J. R. de Carvalho*.»

— «A proposta do nome do sr. dr. Lauro Severiano Muller, actual ministro das Relações Exteriores, para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro está em condições de ser accolta. O proposto preenche os requisitos dos nossos Estatutos e occupará com realce o lugar, que lhe é assignalado na proposta.

«O sr. dr. Lauro Severiano Muller é uma individualidade que se vem destacando desde sua entrada na vida pública, balizando com pontos luminosos a sua trajectoria na politica e na administração do paiz. Depois de um brilhante curso nas escolas Militar e Superior de Guerra, conquistou seu lugar no corpo de engenheiros militares, onde tem galgado, em successivas promoções, os postos da carreira até o de coronel, em que foi ultimamente provido.

«Muito moço, vin-se forçado pelos acontecimentos de então a tomar parte na politica nacional, occupando o cargo de governador de Sancta Catharina, seu Estado natal, após a transformação por que passaram as instituições politicas do Brasil. Dalli passou para a Constituinte, onde tomou parte activa na discussão e votação da Constituição de 24 de Fevereiro; e, sem interrupção, tem occupado dahi em diante os mais elevados postos da politica nacional. Deputado em legislaturas seguidas, foi por vezes o relator do orçamento da viação e obras publicas e o inspirador de grande número de serviços, intimamente relacionados com o desenvolvimento da viação ferrea, fluvial e costeira, da colonização e poyoamento dos sertões brasileiros e das communicações postaes e telegraphicas. Chamado depois para collaborar no governo, sob a presidencia Rodrigues Alves, onde occupou o cargo de ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, pôde o sr. dr. Lauro Muller executar o programma de

melhoramentos materiaes do paiz e principalmente da cidade do Rio de Janeiro, que vinha, de longe, architectando pelo estudo dos differentes ramos de serviço publico, a que se entregára quando teve de tomar parte nas discussões parlamentares. Foi, assim, o iniciador da construcção dos portos do Rio de Janeiro, Bahia, Pará e Victoria, dos melhoramentos que transformaram por completo a capital brasileira; e bem assim de sua iniciativa surgiram as linhas ferreas, que mais fundamente penetraram pelos sertões dos Estados centraes, em demanda das fronteiras dos paizes limitrophes, aos quaes já algumas attingiram. Sua passagem pelo governo ficou, em summa, assignalada por numerosos melhoramentos, já executados ou em via de execução, em quasi todos os Estados do Brasil.

« Eleito depois senador por Sancta Catharina, continuou no parlamento a sua obra de governo; e dalli acaba de ser novamente retirado pela confiança do sr. presidente da Republica para vir occupar a pasta das Relações Exteriores em uma hora angustiosa para o Brasil, quando o fallecimento do grande chancellor, nosso inclito ex-presidente, o sr. barão do Rio Branco, havia mergulhado no lucto a patria brasileira e cercado de apprehensões todos os que se interessam por seus destinos.

« Em traços largos, é essa a individualidade proposta para occupar o logar de socio honorario do nosso Instituto.

« A cultura do espirito do sr. dr. Lauro Muller, o seu conhecimento pessoal de grande porção do territorio brasileiro, principalmente dos Estados do Sul, por elle percorridos em execução de commissões que lhe tem sido confiadas, sua vasta erudição sobre cousas do Brasil, adquirida no estudo dos obras planejadas e executadas sob sua superior direcção, são outros tantos titulos, capazes, cada qual de bem justificar a sua entrada para o Instituto Historico, que terá na sua pessoa um collaborador honesto e um investigador infatigavel e consciencioso para os elevados fins a que se propõe.

« A Commissão de admissão de socios é, pois, de parecer que pôde ser admittido na categoria de socio honorario o sr. dr. Lauro Severiano Muller.

« Rio, 2 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho dos Santos*

Pires, relator. — A. Índio do Brasil. — Miguel J. R. de Carvalho. »

— « A Comissão de admissão de socios nada tem a oppôr á proposta para ser elevado a honorario o socio effectivo dr. Pedro Augustó Carneiro Lessa, merecido premio a seus relevantes serviços ao Instituto Historico.

« Rio, 2 de Maio de 1912. — *Miguel J. R. de Carvalho, relator. — Antonio Olyntho. — A. C. Gomes Pereira. »*

— « A Commissão de admissão de socios, á qual foi apresentada a proposta para ser elevado a socio honorario o effectivo dr. Amaro Cavalcanti, é de parecer que deve ella ser acceita pelo Instituto, que por esse modo prestará homenagem aos notaveis dotes intellectuaes e á vasta cultura de um dos mais conspicuos de seus membros e mais uma vez dará publica demonstração de que tem na devida conta os serviços que lhe são prestados.

« Rio, 29 de Abril de 1912. — *Manuel Cicero, relator. — Antonio Olyntho. — Miguel J. de Carvalho. — A. Índio do Brasil. »*

— « A Commissão da admissão de socios, tendo examinado a proposta para ser considerado como socio honorario o correspondente barão de Studart, emite o seu parecer no sentido de ser approvada a mesma proposta, com o que não fará o Instituto sinão rigorosa justiça, attendendo á relevancia dos serviços que lhe vem prestando o barão de Studart desde a sua admissão como socio correspondente.

« Rio, 29 de Abril de 1912. — *Manuel Cicero, relator. — Antonio Olyntho. — A. Índio do Brasil. — Miguel J. de Carvalho. »*

— « A Commissão de admissão de socios, á qual foi apresentada a proposta para ser elevado a socio honorario o correspondente dr. Manuel de Oliveira Lima, é de parecer que deve ella ser acceita pelo Instituto, que por esse modo renderá homenagem aos notaveis trabalhos litterarios e á vasta cultura de um dos mais illustres de seus membros, e ainda uma vez dará publica demonstração de que tem na devida conta os serviços que lhe são prestados.

« Rio de Janeiro, 1 de Maio de 1912. — *A. Índio do Brasil*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Miguel J. de Carvalho*. — *A. C. Gomes Pereira*. »

— « A Comissão de admissão de socios nada tem a syndicar quanto á individualidade, condições de idoneidade e conveniencia da admissão do dr. Washington Luiz Pereira de Sousa, tão vantajosamente conhecida é a personalidade que virá abrlhantar o quadro dos membros do nosso Instituto. Com prazer, pois, opina por sua admissão.

« Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1912. — *Miguel J. R. de Carvalho*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *A. C. Gomes Pereira*. »

— « A Comissão de admissão de socios examinou a proposta apresentada ao Instituto para ser admittido como socio correspondente o dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, e é de opinião que tal proposta está perfeitamente nas condições de ser aceita, pois a Comissão folga de reconhecer que na pessoa do dr. Escragnolle Doria se reúnem qualidades que o recommendam como um socio, que honrará o Instituto e lhe poderá ser muito util.

« Rio, 20 de Abril de 1912. — *Manuel Cícero*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *A. Índio do Brasil*. — *Miguel J. de Carvalho*. »

O SR. RADLER DE AQUINO (*sercindo de 2.º secretario*) lê os seguintes pareceres da Comissão de Historia :

« O desembargador João da Costa Lima Drummond é um egregio representante da moderna magistratura brasileira, que, honrando galhardamente as gloriosas tradições da antiga, revela, contudo, mais largo descortino, menos apêgo pela lettra da lei, procurando de preferencia inspirar-se no seu espirito, e mostrando profundo conhecimento da legislação comparada.

« Mas não se limita a sua actividade ás arduas e sacrosanctas funções de julgar: professor de direito, se impõe á estima e consideração dos seus alumnos pelos arrebuos da sua eloquencia, que tornam mais facil a comprehensão da doutrina; escriptor, enriquece a litteratura juridica com trabalhos, aos quaes os competentes sempre recorrem com proveito.

« É, portanto, um insigne cultor da *ars boni et aequi*.

« Bastava este predicao para assegurar-lhe o direito a ser

admittido como socio deste Instituto, porque, sem ser versado em Philosophia e em Historia, não ha propriamente um jurisconsulto *nisi leguleius*, na phrase de Cícero, *quidem cantus, et acutus præco actionum, cantor formularum, anceps syllabarum*.

« Esta necessidade de ser o jurista tambem sabedor profundo da Historia tem sido geralmente reconhecida, já em epochas remotas, affirmando Blackstone que desde o tempo das conquistas (1066) a memoria dos acontecimentos passados *preteritorum memoria eventorum*, era considerada uma das primeiras qualidades que deviam distinguir os que pretendiam ser *legibus patriæ optime instituti*.

« Si o grande Montesquieu conhecesse melhor a historia de Inglaterra, si tivesse acompanhado a lenta elaboração dessa admiravel constituição que tanto o impressionou, não teria commettido o erro de apreciação, que o levou a conceber a sua celebre theoria da divisão dos poderes rigidamente mechanica, funcionando automaticamente, quando ella não passa de uma applicação da lei economica da divisão do trabalho.

« O que é essencial nos regimens livres é a discriminação das *funções* e não a impracticada e impracticavel *separação absoluta dos poderes*.

« Cada vez mais se apura o conceito da Historia, que não é mais considerada como a fria expositora de factos e datas, e sim como a mestra inegualavel, que na lição do passado perscruta as leis do futuro.

« Accentuando esse conceito da Historia em uma das suas conferencias magistraes sobre a civilização nos cinco primeiros seculos do Christianismo, Emilio Castelar pronunciou as seguintes palavras, dignas de meditado estudo, e que não commetterei a profanação de traduzir:

« Señores, la historia que en otro tiempo era una arte, sin « más objeto que narrar los hechos, hoy es una ciencia, una filosofía en que los hechos vienen a ser la forma de las ideas; y « el encadenamiento de los hechos una logica viva e real, un « sistema de leyes incontestables. El que ejerce el ministerio su- « mine de historiador, ministerio que tiene algo de santo, de « divino, puez juzga el secreto impenetrable de los sepulcros, el

« alma de las geraciones pasadas; se ve obligado a congregar
 « las geraciones presentes; y con toda la superioridad de un juez
 « enseñarles los grandes castigos, los grandes escarmientos que
 « guardan siempre á los poderes que violan la justicia, á los
 « pueblos que desconocen sus derechos; enseñanza provechosa
 « síma que sobre todos los tiempos entrañan estos primeros
 « cinco siglos del Cristianismo, en que el Imperio romano y su
 « decadencia enseña á las naciones todos los horrores que caen
 « sobre ellas *cuando se entrega á la voluntad de un solo hom-*
 « *bre*; y la muerte de la aristocracia romana enseña á los suber-
 « bios que el privilegio se clava como un puñal en el corazon de
 « los privilegiados; y *el predominio de los pretorianos enseña á*
 « *los fuertes que en toda sociedad quando manda el ejército,*
 « *destinado siempre á obedecer, viene la guerra social y tras*
 « *la guerra social la dictadura, la organizacion del despotis-*
 « *mo* « *el envilecimiento, la muerte; y la corrupcion de las mu-*
 « *chedumbres romanas, tan felices, tan bien alimentadas y sos-*
 « *tenidas, tan agasajadas por el poder, tan ociosas, enseña á*
 « *los pueblos que su redencion social esta en el trabajo, que no*
 « *les basta tener asegurado por la sociedad el pan de cada dia*
 « *sino la libertad, que el orden supremo, el derecho, la ley*
 « *eterna de nuestra naturaleza.* »

« Comprehendendo desde os mais verdes annos que um jurisconsulto não pôde deixar de ser ao mesmo tempo um philosopho e um historiador, o desembargador Lima Drummond, no collegio Pedro II, aprofundou o estudo da Philosophia e da Historia de tal fórma que, quando se bacharelou em 1882, foi approvado com distincção e louvor em ambas as disciplinas, sendo essas, aliás, as duas unicas distincções com louvor concedidas naquelle anno.

« Como orador da commissão, que representou o Collegio Pedro II no Congresso Academico em homenagem ao marquez de Pombal, pronunciou um discurso no qual, na opinião do *Diário Illustrado*, de Lisbon, revelou dotes de notavel orador, havendo trechos de inspiração e eloquencia, que só um orador consummado e de talento os pôde ter.

« Em 1883 realizou no Lyceu de Artes e Officios a quinta

conferencia academica, tomando por thema a *Conjuração Mineira*, mostrando conhecer perfeitamente o mais interessante episodio da nossa historia no regimen colonial, e estereotypando a sua alma de moço, ardente e sonhadora, na seguinte phrase: «onde vicejam os lyrios da esperanza, crescam-se os cyprestes da descrença.»

«Na sua muito erudita obra — *Direito Criminal* — (resumo de preleções) fez no capitulo iv o historico do direito penal patrio e estrangeiro; e em outro trabalho seu — *Estudos de Direito Criminal*, encontramos proficientemente explanada a formação historica do Direito Nacional.

«Dentre muitos outros trabalhos historicos, do desembargador Lima Drummond, de incontestavel merecimento, destacarei os seguintes: *Discurso proferido na sessão solenne do Congresso Academico*, 5 de Julho de 1885; *Elogios historicos* (pronunciados como orador do Instituto dos Bachareis em Lettras), de uma longa série de consocios illustres, dentre os quaes destacarei o sancto bispo de Marianna — d. Antonio Maria Corrêa de Sá e Benevides; *Memoria historica da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes*, 1895; e o discurso pronunciado no Club Academico, na sessão realizada em 13 de Janeiro de 1903, em homenagem ao nosso inextinguivel, e por tantos titulos eminente, presidente, o sr. barão do Rio Branco, discurso que é uma verdadeira joia litteraria.

«A Comissão de Historia, portanto, é de parecer que o desembargador João da Costa Lima Drummond tem, de sobejo, titulos que justificam a sua inclusão entre os socios effectivos do nosso Instituto, accrescentando que será muito proveitosa aos nossos trabalhos a collaboração de um espirito tão lucido e tão superiormente cultivado.

«Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 1 de Maio de 1912. — Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, relator. — Clovis Bevilacqua. — Benjamin Franklin Ramiz Galvão.»

Approvado unanimemente. Vae á commissão de admissão de socios; relator, o sr. dr. Antonio Olyntho.

— «O sr. major dr. Liberato Bittencourt dedica ao Instituto

e offerece como titulo de sua admissão ao nosso quadro social a memoria intitulada *Psychologia do Barão do Rio Branco*, que foi escripta, segundo informa o auctor, nos septo dias que decorreram de 15 a 22 de Fevereiro do corrente anno.

« Pesava ainda sobre a Patria a intensa magua pela perda do nosso eminente e glorioso presidente.

« Sob a pressão desse lucto nacional quiz « prestar sincera « e duradoura homenagem ao forte espirito que nestes ultimos « tempos mais amou as classes armadas do paiz. »

« Para isso estuda-o em sua origem (*Genealogia*), na sua formação (*Organização physica*) e em seu desenvolvimento através do tempo (*Biographia*). Depois, em um largo capitulo intitulado *Idéas finalísticas* aprecia o sr. major Bittencourt os eminentes predicados de espirito e de character, que fizeram de Rio Branco « um vulto verdadeiramente magestático e um dos maiores Brasileiros do seu tempo », segundo a propria expressão do biographo.

« Temos por justissima esta homenagem prestada ao grande vencedor de Missões e Amapá, e, si o methodo original do escriptor pôde soffrer talvez algum reparo quanto a minudencias, nem por isso o trabalho desmerece da magnitude do assumpto.

« A memoria do sr. major L. Bittencourt é producto de um espirito notavelmente culto, além de inspirada no mais acendrado patriotismo e em um grande amor á verdade. A phrase de Wilson, que lhe serve de epigraphe, foi sem duvida o seu norte: « I write simply the truth of history. »

« O auctor merece entrar para a phalange dos nossos bons cultores da verdade historica.

« Sala das sessões do Instituto Historico, 28 de Abril de 1912. — B. F. Ramiz Galeão, relator. — Clovis Bevilacqua. — Viceiros de Castro. »

Approvado unanimemente. Vae á Comissão de admissão de socios; relator, o sr. dr. Miguel de Carvalho.

— « O dr. Afranio de Mello Franco é um espirito afeiçoado aos estudos da Historia e do Direito, conscio de que esses dous ramos do saber andam, hoje, indissolivelmente unidos, por isso que não se comprehende bem a funcção de um instituto, a es-

phera exacta de sua acção sem lhe ter, primeiramente, examinado a origem, sob a pressão das necessidades do momento e a evolução determinada pelas influencias divergentes ou harmonicas dos outros phenomenos sociaes, que o modificaram ou desenvolveram.

« Na monographia *Homenagem ao barão do Rio Branco*, o dr. Mello Franco deixou claramente ver que um estudo reflectido da Historia patria lhe deu a intuição verdadeira dos graves problemas de politica internacional, que o Brasil teve de resolver desde que se lançaram as primeiras sementes de sua nacionalidade, até que, na posse plena da soberania, teve de enfrentar interesses estranhos, que era preciso combater, afastar ou respeitar em sua marcha para o futuro, ao impulso do patriotismo dos seus filhos e sob a egide sagrada da justiça, que tem sido a nossa força nas contendas travadas perante o elevado pretorio, onde os povos cultos se reúnem para ouvir a voz do Direito.

« Esses mesmos estudos historicos esclareceram-lhe a intelligencia bem formada, para comprehender o valor excepcional do homem que foi, no seu tempo, a mais bella e mais forte expressão da alma collectiva do povo brasileiro, o egregio barão do Rio Branco, em cuja mente poderosa se equilibravam a força consideravel da tradição, que representa as ufânias do passado, e a energia propulsiva das aspirações de grandeza e de cultura.

« Sobram, pois, titulos ao dr. Afranio de Mello Franco para vir collaborar connosco, para que esperemos d'elle preciosos fructos colhidos no labor, que emprehendemos em commun. E o Instituto admittindo-o no seu seio, ao mesmo tempo em que faz justiça aos merecimentos do distincto Brasileiro, colhe uma excellente oportunidade para dar arthas de seu reconhecimento a quem, de coração, já era nosso confrade, pelo muito que, no Congresso, se esforçou em beneficio do Instituto.

« Sala das commissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 2 de Maio de 1912. — *Clovis Bevilacqua*, relator. — *B. F. Ramiz Galeão*. — *Viceiros de Castro*. »

Approvado unanimemente. Vae á Commissão de admissão de socios; relator, o sr. capitão de mar e guerra Gomes Pereira.

— « *Subsidios para a Historia do Brasil — Os Deputados*

brasileiros nas côrtes geraes de 1821, por M. E. Gomes de Carvalho. Porto. Livraria Chardron, 1912, in-8.º, de 426 pags., 4 fls. (0,^m443x0,^m080).

«É a valiosa publicação em que se compendiam os importantes successos da nossa Historia, de 1821 a 1822, e particularmente o papel que representaram os deputados do Brasil nas côrtes reunidas em Lisboa, em 1821, para a discussão e votação da nova lei constitucional da monarchia portugueza.

«Pela primeira vez se acha reunida em volume e ponderadamente criticada essa discussão vehemente e lucida travada entre os delegados brasileiros, que pugnavam pelos direitos da Patria, e a cohorte numerosa dos representantes da metropole, que sonhavam reduzir o Brasil á antiga condição subalterna de colonia. Peleja memoravel aquella, em que Lino Coutinho, Cypriano Barata, Antonio Carlos, Villela Barbosa, Vergueiro, Araujo Lima, Moniz Tavares e outros contrastaram o saber e a argucia de Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Moura, Castello Branco, Trigozo e seus companheiros.

«É sabido que a valorosa cohorte brasileira não conseguiu alli romper o quadrado da maioria portugueza, que aliás contribuiu inconscientemente para apressar a nossa emancipação politica; interessantissimo é, porém, o quadro desses bellos talentos em defesa de principios antagonicos, cuja conciliação era já impossivel conseguir depois dos acontecimentos que se seguiram á vinda da familia real para o Brasil em 1808. Este grande acontecimento decidiu effectivamente da sorte da colonia americana, antecipando talvez de meio seculo a Independencia e abrindo-nos francamente as portas do futuro.

«O interessante livro do sr. Gomes de Carvalho é todo baseado em documentos fidedignos e mórmente no *Diario das Côrtes Geraes*, do qual se pôde dizer um extracto luminoso e excellentemente commentado.

«Não temos duvida, portanto, em o proclamar titulo sufficiente e muito honroso para a admissão de seu auctor ao gremio do Instituto.

«Sala das commissões, 28 de Abril de 1912. — B. F. Ramiz Galção, relator. — Viveiros de Castro. — Clovis Becilequa. »

Approvado unanimemente. Vae á Comissão de admissão de socios; relator, o sr. commandante Gomes Pereira.

O mesmo sr. secretario lê a seguinte proposta: «Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Nocolas Débanné, secretario do consulado brasileiro em Alexandria, servindo de título á sua admissão a conferencia feita no Instituto Egyptio sobre a individualidade do sr. d. Pedro II, imperador do Brasil.

«Sala das sessões, 4 de Maio de 1842. — *Radler de Aquino.*
— *José Americo dos Santos.* — *Dr. Pedro Souto Maior.* — *Max Fleiss.*»

Vae á Comissão de Historia; relator, o sr. dr. Viveiros de Castro.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, estando concluidos os trabalhos da sessão extraordinaria, vae declaral-a encerrada e, conforme a deliberação do Instituto, abrir a sessão especial para votação dos pareceres da Comissão de admissão de socios.

Levanta-se a sessão extraordinaria ás 4 e 15 da tarde.

SESSÃO ESPECIAL

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Presentes os mesmos socios que compareceram á sessão extraordinaria, abre-se a sessão especial.

São submittidos á votação, por escrutinio secreto, os pareceres da Comissão de admissão de socios relativos aos srs. drs. Julio Fernandez, Rivadavia da Cunha Corrêa, Lauro Severiano Muller, Pedro Augusto Carneiro Lessa, Amaro Cavalcanti, Manuel de Oliveira Lima, barão de Studart, Washington Luiz Pereira de Sousa e Luiz Gastão d'Escagnolle Doria.

Todos esses pareceres são approvados por unanimidade.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) proclama: socios honorarios do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

os srs. drs. Julio Fernandez, Rivadavia da Cunha Corrêa e Lauro Severiano Muller; elevados a socios honorarios, os antigos socios effectivos drs. Pedro Augusto Carneiro Lessa e Amaro Cavalcanti; elevados a socios honorarios, os antigos correspondentes dr. Manuel de Oliveira Lima e barão de Studart; socios correspondentes, os srs. drs. Washington Luiz Pereira de Sousa e Luiz Gastão d'Escagnolle Doria.

Determina o sr. presidente que o sr. 1.º secretario perpetuo faça as devidas communicações.

Nada mais havendo a tractar, o sr. PRESIDENTE diz que vae levantar a sessão; antes, porém, de o fazer previno os illustres consocios de que a 2.ª sessão ordinaria será, nos termos dos Estatutos, celebrada em a noite de 13 do corrente. Nessa sessão, para a qual pede a maior assistencia possivel, tomará posse, segundo está informado, o novo e distincto consocio honorario sr. dr. Julio Fernandez, digno ministro da Republica Argentina, e fará sua allocução sobre a grande data de 13 de Maio o eminente consocio sr. dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa. Seguir-se-ha, na sala da Directoria, a inauguração dos retratos de s. a. a princeza Isabel, a *Redemptora*, de Joaquim Nabuco e sr. conselheiro João Alfredo, revestindo-se, por isso mesmo, da maior solennidade ambas as ceremonias.

Levanta-se a sessão ás 5 horas da tarde:

Radler de Aquino, servindo de 2.º secretario.

SEGUNDA SESSÃO ORDINARIA, EM 13 DE MAIO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

As 8 horas da noite, na sede social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Perogrino da Silva, Max Fleiss, dr. Benjamin Franklin Romiz Galvão, capitão tenente Francisco Radler de Aquino,

commendador Arthur Guimarães, dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa, cardeal d. Joaquim Arcoverde, barão de Alencar, dr. Amaro Cavalcanti, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, dr. José Americo dos Santos, Eduardo Marques Peixoto, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Pedro Souto Maior, dr. Norival Soares de Freitas, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lamprêa, José Verissimo, dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Carlos Liz Klett, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Alfredo Rocha, Tobias Laureano Figueira de Mello e conde de Leopoldina.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem discussão.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê o seguinte expediente:

Offícios:

« Gabinete do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1912. Ex.^{mo} sr. 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico Geographico Brasileiro. — Accusando recebido o officio de 6 do corrente, em que me comunica ter sido eleito, por suffragio unanime, socio honorario de tão douta corporação, peço transmittir aos illustres membros do Instituto meus cordeaes agradecimentos pela insigne honra, com que fui distinguido. Subscrevo-me com apreço — *Rivadavia Corrêa.* » — Inteirado.

— « Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1912. Ex.^{mo} sr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Tenho a honra de accusar a sua communicação de que, por suffragio unanime dessa honrosa corporação, fui elevado á classe de seus socios honorarios na sessão especial de 4 do corrente mez; e inteirado do que me comunica, cumpro o gratissimo dever de manifestar a v. ex.^a e aos demais membros do Instituto o meu sincero reconhecimento por tão elevada honra, que, bem sei, devo á generosidade dos consocios e não ao meu proprio merito e serviços. Creia-me sempre com a maior consideração e apreço. — *Amaro Cavalcanti.* » — Inteirado.

— « Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1912. — Ex.^{mo} sr. presidente e membros do Instituto Historico Geographico Brasileiro. — Tendo recebido o officio de 6 de Maio do corrente anno, em que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por intermedio do seu secretario perpetuo, me comunica ter-me conferido a honra de me elevar da classe dos socios effectivos á dos honorarios, venho muito penhorado, agradecer a v.^{as} ex.^{as} a bondade que tiveram para commigo, outorgando-me tão grande e inmerecida distincção, e prometter o que em mim cabe, que é sempre cumprir as ordens do Instituto e exforçar-me, posto que inefficazmente, pelo progresso de tão util e patriótica associação. Queiram v.^{as} ex.^{as} aceitar os protestos de minha profunda consideração. — O socio honorario, *Pedro Lessa*. » — Inteirado.

— « S. Paulo, 11 de Maio de 1912 — Ex.^{mo} sr. dr. Max Fleuss, dignissimo secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Tenho a satisfação de accusar o recebimento do officio, em que v. ex.^a me comunica que em sessão especial realizada a 4 do corrente o Instituto Historico e Geographico Brasileiro me concedeu a honra de me admittir no seu seio como socio correspondente. Avallando bem a insigne honra, affirmo a v. ex.^a que me exforgatei para della tornar-me digno. Queira v. ex.^a aceitar a expressão de minha profunda gratidão e de a tornar conhecida dos sabios e patriotas, que compõem a digna associação. Aproveito a oportunidade para apresentar a v.^a ex.^a os protestos de minha alta consideração e estima. — *Washington Luiz Pereira de Sousa*. » — Inteirado.

Telegrammas :

« Rio, 13 — Peço a v. ex.^a fazer constar da acta que deixo de comparecer á sessão por incommodo de saúde. Saudações. — *Indio do Brasil*. » — Inteirado.

« Petropolis, 12 — Penhorada agradeço o amavel telegramma de v. ex.^a Caso me seja impossivel descer, meu filho irá por mim. — *Ecelina Nabuco*. » — Inteirado.

« Recife, 9 — A Camara dos Deputados, por proposta do deputado dr. Arthur Muniz, manifesta seus agradecimentos em nome do povo pernambucano pela collocação do retrato do notavel patricio Joaquim Nabuco na galeria de honra dessa associa-

ção illustre. — *Alexandrinô da Rocha*, presidente. — *Arthur Muniz*, 1.º secretario. — *Pedro Velho*, 2.º secretario. » — Inteiro.

« Rio, 13 — Apresento a v. ex.ª na memoravel data de hoje minhas excusas por não poder comparecer á sessão solenne dessa respeitavel instituição em boa hora confiada á reconhecida illustração e patriotismo de v. ex.ª Saudações cordiaes. — Coronel *Alexandre Barreto*. » — Inteiro.

« Rio, 13 — Penhorado com o honroso convite, felicito ao eminente amigo pelo brilho, que vas dando á direcção do Instituto, em boa hora entregue a seu talento e patriotismo — *Aloysio de Castro*. » — Inteiro.

O mesmo sr. SECRETARIO lê os seguintes pareceres da commissão de admissão de socios, os quaes, nos termos dos Estatutos, ficam para ser votados na proxima sessão :

« A commissão de admissão de socios julga que a proposta do nome do sr. desembargador João da Costa Lima Drummond para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro está nas condições de ser acceita, por preencher as exigencias dos nossos Estatutos. O sr. desembargador Lima Drummond tem uma reputação feita como laborioso cultor das lettras e da Historia patria, como bem accentuou a commissão de Historia de nosso Instituto ; e este terá no novo socio um collaborador esforçado para os fias a que se propõe.

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1912. — *Antonio Olyntho*, relator. — *Barão de Alencar*. — *A. C. Gomes. Pereira*. »

— « A commissão de admissão de socios reconhece no sr. major dr. Liberato Bittencourt todos os predicados, que o recommendam á geral consideração de que gosa. Assim, é de parecer que a proposta que o indicou para socio correspondente deve ser approvada pelo Instituto.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1912. — *Miguel J. E. de Carvalho*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Barão de Alencar*. »

— « A commissão de admissão de socios examinou a proposta apresentada ao Instituto para ser admittido como socio correspondente o dr. Afranio de Mello Franco, e é de parecer que esta proposta está perfeitamente nas condições de ser ac-

celta, por isso que ao dr. Mello Franco sobram títulos não só para vir collaborar connosco, como também ao posso reconhecimento, pelo muito que se esforçou no Congresso em beneficio deste Instituto.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1912. — A. C. Gomes Pereira, relator. — Antonio Olyntho. — Barão de Alencar. »

— « A commissão de admissão de socios nada tem a oppor á eleição do sr. dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, na classe dos correspondentes. Pensa, pois, que a proposta que apresentou póde ser approvada pelo Instituto.

Rio de Janeiro, 11 de Maio de 1912. — A. C. Gomes Pereira, relator. — Antonio Olyntho. — Barão de Alencar. »

O mesmo sr. 1.º SECRETARIO PERPETUO lê o parecer abaixo :

— « A' commissão de Geographia, em sessão de 23 de Abril do corrente anno, foi apresentada a proposta relativa ao sr. Francisco Agenor de Noronha Santos para socio effectivo ou correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, servindo de base, além de muitos outros, o seu trabalho *Chorographia do Districto Federal (Cidade do Rio de Janeiro)*. Um simples exame deste interessante quão util trabalho, revelando quanto o seu operoso auctor se tem dedicado ao estudo da nossa Geographia e da nossa Historia, especialmente do Districto Federal, si não fosse por de mais conhecida e apreciada a sua variada collaboração no *Kosmos*, *Renascença*, *Brasil Moderno*, *Brasil Revista*, *O Mez*, *Jornal do Brasil*, *O Paiz*, *Gazeta de Noticias*, *Jornal do Commercio*, *Diario do Commercio* e outros jornaes do Rio de Janeiro, Pernambuco e Minas Geraes. A approvação e adopção da sua *Chorographia* pelo Conselho Superior de Instrução é prova evidente do valor desta obra e da competencia do seu auctor.

« A commissão de Geographia está certa de que a admissão do sr. Noronha Santos como socio correspondente ou effectivo representará uma esplendida aquisição para o Instituto.

Sala das commissões, 10 de Maio de 1912. — Radler de Aquino, relator. — A. C. Gomes Pereira. — Norival Soares de Freitas. »

Approvado unanimemente.

Vae á Commissão de admissão de socios, relator o sr. barão de Alencar.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) communica que se acha na sala da directoria o novo socio honorario sr. dr. Julio Fernandez, muito digno ministro da Republica Argentina, o qual vem tomar posse; pede ao sr. Presidente nomeie uma commissão para introduzi-lo no recinto.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) nomeia para essa commissão os srs. 1.º e 2.º secretarios e thesoureiro.

Dá entrada no recinto o sr. dr. Julio Fernandez.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) dirige-lhe a seguinte allocução.

«Sr. dr. Julio Fernandez — A satisfação produzida no Instituto pelo vosso ingresso vae breve exprimi-la, em termos condignos, o nosso proecto orador. Importa, porém, assignalar, desde já, uma circumstancia: é a de que entráis para o nosso gremio num dia de festa cívica, uma das nossas mais bellas festas cívicas, e cuja relevancia dentro em pouco tambem a accentuará uma voz prestigiosa.

«Ha 24 annos, por occasião do acontecimento determinante de tal festa, desfilou imponente em Buenos Aires, acclamando o Brasil, enorme prestito popular, chefiado por dous preclaros ex-presidentes da Republica — Mitre e Sarmiento. Apraz, sem dúvida, a todos nós recorda-lo, no instante em que esta nossa antiga associação, tabernaculo das tradições nacionaes, acolhe jubilosa, em seu seio, outro eminente Argentino, digno representante de sua nobre Patria.

«Ambas as nações commungam nos mesmos ideaes de liberdade e justiça; ermanaa-as, em muitas outras cousas, indissolúvel solidariedade.

«Conquistastes, sr. dr. Julio Fernandez, a estima, o apreço, a confiança dos Brasileiros, porque soubestes praticar entre nós a diplomacia, que o Brasil ama e costuma praticar: a diplomacia da lisura e da lealdade, a diplomacia do coração.

«Tendes a palavra, novo consocio, prezadissimo amigo.»
(*Palmas*).

O SR. DR. JULIO FERNANDEZ pronunciou então o seguinte discurso:

«Pasé por vos primera los umbrales de esta casa histórica, guiado por el baron de Rio-Branco, cuya memoria en ella, así como en el corazón de los que fuimos sus amigos, será imperecedora.

«Aquella noche, despojado, al parecer, de mas serias preocupaciones, hacia gala el barón de sus gustos de erudito admirador de los hombres y de las cosas que fueron, y dando rienda á su espíritu de fino mundano, atico y bondadoso al mismo tiempo, iba señalando á mi atención los tesoros de saber y de experiencia, los mil recuerdos caros al Brasil, que encierran estos severos salones del Instituto.

«Cuando, despues de esa revista através del pasado, llegamos á este lugar en que ahora nos encontramos, la sugestión de los recuerdos se habia apoderado por completo de mi espíritu. Sentíame embargado por respetuosa emoción, en medio de aquellos varones ejemplares que habian tenido asiento merecido en esta sala y cuyos nobles esfuerzos en pro de la verdad, de la ciencia y del bienestar de sus conciudadanos, acababa el barón de hacer desfilar ante mis ojos, en instructivo y encantador caleidoscopio.

«Veíalos reproducidos y vivos, en mi ilustre guía y en los venerandos ancianos marqués de Paranaguá y barón Homem de Mello; en el noble visconde de Ouro Preto; en el infatigable benedictino Vieira Fazenda; en el tribuno y poeta conde Affonso Celso y en tantos, cuyos nombres creo escusado declinar, pues mejor que yo los conoceis vosotros.

«Y en aquel instante, me fue fácil comprender el real valor del Instituto Histórico y Geográfico Brasileiro y los inegables servicios que tiene prestado al Brasil.

«El Instituto ha congregado en su seno durante casi tres generaciones, ofreciendoles un ambiente elevado y propicio á sus diversas aspiraciones y labores, á todos los próceres y hombres ilustres del Brasil y á muchos del extranjero.

«Sus anales, en lo que se refiere á la Historia y á la Geografía del Brasil, son al presente el mejor y mas completo archivo,

á que los estudiosos pueden recurrir y contienen además numerosas obras preciadísimas, sobre todos los ramos del saber humano y realmente útiles para la civilización y el progreso del Continente. Fueron pues proféticas las palabras de loor dirigidas á los iniciadores Cunha Mattos y Cunha Barbosa, en el acta de la asamblea que acordó la creación del Instituto «del cual grandes ventajas deberán esperarse en provecho de la patria y para la gloria de sus miembros.

«Muy lejos estava yo de sospechar que la gentil benevolencia del Instituto pudiera un día concederme, graciosamente, tan honrosa y tan ambicionada distinción; pues, sin falsa modestia, confiso que me siento destituido de méritos personales para merecerla por mis letras, por mi ciencia, ó por mis artes.

«La acepto sin embargo, como la mas alta y valiosa presea que llevo de mi permanencia entre vosotros.

«La acepto como prueba de que reconocéis sincera mi amistad, y de que participáis de creencias en mí arraigadas y que recientes sucesos han demostrado ser patrimonio no solo de los hombres dirigentes, si que tambien de las masas de ambos pueblos, — esclarecidas en el caso por ese sentido comun de todo el mundo — siempre avisado y en lo cierto.

«Y cuando llegado á mi país enseñe á mis amigos y conciudadanos el título de consocio que me habéis acordado y les relate las causas á que fue debido, el será la demostración palmaria e indubitable de que — aquí como allí — en el sentimiento y en la mente de los hombres mas esclarecidos y representativos, tienen hondos raíces los ideales de concordia y confraternidad, que han de permitir que la Argentina y el Brasil, aunando confíada y sinceramente sus esfuerzos, laboren en comun por su progreso, y con el ejemplo por la paz y la civilización del Continente y por el bienestar de los hombres de trabajo y buena voluntad que arriben á sus playas.

«La inagotable gentileza de la directoria me ha proporcionado la oportunidad de incorporar me al Instituto en la grata compañía de brillantes y conspícuos consocios; y como si esto no fuera bastante en un día memorable para la humanidad, día en que el pueblo brasileño subo mostrar todo el caudal de

desinterés y do justicia que constituyen la base de su caracter.

« Al noble pueblo amigo tributo mi loor sincero y entusiasta.

« A la Directoria mis agradecimientos; por que esta fecha será para mi por siempre inolvidable. » (*Palmas.*)

Seguiu-se com a palavra o sr. dr. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO (*orador do Instituto*), que pronunciou o seguinte discurso :

« Sr. dr. Julio Fernandez — Orgão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tenho por gratissima tarefa o dever de saudar-vos por occasião da vossa entrada na nossa tenda do trabalho, onde vos vindes sentar, dando-nos muita honra e júbilo sem par.

« Para quem, como eu, tem tambem nas veias uma parcella do nobre sangue argentino, esta missõ é duplamente grata; como Brasileiro tenho o prazer de saudar-vos em nome de minha Patria, e como descendente dos Ramirez e Esquiros abraço um illustre compatriota de meus avós.

« Sr. dr. Julio Fernandez. Campeiam deste lado do Atlantico, hafejadas pelas mesmas auras, duas nações amigas, oriundas do mesmo sangue latino, das quaes disse o vosso preclaro presidente Saenz Peña aquella bella phrase inspirada: « Tudo nos liga, nada nos separa ».

« De facto assim é. Pouco depois de Cabral aportar ás nossas plagas, Dias Solis perlustrou as aguas do vosso bello estuario do Prata. Por tres seculos vivemos ambos sob o dominio de sceptros europeus, desbravando esta gloriosa terra americana, á qual certo a Providencia destina esplendido futuro.

« Ao despontar do seculo XIX, cansados do jugo extranho e conscios da propria força, levantámos ambos o labaro da independencia: o povo argentino, declarando-a solememente a 9 de Julho de 1816, no Congresso de Tucuman; o Brasil seis annos mais tarde, a 7 de Setembro de 1822, á beira do Ipiranga, pela voz do proprio principe d. Pedro, cuja alma fogosa accendiu aos reclamos de um grupo de immortaes patriotas.

« Senhores, affim, dos nossos destinos rompemos caminho na Historia, luctando com a inexperiencia e com as paixões irrequie-

tas da juventude, mas inflammados de um mesmo sancto amor da liberdade e de uma ancia irreprimivel de progresso : a vossa patria, sr. dr. Julio Fernandez, menos tranquilla talvez do que a nossa no inicio de sua vida autonoma, porque lhe faltou a acção ponderada de um magnanimo Pedro II — typo venerando de honestidade, de desinteresse e de patriotismo ; a nossa, perturbada nos primeiros annos por agitações locais, mas obediente por fim á voz da razão, que nos deu um largo periodo de paz interna devotada ás grandes obras do desenvolvimento material e moral do paiz.

« Neste percurso de quasi um seculo tivemos uma hora solenne de confraternização mais estreita, quando lado a lado, allando energias e sacrificios, tivemos de lutar pela liberdade de um valente povo ermo inuutilmente victimado pela cegueira de um despota. Nesses campos, e batendo aquellas formidaveis fortalezas, o sangue argentino se derramou de mixtura com o sangue brasileiro, geraram unisonas as nossas almas, choraram na mesma hora as nossas mães.

« De então por deante, de 40 annos a esta parte, o voto constante dos nossos govêrnos, o phanal sacrosancto dos nossos mais illustres diplomatas na Monarchia e na Republica foi a consolidação fructuosa da harmonia, e da paz. Para esta obra bendicta e lucida, ambicionada pelos dous povos, ninguém ignora que relevante e extraordinario serviço prestou o immortal Rio-Branco — o grande chancellor — cuja memoria dissestes com toda a razão « será immorredoura nesta casa como no coração dos amigos », e, permitti-me que acrescente, immorredoura tambem nos annaes da Historia Americana.

« Pois bem, Nesta obra de confraternização teve parte o vosso nome, illustrado consocio, como interprete fiel e esclarecido dos sentimentos do govêrno argentino, como conquistador das nossas sympathias pelos vossos altos meritos intellectuaes e moraes. A sociedade brasileira já vos acolhia como dilecto amigo e ermo. O Instituto Historico o Geographico Brasileiro não fez, pois, sinão ratificar o consenso geral, collocando-vos na galeria illuminada pelos nomes de Sarmiento, Bartolomeu Mitre, Julio Roca, Ramón Cárcano e Roque Saenz Peña. Ao lado destes proceres da men-

talidade e da politica argentina, que vivem nos nossos corações fraternos com admiração e affecto, o vosso nome não será jámais esquecido.

« Ides, sr. dr. Julio Fernandez, tornar ao seio da patria, que, certo, vos receberá com jubilo e desvanecida dos optimos serviços diplomaticos aqui prestados. Dizel a vossos dignos compatriotas que na terra brasileira ha uma aspiração e um desejo vehemente: é que os dous povos irmãos cada vez mais se liguem pelos laços de uma sympathia duradoura, á cuja sombra prosperem para maior gloria do continente sul-americano. Dizel-lhes que, na voz cantante dos nossos rios, as aguas ruidosas ou placidas do Paraná e do Uruguay vão sempre levar-lhes applauso pelos seus triumphos ou doces confidencias de amizade sincera. Com taes triumphos nos envidamos; com essa amizade seremos fortes para as incruentas conquistas da civilização.

« Galernos bonançosos vos conduzam, sr. dr. Julio Fernandez, ao seio dessa opulenta capital platina, que é um dos mais bellos flôres da nossa raça.

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, orgulhoso de contar-vos entre seus membros, tambem espera confiadamente que o não exqueçaes. « Tudo nós liga, nada nos separa ! »
(*Palmas.*)

Em seguida o SR. PRESIDENTE dá a palavra ao sr. dr. Pedro Lessa, que proferiu uma allocução sobre a data de *Treze de Maio*, fazendo synthetico estudo da historia da escravidão no Brasil, das leis de repressão do trafico, sobre a intervenção da Inglaterra, e quanto á marcha dos acontecimentos que deram em resultado as leis de 1871, 1885 e 1888, referindo-se aos auctores e propagandistas dos grandes movimentos. (*O orador foi muito applaudido.*)

Após esse discurso o SR. PRESIDENTE, agradecendo a presença do sr. coronel Luiz Barbedo, representante de s. ex.^a o sr. presidente da Republica, e dos demais representantes dos membros do governo, a do sr. general de divisão dr. Antonio Geraldo de Sousa Aguiar, inspector da 9.^a região militar, senhoras e cavalheiros, convidou o auditorio a assistir, na sala da directoria,

à inauguração dos retratos de s. a. a princeza Izabel, a *Redemptora*, de Joaquim Nabuco e do sr. Conselheiro João Alfredo.

Disse mais o SR. PRESIDENTE que a proxima sessão ordinaria se realizará no dia 11 de Junho proximo, fazendo o distincto consocio sr. almirante barão de Teffé um discurso sobre a gloriosa data da nossa marinha de guerra e inaugurando-se depois, na sala da directoria, o retrato desse illustre consocio. Nada mais havendo a tractar, levantou-se a sessão ás 9 1/2 da noite.

Radler de Aquino, servindo do 2.º secretario.

2.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 27 DE MAIO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 3 horas da tarde, presentes os srs. conde de Affonso Celso, Max Fleiuss, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, drs. Julio Fernandez, Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, comendador Tobias Laureano Figueira de Mello, drs. José Americo dos Santos, Norival Soares de Freitas, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior e Eduardo Marques Peixoto, abre-se a sessão.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê a acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) declara ter mandado convocar a presente sessão extraordinaria para o fim de se proceder á votação de quatro pareceres da commissão de admissão de socios, lidos na sessão passada, e para serem tambem lidos outros pareceres.

(*Comparecem mais os srs. drs. Gastão Ruch e Antonio Jansen do Paço. O sr. dr. Gastão Ruch assume, a convite do sr. presidente, o seu logar de 2.º secretario effectivo.*)

O SR. FLEIUS (*1.º secretario perpetuo*) communica a ausencia

do sr. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 1.^o vice-presidente, que por justo motivo deixa de comparecer.

O mesmo sr. 1.^o secretario perpetuo lê o seguinte expediente:

Officio do dr. Flavio Marajo, presidente do Instituto Historico Parahibano, agradecendo a communicação do sr. conde de Affonso Celso de haver assumido a presidencia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — Inteirado.

— Officio do consocio dr. Affonso Arinos de Mello Franco, datado de Paris, no mesmo sentido. — Inteirado.

— Officio do mesmo consocio dr. Affonso Arinos, aceitando a incumbencia de representar o Instituto no Congresso de Americanistas de Londres. — Inteirado, agradeça-se.

— Ex.^{mo} sr. dr. Presidente do Instituto Historico, Entre as victimas da catastrophe do *Titanic* conta-se o notabilissimo homem de letras e jornalista W. T. Stead, director da *Review of Reviews*, uma das mais preciosas da lingua ingleza.

«Tenho alguns numeros truncados de diversos annos da *Review* de Stead, que offereço ao Instituto, em que brillam tantos cultores de sciencias e letras, que não limitam os seus estudos ao que se refere ao Brasil.

«Offereço egualmente o exemplar de um numero do *Cristmas annual* da *Illustrated London News*, onde se lê magnifica biographia do grande Nelson.

«Espero ainda merecer de v. ex.^a e de outros consocios recordações saudosas da amistosa convivencia, com que fui honrado enquanto pude frequentar essa casa.

«Tenho a satisfação de assignar-me. De v. ex.^a collega, obrigado, *Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho* — Rio, 26-5-1912.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) declara que a offerta do sr. dr. Leite Velho é recebida com grande satisfação e reconhecimento, e lamenta que o digno offertante se ache impossibilitado de comparecer assiduamente ás sessões do Instituto, onde conta tantos amigos e apreciadores.

O mesmo sr. 1.^o SECRETARIO lê ainda os seguintes officios:

«Gabinete do Ministro das Relações Exteriores — Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1912. — Ill.^{mo} sr. Max Fleiuss, primeiro se-

cretário perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Muito me penhorou a honra que me conferiu o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, elegendo-me por suffragio unanime seu socio honorario, conforme v. s. teve a benevolencia de me communicar em officio de 6 do corrente. Assegurando a essa benemerita instituição, com os meus mais sinceros agradecimentos, a minha admiração pelos seus grandes serviços ao Brasil e o minguido contingente do meu esforço pessoal no que respeito lhe disser, aproveito a oportunidade para renovar a v. s. os protestos da minha mui distincta consideração. — *Lauro Müller.* » — Inteirado.

— « Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1912.

« Tenho a subida honra de accusar o grato recebimento do officio de v. ex.^a de 6 de Maio corrente, no qual se digna scientificar-me que, por suffragio unanime, em sessão especial de 4 de Maio tambem corrente, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em sua generosa sabedoria, entendeu eleger-me seu socio correspondente.

« Penhoradissimo, agradeço ao Instituto a sua prova de benevolencia. Torna-me um óio da cadeia de trabalhos e de trabalhadores, que recommendam tão illustre e quasi secular companhia á gratidão do Brasil e da Historia patria.

« Envidarei esforços para corresponder ás distincções dispensadas pela bondade do Instituto, associação na qual tiveram assento varios antepassados meus e á qual, no tracto do estudo e na constancia das pesquisas historicas, me habituel a tributar profundo respeito, hoje mesclado de intenso reconhecimento.

« Deus guarde a v. ex.^a — III.^{mo} ex.^{mo} sr. Max Fleiuss, m. d. 1.^o secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *LCIZ GASTÃO D'ESCRAGNOLLE DORIA.* » — Inteirado.

O SR. FLEIUSS (*1.^o secretario perpetuo*) requer que seja incluído, como annexo, na acta da presente sessão o brilhantissimo discurso pronunciado pelo sr. presidente do Instituto no dia 13 de Maio ultimo, quando, na sala da directoria, inaugurou os retratos de sua alteza a princeza Izabel, de Joaquim Nabuco e do sr. conselheiro João Alfredo.

O Instituto, por unanimidade, approva o requerimento do sr. Fleiuss.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) agradece não só a proposta como a bondade do Instituto aceitando-a.

O mesmo sr. secretario lê depois os seguintes pareceres da commissão de Historia :

«O livro do sr. dr. Helio Lobo sobre o *Tribunal Arbitral Brasileiro-Boliviano*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910-1911, in-8.º, de VII—171 pags. num. já foi julgado, pois serviu para admissão do seu auctor como membro effectivo do Instituto de Direito Comparado de Bruxellas, mediante proposta do nosso consocio sr. dr. Manuel de Oliveira Lima. Assim consagrado no estrangeiro pelo lado juridico, basta salientar aqui o methodo rigoroso com que foi concebido e escripto e o auxilio que prestará mais tarde ao historiador, quando tiver de estudar o modo, pela qual foram resolvidas as gravissimas questões decorrentes da posse effectiva do territorio do Acre pelos nossos conterraneos e da sua reacquisição pelo Brasil, em virtude do tractado de Petropolis de 17 de Novembro de 1903, um dos grandes e inestimaveis serviços prestados á patria pelo benemerito e saudoso integrador das suas fronteiras. E' pena que não tivessees empreendido estudo similhante sobre o tribunal arbitral brasileiro-peruano.

« Sob o titulo — *A Diplomacia Imparcial no Rio da Prata*, tem o sr. dr. Helio Lobo publicado seis capitulos, que constituem valiosissima contribuição para um estudo definitivo da historia diplomatica da guerra do Paraguay. São os seguintes :

« I. O Uruguay — A situação interna. As complicações com os vizinhos. (No *Jornal do Commercio* de 20 de Dezembro de 1911).

« II. O Brasil — A situação interior — As relações internacionais — (No *Jornal do Commercio* de 27 de Janeiro de 1912).

« III. A Canara em 1864. A agitação liberal. O impulso para a intervenção no Sul. (Na *Revista Americana* de Janeiro de 1912).

« IV. O Senado — A opinião conservadora. O paiz pela voz da imprensa. (*Jornal do Commercio* de 3 de Março de 1912).

« V. O emissario brasileiro — José Antonio Saraiva. As ins-

tracções do governo imperial. (Na *Revista Americana* de Fevereiro de 1912.)

« VI. Montevideo — A chegada da missão, O Brasil, réo do crime de conquista. (No *Jornal do Commercio* de 6 de Abril de 1912.)

« A intenção do auctor, ao emprehender esse estudo, era examinar a diplomacia imperial no Rio da Prata antes, durante e depois da guerra do Paraguai. E' sua intenção tambem ampliar mais tarde, em volume, esse trabalho, por elle modestamente considerado simples esboço provisório.

« A commissão faz votos para que ambas as promessas sejam cumpridas. O simples esboço provisório, tal como tem sido delineado e exposto, merece ser concluído. A importancia capital do assumpto na nossa Historia nacional reclama e exige o estudo definitivo ampliado em volume. Em todo caso, para que se não perca o que já corre publicado, esparso em quatro numeros do *Jornal do Commercio* e em dous da *Revista Americana*, a commissão propõe ao Instituto que esse estudo seja reproduzido nas paginas da nossa *Revista*, onde figurarão condignamente, ao lado de outras monographias especiaes.

« O Instituto pôde considerar essa proposta da commissão como a affirmação categorica de que o sr. dr. Helio Lobo merece ser acolhido no nosso gremio. E' um apaixonado investigador da Historia nacional, que se tem especializado no estudo da nossa Historia diplomatica, ainda tão pouco conhecida. O relator dá testemunho pessoal das pacientes e minuciosas investigações constantemente emprehendidas pelo recipiendario antes de escrever os seus trabalhos.

« Embora não tenham sido apresentados como titulo de sua admissão no Instituto, convém declarar que o sr. dr. Helio Lobo escreveu ainda mais seis ensaios de Historia diplomatica do continente americano, já publicados esparsamente, agora reunidos em volume, em via de conclusão, já quasi impresso.

« São os seguintes :

- « — *Entre George Canning e James Monroe* (1823).
- *A assembléa do Istmo de Panamá* (1826).
- *A primeira Conferencia de Lima* (1847).

— *A Assembléa de Buenos Aires* (1910).

— *Tentativas de uma codificação* (1826-1912).

— *A America Latina e a Diplomacia do Imperio* (1822-1912).

«Esses ensaios foram publicados no *Jornal do Commercio*, nos numeros de 24 e 30 de Dezembro de 1910; 10 e 13 de Janeiro de 1911; 8 e 9 de Março de 1911; 20 de Abril de 1911; e ainda na *Revista Americana*, nos numeros de Outubro de 1909, Maio de 1910 e Abril de 1911. — Rio de Janeiro, 26 de Maio de 1912.

— *Antonio Jansen do Paço*, relator. — *Viveiros de Castro*. — *Ramiz Galvão*. — *Clovis Bevilacqua*. »

« — P. S. Já estava escripto este parecer, quando verifiquei que no mez corrente, no *Jornal do Commercio* do dia 9, foi publicado mais um capitulo d'A *diplomacia imperial no Rio da Prata*; o que prova que o sr. dr. Helio Lobo continúa a occupar-se do assumpto.

«Eis o titulo do referido capitulo:

«VII. — *Preliminares*. — *O inicio das negociações*. — *Sarai-a deixa de parte as instrucções imperiaes*.

«Sou, finalmente, informado de que outros dous estão promptos, devendo ser publicados dentro em breve.

«*Era ut supra*. — *Antonio Jansen do Paço*, relator. »

Approvado unanimemente, vae á Commissão de admissão de socios, relator o sr. dr. Miguel de Carvalho.

— «O *Inferno Verde*, do dr. Alberto Rangel, não é, meramente, um livro de ficção, em que tenhamos de apreciar, somente, as audacias da concepção, os primores da fôrma, que neste livro são realmente notaveis, e a originalidade com que são traduzidas, em phrases de uma tonalidade própria, as emoções de uma alma de artista deante do um mundo em formação, no qual o homem se sente ainda mesquinho deante das forças formidaveis da natureza, que o apertam no circulo de suas exigencias e o esmagam sob o pézo de sua grandeza.

«Artista é, sem duvida, Alberto Rangel, mas, no *Inferno Verde*, a sua arte é filha da observação, os seus quadros são pinturas da natureza amazonense, e o entrecho das suas narrativas, com o jogo dos paixões, os torvos soffrimentos, as mágoas que

abatem os animos e mudam a feição da vida, é a representação das scenas reaes, que o auctor viu desdobrar-se, deante de seus olhos, numa sociedade incipiente, que vae avançando na conquista das terras, num combate asperissimo, em que tombam os corpos e succumbem os sentimentos da benevolencia, deixando, em desagradavel nudez, o egoismo implacavel.

« A Historia não é, simplesmente, a exposição dos acontecimentos politicos, feita abstracção do meio physico e do estado de cultura dos espiritos. Como observação dos phenomenos sociaes, ella tem que attender a todas as condições, que os tornam possiveis, e aos elementos de que se compõem. E quem estudar a Historia do Brasil e, em particular, a Historia regional da Amazonia, neste periodo de desbravamento do solo, para bem comprehender a transformação social das mattas amazonenses, pelo heroismo obscuro do seringueiro, remontando o curso sinuoso e incerto dos rios, ha de encontrar, nesses desenhos vigorosos de Alberto Rangel, um subsidio inestimavel.

« As qualidades superiores de observação dos phenomenos sociaes, que o dr. Alberto Rangel revelou nesse livro commovedor, que tituló de *Inferno Verde*, hão de lhe assignalar um logar distincto entre os historiadores patrios, e o Instituto muito lucrará abrindo as suas portas a tão emerito patricio.

Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1912. — *Clovis Bevilacqua*, relator. — *Vieiros de Castro*. — *Antonio Jansen do Paço*. — *Dr. Ramiz Galvão*. »

Approvado unanimemente, vae á commissão de admissão de socios, relator o sr. dr. Antonio Olyntho.

— « Ex.^{mas} srs. presidente e membros do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — A commissão incumbida de examinar a proposta da eleição do desembargador Ataulfo Napoles de Paiva para socio effectivo, ou correspondente do Instituto, vem apresentar o seu parecer.

« Junctamente com a proposta foram enviados á Commissão varios trabalhos do desembargador Ataulfo sobre a Assistencia Publica, trabalhos que tanto hão destacado o auctor como incansavel paladino do moderno conceito da organização juridica da assistencia pelo Estado, ou, o que é expressão equivalente, da

assistencia considerada como uma obrigação correspondente a um direito do individuo. Em meio da renhida lucta, sustentada pelos propugnadores da Idéa, com os individualistas philanthropos, que negam o direito de assistencia, por limitarem a acção do Estado á manutenção da ordem jurídica e á defesa da sociedade de quaesquer aggressões externas, e pelo temor ás consequências perigosas que descobrem no reconhecimento desse direito, constantes perturbações da ordem, conflictos e revoluções, e com os darwinistas, que tudo esperam da lucta pela vida como meio de produzir a selecção dos melhores typos da especie humana, não convido a assistencia, que faz baixar o nível das sociedades, sob o aspecto physico, pela conservação artificial dos seus membros mais fracos, e sob o aspecto moral, pela conservação artificial dos seus membros menos aptos para cuidar de si proprios, o desembargador Ataúlfo de Paiva defende a causa da sciencia e do bem, pejeja exforçadamente o bom combate, e no nosso paiz é um generoso iniciador de um grande movimento social, já adeantado em outras nações civilizadas.

« Esse é o seu merito, além do de illustrado cultor do Direito, e não é pequeno. E, como o Instituto tem suas portas abertas a todos os Brasileiros illustres, que trabalham pelo engrandecimento da Patria, á commissão só é dado applaudir a proposta do desembargador Ataúlfo Napoleão de Paiva para membro do Instituto.

Saia das commissões, 17 de Maio de 1902. — *Pedro Lessa*, relator. — *Dr. B. F. Ramiz Galvão*. — *Clovis Bevilacqua*. »

Approvado unanimemente, vae á commissão de admissão de socios, relator o sr. barão de Alencar.

Lê ainda o mesmo sr. secretario o seguinte parecer da commissão de admissão de socios :

« A commissão de admissão de socios examinou a proposta relativa ao sr. Francisco Agenor de Noronha Santos e só tem motivos para applaudir-la. O sr. Noronha Santos é um conhecido estudioso das cousas historicas, tendo publicado trabalhos que muito o recommendam ; é além disso zeloso funcionario publico e digno em tudo da entrada para o Instituto.

Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1912. — *Barão de Alencar*, relator. — *Antonio Olyntho* — *Miguel J. R. de Carvalho*. »

Fica, nos termos dos Estatutos, para ser votado na primeira sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, estando concluída a leitura do expediente e dos pareceres vae-se proceder á votação dos pareceres da commissão de admissão de socios, que ficaram sobre a mesa da ultima sessão e relativos aos srs. desembargador João da Costa Lima Drummond, dr. Afranio de Mello Franco, major dr. Liberato Bittencourt e dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho.

Corrido o escrutínio secreto, foram todos esses pareceres approvados por unanimidade e, acto continuo, o sr. presidente proclamou: socio effectivo do Instituto, o sr. desembargador dr. João da Costa Lima Drummond; socios correspondentes, os srs. dr. Afranio de Mello Franco, major dr. Liberato Bittencourt e dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) pede a nomeação de uma commissão para representar o Instituto no embarque do illustre consocio honorario dr. Julio Fernandez, digno ministro da Republica Argentina.

O SR. DR. JULIO FERNANDEZ agradece muito desvanecido esta nova prova de consideração do Instituto, mas pede que não a levem a effeito, por isso que os dignos consocios são homens muito atarefados e poderiam soffrer qualquer constrangimento com essa incumbencia.

O SR. PRESIDENTE põe a votos a proposta do sr. Fleiuss, que é unanimemente approvada, e, acto continuo, nomeia para representarem o Instituto no embarque do dr. Julio Fernandez, os srs. Max Fleiuss, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro e capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira.

Nada mais havendo a tractar, o sr. presidente suspende a sessão, prevenindo os dignos consocios de que a proxima sessão se realizará a 11 de Junho, ás 7,30 horas da noite precisamente, usando da palavra o eminente consocio o sr. almirante barão de Teffé, unico commandante sobrevivente dos que tomaram parte na gloriosa jornada de 11 de Junho de 1865, e que com tanto

lustre pertence ao Instituto, como socio effectivo, desde 27 de Outubro de 1882.

Levanta-se a sessão ás 4,30 da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

ANNEXO

ISABEL A REDEMPTORA, JOAQUIM NABUCO E JOÃO ALFREDO

(Discurso do conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 15 de Maio, por occasito de se inaugurarem, na sala da directoria do mesmo Instituto, os retratos destes eminentes personagens da abolição)

Eminentissimo sr. cardeal arcebispo, dignissimos representantes da auctoridade, ex.^{mas} senhoras e senhores :

Da guerra hollandeza, sustentada pela perseverança e pelo heroísmo do Brasil colonial, desajudado da metropole, contra o poderoso neerlandez invasor, disse um notavel espirito : « Não ha exemplo, nos archivos da lembrança humana, de outra luta travada em analogas condições e com similhante felicidade conseguida. Essa luta por si só nobilitaria a historia de um povo. »

Mercê de Deus, não é a luta hollandeza a unica que ennobrece os nossos annos.

A campanha abolicionista, por exemplo, bem pôde ser comparada á Iliade pernambucana.

Na realidade, durou mais tempo do que esta: apresentou difficuldades, crises, perigos equivalentes aos da primeira; acirrou igualmente intensas paixões e feriu valiosos interesses; teve tambem combates renhidos, feitos legendarios, vultos grandiosos, credores de perenne gratidão nacional.

As quatro bellas conquistas de 1831, abolição do tráfico; 1871, emancipação dos filhos da mulher escrava; 1835, libertação dos captivos sexagenários, e 1888, declaração de que extinta se achava a escravidão no Brasil correspondem a victórias como as de Tejuco-papo, Casa Forte, Tabocas, ou a repulsa do assalto á Bahia, commandado pelo proprio insigne principe Mauricio de Nassau.

Entre os heroes da guerra hollanheza, a Vidal de Negreiros, galhardo, valoroso, altivo, póde-se contrapôr, na campanha abolicionista, o vulto apollíneo de Joaquim Nabuco; ao intrepido negro Henrique Dias, José Patrocínio; a d. Clara Camarão, que batallava ao lado do intemerato esposo, ou a d. Maria de Sousa, que, já havendo perdido em combate dous filhos e um genro, ao saber caído tambem aos golpes do inimigo um terceiro filho, chamou os dous restantes, um de 14, outro de 13 annos, entregou-lhes armas, depois de annunciar-lhes a morte do ermão, e os mandou pelejar, — Isabel a Redemptora, para quem pesou mais o direito de uma raça opprimida do que a posse do throno; ao inclyto Mathias de Albuquerque, o visconde do Rio-Branco; e, finalmente, a Barreto de Meneses, o commandante das nossas tropas nas duas decisivas acções de Guararapes, o conselheiro João Alfredo, que triumphalmente dirigiu as forças abolicionistas em ambas as peremptorias consagrações legais de 1871 e 1888.

Na lembrança e na gratidão do paiz rutilam os serviços e beneficios de Isabel a Redemptora, Joaquim Nabuco e João Alfredo, cuja estatua ideal já foi fandida com os grilhões partidos de tres milhões de escravos.

De Joaquim Nabuco resoam ainda nesta casa as vibrações da voz tribunicia e prophetica.

Delle, como de Rio-Branco, licito é asseverar-se: não morreu; deixou apenas de ser mortal!

No tocante de Isabel a Redemptora, nenhum Brasileiro de consciencia e coração, sejam quaes forem as suas opiniões politicas, ousará desconhecer que sua alteza é uma das mais eminentes mulheres ainda nascidas no Brasil e na America, uma das mais bellas e puras individualidades da Historia contemporanea.

Sempre, e em tudo, digna de sua mãe e do seu magnanimo pae, bem como do augusto esposo, o abnegado commandante em chefe de nossas forças, durante a parte talvez mais ardua da guerra contra Lopez, tres vezes occupou a então joven princeza o posto supremo na administração do imperio, em 1871, 1876 e 1887, sendo que na primeira vez contava sómente 25 annos de idade.

Notabilizaram-se esses tres periodos regenciaes por actos relevantissimos, reveladores, por parte da princeza, de um descortino, uma iniciativa, uma enorgia, um patriotismo verdadeiramente admiraveis.

Ahi estão como documentos irrefutaveis de tudo isto as nossas collecções de leis.

Bastavam as duas reformas de 1871 e 1888 para aureolar de imperecivel gloria a promulgadora e efficaç promotora de ambas, conferindo-lhe logar de destaque entre as figuras dominadoras, não já dos fastos brasileiros, porém dos universaes.

Com a sr.^a d. Isabel serviram, no character de ministros, sumidades como Caxias, Cotegipe, visconde do Rio-Branco, Belisario, Antonio Prado, Ferreira Vianna, Thomaz Coelho, todos os quaes attestaram as altas virtudes civicas e domesticas daquella, a quem Leão XIII distinguia com a *Rosa de Ouro* e a Republica Franceza tributou excepcionaes homenagens, por occasião da morte de s. m. o sr. d. Pedro II.

O estadista, porém, que por mais tempo e mais efficaçmente collaborou com a Redemptora, o que tambem durante o imperio maior numero de annos exerceu o cargo de ministro de Estado, ficando apenas, sob a Republica, a quem do barão do Rio-Branco, foi o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, em cuja larga e fecunda gestão dos negocios publicos se registam, além das laureis evolucionistas, memoraveis medidas e melhoramentos, quaes, por exemplo, criação da Repartição de Estatística, fundação de numerosas escolas primarias, reforma do ensino secundario e superior, primeiro recenseamento regular da população do paiz, inicio da remodelação e embelezamento da nossa capital.

Deputado, ministro, presidente de provincia, director da Faculdade do Recife, senador, conselheiro de Estado, presidente do conselho, constantemente, em qualquer posto e occasião, re-

velou-se s. ex.^a um honesto, diligente, um inspirado semeador do progresso e do bem.

E' hoje o venerando superstite dessa geração de pro-homens, que tanto exalçaram o Brasil, no interior e no exterior, alcançando-se para a moeda e para o renome cotação acima do par.

Ao citar a trindade magnifica — Isabel a Redemptora, Joaquim Nabuco e João Alfredo, occorre-me a lembrança das tres formosas estrellas que junctas, no centro da magestosa constellação do Orion, formando o intitulado — Talabarte ou Broquel de Orion, — tanta vez, em mares revoltos, norteiam o nauta para a segurança e o repouso.

Elles, pelos seus exemplos, em agitadas crises, actuaram, de modo analogamente luminoso e orientador, sobre a alma nacional.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro cumpre, pois, um dever de justiça e corresponde aos intuitos do seu programma collocando nesta sala, que representa o seu modestissimo Pantheon, as imagens dessas tres glorias do Brasil.

No Pantheon da cidade luz, lê-se o célebre disticho: « Aos grandes homens a Patria reconhecida ».

Em nossa galeria, vae figurar uma grande mulher.

A despeito da sua exiguidade e singeleza, dessa galeria é lícito asseverar-se:

Eis aqui a effigie de alguns benfeitores da Humanidade, — que o são, de certo, entre outros vultos, Isabel a Redemptora, Joaquim Nabuco e João Alfredo, perante cujas effigies nos curvamos e curvaremos todos, com sympathia carinhosa, patriótico orgulho, reconhecimento, veneração. (*Colorosos applausos*).

Tenho a honra de convidar a ex.^{ma} esposa do sr. ministro argentino e o digno representante do ex.^{mo} sr. marechal presidente da Republica a desvendarem os retratos. (*Novos e prolongados applausos*).

3.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 6 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

Às 3 1/2 da tarde, na sede social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleuss, Gastão Ruch, comandante Francisco Radler de Aquino, drs. Norival Soares de Freitas, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior, José Americo dos Santos e commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.

O SR. FLEUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é, sem debate, approvada.

O mesmo sr. secretario lê o expediente, que consta de uma offerta, do consocio coronel Raimundo Ciriaco Alves da Cunha, de uma lithographia representando a cidade do Pará em 1881.

Chama depois o sr. secretario a attenção do Instituto para a *Noticia Documental* apresentada à Academia das Sciencias de Lisboa pelo consocio Victor Ribeiro, commissario geral do Instituto em Portugal, sobre «*A fundadora da Igreja do Collegio de Santo Anhão (da Companhia de Jesus) e a sua sepultura.*» Nesse trabalho o auctor, um dos mais cultos espiritos do Portugal moderno, refere-se á missão desempenhada em Lisboa no anno de 1907 pelo então auxillar da secretaria do Instituto, hoje prezado consocio, dr. Norival Soares de Freitas, transcrevendo o sr. Ribeiro a lista dos documentos do Cartorio dos Jesuitas, existentes no Archivo Nacional da Torre do Tombo, referentes a Mem de Sá e sua herança, lista incluída no relatório do dr. Norival e que se lê na parte 2.ª do tomo LXX da *Revista do Instituto*.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que o Instituto muito agradece as offertas, accentuando que a referencia ao nome do dr. Norival Soares de Freitas é tambem sobremodo lisonjeira ao Instituto.

O mesmo sr. presidente diz que mandou convocar a presente sessão extraordinaria para o fim de se proceder á votação do parecer da commissão de admissão de socios, lido na ultima sessão e bem assim para se tomar conhecimento de outros pareceres.

O sr. GASTÃO RUCH (2.º secretario) lê o seguinte parecer da Comissão de Historia, o qual é unanimemente approved e remettido á Comissão de admissão de socios, sendo relator o sr. dr. Manuel Cicero :

« Deseja pertencer ao gremio do nosso Instituto Historico o sr. Antonio Gomes do Carmo.

« Apresenta o candidato como titulo de admissão o seu interessante trabalho — *O Problema Nacional da Produção do Trigo no Brasil*, verdadeira monographia de 324 paginas completa sôbre o assumpto, e na qual occorrem além de retratos várias illustrações, mappas e quadros estatísticos.

« Tal trabalho por sua oportunidade merece com razão elogios de quantos se interessem pelo progresso da lavoura e das Industrias do Brasil.

« Formado em Agronomia, antigo agricultor e hoje funcionario de alta categoria no Ministerio da agricultura, o sr. Carmo tem firmado a sua competencia, dando á imprensa muitas outras memorias de aturado estudo e observação, recommendaveis pelo cunho práctico por que são estudados varios problemas relativos ás diferentes zonas deste vasto e uberrimo paiz.

« Da monographia apresentada á commissão infra inscripta, destaca-se minuciosa parte historica sôbre o trigo do Brasil, sua cultura, florescimento e decadencia.

« Baseado em documentos, uns impressos e outros ineditos, o sr. Carmo mostra grande erudição e muito gosto pelos estudos da Historia, principal objectivo de nossas locubrações.

« Bastaria essa primeira parte para que o auctor da *Produção Nacional do Trigo* pndesse, com justo direito, vir fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Na segunda parte da sua memoria estuda o sr. Carmo a questão de saber porque a cultura do trigo, florescente nos tempos coloniaes, maxime no Rio Grande do Sul, caiu em plena decadencia de 1811 em deante.

« Será possivel dar-lhe novo incremento, fazê-la renovar com proveito e utilidade ?

« Sim, responde o sr. Carmo. Basta debellar o mal chamado a *ferrugem*. Para tão proficuo commettimento estuda o sr. Carmo

as qualidades dos terrenos aptos para o plantio da util e preciosa graminea, bem como os meios possiveis de debellar aquelle mal, quando venha a apparecer. De tudo conclue a commissão: o candidato, além do seu espirito de combatividade patriótica, é oporoso cooperador de nosso progresso.

« Está, pois, o sr. Carmo no caso de ser bem recebido no meio de nossos confrades, em cujas fileiras mostrará dedicação e empregará proveitosos esforços em prol do Instituto Historico.

Rio, 28 de Novembro de 1911. — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho*, relator. — *Ramiz Galvão*. — *A. Jansen do Paço*. »

O mesmo sr. 2.º secretario lê os seguintes pareceres da Commissão de admissão de socios :

— « A Commissão de admissão de socios examinou a proposta relativa ao sr. dr. Helio Lobo, sobre a qual a digna commissão de Historia emittiu brilhante parecer, já approved pelo Instituto. Nos termos do art. 39 dos Estatutos cabe á commissão de admissão de socios syndicar da individualidade do candidato, de suas condições de idoneidade e conveniencia de sua admissão. Ora, o sr. dr. Helio Lobo, funcionario superior do Ministerio das Relações Exteriores, reúne vantajosamente todos os predicados necessarios para fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e, por isso, a commissão manifesta o seu juizo, opinando pela approvação da referida proposta. — Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1912. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*, relator. — *Antonio Olyntho* — *A. C. Gomes Pereira*. »

Fica para ser votada na primeira sessão.

— « Pensa a Commissão de admissão de socios que o sr. dr. Alberto Rangel póde muito justamente ser admittido como membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

« Tracta-se de um engenheiro distincto, auctor de varios trabalhos da sua profissão e de outros de character litterario e historico, um dos quaes a Commissão de Historia julgou digno de applausos.

« Chamando ao seu gremio o sr. dr. Alberto Rangel, o Instituto adquirirá mais um dedicado trabalhador das nobres tarefas que lhe constituem o escopo.

Rio de Janeiro, 1 de Junho de 1912. — *Antonio Olyntho*, relator. — *Manuel Cicero*. — *Miguel J. R. de Carvalho*. »

Fica para ser votado na primeira sessão.

— « A Comissão de admissão de socios entende que deve ser approvada a proposta que indica o sr. desembargador Ataulfo Napoles de Paiva para socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. O sr. desembargador Ataulfo de Paiva é o presidente da Côte de Appellação, o mais elevado posto na magistratura local, e goza merecidamente de geraes sympathias. A commissão está certa de que ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. desembargador Ataulfo prestará os melhores serviços.

Rio, 1 de Junho de 1912. — *Barão de Alencar*, relator. — *Antonio Olyntho*. — *Miguel J. R. de Carvalho*.

Fica para ser votado na primeira sessão.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, estando concluido o expediente e a leitura dos pareceres, vaç mandar proceder á votação do parecer da commissão de admissão de socios relativo ao sr. Francisco Agenor de Noronha Santos e lido na ultima sessão.

Corrido o escrutino secreto, é o parecer approvado por unanimidade de votos e o sr. presidente proclama, á vista disso, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o sr. Francisco Agenor de Noronha Santos.

O mesmo sr. presidente diz que o Instituto recebeu no dia 4 do corrente a honrosa visita do sr. dr. Rívadavia Corrêa, ministro da Justiça, que tudo examinou com o maior interesse, prometendo coadjuvar, no que fôr possível, a construcção do novo edificio social. S. ex.^a declarou tambem que breve tomará posse de sua cadeira de socio honorario do Instituto.

O SR. FLEIUS (1.^o *secretario perpetuo*) communica que a commissão nomeada pelo sr. presidente do Instituto, e composta dos srs. dr. Manuel Cicero, 1.^o vice-presidente interino, dos socios effectivos dr. Pedro Souto Maior e capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, do bibliothecario dr. José Vieira Fazenda e delle secretario perpetuo, para convidar o ex.^{mo} sr. marechal presidente da Republica para as sessões dos dias 11 e 16 do cor-

rente, cumpriu o seu grato dever, tendo sido cavalheirosamente acolhida pelo sr. presidente da Republica, que prometteram comparecer.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo diz que, como o Instituto sabe, na proxima sessão do dia 11 de Junho tomará posse o novo e illustre socio effectivo sr. desembargador João da Costa Lima Drummond, usando tambem da palavra nessa sessão o eminente consocio sr. almirante barão de Teffé, que fará um discurso sobre a gloriosa jornada de 11 de Junho de 1865. Tendo s. ex.ª o sr. presidente da Republica promettido comparecer e precisando s. ex.ª assistir tambem na mesma noute, á sessão solenne do Club Naval, na sessão do Instituto não poderá haver votações de pareceres e, assim, requer urgencia para serem hoje votados os tres pareceres da commissão de admissão de socios, ha pouco lidos.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) acha razoavel as ponderações do sr. secretario perpetuo, mas diz que, si o Instituto conceder a urgencia pedida, equivalerá a uma sessão especial.

Consultado o Instituto, foi approvado por unanimidade o pedido do sr. Fleiuss.

A' vista disso, o sr. presidente manda proceder á votação dos pareceres da commissão de admissão de socios relativos aos srs. drs. Helio Lobo e Alberto Rangel e ao desembargador Ataulfo Napoles de Paiva.

Corrido o escrutinio secreto, são approvados por unanimidade de votos os dous primeiros pareceres e por maioria o último.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) proclama socios correspondentes do Instituto os srs. drs. Helio Lobo, Alberto Rangel e desembargador Ataulfo Napoles de Paiva.

Nada mais havendo a tractar, levanta-se sessão ás 4 1/2 da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

3.ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 11 DE JUNHO DE 1912

PRESIDÊNCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 7 e 15 da noite, na sede social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cleero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, cardeal d. Joaquim Arco-verde de Albuquerque Cavalcanti, barão de Teffé, dr. Norival Soares de Freitas, Carlos Lix Klett, padre Julio Maria, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Manuel Alvaro de Souza Sá Vianna, almirante Arthur Indio do Brasil, dr. Augusto de Lima, dr. Pedro Souto Maior, coronel Honorio Lima, dr. Alfredo Rocha, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Antonio Jansen de Paço e conde de Leopoldina.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão extraordinaria realizada em 6 do corrente, a qual é approvada sem discussão.

O SR. RADLER AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê o seguinte expediente:

— Officio do consocio barão de Studart, agradecendo a sua elevação a socio honorario. — Inteirado.

— Officio do sr. Francisco Agenor Noronha Santos, agradecendo a sua eleição de socio correspondente. — Inteirado.

— Telegramma do sr. desembargador Ataulfo Napoles de Paiva, agradecendo a sua eleição de socio correspondente. — Inteirado.

— Officio do sr. dr. Helio Lobo, agradecendo a sua eleição de socio correspondente. — Inteirado.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) justifica a ausencia

dos consocios drs. Gastão Rûch, José Americo dos Santos, Sebastião Galvão e commendador Arthur Guimarães.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz o seguinte :

« Effectuando hoje uma sessão solenne, colimou o Instituto Historico o objectivo de condignamente assignalar a grande data de 11 de Junho que, si não é a de uma das nossas festas nacionaes, é das que mais sympathicos e vibrantes echos accordam no coração dos Brasileiros.

« Ha presentemente uma corrente de opinião contrária á commemoração dos feitos militares, acioimando-as de retrogradadas, acirradoras de oîios e infensas á fraternidade humana.

« Considero erronea e perigosa esta maneira de pensar.

« As commemorações de altos feitos militares julgo-as oblações ao esforço, á energia, ao patriotismo.

« Em todas as sociedades cultas, as glorias militares, intimamente ligadas aos destinos da Patria, occupam logar de primazia no sentimento publico. Consagram-nas, diz um pensador, os cantos dos poetas, as legendas populares, o favor das mulheres; significam o preço do sangue, pois é natural e legitimo que aquelles cujo officio consiste em arriscar e sacrificar a vida pelo bem estar, fortuna e honra dos seus compatricios, preponderem no coração destes: a verdadeira medida da grandeza humana não é a intelligencia, mas o sacrificio.

« Existiu um paiz que, sob pretexto de supremacia civil, riscou até dos compendios escolares os nomes de guerreiros e qualquer allusão a batalhas, relegando os soldados ao derradeiro nivel. Foi a China.

« Mas tal desprezo de ideologos, não raro cúmplices inconscientes do estrangeiro, pelos homens de acção, tal horror do mandarinato pelas armas, reduzia durante seculos o Celeste Imperio a estado de mumia e contra isso actualmente reagem as forças vivas do paiz.

« A Inglaterra não cessa de solennizar Waterloo; a Allemanha tem o Sedantag, dia de grande ga'n de Sedan; a França festeja sempre Marengo, Iena, Austerlitz; a Russia, não obstante sua alliança com a Republica Franceza, prepara-se para, no cor-

rente anno, magnificamente relembrar a campanha de 1812, da qual resultou a queda de Napoleão.

« Imitando tamanhos exemplos, dados desde a mais remota antiguidade até á civilização contemporanea, devemos dignificar o 24 de Maio e o 11 de Junho, triumphos tão bellos e galhardamente alcançados como os de que mais se orgulham os outros povos.

« Ha quatro annos, na data de hoje, realizou o Instituto uma sessão memoravel.

« Perante immenso e preclaro auditorio, fez o visconde de Ouro Preto, de queridíssima memoria, magistral conferencia sobre Riachuelo.

« O barão do Rio-Branco proferiu, desta cadeira, palavras que largamente repercutiram no exterior.

« A presente sessão não é somenos a essa, de ha quatro annos.

« Accedendo cavalheirosamente ao nosso convite, vai fallar o almirante barão de Teffé, unico sobrevivente dos nove commandantes que venceram em Riachuelo.

« Vamos ter a fortuna de ouvir, ainda, mercê de Deus, forte e prestigiosa (e que Elle assim a conserve por dilatados annos) a voz que, ha 47 annos, na *Araguari*, sob um chuveiro de balas, deu ordens conducentes nos esplendidos laureis colhidos pelo Brasil.

« Acolheremos, de certo, essa voz veneranda com respeito e commoção patriótica, similhantes aos dos marinheiros que, naquelle momento heroico, lhe obedeceram e a acclamaram.

« Tem a palavra s. ex.^a o sr. almirante barão de Teffé (*Applausos prolongados*).

O SR. BARÃO DE TEFÉ profere o seguinte discurso:

« Ex.^{mo} sr. presidente da Republica — Sr. presidente do Instituto Historico — Minhas senhoras e meus senhores.

« Começo por pedir toda a vossa indulgencia.

« Não sou orador, e, como a minha dicção é lenta e pezada, vejo-me forçado a lêr esta singela allocução sobre o feito de armas, cujo anniversario celebramos hoje.

« Mas, o meu primeiro dever é confessar em público a minha gratidão eterna, imperecível para com a nobre e generosa dire-

ctoria actual deste Instituto, pelo acto de puro e raro altruismo que acaba de praticar, indo, *sponte sua*, arrancar da obscuridade, da sombra em que vegeta, ha largos annos, o unico commandante, sobrevivente, dos nove que se bateram em Riachuelo, para trazer-lo aqui, a este centro de luz, hoje 47.º anniversario daquelle batalha, afim de cumula-lo de honras e distincções!...

«Egualmente é um rigoroso dever meu manifestar a minha gratidão a s. ex.^a o sr. marechal Hermes da Fonseca, eminente e muito amado presidente da Republica, por ter se dignado honrar com sua presença esta sessão commemorativa de um dos feitos da nossa velha Marinha.

«Finalmente, tenho ainda como um agradavel dever o de expressar os meus sinceros agradecimentos ao illustrado, distincto e altamente elegante auditorio, que hoje orna e dá brilho a este salão, ordinariamente triste e severo, pela gentileza do seu comparecimento a uma cerimonia em que me cabe representar os meus bravos companheiros dessa sangrenta jornada, já desapparecidos da face da terra.

«É de praxe, bem o sei, meus senhores, que em condições identicas a esta em que ora me acho, o manifestado agradeça, por um discurso, as provas de apreço com que é honrado.

«Quem não o fizer incorrerá em justa censura.

«Pois bem, entre a censura e o fiasco, prefiro incorrer em censura.

«Como vêdes, não é, pois, intuito meu produzir um discurso, mesmo escripto, e, muito principalmente, um discurso academico, capaz de responder ás phrases benevolas, amaveis, mas ao mesmo tempo vibrantes de enthusiasmo patriotico, que acabais de ouvir do grande orador que me precedeu.

«Tal pretensão da minha parte seria rematada loucura.

«Demais, este illustrado auditorio, ao ser informado do programma desta noite, já devia ter o espirito prevenido de que não podia esperar rasgos de eloquencia, nem flores de rhetorica, de um velho marinheiro, um almirante dos tempos idos, de um veterano da esquecida Marinha de outrora, alheio completamente ao culto das letras e ao cultivo das bellezas oratorias.

«Além disto, a idade avançada, como sabeis, é um serio em-

peculho á elevação das idéas, e, no meu caso especial, se durante a mocidade, no verdor da juventude, as minhas idéas rastejaram sempre terra a terra, como poderiam hoje, meus senhores, aos 75 annos de idade, elevar-se a grandes alturas, sem o risco imminente da vertigem?

« Como poderia a minha cansada imaginação remontar até ás regiões ethereas, em busca de inspirações, lá, no mysterioso reino da fantazia, onde só tem ingresso poetas e oradores de larga envergadura?

« O meu constrangimento, direi mesmo, o meu acanhamento em exhibir-me nesta sessão solenne é tanto mais natural quanto não posso ignorar que, nesta luzida assemblea, existe uma verdadeira pleiade de oradores privilegiados, desses, tocados pela scentelha divina, entre os quaes se destaca o erudito presidente do Instituto Historico, que, naturalmente, me observará neste mar procelloso, « por mares nunca dantes navegados »; ou de ver-me encalhar ou esbarrar, inopinadamente sobre algum formidavel « ice-berg », desses que os criticos denominam espirituosamente : « une gaffe litteraire ».

« Mas, confesso-vos, com franqueza, o que me excita não é « na vida o ar livre », a fúria de um mar procelloso, nem o bramido das vagas, nem o rugido do furacão; o que me atemoriza é esta calmaria, prenuncio de temporal de outro genero; é este pavoroso silencio em um recinto povoado de principes da palavra; o que me intimida é o riso ironico da onda humana, e, mais que tudo, é a consciencia da minha critica situação neste momento, ao ter de fazer-me ouvir quasi que simultaneamente, com os applaudidos litteratos e scientistas Lima Drummond, Ramiz Galvão e Affonso Celso, este brilhante e fluente orador, poeta mavioso e espirito scintillante de *verve*, dessa *verve* inextinguivel e seductora que de ha muito lhe conquistou na fina sociedade brasileira o bem merecido e expressivo appellido de — Charmeur — das nossas conferencias litterarias.

« Assim deslocado, como me sinto neste meio intellectual, bem comprehendéis as razões que me inibem de aventurar-me a esboçar uma peça oratoria digna deste elevado auditorio.

« Considero, pois, uma medida de alta prudencia resumir o mais possível o que me propunha contar-vos.

« Temo, com razão, que a impiedosa critica litteraria, empunhando o seu acerado. escarpello, « escarne » aqui mesmo este arremêdo de discurso e amanhã pela imprensa disseque em publico a minha nullidade.

« Passarei, portanto, á leitura destas tiras, escriptas, bem a contragosto, e sómente em obediencia ás determinações deste Instituto. Mas, não vos assusteis; tenho ainda bem viva na memoria a recommendação de Barroso, aos commandantes da sua esquadra, depois de cada combate.

« Dizia-nos elle, no seu tom brusco do costume :

« Mande-me com urgencia a parte do que « succedeu no seu navio, porém, nada « de circunloquos », curta e breve ! »

« Minhas senhoras, abster-me-hei de « circunloquos », serei breve !...

« Minhas senhoras. — É a vós, gentilissimas senhoras e senhorinhas, que tomo a liberdade de dirigir-me agora nestas primeiras linhas.

« Neste seculo de vida intensiva e vertiginosa, e, sobretudo em uma capital movimentada como o nosso Rio de Janeiro, onde as distrações de todo o genero succedem-se rapidas como o desenrolar das fitas nas bobinas cinematographicas, pretender occupar, mesmo por breves minutos, a attenção de um grupo das soberanas dos nossos mais elegantes salões com a narrativa de successos passados da moda, de factos que já perderam o sabôr da novidade : é, confesso-o, uma aberração dos habitos da boa sociedade, uma transgressão ás regras do « *savoir-vivre* », é, enfim, o cúmulo da ingenuidade, sinão uma prova de inconsciente ousadia...

« Mas não me accuseis por mais este peccado, que não é meu.

« Si por abuso da vossa boa fé aqui viestes, sacrificando o vosso tão precioso tempo, a responsabilidade cabe inteira a esta egregia associação.

« Na verdade dou-vos razão, porquanto, para a geração moderna e particularmente para o sexo fragil, destinado pelo Creador a deliciar a sociedade por sua graça natural, pelo encanto

da formosura e pelos dotes do seu espírito leve e vivaz — fallar na victoria do « Riachuelo » é o mesmo que recordar alguma façanha da « idade média ».

« Sem ironia o digo : esse successo é de uma data tão remota que o nome — Riachuelo —, evocado uma vez por anno, deve soar aos ouvidos da mocidade como o echo apagado de uma voz longinqua ; deve apparecer aos olhos da sua imaginação como uma lenda brumosa das guerras medievaeis.

« Prevejo, pois, o que me vai succeder.

« Ao tractar nesta sessão da jornada do « Riachuelo », que teve logar ha quasi meio seculo, vou ser assimilado á tetrica appareição de algum balestreiro de Themistocles, que surgindo de subito do bôjo destas vetustas muralhas pretendesse impingir-vos a narrativa da batalha de Salamina!...

« Mas, enfim, minhas senhoras, saíreis daqui compenetradas desta triste verdade : a vida é cheia de decepções!

« Entro em materia.

« Ha 47 annos justos feriu-se nas torvas aguas do rio Paraná a mais renhida e sanguinolenta batalha naval, de que ha memoria nas tradições militares da America Meridional.

« Contra a expectativa do — El Supremo — o arrogante Solano Lopez, nem Buenos Aires, nem Montevideu nem os portos da nossa patria foram ultrajados com a humilhação das imposições de guerra, nem soffreram vendo fluctuar em suas aguas os vasos brasileiros ostentando o pavilhão, cuja divisa é « Paz y Justicia » mas cujo escopo « era então — guerra e pilhagem ! »

« Mas quem provocou essa cruenta guerra?... perguntareis :

« Responderei por uma parabola :

« O pacifico gigante sul-americano, que, deitado sôbre o dorso e de membros distendidos, banha a cabeça no Olapock e os pés no Paragual, repousando tranquillo entre os Andes e o Atlantico, dormia em paz o somno do justo, quando um dia despertou sorpreso ao sentir-se picado em um dos artelhos por uma vibora traçoieira, que á sua sombra crescera e afiara as presas para o projectado bote.

« Conscio da sua força, o colosso olhou em torno, viu de onde partira e aggressão e, erguendo-se de um salto, pousou

sobre a vibora enfurecida a larga planta do seu herculeo pé, e esmagou-a até triturar as suas últimas vertebrae.

« Depois, calmo e despreoccupado, voltou ao seu leito, onde repousa tranquillo.

« Eis o que foi a guerra do Paraguai.

« E Riachuelo ?

« Em 11 de Junho de 1865 a esquadra brasileira anniquilou, em uma ingente pugna de vida e de morte, todo o poder naval adquirido e organizado em « 10 » annos de febril actividade pelos mais rancorosos inimigos do Brasil, os despotas paraguayos Carlos e Solano Lopez.

« O feito de Riachuelo abriu de par em par as portas do « Templo da Victoria » ás armas brasileiras.

« Figuremos, por hypothese, que o punhado de combatentes que compunha a esquadra de Barroso... fraqueasse ; que a esquadra brasileira fosse esmagada e aprisionada pelo inimigo, cujas forças de mar e terra colligadas decuplicavam as nossas...

« Lopez victorioso em Riachuelo engrossaria a sua esquadra com as prezas adquiridas e, descendo rapido, bombardearia de sorpresa Buenos Aires e Montevideu e realizaria o seu sonho de conquistador, vindo bloquear a capital do Brasil !

« Crêde que não ha hyperbole na hypothese que figuro.

« A Republica Argentina só possuía um velho navio armado em guerra, o obsoleto *Camilla* christmado em *Guardia Nacional*.

« A Republica Oriental do Uruguai nunca pensara em armar-se, a não ser com as velhas caronadas do forte de S. José, de archaica memoria.

« Sancta Catharina e as cidades maritimas da costa sul serviam de base de operações a esse novo « flagello de Deus », o « Attila Guarani » !

« Eis, em poucas palavras, a consequencia da nossa derrota !

« Mas, mercê de Deus, vencemos... e a victoria do Riachuelo foi o « porte bonheur » do Brasil na campanha do Paraguai.

« A esta interrogação accudirei trasladando para estas tiras a synthese que fiz da batalha do Riachuelo á pagina 147 do 1.º volume das minhas memorias :

« Uma pequena esquadra brasileira composta de « nove » navios de madeira — lançada a centenas de leguas da pátria para operar em um rio crivado de escolhos perigosos e dominado pelo inimigo — bateu-se de sol a sol e derrotou por completo a esquadra inimiga, composta de quatorze unidades, protegida por uma formidável bateria de trinta canhões assestados sobre a barranca e secundada por dezenas de estativas de foguetões a congrêve, e por alguns milhares de atiradores ocultos pelo espesso arvoredo...

« Ao escurecer cessou o combate, por falta de inimigos a combater !

« Nessa gloriosa jornada o Brasil perdeu um navio, encalhado a tiro de pistola da bateria da margem, e teve trezentos homens fóra de combate ; mas o Paraguai ficou sem uma bella esquadra e perdeu cerca de « dous » mil homens ».

« A victoria de 11 de Junho de 1865 pertence á marinha nacional, porque foi alcançada pelos vasos de guerra da nossa Armada, mas, eu já o disse algures e tenho immenso prazer em repeti-lo : as guarnições propriamente dos nossos navios haviam sido, antes da partida de Buenos Aires, reforçadas por forças do exercito e mesmo do corpo policial.

« Assim, pois, combateram, lado a lado, no estreito ambito de cada um dos vapores da divisão avançada, marinheiros e soldados, fraternizando no perigo e contribuindo igualmente para a gloria da nossa pátria.

« Em Riachuelo não houve heroes, nem covardes.

« Todos se mostraram dignos de uma adorada pátria.

« Termino assegurando a este respeitavel auditorio que, si o Brasil conta até esta data sómente com um « Riachuelo » a comemorar, é porque, felizmente, depois de 11 de Junho de 1865, a nossa marinha de guerra não teve mais esquadras inimigas a derrotar : e asseguro-vos ainda que Barroso, em Riachuelo, não conhecia, antes da acção, o valor dos seus subordinados, quando fez içar no tope da sua capitanea o signal do nosso velho regimento. — « O Brasil espera que cada um cumpra o « seu dever ».

« Ociosa recommendação, meus senhores, pois que a coragem, a bravura, a temeridade, a abnegação da vida em meio do perigo,

e, mais que tudo, a dignidade própria e o extremado patriotismo são qualidades natas do povo brasileiro, nunca vencido!»

(Calorosos e prolongados applausos. O sr. marechal Hermes da Fonseca dirige-se ao sr. barão de Teffé e abraça-o effusivamente).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*). Creia v. ex.^a, sr. barão de Teffé, que o applauso do chefe do Estado reflecte o da Nação Brasileira! *(Calorosos applausos)*.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) diz que se achando na sala da directoria o novo socio effectivo sr. desembargador dr. João da Costa Lima Drummond, pede ao sr. presidente que nomeie uma commissão para introduzi-lo no recinto.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) nomeia os srs. 1.º e 2.º secretarios para introduzirem no recinto o novo socio.

(Dá entrada no recinto, debaixo de applausos, o sr. Lima Drummond, que toma posse).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz o seguinte:

«Seria irrogar injustiça a esta egregia assembléa procurar fazer-lhe a apresentação do nosso novo consocio, pois todo o Brasil o conhece, respeita e admira, como uma das suas summidades.

«Na alta magistratura, no ensino superior, nas letras juridicas, nas bellas letras, na imprensa, na tribuna, onde quer que nobremente se exerça a actividade intellectual e moral, encontramos o nome de Lima Drummond insculpido com radiante destaque.

«O nosso emerito orador dirá o júbilo do Instituto ao recebê-lo.

«Quanto a vós, senhoras e senhores, ides ter uma demonstração immediata de um dos aspectos de seus multiplos e peregrinos talentos.

«Ides ouvi-lo.

«Tem a palavra o sr. desembargador João da Costa Lima Drummond». *(Applausos)*.

O SR. DESEMBARGADOR LIMA DRUMMOND lê o seguinte discurso:

«O Instituto Historico e Geographico Brasileiro inspirou-me sempre admiração sincera. Para consagrar-lhe o valor, sempre se

me afigurou sufficiente o poderoso incentivo por elle deparado no estudo imparcial da Historia, de cujas paginas irradiam, com tamanho esplendor, as grandes lições da experiencia humana, no culto do passado.

« Isso não importa, entretanto, no encomio do espirito de rotina : porque o vínculo, que pela tradição afeiçoa os povos, como os individuos, ao atavismo, não impede a instabilidade dos elementos progressivos, na evolução da vida nacional, como na evolução da existencia individual. Os verdadeiros homens do progresso — escreveu Rénan — são os que teem o respeito do passado.

« Mas para respeitar o passado, aproveitando a lição da experiencia, é mister conhecê-lo exactamente — o que, muitas vezes, depende de uma reconstrucção paciente, mesmo no estudo das obras dos grandes historiadores, afim de separarem-se as verdades historicas das affirmações lendarias, que se desvanecem á pertinácia de novas e austeras investigações. Na obra de Tito Livio assim procedeu o genio moderno de Niebuhr que, como o immortal historiador romano, sentia-se venturoso na convivência com os homens do passado.

« E' preciso, porém, se evitem cuidadosamente nessas investigações os exaggeros de uma critica temeraria. Proscrevia-se a superficialidade nas indagações scientificas — e assim se caracterizam a valia e o preconceito da critica moderna ; mas não se comprometta, com a demasia do particularismo inquiridor, a perspectiva do conjunto, em prejuizo da realidade. Sem duvida, como recorda Leclerc em suas lições na Faculdade de Letras de Paris, a sciencia moderna, qualquer que seja o objecto de suas pesquisas, procura a verdade até no infinitamente pequeno ; podendo-se dizer, de certo modo, que o microscópio se tornou o instrumento universal. Mas cumpre neutralizar no fanatismo scientifico a temeridade da investigação para evitar, na lição de Taine, o defeito dominante do grande pensador allemão, que corrigiu a obra de Tito Livio.

« Assim, não entrarão na Historia, onde não merecem ficar, verosimilhanças injustificaveis, induzidas de observações que se não podem conscienciosamente repetir. E não se ouvirá mais o

clamar de não bastar a vida de um homem para o conhecimento pleno de factos minuciosamente verificados e para a successiva apreciação desses factos, em synthese, de modo a escrever-se a Historia como a Historia deve ser escripta, acautelando-se na voregagem dos acontecimentos o espirito de uma epocha.

« Para que, entretanto, se não privem os vindouros da contraprova, tão almejada, quando a dūvida atormenta a intelligencia humana, é mister archivar, em abundancia, documentos authenticos dos factos do presente e ahi está outra funcção nobilissima deste Instituto.

« Na verdade, não podem os homens explicar sempre os factos, de que são contemporaneos : o afastamento no tempo, dos successos da vida das nações é, muitas vezes, indispensavel para vislumbra-se a unidade magestosa, que os coordena e os explica. Mas os homens vēm bem esses factos, si a rectidão do character os ennobrece, em um ambiente sereno e calmo, no qual domina o sentimento de justiça e não medra, por isso, o flagello das paixões, que tudo obscurecem e tudo anarchizam. Cabe, portanto, ao Instituto a tarefa meritoria de conservar e accrescer o inestimavel patrimonio de documentos e monumentos fidedignos, que attestam aos vindouros os factos notaveis de nossa epocha, sem as dūvidas e as controversias dos interesses contrariados no proposito de illudir a posteridade. Outra não foi a orientação com que se admittiu, nesta casa, a *arca de sigillo*, por proposta de Freire Allemão, em 1847. Do respectivo parecer da commissão especial se depreheende não poder a *arca de sigillo* deixar de ser o depósito da consciencia e vontade de muitos escriptores, que não levarão á sepultura verdades essenciaes á Historia do nosso paiz, revelando, opportunamente, factos cujo desconhecimento tornaria obscura a Historia, porque tacteariam os historiadores no mundo das conjecturas e das probabilidades, sobre os que illudiram aos contemporaneos. E essa verificação benfazeja e opportuna, que é tributaria da justiça da Historia, é o trabalho da critica, associado ao da erudição : authenticuem-se os documentos que comprovam os factos reaes, archivando-se-os em seguida, para que a Philosophia os explique no futuro. Em vantagem da nota dominante dos acontecimentos de cada periodo, isto é, da synthese

complexa, em que se accentua o desenvolvimento geral de um povo ou da humanidade abstrahindo-se e generalizando-se, é, portanto, necessario promover com sagacidade e perseverança a subsistencia dos factos particulares, mesmo daquelles que Bacon appellidaria *factos do crepusculo*, porque nelles, apenas, se esboçam os rudimentos da natureza, como se delineam os da vida social, dominada ainda por antagonismos e perplexidades traditionaes. E' sufficiente algumas vezes authenticar o facto concreto, sem abstracções ou explicações impossiveis — *the matter of fact*. São preciosissimos mesmo os trabalhos dos meros chronistas, quando constituem repositórios imparciaes dos acontecimentos e, no Brasil, tem os chronistas um grande título de gloria: — elles foram os primeiros cultores da prosa.

« Demais, ha uma grande utilidade de ordem moral nas investigações historicas imparcialmente orientadas: é a de reverter a verdade, no brilho da intelligencia e na pureza do affecto, com a intensidade do heroismo, até si a violencia de sentimentos pessoaes, antagonicos, se submete nobremente aos dictames da justiça, com que se não transige.

« O culto da verdade, em que peze a E. Faguet, é tão util quanto bello: não deixam de ser nocivas as mentiras por serem convencionaes. Carecem, por exemplo, de utilidade as memorias de Grammont, si, por ellas, se busca conhecer, em toda a hediondez da corrupção de costumes, a corte de Carlos II, na Inglaterra. A phantasia delicada e convencional de Hamilton obscurece a realidade grosseira do govêrno desse principe frívolo e libertino, auctoritario e violento, com o qual aliás, por um movimento nacional que o odio da tyrannia militar provocára, realizou-se, na Inglaterra, a restauração dos Stuarts.

« Accumulem-se, portanto, com imparcialidade os materiaes para a reconstrução porvindoura do momento historico, em que vivemos. A solidez desse trabalho de reconstrução ou elaboração racional estará na razão directa da resistencia dos materiaes accumulados. Dest'arte se restringirão as lacunas, com que hão de lutar os historiadores futuros. Por causa da penuria de documentos authenticos, insiste o alludido professor Leclerc, a Historia do

imperio romano simelha ainda uma vasta região mal arrotenda e inculta.

« E pouco importa passe o tempo sobre os resultados dos patrióticos e humanitarios esforços, prejudicando-os. Alguma cousa ha de ficar para que os posterios contemplem a nossa epocha na systematização dos seus aspectos, recompondo o drama da nossa vida, com as idéas e os sentimentos que animaram os factos por nós certificados.

« E ainda mesmo que a amargura do insuccesso malbaratasse aquelles esforços, por completo, conviria recomença-los em proveito da patria.

« No dia seguinte — como na vespera das derrotas — Demosthenes repetia que o dever do cidadão é combater pela patria. E si é certo que na batalha de Cheronéa, Philippe submetteu a Grecia, convertendo-a em simples provincia do dominio macedonico e que, arrazando Thebas, Alexandre impoz a Athenas a supplica da paz, é certo tambem que a palavra de Demosthenes deslumbra ainda a posteridade como a expressão incomparavel e unica, naquelle momento, do culto da liberdade e da justiça. Eram os esforços supremos do genio hellenico em prol da patria livre. Demosthenes cumpria com tenacidade legendaria o dever de cidadão.

« A exhortação com que Barroso, o barão do Amazonas, estimulou a bravura dos seus commandados na batalha naval de Riachuelo, precisamente na data hoje aqui tão brillantemente commemorada — é proficua na guerra como na paz. O Brasil espera sempre que cada um cumpra o seu dever. Pois bem, para cumprir o meu, com as vossas lições, eminentes consocios, neste Instituto obedeço á vossa ordem, que tanto me exalta e tanto me penhora; proclamando a benemerencia com que haveis mantido a tradição dos homens illustres, que, por aqui passaram e, ainda hoje, o fazeis, nesta evocação sublime de um momento glorioso de nossa Historia, perante um dos bravos do heroico feito. Aos heróes da batalha naval do Riachuelo — na pessoa do sr. almirante barão de Teffé — iniciem-se, portanto, desde já, as homenagens do Instituto, em nome da justiça da Historia, preocupada com a directriz da civilização — sob a lei de Deus, atravez das

peripecias da guerra e do seu doloroso mas inevitável desenlace.» (*Palmas ; applausos*).

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO (*orador do Instituto*) responde nos seguintes termos :

« Sr. dr. Lima Drummond — Si vos causa desvanecimento entrar para a nossa phalange, não é menor o regosijo do Instituto vendo alistado em suas fileiras um dos bellos talentos da geração actual, um patricio illustre que desde os bancos escolares até á alta posição de magistrado, não colheu sinão louros, demonstrações effusivas e justíssimas de grande estima e admiração.

« Aos nomes gloriosos de Bom Retiro, Olegario, Candido Mendes, Araripe, Ouro Preto e outros notaveis cultores do Direito, vem junctar-se agora o vosso, que é aqui recebido com applausos e fundadas esperanças.

« A especialidade a que haveis dedicado a melhor das vossas energias e na qual conquistastes o respeito dos vossos contemporaneos pela solidez do saber e pela integridade soberana do character, esse estudo profundo das sciencias jurídicas não vos alheiou das cogitações historicas e ao contrario preparou o vosso espirito para juizos mais seguros e apreciação mais perfeita do passado, que é o principal esforço da nossa missão.

« As sociedades regulares não se organizam sinão á sombra do Direito, e aí daquellas que se não amoldam ás lições e aos preceitos da lei. O Direito é o fundamento da Justiça, e esta é o único alicerce em que pôde repousar com segurança o edificio social. Si não existisse o Direito, o dever seria uma palavra sem sentido, disse-o alguém com muito acôrto; e onde não impera o dever do cidadão, pergunto eu, que é licito esperar dos destinos da familia, da sociedade e do Estado ?

« Os vossos estudos concatenam-se, pois, naturalmente com os dominios da Historia, que tambem analysa, inquire e julga como um soberano magistrado. A vulgarissima expressão — *O tribunal da Historia* — representa de facto uma verdade.

« Perante esse tribunal passam as gerações humanas com suas virtudes ou suas máculas.

« Os despotas que abusaram do poder e jugularam a liberdade; os heroes que se offereceram em holocausto á victoria de

uma doutrina ou de uma idéa; os reis que não acharam dikes ao seu arbitrio, assim como os bons imperantes — verdadeiros pastores dos povos — na phrase de Homero, que só consultaram o bem, o progresso e o engrandecimento da sua patria; os Washingtons, que desceram ao tumulto cobertos de benções, assim como os Solano Lopez, que victimaram nações valorosas, sacrificando tudo ao seu desmarcado orgulho — todos, todos elles, benemeritos ou reprobos, passam por esse tribunal aos olhos da posteridade. A Historia distribue-lhes impassivel a gloria ou a condemnação.

« A vossa entrada, illustre consocio, no gremio do nosso Instituto, coincide felizmente com um tributo de homenagem agradecida que pagamos aos heroes de uma grande jornada, em que se jogaram os destinos do Brasil e em que foi parte brilhante um dos nossos mais distinctos companheiros — o galhardo commandante da *Araguari*, hoje barão de Teffé.

« Falla, pois, a justiça da Historia no dia em que temos a fortuna de receber-vos, e recebemos um eminente sacerdote da Justiça no dia em que a Historia celebra um dos grandes feitos da patria brasileira. A Justiça e a Historia abraçam-se, pois, como irmãs dilectas e inseparaveis, filhas legitimas da Verdade. Sêde benvindo, preclaro consocio!

« A empresa deste dia, ha 47 annos, no famoso combate de Riachuelo, foi, como bem recordastes: « *O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever* ».

« Hoonholtz, Abreu, Elisario Barbosa e tantos outros commandantes denodados, obedecendo religiosamente naquella jornada ao signal do grande Barroso; o imperterrito Greenbalg, morrendo abraçado á nossa bandeira; o heroico marinheiro Marcilio Dias, defendendo como um leão o seu rodizio ralado contra um punhado de inimigos que o saltou; todos, todos cumpriram o seu dever e bem mereceram a gratidão da patria.

« Para nós, soldados de outra milicia, o signal de combate é todavia aquelle mesmo: « *cumpra cada qual o seu dever* ». Elle vai ser aqui a vossa divisa, illustre consocio, como tem sido em toda vossa carreira publica de juiz e mestre. No Instituto vireis ajudar-nos com as luzes de vosso talento para a construcção do

magnó edificio da «mestra da vida e testemunha do tempo». E é por isso que em nome da laboriosa cohorte do mesmo Instituto eu folgo de repetir-vos: Sêde benvindo, preclaro consocio.

(Applausos prolongados).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) agradece em nome do Instituto o comparecimento de s. ex.^a o chefe da nação, de seus ministros e mais representantes das auctoridades, das senhoras e cavalheiros que tanto abrilhantaram a sessão, e declarando-a encerrada, convida-os para na sala da directoria assistirem á inauguração do retrato do venerando consocio effectivo sr. almirante barão de Teffé.

Levanta-se a sessão ás 9 horas da noite.

Radler de Aquino, servindo de 2.^o secretario.

4.^a SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 16 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

Às 3 horas da tarde, na sêde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleiuss, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, commendador Arthur Guimarães, cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, barão de Teffé, dr. Augusto de Lima, dr. Pedro Souto Maior, dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, dr. Norival Soares de Freitas, José Americo dos Santos, Alfredo Rocha, desembargador João da Costa Lima Drummond, dr. Antonio Jansen do Paço, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello e conde de Leopoldina.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem discussão.

O SR. RADLER DE AQUINO (*servindo de 2.º secretario*) lê o seguinte:

Telegramma do consocio almirante Indio do Brasil declarando que, com muito pezar, deixa de comparecer á sessão e á justa homenagem que o Instituto vai prestar ao preclaro brasileiro barão de Ramiz Galvão. — Inteirado.

Carta do capitão-tenente Dario Paes Leme de Castro, informando que o sr. ministro da marinha, por motivo de enfermidade, não pôde acceptar o convite para assistir á presente sessão. — Inteirado.

Carta do consocio dr. Manuel de Oliveira Lima, datada de Bruxellas de 23 de Maio ultimo e assim concebida:— « Ill.^{mo} sr. Max Fleiuss, 1.º secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Acabo de receber o officio de 6 do corrente, pelo qual v. ex.^a tem a amabilidade de communicar-me que, por suffragio unanime, o que em extremo me desvanece, dos nossos consocios, fui elevado pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro á categoria de seu socio honorario. Agradeço cordialmente a v. s. essa participação e peço-lhe queira ser, na sessão que se seguir á recepção dessa resposta, o interprete do meu sincero reconhecimento pela distincção valiosa de que fui alvo.

Dentro da medida de minha capacidade e das minhas forças, continuarei a prestar a esse benemerito Instituto o concurso da minha melhor actividade e da minha melhor dedicação. Rogo em particular a v. s. queira apresentar as minhas homenagens ao illustre presidente do Instituto e acceptar as expressões da minha subida estima e consideração. — *M. de Oliveira Lima.* — Inteirado.

Carta da senhora viscondessa de Cavalcanti, datada de Paris, de 21 de Maio do corrente anno. Apresenta as suas felicitações ao sr. conde de Affonso Celso pela sua eleição para presidente do Instituto, e, querendo manifestar o seu regosijo de modo tangivel, offerece ao Instituto, por intermedio de seu presidente, uma gravura, considerada rara pelo sr. barão do Rio Branco. É o retrato de Constantino l'Empereur, um dos secretarios ou conselheiros de Mauricio de Nassau. — Inteirado e agradece-se.

O mesmo sr. 2.º secretario dá conta da offerta pelo sr. dr. Alberto Lamego de cinco reproduções em *fac-simile* de originaes de Claudio Manuel da Costa. — Muito se agradece.

O SR. DR. VIVEIROS DE CASTRO, pedindo a palavra, lê o seguinte parecer, como relator da Comissão de Historia, relativamente ao trabalho apresentado pelo dr. Alfredo Valladão :

« Quando, em 1905, foi nomeado representante do Ministerio Publico no Tribunal de Contas e transferiu a sua residencia para esta Capital, procurando mais largos horizontes para expandir o seu privilegiado talento, que é um diamante carinhosamente lapidado, desprendendo raios a flux pelas suas multiplas facetas, o dr. Alfredo Valladão já era uma figura em destaque entre os mais abalizados cultores do Direito.

« Precedera-o a fama dos tres brilhantes concursos, a que em menos de um anno (1901-1902) se submetera na Faculdade de Direito de S. Paulo, e sobre os quaes tive occasião de ouvir as mais honrosas e as mais entusiastas referencias feitas por autoridade de indiscutido valor — o meu inextinguivel amigo dr. João Pedro da Veiga Filho, que então era um dos luminares na alludida Faculdade.

« Os competentes apreciavam devidamente a substanciosa monographia que, em 1902, publicou em S. Paulo sobre *O Direito Commercial em face do Projecto doCodigo Civil* —, na qual sustentou a *unificação do Direito Privado*, idéa genialmente preconizada pelo grande Teixeira de Freitas, e refutou as objecções apresentadas contra a doutrina por um mestre tão acatado, como incontestavelmente é o nosso preclaro consocio, dr. Clovis Bevilacqua.

« Todos sabiam que, reunindo-se em 1903 em Bello Horizonte o Congresso Industrial, Commercial e Agrícola de Minas Geraes, o dr. Alfredo Valladão foi encarregado pelo presidente do Congresso, o dr. João Pinheiro, (de saudosissima memoria) que então saia do seu retiro de Caeté, voltando á actividade politica, de escrever sobre o objecto politico e economico do mesmo Congresso, e se desempenhara brilhantemente dessa honrosa missão, apresentando um magnifico trabalho sob o titulo *Politica Economica*.

« Em 1904, ainda em Bello Horizonte, escreveu uma exhaustiva monographia sobre *Rios Publicos e Particulares*, primeira obra juridica publicada no Brasil sobre o regimen das aguas: e com grande vantagem substituiu a obra classica de Lobão, porquanto o assumpto foi magistralmente estudado, não somente sob o aspecto do Direito Civil como também do Direito Constitucional, sendo a sua doutrina sancionada pela jurisprudencia dos nossos tribunaes.

« Nesse mesmo anno, foi nomeado lente da Faculdade Livre de Direito de Bello Horizonte por proposta do seu então director conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna, de honrada memória.

« Nesta capital, o dr. Alfredo Valladão continuou a ser um trabalhador indefesso, insigne cultor das letras juridicas.

São testemunhos irrecusaveis da sua operosidade e competencia como representante do Ministerio Publico no Tribunal de Contas, os seus eruditos pareceres e promoções, muitos dos quaes tem sido publicados no *Jornal do Commercio*, e a bem elaborada monographia, que publicou sobre o mesmo Tribunal, demonstrou á sociedade a necessidade de uma reforma, que o Congresso Nacional iniciou o anno passado.

« Em 1907 foi encarregado pelo governo federal de organizar o Codigo das Aguas da Republica, ora sujeito ao estudo do Senado Federal, e bastaria este importantissimo trabalho para firmar os seus credits de jurisconsulto de alto valor.

« Em 1908 tomou parte nos trabalhos do Congresso Juridico Brasileiro, salientando-se na discussão das theses das secções de Direito Civil, Direito Commercial e do Processo.

« Dentre as muitas monographias juridicas que tem publicado, destacarei, pela novidade do assumpto, a intitulada *Abuso de Direito*, na qual sustentou brilhantemente a theoria moderna de que mesmo usando do seu direito um individuo pôde praticar um acto illicito, si a sua intenção tiver sido unicamente causar um damno a outrem.

« O dr. Alfredo Valladão é socio effectivo do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros onde, ha pouco tempo, pronunciou um magnifico discurso, estudando a vida, tão cheia de rele-

vantíssimos serviços á Patria, do nosso eminente presidente honorario, o sr. visconde de Ouro Preto, cuja memoria terá sempre entre nós o culto da mais imperecível saude. (*Applausos*).

« Bastariam estas credenciaes para abrir ao dr. Alfredo Valladão as portas do nosso Instituto; mas, por um requinte de delicadeza, elle quiz dedicar-nos um trabalho original, exclusivamente historico, e escreveu a *Campanha da Princeza*, monographia interessantissima porque nos descreve um dos períodos dessas memoraveis emprezas, em que a *auri sacra fames* impellia os nossos antepassados á conquista do deserto.

« Com a serena impassibilidade do historiador começa o dr. Alfredo Valladão o seu trabalho refutando a lenda que attribue o nome « Campanha » a uma lucta heroica, que se travára outr'ora entre criminosos foragidos e escravos fugitivos, lenda manifestamente inspirada na de Romulo e Remo, os pretensos fundadores da *Cidade Eterna*.

« O nome não advem de uma batalha, e sim dos *Campos* ou *Campinas* do Rio Verde, sendo que a palavra *Campanha* é empregada nesta accepção, apesar da incontestada auctoridade de frei Francisco de S. Luiz, que a considera um *francezismo*.

« Historia proficientemente a missão confidential de Martinho de Mendonça, a quem a carta regia de 1709 encarregára de vir ao Brasil fiscalizar as minas, e tomar as providencias necessarias para augmentar o seu rendimento; e as entradas em Minas e os primeiros descobrimentos de ouro.

« Como Alvarenga Peixoto foi um dos primeiros moradores da Campanha, o dr. Alfredo Valladão estudou carinhosamente este vulto homerico da nossa Historia colonial, salientando o seu papel predominante na *Inconfidencia*, e demonstra de fórma irrecusavel ter sido elle o precursor entre nós, não só das idéas da *Independencia*, como tambem da emancipação dos escravos, apesar de possuí-los em numero de duzentos, e não poder dispensar os seus serviços nos trabalhos de mineração.

« Alvarenga Peixoto foi o primeiro abolicionista brasileiro, foi o primeiro a conceder a esmola da sua sympathia a

«Esses homens de varios accidentes,
Pardos, pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes
Aos penosos serviços costumados.

Elles mudam dos rios as correntes,
Rasgam serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.»

«E nos conciliabulos de Villa Rica defendeu tenazmente a abolição da escravidão, combatendo os argumentos de Maciel.

«O seu *Canto Genethliaco* é um hymno patriótico, no qual as seducções da poesia mal encobrem o pensamento revolucionario; e as suas *Cartas Chilenas* formam, na phrase feliz de Sylvio Romero, o *libello do povo* daquella epocha.

«A satyra castiga com rigor o desastrado govêrno de Cunha Meneses, o *fanfarrão mineiro*.

«Calorosamente nos descreve o dr. Alfredo Valladão a vida de familia de Alvarenga Peixoto, não occultando a sua admiração pela esposa do poeta, d. Barbara Heliodora, que Joaquim Norberto immortalizou, e cuja figura na conjuração mineira sobreleva a do proprio Tiradentes; e deixa expandir toda a ternura de um coração paterno, referindo-se a Maria Iphigenia, á idolatrada filha desse casal feliz, cognominada — *A princeza do Brasil*.

«Esta digressão pela *Inconfidencia* não desviou o dr. Alfredo Valladão do rumo que traçara ao seu trabalho.

«Com a sobriedade dum historiador, que conhece perfeitamente o seu assumpto, descreve a expedição do ouvidor da Camara do Rio das Mortes, Cypriano José da Rocha, o fundador do *Arraial de S. Cypriano*, mais tarde convertido na *Freguezia de Sancto Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde*, que o alvará de 20 de Outubro de 1798 elevou a villa sob a denominação de *Campanha da Princeza*, em homenagem á princeza da Beira.

«A comarca de S. João d'El-Rei não occultou o seu despetito pela criação da nova villa, cuja pretensão de traçar os seus limi-

•

tes pelo leito do rio Capivari, afluente do rio Grande, considerou estulta e audaciosa.

« Certa dessa má vontade, a nova Camara se preparou para a lucta, recorrendo a um ardil que prova que á proverbial boa fé dos Mineiros se allia a finura diplomatica : — resolveu offerecer a terça parte da contribuição voluntaria destinada ás obras públicas, *para os alfinetes da princeza da Beira*.

« E, assim resolvido, exaggerou ainda mais as suas pretensões, traçou os seus limites não mais pelo Capivari e sim pelo proprio rio Grande, constituindo assim uma comarca que era um verdadeiro Estado, pela sua extensão territorial e pela sua população.

« E o principe regente, attendendo aos seus desejos, approvou os limites propostos, daclarando com real sobrançeria « que « o generoso offerecimento que essa comarca fez da terça parte « de suas rendas merecia uma justa e particular contemplação « da parte do principe regente. »

« Ainda uma vez os factos confirmaram a veracidade do proverbio — *quem á boa arcure se chega, boa sombra o cobre*; á comarca de S. João nem ao menos valeu ser d'El-Rei.

« Termina o dr. Alfredo Valladão o seu trabalho com as seguintes palavras que com muita satisfação transcrevo, para deixar registada a grata promessa que encerram :

« Mas, na Historia de Minas, em relação á Campanha, se « observa o mesmo phenomeno das *estradas*.

« A Campanha ficou á margem.

« A avalanche dos historiadores se encaminhou para Villa « Rica ; poucos desgarraram para a Campanha.

« E é por este motivo que eu me proponho escrever a historia da Campanha, de que este trabalho é um inicio. »

« A Commissão de Historia faz votos pela prompta realização dessa promessa e, opinando que o merecimento do dr. Alfredo Valladão torna incontestavel o seu direito a ser incluído entre os sócios deste Instituto, ao qual virá prestar relevantissimos serviços, propõe a publicação na nossa *Revista* da monographia que tão gentilmente nos offereceu.

« Sala das comissões do Instituto Historico e Geographico

Brasileiro, 10 de Junho de 1912. — Dr. *Vieiros de Castro*, relator. — *Antonio Jansen do Paço*. — Dr. *B. F. Ramiz Galvão*. »

O parecer é aprovado unanimemente e com a proposta vai á Comissão de admissão de socios, relator o sr. dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

O SR. FLEIUS (1.º *secretario perpetuo*) pede licença para requerer á casa que, como annexo á acta da presente sessão, seja publicado o brilhante discurso pronunciado pelo emerito presidente do Instituto, quando na noite de 11 do corrente inaugurou o retrato do venerando consocio effectivo sr. almirante barão de Teffé.

O Instituto approva por unanimidade.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo communica achar-se na sala da directoria o novo socio sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, que vem tomar posse; pede por isso ao sr. presidente a nomeação de uma commissão para introduzi-lo no recincto.

O SR. PRESIDENTE designa para esse fim os srs. 1.º e 2.º secretarios.

(Dá entrada no recincto, debaixo de applausos, o sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, que toma posse e occupa o seu logar).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz:

« Sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, pelo vosso nome, pelas vossas tradições, pelos vossos talentos, pelos vossos estudos, de ha muito espiritalmente pertenceis á nossa companhia, que breve vai ser ainda enriquecida com a entrada de outro, como vós, digno representante dos illustres Escragnolles e Taunays, o dr. Affonso Escragnolle Taunay.

« Congratulo-me convosco e com o Instituto por occupardes hoje o vosso logar; e, dando-vos a palavra para o vosso discurso inaugural, antecipo-vos, bem como ao Instituto, sinceros parabens, pois estou certo de que esse discurso vai ser o inicio de uma serie de valiosos trabalhos nesta nossa, nesta vossa casa ». (*Applausos*).

« Tem a palavra o sr. dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria ».

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA pronuncia o seguinte discurso:

« Baseio o debil edificio deste discurso no alicerce profundo e sólido da gratidão.

« No limiar desta casa illustre devo confessar-me penhorado pela summa delicadeza do convite para collaborador obscuro da obra do Instituto, obra quasi secular, de beneditinos leigos, de enthesouramento util, justificador da avareza, de trabalho vivo sobre a materia morta do passado.

« Honra-me sobremaneira o modo pelo qual se me dá ingresso nesta douda companhia, ennobrecida pelo duplo prestigio do saber e do tempo, pois nascendo em 1838, ao crescer de nossa nacionalidade, foi criada no berço della e caminha agora, a passos largos e desempenados, para glorioso centenário.

« No desempenho de uma commissão do Ministerio do exterior, por ordem do barão do Rio Branco, outr'ora cabeça conspiciua do corpo desta sociedade, eu me achava pesquisando em archivos e Bibliothecas na Europa, tão longe, tudo quanto de perto pudesse interessar á Historia do Brasil.

« Encontrava-me fóra da pátria. Busquei servi-la entre alheios, já realizando conferencias em centros intellectuaes de boa nota, já procurando honrar a minha missão official pela seriedade e constancia no labor, já obtendo o convívio de espiritos de eleição como, entre muitos: Levasseur, Frederico Masson, Henry Roujon, os irmãos Margueritte, Léon Dierx, cuja perda ora deploro, de Gubernatis, de monsenhor Duchesne, de Göran Björkman, de conde de Arnoso e de Julio Dantas.

« Distante da terra natal, aformoseada tanto aos olhos do ausente, me julguei esquecido, na sombra, no resguardo ironico do proverbio hispanhol: *A muertos y a idos no hay amigos*.

« A generosidade do Instituto entendeu desmenti-lo e premiar-me, acolhendo-me como seu socio, na ausencia, com a maior espontaneidade.

« Avalio e prézo a extensão de tal recompensa assim concedida.

« O Instituto é a magnifica sala de honra da tradição no monumento da Historia do Brasil.

« Entro nesta sala. Por ella passaram, passam e hão de passar os vultos mais distinctos da nossa terra. Ahí encontro, em

telas de saudade, emmolduradas de lembrança, as imagens de alguns dos meus.

« Assim, em vetusto castello herdado, chega joven fidalgo e, nos largos corredores da casa antiga, entre o alvoroço da curiosidade e os relatos da memoria, divisa quadros onde o pincel immortalizou os seus avcengos.

« Qual se perfila sob armadura do guerreiro medievo, trazendo de aço e de corações, qual sob as vestes cardinalicias, symbolo do sangue e do martyrio, qual sob a toga negra do magistrado, parecendo vestir a côr dos crimes.

« No Instituto, como o fidalgo no castello herdado, passo em revista com os olhos e fuço alto com o coração deante de alguns dos meus antepassados. Deram a este gremio nacional a semente do seu esforço, a flôr de sua dedicação ao Brasil, o fructo de sua experiencia summarento do desejo de acertar.

« Num lado encontro o marechal Daniel Pedro Muller, meu bisavô paterno, socio do Instituto de 1839 a 1841, o militar ao qual S. Paulo deve os seus melhores monumentos antigos, o militar que mentiu benemeritamente á missão das armas, construindo mais do que destruindo.

« De outro lado vejo o mestre da minha infancia, o zelador affectuoso della, meu avô materno, o barão de Taunay, socio desde a fundação do Instituto, de 1838 a 1881, durante quarenta e tres annos.

« Alem está Theodoro Taunay, socio do Instituto de 1839 a 1880, quarenta e um annos, merecendo depois o cognome official de São Vicente de Paulo dos Consolados, pois por sua inexgotavel philanthropia, fluindo sem bulha das nascentes da caridade, durante quatro decennios soccorreu biblicamente a pobreza do Rio de Janeiro.

« Mais alem, lobrigo o visconde de Taunay, socio do Instituto de 1869 a 1889, batalhador da penna depois de o haver sido da espada.

« Todas essas sombras estremecidas me incitam a cumprir o dever de membro do Instituto, tão generoso na sua acolhida de hoje, do Instituto, a magestosa associação, a qual do imperador, que tantas vezes a presidiu, parece ter herdado a magestade. A

elle pertenceram os melhores cultivadores do campo fecundo da Historia do Brasil, o visconde de S. Leopoldo, Porto Seguro, João Francisco Lisboa, Joaquim Caetano e Rio Branco, para respirar rapidamente só entre os mortos mais célebres.

« E si do passado, ora descripto, entre emoção e alegria, me reporto ao presente, vejo, com prazer, me concederem agasalho nesta casa, como altos representantes officiaes della, o conde de Affonso Celso, nome de escol nos fastos da intelligencia, das letras e do civismo; o barão de Ramiz Galvão, orador hellenista e hellenico, laconico no modo de dizer, attico na maneira de exprimir; Max Fleiuss, o joven secretario perpetuo, o resuscitador do Instituto e delle amigo estrenuo; Gastão Ruch, companheiro de magisterio no collegio Pedro II, tão versado nas cousas de Historia, quanto Arthur Guimarães nas cousas economicas.

« Dizem-me todos, como expoentes officiaes da cultura desta douta companhia, que cumpre estudar e amar a Historia do Brasil, a qual, como desamparado cofre de ignotas gemmas, encerra episodios interessantes, dignos de emparelhar com os maiores feltoes da Historia Universal.

« Basta recordar, de passagem, a retirada da Laguna, superior á dos Dez Mil, que, si fosse européa, seria admirada pelo mundo em pézo.

« Quem, por exemplo, se lembra de nossa Historia para as creações plasticas da Pintura e da Esculptura? Melhor é pintar ou esculpir o julgamento de Páris ou a seducção de Leda, do que escolher nas paginas da Historia patria factos vivos, pittorescos e reaes como esses, que serviam de assumpto ás telas de Almeida Junior.

« São sinceras estas idéas. Quantas vezes as formulei intimamente na Europa, visitando museus e pinacothecas, vendo quanto os pintores, esculptores e gravadores aproveitam os episodios mínimos da Historia dos seus paizes.

« Foi tambem no estrangeiro, sobretudo em Portugal, paiz a quem desejo os dias felizes que ora não tem, por estima-lo e lhe ser agradecido, que melhor repassei a Historia do Brasil, folheando-a nas saudades.

« Não vos seria talvez desagradavel relembra-la commigo, em traços larguissimos, neste recincto, onde arde o seu culto.

« Sabeis que famulentos de ouro, seculares de escravidão, os Portuguezes, nos seculos xv e xvi, atiraram o rumo das aventuras para a Africa, o continente mysterioso, attrahente e promissor.

« No afan de todos os seus patrielos, Bartholomeu Dias deffrontou com o cabo das Tormentas, de nome temeroso qual o balzar prematuro das tardes de trovoadas, opulentas de nuvens e malharadoras de raios.

« A cubica de chegar á India pelo meio dia o arrastava. Vasco da Gama a sentiu, acre e possante, ao seguir o mesmo rumo na esteira das caravellas, nas ardentias da conquista, nas espumas fluctuantes da illusão e da gloria. E quasi o Gama juncta o descobrimento do Brasil, por florão, á sua corôa de navegações.

« O descobrimento não devia, porém, tardar. Num vasto gesto de apprehensão duas immensas tenazes, do seculo xv ao xvi, andavam a buscar terra. Uma foi empunhada pelos navegadores de Oéste, a outra pelos navegadores do Sul. A tenaz lusitana conseguiu morder o Brasil, pelo qual roçou a tenaz hispanhola.

« Conhecido e participado o nascimento da terra de Sancta Cruz á Europa por d. Manuel, a nossa patria se tornou carniça, appetecivel e appetecida.

« Aves de rapina internacional, os aventureiros affluíram. Ás bicadas de audacia, arredando os Indios, Francezes e Hispanhões procuraram ás pressas arrancar as melhores partes da presa enquanto o rosto da côrte lusitana se voltava todo para as miragens da India e para a Malaca.

« Mas a fascinação do Oriente descora aos poucos. O Brasil se apresenta então deante do throno portuguez, levando-lhe o enigma do monstro do caminho de Thebas: ou me decifras, isto é, me colonizas; ou morres, isto é, me perdes.

« D. Manuel acordou do opiado sonho oriental. Deu principio á colonização, devagar, chelonicamente, revestindo-a de feição de defesa.

« As primeiras cidades se alcandoraram na fortaleza dos morros, na trincheira natural das rochas, longe da planicie, fugindo

do mar, desconfladas do rio, de todo o caminho grato ao inimigo e ao corsário.

« Olinda, a Bahia e o Rio de Janeiro ficaram nas montanhas como ahí postas por um grande gesto régio de paternal solicitude.

« Em breve a colonização se alastrou. Surgem as capitanias, feudos tropicaes sem fidalgos. Dentro dellas tumultuam as raças, com as suas qualidades e defeitos. Ennovellam-se o branco, o índio e o negro, parcelas heterogeneas que a brutalidade do tempo queria sommar á força. A par do branco oppressor, do índio oppresso e do negro gemente, as capitanias degeneravam e morriam.

« Enorme tronco apodrecido, se cobria de cogumelos ethnicos, de typos novos e cruzados: o mameluco, fructo do branco e do índio, producto do branco e do negro, e o cafuso, gerados dos vermelhos e dos negros.

« Enquanto isso, ia declinando o movimento social que puzera a correr pelos campos liquidos a « cavallaria do oceano ». No Brasil colonizado surgiu a legião dos missionarios, a infantaria da Fé, dizendo ao branco a misericordia, redizendo ao negro e ao índio a esperanza de uma vida de paz, reversa da terrena, e por fim bendizendo todas as raças no apêrto dos braços de Deus.

« Mas não bastava a palavra de protesto do jesuita contra o desmembramento da terra de Sancta Cruz pela frouxidão do donatario, pelo esfarellar das capitanias. Outro protesto mais forte se ergueu, o da Corôa, creando o governo geral, triturando as capitanias e argamassando-lhes o pó no bolo de uma nova unidade administrativa.

« Quão difficil a tarefa dos primeiros governadores geraes, mesmo dos da envergadura de um Thomé de Sousa e de um Mem de Sá! Cercavam-n'os patricios suspeitos, sinão tarados, fidalgos, plebeus e degredados, poucos delles bons, mulheres « erradas », massa social posta a ebulir no fogo de um clima ardente, onde todos os peccados, todas as culpas, se evaporavam á força de descuradas.

« É classico o desespero dos demonios authenticos na frescura de uma pia de agua benta.

« Essa frescura a sentiam os colonos, endemoninhados verdugos das raças inferiores, ao avistarem a Companhia de Jesus.

« Essa Companhia era um verdadeiro planalto moral acimado na cheia dos vícios e das degradações da colonia. Nessa epocha, no Brasil, os jesuitas distribuíam entre os opprimidos os melhores juro do capital divino: a tolerancia, a bondade e a misericórdia. Era a voz do Christianismo que lhes saía da boca deante de malvados e de maldades. E quem estuda imparcialmente a Historia, requeimado apenas pela séde ardente da verdade, ha de saudar os jesuitas do tempo numa attitude de altivo respeito, à maneira dos valentes de Gedeão bebendo na fonte sem curvar o joelho.

« No meio da lucta entre os colonos ao serviço das paixões, e os jesuitas ao mando da humanidade, movendo-se a um gesto de Deus, o governo geral tracta de defender o paiz das audacias dos povos mais valentes e mais poderosos da terra.

« O Francez quer plantar no Brasil as sementes da França Antartica e da Equinoxial, lembrado que um rei de França dizia ignorar qual a verba testamentaria de Adão legando o mundo a Hispanhões e Portuguezes.

« Após os Francezes, os Batavos, Trouxe-os o grande inimigo delles na Europa, o mar, esse mar que dia e noite lhes saliva de vagas a pequena patria, defendida pela tactica hydraulica dos diques.

« Os Hollandezes se installaram no Brasil, de onde lhes deu ordem de despejo mais a ineptia dos proprios que a habilidade dos contrarios.

« Aninharam-se, annos mais tarde, em Pernambuco, onde resistiram bastante à repulsa da Hispanha, de Portugal e dos nacionaes, vencedores graças aos talentos e ás providencias de Nassau, este contudo desajudado da Companhia das Indias Occidentaes, a lembrar, em scenario mais restricto, os transees do genial Annibal, luctando com os inimigos naturaes e contra os dirigentes da Republica de Carthago.

« Atrás dos homens estão sempre os principios.

« Villegaignon, o grupo da França Equinoxial, e Nassau representavam as luctas do commercio livre contra o monopollio e na proporção daquelle commercio a incognita é o corsario, esse caixeiro viajante da pilhagem, em busca da riqueza alheia e do esforço estranho.

« Caldo o panno sobre o drama da lucta entre o monopólio e o commercio livre, de novo se reergue, para outro grandioso espectáculo, o da formação do Brasil.

« Toda a grande obra supõe ártífices magnos.

« Na feitura do Brasil do seculo xvii ao xviii, intervieram como ártífices : o jesuita, o sertanejo e o bandeirante, este desbravando, aquelle caminhando e o primeiro moralizando.

« É a epocha de Antonio Vieira a cinzelar a lingua portugueza, a boris de ironia, nos pulpitos brasileiros. É a quadra das subidas e descidas do sertanejo, a par das tomadas de posse de territorio pelo bandeirante, esse nome tão expressivo que parece desfraldar-se e trapejar ao vento no proprio idioma.

« Sertanejos e bandeirantes retalham a face do paiz a golpes de progresso, sem desperdício de tempo, sem ociosidade, a grande mestra da malicia, no dizer classico.

« Ao redor dos marcos dos descobrimentos de sertanejos e bandeirantes se desenvolve toda a nossa historia local, flor sangrenta de conquista, promettendo o fructo amadurecido da expansão.

« Eis-nos no seculo xviii. Que seculo tão sério para a humanidade, tão frivolo nos seus homens e nas suas mulheres!

« Que seculo tão imbuído de scepticismo e tão polvilhado de pó de arroz, no seu declínio tão sujo de sangue, com tanta lagrima a lavar o pó de arroz.

« Nesse seculo, no Brasil, o espirito da independencia se accende no corpo social.

« Num canto de Minas um grupo de sonhadores acordados imagina a autonomia, dá-lhe a fórma de uma republica pacifica, a julgar pela sua divisa — *Libertas que sera tamen* — pedida ás eglogas virgilianas. Conspiração a que não faltou a nota suave, o idyllo de Marília, medido a versos e rythmado a beijos.

« A conjura é atrafcoada. Tanto a delatam traidores quanto os membros della, loquazes e imprudentes.

« Descoberta, foi punida com severidade, muito áquem de quanto abuso commettem os governos dos paizes mais civilizados do seculo xx. E como não ser assim?

« O aperfeiçoamento da humanidade é a gotta d'agua que só

escurva a pedra a cabo de innumerous seculos. Sob a casaca irreprehensivel do cavalheiro que, nas salas, entre ademanes se entrega a adocicados *firts*, ás vezes de amargos sabores, vive o que a *Imitação de Christo* chama o « velho homem », o troglodyta dynamizado pela cultura penosa das edades.

« Subjugada a Inconfidencia Mineira, o absolutismo não gosou a victoria por muito tempo. A autonomia era a causa vencedora nos ultimos dias da colonia quando o principe regente, saindo de Lisboa, empreheudeu uma especie de Varennes marítimo, mais feliz que a fuga do desditoso Luiz XVI, o tyranno, como o chamavam os Jacobinos da Revolução, mas em todo o caso o tyranno mais tyrannizado que tem conhecido a Historia.

« A transmigração da familia real portugueza trouxe aos materiaes accumulados da autonomia a fagulha ateadora de benefico e inevitavel incendio.

« No seculo de d. João veio um personagem incognito. Achou facil hospedagem no Rio de Janeiro, onde tanto custaram a alofar-se os fidalgos da comitiva régia, parasitas do tronco real, trazido pelas aguas do Atlantico, do Tejo á Guanabara.

« Esse personagem era a nossa liberdade.

« Napoleão, sem querer, nos prestou um favor, com a vinda desse principe, cujos serviços um dos nossos consocios, o sr. Oliveira Lima, descreveu com tanta sciencia quanta consciencia.

« Tivemos a autonomia como mr. Jourdain teve prosa, sem saber. E rapidamente no-la deu esse d. João, que do Brasil se separou com lagrimas, pressagos de seu fim proximo.

« Na constancia da estadia do rei portuguez em nossa terra, entre dezenas de reformas uteis e immorredouras, o constitucionalismo começou a erguer na Europa o pé de vento das rebeldias anti-abolicionistas, a cujo sibilar se estorceram, da raiz á folhagem, os velhos robles dynasticos.

« O pé de vento transpoz o oceano. Veio varrer o Rio de Janeiro, ahí abriu as janellas dos paços regios. Pouco tempo depois d. João VI saia do Brasil, e, na clarividencia de seu bom senso, ordenara ao filho que puzesse na cabeça a corôa brasileira antes de ver algum aventureiro lhe pôr as mãos.

« O conselho foi seguido á risca. D. Pedro com o ardor da

sua juventude, com os surtos de seu temperamento cavalheiresco, preside á nossa independência, militar e dynasticamente, consoante o aviso paterno.

« Organizou o Imperio, ao relampaguear das revoltas, caminhando entre duas ondas, de pé, por muito tempo, quaes as do mar Vermelho á passagem dos Hebreus — o lusitanismo e o nativismo.

« Essas ondas se encontraram, arrastando para fóra da barra Pedro I e o seu reinado, para cuja bacia politica haviam corrido, ou em curso lento e sinuoso, em arabescos de preguiça, ou em caudal, todas as correntes da democracia, retomando os seus leitos após o desvio delles em 1792, 1817 e em 1824.

« Como já observei que atraz dos homens estão os principios, o nativismo e a democracia se apresentaram no Campo da Acclamação em 7 de Abril de 1834.

« E passámos para a regencia, no fim da qual nasceu o Instituto, para esse período de sub-imperadores, de anarchia civil cavalgando a indisciplina militar, de padres dissolvendo exercitos.

« A par de todas as calamidades públicas, da lucta ás cegas entre os principios unitarios e federalistas atravez da floresta escura das guerras civis, havia, porém, patriotismo roborante. A sua figura representativa é Evaristo, a sua tribuna é a *Aurora Fluminense*, o jornal de nome gracioso e promissor, nuncio de claridades na espessura das trevas densas.

« A regencia comparece á barra da Historia, ante o juiz posteridade e o auditorio humanidade, invocando em desconto de erros e culpas, duas formidaveis attenuantes: a salvação do imperio pelo Acto Adicional e o esforço preservador da unidade da patria.

« Sobre as solidas estratificações politicas da regencia, repousou o reinado de d. Pedro II.

« Rompeu na alvorada sanguinea das guerras intestinas, extintas a jactos de clemencia pelo monarcha adolescente, e terminou no crepusculo de um exilio hoje dourado pela luz solar da Historia.

« Falar de d. Pedro II no Instituto Historico é reunir a fa-

milia para ouvir a narração da existencia do pae desvelado, da solicitude com que cuidou da progenitura durante a sua passagem pela terra, em transitio para melhor vida.

« Durante annos e annos duas instituições mereceram os desvelos particulares do Imperador, o Instituto e o Collegio d. Pedro II, viveiros intellectuaes de onde se retiraram as mais bellas plantas para as exposições da nossa cultura.

« Cada novo membro do Instituto, como cada novo professor do Pedro II, tem o dever de honrar este morto, meditando o patriotismo d'elle, que durante cincoenta annos esteve de ronda na fronteira de amor ao Brasil, sentinella jámais pendida dos seus interesses vitaes.

« Ao Instituto deu d. Pedro II os mais bellos exemplos da assiduidade no dever e da tolerancia, essa virtude dos superiores, dos super-homens, como no dia em que veio, bisneto de Maria I, a esta casa presidir á commemoração de Tiradentes e de seus companheiros.

« Nesse grande exemplo procurei inspirar-me de longe para corresponder á honra por vós dispensada, a de eleger-me vosso consocio, por suffragio unanime. Antes de pertencer ao vosso gremio já vos havia dado arrhas da minha dedicação e do meu respeito, de envolta com o intenso affecto pela terra natal.

« Quantas vezes no só do estrangeiro, a lembrei carinhoso no amago da saudade. Quantas vezes nas salas tranquillias ou rumorosas dos archivos europeus, no British Museum, na Torre do Tombo, na Bibliotheca do Vaticano, nos archivos de Haya, na Bibliotheca de Stockolmo, em todos os logares onde transporte a minha sêde de sentir, revivi a Historia da patria folheando com meigo interesse os velhos documentos, onde estava em pedaços repartida.

« E, para amenizar este discurso, consenti que vos refira um facto curioso, prova de que nos archivos se pôde encontrar a Historia viva.

« Uma vez, nos Archivos Nacionaes de Pariz, gastára o dia estudando o periodo da invasão de Duguay-Trouin no Rio de Janeiro, um desses assumptos em que é tão versado Vieira Fazenda,

doutor e douto, índice eloquente da munda riqueza bibliographica do Instituto.

«Era outomno e ventoso. Quando acabei de compulsar os documentos, a tarde vinha caindo para o levantar da noite. Ao meu lado uma senhora edosa, distincta, manuseava tambem documentos, tomando notas num pequeno caderno. Erguemo-nos quasi ao mesmo tempo e inclinei-me respeitoso para deixa-la passar, delicadeza que me agradeceu com uma saudação altiva e melancolica.

«Eu acabava, sem saber, de encontrar a Historia viva depois de ter tractado com o passado adormecido. A minha vizinha era a Imperatriz Eugenia, a viuva de Napoleão III, a Eva esquecida do paraíso perdido do segundo imperio.

«Enquanto se afastava, guardando nas mãos o seu caderno de notas e na alma as suas saudades, eu descia, com as minhas reflexões e meus apontamentos, até á praça do Hotel de Ville, outr'ora praça da Grève, de tão sinistras recordações.

«Não posso folhear os documentos colhidos acerca da expedição franceza de 1711, sem me lembrar do dia, no qual os coordenei ao lado da representante de um dos mais rutilos e dos mais luctuosos períodos da Historia de França.

«Voltando agora ao sincero protesto da minha gratidão, eu vos prometto, senhores socios do Instituto Historico, um esforço humilde mas dedicado no seio de uma companhia honrada e honrosa.

«E, para terminar, peço venia para outra recordação de minhas peregrinações.

«No Inverno de 1910, eu viajava de Milão para Lausanne, pelo Simplon. O dia estava muito felo.

«Grossas nuvens claras emolduravam o horizonte.

«Uma sensibilidade friorenta a todos invadia. Enormes geleiras, gigantes endurecidos pelo vento, azulavam a poder de brancura. Flores de neve pareciam desabotoar nos galhos nús das arvores.

«Tudo angustlava, á força de tristeza e vazio, tudo trespassava o coração como uma lamina. Gotas de agua luziam nessa paisagem humida.

« A neblina estava tão baixa que punha capas nos telhados das aldeias perdidas na distancia. Ellas dormiam na alvura. A lua, muito minguada em pleno dia, desbotava-se no céu pallido como um olhar occulto sob as palpebras.

« A terra era uma toalha de neve. Sobre esta, uma cousa vivia, o vestigio de frequentes passos humanos assignalando as estradas em longo sulco de esforço, coragem e paciência.

« Taes passos, respingando a neve de manchazinhas sombrias e profundas, restituíam luz inteira á paisagem. A natureza queria annuiar-se, esparzir funebre mágoa, convidar ao pranto, mas o animo sentia-se commovido, forte, cheio de esperança. Aquelles vestigios attestavam a penosa Historia do homem sobre a terra e ao mesmo tempo a ousadia de seus passos.

« As pegadazinhas sobre a neve davam cunho de grandeza á paisagem deserta. Tinha-se vontade de descer do trem para ajoelhar juncto ao irregularissimo signal dos passos da fragil creatura humana, estalando de continuo ao pézo da morte, quebradiça a todas as misérias, e desafiando a criação e os seus inexgotaveis reservatorios, o infinito e a eternidade.

« Como no caminho do Simplon, si ha lugar em que o passo humano indo e vindo, hontem, hoje, incessantemente, infatigavelmente tenha deixado impresso o seu vestigio, esse lugar é o Brasil, pois o progresso de nossa terra é função das suas explorações e de seus exploradores.

« Deante do Brasil dobro o joelho ao incorporar-me no gremio do Instituto Historico e da sua obra, cálida de patriotismo. » (*Calorosos e prolongados applausos*).

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO (*orador do Instituto*) respondeu da seguinte fórma :

« Sr. dr. Escagnolle Doria.

« As palavras encantadoras, com que acabas de estréar no Instituto Historico, e que todos ouvimos com summa attenção e real deleite, não fazem sinão attestar a justiça, com que esta companhia vos chamou ao seu gremio.

« Com o saudosissimo visconde de Taunay — o nosso glorioso Xenophonte da *Retirada de Laguna* — desapareceu dentre nós, não ha muito, um representante dessa familia privilegiada de ar-

tistas e benemeritos cidadãos, que, em hora para nós felicíssima, o conde da Barca e o marquez de Marialva conseguiram attrahir ao Brasil no reinado do sempre lembrado d. João VI, a quem o nosso Brasil tanto deve.

« Prestastes com grande justiça, illustrado consocio, piedosa e commovente homenagem filial a esse grupo distincto de velhos ornamentos do Instituto, varões eminentes, cuja recordação não é para nós menos cara do que para vós, herdeiro de nome, sangue, talento e virtude.

« Convosco reata-se, pois, a cadeia, que a mão da morte impiedosamente rompêra; convosco teremos sempre a fortuna de relembra-los aquelles nomes queridos, que o tempo não apaga dos nossos corações, como não poderá jámais riscar a Historia dos primeiros dias do Imperio.

« Tvestes entre outras uma phrase muito feliz, dizendo que no sequestro do príncipe regente d. João, viera entre os fidalgos, parasitos do tronco real um personagem incognito: a nossa liberdade. Permitti que parodiando essas palavras traductoras de uma verdade historica incontestavel, eu diga tambem: na famosa missão artistica de 1816, que acompanhou Lebreton ao Brasil, veio-nos egualmente o germe de uma pleiade brilhante de talentos que honram ainda hoje a nossa Patria, e dos quaes é licito esperar trabalhos de grande valia.

« Professor laureado e vergonteia dessa estirpe, iniciaes aqui a série de vossas conferencias com um lucido resumo da nossa Historia, no qual brilha o vosso juizo critico apurado e magistral.

« O Instituto não foi, pois, generoso, abrindo-vos as portas; foi ambicioso de glorias chamando para seu seio um trabalhador emerito, que o ha de honrar servindo ás letras nacionaes como honra a cathedra, em que se sentaram Tautpheus, Calogeras e Joaquim Manuel de Macedo.

« Com o delicado pincel de colorista, e revelando alma do poeta — dons tradicionaes da vossa raça — desenhastes aos nossos olhos aquelle panorama do Simplon, em que « sob a toalha de neve uma cousa vivia: o vestigio de passos humanos assignalando as estradas em longo sulco de exorço, coragem e paciência », e

depois de haverdes pintado a singular paisagem, comparastes esse caminho assignalado pelo passo humano ao nosso Brasil, cujo progresso é função de seus exploradores.

« Não pretendo nem posso negar a belleza da imagem. Mas peço licença para contrapor-vos outra, posto que me falleçam as tintas raras de vossa palheta.

« Ha seculos, um pavoroso cataclysmo sepultou tres cidades juncto áquella formosa Parthéoupe de tão poetica recordação. Torrentes de lava e cinzas cobriram-n'as, transformando habitações, templos, theatros, monumentos em ruínas, « cujo aspecto tambem trespassa o coração como uma lamina ». Quasi se perdêra a memoria da florescente e garrida Pompêa, até que os descobrimentos e os trabalhos da Archeologia moderna revelaram ao mundo um curiosissimo capitulo do livro da civilização.

« Assim mergulharam, na onda do tempo, os acontecimentos dos primeiros seculos da nossa Historia, as tradições e os dialectos do aborigene, as façanhas dos exploradores ousados, que devassaram o sertão com heroísmo, as correntes do primitivo povoamento, os prodigiosos sacrificios do catechista, que, com risco da vida, foi levar o nome de Christo ás tabas longinhas do tapulo.

« Tudo isso, meio sepultado no esquecimento ou na poeira dos archivos, val a pouco e pouco resurgindo, voltando á luz pela investigação laboriosa do historiador e do ethnologo, que recompõem as scenas de costumes, o vocabulario multiforme do aborigene, a trilha gloriosa dos bandeirantes, a marcha lenta da civilização que se foi infiltrando pelo corpo deste colosso patrio, que tanto amamos.

« A obra não está concluida nem se concluirá tão cedo, porque reconstituir o periodo largo de quatro seculos de esforço e de luta não é trabalho de uma geração.

« Vindes a tempo, illustre consocio, de ajudar-nos nesta magna tarefa; e, si dobraes o joelho deante do Brasil ao vos incorporardes no nosso gremio para esta « obra calida do patriotismo », nós, com a vossa prestimosa collaboração, tambem de joelhos deante da sagrada imagem da Patria, rendemos graças ao Céu, que retempera cada dia nossas forças com sangue rubro

e ardente de novos luctadores que vêm, felizmente, render a guarda dos veteranos no altar da Historia.

«O Instituto sauda-vos com verdadeiro júbilo.» (*Palmas. O orador é vivamente felicitado*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que nada mais havendo a tractar levantará a sessão; não o fará, porém, sem agradecer a presença do sr. ministro da Viação, dos representantes dos snrs. ministros do Interior e da Fazenda, do sr. general prefeito do Districto Federal, ex.^{mas} senhoras e cavalheiros, que tanto realce deram á presente sessão.

Convida o escolhido auditorio para assistir na sala da directoria á inauguração do retrato do inclyto orador do Instituto, sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Levanta-se a sessão ás 5 horas da tarde.

Radler de Aquino (servindo de 2.º secretario).

ANNEXO

(Discurso do sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pronunciado a 11 de Junho de 1912, por occasião de se inaugurar na sala da Directoria do mesmo Instituto o retrato do consocio effectivo, sr. almirante Barão de Teffé).

«Ex.^{mo} sr. marechal Hermes da Fonseca, dignissimo chefe do Estado e presidente honorario do Instituto, eminentissimo sr. cardeal, minhas senhoras e meus senhores.

«A collocação, entre os dos proceres do Instituto, do retrato de s. ex.^a o sr. almirante barão de Teffé, que tão calorosamente acabais de applaudir, é um acto tão natural, tão legitimo, tão merecido, que extranhavel fôra tentar eu agora justifica-lo.

«Ha trinta annos, tem o Instituto a fortuna de incluir a s. ex.^a na lista de seus socios.

«Durante não curto periodo exerceu, com a correção que sempre lhe assignava qualquer incumbencia, as funcções de nosso thesoureiro.

«Desempenhando elevadas commissões, no exercicio de altos cargos administrativos e diplomaticos, jámais cessou de mostrar interesse pela nossa casa que guarda, com carinhoso e reconhecido zêlo, muitas e preciosas demonstrações do cavalheirismo peculiar a s. ex.^a

«Em mais de uma cousa, o barão de Teffé está hoje no Brasil em egreja unidade.

«É o unico sobrevivente dos commandantes, que se aureolaram de gloria em Riachuelo; é o unico Brasileiro, talvez o unico americano, membro do Instituto de França, rarissima distincção esta, cuja honraria se reflecte sobre todo o nosso paiz.

«Em 1889, delegado brasileiro no Congresso Internacional Aerostatico, reunido em Paris, reivindicou, na patria de Montgolfier, para o Brasil, na pessoa do padre Bartholomeu de Gusmão, a iniciativa da conquista desse elemento incoercivel e infinito, onde, com Julio Cesar, Augusto Severo e Santos Dumont, tanto se tem erguido, antes de quaesquer outros, o nome e o pavilhão de nossa patria.

«Homem de guerra, homem de lettras, homem de sciencia, homem de sociedade, administrador, diplomata, artista, o seu titulo, a sua patente, os seus livros, as medalhas e condecorações que lhe exornam o altivo peito, são documentos vivos de uma existencia cheia, fecunda, exemplar.

«Com a mesma elegante intrepidez e donairoso brio, de que deu mostras em Riachuelo, soube constantemente proceder na batalha da vida, seguindo sempre o lemma de Barroso naquella acção, isto é, correspondendo á espectação da consciencia publica, no cumprimento de todos os deveres domesticos e civicos.

«Ainda uma superioridade de s. ex.^a: educou descendentes continuadores dos seus talentos, virtudes, capacidade e serviços.

«Ha dias, o Rio de Janeiro intellectual está admirando as produções artisticas de uma digna filha e discipula de s. ex.^a, e em cujo encantador engenho se alliam ás mimosas graças femi-

ninas o intermitente ardimento, a afouta distincção que sagraram seu pai um dos nossos bravos.

« Adorna com a sua presença esta solennidade a eximia caricaturista *Rian*.

« Afim de dar á presente inauguração uma delicada nota de arte e torná-la mais agradável e tocante ao heroe de Riachuelo e nosso heroe de hoje, tenho a honra de convidar a senhorita Nair de Teffé a commigo, que me prezo de tributar a seu pai uma veneração proxima da filial, desvendar a effigie do conspicio socio do Instituto, o insigne Brasileiro almirante Antonio Luiz von Hoonholtz, barão de Teffé!

(Palmas e applausos prolongados).

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINARIA,
EM 27 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

As 4 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão da assembléa geral com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, dr. Gastão Ruch, barão de Teffé, dr. José Americo dos Santos, dr. Pedro Souto Maior, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, padre dr. Julio Maria, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Antonio Jansen do Paço, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Norival Soares de Freitas, dr. Sylvio Romero, commendador Arthur Guimarães, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires e conselheiro João de Sá Camelo Lampreia.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) manda lêr a acta da sessão da assembleia geral extraordinaria, realizada a 17 de Fevereiro ultimo.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (2.º *secretario*) lê a referida acta, que é approvada unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz ter mandado convocar a presente sessão de assembleia geral extraordinaria, de inteira conformidade com o que dispõe o art. 53 dos actuaes Estatutos, para se deliberar sobre a proposta de alteração dos mesmos, apresentada na assembleia geral de 21 de Novembro do anno passado pela Commissão de Estatutos e Redacção, unanimemente, nos termos do art. 72 dos mesmos Estatutos.

Essa proposta foi lida na referida assembleia de 21 de Novembro, ficando para ser discutida e approvada na primeira sessão de assembleia geral que se reunisse, tendo sido publicada na integra no *Diario Official* de 3 de Dezembro de 1911.

A Commissão de Estatutos e Redacção, de accordo com elle presidente, resolveu fazer novas alterações e melhorar a respectiva redacção, como verão os illustres consocios do projecto distribuido em avulso e transcripto na presente acta.

Projecto de Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

CAPITULO I

Do Instituto, sua sede, seu fim e sua organização

Artigo 1.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado a 21 de Outubro de 1838 na cidade do Rio de Janeiro, sua sede social, tem por fim proceder a estudos e investigações concernentes á Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia, principalmente do Brasil.

Art. 2.º Para realiação do fim, a que se propõe, o Instituto deverá:

- a) colligir, conservar e classificar documentos, livros, car-

tas geográficas e outros objectos que lhe possam fornecer elementos de informação e devam constituir um Archivo, uma Bibliotheca e um Museu ;

b) publicar annualmente a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, dividida em duas partes, em uma das quaes serão insertos trabalhos dos socios e documentos relativos ao Brasil, e em outra, além desses trabalhos, as actas das sessões, o relatório do 1.º secretario, lido na sessão magna anniver-saria, e a lista dos socios existentes, com as suas diversas cate-gorias e data de admissão ;

c) estabelecer correspondencia com as sociedades nacionaes e estrangeiras de igual natureza.

Art. 3.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro compor-se-ha de :

§ 1.º Socios honemeritos, em numero de 10.

§ 2.º Socios honorarios, em numero de 50.

§ 3.º Socios effectivos, em numero de 60.

§ 4.º Socios correspondentes, em numero de 80.

Art. 4.º Todos os negocios do Instituto serão administrados por uma directoria, não sendo responsaveis solidariamente os demais socios pelos actos, que esta praticar.

Art. 5.º Os membros da directoria serão :

a) um presidente ;

b) um 1.º secretario ;

c) um 2.º secretario ;

d) um orador ;

e) um thesoureiro.

§ 1.º Haverá tambem tres vice-presidentes que, na respec-tiva ordem, assumirão a presidencia no caso de vaga e notorio impedimento, ou quando o presidente effectivo passar, por escripto, o exercicio do cargo.

§ 2.º Fóra destes casos os vice-presidentes dirigirão apenas os trabalhos nas sessões e nas assembléas, a que deixar de com-parecer o presidente.

Art. 6.º Haverá as seguintes commissões permanentes, cada uma composta de cinco membros :

§ 1.º Commissão de Fundos e Orçamento.

- 2.º Comissão de Estatutos.
- 3.º Comissão de Historia.
- 4.º Comissão de Geographia.
- 5.º Comissão de Ethnographia e Archeologia.
- 6.º Comissão de Admissão de Socios.

CAPITULO II

Dos socios, sua admissão, seus direitos e deveres

Art. 7.º Para ser admittido como socio effectivo deverá o candidato residir no Rio de Janeiro e apresentar directamente, ou por algum socio em seu nome, trabalho proprio acêrca de Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia, quer esse trabalho seja inedito, quer já estampado, uma vez que abone a capacidade do auctor.

§ 1.º A proposta deve ser feita por escripto e conter o nome e appellidos do candidato, sua naturalidade, profissão, trabalhos e titulos que o recommendem.

§ 2.º Só serão aceitas pela Directoria propostas para socio effectivo quando acompanhadas de trabalhos do candidato, com offerecimento autographo ao Instituto.

§ 3.º Apresentada a proposta, assignada por tres ou mais socios, será ella remettida á Comissão de Historia, de Geographia ou de Ethnographia e Archeologia, conforme a natureza do trabalho ou dos trabalhos do candidato, e a Comissão submeterá á Directoria o resultado do seu exame.

§ 4.º Discutido e approvado em sessão este parecer, irá á Comissão de Admissão de Socios, a qual dará opinião sobre a idoneidade do candidato e conveniencia de sua admissão.

§ 5.º O parecer da Comissão de Admissão de Socios será discutido em sessão e submittido á votação em escrutinio secreto.

§ 6.º Si na urna apparecer maioria de espheras brancas, considerar-se-ha acceto o candidato, e o presidente proclamá-lo-ha socio effectivo do Instituto.

§ 7.º 81, porém, houver maioria de espheras pretas, considerar-se-ha rejeitada a proposta.

§ 8.º Os membros das commissões, que assignarem propostas dependentes do parecer das commissões de que fizerem parte, serão substituídos, nesse caso especial, pelos socios que o presidente nomear.

Art. 8.º Para ser socio correspondente deverá o candidato preencher as condições exigidas no art. 7.º, menos a de residencia no Rio de Janeiro, feita a proposta da mesma forma que para socio effectivo e observado identico processo.

Art. 9.º O socio correspondente que vier residir no Rio de Janeiro passará a effectivo quando houver vaga, e o effectivo que fixar definitivamente residencia fóra da capital da Republica será transferido na primeira occasião para a classe dos correspondentes.

Art. 10. Só poderão ser socios honorarios :

a) os socios effectivos que tiverem prestado serviços notaveis ao Instituto ou exercido, por mais de 10 annos consecutivos, cargos na Directoria ou nas Commissões Permanentes ;

b) os socios correspondentes, que por mais de 10 annos fizerem parte do Instituto e lhe houverem prestado serviços relevantes ;

c) as pessoas que se tiverem distinguido por seu consummado saber, manifestado especialmente no dominio da Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia.

Art. 11. As propostas para socios honorarios deverão conter no minimo seis assignaturas e serão enviadas á Commissão de Admissão de Socios ; o respectivo parecer será votado em escrutinio secreto.

Art. 12. Os socios honorarios pagarão sómente o diploma, sendo essa contribuição dispensada quando se tractar de pessoas nas condições da lettra c do art. 10.

Art. 13. Só poderão ser elevados á classe de socios benemeritos os honorarios, que tiverem no minimo 20 annos de notaveis serviços ao Instituto.

Art. 14. A eleição de socios benemeritos será feita em assembléa geral.

Art. 15. A qualidade excepcional de presidente honorário só poderá ser conferida em assembléa geral aos chefes de Estado ou aos membros do Instituto, que tiverem sido presidentes effectivos, mediante proposta de tres ou mais membros da Directoria e demais socios, perfazendo um total de vinte e uma assignaturas.

Paragrapho unico. A proposta assim apresentada considerar-se-ha approvada, e o presidente do Instituto communicará ao titular a distincção que lhe foi conferida, enviando-lhe o respectivo diploma.

Art. 16. A qualquer dos membros das commissões, que no espaço de dous mezes não apresentar o trabalho que lhe competir e não allegar excusa satisfactoria, dará o presidente um substituto.

Art. 17. Nenhum socio se negará, sem motivo justificado, aos trabalhos de que tiver sido incumbido.

Art. 18. O socio contribuinte, que por espaço de dous annos deixar de pagar as suas contribuições, havendo para isso recebido aviso do thesoureiro (expedido por meio de carta registada com recibo de volta), será considerado como tendo renunciado a sua qualidade de socio.

Art. 19. Para que possam os socios fazer parte da Directoria ou das commissões e ser transferidos de uma classe para outra, deverão ter em tempo satisfeito o que fór devido aos cofres do Instituto, e bem assim ter tomado posse, de accôrdo com o art. 20. Sómente os socios nessas condições terão direito á *Revista*, de conformidade com o art. 26.

Art. 20. Quando algum socio quizer tomar posse, enviará ao presidente cópia do respectivo discurso, realizando-se a cerimonia dentro de trinta dias, contados da data da entrega da referida cópia.

§ 1.º Si o discurso contiver opiniões susceptíveis de perturbar a serenidade dos trabalhos do Instituto, o presidente submete-lo-ha á consideração da Directoria e, de accôrdo com o que se resolver na reunião, devolve-lo-ha ao recipiendario, convidando-o a fazer as alterações indispensaveis, sem o que não poderá realizar-se a posse.

§ 2.º Na occasião da posse o recipiendario prestará o seguinte compromisso : « Prometto promover, quanto em mim couber, o engrandecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e observar fielmente os seus Estatutos. » Em seguida o presidente declarará empossado o novo socio.

§ 3.º Depois da posse o presidente dará a palavra ao recipiendario, que lerá o seu discurso de admissão, e a quem responderá o orador.

§ 4.º Os discursos do recipiendario e do orador serão insertos na acta.

§ 5.º O socio eleito não tomará posse, nem será como tal inscripto no livro competente, sem que haja satisfeito as contribuições devidas e exhiba o seu diploma.

Art. 21. Os socios teem como distinctivo uma roseta de cor azul-celeste para ser usada nas reuniões e solennidades sociaes e naquellas em que representarem o Instituto.

Art. 22. Aos socios de todas as classes expedir-se-ha um diploma, que será assignado pelo presidente, pelo 1.º secretario e pelo thesoureiro.

Art. 23. Cada socio effectivo ou correspondente pagará como joia de admissão a quantia de 100\$, além de 30\$ do diploma, e concorrerá com a somma de 24\$ annuaes, paga adeantadamente.

Paragrapho unico. Estão isentos de qualquer contribuição :

- a) os benemeritos ;
- b) os honorarios, admittidos de accôrdo com a lettra c do art. 10 ;
- c) os correspondentes que residirem fóra do territorio nacional.

Art. 24. Os socios, que se quizerem remir do pagamento de prestações annuaes, poderão fazê-lo pagando, além do diploma, a quantia de 200\$000.

Art. 25. Os socios, que se acharem atrazados no pagamento das prestações annuaes, só poderão remir-se depois de solver as suas dividas.

Art. 26. Os socios, que satisfizerem as joias e as contribuições, terão direito a um exemplar da *Revista do Instituto*, desde

o dia da sua admissão em deante, pagando o porte do correio.

Art. 27. Aquelle que dever as prestações de dous annos perderá o direito a receber a *Revista*.

Art. 28. Nos enterros de membros do Instituto, far-se-ha este representar, sempre que lhe chegar a tempo a participação.

CAPITULO III

Das eleições e attribuições da Directoria e das Comissões Permanentes

Art. 29. O mandato da Directoria e das Comissões será de dous annos.

Art. 30. De dous em dous annos será convocada a assembléa geral para o dia 15 de Dezembro, ou sendo este impedido, para o dia seguinte, afim de eleger a nova Directoria e as novas Comissões, que tomarão posse no dia 7 de Janeiro do anno seguinte :

Art. 31. A eleição será feita por escrutinio secreto, observando-se o seguinte :

§ 1.º Cada socio presente lançará na urna duas cédulas, uma contendo o nome do presidente, dos vice-presidentes, do 1.º secretario ¹, do 2.º secretario, do orador e do thesoureiro, e outra contendo o nome dos membros das diversas Comissões.

§ 2.º A apuração será feita separadamente, e, só depois de proclamados os membros da Directoria, se procederá á apuração quanto ás Comissões.

§ 3.º Só para o cargo de presidente se requer maioria absoluta; no caso de empate, correrá segundo escrutinio e, si ainda assim este não fór decisivo, a sorte desempatará a eleição.

Art. 32. Os membros da Directoria podem ser reeleitos, bem como os das Comissões, mas a eleição só recairá em so-

¹ A Assembléa geral de 2 de Março de 1907 conferiu ao 1.º secretario Max Fleissas a perpetuidade nesse cargo.

cios effectivos ou em honorarios e benemeritos, residentes na sede do Instituto, podendo os membros da Directoria, excepto o presidente, fazer tambem parte de qualquer das Commissões.

Art. 33. As vagas, que durante o biennio occorrerem na Directoria ou nas Commissões Permanentes, serão preenchidas por nomeação do presidente, feita em portaria, que será registada em livro especial.

Art. 34. Sempre que o Instituto renovar biennialmente a sua direcção, communicá-lo-ha ao Governo Federal por officio assignado pelo presidente ou pelo 1.º secretario.

Art. 35. O presidente tomará posse e dirigirá, dentro das normas destes Estatutos, os trabalhos do Instituto pelo espaço de dous annos.

Art. 36. Ao presidente incumbe :

§ 1.º Presidir ás reuniões da Directoria, ás sessões ordinarias, extraordinarias e anniversarias, ás assembléas geraes e ás de eleição.

§ 2.º Representar o Instituto, por si ou por seu mandatario, em todos os negocios judiciaes ou extra-judiciaes.

§ 3.º Nomear quem sirva interinamente nas Commissões ou na Directoria, no caso de falta dos respectivos membros.

§ 4.º Nomear os relatores das Commissões.

§ 5.º Nomear, suspender e exonerar os funcionarios do Instituto.

§ 6.º Auctorizar todos os pagamentos.

§ 7.º Providenciar sobre quaesquer negocios do Instituto, nos limites destes Estatutos.

Art. 37. O presidente poderá oppôr *veto* ás deliberações tomadas nas sessões ordinarias e extraordinarias, sendo a Assembléa geral a unica competente para confirmar ou rejeitar os *vetos*.

Art. 38. O 1.º secretario, que será o chefe da secretaria, terá a seu cargo todo o expediente e superintenderá o archivo, a bibliotheca e o museu. Compete-lhe :

§ 1.º Propôr ao presidente a nomeação ou exoneração do bibliothecario ou do director da *Revista*, cargos que poderão ser exercidos por socios do Instituto, e dos demais funcionarios.

§ 2.º Suspende, até 15 dias, qualquer desses funcionarios, dando sciencia ao presidente e designando o substituto interino.

§ 3.º Fazer inventariar os manuscriptos, livros e quaesquer outros objectos pertencentes ao archivo, bibliotheca e museu, e mandar imprimir os respectivos catalogos.

§ 4.º Mandar reformá-los de cinco em cinco annos, para serem impressos.

§ 5.º Determinar a compra de objectos necessarios ao expediente, attendendo á respectiva verba do orçamento, e providenciar sobre todos os serviços da secretaria, archivo, bibliotheca e museu.

§ 6.º Processar a folha dos vencimentos dos funcionarios e rubricar os documentos de despesa.

§ 7.º Providenciar, na falta do presidente, a respeito de todos os negocios urgentes do Instituto, participando-lhe immediatamente as providencias que houver tomado.

§ 8.º Mandar organizar em livro proprio e sob sua immediata fiscalização e responsabilidade o cadastro de todos os socios do Instituto, com especificação da data de sua eleição, posse, transferencia de classe e tudo mais quanto possa ter relação com a qualidade de socio.

Art. 39. O 2.º secretario será o immediato auxiliar do 1.º secretario e seu substituto. Cabe-lhe especialmente :

Paragrapho unico. Redigir as actas das reuniões da Directoria, das sessões e das assembléas geraes, e expedir os respectivos avisos de convocação.

Art. 40. Compete ao thesoureiro :

§ 1.º Arrecadar e pôr em guarda os fundos do Instituto, depositando, em um banco de sua escolha e aceito pelo presidente, as quantias que não tiverem applicação immediata.

§ 2.º Pagar as despesas competentemente autorizadas, de accordo com as disposições destes Estatutos, não devendo fazer pagamento sem autorização escripta do presidente, quando esteja excedida a respectiva verba do orçamento.

§ 3.º Escolher um cobrador, extranho ao pessoal do Instituto, por quem se responsabilizará, e que perceberá pelo seu trabalho uma commissão fixada pelo presidente.

Art. 41. O thesoureiro dará contas annuaes da administração dos fundos a seu cargo.

§ 1.º Essas contas abrangerão a receita e despesa de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro e serão apresentadas ao presidente até o dia 15 de Fevereiro do anno seguinte.

§ 2.º Examinadas as contas pela Commissão de Fundos e Orçamento, serão apresentadas á Directoria acompanhadas de parecer, que na primeira sessão ordinaria será submettido a discussão e votação.

Art. 42. Ao orador compete :

§ 1.º Pronunciar o discurso de recepção dos novos socios.

§ 2.º Fazer o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno social.

§ 3.º Usar da palavra, em nome do Instituto, quando este se fizer representar em alguma solennidade.

Art. 43. Pertence á Commissão de Fundos e Orçamento :

§ 1.º Examinar as contas, que lhe forem submettidas.

§ 2.º Dar parecer sôbre a proposta do orçamento annual de receita e despesa, que lhe será apresentado pelo 1.º secretario até 30 de Setembro.

§ 3.º Dar parecer sôbre assumpto de sua competencia, quando fôr consultada pelo presidente.

Art. 44. Pertence á Commissão de Estatutos :

§ 1.º Dar parecer sôbre dúvidas que occorrerem na interpretação destes Estatutos, bem como sôbre as emendas, reformas ou additamentos, que a estes forem necessarios.

§ 2.º Estabelecer o processo para a concessão dos premios, que tiverem de ser conferidos pelo Instituto.

Art. 45. Pertence ás Commissões de Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia :

Paragrapho unico. Dar parecer sôbre as memorias, documentos e publicações, que lhe forem remettidos pelo presidente.

Art. 46. Cabe á Commissão de Admissão de Socios :

§ 1.º Syndicar da individualidade do candidato, das suas condições de idoneidade e da conveniencia de sua admissão.

§ 2.º Verificar si as propostas para socios honorarios reuñem as condições exigidas por estes Estatutos.

Art. 47. Os pareceres desta Comissão podem ser reservados, tendo o presidente a faculdade de os submeter á consideração do Instituto em sessão secreta.

Art. 48. Além das Comissões indispensaveis ao movimento do Instituto, poderá o presidente nomear outras para fins especiaes ou encarregar de algum trabalho aos socios, individualmente, quando assim julgar conveniente.

Art. 49. Os pareceres das Comissões serão lidos desde que tenham maioria de assignaturas. Os membros que os não tiverem assignado poderão pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Art. 50. As votações realizar-se-hão por antiguidade rigorosa, contada da data do parecer da Comissão de Admissão de Socios.

Paragrapho unico. Havendo dous pareceres dessa Comissão com a mesma data, contar-se-ha a antiguidade, neste caso, da data da proposta.

Art. 51. Os relatores das diversas Comissões serão designados pelo presidente dentre os respectivos membros, de modo que o serviço se distribua com egualdade por todos.

CAPITULO IV

Das sessões e reuniões do Instituto e ordem dos seus trabalhos

Art. 52. As sessões do Instituto Historico serão: 1.º, ordinarias ou extraordinarias; 2.º, de assembléa geral; 3.º, anniversarias; 4.º, de eleição.

Art. 53. As sessões ordinarias e extraordinarias poderão assistir quizesquer pessoas, desde que se apresentem decentemente trajadas; quando, porém, por qualquer motivo, a sessão deva ser reservada, o 1.º secretario prohibirá o ingresso ás pessoas extranhas.

Art. 54. O Instituto celebrará solennemente o anniversario de sua installação no dia 21 de Outubro, e desde esse dia até

Abril ficarão suspensas as sessões com excepção da assembléa geral em anno de eleição.

Art. 55. Em todas as sessões do Instituto o presidente occupará o centro da mesa, tendo á direita o 1.º e 2.º secretários, á esquerda o orador e o thesoureiro.

Art. 56. Nas assembléas e sessões, quando faltarem o presidente e os tres vice-presidentes, assumirá a direcção dos trabalhos o socio mais antigo dos presentes.

Art. 57. Na sessão magna de 21 de Outubro pronunciará o presidente o discurso de abertura; o 1.º secretario lerá o relatório, em que dará conta dos trabalhos annuaes, e o orador recitará o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

Art. 58. As sessões ordinarias effectuar-se-hão mensalmente, durante o dia ou á noite, a partir do mez de Abril até a sessão magna de 21 de Outubro. O presidente designará o dia da sessão, que poderá ser annunciado pela imprensa.

Art. 59. Nestas sessões serão tractados exclusivamente negócios litterarios do Instituto, bem como serão discutidos e votados os pareceres das commissões. Na primeira sessão ordinaria de cada anno, será discutido e votado o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento.

Art. 60. Aberta a sessão, lida e submettida á approvação a acta da antecedente, será lido o expediente e resolver-se-ha sobre qualquer materia sujeita ao conhecimento do Instituto, nos termos do artigo antecedente, excepto o que fôr da competencia exclusiva da assembléa geral ou da Directoria.

§ 1.º Para a leitura de trabalhos, o socio inscrever-se-ha ao começar a sessão, e o presidente dar-lhe-ha a palavra em occasião opportuna.

§ 2.º A leitura de qualquer trabalho não excederá de uma hora para cada leitor.

Art. 61. Havendo necessidade o presidente convocará sessão extraordinaria, para a qual se expedirão convites ou avisos assignados pelo 2.º secretario.

Art. 62. Para haver sessão ordinaria é necessario que se achem presentes o presidente, ou alguns dos seus substitutos, e mais nove socios, pelo menos.

Art. 63. Na primeira sessão, que se effectuar depois de conhecido o fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pezar, podendo qualquer membro presente á sessão referir-se ao finado em succintas palavras de condolencia e louvor.

Art. 64. O presidente poderá convocar a assembléa geral sempre que o julgar conveniente.

§ 1.º Todos os socios deverão assistir ás assembléas geraes, nas quaes terão direito de propor, discutir e votar.

§ 2.º Para haver assembléa geral é necessaria a presença de 21 socios pelo menos.

§ 3.º Não comparecendo esse numero, serão marcadas novas reuniões, nas quaes se deliberará com o numero que comparecer, nunca, porém, inferior a doze.

Art. 65. Será convocada a assembléa geral sempre que 21 socios a solicitarem por escripto ao presidente.

Art. 66. As reuniões da Directoria, das quaes se lavrará uma acta, serão effectuadas com a possivel frequencia e sob convocação do presidente.

Art. 67. Não se abrirá o Instituto no dia 5 de Dezembro, anniversario do fallecimento do seu inolvidavel protector, o sr. d. Pedro II.

Art. 68. Além dos premios constantes do § 5.º do art. 86, ficam creados dous premios annuaes sob as denominações *Premio Pedro II* e *Premio Conselheiro Olegario*. O primeiro, em signal de imperocivel gratidão e reconhecimento á memoria do grande protector do Instituto, servirá para recompensar a melhor monographia das que concorrerem ao mesmo, e constará de uma medalha de ouro. O segundo, em attenção aos assíduos e notaveis serviços prestados ao Instituto pelo presidente — conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro — será concedido á melhor memoria lida no anno anterior, em sessão de Instituto, e constará de uma medalha de prata.

*

CAPÍTULO V

Da Secretaria e serviços a seu cargo

Art. 69. Estarão a cargo da secretaria todo o expediente social, o archivo, a bibliotheca, o museu e a *Revista*.

Art. 70. Os officiaes da secretaria, em numero de tres, teem por obrigação comparecer diariamente, assignando o respectivo ponto, e cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 71. Ao bibliothecario, como encarregado da conservação e guarda da bibliotheca, archivo e museu, compete :

1.º Organizar os catalogos, segundo o systema que estiver em uso nos estabelecimentos mais adiantados e de accordo com o 1.º secretario ;

2.º Comunicar ao 1.º secretario as occorrencias que se derem no serviço a seu cargo ;

3.º Propor a compra de livros e objectos, que possam ser de interesse para o Instituto, procurando sempre completar as obras ou collecções existentes ;

4.º Empregar o maior cuidado no arrolamento, selecção, arranjo e conservação dos manuscritos, cartas geographicas e outros objectos, que existam ou forem adquiridos pelo Instituto ;

5.º Apresentar annualmente até 15 de Outubro, ao 1.º secretario, um relatorio dos trabalhos realizados e do estado das obras e objectos existentes, indicando as providencias que julgar convenientes ;

6.º Organizar annualmente catalogos supplementares, que de cinco em cinco annos se fundirão nos catalogos geraes.

Art. 72. Haverá um auxiliar do bibliothecario, incumbido do serviço, que por este lhe fór designado, e tambem da expedição das publicações do Instituto, fazendo toda a escripturação respectiva.

Art. 73. Os socios, bem como quaesquer pessoas que assignarem os boletins de consulta, obrigatorios para todos, terão a faculdade de iêr na bibliotheca do Instituto as obras,

quer impressas, quer manuscriptas, ahí existentes, e fazer os extractos de que precisarem.

Art. 74. Não é permittida a saída de livros, mappas, manuscriptos e objectos do museu, podendo — unicamente — o director da *Revista* retirar, por algum tempo, os manuscriptos ou impressos necessarios para a publicação na *Revista*.

Art. 75. Compete ao director da *Revista*:

1.º Escolher toda a materia que deva ser publicada, podendo para isso requisitar, por escripto, do 1.º secretario os manuscriptos que entender, dos quaes passará recibo, que lhe será restituído quando os devolver;

2.º Redigir uma summula dos artigos que forem insertos, fazendo as observações criticas necessarias ao mesmo trabalho;

3.º Emitir juizo sobre as publicações historicas, geographicas, archeologicas e ethnographicas, que forem offerecidas ao Instituto ou que se tornarem notaveis;

4.º Examinar, rubricando-as, as provas de pagina da *Revista*, tendo fiscalizado as revisões anteriores.

Art. 76. O Director da *Revista* terá plena autonomia, podendo recusar trabalhos de quem quer que seja, no intuito de manter o conceito, de que gosa a *Revista*.

Art. 77. O 1.º secretario, a cargo de quem fica a impressão da *Revista*, fornecerá ao director desta, para serem publicadas, as actas das sessões, bem como o cadastro social.

Art. 78.º O 1.º secretario fica incumbido da distribuição da *Revista* aos socios e a outras pessoas, residentes no Brasil e fóra delle.

Art. 79. Ao porteiro incumbe:

§ 1.º Guardar as chaves do edificio para o abrir e fechar diariamente, nas horas marcadas pelo presidente;

§ 2.º Velar pelo asseio da casa;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 80. Ao continuo compete:

§ 1.º Encarregar-se do asseio da casa;

§ 2.º Auxiliar o porteiro;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario e do bibliothecario.

Art. 81. O 1.º secretario poderá propôr ao presidente o não provimento de qualquer dos cargos, desde que isso seja conveniente ao Instituto.

Art. 82. O 1.º secretario, com approvação do presidente, poderá escolher até dous collaboradores para o serviço de cópias para a *Revista*, e auxilio da catalogação.

Art. 83. O bibliothecario perceberá 3:600\$; o director da *Revista* 3:600\$; os officiaes da secretaria, cada um 1:800\$; o auxiliar do bibliothecario 1:440\$; o porteiro 1:600\$; o continuo 1:200\$; os collaboradores 720\$ cada um. Todos esses vencimentos são annuaes.

§ 1.º Os funcionarios e collaboradores perderão o direito aos vencimentos integaes correspondentes aos domingos e dias feriados, si faltarem nos dias immediatamente antecedentes e subsequentes.

§ 2.º O 1.º secretario poderá relevar por mez até duas faltas de comparecimento.

§ 3.º Os funcionarios do Instituto, que no anno anterior não tiverem gosado licença, nem dado mais de dez faltas justificadas, terão direito a dez dias de férias, com permissão do 1.º secretario. Taes férias, porém, não poderão passar de um anno para outro.

Art. 84. O Instituto terá uma arca especial de sigillo, em que guardará todos os manuscriptos secretos, que devam ser publicados em epocha determinada.

§ 1.º A chave da arca ficará em poder do 1.º secretario.

§ 2.º Os manuscriptos ali depositados serão préviamente numerados e inventariados, segundo os titulos que trouxerem, com indicação do formato, qualidade do papel que os envolver e outros quaesquer signaes, que os possam bém caracterizar.

§ 3.º Além do sello e precauções do auctor, o Instituto mandará-os-ha sellar de novo.

§ 4.º Lavrar-se-ha em livro proprio um termo de depósito, recolhendo-se na arca uma cópia do mesmo termo.

§ 5.º Qualquer memória ou documento enviado ao Instituto, para depósito temporario na arca de sigillo, deve ser lacrado e acompanhado de uma carta ao Instituto, assignada pelo auctor ou

por pessoa conhecida, com declaração do tempo em que deverá ser aberto e lido o mesmo documento.

§ 6.º Chegado esse tempo, o presidente do Instituto convocará uma reunião da Directoria para a abertura da arca de sigillo, e, depois de extrahido e verificado o manuscripto, segundo a carta que o tiver acompanhado, será aberto e lido, si não fôr muito longo; caso o seja, proseguirá a leitura nas reuniões seguintes.

§ 7.º Terminada a leitura da memoria ou documento, a Directoria, antes de lhe dar o conveniente destino, submettel-o-ha á apreciação da commissão respectiva, conforme o character do documento.

CAPITULO VI

Dos fundos do Instituto e sua applicação

Art. 85. Os fundos desta associação procedem:

§ 1.º Das joias de admissão de seus socios, dos emolumentos dos diplomas e da contribuição que cada socio deve pagar.

§ 2.º Do producto das remissões.

§ 3.º Dos donativos que se fizerem ao Instituto.

§ 4.º Da receita liquida da *Revista* e das obras avulsas que publicar.

§ 5.º Do subsidio concedido pelo Congresso Federal.

Art. 86. Os fundos do Instituto serão applicados:

§ 1.º Ao seu expediente, reparação e conservação do que lhe pertence.

§ 2.º Aos vencimentos dos funcionarios.

§ 3.º Á impressão dos seus trabalhos e publicações.

§ 4.º Á compra de livros, manuscriptos, mappas e objectos historicos, que devam ser depositados no archivo, bibliotheca e museu.

§ 5.º Ao pagamento de premios aos que mais se distinguirem no desempenho dos programmas distribuidos pelo Instituto ou na execução de trabalhos que, pelo seu transcendente merecimento, reconhecido pela respectiva commissão, forem conside-

rados dignos de semelhante distincção, e bem assim aos premios constantes do art. 68.

Art. 87. Quando, feitas as despesas do Instituto, apparecerem sobras, empregar-se-hão estas na formação do patrimonio social, como fór combinado entre o presidente e o thesoureiro.

§ 1.º O patrimonio social não poderá ser empregado no todo ou em parte sem auctorização da Assembléa geral.

§ 2.º Os rendimentos, porém, serão applicados ás despesas fixadas no orçamento e auctorizadas pelo presidente.

CAPITULO VII

Das disposições geraes e transitorias

Art. 88. Os actuaes socios correspondentes, que residirem fixamente na capital da Republica, passarão a socios effectivos, tendo todas as regalias e deveres.

Art. 89. Emquanto existir numero de socios effectivos e correspondentes excedente ao que fica acima fixado para cada classe, não haverá novas admissões.

Paragrapho unico. As propostas que forem offerecidas correrão seus tramites, mas a eleição só se realizará quando houver vaga, attendendo-se á antiguidade do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Art. 90. Os socios actuaes que passarem do referido numero, bem como os benfeitores, gozarão de todas as regalias como até aqui e estão sujeitos aos mesmos encargos.

Art. 91. A todos os socios em atraso de suas contribuições fica marcado o prazo de 90 dias para resolverem seus debitos.

§ 1.º Esse prazo será contado da data do officio ou circular, que o thesoureiro dirigir aos referidos socios sob registo do correio com recibo de volta.

§ 2.º A falta da resposta a esse officio-circular ou a recusa na satisfação dos debitos importará na applicação immediata da pena em que já tiverem incorrido, nos termos dos antigos Estatutos.

§ 3.º O socio eleito que dentro de tres mezes, sendo avisado, não satisfizer as contribuições dos Estatutos, e os residentes fóra da Republica que dentro de seis mezes não responderem ao officio da secretaria communicando a investidura, serão considerados como tendo renunciado ao titulo de socio.

Art. 92. A secretaria do Instituto organizará, annualmente, uma lista geral dos socios, de inteiro accôrdo com as disposições que ora ficam consignadas.

Art. 93. Estes Estatutos entrarão em execução tres dias depois de apparecerem no *Diario Official* e serão devidamente registados, distribuidos em avulso até 30 dias depois da sua publicação, sendo que, de accôrdo com o art. 22, a primeira eleição da nova Directoria deverá effectuar-se a 15 de Dezembro de 1913, perdurando até á posse da nova o mandato da actual.

Art. 94. Para ter logar a reforma dos Estatutos será necessario que os membros da Commissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclamem por escripto e que a Assembléa geral a conceda, ouvindo préviamente a mesma Commissão, no caso de por esta não ter sido promovida.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) manda que o sr. 1.º secretario leia os artigos que foram alterados, findo o que põe em discussão o projecto de Estatutos.

O SR. DR. VIVEIROS DE CASTRO, pedindo a palavra, diz que tendo estudado os Estatutos actuaes e a proposta apresentada, acha que as alterações limitam-se a melhor redacção e pequenas mudanças de somenos importancia, mesmo quanto á prorrogação do mandato da Directoria, que passará a ser de dous annos, e quanto á creação do logar de director da *Revista*. Sobre estes dous pontos faz algumas considerações, declarando-se francamente favoravel aos mesmos. Pensa todavia que são necessarias as seguintes emendas que apresenta:

Ao art. 35. Supprima-se porquanto a materia já está prevista nos arts. 29 e 30.

Ao art. 58. Depois das palavras — *O presidente designará o dia — accrescente-se — e hora da sessão, que será annunciada pela imprensa.*

O SR. DR. MIGUEL DE CARVALHO, obtendo depois a palavra, faz diversas observações com relação aos arts. 6.º e 7.º da proposta, mandando á mesa as seguintes emendas :

Ao art. 6.º « Propõe que permaneça a Comissão de Manuscritos, exercendo sua acção em commum com o director da *Revista* ».

Ao art. 7.º « § Tambem poderá ter logar a admissão de socios mediante proposta de algum consocio, fundamentada nos termos dos Estatutos.

§ Neste caso não será votada a admissão sem que o proposto declare concordar com ella ».

O SR. DR. ESCHAGNOLLE DORIA, pedindo por sua vez a palavra, apresenta as seguintes emendas :

Accrescente-se onde convier :

Art. « O socio deverá juntar á cópia do seu discurso de recepção minuciosa autobiographia com todos os esclarecimentos que julgar convenientes á apreciação de sua individualidade como membro do Instituto ».

Art. « Para se realizar a reforma dos Estatutos cumpre que os membros da Comissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclamem por escripto, fundamentadamente.

Uma assembléa decidirá sobre a proposta.

Caso a approve, convocar-se-ha nova assembléa geral para dahi a sessenta dias, e esta nova assembléa resolverá o assumpto de modo definitivo ».

Apresenta mais as seguintes emendas de redacção :

Ao art. 2.º Em vez de — a que se propõe —, diga-se — *do alludido fim.*

Á letra c do mesmo artigo. Em vez de — igual natureza —, diga-se — *congeneres.*

Ao art. 4.º Em vez de — que esta praticar —, diga-se — *por ella practicados.*

Ao § 1.º do art. 7.º Em vez de — que o recommendem —, diga-se — *de recommendação social, scientifica ou litteraria.*

Ao § 8.º do mesmo artigo. Em vez de — que assignarem —, diga-se — *subscriptores de*.

No mesmo paragrapho. Em vez de — que o presidente designar —, diga-se — *designados pelo presidente*.

Ao art. 9.º Em vez de — que vier residir —, diga-se — *com residencia definitiva*.

À lettra *a* do art. 10. Em vez de — que tiverem prestado —, diga-se — *contando*.

À lettra *b* do art. 10. Em vez de — dez annos —, diga-se — *um decennio*.

Ao art. 13. Em vez de — que tiverem no mínimo vinte annos de notaveis serviços ao Instituto —, diga-se — *com vinte annos, no mínimo, de serviços relevantes ao Instituto*.

Ao art. 16. Redija-se da seguinte forma: « Qualquer dos membros das Commissões que, dentro de dous mezes, não apresentar os trabalhos dos quaes haja sido incumbido, terá substituto, designado pelo presidente, salvo caso de justificação motivada da demora ».

Ao art. 19. Em vez de — deverão ter em tempo satisfeito o que for devido aos cofres do Instituto —, diga-se — *quando quites com os cofres do Instituto*, e em vez de — bem assim —, diga-se — *tambem*.

Ao § 1.º do art. 20. Em vez de — sem o que não poderá realizar-se a posse —, diga-se — *condição sine qua non para a posse*.

Ao § 3.º do mesmo artigo. Em vez de — e a quem responderá o —, diga-se — *respondido pelo*.

À lettra *c* do paragrapho unico do art. 23. Em vez de — que residirem —, diga-se — *residentes*.

Ao art. 24. Redija-se da seguinte forma: « É facultada aos socios a remissão das prestações annuaes, mediante o pagamento de duzentos mil réis, além da quota do diploma ».

Ao art. 25. Em vez de — que se acharem atrazados no pagamento, — diga-se — *em débito*.

Ao art. 27. Em vez de — aquelle que dever as —, diga-se — *o socio devedor das*.

Ao art. 28. Em vez de — sempre que lhe chegar a tempo a

participação,— diga-se — *si a participação do obito alcançar as horas do expediente da secretaria do Instituto.*

Ao art. 29. Em vez de — será de dous annos —, diga-se — *será biennial.*

Ao art. 30. Em vez de — de dous em dous annos —, diga-se — *de biennio em biennio.*

Ao mesmo art. 30. Em vez de — que tomarão posse no dia 7 de Janeiro do anno seguinte —, diga-se — *cua posse se realizará no dia 7 de Janeiro do anno seguinte.*

Ao § 2.º do art. 31. Em vez de — se procederá á apuração quanto ás commissões —, diga-se — *se procederá á apuração dos votos para as commissões.*

Ao art. 33. Em vez de — as vagas que durante o biennio occorrerem —, diga-se — *as vagas occurrentes no biennio*, e supprimam-se as palavras — que será.

Ao art. 38. Em vez de — terá, diga-se — *tendo*, e em vez de — superintenderá o Archívo, diga-se — *e superintendencia do Archívo*, supprimindo-se na primeira linha a palavra — que.

Ao § 1.º do art. 38. Em vez de — que poderão ser exercidos —, diga-se — *exerciveis.*

Ao § 1.º do art. 40. Em vez de — as quantias que não tiverem — diga-se — *as quantias sem.*

Ao § 2.º do art. 40. Em vez de — pagar — *satisfazer*; em vez de — verba do orçamento — *verba orçamentaria*, supprimindo-se a palavra *esteja*.

Ao § 3.º. Supprimam-se as palavras — pelo seu trabalho.

Ao § 2.º do art. 41. Redija-se — Acompanhadas de parecer e submettidas á discussão e votação na primeira sessão ordinaria.

Ao § 1.º do art. 43. Diga-se — examinadas as contas submettidas á sua verificação.

Ao § 2.º. Supprimam-se as palavras — que lhe será.

Ao § 1.º do art. 44. Redija-se — Dar parecer sobre dúvidas occurrentes na interpretação destes Estatutos, bem como sobre as emendas, reformas e additamentos necessarios.

Ao § 2.º do mesmo artigo. Redija-se — dos premios a conferir pelo Instituto.

Ao § 1.º do art. 45. Supprimam-se as palavras — que lhes forem.

Ao art. 49. Redija-se — Os pareceres das commissões serão lidos, obtida a maioria de assignaturas. Os membros que não os tiverem assignado poderão delles pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Ao art. 51. Redija-se — de modo a haver egualdade de serviço.

Ao art. 53. Supprimam-se as palavras — desde que se apresentem.

Ao art. 56. Redija-se — assumirá a direcção dos trabalhos o mais antigo dos socios presentes.

Ao art. 57. Redija-se — com a resenha — em vez de — em que dará conta, e *pronunciará* em vez de — recitará.

Ao art. 60. Em vez de — excepto o que fór —, *excepto sobre materia*.

Ao § 5.º do art. 60. Diga-se — *orador* — em vez de — leitor.

Ao art. 62. Redija-se — Para haver sessão ordinaria é mister a presença do Presidente ou a de alguns de seus substitutos e a de mais nove socios no minimo.

Ao art. 63. Redija-se — Na primeira sessão seguinte ao fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pezar, podendo qualquer socio referir-se ao finado em succintas palavras de condolencias ou de louvor.

Ao § 2.º do art. 64. Em vez de — pelo menos — diga-se — *no minimo*.

Ao § 3.º do mesmo artigo. Em vez de — o numero que comparecer — diga-se — *o numero dos presentes*, e supprima-se a palavra — porém.

Ao art. 68. Em vez de — das que concorrem ao mesmo — diga-se — *das que versarem sobre os assumptos, com os quaes se occupa o Instituto*.

Ao art. 70. Redija-se — e cumprir rigorosa e pontualmente as ordens do 1.º secretario.

Ao art. 71. Redija-se — § 1.º Organizar os catalogos, segundo o systema em uso nas bibliothecas congeneres mais adeantadas.

Ao § 4.º — Em vez de — que existam ou forem — diga-se — *existentes ou adquiridos pelo Instituto*.

Ao § 5.º. Em vez de objectos existentes — diga-se — *objectos a seu cargo*.

Ao § 6.º. Em vez de — se fundirão — diga-se *fundidas*.

Ao art. 73. Em vez de — os extractos de que precisarem — diga-se — *os extractos necessários*.

Ao § 1.º do art. 75. Redija-se — Escolher toda a materia publicavel, podendo para isso requisitar do 1.º secretario quaesquer manuscriptos, dos quaes passará recibo, restituído quando os devolver.

Ao art. 81. Em vez de — desde que isso seja conveniente — diga-se — *conforme a conveniencia do Instituto*.

Ao art. 84. Redija-se — O Instituto terá uma arca especial de sigillo, onde serão encerrados todos os manuscriptos secretos a publicar em epocha determinada.

Ao § 2.º do mesmo artigo. Redija-se — Os manuscriptos alli depositados serão previamente numerados e inventariados, segundo os seus titulos, com indicação de formato, qualidade do papel do envolvero e outros quaesquer signaes caracteristicos.

Ao § 7.º. Em vez de — caso seja — diga-se — *na hypothese contraria*.

Ao § 1.º do art. 85. Diga-se — *e da contribuição paga por cada um dos socios*.

Ao § 1.º do art. 86. Redija-se — e conservação dos objectos da sua propriedade ou uso.

Ao art. 87. Redija-se — as sobras das despesas annuaes do Instituto empregar-se-hão em formar o patrimonio social, etc.

Ao art. 88. Redija-se — aos actuaes socios correspondentes, com residencia fixa na capital da Republica, etc.

Ao art. 90. Redija-se — aos socios actuaes excedentes, etc.

Ao § 1.º do art. 91. Redija-se — ou circular dirigida pelo thesoureiro aos referidos socios, etc.

Submettidas á votação são approvadas todas as emendas, menos a do sr. dr. Miguel de Carvalho, mandando permanecer a Comissão de Manuscriptos.

Submettidos depois á votação os Estatutos, são os mesmos approvados.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) nomeia os srs. drs. Viveiros de Castro, Miguel de Carvalho e Escragnolle Doria para com elle presidente fiscalizarem a impressão dos Estatutos no *Diario Official* e em avulso, assignando-os conjunctamente.

Unanimemente, a assembléa geral outorga plenos poderes a esta commissão para rever a redacção dos Estatutos.

O mesmo sr. presidente diz que, em virtude dos novos Estatutos, fica supprimido o logar de chefe da secretaria; propõe por isso um voto de louvor e agradecimento ao sr. Lafayette Silva, que sempre zelosamente exerceu aquelle cargo.

O Instituto approva por unanimidade.

O SR. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) propõe que entrem desde já em vigor as disposições do art. 20 dos novos Estatutos, relativas á posse dos novos socios, sendo applicadas aos recipiendarios na proxima sessão de sabbado, 29 do corrente. É approvada por unanimidade.

Tambem unanimemente a assembléa ratifica e approva todos os actos praticados pelo actual presidente do Instituto.

O mesmo sr. secretario perpetuo propõe a nomeação de uma commissão, que acompanhe o illustre socio effectivo capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, no dia do seu embarque para os Estados Unidos. É approvado.

O sr. presidente nomeia para esta commissão os srs. Fleiuss, Gastão Ruch e Sebastião Galvão.

O mesmo sr. presidente, depois de agradecer o comparecimento dos illustres consocios, convida-os para a proxima sessão a se realizar no sabbado, 29 do corrente, ás 8 $\frac{1}{2}$ horas da noite, tomando posse os novos socios drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e Liberato Bittencourt.

Levanta-se a sessão da assembléa geral ás 5 $\frac{1}{2}$ da tarde.

Gastão Ruch (*2.º secretario*).

5.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA, EM 29 DE JUNHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 8 $\frac{1}{2}$ da noite, na sede social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Dória, dr. Pedro Souto Maior, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, dr. Antonio Jansen do Paço, Carlos Lix Klett, padre dr. Julio Maria, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, barão de Teffé, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Augusto de Lima, dr. Martin Francisco Ribeiro de Andrada e dr. José Americo dos Santos.

O sr. FLEIUSS (1.º *secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é unanimemente approvada.

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO, (*presidente*) diz que não tendo comparecido por justo motivo o sr. dr. Gastão Ruch, 2.º secretario, nomeia o sr. dr. Escragnolle Dória para occupar o lugar de 2.º secretario.

(*Occupo o lugar de 2.º secretario o sr. dr. Escragnolle Dória*).

O sr. SECRETARIO PERPETUO lê o seguinte expediente:

Telegrammas dos consocios drs. Norival Soares de Freitas e João da Costa Lima Drummond, justificando a sua ausencia por motivos imperiosos.

O mesmo sr. 1.º SECRETARIO PERPETUO lê os seguintes pareceres:

«A Comissão de Admissão de Socios cumpre um agradável dever aconselhando a approvação da proposta que apresentou o nome do sr. dr. Alfredo Valladão para socio deste Instituto. Tracta-se, com effeito, de um moço que por seu elevado merecimento moral e intellectual se impõe á estima de todos, e com a sua

admissão o Instituto adquirirá mais um estrenuo obreiro dos seus nobres fins.

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1912. — *Dr. Antonio Olyntho*, relator. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*. — *Antonio Coutinho Gomes Pereira*.»

Fica nos termos dos Estatutos, para ser votado na proxima sessão.

— Parecer da Comissão de Historia :

«Contrariando a affirmação da escola positivista de que cada vez mais *os mortos governam os vivos*, nós não temos o *culto dos antepassados*.

«Por mais cheia de serviços que tenha sido a vida de um estadista, si elle não deixou um grupo de amigos que tomem a seu cargo a tarefa de alimentar o fogo sagrado do enthusiasmo, a sua memoria vai aos poucos diluindo-se, impersonalizando-se.

«Reagir contra essa indifferença, estimular a energia da geração actual pela recordação dos altos feitos dos nossos maiores é justamente a missão precipua deste Instituto; mas nenhuma memoria nos merece mais carinhoso culto do que a do magnanimo imperador, a cuja protecção devemos ter vencido as difficuldades inherentes á tentativa de implantar entre nós uma instituição scientifica, cujos arduos trabalhos sómente os competentes apreciavam, e cujo alto espirito ha de sempre pairar nesta casa como uma divindade tutelar, inspirando-nos a qualidade que foi a directriz da sua vida pública — o illimitado devotamento pelo Brasil.

«Para adquirir, portanto, direitos á nossa mais cordial sympathia, bastaria ao sr. Nicolas J. Debbané o simples facto de ter feito uma conferencia sobre d. Pedro II no «Instituto Egyptcio», nesse Egypto que foi um dos pharoes do mundo antigo, e cujos hieroglyphos vão revelando, graças á tenacidade e competencia dos Masperos, Champolions, Mariettes, Brugshe e Lepsius, todos os segredos da mais requintada civilização.

«Mas o conferencista tem outros titulos de recommendação : — o *critério* com que escolheu as *fontes* e a *superioridade* com que tractou o assumpto.

«Da leitura da conferencia resalta a sinceridade do desejo que o sr. Debbané manifesta de concorrer tambem com a sua

pedra para a *estatua immaterial* do Imperador *homem de sciencias*, como o chamava o seu grande amigo Pasteur, o *príncipe philosopho*, como o cognominava Lamartine, o *neto de Marco Aurelio*, como o chamava Victor Hugo.

« Externando, quanto ao último qualificativo, uma opinião inteiramente pessoal, que absolutamente não envolve a responsabilidade da Comissão de Historia, eu quizera ver definitivamente *archivada* a paradoxal comparação de Victor Hugo.

« Porque neto de Marco Aurelio?

« É exacto que o illustre imperador romano se dedicou a estudos philosophicos, se mostrou discípulo docil de Apollonius e de Epicteto; e que, durante o seu reinado, promulgou algumas leis liberaes, e tornou menos cruel a situação dos escravos.

« Esse imperador philosopho associou ao seu govêrno o seu emão Lucius Verus, pobre de espirito, sem uma única qualidade que o recommendasse, o qual passava os dias á mesa e as noites na mais immunda crapula.

« Esse imperador philosopho era no intimo um *supersticioso* que multiplicou por tal forma os *sacrificios*, que circulou pela Italia uma engraçada petição dos *bois brancos*, as victimas predilectas da devoção imperial.

« Esse imperador philosopho, para lisongear os baixos instinctos da plebe, fez applicar rigorosamente as leis existentes contra os christãos, enriquecendo o martyrologio da fê com os massacres de Lyon e da Africa, dando assim uma prova não sómente de cobardia moral como tambem da mais negra ingratição, porquanto, cercado pelos Marcomanos, em frente da antiga Strigonia, na alta Hungria, foi brilhantemente defendido pela *legião militina*, composta de christãos de Militene da Armenia, e na carta que escreveu ao Senado romano, « confessou com a circunspeção reclamada pelo tempo, que devia a sua victoria aos christãos ».

« Esse imperador philosopho, finalmente, era um marido por tal fórma condescendente que nomeava para os mais altos cargos os *favoritos* da imperatriz Faustina; e quando os seus amigos, revoltados com a libertinagem da dissoluta imperatriz, lhe aconselhavam o repudio permittido pelas leis romanas, elle allegava

cynicamente a impossibilidade em que estava de repudiar Faustina, porque *seria preciso que eu restituísse o dote della, isto é, o imperio que eu recebi de seu pae*».

«Tenho Marco Aurelio como um personagem pouco digno de estima, e acredito que o papel tão saliente, em que a Historia o collocou, foi devido ao prestigio da *escola estoica* e á circumstancia de ter tido como successor o infame Commodo, de quem, segundo se diz, elle não teve o infortunio de ser *realmente* pae, embora o fosse pela lei.

«Fechado o parenthesis, prosigamos na leitura da conferencia.

«Observa Debbané que o «Jornal da viagem de d. Pedro ao Alto Egypto» não é uma simples narração cheia de episodios da jornada, está repleto de notas, que traduzem impressões pessoais e observações relativas ás mais altas questões de Egyptologia.

«Mas no Egypto não era d. Pedro unicamente um sábio que investiga problemas scientificos, era o imperador sempre preocupado com o desenvolvimento das forças productivas do seu paiz, acompanhando com o mais vivo interesse as interessantes communicacões do dr. Gratinel sobre a cultura racional do café, do fumo e do algodão, e annotando cuidadosamente a producção do engenho de assucar do Khediva.

«Lembra o conferencista ter sido devido ao vibrante protesto de d. Pedro contra a criminoso negligencia dos que deixavam os monumentos egypcios inteiramente expostos ao *vandalismo dos viajantes*, protesto lido em sessão do Instituto Egyptio de 13 de Janeiro de 1877 e transcripto no seu «Livro de Ouro», que foram tomadas as providencias destinadas a conservar os alludidos monumentos.

«Corrigindo a phrase de Herodoto de que — *o Egypto é um presente do Nilo* — o imperador observa que foram os sabios que tornaram realmente util esse presente, porquanto, sem os importantes trabalhos de irrigação realizados no tempo dos Pharaós, e completados pelos engenheiros modernos, os effeitos das inundações do Nilo seriam desastrosos.

«Muito originaes são as considerações adduzidas pelo sr.

Debbané para provar a influencia indirecta, que Napoleão Bonaparte exerceu sobre o progresso do Brasil.

« Si o curso genial, argumenta elle, não tivesse mandado invadir Portugal, o principe regente não teria necessidade de procurar um refugio no Brasil, nunca pensaria em eleva-lo a Reino, não decretaria esta série de medidas utilissimas, que tanto o recommendam á gratidão nacional e que inutil seria detalhar depois do exhaustivo trabalho do nosso eminente consocio, meu prezadissimo amigo, dr. Oliveira Lima.

« Creio, porém, que, sem ser taxado de ingrato, nós podemos deixar de levar ao activo de Napoleão Bonaparte esse pretenso serviço indirecto, porquanto a fuga de d. João não entrará absolutamente nas suas previsões, desnortando-lhe, ao contrario, os planos já consagrados pelos successos da Hispanha.

« Consequentemente, a estadia da familia real no Brasil, si bem que provocada por um acto de Napoleão, entra no número dos acontecimentos inesperados, escaparam em absoluto ás previsões do auctor.

« Incidentalmente se referiu o sr. Debbané ao nosso progresso economico, apresentando dados interessantes sobre a população, immigração, importação e exportação, principalmente quanto á borracha e ao café, movimento de navegação e orçamento; e salientou que o nosso progresso intellectual não é menos assombroso, citando os nomes dos nossos astrónomos, medicos e engenheiros mais notaveis, observando com orgulho que nas discussões do Club de Engenharia do Rio de Janeiro são frequentemente citados os nomes de Mangel e Linant de Bellefonds, Willcocks e do major Brown.

« Si fosse um pouco mais desenvolvida esta parte da conferencia em que se occupa da intellectualidade brasileira, o sr. Debbané teria mostrado que nós estamos perfeitamente a par de todo o movimento scientifico e litterario, principalmente europeu, prestando assim ás *celebridades mundiaes*, que nos honram com as suas visitas e aqui fazem conferencias no piedoso intuito de esclarecer as nossas intelligencias ávidas de saber, o grande serviço de forrá-las do trabalho de nos vir dizer como *novidades* verdades, que se tornaram sedicãs á força de lidas e

repetidas, e de fazer citações classicas que seriam muito interessantes, si não estivessemos accostumados a ouvi-las nas discussões das sociedades litterarias dos nossos tempos de estudante.

« A profissão de conferencista no Brasil exige uma *bagagem* mais cuidadosamente provida; o *plaquê* já não passa entre nós como *ouro de lei*.

« No final da sua conferencia, *committeu* o sr. Deblané um equívoco que convém rectificar, porque se tracta de um facto da nossa historia contemporanea, sendo assim inadmissiveis as lendas.

« Como prova da grande veneração, que todos continuaram a tributar entre nós ao imperador, afirmou o conferencista: « *c'est les larmes aux yeux, que le premier président de la jeune République accompagnait l'ancien empereur à bord du vaisseau qui le transportait à l'exil.* »

« Este encontro do imperador exilado com o general victorioso seria de um effeito seguro em um *melodrama*, e com certeza os espectadores teriam *les larmes aux yeux*; mas não seria *fashionable* na vida real, e, assim pensando, o chefe do governo provisório, porque neste tempo a joven Republica ainda não tinha presidente, se absteve, muito criteriosamente, de acompanhar a bordo o sr. d. Pedro II.

« Resumindo as suas impressões, pensa a Comissão de Historia que a conferencia do sr. Deblané é muito instructiva e interessante, revela admiração sincera pelo nosso magnanimo patrono, e justifica perfeitamente a sua admissão como socio correspondente do nosso Instituto.

« Sala das Comissões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 17 de Junho de 1912. — Dr. *Vieiros de Castro*, relator. — Dr. *Ramiz Galvão*. — Dr. *Escragnolle Doria*. — Dr. *Clovis Bevilacqua*. Ainda que de inteiro accordo quanto á conclusão, faço algumas restricções a certas proposições do douto e estimado relator.»

É approvado o parecer. Vai á Comissão de Admissão de Socios; relator, o sr. dr. Manuel Cicero.

O SR. 1.º SECRETARIO PERPETUO requer e o Instituto approva

unanimemente que, como annexos á presente acta, sejam incluídos o brilhante e justissimo discurso pronunciado pelo sr. presidente do Instituto ao inaugurar-se o retrato do sr. dr. Ramiz Galvão, orador do Instituto, no dia 16 do corrente, e a bellissima resposta do mesmo ao sr. presidente.

O mesmo SR. 1.º SECRETARIO PERPETUO pede que se nomeie uma commissão para representar o Instituto no desembarque de s. ex.ª o sr. general Julio Roca, presidente honorario do Instituto desde 7 de Julho de 1899.

O Instituto approva por unanimidade, e o sr. presidente nomeia a seguinte commissão: almirante barão de Teffé, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Augusto de Lima, dr. Antonio Jansen do Paço e Max Fleiuss.

O SR. 1.º SECRETARIO PERPETUO communica ainda que se acham na sala da Directoria os novos socios drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e major Liberato Bittencourt, que vêm tomar posse.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) designa os secretarios e o thesoureiro para introduzir no recinto os novos socios.

(Dão entrada no recinto e lêem o compromisso estabelecido no art. 20 § 2.º dos novos Estatutos, os srs. drs. Alberto Rangel, Helio Lobo e major dr. Liberato Bittencourt, que são declarados empossados pelo sr. presidente).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) dá a palavra ao sr. dr. Alberto Rangel, que pronuncia o seguinte discurso:

« Excellentissimos senhores do Instituto Historico e Geographico Brasileiro:

« Quando, preoccupados pelas innovações e turbulencias do liberalismo inexperiente de nação, arriscavamos deixar ao léo os documentos de nossos fastos, alguns espiritos, cuja vidença maravilha e cujo patriotismo commove, fundaram a sociedade em que á vossa benigna attenção devo as honras de ser, no momento, um recipiendario.

« Natural é que na soleira, ao transpôr o portico do edificio que o acolhe, o primeiro movimento do recovindo seja o de inclinar-se perante os hospedes da casa, em prova de respeito e

admiração que lhes tributa, o que ora deliberadamente faço, bolbucando, na confusão de uma estrêa, palavras que expliquem a presença do insignificante engenheiro e sertanista em plena sessão deste areópago.

« De facto, e modestia á parte, elle aqui não se sente mal: este tecto abriga tradições e um pugilo de invocadores e interpretes do passado. Por uma educação philosophica bebida numa escola de observação e de experiencia, que chumbou eternamente o methodo da filiação á Historia, e por naturaes inclinações venerativas que ardem nas heranças do sangue, a minha alma dilata-se em regosijo nas trilhas que rompeis, na atmospherá que aviventaes...

« Mal sabia eu que, depois de lêr certa passagem de Stendhal, na qual se allude a umas minas de sal gemma na Austria, cavernas alvas de concreções, onde se castigam condemnados a olhar perpetuamente para esta materia branca, a revolvê-la, a carregá-la, o inferno branco de Boyle suggeriria a denominação de « Inferno Verde » a umas páginas mediocres, mas vividas, que haviam de servir um dia de credenciaes perante a vossa eminente companhia.

« Na grande terra apaúlada do Equador brasileiro, a floresta é uma allucinação, como o ergastulo alvinhento do sal de rocha. Verde mar, verde amaranto, verde crê e verde gaio — é uma gamma ininterrupta da côr, que apaxona ou inspira horror, que abriga ou repelle, assassina ou faz viver, na massa de azinhavres que lá nos cerca, muro de nossa casa, acêbe de nosso quintal, horizonte de nossa visão, enchendo a terra em volta até impedir o pé e emparedar o cerebro do invasor.

« Comprehendestes, senhores do Instituto, a serventia das paizagens copiadas ao fundo de meia duzia de dramas desesperados, sentindo que nesse trabalho de emoção se poderiam colher elementos prestadios ao conhecimento de mais um theatro de lucta humana; graças ao que não-repudiastes, como mereceria, essa historia de troglodytas, toda em espasmos, rugidos e aspectos de selva, prolegomenos mal alinhavados de nossa civilização, romance incompleto de desvalidos e de naufragos, memorias grosseiras de Calibans e de Robinsons, quasi prehistoria,

palpitando ainda nos tempos ultra-modernos das ondas hertzianas e dos mysterios da radio-actividade.

«Esse livro, que vos aprouve acceitar como um passaporte a esta associação, resgatou-se na meia indiferença pública, e encontrou, num cenaculo de historiographos, um tribunal supremo para os elevados sentimentos que o dictaram, e cuja sentença ratifica e abona os intuitos e a consciencia do escriptor humilde. O grande envaidecimento do réo dá a medida da magnanimidade dos juizes que o absolveram.

«Desde que tomámos pé, desembarcando naquelle trecho da margem esquerda do Amazonas, conhecido por S. José do Ametari, á qual a vasante do rio dava alturas e o desenvolvimento de uma cortina entre velhos e longínquos baluartes, opprimiu-nos um grande pézo, tal é a sensação da alma de quem se acerca da miséria e do abandono de uma terra.

«Não nos valia para distrahir-nos a curiosidade de uns caboclos e colonos, vigiando os nossos passos de medidores e pilotos, nem tampouco os incidentes vulgares na marcha do serviço technico, para que nos haviam delegado.

«As noites abrandavam o bochorno, mas os dias reacendiam os brazeiros semi-extinctos na orvalhada. Era Setembro, o rio em plena estiagem, e nas terras esturradas o caminharmento proseguia, visada uma recta intencional pelo erigido das capoeiras, pela férvida clareira dos roçados, pelo abafado labyrintho da floresta. Um trabalho de galés a triangularem o ambito de uma fornalha...

«Certa noite, aguardavamos a passagem de uma estrella. Poupo-vos a descripção dessa entrevista, na matta, entre uns pobres vermes terrestres, armados de uma luneta e de um relógio, interessados por um brilhante de primeira agua, encrustado no céu, escolhido por acaso dentre o resto da pedraria celeste. Alguem, que não se viu, puxou a horas dadas uma grossa cobertura de sombras e atabafou o astro, que já se avizinhava do reticulo, desapontando os observadores attentos e tresnoitados. Recolhem-nos então, avalie-se com que humor, sob o toldo de palha das barracas. A buscar o somno, prolongámos o serão.

«Exgotados os assumptos invariaveis, rebentaram as blas-

phemias e os esgarmentos fataes, no desconforto e isolamento da missão, que não conseguira calejar as fibras sensíveis dos seus serventuarios.

«Morria no ar um conceito, que ferreteava o paramo que photographavamos, quando se ouviu um outro, murmurando de uma rêde ao nosso lado: «Terra que nem tem historia!» Preferia-o um auxiliar dos trabalhos, resumindo os males e as queixas, vociferando a derradeira sentença epigraphica do solo inçado de espinhos e de formigas, sôbre o qual pisava, revoltado, medindo angulos e esticando e encolhendo uma trena aborrecida.

«Nunca tive uma sensação de vacuo, como a dessa noite, atirado nas terras diluviosas do extremo Norte, vendo-me adormecer embutido na treva e num bosque fechado, ao receber tal phrase de rancor e negação. Sem que lhe pezasse a injustiça, sem que lhe avallasse a falsidade, recebia num calefrio, como um echo de esmagadora nihilidade, que nos fosse envolver para sempre na situação já de si propicia a taes impressões, a de quem vai dormir ao vozear dos bugios, metgulhado na mattaria espessa de um sertão.

«*Terra que nem tem historia!*» O Amatari fica em uma orla extrema da Mundurucania: — extenso campo de paz agricola e piscatoria e ao mesmo tempo um plano historico de armas dessa raça de Muras, que vêem seus filhos arpoando nos lagos dos arredores, em troca da cachaca com que os inconscientes devotos desse liquido sandam o exterminio de si mesmos.

«Provavelmente, pelos restos de vasilhame de barro e utensilios de pedra que resistiam á fimeagem das estacas da demarcação, e os quaes se encontravam mettidos na terra negra de detritos organicos, que mancham felizmente o solo argiloso da região, data de seculos a occupação do Amatari pelas tribus, cujos descendentes teriam visto passar as pirogas do Orellana e as do capitão Pedro Teixeira...

«A proximidade dos lagos do Autaz, em face, fartos de pescado, e a situação de insubmersivel ás maiores alagações do diluvio annual amazonico, assignalaram evidentemente enormes vantagens para o estabelecimento inicial da gente primitiva, na zona transcripta nas nossas cadernetas.

«Depois veria decorrendo a vida igual e anonyma do «marisco» e das aventuras de nemorivagos, perdendo-se na memoria dos velhos pagés as lembranças obscuras das desgraças, dos combates e dos prodígios, até que, nos primeiros annos do século XVIII, um dominicano, reatando a tradição pre-pombalina, conseguiu fixar nesse barranco do Amatari a maloca de que fez principal um certo indio, Juma de nação, e cujo nome de baptismo se guardou.

«Achou-o frei José das Chagas mais ladino que os outros, e portanto com as mais valiosas faculdades de mando e de governo. Um psychologo, esse frade, instituindo os fundamentos de uma sociedade organizada por um branco no mundo dos Tapulos. Ainda se encontram vestígios da igreja e cemeterio que o missionario fez construir para a colonia dos nomades vermelhos. As convulsões civis de 1821, de 1832, de 1835 assustaram e debandaram os aldeados. Organizado em 1845 o serviço official de catechese, a burocracia nacional ornou-se de mais um tentaculo e de uma fita, sem que lhe assistissem forças para sobresaltar a degradingolada do sonho do povoador. Succederam-se os funcionarios, modificou-se a legislação, sangrou-se o erario, floresceram os abusos e a decadencia veio imprescriptivel e apparentemente inexplicavel.

«Na rasoira do destino, que fez uma parochia regressar a um «porto de lenha» entristecendo-se de mais uma ruina o coração de um paiz novo, ha um rosario de factos a citar, prenhes de ensinamentos para as horas que vão soando, si não comprehendessemos a massada que vos imporia, desfiando-vos ponto por ponto a chronica de um logarejo descambado e viuvo de um gentio.

«Nada, porém, mais natural do que imaginar que esse canto do Amazonas, todo em grenhas e sem quasi traço de humanidade, não tivesse autecedentes, simples e peço relêvo de limos acamados na fortuna das enchentes continentaes de um determinado periodo geologico.

«Terra que nem tem historia». Vêde, entretanto, quão longe estava da realidade o desabafo amargo do companheiro. Assim foi para umas terras perdidas num rio de soledade e de morte.

Assim para toda a amplitude restante do paiz. De infinitos recantos, ou de suas remotas regiões, apenas não se sabe a história. E por não se saber, seria ousado affirmar que não a tem.

« Palmilhados que sejam todos os recantos, em todas as épocas e lugares, quanto Brasil a descolrir e a historiar? Lembremo-nos que ao longo de nossos rios mais consignados na cabotagem, mais batidos pela industria, do lacrimal de origem ao estuario, uma dezena de kilometros no sentido transversal pode um Livingstone ou a raça, a reproduzir-se, dos nossos Lacerda e Almeida ou Ricardo Franco... E ainda teremos que avivar os termos, recaminhar nas velhas estradas e perlustrar as paragens reconhecidas de ha tempos ou da vespera, para vê-las por novas luzes e novos prismas; quanta verdade a recompôr!

« Com o intuito de aproveitar vagares torpidos e disposições de sacudi-los, ando agora a me occupar da figura proeminente da marquezia de Santos, desfavorecida pela maioria dos chronicistas de rancido liberal. De Vasconcellos Drummond aos derradeiros plúmbeos chove nas pedras, numa lapidação em regra. Ora, parece que a boníssima senhora não foi victima de um amor, foi victima de uma jacobinagem. Si o coração que palpitou pela gentil paulista, de 1822 a 1829, não morasse num peito imperial, a politica não encontraria lamas para o enxovalho, porque disso não precisaria um partido para, attentando contra a pessoa de um soberano constitucionalmente inviolavel e sagrado, demolir um homem que soube ser um forte.

« Sempre fomos uns tímidos ou uns exacerbados. De sorte que quem mais grita é quem mais tem razão. A paixão politica, montada em preconceitos, exaggerou e torceu os factos; conviria não deixá-la de tal forma desvirtuando a memoria perdoavel de uma dama, a quem se augmentaram consideravelmente os erros e pouco se attendeu ás qualidades cardeas numa mulher.

« Não será facil corrigir daltonismos voluntarios, mas será uma honrosa tarefa. Tomei-a sobre os meus hombros; denuncio-o ao respeitavel Instituto, penitenciando-me já das insufficiencias e desacertos de que virão inçadas, a pezar meu, essas linhas em preparo.

« Os meus desasos e vehemencias de novato e sangue-na-

guerra fazem-me esquivar os rumos que levava. Sopitemo-nos. Neste austero recinto estão ainda as versões penetrantes e incontrastáveis de Varnhagen, e para a aplicação estudiosa de Gonçalves Dias, folgando os arroubos de sua lyrica.

« O Instituto é um continuador de esforços. Trememos nesta responsabilidade: acalente-nos, porém, a solidariedade e continuidade que elle impõe, dobrando a força de seus membros, sustentando-as e registando-as. Não foi de balde que elle veio a seu tempo, num empenho, cuja dignidade deve ser o nosso constante orgulho.

« Os tempos passam e se proclamam cada vez mais férvidos, nesse delírio de deixar o que vai atrás pelo que se mostra adiante. As conquistas scientificas, que se annunciam, já não nos estancam a sede de futuro. Prometheu desaccorrentou-se para ser um insatisfeito dolorido...

« Á beira das correntes atormentadas, que redemoïnham desde 1838, sereno e inflexivel no seu programma, o Instituto é um monumento que o amor da Pátria tem cimentado por entre os azares, glorias e infortunios de mais de duas gerações. Á sua sombra os mais scepticos tem ganho fé, os mais inertes grangeado zêlo, os mais fracos adquirido ânimo; saudando-vos, arrolo-me nos candidatos a essas virtudes de que sois, afinal, um nucleo de carga potencial, um foco solenne de inspiração e prestigio. Tenho dicto.»

(Palmas prolongadas).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) dá a palavra ao sr. dr. HELIO LOBO, que pronuncia este discurso:

« Esquivando-me, vai para tres mezes, á iniciativa dos que, mau grado o meu nada, ensaiaram minha admissão no seio desta illustre assembléa, eu disse minguar-me, para a merecer, a auctoridade dos cabellos brancos. Recanto de serena deliberação, o Instituto só deve povoar-se de sabedores e competentes.

« A bondade desta casa não esteve, porém, pela minha defesa. E aqui me acho entre vós, sob o pézo de vossa generosidade, attonito ante a grandeza de uma investidura com cujos motivos, por mais que lide, não chego a atinar.

« Não lhe dá por certo ingresso o pouco que deixei escripto,

em jornaes e revistas, sôbre historia diplomatica americana. Ensaos ligeiros estão a trahir, na leveza da mão que os compoz, o dessaber prodigo de estouvamentos, em que os velhos folgam de encontrar por vezes a mais bella estação da vida. Escrevi um pouco de historia, porque a ideei em idade descuidosa; e na voz de certos letrados essa é a que sobrevive, ao cabo. Sôa ainda aos vossos ouvidos a ironia derradeira daquelle erudito amavel, para quem a historia, após vigílias aturadas na decifração de pergaminhos, passou a resumir-se numa fórmula de arte, que só vinga pela força da imaginação.

« Mas Sylvestre Bonnard não ha mister de tomar assento aqui convosco, para justificar, olhos no céu, o advento de quem hoje vos bate á porta. Sirva para vossa excusa esta, de que o novo discipulo traz, no seu feitio scismatico, a melhor garantia para a serenidade deste recinto. De seu natural foi sempre comedido e discreto; e no trecho obscuro de vida, que já leva cursado, jámais lhe vibrou na alma recolhida uma dessas allelulas de primavera, capazes de prolongar, tal o seu divino resôo, um crepusculo humano.

« Juventude inquietadora é aquella que se « abstem de opiniões extremas », disse na França convulsa um espirito de tradição. Não o disse para este paiz de immensa luz, onde moços de alma precocemente triste desdenham de phantasias, debruçando-se sôbre a poeira dos archivós para delles colher, á maneira de occupação confortadora, o leve perfume das cousas fidas.

« Crêde que vai fundo em mim o amor do passado. É tão lindo o aspecto das cidades mortas! Na convivencia de quem, neste gremio e fóra delle, foi um dos maiores cimos da nossa cultura historica e diplomatica, eu aprendi a querer no Brasil de hoje o Brasil de hontem. Abençoado o nome de Rio-Branco, bastante grande para inspirar á mocidade, que bemquize, o culto perenne da Historia brasileira.

« É esse culto que desejarei continuar zelando aqui, sob o favor dos vossos conselhos. Si o homem pôde alguma cousa na terra, deve-o á lieção do que existiu. Só o passado é fecundo e grande. Nelle está a força magestosa de vossa attitude, em meio do atropélo continuo dos successos terrenos.

« Para o neophyto de hoje guardai, pois, um pouco de vossa indulgencia. Elle vo-la agradecerá no enpenho, com que entra, de bem merecer desta alta companhia ». (*Applausos*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*), dá depois a palavra ao sr. major dr. LIBERATO BITTENCOURT, que pronuncia o seguinte discurso:

« Ex.^{ma} sr. presidente — Carissimos confrades — Á nimia gentileza dos valentes lidadores, que ha longo tempo aqui mourejam abnegadamente, com os olhos em Deus, que é grande, e com o pensamento na patria Historia, que precisa de ser cuidadosamente architectada, eu devo a honra excepcional, alimentada ha dous decennios, de me tornar hoje o mais humilde obreiro no grandioso commettimento scientifico, ha septenta e tres annos planejado, com elevação e com patriotismo, em prol da gerações a vir.

« Desvanecido e orgulhoso accetto a posição, difficil mas ennobrecedora, que benevolamente se me assigna, nesta casa de honestidade e de perseverança, onde, longe dos bulícios do mundo com as suas violentas paixões e desencantos, apenas se conserva e gloriosamente o passado, com as armas purissimas da justiça, da verdade e do bom senso. E accetto por tres grandes motivos, qual mais valeroso e convincente:

« 1.^o, porque, desde os verdes annos, me sinto com a precisa vocação, alheio á qual, no labutar collectivo, haver não pode especialidade digna de conta e valimento;

« 2.^o, porque, ante sincero exame de consciencia, me julgo com a necessaria capacidade productiva, sem a qual nada de útil se poderá prestar ás patrias letras;

« 3.^o, finalmente, porque tenho ha muito um historico programma em elaboração, sem que até hoje me fosse facultada a sua prática realização.

« Que se me permita descer um pouco ao amago da these apresentada, com esses diversos motivos de acceitação do espinhoso e scientifico encargo.

« Passam-nos ao alcance dous vultos circumspectos, cujo olhar encapellado e firme como que a trahir está, em cada um delles, o pensador ou o philosopho. O primeiro entra satisfeito

* em vistoso palacio, para lhe admirar minuciosamente a concepção artistica, uma a uma lhe examinando todas as bellezas architectonicas. O outro passa indifferente pela construcção magestosa, preferindo além vasto mas singelo salão, pleno de pó e de velharias cheio, onde se encontram,meticulosamente enfileirados, indícios varios da passagem do homem pela terra.

« Por que tão oppostos sentimentos, em organizações tão escrupulosamente lapidadas?

« Sem esforço de monta descobre o analysta; alli o architecto, o homem de genio, capaz de transformar o mundo mineral, sem fórma definida, na mais perfeita obra de arte imaginavel; aqui o archeologo, o historiador, o homem de sciencia, que anela escrever um dia, magistralmente orientado, a historia inteira da obra humana através dos seculos.

« Eu, meus nobres confrades, nutro por este ultimo especial predilecção: á gloria embriagadora e crescente do artista, do creador genial, prefiro sem vacillações nem entraves a posição modesta do operario que, occulto quasi sob o pó dos tempos, entre alfarrabios e hieroglyphos, conversa serenamente o passado em seguro beneficio do porvir. Á grandeza indiscutivel do auctor do *Lusiadas*, eu prefiro a superioridade incontestavel do agigantado feitor da *Historia de Portugal*. Para mim Herodoto é maior que Pythagoras; Wilson, mais valeroso que Longfellow; Guizot, mais digno de admiração que Lavoisier.

« Desde tenra idade que sinto uma attracção irresistivel pelas cousas antigas.

« Nasci no Estado de Santa Catharina, na ilha que traz esse mesmo nome. Alli, á infancia, eu ouvia contar a historia das grandes riquezas, pelos jesuitas depositadas secretamente na ilha do Arvoredo, e tinha já então um ardente desejo, não de haver a fortuna, que o ouro me não tinha ainda attractivos, mas de examinar palmo a palmo, centimetro a centimetro, a inteira historia daquella acção usuraria, que devia tambem ter sido homérica.

« Na adolescencia, no gymnasio, velho edificio solidamente alevantado por padres da Companhia de Jesus, eu gastava as horas de recreio, não nos folgares proprios da idade, mas em

demorado exame áquelles vastos salões malferidos pelo tempo, sem assoalho uns, sem portas ou janellas outros, quasi todos sem cobertura, criminosamente abandonados pela civilização, e onde, tranquilllos, moravam ás centenas, os passaros da noite.

« Aos dezesepte annos, quando o vento da desgraça me batia rijo ás portas do lar, já limpo dos progenitores ambos, de quem consciencia não tive de oscular a dextra benfazeja e nobre, fiz-me soldado ao envés de medico; e o museu de armas da Praia Vermelha havia para mim um encanto especial. A lança e o cavallo de Osorio, lá então depositados, de tanto os observar, guardo-os em mente por toda a parte. Osorio era o mais popular dos nossos generaes. Não sei hoje onde demoram essas preciosas reliquias, porque o furacão do progresso, que nada poupa, deu por terra com o velho museu de armas e trophéos, ganhos heroicamente em campanha, pelos nossos avoengos. Mas aqui mesmo, neste historico recincto, ao fechar dos olhos, vejo nitidos no espirito, ainda não embotado pelo soffrer, o vulto do ginete brioso e a poderosa arma de carga do gaúcho lendario.

« Fiz-me homem. E a minha verdadeira estrêa nas letras, com a qual o premio terceiro alcancei em um dos concursos litterarios do *Jornal do Brasil*, foi a fiel descripção de um feito heroico. Os jagunços, que conheciam quanto temiam o toque de carga, assaltam um dia corajosos o contrario acampamento. A refrega é tremenda, com sensível vantagem para os assaltantes. Chega a noticia ao hospital de sangue, que se alvoroça inteiro. E um bravo corneteiro, filho do Norte, cujo braço direito horas antes lhe havia sido amputado, com a sinistra noticia presto toma a corneta, fazendo ouvir nitido o toque de carga, acto continuo repetido por todo o acampamento. Depois tomba exangue no leito da morte. Mas a columna estava salva.

« Quando a picareta inconsciente do progresso poz abaixo a Praia Vermelha saudosissima para ahi fazer alevantar palacios gigantescos, de accôrdo com a grandiosa Exposição Nacional projectada para o anno seguinte, eu caí seriamente enfermo. Mezes passados cobrei animo, e quiz ver a obra, para mim deshumana, da civilização. Mas voltei desanimado do Hospital de Alienados, cujas longas grades me habituara a ver desde criança. Por fim,

em um dia de grande coragem, consegui transpor o Portão monumental, mas com o coração despedaçado, como si me furtado houvessem objecto de rara valia estimativa. Tomei insensivelmente o rumo da Praia, onde por vezes várias me banhara aos dezoito annos; de areia, daquella areia original que só alli tem existencia, enchi os bolsos sem bem saber o que fazia; e voltei para casa catibaixo, vencido, sem uma só palavra a dar a quem quer que fosse, sem ao menos demorar a vista por sobre um pavilhão, uma janella, um portico, uma simples cornija sequer. Assentei-me á minha banca de trabalho, escrevi para a *Imprensa*, da qual era collaborador assiduo, a «Chronica da Saudade», pregada logo depois pela mocidade do Exercito á porta dos alojamentos da Escola de Guerra, e gentilmente transcripta por quasi toda a imprensa do Sul do paiz.

«Ha poucos dias, da Ilha das Cobras, quartel do 55.º batalhão de caçadores, assistindo á pomposa inauguração marcial da photographia de quatro heróes militares, eu pedia com insistencia ao general prefeito, presente á solennidade, para se estudar *in loco* onde vae ter a funda galeria que alli se encontra, e da qual cincoenta e tantos degraus foram já avidamente descidos pelo tenente Dermeval Peixoto, joven escriptor e joven official daquella brilhante unidade do nosso exercito. Suppunha e supponho que ella é a porta da entrada á via subterranea, que vai da Ilha ao Mosteiro de S. Bento, e porventura ao morro do Castello e ao de Sancto Antonio. Quem fez o aqueducto de Sancta Tereza bem pudera haver feito essa passagem recondita e ainda desconhecida dos contemporaneos.

«Taes factos despretenciosamente referidos, demonstram á evidencia aos membros eruditos desta casa, sem réplica possivel, a mais clevada do Brasil scientifico, a minha natural affeição, desde a meninice, ás cousas attraentes do passado. «*E les premières impressions font souvent les inclinations dernières*», sustenta um grande critico francez, Tuine, em seu excellente ensaio sobre Tito Livio. «*Dans l'enfant on découvre l'homme, et l'on est toujours ce que l'on a d'abord été*», adeanta o mesmo afamado escriptor contemporaneo.

«Tenho, quero crer, com algum desenvolvimento a bossa do

narrador. E quanto á capacidade productiva, ahí está, para saír no primeiro número da mais antiga e quiçá mais estimada das publicações scientificas do paiz, a *Revista do Instituto*, a « *Psychologia do barão do Rio-Branco* », saudoso presidente perpetuo desta casa, trabalho de critica historica inteiramente original, e escripto apenas em septe dias de longo e assiduo trabalhar.

« Não fujo, pois, á vocação, nem tño pouco á actividade, accetando desvanecido e orgulhoso a posição honrosa, que aqui hoje se me assigna benevolmente.

« E, feita com franqueza e com sinceridade a profissão de fé moral, fóra de proposito certo não virá a profissão de fé intellectual.

« No estado hodierno de cultura e de desenvolvimento dos povos, como encarar conscientemente a Geographia e Historia, capital escopo das prolongadas lucubrações scientificas e philosophicas do Instituto?

« Que seja facultado o responder, com a sinceridade inteira do historiographo apaixonado e convencido, ao mais moderno e tambem mais incompetente dos obreiros desta homérica officina.

« Em todo e qualquer labor humano, scientifico ou artistico, philosophico ou pratico, ha sempre um trabalho preliminar, rigorosamente fundamental ao fim que se tem em vista attingir; o carpinteiro escolhe cuidadosamente a sua ferramenta e utensilios, para desempenhar com pericia o que mais tarde ou mais cedo se lhe vai exigir — a feitura dos assoalhos e tectos, das portas e janellas; o alfaiate segura o metro e a tesoura, o giz e os moldes, para tirar de uma peça de casimira, inteiramente plana, a vestimenta que tem de cobrir as fórmás curvilineas do gentil homem; o astrónomo monta primeiro o seu observatorio, para depois prever, com admiravel precisão, a realização deste ou daquelle outro phenomeno astrónomico; o constructor estuda o terreno, observa as construcções vizinhas, indaga, esmiuça e experimenta, para depois alevantar com estabilidade a obra de arte projectada pelo architecto; o general estudar busca a região, em que vai operar o seu exercito, as guerras anteriores que ahí se deram, o moral das suas e das tropas inimigas, para então traçar calculadamente as minucias todas do seu plano de cam-

panha; e o poeta, enfim, inspira-se na Geographia e na Historia do seu paiz, no character e indole do seu povo, para escrever convencido a obra de arte, que o tem de levar á posteridade.

« Pois bem: a ferramenta do carpinteiro e os utensilios do alfaiate, o observatorio do astrónomo e as explorações do engenheiro, as cogitações do general em chefe e as poeticas inspirações do homem de genio constituem a parte propedeutica, o fundamento do trabalho mais ou menos grandioso, que elles teem em mira emprehender.

« Com a sciencia, cogitação humana, deve-se dar fatalmente o mesmo facto logico.

« Ella consta assim de duas partes: a que se destina ao estudo consciencioso da terra e do homem, alvo especial a ferir na lucta pela existencia, e aquella que lhe tem de servir de base racional e indispensavel. Dahi então a natural divisão do complexo conjuncto scientifico em duas partes distinctas — a *propedeutica* e a *finalistica*. Aquella, eminentemente geral, de pura theoria, estabelecendo leis, principios, ensinamentos que vão servir de base á comprehensão da última, cujo seguro conhecimento racionalmente não poderá de outro modo ser practicado e conseguido.

« As sciencias que fazem parte do grupo propedeutico teem grande importancia logica, ao passo que as constituintes do segundo grupo, as verdadeiras sciencias, são as que vão ser uteis ao homem na vida práctica, fornecendo-lhe meios capazes á tranquillidade e bem-estar.

« Cumpre agora estabelecer quaes as sciencias do primeiro e quaes as do segundo grupo.

«erei conciso e presto no esclarecer.

« Ninguém estuda com a ancia futil de ser erudito, simplesmente visando a aquisição de largos conhecimentos.

« Por isso mesmo o homem, que se dedicar exclusivamente á mathematica ou á chimica geral, não terá em rigor valimento scientifico real. Faz lembrar um operario, que se apresentasse ao diurno labutar repleto de material e ferramentas, mas sem a precisa coragem de atacar a obra, receiando não vence-la á vontade e gosto dos interessados.

« Similhanteramente o espirito que só se dedicasse aos ramos varios da *Physica*.

« Por mais vasto e nobre que lhe pareça o campo, a antiga sciencia da natureza será eternamente impotente para garantir ao homem o papel que elle tem a representar na terra, o seu verdadeiro destino social. O nosso fim, o fim dos que estudam, deve ser o perfeito conhecimento de tudo o que nos cerca, para podermos cumprir escrupulosamente a nossa terrenal missão. E o conhecimento aprofundado das sciencias physicas não basta para tanto.

« As sciencias mathematicas e as sciencias physicas, pois, devem fazer parte do primeiro grupo, do grupo propedeutico precedentemente analysado. E são as unicas a constituir-lo, como bem se pôde ver do respectivo campo de indagações de cada uma dellas.

« A *Mathematica* estabeleco leis geraes, relativas ao número, á fórma e ao movimento dos corpos, tanto terrestres como celestes. As sciencias physicas instituem preceitos relativos ás propriedades geraes ou particulares da materia bruta e bem assim aos phenomenos que nella se passam, alterando-lhe ou não a existencia molecular.

« A primeira comporta, como as últimas, uma necessaria subdivisão: *Calculo*, *Geometria*, *Mecanica* e *Astronomia* no dominio mathematico; *Physica*, *Chimica* e *Electrologia*, no dominio physico.

« O *Calculo* occupa-se com as questões de número; a *Geometria*, com as questões de fórma; a *Mecanica*, com as de movimento; e a *Astronomia*, a sciencia dos astros, vai partilhar da *Geometria* e da *Mecanica*: da *Geometria*, porque se encarrega das questões de fórma, que lhes fizeram merecer o nome de *Geometria celeste*; da *Mecanica*, porque se vai occupar com problemas de movimento, que lhe fizeram receber o nome de *Mecanica celeste*.

« A *Physica* tracta das propriedades geraes da materia e dos phenomenos que nella se passam, sem que lhe fique alterada a intima constituição; a *Chimica*, ao contrario, analisa as propriedades particulares dos corpos e bem assim os phenomenos que

nelles se observam, alterando-lhes definitivamente a constituição molecular; e a *Electrologia*, que pela sua extensão e desenvolvimento deve constituir uma sciencia á parte, toma a si os phenomenos magneticos e electricos, cuja distincção e independencia ainda não lograram ser claramente accentuadas por nenhum espirito superior, taes e tão intimas as relações de similitude e dependencia nelles observadas, Carecendo das leis geraes da Phisica e bem assim das luzes que fornece a Chimica, a Electrologia tem por força que succeder a ambas, sobre as quaes vai repousar definitivamente.

« Vejamos agora o grupo finalístico.

« Como as propedeuticas, as sciencias da segunda categoria, que tão de perto chamam a attenção aqui no Instituto, devem comprehender dous grandes agrupamentos: um referindo-se ao estudo da natureza, ao gradual conhecimento da Terra, e outro ao estudo especial do homem, como um ser superior e independente. A primeira subdivisão constituida pelas sciencias naturaes, antes pela *Geographia*; a segunda, pelas sciencias sociaes, antes pela *Sociologia*.

« A *Geographia* deve ser considerada, não como o é presentemente pelas academias e escholas, completo repositório de cousas sem nexos, sem a mais ligeira dependencia ou ligação, que a mocidade as mais das vezes decora inconscientemente, simão, como pensa e practica o Instituto, integral estudo da natureza, consciênt e methodicamente feito á luz das sciencias fundametaes, que a ella se tem de ligar fortemente, como élos enormes de cadeia possante.

« Para isso o estudo da Terra comprehender deve tres partes distinctas: a *astronomica*, a *physica* e a *politica*.

« A primeira parte, tambem chamada *Geodesia*, abrangendo o estudo mathematico da Terra em pequenas extensões, — *Topographia*, em grandes porções, — *Geomorphia* ou *Geodesia propriamente dicta*, e em observatório variavel — *Hydrographia*. A segunda parte occupando-se com os tres reinos da natureza — *Mineralogia*, *Botanica* e *Zoologia*, e ainda com o estudo da origem da Terra — *Geologia*. A terceira parte, finalmente, a *Geographia politica*, procurando de um lado tornar realidade o estudo

racional dos povos — *Ethnologia*, e de outro, buscando fazer o estudo consciencioso das nações — *Nacionologia*, cousa até hoje ainda não tentada por nenhum philosopho ou pensador emerito.

« A segunda grande subdivisão do grupo finalístico comprehendendo o estudo do *direito*, o da *Economia politica* e o da *Historia*. O *direito*, ainda em constituição, regulando sablamente as existencias individaaes e collectivas, permitindo assim a vida em sociedade ou em conjuncto.

« A *Economia politica*, o vertice da hierarchia scientifica, estabelecendo leis geraes e precisas para o desenvolvimento economico das collectividades e para o bem estar dos individuos, é a sciencia que liga a riqueza ao trabalho, a terra ao homem. Finalmente, a *Historia*, a verdadeira sciencia social, ou a Sociologia propriamente dicta, estabelecendo bons e salutaes ensinamentos ao completo desenvolver da humanidade, á sua evolução e progredir, em todos os dominios da actividade intellectual e práctica.

« É a mais vasta e tambem a mais interessante das conquistas intellectuaes do homem. Philosophia, sciencia, lettras, artes, religião, industria, politica e moral, tudo, em summa, o que directa ou indirectamente affectar possa a nossa actividade ahi deve ser judiciosamente considerado.

« As seguintes palavras de Taine são altamente significativas :

« L'histoire embrasse maintenant plusieurs ordres de faits que jusqu'alors elle avait laissés hors de soi : les arts mécaniques, l'industrie, le commerce, méprisés par les anciens comme serviles, aujourd'hui réhabilités parce qu'ils sont exercés par des hommes libres ; les mœurs domestiques oubliées autrefois pour les événements politiques, aujourd'hui étudiées parce que la famille intéresse l'homme autant que l'État ; les religions, les sciences, les lettres, les arts, qui alors semblaient l'œuvre de quelques hommes et qui aujourd'hui semblent l'œuvre de toute la nation. L'histoire agrandie a reçu enfin dans son enceinte la nature humaine tout entière. » ¹

« O historiador é um typo caprichoso e completo: nelle se

1. Taine, « Essai sur Tite Live », 7.^{ma} éd. pag. 334.

deve descobrir sem trabalho o crítico que verifica os factos, o erudito que os destaca limpamente, o philosopho que os explica e ainda o escriptor que os pinta e eterniza.

« Para ser um bom historiador, mister se torna ser um grande escriptor. Alexandre Herculano, o maior dos Portuguezes artistas da palavra escripta, é um luminoso exemplo.

« Syntheticamente, o seguinte e suggestivo quadro explicativo do assumpto explorado:

SCIENCIAS	Grupo propedeutico...	Mathematica.	Calculo. Geometria. Mecanica. Astronomia.
		Sciencias physicas	Physica. Chimica. Electrologia.
	Grupo finalistico.	Geographia ou estudo da terra	Astronomica. ... Geodesia. Hydrographia.
			Physica. Mineralogia. Botanica. Biologia. ... Geologia. ... Zoologia.
			Politica. Ethnologia. Nacionologia.
		Sociologia ou estudo do homem	Historia. Scientifica. Artistica. Philosophica. Practica. Direito. Economia politica.

« Eis a meu julgar o campo vastissimo, que se nos depara a todos. Seu completo amanho absolutamente impracticavel, embora mesmo centuplicado nos fosse o numero dos annos e as circunvoluções do cerebro. Obrigatoria se nos impõe então a especialização, natural consequencia da organização psychologica de cada um.

« Tal justamente o que se tem observado e seguido á risca no Instituto, desde a era feliz de sua fundação, em 1839.

« A sua obra gigantesca, que só universal cataclysmo poderia fazer desaparecer, ahí está para ser julgada em consciencia pelas gerações a vir.

« A *Revista*, cujo 75.º vol. começa de apparecer, prova á

Mathematica, ao critico historico mais exigente, a real validade da mais gloriosa e porventura mais util instituição scientifica do paiz.

«Nessa publicação, verdadeiramente monumental, vasta bibliotheca de patria Geographia e de patria Historia, sem questão a maior e mais rica do Brasil inteiro, o analysta consciencioso e competente provas solidas encontra da intensidade do viver honesto, e da bendicta perseverança com que, em trabalho de formiga, aqui se ha buscado erguer estavel o grandioso edificio da brasilica nacionalidade.

«Tudo ahi abunda com fartura desusada respeito á nossa Historia politica e diplomatica, commercial e financeira, artistica e scientifica, militar e theologica, industrial e philosophica, litteraria e pratica. Memorias, roteiros, viagens, cartas particulares e officiaes, documentos, pareceres, leis, biographias, notas, noticias, circulares, correspondencias, etc. etc., sobre guerras, levantes, revoluções, propagandas, religião, territorio, indios, escravidão, independencia, sobre a feitura em summa da nossa nacionalidade, desde 1822 até aos nossos dias, tudo ahi se encontra meticolosamente architectado, com uma opulencia e uma fartura, que não podem deixar de causar verdadeiro consolo e verdadeiro entusiasmo a todos os Brasileiros patriotas.

«Aqui entrando, á sombra benfazeja desse gigantesco *baobab* de producção historica, traçado hei já o rumo a seguir. Dedicar-me-hei de corpo e alma á vida dos grandes servidores da Patria, maiormente daquelles que saliente posição occuparam na construcção da obra herculea, cujo esbôço acabo de fazer ligeiramente. «The History of the world is but the Biography of great men.»¹

«Pelos feitos dos heróes melhor se chega a incutir no espirito varonil da mocidade, que se alevanta garrida e forte, amor á lucta e respeito á Patria.

«Falando de Virgilio adeanta Taine, á pagina 23 do seu *Tito Livio*:

¹ Carlyle, pag. 31, de "On Heroes".

« Ni lui, ni Horace, encore moins Ovide, Tibulle ou Propertius n'ont dessiné d'une main ferme ces portraits nets et frappants de peuples ou d'hommes que nous exigeons de l'historien et qui sont la meilleure partie de l'histoire. »

« Carlyle sustenta as mesmas idéas. Para elle, « A Universal History, the history of what man has accomplished in this world is at bottom the History of the great Men who have worked here. »

« Não escreverei a biographia desses lidadores, que feita já lhes está por mão de mestre. Tentarei trabalho que se me antolha muito mais serio e suggestivo. No esta lo actual da sciencia e da Philosophia, tolerar não mais se pôde uma biographia, que teve sua epocha, como porventura o romance, o drama e a tragedia. »

« Em que pese aos nossos mais provecctos litteratos, e aqui por felicidade nossa bom número contamos delles, o romance tende fatalmente ao desaparecimento. De hoje a cem annos, menos talvez, ninguém mais lerá os romances de Balzac e os de Zola, os de Alencar e os de Eça, todos vantajosamente substituidos por themas mais proveitosos, mais interessantes e mesmo mais *humanos*, por questões scientificas, artisticas, philosophicas e prácticas, por indagações chimicas, biologicas, economicas, industriaes, crilicas, historicas, geographicas, psychologicas. »

« Tempo houve em que G. Ohnet era o escriptor mais lido em França, como o grande Camillo o era em Portugal, e Macedo no Brasil. O enredo era então a pedra de toque do romance, a sua vida, a soa alma. E quanto mais mysteriosos e tragicos, mais á Ponson elles se revelavam, mais apressadas lhes iam as edições. »

« Era uma verdadeira loucura humana. »

« Mas a propaganda se fez methodica no terreno da sciencia, da Philosophia, da Esthetica e da Moral, e aquelles impossiveis tão em moda foram sendo gradualmente substituidos pela realidade das cousas. A G. Ohnet succedeu Zola; a Camillo, Eça; a Macedo, Aluizio. »

« Ficarão agora assim os homens por toda eternidade? »

« Pôde-se afirmar categoricamente que não: porque a propaganda continúa, cada vez mais accentuada e mais firme, a ganhar adeptos, a constituir doutrina, a tomar vulto. »

« Bastante reduzido é já o número de romances que apparecem annualmente á França, á Allemanha, á Inglaterra, á Italia e aos Estados Unidos.

« Os estudos historicos, os geographicos, os economicos e industriaes, assim como as multiphas questões scientificas, artisticas, philosophicas e practicas cada vez mais a preoccupar estão os povos esclarecidos e cultos do velho e do novo continente.

« Eis justamente o que a succeder está, com esse ramo outr'ora suggestivo da Historia, a que se dá o nome de *Biographia*.

« Como obra intellectual, antes como ensinamento historico, ellas tiveram e ainda teem sua relativa significação e influencia; não raro servem para mostrar ás gerações futuras um lidador de valimento e merito, ao mesmo passo que os contemporaneos um escriptor de pèzo e vulto.

« Tal o que se dá, para exemplificar, com a *Vida de Caxias*, do padre Pinto de Campos, com o *Esboço Biographico do Serro Largo*, do barão do Rio-Branco, e com todos os biographos de prestigio pelas partes cultas da terra.

« Mas os methodos de observação e de estudo, como era natural, se foram desenvolvendo e apurando com as sciencias e com a Logica, e as biographias, começando de fugir ás insulas citações antigas, chronologicamente architectadas, começaram tambem de soffrer a influencia benfazeja da analyse, da Philosophia, da Critica e da Psychologia experimental sobretudo.

« Naquelles dous brasilecos exemplos que citei, como em o *James Hill*, de Bain, ou no *On Heroes*, de Carlyle, já se faz sentir essa grande verdade litteraria. E o facto de tal modo se vai alastrando e impondo em nosso meio intellectual, que hoje difficilmente ler-se-ha, pelo menos com prazer, um trabalho biographico, por muito cuidada que lhe seja a linguagem e maneiroso e attractante o estylo, quando ás suas paginas, ao envez do critico, do apreciador ou do philosopho, se logra apenas descobrir o mero citador de factos, sem a coragem da comparação e da analyse, sem individualidade critica, sem erudição philosophica, em summa.

« A Psychologia destinada está a prestar á Historia um serviço de valor inestimavel. No dia em que os seus processos sobremodo

suggestivos, e empregados puderem ser com facilidade e maestria, nesse dia, que praza aos céos longe não esteja, as biographias serão uma cousa do passado, na crescente evolução da Historia do pensamento.

« Preciso é applicar á Psychologia o methodo das sciencias physicas, diziam escoscezes eruditos no começo do seculo pasado. Necessario lhe é applicar o methodo das sciencias naturaes, adeantava Alexandre Bain, no fim do mesmo seculo. E A. Bain, o celebre professor de Logica da Universidade de Aberdeen, é um dos mais lucidos espiritos do seu tempo, superior a H. Spencer, elle que se colloca no lado de A. Comte, porventura, sem paixão philosophica, a maior cerebração franceza dos ultimos decennios.

« Pois no dia em que nos fôr possível a todos nós a prática applicação lembrada por Bain, isto é, *classificar e descrever*, como o naturalista, ter-se-ha desido suavemente das leis geraes da natureza humana para as diversas variantes individuaes. E ter-se-ha assim conseguido a mais bella applicação scientifica da Psychologia — a *Ethologia*, ou a sciencia do character estudada como deve ser no triplice ponto de vista physico ou da actividade, intellectual ou da intelligencia, e moral ou do sentimento.

« São de Herbert Spencer as seguintes e expressivas affirmações: « Jusqu' à ces derniers temps, la psychologie a été cultivée comme la physique l'était par les anciens: en tirant des conclusions non d'observations et d'expériences, mais d'hypothèses et *à priori*. Ce procédé abandonné depuis longtemps pour l'une avec un grand succès, on est en train de l'abandonner peu à peu pour l'autre, et cette manière de traiter la psychologie comme une division de l'histoire naturelle montre que l'abandon sera bientôt complet. » ¹

« Tal justamente a minha intellectual aspiração, meus eruditos e generosos confrades: arrastar logicamente a Psychologia a um dos ramos da historia da natureza, consequentemente have-la parte integrante das nossas lucubrações e trabalhos aqui no Instituto.

1 Th. Ribot. « La Psychologie Anglaise », pag. 325.

« Não ha velleidade na pretensão, sinão funda razão scientifica e philosophica.

« Leia-se o mais suggestivo e original de todos os prefacios conhecidos. É de Taine, o rei da Critica como se sabe :

« L'homme, dit Spinoza, n'est pas dans la nature » comme on « empire dans un empire », mais comme une partie dans un tout ; « et les mouvements de l'automate spirituel qui est notre être « sont aussi réglés que ce du monde matériel où il est compris.

« Spinoza a-t-il raison ? Peut-on employer dans la critique des « méthodes exactes ? un talent sera-t-il exprimé par une formule ? « Les facultés d'un homme, comme les organes d'une plante, de- « pendent-elles les unes des autres ? Sont-elles mesurées et pro- « duites par une loi unique ? Cette loi donnée, peut-on prévoir leur « énergie et calculer d'avance leurs bons et leurs mauvais effects ? « Peut-on les reconstruire, comme les naturalistes reconstruisent « un animal fossile ? Y a-t-il en nous une faculté maitresse, dont « l'action uniforme se communique différemment à nos différents « rouages, et imprime à notre machine un système nécessaire de « mouvements prévus ?

« J'essaye de répondre oui, et par un exemple » ¹

« Sciencias ha que são exactas, outras que não poderão ser tão cedo.

« A Geometria foi e é uma sciencia exacta. A Astronomia tam- bem o é; mas só o foi depois que explicar ponde, não só a direcção do movimento dos planetas, como também as diversas perturbações desse mesmo movimento. A Hydrographia, apesar do seu character francamente mathematico, não foi nem será jámais sciencia exacta; basta-lhe examinar com algum cuidado a theoria interessante das marés. Levando em conta as causas principaes, attracção do sol e da lua, tudo o que della depende, explicado o predicto póde ser com inteiro rigor astronomico, mesmo para uma parte desconhecida da superficie da Terra. Mas, ha também causas secundarias que influem poderosamente sobre a hora e a altura da maré, como, por exemplo, direcção e velô-

¹ Taine, « Essai sur Tite Live », prefacio, pagina, vii et viii.

cidade do vento, profundidade do oceano, configuração local, e que jámais poderão ser predictas ou calculadas.

« Apezar de tanto, a Hydrographia continua a ser uma sciencia, não exacta, é verdade, mas utilissima, no ponto de vista práctico.

« Tal justamente o que se observa com a Ethologia, a sciencia da natureza humana. Certo, bem longe ella ainda está do rigor geometrico ou da exactidão astronomica. Mas razão séria não encontra a critica philosophica, para que não possa ser ella desde já uma sciencia, como o é a Hydrographia, ou como o era a Astronomia até certo tempo.

« A sciencia ethologica por objecto tem as acções, pensamentos e sentimentos humanos. Houvera sem duvida attingido o seu ideal scientifico, si pudesse predizer com segurança como um individuo pensaria, sentiria ou obraria, em certo momento da sua vida. Para tanto mistér fôra que nós pudessemos desde já adquirir com certeza os diferentes dados e as multiphas circumstancias, que actuam sobre esse mesmo individuo.

« Não nos é ainda permitida a fiel acquisição de todos esses dados; mas á luz da Psychologia actual, desde já conhecemos sufficientemente as leis primitivas dos phenomenos mentaes, para lhes podermos predizer a conducta num grande número de casos.

« Theoricamente é perfeita a solução da questão: pôde-se calcular um character, como calcular se pôde o volume de um cone ou a quadratura de um circulo. Practicamente, porém, a questão muda muito de figura; não nos é possível a acquisição de todos os attributos necessarios, como impossivel quasi nos é tambem a posse de dados exactamente similhantes, nos diferentes casos a estudar, de modo a nos conduzir fielmente á formula de proposições geraes.

« As generalizações approximativas, porém, não podem deixar de accusar sufficiente exactidão para as necessidades da vida práctica.

« Eminentemente suggestiva para o estudo individual, a Ethologia se me apresenta irrefutavel para a conducta das collectividades.

«Gustave Le Bon, o genial publicista francez, com as suas últimas publicações psychologicas, prova exuberantemente que não estou aqui a exaggerar.

«Ha alguns annos já que, em fragil batel, navego esperando nesse mar ainda encapellado e procelloso. E si os meus primeiros ensaios, modestos e pallidos, de nada serviram até hoje, nutro a esperança eminentemente consoladora de aqui, no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em competente e fidalga companhia, poder largar um pouco a vela ao vento, em busca da terra sonhada da promissão.

«Aos eminentes confrades, o meu fraternal abraço de posse.»

Em resposta fallou o dr. Ramiz Galvão, orador, que saudou nestes termos os novos socios :

Sr. presidente. — Dignos confrades. — Ilustres srs. major Liberato Bittencourt, drs. Helio Lobo e Alberto Rangel. — O Instituto Historico Brasileiro tem a grande ventura de saudar, neste dia, tres brilhantes batalhadores, que vêm engrossar as suas fileiras, trazendo-lhe copioso manancial de talento e de amor às cousas patrias, o que significa uma auspiciosa promessa de trabalho fecundo.

«É muito para alegrar-nos este valioso contingente de reforços : muito é tambem para nos desvanecer o afan, com que Brasileiros illustres procuram esta casa, onde se não distribuem graças nem favores. Aqui cada qual, no seu posto, é um simples operario da magna officina, em que se compõe o sagrado livro da Historia brasileira.

«Hoje iniciam a tarefa tres artífices, qual mais operoso, qual mais distincto : o palzagista do *Inferno Verde*, o escriptor de interessantes páginas diplomaticas, o biographo analysta do nosso grande Rio-Branco, cujos discursos inauguraes acabamos de applaudir com justiça e calor.

«Trouxestes-nos, sr. Alberto Rangel, um livro que é um quadro vivo, impressionador e candente, como aquelle *Juizo Final* da Capella Sixtina, onde o genio de Buonarrotti pintou com masculo pincel as agonias de outro Inferno.

«Vosso livro é a revelação de um artista. No *Tapará*, esse lago « que dá a idéa de um Asphaltite », — na *Decana dos Muros*,

aquelle « abjecto detrito de uma raça aviltada », nesse capítulo final em que condensastes todo o vigor das tintas para pintar-nos a « gehenna de torturas » em que se abraçou o Souto, — em todas as páginas de vosso livro brilha o talento de um fino observador.

« Posto que vos confesseis com grande modestia « insignificante engenheiro e sertanista », é certíssimo que á sombra da nossa laboriosa companhia não vindes como « um sceptico para ganhar fé », como « um inerte para grangear zêlo », nem como « um fraco para adquirir ânimo ».

« Sois um forte, um cinzelador amestrado como vosso saudoso mestre, um crente, que virá ajudar-nos para que outro desanimado não repita aquella phrase amarga de despeito e falha de verdade : « Terra que nem tem historia ».

« O digno filho do honradíssimo dr. Fernando Lobo não transpõe os humbraes desta sala com menos direito á nossa estima, nem é portador de menos esperanças. Como elle proprio disse, « amante do passado », aprendeu com um grande e immortal patriota a querer no Brasil de hoje o Brasil de hontem, aprendeu a ter pela Historia brasileira um culto vivaz e perenne.

« A ordem natural de seus estudos levou-o a brindar-nos com excellentes trabalhos sobre a Diplomacia americana, reflexos de uma orientação de escol no tracto destes assumptos por sua natureza delicados e melindrosos.

« O vosso recentíssimo livro — *De Monroe a Rio-Branco*, em que se acham reunidos alguns desses luminosos artigos, é certamente o precursor de várias outras joias, com que haveis de brindar as letras nacionaes, e em particular a Historia diplomatica brasileira, — esse precioso campo, que pede lavradores habeis para se desabotoar em fructos de benção.

« Dissestes que « scismatico por indole offereceis a melhor garantia para a serenidade deste recincto ». De facto, aqui não medra nem entra o tumulto das paixões, e só uma nos senhora : a paixão pela verdade; esta sim, alimentada pelo intenso amor da Patria, é e deverá ser eternamente o nosso guia, o Vergilio dos nossos Dantes na peregrinação investigadora pelos circulos do passado.

«Vinde, caro discípulo de um grande Brasileiro, vinde, pois, debruçar-vos sobre a poeira dos nossos archivos para nelles «colher, á maneira de occupação confortadora, esse leve perfume das cousas idas»; continuae o culto e as tradições do grande mestre, e nós só teremos palmas e louros para a vossa obra.

«Deixei-vos, sr. major Liberato Bittencourt, para remate desta saudação singela, não só porque sois um mestre laureado, como ainda porque tivestes a fortuna de bater ás portas do nosso Instituto com uma credencial, que por varios titulos nos é caríssima: o perfil biographico do nosso muito amado e muito saudoso Rio-Branco, essa figura olympica, que por dez annos illuminou a vida diplomatica do Brasil e do Novo Mundo.

«Conquistastes em sette dias de afanoso trabalhar nessa opulenta memoria um titulo especial á nossa gratidão; nesse breve prazo ganhastes tambem o premio ambicionado por espaço de vinte annos, tamanho era o vosso preparo para esta batalha campal.

«Illustre official do Exercito e illustrado professor, apresenteis uma fé de officio scientifica, que vos poderia encher de ufania, si acaso tivesseis essa fraqueza; mas ha para nós, em vossas proprias declarações, um titulo ainda mais recommendavel: é essa affeição profunda ás cousas do passado, é esse culto que confessais á Historia, «a mais vasta e tambem a mais interessante das conquistas intellectuaes».

«Tenho apenas dúbida em acompanhar-vos no pequeno apregoado á obra litteraria do romancista. Dissestes que daqui a cem annos ninguém mais lerá Balzac, Zola, Alencar e Eça de Queiroz. Penso que não tendes razão: ler-se-hão todos elles, e ainda os nossos queridos J. M. de Macedo, Franklin Tavora, Bernardo Guimarães, Machado de Assis, e outros, porque nelles se achará a pintura fiel dos sentimentos, dos costumes, da vida intima da sociedade do seu tempo, do seu meio, e tudo isto si não é Historia porque não reflecte a verdade inteira dos factos reaes, é pelo menos a descripção de um scenario, que auxilia poderosamente os julgamentos severos da mesma Historia. Alexandre Herkulano o magno escriptor da «Historia de Portugal», esse luminoso espirito que foi uma das glorias portuguezas no seculo que findou,

Herculano não se dignou de escrever o « Eurico » e o « Monge de Cister », que são obras buriladas por mão de mestre e que estou certo serão eternamente lidas como resurreição pittoresca de tempos idos. E porque não dizer o mesmo do grande Walter Scott, de Fenimore Cooper e de tantos outros, que, fugindo da phantasia vulgar, burilaram typos immortaes, copiados da natureza com esmero de arte puríssima?

« Tenho para mim, distincto confrade, que ha na Litteratura de todos os povos logar de honra para esse genero de composições, que o vosso fello profundamente scientifico pretende condemnar ao esquecimento, como ha e haverá sempre louros para coroar as biographias dos grandes servidores da Patria, que nos prometteis.

« No terreno da ficção, como no das sciencias positivas, deve haver e ha muitas vezes um intuito moral e social, que bem merece o applauso dos espiritos lucidos como o vosso. Sophocles é tão grande como Aristoteles, o auctor da « Divina Comedia » corre parellas com Galileu.

« Do vosso talento e da vossa cultura, sr. major Liberato Bittencourt, o Instituto aguarda confiante não só esses trabalhos biographicos, que em boa hora lhe prometteis, mas outros, muitos outros, em que se demonstre o vosso acendrado patriotismo e o intenso amor ao trabalho, que na vida pública haveis revelado.

« Aqui nesta laboriosa companhia, por onde passaram tantos Brasileiros venerandos, á luz benefica das lições fructuosas do passado, « em busca da terra sonhada da promissão », todos contámos que se realize a vossa fagueira esperança de « largar a vela ao vento » para maior gloria do Instituto e maior lustre da nossa Patria bem amada, essa que defendeis com a espada valorosa de soldado e que honrareis decerto com a penna de illustre pensador. »

O sr. CONDE DE AFFONSO GELSO (*presidente*) diz que, nada mais havendo a tractar, levantará a sessão; não o fará, porém, sem agradecer a distincta presença do sr. representante de sua ex.^a o sr. marechal Hermes da Fonseca, chefe do Estado e presidente honorario do Instituto; e do dr. John Moore, illustre dele-

gado dos Estados Unidos da America do Norte no Congresso de Jurisconsultos, dos representantes das diversas auctoridades, excellentissimas senhoras e cavalheiros.

Levanta-se a sessão ás 10 $\frac{1}{2}$.

Escragnolle Doria, servindo de 2.º secretario.

ANNEXOS

(Discurso do sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a 16 de Junho de 1912, por occasião de inaugurar-se o retrato do creador do mesmo Instituto, sr. barão de Ramiz Galvão).

« Eminentissimo sr. cardeal arcebispo, ex.mos srs. representantes da auctoridade, minhas senhoras, senhores :

« Quarenta annos de permanencia na lista de nossos consocios, de que conquistou o mais bello e raro titulo, o de benemerito ; — diuturno exercicio nas mais importantes commissões desta casa ; preciosos trabalhos, que opulentam as páginas da nossa *Revista* ; pareceres magnificos sobre variados assumptos ; discursos, em que a pureza e a elegancia da fórma correm parilhas com a eloquencia, o saber e a elevação dos conceitos ; um zêlo, um interesse, uma dedicação inexcediveis em prol do bom nome e prosperidade de nossa aggregração ; uma lhaneza e benevolencia de tracto, junctas á mais fina fidalgua de manelras, engendrando affectuoso respeito por parte de todos quantos delle se approximam — eis algumas das muitas razões que determinaram a collocação do retrato do dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, barão de Ramiz Galvão, (titulo attestador de egregios servicos á causa pública), nesta nessa galeria de honra.

« Esteve elle bastante tempo afastado do nosso convivio, mas foi como Achilles, recolhido á sua tenda, de onde saiu, em occasião propria, para alcançar novas victorias, porventura superiores ás antigas.

« Às indicadas parcellas, accrescentae estas outras : o des-
empenho do alto magisterio ; a direcção de notaveis estabeleci-
mentos de caridade e instrucção ; a auctoria de livros magistraes
de sciencia e de arto, onde o nome do Brasil apparece sempre
exalçado ; a iniciativa de elevados commettimentos ; largo tiro-
cinio na imprensa ; e terels, como somma, uma existencia tão
nobremente operosa, que cada um de seus aspectos forneceria
materia para invejavel biographia.

« *Non recuso laborem* — parece haver sido a sua divisa,
trabalho, sem um só deslize, feito com esclarecido escrupulo.

« E, ainda uma vez, aqui se verifica a virtude miraculosa do
trabalho, a sua efficaz acção salutar, pois o dr. Ramiz Galvão
completa hoje 66 annos (não ha indiscreção em lembra-lo, por-
que todos conhecemos as datas da sua carreira), e, como vêdes,
é um moço, pela energia, confiança, coragem, excellente equi-
líbrio de todas as suas peregrinas capacidades, um moço que dá
aos moços os melhores exemplos e lições.

« O trabalho lhe tem sido o elixir de Fausto, a fonte de per-
manente juventude.

« O Instituto faz votos para que aos extremos limites huma-
nos se prolongue tão formosa jornada na terra, e, escolhendo
para a presente inauguração uma data de familia, quiz mostrar
que o dr. Ramiz Galvão é em nosso gremio uma figura tão vene-
randa e querida como aquellas que, em nosso lar domestico,
mais presas a nós se acham pelos laços do sangue e do coração.

« Tenho a honra de rogar a ex.^{ma} esposa do sr. ministro da
Viação e á dignissima filha do illustre Brasileiro, a quem ora acla-
mamos, a gentileza de descobrirem a sympathica effigie do ex.^{mo}
sr. barão de Ramiz Galvão.» (*Palmas e applausos repetidos*).

O SR. DR. RAMIZ GALVÃO, em resposta a esse discurso, disse
o seguinte :

« Ex.^{mo} sr. presidente do Instituto Historico.

« Meus prezadissimos collegas,

« Não sei como agradecer a gentileza suprema de v. ex.^a e
dos meus illustres confrades, ao receber o testemunho de um
apreço que excede a tudo quanto eu podera e devera imaginar.

« Só á velhice me cabe attribuir tamanha distincção. Ha, de

facto, 40 annos que tive a honra de entrar para estas fileiras gloriosas, quando os proceres do Instituto se chamavam — Sapucahi, Bom Retiro, Porto-Alegre, Macedo, Joaquim Norberto, Beaurepaire Rohan, Canilido Mendes, Capanema, — uma pleiade luminosa de trabalhadores, alguns já no declínio da vida, todos hoje pertencentes á Historia e sagrados immortaes na politica, nas sciencias e nas letras brasileiras.

« Nesse convívio, e sob o impulso do nosso magnanimo presidente — o imperador d. Pedro II, muita cousa aprendi; uma, porém, mais do que todas as outras: o intenso amor da Patria, desta Patria por cuja gloria labutavam todos á uma sem distincção de partidos e sem paixão doutrinaria, obedientes áquella tradição augusta, que vinha dos tempos de Cunha Mattos e Barbosa, e que mercê de Deus persevera intacta no selo do Instituto como um labaro sancto, como um reducto sagrado, a que se acolhem todas as crenças politicas dominadas pelo soberano culto da verdade.

« Áquella geração de 1870 succedeu outra, que está no seu fastigio e vai sustentando galhardamente o brilho desta companhia, sem se arrelhar uma linha do terreno conquistado e fazendo jus á gratidão da posteridade. É aos sentimentos benevolos destes distinctos collegas, que eu devo a grande honra com que me acabrunham neste dia; a v. ex.^a, sr. presidente, confesso o mais profundo reconhecimento pelas palavras gentis, que acabo de ouvir e que não exquereci.

« Ao lado dos veteranos, mas soldado sempre fiel á bandeira, neste resto de existencia que já não poderá ser longo, exorcar-me-hei por não desmentir o passado, que foi uma vida de rude trabalho, e por não desmerecer da honra altissima, que hoje me confere o Instituto Historico Brasileiro.

« Quando no futuro o estudioso das cousas patrias visitar estas salas e percorrer esta galeria, depois de contemplar com veneração e amor os tres grandes heroes da redempção dos escravos, o immortal chancellor que encheu de luz as primeiras paginas da Republica, o venerando Ouro Preto, que preparou as victorias da campanha do Paraguai e honrou as paginas do nosso parlamento, o benemerito Paranaguá que aos 90 annos tra-

balhava com ardor patriótico, — depois da contemplação destes e de outros muito dignos, ao passar pelo retrato que hoje se inaugura, só poderá dizer: — Este não deixou monumentos, nem organizou victórias, nem dilatou os limites da Patria, — mas amou-a muito, amou-a com enthusiasmo, e ainda no occaso da vida tentou servi-la, quando lhe reclamaram o fructo da experiencia pondo-lhe aos hombros uma cruz pezadíssima.

«Tenho certeza de que outros meritos fallecem ao vosso velho companheiro, mas daquelle me ufano sem modestia, porque, amando a Patria, não faço sinão cumprir um sacratissimo dever de cidadão.

«Lê-se nos historiadores romanos que, ao celebrarem a cerimonia pomposa do triumpho, com que eram galardoados os grandes generaes victoriosos, obrigavam-nos a levar no dedo um anel de ferro, á guisa dos escravos, como aviso para que se não ensorbecessem.

«Perdoae-me, si não trago o signal da humildade; basta-me o brado da consciencia. Crêde na sinceridade destas palavras, que sobem do coração aos labios: não sou o vencedor, sou o vencido pela vossa incomparavel generosidade; o triumpho é vosso, eu sou o captivo.»

(Calorosos applausos. — O sr. dr. Ramiz Galvão é affectuosamente abraçado pelo presidente do Instituto, ministro da Viação e demais pessoas presentes).

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE JULHO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

As 4 horas da tarde, na sede social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, tenente-general d. Julio Roca (presidente honorario), Max Fleiuss, drs. Gastão Ruch, B. F. Ramiz Galvão, Martim Francisco Ribeiro de

Andrada, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pedro Souto Maior, Augusto de Lima, Alberto Rangel, Escragnolle Doria, Augusto Olympio Viveiros de Castro, Miguel de Carvalho, José Americo dos Santos, desembargador Lima Drummond, Carlos Lix Klett, Eduardo Marques Peixoto, major Liberato Bittencourt, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira e commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.

O SR. FLEUSS (1.^o *secretario perpetuo*) lê a acta da sessão anterior, a qual é sem discussão approvada.

Lê depois o mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO uma communição do consocio effectivo sr. general de divisão dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, em que diz não poder, por motivo de força maior, comparecer á sessão.

Justifica o mesmo SR. SECRETARIO PERPETUO a ausencia dos srs. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, 1.^o vice-presidente, e commendador Arthur Guimarães, thesoureiro.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (2.^o *secretario*) lê os seguintes pareceres da Comissão de Admissão de Socios, os quaes, nos termos dos Estatutos, ficam para ser votados na primeira sessão a realizar-se:

« A Comissão de Admissão de Socios só tem palavras para approvar a proposta que indicou o sr. Nicolas J. Debbané para socio correspondente do Instituto.

« As demonstrações de sympathia pelo Brasil dadas pelo sr. Debbané em trabalhos importantes muito o recommendam á nossa consideração.

« Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1912. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator; *Dr. Miguel J. R. de Carvalho, A. C. Gomes Pereira.* »

— « A Comissão de Admissão de Socios nada tem a oppôr quanto á approvação da proposta, que indica o sr. dr. Gomes Curmo para socio do Instituto. É um nome conhecido pelos trabalhos, que tem publicado, e que por certo contribuirá para o maior engrandecimento da nossa associação.

« Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1912. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator; *Dr. Miguel J. R. de Carvalho, A. C. Gomes Pereira.* »

O sr. DR. ESCRAGNOLLE DORIA pede depois a palavra e lê o seguinte parecer, que emittiu como membro da Comissão de Historia:

«O sr. Raul Tavares, capitão-tenente da Armada Nacional, ora servindo na Bibliotheca da Marinha, signal de boa nota litteraria em um militar, desejando ser eleito socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, apresentou-lhe ao exame, parecer e suffragio, dous opusculos de lavra propria: *De Cavite a Santiago de Cuba* e *Commentarios da Guerra Russo Japoneza*, além de outras obras fóra da esphera de estudos do Instituto, mas testemunhos de pertinacia, de vontade de investigar, qualidades indispensaveis num membro do mesmo Instituto.

«Li, com o respeito por mim devido ao exforço alheio, as monographias *De Cavite a Santiago de Cuba* e *Commentarios da Guerra Russo Japoneza*. A primeira resume os factos essenciaes da guerra hispano-americana; a segunda condensa os acontecimentos mais notaveis na pugna russo-japoneza.

«Qualquer dos opusculos revela no auctor intensa estima por sua nobre profissão, o desejo profissional de seguir com o espirito as peripecias daquelles dous tumultuosos capitulos da Historia universal, a par do desejo do estudioso de verificar o estado da sociedade e da politica dos belligerantes, as circumstancias e o character das guerras, o valor moral dos combatentes e, sobretudo, o de seus chefes.

«Sobre profissional distincto e estudioso digno de animação, o sr. Raul Tavares se revela um patriota.

«Nas suas monographias se encontra uma preocupação sagrada e credora dos applausos do Instituto, fôco de amor patrio, a preocupação constante de bem conhecer as causas dos revezes estranhos para desviar o Brasil dos perigos bellicos, que o podem saltear. Assim os escriptos do sr. Raul Tavares encerram conselhos uteis, advertencias salutareas que, desprezados, podem transformar os parallelos do auctor de interessantes em luctuosissimos.

«Mostra o sr. Raul Tavares o dismantelo das forças navaes da Hispanha, a balburdia das da Russia, nas vespas da lucta com os Estados Unidos e com o Japão. Estes paizes, contudo,

nella se empenhavam com a quasi certeza de vencer. Porque? Permitta-se-me a triste expressão: graças á sinistra macieza, á lugubre e arrepiadora docilidade de funcionamento de formidáveisapparelhos navaes.

« Percorrendo, attento, as paginas das monographias do sr. Raul Tavares, onde evoca a desorganização das organizações navaes hispano-russas na imminencia de um conflicto sério com povos plethoricos de imperialismo, louvei a censura com que o auctor fulmina a imprevidencia dos govêrnos, a criminosa indiferença dellas em relação á defesa da patria, que não pôde ser comprehendida, á ultima hora, por crises de coragem.

« A analyse da guerra hispano-americana feita pelo sr. Raul Tavares indica, sobretudo, a futilidade nas causas da lucta. Em todos os tempos odios e rixas resultaram de questunculacões. No seculo xvi, por exemplo, parte da Irlanda foi ensanguentada por partidos de aldeias, que tractavam de solver, a ferro e fogo, o problema de saber ao certo a idade de um touro vendido em uma feira provinciana. Considerando scenario mais vasto, Rosback ó devido ao afan de responder a um epigramma de Frederico o Grande sobre a marquezia de Pompadour; e si Napoleão, com prejuizo da paz europêa, rompeu a paz de Amiens, isso se deve em parte ao agastamento produzido no corso genial, senhor do mundo, pelas simples pilherias dos jornaes inglezes, que lhe azedaram o sangue e o induziram a derramar o alheio.

§ Na guerra hispano-americana, segundo se depreheende dos escriptos do sr. Raul Tavares, mais uma vez se verificou a verdade do proverbio: pretextos futeis, causas profundas. Só uma cousa não disseram os *yankees* declarando guerra á Hispanha: é que a declararam para dar realidade ao designio secreto de expellir as nações europêas dos seus ultimos reductos economicos na America.

« Todo o cruel desenvolvimento da guerra hispano-americana é muito bem explicado pelo sr. Raul Tavares, que a enxerga com olhos de marinheiro e a destrinça como intellectual, amante de sua profissão. Nas aguas de suas reflexões se divisa sempre a sombra de seus queridos navios.

« Demonstra quanto comprehende o preço desse *Sea power*.

magnificado por Mahan, e pelo qual a terra ingleza tem feito tantos sacrificios.

« A marinha é o eixo da politica moderna. A Alemanha expande-se mercê da sua frota, massa de ferro e aço a proteger, na mole immensa dos mares, as idas e vindas da sua marinha mercante e das suas mercadorias. A França mantem-se na linha das grandes potencias graças á valia de sua força naval, como a Italia, politicamente nascida hontem, cresce com o augmento de sua frota, agora posta, em prova. Os Estados Unidos conseguiram sentar-se nos congressos das nações fortes, e para que ninguém os obrigue a erguer-se e retirar-se delles, reformam e melhoram de continuo a sua respeitada e respeitavel marinha.

« As nações, ás quaes felizmente não incumbe a penosa obrigação de representar papéis de vulto na scena mundial, carecem imitar de longe as nações chamadas de primeira ordem. Todos, nações ou individuos, podem aliar-se na necessidade de exercer o direito de legitima defesa.

« Ha um conselho proveitoso para os povos, como o nosso, pouco militares, militaristas sem entusiasmo e militarizados á força; é o conselho de Cromwell aos seus soldados: « tende confiança em Deus e conservae a pólvora bem secca ».

« As narrativas do sr. Raul Tavares podem ter por epigrapho o aviso do homem que tanto tractou com os semelhantes e os mal-tractou muitas vezes. Servem de eloquente commentario ao temeroso problema da guerra, uma dessas questões magnas que, como a do seu destino, trabalham os mortaes do principio ao fim da vida, do ventre á sepultura, consoante o dizer biblico.

« Os amigos e os inimigos da guerra constituem dous immensos partidos no genero humano, exercito a pelejar sem sangue na batalha diaria da existencia. Ha quem exalte apenas as virtudes guerreiras, não raro tão heroicamente exemplificadas, porém os adeptos da paz perguntam, si a energia dos cabos de guerra mais conspiciosos foi acaso mais rude, mais perseverante, mais util á collectividade do que, por exemplo, a energia de Bernardo de Palissy, o ceramista precursor dos geologos modernos.

« Guerra: doloroso problema, do qual ninguém talvez saia a solução. A humanidade não subiu ainda o primeiro degrau da es-

cada daquella benevolencia universal, de que falla Augusto Comte na *Philosophia Positiva*.

« Por conseguinte, no estado moderno das idéas, cumpre acoher com sympathia quantos, como o sr. Raul Tavares, se exforçam por prezar e servir a sua profissão, nella prezando e servindo a Historia.

« Homens de tal tempera tem tido o Instituto, o qual conta e contou no seu illustre gremio numerosos e distinctos officiaes da nossa marinha de guerra. Haja vista, em tempos idos, Villela Barbosa, marquez de Paranaguá, Mello e Alvim, o visconde de Jurumirim, o visconde de Inhauma, o barão de Melgaço, Jacintho Roque de Senna Pereira, Calheiros da Graça, Philippe José Pereira Leal, Antonio Mariano de Azevedo, João Carlos Pereira Pinto, o Barão do Ladarío e Garcez Palha. Todos esses membros do Instituto encontraram emulos em estrangeiros, delle socios; assim o príncipe de Joinville, naturalizado Brasileiro pelo amor conjugal; Mouchez, naturalizado pela nossa Hydrographia e Augusto de Castilho, nosso pela gratidão.

« Modernamente o Instituto tem a honra e o prazer de contar entre seus socios os seguintes officiaes de marinha: almirantes Barão de Teffé, Guillobel e Indio do Brasil, commandantes Antonio Coutinho Gomes Pereira, Oliveira Freitas e Radler de Aquino.

« A esse grupo selecto da multidão eminente do Instituto deseja junctar-se o sr. capitão-tenente Raul Tavares, desejo ora sancionado pela modestia do meu juízo, favoravel á admissão desse candidato, em cujos escriptos se encontram amor ao estudo, á pesquisa e ao Brasil, dotes imprescindiveis em um bom socio de nossa companhia.

« Tal o meu voto. Resta-me submittê-lo ao prévio exame dos meus pares da Comissão de Historia e ao plenário do Instituto, obediente como sou e serêi aos reparos cortezes da experiencia e ás ordens da sabedoria de todos os meus dignos collegas de associação.

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1912. — *Luiz Gastão d'Escraignolle Doria*, relator; *Dr. Viveiros de Castro, Clovis Bevilacqua*.

É approvado unanimemente e vai, com a proposta, á Com-

missão de Admissão de Socios; relator o sr. dr. Manuel Cícero.

Em seguida procede-se á votação do parecer da Comissão de Admissão de Socios, lido na última sessão e relativo ao sr. dr. Alfredo Valladão.

O parecer é approved por unanimidade de suffragios.

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) proclama sócio effectivo do Instituto o sr. dr. Alfredo Valladão.

O sr. FLEIUS (*1.º secretario perpetuo*) communica achar-se na sala da Directoria o novo socio sr. Francisco Agenor de Noronha Santos; pede, por isso, que o sr. presidente nomeie uma comissão para introduzi-lo no recinto.

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) nomeia para esse fim os srs. 1.º secretario perpetuo e 2.º secretario.

(Dá entrada no recinto e presta o compromisso dos Estatutos o sr. Francisco Agenor de Noronha Santos).

O sr. Noronha Santos profere o seguinte discurso:

«Sr. presidente.—Srs. do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.—Chego aqui gratissimo á vossa bondade.

«Aqui tudo me falla do passado: em cada recanto desta casa a imaginação evoca os grandes dias da Patria, e o olhar contemplativo como que se distende através do inventario da nossa Historia a revêr o Brasil antigo, no que elle possuia de bom, nas manifestações de sua actividade e na grandeza de suas aspirações de trabalho e ordem.

«O Instituto indo buscar-me no retiro, onde vivo a cuidar de velhos papeis que no rendado de suas laudas dizem muito de outros tempos, quiz certamente animar o humilde obreiro, que, no limitadissimo campo de sua visão intellectual, tem contribuido, embora parcamente, para o conhecimento detalhado da historia dessa formosa terra de Guanabara.

«Eu obedeco, senhores, á generosa iniciativa desse acto, que me dá estímulo para redobrar de dedicação ao estudo.

«Fallar do Instituto Historico e Geographico Brasileiro é synthetizar todo o passado do Brasil, de 1838 até a nossa epocha.

«Esta casa é a herdeira gloriosa das mais nobres tradições de operosidade, dos que deixaram uma riqueza inextotavel de

Intelligencia nos dous povos, que fallam a encantadora lingua portugueza. A tarefa benfazeja que o Instituto tem exercitado, alheando-se das rugas de partidos e dos corrilhos litterarios, recommenda-o cada vez mais ao apreço de todos os que vivem nas lides da Intelligencia e do Sentimento.

« É uma obra serena de estudo, que se reflecte como diagrapha luminoso em todas as conquistas do Brasil de outr'ora e do Brasil de hoje. Basta a valiosa contribuição trazida pelo Instituto á cultura brasileira com a Revista trimensal — para se delinear aquella obra, que vale pela evolução do Brasil — todos os passos da nossa vida de povo, vivamente sentidos nas paginas da utilissima publicação.

« Desenhando os grandes acontecimentos da Historia nacional, o Instituto vai, dia a dia, julgando os factores que entraram na formação espirital do uso brasileiro, os elementos economicos que se ajustaram no conflicto das raças, os productos principaes e, ao mesmo tempo, diz-nos das nossas terras e do seu desbravamento — o que importa dizer a geographia physica e politica, historica e economica do Brasil grandioso!

« Tudo isso vós o sabeis, o Instituto tem em sua Revista concatenado, narrado, esmiuçado, commentado e esclarecido com depoimentos de chronistas, exploradores, historiographos e cartographos.

« É, como se vê, uma obra riquissima e vastissima de informações. É uma bibliotheca bem catalogada de tudo quanto no nosso paiz e no estrangeiro se tem escripto sobre a linda terra brasileira.

« Dentro da alma forte e sacrificada dos grandes obreiros, que ergueram o monumento de trabalho — que é o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, havia a communhão de esforços para levar avante essa tarefa difficillima.

« Graças ao ensinamento deixado nesta casa por nossos maiores, a Historia do Brasil já se vai libertando da inconfiavel tradição oral e demarca outros horizontes ao investigador.

« Novos processos de critica historica refazem a descripção de faustosos dias, em que a febre e a ganancia do ouro crearam empresas ousadas e formaram pequenos nucleos de população,

nos quaes, ainda hoje, ha vestigios da opulencia arrogante dos conquistadores, de envolta com a excelsa bondade da nossa terra e da nossa gente.

« Sob os mesmos moldes se nos apresenta a Historia do Brasil independente, na doçura de suas crenças ou nas victorias intellectuaes, que tanto dignificam e ennobrecem o nosso povo.

« E o Instituto, que é o guia seguro e exacto desse passado, deve sentir legitimo orgulho de haver reunido a riqueza documental sobre a nossa Historia e de a ter commentado deixando-nos ver o caminho percorrido e mostrando-nos o roteiro a seguir. (*Palmas*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) dá depois a palavra ao orador do Instituto, sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que pronuncia o seguinte discurso:

« Sr. presidente: ex.^{mas} senhoras; dignos collegas; meus senhores:

« Permitta o nosso caro consocio recém-vindo que as minhas primeiras palavras sejam de saudação cordialissima e agradecida ao illustre representante da Nação amiga, que se dignou honrar esta cerimonia com a sua presença, dando-lhe especial realce e enchendo de justo desvanecimento os seus confrades.

« O nobre sr. general Julio Roca, nosso presidente honorario desde 1899, merecia por muitos titulos a maior estima deste Instituto, como vulto dos mais distinctos na historia contemporanea da America, graças ao brilho singular com que dirigiu os destinos do seu paiz, contribuindo para o desenvolvimento e progresso d'elle, e collaborando galhardamente na obra de fraternidade sul-americana, que ha mais de meio seculo é tambem o generoso escopo da nossa politica internacional.

« Espirito lucido e ponderado, s. ex.^a foi dos proceres argentinos um dos que mais cordialmente trabalharam pela consolidação destes laços felizes, e ainda agora, nesta recentissima emergencia, não duvidou acudir ao reclamo de seu governo para corresponder á leal e eloquente demonstração, que o Brasil quiz offerecer á gentili e prospera Republica Platina.

« S. ex.^a, lá fôra, em meio da multidão que o acclamou entusiasta, já teve a prova inconcussa do muito que o povo bras-

leiro o preza e admira, como preza e admira a Nação nobilíssima, que batalhou ao nosso lado mixturando o seu sangue com o nosso em memoráveis pejeas.

« Aqui neste recinto sereno, dedicado ao estudo e á cultura das sciencias historicas, queira o illustre ministro da Republica Argentina receber eguaes homenagens de admiração e alto apreço; ellas não são nem podem ser ruidosas como as da praça publica, mas posso assegurar-lhe que são egualmente sinceras e calorosas. (*Palmas*).

« — Paga com abundancia de coração esta dívida ao benemerito estadista, que nos honra com a sua presença, cabe-me agora o dever de saudar-vos, illustre consocio sr. Noronha Santos, que vindes abrilhantar e reforçar as nossas fileiras.

« Vossos trabalhos geographicos, dignos de muita estima, deram-vos entrada na tenda modesta, em que ha mais de 70 annos se congregam e afeiçoam materiaes para a Historia, Geographia e Etnographia da nossa Patria. Mereceis entrar para ella, que vos recebe fraternalmente, e onde podereis continuar a obra de Beaurepaire Rohan, Candido Mendes, Homem de Mello, Moreira Pinto e outros, que cultivaram este departamento scientifico com particular esmero.

« Ninguém ignora a vastidão do nosso territorio e quanto ha ainda de incerto e mal explorado em grande parte delle. A Geographia dos nossos sertões offerece problemas a resolver, e não ha viajantes esclarecidos que não nos tragam dados novos e curiosos para rectificar os nossos mappas do interior; ainda não ha muito a commissão do benemerito coronel Rondon teve opportunidade de nos prestar este optimo serviço.

« Não sinto vexame em dizê-lo, porque somos um paiz novo, e nos noventa annos de regime autonomo do Brasil, a nossa attenção tem sido desviada para um sem numero de questões de vária natureza, reclamadas pelo nosso progresso scientifico, litterario, artistico e industrial. A metropole portugueza, é certo, não havia descurado estes assumptos de alta valia, mas o seu esforço se volvera naturalmente para a limitação das fronteiras, e o campo a desbravar era enorme.

« Muito portanto, nos deixou, como trabalho de investigações

futuras. Esta herança ficou para a geração laboriosa, que nos precedeu e apenas poud encetar a gloriosa tarefa.

« É para vós e outros cultores das sciencias geographicas, digno consocio, é para vós que a Patria appella confiadamente, esperando valiosas contribuições, que enriqueçam e completem a obra do passado.

« Cada um de nós traz a sua pedra para o monumento; este assenta os alicerces, aquelle ergue as paredes, aquelle outro adorna-as com o fructo de seu engenho, e ainda outros levantarão a soberba cupula, que ha-de affrontar os rigores do tempo. Mas o esforço patriotico dos obreiros é egualmente digno de applauso dos contemporaneos e da posteridade; vós participareis sem duvida deste applauso, illustre confrade, porque vos sobram competencia e amor ás cousas da Patria. Sêde bem vindo! » (*Palmas, muito bem, muito bem*).

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) — « Não havendo quem peça a palavra, vou levantar a sessão. Antes, porém, de fazê-lo, confirmando as expressões tão carinhosas quão sinceras do nosso provecto orador, relativamente ao ex.^{mo} sr. tenente general d. Julio Roca, agradeço em nome do Instituto a gentil e honrosa visita de s. ex., que allás aqui se acha em sua casa, já porque é nosso digno presidente honorario, já porque todos os consocios nos prezamos de o estimar, respeitar e admirar, formulando calorosos votos para que em tudo cabalmente feliz seja a estada de s. ex. no Brasil, e contribua para fortalecer a amizade fraternal entre este e a Republica Argentina, a nobre nação que tão altos exemplos tem dado e está dando ás outras nações. (*Vivos applausos*).

Levanta-se a sessão ás 5 horas da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

5.ª SESSÃO ORDINÁRIA EM 15 DE AGOSTO DE 1912

PRESIDÊNCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

Às 8 e 45 da noite, na sede social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, dr. Norival Soares de Freitas, commendador Arthur Guimarães, padre dr. Julio Maria, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, dr. Antonio Augusto de Lima, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Alberto Rangel, capitão de mar e guerra Antonio Continho Gomes Pereira, major dr. Liberato Bittencourt, José Verissimo, dr. José Americo dos Santos, Francisco Agenor de Noronha Santos, dr. Pedro Souto Maior e Carlos Lix Klett.

O sr. DR. NORIVAL SOARES DE FREITAS (*servindo de 2.º secretario*) lê a acta da sessão antecedente, a qual é, sem discussão, approvada.

O sr. FLEIUSS (*1.º secretario perpetuo*) diz que o ex.^{ma} sr. tenente general d. Julio A. Roza, digno presidente honorario do Instituto Historico, deixa de comparecer por motivo de ligeira indisposição de saúde. Justifica tambem a ausencia dos consocios dr. Gastão Ruch, 2.º secretario, general de divisão dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, conselheiro Camelo Lampren e dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

O mesmo sr. 1.º secretario perpetuo lê o seguinte parecer da Comissão de Admissão de Socios:

«A Comissão de Admissão de Socios só encontra motivos para applaudir a proposta, que indicou o sr. capitão tenente Raul Tavares para socio do Instituto. É, pois, de parecer que a mesma proposta seja approvada.

Rio, 8 de Agosto de 1912. — Dr. Manuel Cicero, relator. — Antonio Olyntho. — A. C. Gomes Pereira.»

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, devendo

se realizar uma recepção, fica adiada a votação desse parecer, bem como os relativos aos srs. dr. A. Gomes do Carmo e Nicolas J. Dehbané para uma sessão, que convoca para a próxima semana.

O sr. FLEIUSS (1.^o secretario perpetuo) lê o relatório apresentado pelo consocio correspondente, sr. F. A. Georlette, que representou o Instituto no Congresso de Americanistas, reunido ultimamente em Londres.

O sr. presidente diz que o Instituto louva e agradece os serviços do consocio sr. Georlette.

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSO (presidente) diz que, por seu intermedio, o provector consocio do Instituto sr. barão de Paranapiacaba, fez ao mesmo Instituto uma preciosa dadia. É o original da traducção em prosa *Prometheu Encadeado*, de Eschylo, traducção effectuada pelo saudosissimo presidente perpetuo do Instituto, S. M. o Imperador d. Pedro II.

«O inestimavel manuscripto está acompanhado de outro, devido tambem áquella augusta mão: uma versão, do hebraico para o latim, de alguns capitulos do livro do *Ruth*.

«Informa ainda o sr. presidente, que a referida traducção imperial de Eschylo foi cotejada com o texto grego pelo orador do Instituto, barão de Ramiz Galvão, que a muitos meritos reúne o de eximio hellenista, e s. ex.^a a achou fidelissima.

«Consta até que o barão de Ramiz Galvão, sobre esta traducção em prosa, elaborára uma em verso, a exemplo do illustre barão de Paranapiacaba.

«O Instituto muito estimará que mais esse attestado dos merecimentos do seu orador venha a publico. (*Applausos*).

«Excusa acrescentar que o donativo do sr. barão de Paranapiacaba é recebido com maximo regosijo e reconhecimento. (*Applausos*).

O sr. FLEIUSS (1.^o secretario perpetuo) comunica achar-se na sala da Directoria o socio correspondente sr. dr. Affonso Escagnolle Taunay, que vem tomar posse, tendo satisfeito todas as exigencias dos Estatutos.

O sr. presidente designa os srs. secretarios e thesoureiro para introduzirem no recinto o novo socio.

(*Dá entrada no recinto, presta o compromisso dos Estatutos*)

e toma posse de sua cadeira de socio correspondente o sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) dá a palavra ao sr. dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, que pronuncia o seguinte discurso:

« Sr. presidente, minhas senhoras, meus senhores, illustres consocios:

« Verdadeira infelicidade a que me impediu antecipar de alguns mezes, como me fôra possível, esta occasião em que, pela primeira vez me reuno a vós, meus illustres consocios!

« Á recepção que me fazeis pudera então junctar o acolhimento affectuoso de tres grandes Brasileiros, de tres consocios, preclaros entre os preclaros, que o extenso necrologio de 1912 arrebatou ao Instituto e á Patria.

« Si como Brasileiro, a minha divida de reconhecimento para com estes magestosos vultos reclama a maior admiração pela sua obra, motivos pessoais accrescem para que sobremaneira lhes sinta a irreparavel ausencia a esta cerimonia.

« É que, desde a infancia, me habituára a lhes venerar o nome: eram amigos de meu pai e dos meus. Assim, pois, o barão do Rio-Branco, parece-me, neste momento, ve-lo na nossa casa das Laranjeiras, numa roda em que diviso André Rebouças, Joaquim Nabuco, Francisco Belisario, Joaquim Serra, Carlos Gomes, Azevedo Castro, Manuel Euphrasio Corrêa, Thomaz Alves e tantos mais! Joven, cheio de vida e alegria, esbelto e elegante, a conversar e a rir, espirituoso como poucos.

« Bem longe estavam os tempos, em que aquelle moço jovial e despreoccupado viria a ser o conquistador dos territorios contestados ao Brasil, o grande ministro que encheu o mundo com seu nome glorioso.

« Era então o simples e modesto consul de Liverpool...

« Com que carinho se tractavam meu pai e elle!

« Não haviam, contudo, sido amigos de infancia; creára esta affeição o grande visconde de Rio-Branco.

« Desde a missão especial de 1869, no Paraguai, chamára a si o libertador de 28 de Setembro a Alfredo d'Escragnolle Taunay.

« Extendendo-lhe mão firme e generosa, encaminhára-lhe os

primeiros passos na senda da vida política, fazendo-o em 1872 deputado por Goiaz.

« Os povos goianos, dizia então Joaquim Serra, a agradecer com o amigo, « pedem ao sr. presidente do conselho que ao menos mande traduzir em portuguez o nome de seu futuro deputado. »

« A este affecto paternal correspondeu Taunay com todas as veras da alma; tal impressão conservou do convívio com aquelle pro-homem, que a elle jamais se referia sem que o fizesse em termos repassados de infinito respeito e saudade.

« Acompanhou-lhe os ultimos dias com verdadeira angustia filial, e exprimiu esta commoção em palavras tão sinceras e intensas, que o filho, o nosso grande presidente para sempre ausente, as mandou gravar em uma placa de ouro, que trazia sobre a sua mesa de trabalho.

« Ao lado desta forte amizade outra surgiu, que o longo exílio do barão do Rio-Branco não enfraqueceu.

« Conhecedor, como raros, do segredo das demonstrações delicadas, das que attingem o recesso dos corações, constantemente se fazia Rio-Branco lembrado ao amigo, enviando-lhe de tempos a tempos os mais gentis presentes. Assim, por exemplo, no meio das graves preocupações e do labor formidável da questão das Missões, lhe mandava bella e rara estampa de Descourtiz, pertinazmente procurada; bem sabia quanto aquella dádva iria penhorar o obsequiado: era a reprodução de um quadro de Nicolau Antonio Taunay, a que acompanhava laconico bilhete: « Trabalha-se a valer, velho amigo, mas nem por isso ficas exquecido. »

« Como esta muitas vezes...

« Ao pensar no visconde de Ouro Preto, quanto me é grato recordar que a elle igualmente me prendem sentimentos dictados pela piedade filial! Quanto me commove lembrar que no afan de reunir em tórno do throno vacillante de Pedro II os elementos de defesa desunidos e gastos por sessenta annos de politicagem, não hesitou o chefe da resistencia monarchica em chamar para o gabinete de 7 de Junho alguem, que não pertencia ao seu partido, mas em cuja lealdade, firmeza e intrepidez confiava!

*

« Não permitiram os escrúpulos da coherencia partidária que tão honroso convite pudesse ser acceito, muito embora soubesse Taunay quanto lhe seria legítimo a elle annuir, naquelle momento, em que o futuro se antolhava pejado das mais graves ameaças contra as instituições imperiaes.

« A Ouro Preto não podia a recusa magoar; ninguém mais do que elle tinha motivos para aquilatar a inflexibilidade do character; logo depois entendia dar nova mostra de apreço ao esquivo collega do Senado; propunha á corôa que o agraciasse com o título de visconde de Taunay.

« Pouco antes de deixar, para sempre, o recinto do Senado, collaboraram ambos em uma obra de gratidão nacional: tractava-se de amparar alguns dos descendentes de um grande estadista, expostos a duras privações; as instancias do senador por Sancta Catharina e a solicitude do presidente do conselho valeram ás desvalidas creanças o auxilio que muito e muito lhes era devido, em lembrança do illustre avô.

« Taes factos, meus senhores, bem avaliaes quanto me dizem ao coração.

« É com o maior pezar que nesta assembléa illustre não percebo o vulto imponente do primeiro Affonso Celso, os seus traços de homem superior, os ardentes olhos, reflexos duma intelligencia de agulha, a serenidade olympica da physionomia, o porte do dominador audaz, todo aquelle aspecto de onde se desprendia, tão forte, a impressão de contacto com uma prodigiosa fonte de energia humana.

« Soberba figura a deste homem, que não conheceram o destallecimento, a do indomito vencido de 15 de Novembro que, numa madrugada, despertado em sobresalto, e ameaçado de cair, dahi a pouco, sob a salva de um pelotão, contentava-se em lembrar, desdenhosamente, aos vencedores, que os inimigos generosos costumavam conceder aos vencidos, sentenciados ao supplicio, algumas horas de preparação á morte!

« Ao marquez de Paranaguá um affecto de longos decennios prendia os meus: era um amigo de todos os tempos, de meus avós.

« Não o surprehendêra ver um dia entrar no Senado vitalicio

aquelle a quem, ministro da guerra, dera os singelos galões de tenente de artilharia; acompanhára com interesse a carreira do moço, que conhecia desde a meninice, e effusivamente o recebeu.

«A Paranaguá sabemos todos quanto deve o Brasil a exemplificação de dilatada existencia, cheia de ensinamentos alevantados.

«Apresenta a sua vida publica uma série das mais bellas demonstrações de civismo; era a 15 de Novembro quasi septuagenario, podia aspirar a um nobre repouso, ao ver extincta a longa e fecunda carreira politica; ao envez disto, jamais quiz descansar, ardentemente trabalhou pelo Brasil, até os dias derradeiros da admiravel ancianidade, lucida e robusta, e sobretudo patriótica.

«O nosso Instituto e a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro foram as grandes preoccupações dos ultimos annos de tão notavel personalidade; não ha entre nós quem se não commova ao relembrar o ardor, com que o nonagenario homem de Estado trabalhava pelo engrandecimento da nossa companhia, ainda semanas antes do seu desaparecimento.

«A este preito de veneração a tres memorias preclaras, permitti, senhores, que reuna outro; permitti que recorde a generosidade, com que me elegestes vosso consocio.

«Á deficiencia dos meritos do candidato contrapuzestes os dictames da amizade, da benevolencia, da saudade daquelle que durante longos annos foi dedicado socio e orador do Instituto.

«Nem outros foram os factores da minha eleição, e disto me certifica neste momento a presença aqui de tantas physionomias amigas: o nosso caro e illustre presidente, em quem revive para o Brasil e para nós, a personalidade de Ouro Preto; Max Fleiss, o incomparavel servidor do Instituto, o amigo que não mede sacrificios, na ancia de servir a quem se affeição; o barão de Ramiz Galvão, gloria das letras brasileiras, extendendo a mim um pouco do grande carinho, que o levou a verter, para um portugez impecavel, a *Retirada da Laguna*; o dr. Manuel Gicero, nosso querido vice-presidente, o inexcedivel guarda de um dos mais preciosos thesouros brasileiros, herdeiro legitimo dessa tradição illustre que, de Diogo Barbosa Machado aos dias de

hoje, se prende á historia da nossa grande bibliotheca, através de tantos nomes celebres; os drs. André Wernek e Eduardo Marques Peixoto, que á sciencia adquirida na perscrutação dos archivos e na acurada meditação dos nossos problemas historicos, alliam a maior indulgencia em julgar alheios meritos; o nosso dedicado thesoureiro, conhecedor profundo das questões economicas nacionaes, robusto manejador da lingua; o sr. capitão de mar e guerra Gomes Pereira, o bello marinheiro, cujo nome representa uma fé de officio gloriosa e augura um generalato cheio dos serviços mais relevantes á Armada Nacional, além de tantos outros.

«Foram os primeiros os meus padrinhos; a todos inspirou a amizade, si não a benevolencia.

«Além do nosso cadastro social, mas no circulo daquelles que nesta casa me affeioam, ainda enxergo quem, pertencendo intimamente ao Instituto, no entanto não quiz, até hoje, por exaggêro de modestia, entrar para os nossos quadros, o nosso querido bibliothecario, o nosso eminente consultor, de quem tanto nos orgulhamos, como historiador, como typo completo do homem de sciencia e de character, como inexcêdível amigo.

«Não quiz o plenário do Instituto discutir uma proposta assignada por varios dos seus benemeritos; votou o pedido, que lhe fôra endereçado, attendendo ao prestigio dos apresentadores e á enorme somma de serviços que seus nomes representam.

«Tal é, senhores, a psychologia da minha admissão ao Instituto Histórico e Geographico Brasileiro.

«Por um requinte de gentileza, desses que as palavras de reconhecimento não conseguem traduzir, quizeses, senhores, que coincidissem as ceremonias de minha posse e da inauguração do retrato de meu pai, nobre mostra de quanto, nesta casa, imperam os sentimentos mais dignificadores.

«É que, collocando a effigie do seu extinto orador, na galeria dos seus maximos associados, homenagea o Instituto um dissidente; falleceu o visconde de Taunay afastado do gremio a que, durante mais de vinte annos, servira dedicadamente.

«Causára tal rompimento uma imposição da coherencia de idéas, e, sobretudo irreprimível movimento de desgosto e revolta,

provocado por certo incidente, em que enxergára uma ingratidão suprema para com d. Pedro II.

« Arroubadado admirador do monarcha deposto, parecia-lhe que o Instituto — tão ufano sempre do disticho *auspice Petro Secundo* — devia ser o zelador intransigente da gloria do seu magnanimo protector, agora infeliz e exilado, não podendo fazer a minima attenuação a este exclusivismo, sob o ponto de vista conciliador, em relação aos victoriosos de 15 de Novembro.

« Tal não se podia dar; retirou-se, pois, da associação o irreductivel orador.

« Reflectida calma mostrou-lhe mais tarde que tanto não merecia te-lo conduzido o incidente a que deu vulto o seu demasiado zelo, sobremodo disposto a taes susceptibilidades pelas circumstancias de então, observava o dr. Alfredo Nascimento Silva, na sessão magna de 1889.

« Nobre e leal, como sempre fôra, acereou-se novamente do Instituto, deixando mesmo sentir, por ultimo, que se não recusaria de voltar ao seu gremio, si para isto se offerecesse ensejo. « Si este não se apresentou em vida de tão illustre consocio, « depois da sua morte, reconquistou o Instituto, como de direito, « o nome do preclaro Brasileiro.

« Confirmando estes conceitos generosos quizestes acabar, para sempre, com a lembrança de tal dissidencia; de hoje em diante nenhum vestigio della remanece; reintegraes Alfredo d'Escagnolle Taunay nos quadros do Instituto.

« Coroando tão completa reconciliação com um morto, desejaveis ainda proporcionar a um filho a cerimonia glorificadora de seu pai.

« Otrigado, senhores, de tão carinhosa lembrança; consenti, pois, que neste meu modesto discurso venha cumprir a desobrigação de piedade filial, a que me compellistes de modo tão delicado, impondo-me por isso mesmo difficilima tarefa.

« Como me hei de manter nos limites de um justo meio termo de conceitos, quando tenciono fallar de meu pai? Como fugir ao perigo das exaggerações espontaneas, irreprimiveis as mais das vezes, e no entanto tão naturaes, inspiradas pela affeição, pela

saudade, pela admiração? Como ao mesmo tempo escapar ás diminuições, que o temor das phrases demasiadas provoca?

«Si indulgencia houve quando me abristes as portas deste cenaculo, maior benevolencia de vós reclamo, neste momento, para as phrases incoloras do meu discurso, a que sobremaneira perturba a natureza do argumento que me commetti.

«Querendo recordar os feitos da *Retirada da Laguna*, este prodigioso padrão do heroismo brasileiro, pedistes ao bello pintor que é Eduardo de Sá, que retratasse o homenageado de hoje, revestido do uniforme de engenheiro militar.

«Aos que o avistam evoca logo o retrato excellente a longa e sinistra jornada de Matto Grosso.

«Curvado sobre a sella da montaria tropega puxa o guia Lopez, atraz de si, «por sertões que só Deus e elle conheciam» a dizimada columna brasileira. Mortos ou a morrer, deitados uns sobre os outros, atulham cholericos, carretas e carros manchegos; inadiavel fatalidade breve os entregará ao mais cruel fadario; terão os ermãos de armas de abandona-los ao fozil paraguaio...

«Em torno dos lobregos vehiculos, soldados e officiaes arrastam-se, semi-nus e descalços, famintos e exhaustos, por sobre a campina intermina, que o incendio da macega esbrazêa e o sol calcina...

«Esqualidos e miseraveis bois a grande custo vão tirando os canhões sobre o terreno inconsistente...

«De vez em quando caem por terra, extorcendo-se nas convulsões do cholera ou exgotados de fadiga, os miseros e pacientes soldados, a custo se agarram alguns a uma carreta; a maioria deixa-se estirada, sobre o solo requemado, resignada á espera das lanças paraguaias ou do rosto dos corvos. Formam a moldura do quadro os multiplos e compactos esquadrões de cavallaria inimiga, os regimentos de *camisas vermelhas*, degoladores ferozes de extraviados e retardatarios, inexoraveis espingardeadores de infernos e moribundos, a cavalgar possantes corceis, tres ou quatro vezes mais numerosos do que os perseguidos, a quem *pastoreiam*, na chacota incisiva do orgão official de Lopez.

«Nos centros dos quadrados brasileiros fluctua, sempre ere-

cto porém, o symbolo auri-verde; sustenta e reconforta aquelles homens assaltados por inexprimíveis calamidades simultaneas.

« Não de se salvar as bandeiras e os canhões, ou ninguém sobreviverá ao desastre!

« E tal se dá: apezar da investida furiosa do inimigo terrível, exasperado pela resistencia, anclado de possuir tropheos tão teozamente disputados.

« Ao findarem os transes terríveis da *Retirada*, ainda é para os symbolos da Patria que se voltam os primeiros cuidados e carinhos dos escapos da catastrophe: « *Soldados*, diz a ordem do dia do coronel José Thomaz Gonçalves, *honrai-vos da vossa constancia que ao Imperio conservou os nossos canhões e estandartes.* »

« Não é só a expedição de Matto Grosso o que nos lembra aquella sobria farda, tão elegante e cheia de distincção; ainda nos folla da ultima phase de nossa grande guerra, a campanha das Cordilheiras.

« Assiste o narrador da *Retirada da Laguna* aos ultimos e ainda violentos estorregos do tyranno, por quem se suicida a nação paraguaia, na mais absurda e heroica das solidariedades.

« Acossado de quebrada em quebrada consome o monstro megalomano as ultimas forças do seu desgraçado povo; nem por isto, porém, é este final de campanha a expedição facil, que Caxias desdenhára; ahí estão a attestá-lo as terríveis refregas de Perobebui e Campo Grande, as difficuldades e soffrimentos sem conta dos ultimos mezes de guerra, na região inhospita das Cordilheiras.

« Aos principaes feitos de armas desta phase assiste Taunay; incumbelhe redigir o *Diario do Exercito*, e o seu cargo juncto ao general chefe das forças alliadas dá-lhe o ensejo de se informar de todos os pormenores importantes, occorridos nas operações da guerra, registando-os cuidadosamente.

« Ao partir do Rio de Janeiro, fôra esta a sua firme intenção, e intenção á riscá seguida: observar tudo o que lhe fosse materialmente possível, as cousas da guerra, os homens e os costumes, a natureza e a paisagem, tudo o que lhe parecesse digno de nota; documentar-se abundantemente para depois descrever o que vira

e ouvíra; obedecia á impulsão irresistível do seu temperamento de escriptor, ao *Est deus in nobis...* do poeta.

« Assim, pois, desde os primeiros dias de marcha, encheu os seus cadernos de innumeradas notas e os albums de desenhos e esboços.

« Tinha na memoria docil e pujante instrumento de retentiva; não lhe escapavam os incidentes, mínimos que fossem, nem os nomes dos protagonistas, assim como o não perturbava a coordenação chronologica dos acontecimentos, quasi dia a dia, por mais distantes que já estivessem.

« Não era só a historia que o prendia; curiosamente o attrahiam os costumes do Brasil central; apaixonado da criação deixou-se embeber no intenso goso de contemplar a nossa natureza magnificente, á alma sedenta do Bello, arrebatando o espectáculo magestoso dos grandes caudais, das estupendas campinas goianas das margens edénicas dos rios matto-grossenses.

« Eram estas as reminiscencias, que lhe haveriam de dictar as paginas de *Céus e Terras do Brasil*: aquelles quadros de uma exactidão sobremaneira impressionadora e um realismo offuscante de colorido, com que nos faz, ora contemplar a grandiosidade melancholica do crepusculo nas solidões e a inquietação da natureza receiosa da treva, ora assistir á vinda da noite, com o desdobrar do firmamento recamado de estrellas, ao borborinho estranho da floresta que se vai gradualmente acalentando até o silencio absoluto e o repouso da meia noite, ora ainda ao bulicio que recomeça com o lusco-fusco matutino, cada vez mais forte até o irromper do hymno á luz, com que a Creação desoppressa saída o Sol afugentador da escuridão.

« A calma bochornal do meio dia, que prostra a natureza offegante, e precede a trovoadas benfazeja, portadora da chuva á terra sequiosa, a infinda serenidade da tarde, cheia de esplendores jogos de luz, o desmaio das cores, o esbatimento cansado pelo occaso, tudo se lhe fixou tão fortemente na retina, que facil lhe foi reproduzir o estupendo scenario, em que tão intensamente lhe vibrára a alma.

« O mesmo cuidado, com que estudara a natureza, levou-o a observar os homens e os costumes; dalli o perfeito conhecimento

das cousas do sertão, que em *Innocencia* transparece e só o prolongado contacto com os sertanejos poderia incutir.

« Além das impressões traduzidas em seus livros, outras muitas, de natureza íntima, precisou reservar para uma publicação posthuma, para as suas *Memorias*.

« As campanhas de Matto-Grosso e do Paraguai fizeram-no conhecer milhares de homens de todas as categorias, envolver-se numa série de acontecimentos pertencentes á historia do Brasil e da America do Sul; frequentar muitos dos nossos maiores cabos de guerra, como o grande Osorio, o épico João Manuel, o estrategista illustre e general acabado que é o conde d'Eu, o disciplinador famoso que era Polydoro, e tantos outros, além de centenaes de heroes menos em destaque, ou mais humildes, como os cavallarios rio-grandenses, commandantes dos prodigiosos *piás*, os soffredores e inabalaveis infantes do Norte, os velhos tarimeiros, veteranos da Independencia e da guerra cisplatina, ignorantes quanto possível em geral, mas intrepidos, robustos, infatigaveis, a todos alegrando com a sua bonhomia e ingenuas calinadas.

« Do convívio longo com estes homens tão diversos, que de todos os pontos do Brasil haviam corrido a desaffrontar o pavilhão verde e amarello das tresvariadas injurias do tyranno paraguaio, recolheu Taunay avultada seara de impressões e documentos humanos.

« Os que lhe lerem as *Memorias* hão de assistir á resurreição do espirito, que no Paraguai animava o soldado brasileiro, através de um sem numero de episodios interessantes, referentes aos mais altos titulares da jerarchia militar como a muitos dos simples subordinados dos primeiros postos.

« Faltára á missão do historiador e ao firme proposito que escolhera si, ao reproduzir os aspectos pittorescos dos acampamentos, não fizesse a critica severa dos homens e das cousas de guerra, dos chefes e dos commandados.

« Eis porque, para poder fallar desassombradamente, obedecendo ás instigações da verdade, sem contudo temer ferir as susceptibilidades dos superiores, companheiros de armas e contem-

poraneos, precisou marcar um prazo de quasi meio seculo para a divulgação das suas *Memorias*.

« Como attribuir, por exemplo, ao general X..., authenticando-as agora, as phrases que todo o exercito, aliás, conhecia e repetia, como a celebre communicacão dictada a certo secretario: « Não se esqueça, sr. tenente, de dizer que os Paraguaios debandaram possuidos de um terror *pandego* », ou como a expressão arrancada ao valente militar por longa e penosa marcha: « Ah! meus amigos, trago os pés *intransitaveis*! »

« Difficil egualmente lembrar a tão conhecida e continua injuncção do brigadeiro Z..., aos seus ajudantes de ordens: « Se-ñhores, *falicitem-me* tudo, não me posterguem as operações », ou as suas observações sobre uma casa *arithmeticamente* fechada, sobre o luxo verdadeiramente *asinatico* da formosa *china* do coronel Sicrano, etc., etc.

« Além das calinadas destes emulos do famoso coronel Ramolot, o velho *grogard* que em uma allocução ao seu regimento lhe rememorava uma das mais celebres ordens do dia de Napoleão: « *Soldados, contemplai as pyramides durante quarenta seculos!* » Quanto dicto de espirito recolhido nos acampamentos pelo annotador incansavel, quanta malicia e brejeirico soldadesca ao lado de profundas ingenuidades, propria das almas sem rebuços, quanto desabafo rude e ao mesmo tempo engraçado!

« — Coronel, perguntava um dia a certo cavallariano rio-grandense, rude e heroico, um dos nossos generaes chefes, e isto em presença de grande estado-maior, quantos filhos tem o senhor?

« — Nenhum; minha mulher é como a de v. ex.^a: *machorra*.

« — Que vem a ser *machorra*? arguiu o interpellante distraida e imprudentemente.

« — Egua que não dá cria, explicou o rio-grandense, com a maxima singeleza, enquanto o general corava muito e sorria contrafeito.

« Entre os capellães militares um havia, sacerdote exomplarrissimo, verdadeiro soldado de Christo, mas deploravel prégador, embora apaixonado do pulpito. No mais, homem da ténpera do inexcédível frei Fidelis Maria de Avôia, o capuchinho heroico

que nos dias de batalha apparecia em todos os logares de maior perigo, para exercer o seu sancto ministerio, o enfermeiro incansavel dos hospitaes de sangue, tão preocupado em reconciliar as almas quanto em salvar os corpos.

« Certo Domingo, durante a missa, assim começou a sua prática o nosso capellão: « Reinava em França dom Manuel III... »

« Ao terminar a cerimonia interpellou-o em tom de chacota e superioridade insupportaveis um official summamente mordaz e antipathizado, que vivia a atormenta-lo com os seus remoqueos insolentes: « — Padre, como é isto? si em França nunca houve « d. Manuel I, como é que o senhor descobriu este d. Manuel III? »

« Exasperou-se o capellão, já mal disposto pelas continuas provocações e grosserias, e respondeu-lhe logo, com uma vehemencia de phrases, cujos termos soldadescos sou obrigado a attenuar:

« — Olhe, quer saber de uma cousa? Si não era d. Manuel III, « era d. José ou d. Antonio; ou dom vá plantar batatas, ou dom « vá para o diabo que o carregue! »

« Inutil é contar-vos que as mais gostosas gargalhadas e vivas demonstrações de applauso punctuaram as valentes expressões do clérigo.

« Às vespasas do assalto de Perebelui, presentes o generallissimo conde d'Eu e numerosos officiaes generaes dos exercitos allados, observou um dos nossos tarimeiros, veterano da Cisplana, no bravo coronel argentino d. Luiz Maria de Campos, official da maior capacidade e bizzaria, além de homem de fina cultura e perfeita distincção de maneiras: — « Coronel, si eu fóra o senhor « não me fãra absolutamente no regimento de cavallaria corren- « tina; é gente muito covarde, que não presta para nada, foge « como um gamo e por qualquer cousa.

« — Como assim? protestou o Argentino, enrubescendo muito no meio do constrangimento geral, provocado por tão inconveniente e injusta apreciação — « quan to foi que v. ex.^a viu isto?

« — Em Ituzzingo, respondeu o nosso brigadeiro com o maior desazo, dispararam os taes Correntinos, que era um gosto ve-los galopar.

« Ah, bem! concordou o coronel Campos, todo desfeito num

« sorriso malicioso; *picavam* o inimigo debandado. Agora com-
« preendo porque delles conserva v. ex.^a tão desagradavel lem-
« brança.

« — *Bien tapé!* Não pôde o príncipe deixar de pronunciar, a
meia voz, de si para si.

« Na vasta galeria dos typos, que passam pelas paginas das
Memorias de Taunay, cabe naturalmente notavel logar aos nossos
grandes paladinos, a quem com a maior attenção observou. Assim,
por exemplo, a impressão fundissima, que Osorio lhe deixára :

« Ouçamo-lo, porém :

« Ninguém como este notavel cabo de guerra tinha o dom de
« grangear a estima, o enthusiasmo de officiaes e soldados e del-
« les saber alcançar tudo quanto quizesse, nos momentos mais
« difficeis e arriscados; ninguém mais sympathico e attrahente,
« sempre e sempre. Nunca de mau humor e cara fechada, a me-
« nos que não entrasse em choleiras medonhas; e então tudo tre-
« mla deante d'elle e dos seus ímpetos.

« E quanto espirito natural, que engraçadas reflexões e piadas
« impagaveis, a par de conceitos profundos, syntheticos, assigna-
« lados por muito bom senso e propriedade.

« Tão precioso no conselho, como no campo de batalha, ahí é
« que se tornava superior a todos; era general eminentemente
« tactico, de posse de admiravel sangue frio, no meio dos maiores
« perigos.

« — Si uma bomba arrebentar na ponta do nariz de Osorio,
« diziam os Rio-grandenses, elle nem sequer espirra. »

« Ganhára a batalha de 24 de Maio a poder da bravura pes-
« soal levada ao ultimo extremo, infundindo em todas as forças,
« que nesse dia decisivo commandava, a scentelha que em seu
« indomavel peito ardia.

« Lembro-me, cheio de psmo, da facilidade com que, ainda
« com o queixo partido pela bala de Avahi, propunha ao conde
« d'Eu tomar de assalto as fortes trincheiras de Sapucahi, pode-
« rosamente artilhadas.

« — É um instante, vossa alteza verá.

« — Mas isto é o que se chama atacar o touro pelas aspas,
« ponderava o príncipe.

« — Qual touro, já foi touro, agora não passa de uma vacca
« velha!

« Indo eu um dia visitá-lo, á noite, encontrei-o deitado,
« com um livro na mão.

« — Tu que és bacharel, disse-me, tens obrigação de saber
« tudo. Põe-me em portuguez este *english* de uma figa.

« Comecei com effeito a leitura, traduzindo, confesso, com
« certa difficuldade o trecho apontado.

« Osorio immediatamente poz-se a dormir; retirei-me, pois,
« sem fazer barulho.

« No dia seguinte, encontrando-se commigo, interpellou-me
« alegremente — Assim é que fizeste o que te pedi, seu vagabundo?

« — Mas v. ex.^a começou logo a resonar, repliquei-lhe.

« — É verdade, só por isto quero bem áquelle livro. Sonhei
« toda noite que sabia muitíssimo mais inglez que tu ».

« Consenti, senhores, que vos cite ainda um trecho das
« *Memorias*, referente a Osorio, agora em Perebebul.

« Assisti, por sob um sol resplandecente, prepararem-se as
« columnas de ataque no alto dos outeiros vizinhos.

« Era o espectáculo positivamente deslumbrante, a anciedade
« geral.

« Terminára o bombardeio de maneira que a fumaça accumu-
« lada na baixada, como impenetravel e denso véu, de todos os
« lados subia, adelgaçando-se cada vez mais, tangida por frigida
« e esperta brisa.

« Ah! se destacou, á frente de todos, um homem só, montado
« em um grande cavallo branco, cujo pello brilhava á luz do dia
« como si fôra um animal todo de prata. Começou elle a descer
« o declive com a maior calma e magestade, embora se tornasse
« logo o alvo de nutrida fuzilaria e até tiros de peças.

« — Quem é aquelle cavalleiro? perguntei cheio de assombro.

« — É o general Osorio, responderam-me varias vezes offe-
« cantes.

« Á estas simples palavras, tal fremito de enthusiasmo de
« mim se apoderou, que eu quizera estar ao seu lado, ante os
« olhos de todo o exercito brasileiro.

« São actos desses que arrebatam os homens, os mais frios e

« scepticos, e os levam á morte, affrontando extraordinarios, quasi inacreditaveis perigos.

« Em outras circumstancias, e de certo ahi, em scenario mais grandioso, repetia o paladino a admiravel façanha da passagem do Paraná, no Passo da Patria, elle á frente de todos, sempre elle, jogando a vida com a maior serenidade, ou antes, com a maior simplicidade, como si o mais obscuro e insignificante soldado fôra, cuja perda pouco importaria ao exercito e á patria.

« Acredito que todos nós, todos sem excepção, experimentámos naquella momento o formoso choque electrico, que me fez fuzillar, pela espinha dorsal, o frio das grandes commoções.

« Correu logo a emparelhar com o heroe o general João Manuel Menna Barreto; mas minutos depois, vi tombar, varado por duas balas de fusil, este bello e bravo guerreiro, de perfil admiravel, esplendida figura, tão elegante quanto marcial ».

« Grande Incurião, senhores, fiz em vossos dominios: perence-vos, até 1943, a guarda das *Memorias* de Taunay, protegida em sua redacção definitiva pelo recinto inviolavel da *Arca de Sigillo*.

« Entendi, porém, que me não increpareis si ás minhas palavras adjunctasse excerptos dos rascunhos que o auctor deixou, do um ou outro capitulo, e, certo, conto que me perdoareis a indiscreção, porquanto a ella me levou um sentimento de amor filial; quiz ler-vos, neste dia em que se celebra uma cerimonia dedicada á memoria do soldado da Laguna, alguns dos seus ineditos, como respeitosa homenagem de reconhecimento prestada ao Instituto.

« Rude como poucas lhe correu a vida militar, naquelles annos passados em Matto-Grosso e no Paragual, logo ao sair da adolescencia; mas destes tempos penosos é que provieram as mais solidas bases da sua carreira politica e litteraria.

« Á *Retirada da Laguna* e á *Inocencia* deveu os mais legitimos titulos de ufanía, as mais puras alegrias, as maiores consolações nos dias de tristeza e de ostracismo; ainda nas vespéras da morte quanto o não envaldeciám as successivas traducções da novella sertaneja!

« Pelo lado das sympathias e amizades, das reaes e inabalaveis afeições angariadas entre os companheiros de armas, muitas compensações tambem lhe trouxe a permanencia no exercito.

« A algumas dellas romperam os elos, como succedeu com Marques da Cruz, Polydoro e Ferreira e tantos mais, os sinistros do campo da batalha.

« Muitas outras houve, porém, que se mantiveram constan-
tes até os ultimos dias do primeiro dos amigos, arrebatado pela morte ao outro amigo.

« Entre estes: Tiburcio — o bravo dos bravos, Catão Roxo, Cantuaria, Napoleão Freire, denodados companheiros da Laguna, Manuel Luiz da Rocha Osorio — o bizarro sobrinho do grande Osorio, Miguel Maria Girard, o brilhante official general que ha pouco se reformou, e muitos outros...

« Acima de todas estas amizades estava, porém, a de Antonio Florencio Pereira do Lago, indomito soldado a quem em grande parte deveu a columna expedicionaria de Matto Grosso haver escapado do desastre absoluto; o recruta do Rio Grande do Norte que, á força de energia, trabalho e intelligencia, estudára, como praça de pret, os preparatorios e afinal conseguira, com brilhantes approvações, concluir o curso de engenharia militar.

« Ferreo character o deste homem, que « por si só conseguiu o que foi, sem jámais se desviar do caminho da honra e do dever».

« Desde os primeiros dias da campanha, a Taunay se afeiçoára como a um filho, talvez a isto levado pelos 18 annos, que entre as suas edades medeavam.

« Quando o commando geral das forças acampadas no Coxim, e alli morrendo litteralmente de fome, commetteu a dous engenheiros a exploração dos terríveis pantanaes desconhecidos do Sul, que o corpo de exercito devia forçosamente atravessar para fugir á situação tremenda em que se achava, tão grave foi julgada a commissão, que se decidiu entregar á sorte a designação dos dous officiaes requisitados.

« Pediu Lago aos camaradas que da urna excluíssem o nome do amigo, que estivera, pouco antes, sériamente enfermo: sobretudo, era tão moço ainda!

« A isto annuiram todos generosamente; repelliu, porém, o

favorecido, e de modo formal, esta demonstração de affecto, e cousa curiosa, foi o seu nome o primeiro a sair sorteado, acompanhando-o logo depois o de Pereira do Lago.

« Encetaram os dous a terrível viagem sob sinistros preságios: durante trinta dias vaguearam na immensa planície inundada e sujeita a enormes e subitas enchentes, insulados frequentemente de um momento para o outro, desconfiados da lealdade dos gulas e camaradas, devorados por myriades de mosquitos, receiosos das patrulhas paraguaias, extraviados muitas vezes, dias e dias a fio; encharcados por tormentas diluvias, sem terem litteralmente o que comer, passando uma semana inteira a chupar a massa gosmenta, glutinosa e nauseante do miolo da maca-huba; momento houve em que os salvou o encontro dos restos semi-putrefactos de um garrote, abandonado por um tigre providencial.

« No meio de todos estes transe indescritiveis manteve Lago inalteravel serenidade, fazendo praça do maior estolcismo.

« — Que pode acontecer de peor? dizia rudemente aos companheiros de privações. Morrer? Para que nos paga o Estado? « Não é exactamente para ter o direito de dispor das nossas vidas? O melhor é morrermos de cara alegre, quando chegar a occasião. O que ha a temer é unicamente cairmos vivos em mãos dos Paraguaioes. Para isto, porém, ainda remedio existe: « é vendermos cara a vida a estes bandidos. »

« Mais tarde, nos mais cruciantes episodios da *Retirada da Laguna*, identicas phrases levantavam a todo o momento o animo dos destallecidos camaradas, acoroçoando-os a baterem-se até o ultimo alento, em defesa da bandeira.

« Simples capitão, diz o biographo, patenteou nestes crudelissimos e inexqueciveis dias, qualidades e temperamento de legitimo e prestigioso general, dependendo, em não poucas occasiões, a salvação geral da sua pertinaz e inquebrantavel calma ».

« Foi com verdadeiro apêto de coração que Taunay delle se separou, em Junho de 1867, para, por ordem do coronel José Thomaz Gonçalves, levar ao imperador e ao governo noticias e partes officiaes relativas á columna de Matto Grosso, que todo o Brasil julgava totalmente anniquilada.

« Ao abandonar as selvaticas terras centraes, onde tanto e tanto soffrêra, não pôde Taunay deixar de sentir a saudade encher-lhe o peito, saudade mesmo daquillo que por nada no mundo quizera tornar a ver e experimentar.

« É que tão intensamente vivêra naquelle immenso e formoso Matto Grosso, cheio de mysterio!

« Na viagem de regresso, de pouso em pouso, de fazenda em fazenda, foi conhecendo os typos e os characteres — agora estudados tão vagarosa quanto attentamente — que cinco annos mais tarde transportaria para as paginas de *Innocencia*, modificando-os mais ou menos, reforçando-lhes as faces individualizadoras ou concentrando, em uma só figura, os traços originaes de duas ou tres personalidades frouxas.

« Assim é que encontrou successivamente o curandeiro Cyrino, algum tanto charlatão, vaidoso da sua pseudo-ciencia, mas no fundo coração bem formado; o velho e bom mineiro Pereira, tão leal e hospitaleiro quanto violento e desconfiado, ciosissimo da reputação da claustrada familia, encarnação dos preconceitos invenciveis, reinantes nas nossas populações sertanejas, ácerca da fragilidade feminil; o anão Tício, o mudo agil e arguto; o tropeiro Manecão, herculeo e brutal, feroz, inexoravel no desforço das injurias; o *empalamado* Coelho e o morphetico Garcia, os doentes das diversas affecções do sertão, cujos nomes são tão pittorescos, os mexeriqueiros habitantes da villa de Santa Anna do Paranahiba e o seu petulante e munchausiano manda-chuva, o major Taques.

« Afinal, em pleno sertão bruto de Camapuan, se lhe depa-rou o typo da heroína do romance, aquella *Innocencia*, de uma belleza sem par, em circumstancias realmente capazes de impressionar a mais fria e insensivel das creaturas.

« Após longa e penosa marcha de um dia inteiro, sob causticante sol, vinha o futuro romancista, ao cair da noite, meio esfomeado, e incerto do logar onde se abrigasse, no meio daquelle ermo immenso.

« De repente divison uma luzinha a duas ou tres centenas de metros da estrada e afeitamente caminhou em sua direcção, indo ter a uma grande casa terrea com um aspecto de certo

conforto, raro naquellas solidões, pois era caiada e tinha janellas de postigos pintados.

« Demos-lhe, porém, a palavra :

« Num commodo distingui então um homem de cabellos « brancos sentado a uma mesa, a comer qualquer cousa que me « pareceu deliciosa ao meu olfato de jejuador forçado.

« — Patricio, perguntei-lhe affavelmente, não se convida um « viajante que vem por este *escurão* varado de fome ?

« — Com todo o prazer, respondeu-me alegremente o dono « da casa. É só *desaprear*, entrar sem *ceremonias* e *botar-se* logo « a *manducar*.

« Foi o que incontinentemente fiz, atirando-me ao tal prato, sabo- « roso refogado de carne de porco, que achei excellente e repeti « abundantemente, misturando-o com hervas á mineira e farinha « de milho.

« Acalmado o primeiro impeto de voracidade, interpellou-me « o homem, entre admirado e ironico :

« — Patricio, *mecê* certamente nunca andou por estes *fun- « dões*. Não teve escrupulos de parar aqui e sentar-se á minha « mesa ?

« — Não, de certo, affirmei. E porque, com quem me tractou « tão generosamente ?

« Houve certa pausa.

« — É, explicou afinal a custo e enleado o desconhecido « amphytrião, é... que isto aqui... é casa de morphetico.

« Recebi, certamente, muito desagradavel abalo, mas não « dei a percebê-lo. Demais não havia como recuar.

« Encarei fixamente o meu interlocutor, e, com os olhos já « habituados á penumbra, reinante no commodo, pude então « perceber a hedionda devastação causada pelo inexoravel mal « no rosto do misero, leproso em ultimo grau.

« Approximára-se de mim, após certa hesitação, estacando a « uns dous metros, humilde e silencioso.

« Entendi dever reconfortá-lo ; o modo por que dei a com- « preender que não recejava o contagio, tão temido em todo o « sertão, agradou-lhe muito.

« — Neste caso aceita ainda uma chicara de café ?

« — Boa dúvida. Esteja bem quente, é o principal.

« Accendeu o lazaro uma lampada de luz vivaz e gritou para dentro :

« — Jacintha, traga duas chicanas de café.

« Dalli a pouco penetrava na saleta uma moça, na primeira « flôr dos annos, e tão formosa, tão resplandecente de belleza, « que fiquei attonito, enleado, positivamente assombrado.

« Afligurou-se-me que um ente sobrenatural havia feito a « sua apparição, e lembrei-me das palayras do grande Goethe « quando descreve a impressão, que causára a entrada de Doro- « théa em uma sala : « parecia que aquelle ambiente acanhado « se tornára immenso e se transformava em um espaço enorme ».

« Tão clara foi a minha surpresa e a admiração, que o velho « se poz a rir.

« — Então acha bonita a minha nota ?

« Com effeito ! foi o que pude responder a esta pergunta tão « singular, tão rara e digna de reparo naquelles remotos e selva- « gens paramos, e, com olhos embellezados, segui todos os ges- « tos daquella excepcional sertaneja, que se não mostrava lá « muito acanhada. Os seus encantos revestiam aquelle quarti- « lho, de chão batido e paredes núas, de indizível e estupendo « prestígio.

« — Daqui a tres semanas, declarou-me o avô, casa ella com « um primo. Mas o senhor quer ver que desgraça ? A pobrezinha « da innocente já está com o *mal*.

« E levantando um punhado de esplendidos cabellos negros « mostrou-me o lobulo da orelha direita, tumefacto e roxeado.

« Toda essa radiosa e extraordinaria formosura estava con- « demnada a ser pasto da horrivel lepra !

« Aquella physionomia doce, suave, angelica, aquella extra- « ordinaria cutis, assetinada e alva, os olhos avelludados, gran- « des e scintillantes, o nariz de inexcédível correcção quer de « frente, quer de perfil, os labios purpurinos a deixarem entre- « ver deslumbrantes dentes, aquelle admiravel conjuncto, minú- « tos apenas contemplado, para sempre se me gravou na memo- « ria.

« Deu Jacintha nascimento a *Innocencia*. Do avô tirei o typo

« do desconsolado leproso repellido do rancho de Pereira, o mi-
« neiro.

.....
« Muito ha, meus senhores, que da vossa attenção abuso ;
extendi-me muito mais do que deveria fazê-lo e insensivelmente
o fiz.

« Ao fallar de um ente querido, ao lhe evocar a memoria
deante de vós, foram para mim os minutos escoados neste re-
cincto a revivencia de já longinquo passado, saudoso, doloro-
samente saudoso.

« É tempo que me cale, porém.

« Antes de voltar ao silencio quero, novamente, em meu
nome e no de todos os meus, sobretudo no de minha mãe que
ausente do Brasil não pôde concorrer a esta cerimonia, para ella
mais do que a ninguem, alta e duplamente tocante ; quero ex-
primir-vos quão profundo é o reconhecimento que nos enche o
coração, quanto nos penhora e sensibiliza a tão delicada, a tão
generosa, a tão elevada demonstração de affecto do Instituto
Historico e Geographico Brasileiro á memoria de Alfredo d'Es-
cragnolle Taunay.

« É sob o imperio dos mais suaves sentimentos e impressões
que entre vós me sento, senhores, no vosso areopago quasi se-
cular.

« A vós devo poder orgulhar-me de pertencer á associação
gloriosa que, desde 1838, convoca todos os Brasileiros, os emi-
nentes pelo talento e pelo saber e os simples trabalhadores de
boa vontade para a sua obra de patriotismo immenso ; desde os
dias de S. Leopoldo, Cunha Mattos e Januario se constituiu po-
deroso vinculo de confraternização universal, cujos diplomas de
agregiação, hoje como sempre, são tidos á conta dos mais des-
vanecedores titulos para aquelles que, nos dous mundos, repre-
sentam o pontificado do pensamento.

« No breve periodo que Deus marcou á vida humana sôbre
a terra, foge o passado vertiginosamente, impellido pela incoer-
cível força que até aos elementos cosmiços reduz e gasta.

« Não se resigna o homem, porém, ao desapparecimento
completo dos dias vividos na felicidade ou ãna amargura ; quanto

mais se approxima a inevitavel voragem, de que nos falla a comparação famosa do principe da oratoria sacra franceza, mais elle se apegá a esse passado, que parece inapprehensivel com toda a energia de que dispõe a memoria.

« É ella quem contra o tempo lucha e quem o vence; são os exforços simultaneos das reminiscencias das gerações os creadores da lenda e da tradição, mais antigos do que os mais velhos padrões da existencia humana, latentes ás vezes nos mais mysteriosos recessos dos cerebros, precursores do documento e da Historia.

« Assim se fundiram os primeiros elos da indestructivel cadeia que une a humanidade vivente á humanidade dos tumulos, assim se accendeu o fanal perquiridor das Edades, quatro ou cinco vezes millenario, cujo poder illuminativo augmenta prodigiosamente com o decorrer dos seculos.

« Sempre e sempre mais avidos de curiosidade queremos hoje perscrutar os mysterios, que a densa escuridão ancestral encobre: já não basta a exploração da messe immensa de provas attestadoras da existencia de cem gerações de homens da nossa raça, durante duas e meia dezenas de seculos: queremos ir muito além, conhecer a treva, avaliar-lhe a profundez, penetrar no intimo das mais rudimentares civilizações primevas; insaciaveis que somos, não nos satisfazem as descobertas da Egyptologia e dos assyriologos, prodigiosos triumphos da intelligencia, e a Prehistoria nos apaixona ao ultimo ponto.

« Que é isto, porém, sinão a mais vigorosa demonstração da solidariedade humana, através de periodos que para a nossa existencia ephemera representam valores comparaveis ás contagens sideraes?

« Nenhuma das camadas que nos precedeu deixou de experimentar estes mesmos sentimentos em relação áquelles de quem recebeu o facho da vida. A muitas não permittiu a evolução civilizadora as manifestações sollicitas hoje tão intensas para com as gerações extinctas.

« Nem por isto, porém, rompeu alguma dellas os vinculos com o passado, repudiando as reminiscencias avoengas, por mais recta que tenha sido a sua passagem sobre esta ou aquella zona

do planeta. E na tarefa de reformar estes laços, de geração em geração, se avolumou a História, maravilhosamente...

« Em nossa pátria, senhores, sois vós, através aquelles que nesta casa vos precederam, os mais antigos representantes deste grandioso aspecto da humanidade.

« Das nossas fileiras se levantam dezenas, centenas de homens immortaes: os dos vossos maiores; apontam-vos a via gloriosa, que o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro trilhará, amparado pelo trabalho e pelo saber daquelles que consubstanciam a alevantada feição dos seus grandes antecessores.

« O espirito communicado a esta companhia pelos fundadores de 1838, ardente, cada vez mais ardente, subordina-se inteiro á causa da Verdade e da Pátria.

« Arautos da História, sois os serventuarios da justiça de Deus, na solenne imagem de Pedro II.

« É a esta seara de glórias que me convocaes, a exemplo do segador bíblico, que no seu trigal aceitava todos os obreiros de boa vontade, embora fossem elles debéis ou inéxperientes ainda.

« Obrigado, meus senhores e meus generosos consocios, obrigado de tamanha honra! » (*Applausos prolongados*).

Respondeu o SR. DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO, orador do Instituto, nos seguintes termos:

« Sr. presidente, prezados collegas, sr. dr. Affonso Taunay, illustre confrade — Ao concluirdes a vossa bella oração, com a grande modestia, propria dos que tem merito real, vos confessastes debil e inexperito. Valoroso combatente, direi eu, e já provado em pugnas que o applauso coroou!

« Quem traçou os formosos quadros da « Chronica do tempo dos Filipes » e escreveu essa notavel memoria intitulada « A Missão artistica de 1816 », que já fulgura nas paginas da nossa *Revista*, é, de certo, um laborioso e habil escriptor, que ama as investigações historicas, sabe dar-lhes corpo e colorido, e merece portanto ser incorporado a esta phalange, que desde 1838 vem servindo á Pátria e ás letras com arlor indefesso.

« Herdeiro de um nome celebre e querido, sr. dr. Taunay, sois um novo e acabado exemplo de que os homens superiores se prolongam ás vezes em seus descendentes com brilho vivaz.

« Como Pitt, o moço, que no Parlamento Inglez continuou a luminosa carreira aberta pelo famoso conde de Chatam ; como o nosso eminente Joaquim Nabuco, que honrou o nome paterno já festejado nos Conselhos da Corôa e nas lides do Direito ; como o nosso saudosissimo Rio-Branco — o glorioso chancelier da paz — que dilatou a fama e o nome do grande iniciador da redempção dos captivos ; — como esses dilectos filhos de paes illustres, vós vindes trazer-nos, sr. dr. Taunay, ao lado de reminiscencias que nos são carissimas por todos os titulos, uma esperança segura de notaveis triumphos na campanha de que somos soldados.

« Ha em toda a vossa brilhante oração uma nota emocionante e que ecoa fundo nos nossos corações ; é esse culto fervoroso á memoria paterna, que vos levou a dar-nos um antegoso das suas *Memórias*, a proporcionar-nos a genese da admiravel *Innocencia*, com que Silvio Dinarte firmou a sua reputação no romance nacional, — a antecipar-nos curiosos episodios das campanhas de Matto Grosso e do Paraguai, em que o joven Alfredo Taunay revelou desde cedo os notabilissimos dotes de um grande Brasileiro, insigne manejando a espada na batalha de Campo Grande, insigne manejando a penna nessa *Retirada da Laguna*, em que o nosso patricio emerito, a um tempo soldado, pintor, historiador e moralista, foi maior que o Xenophonte da classica e vetusta Grecia.

« Agradeço-vos, caro collega, em nome do Instituto, essas reminiscencias de uma gloria, que tambem reputamos nossa. Por mais esta razão a vossa entrada para a nossa companhia assignala um dia de intenso júbilo. Vindes com o merito proprio, vindes com trophéos conquistados pelo vosso talento, mas trazeis-nos tambem a mais doce das recordações, a desse amado visconde de Taunay, que deixou traço luminoso e duradouro nos annaes do Instituto e da Patria.

« Continuae aqui os trabalhos com que já ganhastes a nossa estima e a dos contemporaneos, e temos firme esperança de que o Brasil um dia vos deva serviços eguaes aos de vosso progenitor, que foi um de nossos ermos mais justamente queridos e um dos Brasileiros que mais dignificaram a Patria na ultima metade do seculo que findou.

« E alegremo-nos, consocios. Ao astro de primeira grandeza, que se sumiu no oceano, succede uma nova estrella para brilho do nosso firmamento.

« Conta-se que na Camara de Inglaterra, ao ouvir William Pitt — o moço — com a sua dicção nítida, a dialectica cerrada, a voz harmoniosa e clara, o gesto elegante e nobre, triumphando com rara eloquencia, Burke dissera: « *Elle não é um galho do velho roble, é o proprio « roble!* »

« Pois bem. Parodiando a celebre phrase, creio que podereis dizer um dia deante dos triumphos deste novo luctador: « *Elle não é um simples filho do glorioso Taunay; é o proprio Taunay que revive com a sua nobre alma e com o seu bello talento!* » (*Applausos prolongados*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que, nada mais havendo a tractar, vai levantar a sessão; antes, porém, agradece em nome do Instituto a presença dos representantes das auctoridades, ex.^{mas} senhoras e cavalheiros que tanto abrilhantaram a presente sessão, e convida-os para assistir na sala da Directoria á inauguração do retrato do saudosissimo visconde de Taunay.

Levanta-se a sessão ás dez horas da noite.

Norival Soares de Freitas, servindo de 2.º secretario.

ANNEXO

Estatutos approvados pela Assembléa Geral extraordinaria de 27 de Junho de 1912

CAPITULO I

Do Instituto, sua séde, seu fim e sua organização

Artigo 1.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fundado a 21 de Outubro de 1838, na cidade do Rio de Janeiro,

sua sêde social, tem por fim proceder a estudos e investigações concernentes á Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia, principalmente do Brasil.

Art. 2.º Para realização do alludido fim o Instituto :

a) colligirá, conservará e classificará documentos, livros, cartas geographicas e outros objectos que lhe possam fornecer elementos de informação e devam constituir um Archivo, uma Bibliotheca e um Museu ;

b) publicará annualmente a *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, dividida em duas partes, em uma das quaes serão insertos trabalhos dos socios e documentos relativos ao Brasil e em outra, além desses trabalhos, as actas das sessões, o relatório do 1.º secretario, lido na sessão magna anniversaria, e a lista dos socios existentes, com as diversas categorias e data de admissão ;

c) estabelecerá correspondencia com as sociedades nacionaes e estrangeiras congeneres.

Art. 3.º O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, compor-se-ha de :

§ 1.º Socios benemeritos, em numero de 10.

§ 2.º Socios honorarios, em numero de 50.

§ 3.º Socios effectivos, em numero de 60.

§ 4.º Socios correspondentes, em numero de 80.

Art. 4.º Todos os negocios do Instituto serão administrados por sua Directoria, não sendo responsaveis subsidiariamente os demais socios pelos actos por ella praticados.

Art. 5.º Os membros da Directoria serão :

a) um presidente ;

b) um 1.º secretario ;

c) um 2.º secretario ;

d) um orador ;

e) um thesoureiro.

§ 1.º Haverá tambem tres vice-presidentes, que, na respectiva ordem, assumirão a presidencia no caso de vaga e notorio impedimento, ou quando o presidente effectivo passar, por escripto, o exercicio do cargo.

§ 2.º Fóra destes casos os vice-presidentes dirigirão apenas

os trabalhos nas sessões e nas assembléas, a que deixar de comparecer o presidente.

Art. 6.º Haverá as seguintes commissões permanentes, compostas de cinco membros :

- § 1.º Commissão de Fundos e Orçamento;
- § 2.º Commissão de Estatutos;
- § 3.º Commissão de Historia;
- § 4.º Commissão de Geographia;
- § 5.º Commissão de Ethnographia e Archeologia;
- § 6.º Commissão de Admissão de Socos.

CAPITULO II

Dos socios, sua admissão, seus direitos e deveres

Art. 7.º Para ser admittido como socio effectivo, deverá o candidato residir no Rio de Janeiro e apresentar, directamente, ou por algum socio em seu nome, trabalho proprio ácerca de Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia, quer esse trabalho seja inédito, quer já estampado, que prove a capacidade do auctor.

§ 1.º A proposta deve ser feita por escripto e conter o nome e sobrenome do candidato, sua naturalidade, profissão, trabalhos e titulos de recommendação social, scientifica ou litteraria.

§ 2.º Só serão acceltas pela directoria propostas para socio effectivo quando accompanhadas de trabalhos do candidato, com offerecimento autographo ao Instituto.

§ 3.º Tambem poderá ter logar a admissão de socios mediante proposta de tres consocios, fundamentada nos termos dos Estatutos.

§ 4.º Neste caso não será votada a admissão sem que o proposto declare concordar com ella.

§ 5.º Apresentada a proposta, assignada por tres ou mais socios, será remetida á Commissão de Historia, de Geographia ou de Ethnographia e Archeologia, conforme a natureza do tra-

balho ou trabalhos do candidato, e a comissão deverá submeter á directoria o resultado do exame.

§ 6.º Discutido e approvado em sessão, o parecer será remettido á Comissão de Admissão de Socios, a qual dará opinião sobre a idoneidade do candidato e conveniencia de sua admissão.

§ 7.º O parecer da Comissão de Admissão de Socios será discutido em sessão e submettido á votação em escrutínio secreto.

§ 8.º Si apparecer maioria de espheras brancas, considerar-se-ha acceto o candidato, e o presidente proclama-lo-ha socio effectivo do Instituto.

§ 9.º Si, porém, houver maioria de espheras pretas, considerar-se-ha rejeitada a proposta.

§ 10. Os membros das comissões, subscriptores de propostas dependentes do parecer das comissões de que fizerem parte, serão substituidos nesse caso especial pelos socios designados pelo presidente.

§ 8.º Para ser socio correspondente deverá o candidato ou proposto preencher as condições exigidas no art. 7.º, menos a de residencia no Rio de Janeiro, feita a proposta da mesma forma que para socio effectivo e observado identico processo.

Art. 9.º O socio correspondente com residencia definitiva no Rio de Janeiro passará a effectivo quando houver vaga. O effectivo, que fixar definitivamente residencia fóra do Rio de Janeiro, será transferido na primeira occasião para a classe dos correspondentes.

Art. 10. Só poderão ser socios honorarios:

a) os socios effectivos com serviços notaveis ao Instituto ou tendo exercido, por mais de 10 annos consecutivos, cargos na directoria ou nas comissões permanentes;

b) os socios correspondentes, que por mais de um decennio fizerem parte do Instituto e lhe houverem prestado serviços relevantes;

c) as pessoas que se tiverem distinguido, por seu consummado saber, especialmente no dominio da Historia, Geographia, Ethnographia ou Archeologia.

Art. 11. As propostas para socios honorarios deverão conter,

no mínimo, seis assignaturas. Enviadas á Commissão de Admissão de Socios, o respectivo parecer será votado em escrutínio secreto.

Art. 12. Os socios honorarios pagarão sómente o diploma, sendo tal contribuição dispensada quando se tractar de pessoas nas condições da letra c do art. 10.

Art. 13. Só poderão ser elevados á classe do socios benemeritos os honorarios e com 20 annos, no mínimo, de serviços relevantes ao Instituto.

Art. 14. A eleição de socios benemeritos será feita em assembléa geral.

Art. 15. A qualidade excepcional de presidente honorario só poderá ser conferida, em assembléa geral, aos chefes de Estado ou aos membros do Instituto, seus ex-presidentes effectivos, mediante proposta de tres ou mais membros da Directoria e socios, perfazendo ao todo vinte e um no mínimo.

Paragrapho unico. A proposta assim apresentada considerar-se-ha approvada, e o presidente do Instituto communicará ao titular a distincção conferida, enviando-lhe o respectivo diploma.

Art. 16. Qualquer dos membros de commissões, que dentro de dous mezes não apresentar os trabalhos dos quaes haja sido incumbido, terá substituto, designado pelo presidente, salvo caso de justificação motivada na demora.

Art. 17. Nenhum socio se negará, sem motivo justificado, aos trabalhos necessarios ao Instituto.

Art. 18. O socio contribuinte, que por espaço de um biennio não pagar as suas contribuições, havendo, para saldar o debito, recebido o aviso do thesoureiro (em carta registada com recibo de volta), será considerado como renunciante á sua qualidade de socio.

Art. 19. Os socios farão parte da directoria ou das commissões e serão transferidos de uma classe para outra, quando quites com os cofres do Instituto, tendo tambem tomado posse, de accôrdo com o art. 29 § 5.º. Sómente os socios nessas condições terão direito á *Revista*, de conformidade com o art. 27.

Art. 20. Quando algum socio tiver de tomar posse, enviará ao presidente cópia do respectivo discurso, realizando-se a cere-

monia dentro de trinta dias, contados da data da entrega da referida cópia.

§ 1.º Si o discurso contiver opiniões susceptíveis de perturbar a serenidade dos trabalhos do Instituto, o presidente deverá submettê-lo á consideração da Directoria e, de accôrdo com o resolvido na reunião, devolve-lo-ha ao recipiendario convidando-o a fazer as alterações indispensaveis, condição *sine qua non* para a posse.

§ 2.º Na occasião da posse o recipiendario prestará o seguinte compromisso: « Prometto promover, quanto em mim couber, o engrandecimento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro e observar fielmente os seus Estatutos. » Em seguida o presidente declarará empossado o novo socio.

§ 3.º Depois da posse, o presidente dará a palavra ao recipiendario, que lerá o seu discurso de admissão, respondendo o orador.

§ 4.º Os discursos do recipiendario e do orador serão inseridos na acta.

§ 5.º O socio eleito não tomará posse, nem será como tal inscripto no livro competente, sem ter satisfeito as contribuições devidas e exhibido o seu diploma.

Artigo 21. O socio deverá junctar á cópia do discurso de recepção minuciosa autobiographia com os esclarecimentos que julgar convenientes á apreciação de sua individualidade como membro do Instituto.

Art. 22. Os socios teem como distinctivo uma roseta azul-celeste para ser usada nas reuniões e solennidades sociaes, ou quando representarem o Instituto.

Art. 23. Aos socios de todas as classes expedir-se-ha diploma assignado pelo presidente, 1.º secretario e thesoureiro.

Art. 24. O socio effectivo ou correspondente pagará 100\$ de joia de admissão, 30\$ de diploma e 24\$ annuaes, adeantadamente.

Paragrapho unico. Estão isentos de qualquer contribuição:

- a) os benemeritos;
- b) os honorarios, admittidos de accôrdo com a letra c do art. 40;

c) os correspondentes domiciliados fóra do territorio nacional.

Art. 25. E' facultada aos socios a remissão das prestações annuas mediante o pagamento de 200\$, além da quota do diploma.

Art. 26. Os socios em debito das prestações annuas só poderão remir-se depois de solver as suas dividas.

Art. 27. Os socios, satisfeitos as joias e as contribuições, terão direito a receber um exemplar da *Revista* do Instituto, desde a sua admissão, pagando o porte do Correio.

Art. 28. O socio devedor das prestações de um biennio perderá o direito de receber a *Revista*.

Art. 29. No enterro de seus socios, o Instituto far-se-ha representar, si a participação do obito alcançar as horas do expediente.

CAPITULO III

Das eleições e attribuições da Directoria e das Comissões Permanentes

Art. 30. O mandato da directoria e das comissões será biennial.

Art. 31. Com antecedencia conveniente, será convocada a assembléa geral para o dia 15 de Dezembro do respectivo anno, ou, sendo tal dia impedido, para o dia seguinte, afim de eleger a nova directoria e as novas comissões, cuja posse se realizará no dia 7 de Janeiro do anno seguinte.

Art. 32. A eleição será feita por escrutinio secreto, observando-se o seguinte :

§ 1.º Cada socio votará em duas cédulas, uma contendo o nome do presidente, dos vice-presidentes, do 1.º secretario, do 2.º secretario, do orador e do thesoureiro, exceptuados os cargos que tiverem effectividade perpetua, e outra cédula contendo os nomes dos membros das diversas comissões.

§ 2.º A apuração será feita separadamente, e só depois de proclamados os membros da directoria, deverá proceder-se á apuração dos votos para as comissões.

§ 3.º Só para o cargo de presidente se requer maioria absoluta; no caso de empate, correrá segundo escrutínio, e, si este não for decisivo, a sorte desempatará a eleição.

Art. 33. Os membros da directoria podem ser reeleitos, bem como os das commissões, mas a eleição só recairá em socios effectivos ou em honorarios e benemeritos, residentes no Rio de Janeiro, podendo os membros da directoria, excepto o presidente, fazer tambem parte de qualquer commissão.

Art. 34. As vagas occurrentes na directoria ou nas commissões permanentes serão preenchidas por nomeação do presidente, feita em portaria registada em livro especial.

Art. 35. Sempre que o Instituto eleger a sua directoria, communicar-o-ha ao Governo Federal por officio assignado pelo presidente ou pelo 1.º secretario.

Art. 36. Ao presidente incumbe:

§ 1.º Presidir ás reuniões da directoria, ás sessões ordinarias, extraordinarias e anniversarias, ás assembléas geraes e ás de eleição;

§ 2.º Representar o Instituto, por si ou por mandatario seu, em todos os negocios judiciaes ou extra-judiciaes;

§ 3.º Nomear os relatores das commissões.

§ 4.º Nomear, suspender e exonerar os funcionarios do Instituto;

§ 5.º Auctorizar todos os pagamentos;

§ 6.º Providenciar sobre quaesquer negocios do Instituto, nos limites destes Estatutos;

Art. 37. O presidente poderá oppôr *veto* ás deliberações tomadas nas sessões ordinarias e extraordinarias, sendo a assembléa geral a única competente para confirmar ou rejeitar taes *vetos*.

Art. 38. O 1.º secretario será o chefe da secretaria, tendo a seu cargo todo o expediente e superintenderá o Archivo, a Bibliotheca e o Museu. Compete-lhe:

§ 1.º Propôr ao presidente a nomeação ou exoneração do Bibliothecario e do director da *Revista*, cargos que podem ser exercidos por socios, e dos demais funcionarios;

§ 2.º Suspender, até 15 dias, qua'quer desses funcionarios, dando sciencia ao presidente e designando o substituto interino;

§ 3.º Fazer inventariar os manuscritos, livros e quaesquer outros objectos pertencentes ao Archivo, Bibliotheca e Museu e mandar imprimir os respectivos catalogos ;

§ 4.º Mandar rever os catalogos de cinco em cinco annos, para serem impressas as alterações ;

§ 5.º Determinar a compra dos objectos necessarios ao expediente, attendendo á respectiva verba do orçamento.

§ 6.º Processar a folha dos vencimentos dos funcionarios, rubricar os documentos de despeza e apresentar o orçamento annual ;

§ 7.º Providenciar, na falta do presidente, a respeito de todos os negocios urgentes do Instituto, participando-lhe immediatamente as providencias tomadas ;

§ 8.º Mandar organizar, em livro proprio e sob sua immediata fiscalização e responsabilidade, o cadastro de todos os socios do Instituto, com especificação da data de eleição, posse, transferencia de classe e quanto possa ter relação com o socio.

Art. 39. O 2.º secretario será o immediato auxiliar do 1.º secretario e seu substituto. Cabe-lhe especialmente :

Paragrapho único. Redigir as actas das reuniões da directoria, das sessões e das assembleas geraes e expedir os respectivos avisos de convocação.

Art. 40. Compete ao thesoureiro :

§ 1.º Arrecadar e guardar os fundos do Instituto, depositando em um banco, de sua escolha e accerto pelo presidente, as quantias sem applicação immediata ;

§ 2.º Satisfazer as despesas competentemente auctorizadas, de accordo com as disposições destes Estatutos, não devendo fazer pagamento sem auctorização escripta do presidente, quando excedida a respectiva verba do orçamento ;

§ 3.º Escolher um cobrador, extranho ao pessoal do Instituto, por quem se responsabilizará, e que perceberá pelo seu trabalho uma commissão fixada pelo presidente.

Art. 41. O thesoureiro dará contas annuaes da applicação dos fundos a seu cargo.

§ 1.º As contas abrangerão a receita e despeza, de 1 de

Janeiro a 31 de Dezembro, e serão apresentadas ao presidente até o dia 15 de Fevereiro do anno seguinte ;

§ 2.º Examinadas as contas pela Comissão de Fundos e Orçamento, serão apresentadas á Directoria, acompanhadas de parecer, que na primeira sessão ordinaria será submittido a discussão e votação.

Art. 42. Ao orador compete :

§ 1.º Pronunciar o discurso de recepção dos novos socios ;

§ 2.º Fazer o elogio historico dos socios fallecidos durante o anno ;

§ 3.º Usar da palavra, em nome do Instituto, quando este se fizer representar em alguma solennidade.

Art. 43. Pertence á Comissão de Fundos e Orçamento :

§ 1.º Examinar as contas submittidas á sua verificação ;

§ 2.º Dar parecer sobre a proposta do orçamento annual de receita e despesa, apresentada pelo 1.º secretario até 30 de Setembro ;

§ 3.º Dar parecer quando consultada pelo presidente.

Art. 44. Pertence á Comissão de Estatutos :

§ 1.º Dar parecer sobre duvidas na interpretação destes Estatutos, bem como sobre as emendas, reformas ou additamentos ;

§ 2.º Estabelecer o processo para a concessão dos premios, que o Instituto houver de conferir.

Art. 45. Pertence ás Comissões de Historia, Geographia, Ethnographia e Archeologia :

Paragraphe unico. Dar parecer sobre as medidas, documentos e publicações remettidos pelo presidente.

Art. 46. Cabe á Comissão de Admissão de Socios :

§ 1.º Syndicar da individualidade do candidato, das suas condições de idoneidade e da conveniencia de sua admissão ;

§ 2.º Verificar si as propostas para socios honorarios reúnem as condições exigidas por estes Estatutos.

Art. 47. Os pareceres desta Comissão podem ser reservados, tendo o presidente a faculdade de submittê-los á consideração do Instituto em sessão secreta.

Art. 48. Além dessas comissões poderá o presidente no

mear outras para fins especiaes ou encarregar de algum trabalho aos socios, individualmente, quando assim julgar conveniente.

Art. 49. Os pareceres das commissões serão lidos, obtida maioria de assignaturas. Os membros que não tiverem assignado poderão delles pedir vista, restituindo-os dentro de quinze dias.

Art. 50. As votações realizar-se-hão por antiguidade rigorosa, contada da data do parecer da Comissão de Admissão de Socios.

Paragrapho unico. Havendo dous pareceres dessa commissão com a mesma data, contar-se-ha a antiguidade, segundo a data da proposta.

Art. 51. Os relatores das diversas commissões serão designados pelo presidente dentre os respectivos membros, de modo a haver egualdade no serviço.

CAPITULO IV

Das sessões e reuniões do Instituto e ordem dos seus trabalhos

Art. 52. As sessões do Instituto Historico serão: 1.º, ordinarias ou extraordinarias; 2.º, de assembléa geral; 3.º, anniversarias; 4.º, de eleição.

Art. 53. As sessões ordinarias e extraordinarias poderão assistir quaesquer pessoas, decentemente trajadas; quando, porém, por qualquer motivo, a sessão deva ser secreta, o 1.º secretario prohibirá o ingresso ás pessoas estranhas.

Art. 54. O Instituto celebrará solennemente o anniversario de sua installação no dia 21 de Outubro, e desde esse dia até Abril ficarão suspensas as sessões, com excepção das de assembléa geral em anno de eleição.

Art. 55. Em todas as sessões do Instituto o presidente occupará o centro da mesa, tendo á direita o 1.º e 2.º secretarios e á esquerda o orador e o thesourairo.

Art. 56. Nas assembléas e sessões, quando faltarem o presidente e os vice-presidentes, assumirá a direcção dos trabalhos o mais antigo dos socios presentes.

Art. 57. Na sessão magna de 21 de Outubro pronunciará o presidente o discurso de abertura; o 1.º secretário lerá o relatório com a resenha dos trabalhos annuaes, e o orador fará o elogio dos socios fallecidos durante o anno.

Art. 58. As sessões ordinarias effectuar-se-hão mensalmente, durante o dia ou á noite, a partir do mez de Abril até a sessão magna de 21 de Outubro. O presidente designará o dia e hora da sessão, que será annunciada pela imprensa.

Art. 59. Nestas sessões serão tractados exclusivamente negocios litterarios do Instituto, bem como serão discutidos e votados os pareceres das comissões. Na primeira sessão ordinaria de cada anno será discutido e votado o parecer da Comissão de Fundos e Orçamento.

Art. 60. Aberta a sessão, lida e submettida á approvação a acta antecedente, será lido o expediente, e resolver-se-ha sobre qualquer materia sujeita ao conhecimento do Instituto, nos termos do artigo antecedente, excepto sobre materia da competencia exclusiva da assembléa geral ou da directoria.

§ 1.º Para a leitura de trabalhos, o socio inscrever-se-ha no começo a sessão, e o presidente dar-lhe-ha a palavra em occasião opportuna.

§ 2.º A leitura de qualquer trabalho não excederá de uma hora para cada orador.

Art. 61. Havendo necessidade, o presidente convocará sessão extraordinaria, para a qual se expedirão convites ou avisos assignados pelo 2.º secretario.

Art. 62. Para haver sessão ordinaria ou extraordinaria é mister a presença do presidente, ou a de algum dos seus substitutos, e a de mais nove socios, no minimo.

Art. 63. Na primeira sessão seguinte ao fallecimento de qualquer socio, lançar-se-ha na acta um voto de pesar, podendo qualquer socio referir-se ao finado em succintas palavras de condolencia ou louvor.

Art. 64. O presidente poderá convocar a assembléa geral sempre que julgar conveniente.

§ 1.º Todos os socios deverão assistir ás assembléas geraes, nas quaes terão direito de propôr, discutir e votar.

§ 2.º Para haver sessão de assembléa geral é necessaria a presença de vinte e um socios, no mínimo.

§ 3.º Não comparecendo esse numero, será marcada nova reunião, na qual se deliberará com doze socios, no mínimo.

Art. 65. Será convocada a assembléa geral quando vinte e um socios a solicitarem, por escripto, ao presidente.

Art. 66. As reuniões de directoria, das quaes se lavrará acta, serão effectuadas com a possível frequencia e sob convocação do presidente.

Art. 67. Não se abrirá o Instituto no dia 5 de Dezembro, anniversario do fallecimento do seu inolvidavel protector, o sr. d. Pedro II.

Art. 68. Além dos premios constantes do § 5.º do art. 86, ficam creados dous premios annuaes sob as denominações *Premio Pedro II* e *Premio Conselheiro Olegario*. O primeiro, em signal de imperecível gratidão e reconhecimento á memoria do grande protector do Instituto, servirá para recompensar a melhor monographia sobre assumptos, com os quaes se occupa o Instituto, e constará de uma medalha de ouro. O segundo, em attenção aos assíduos e notaveis serviços prestados ao Instituto pelo presidente — conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro — será concedido á melhor memoria lida no anno anterior, em sessão do Instituto, e constará de uma medalha de prata.

CAPITULO V

Da secretaria e serviços a seu cargo

Art. 69. Estarão a cargo da secretaria todo o expediente social, o archivo, a bibliotheca, o museu e a *Revista*.

Art. 70. Os officiaes da secretaria, em numero de tres, teem por obrigação comparecer diariamente, assignando o respectivo ponto, e cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 71. Ao bibliothecario, como encarregado da conservação e guarda da bibliotheca, archivo e museu, compete:

§ 1.º Organizar os catalogos, segundo o systema que estiver

em uso nas bibliothecas mais adeantadas, de accôrdo com o 1.º secretario;

§ 2.º Comunicar ao 1.º secretario as occurrencias no serviço a seu cargo;

§ 3.º Propôr a compra de livros e objectos de interesse para o Instituto, procurando sempre completar as obras ou collecções existentes;

§ 4.º Empregar o maior cuidado no arrolamento, selecção, arranjo e conservação dos manuscritos, cartas geographicas e outros objectos existentes ou adquiridos pelo Instituto;

§ 5.º Apresentar annualmente, até 15 de Outubro, ao 1.º secretario, um relatório dos trabalhos realizados e do estado das obras e objectos a seu cargo, indicando as providencias convenientes;

§ 6.º Organizar annualmente catalogos supplementares, incorporados de cinco em cinco annos nos catalogos geraes.

Art. 72. Haverá um auxiliar do bibliothecario incumbido do serviço por este designado e tambem da expedição das publicações do Instituto, fazendo toda a escripturação respectiva.

Art. 73. Os socios, bem como quaesquer pessoas que assignarem os boletins de consulta, obrigatorios para todos, terão a faculdade de lêr, na bibliotheca do Instituto, as obras, quer impressas, quer manuscritas, ahí existentes, e fazer os extractos necessarios.

Art. 74. Não é permittida a saída de livros, mappas, manuscritos e objectos do museu, podendo unicamente o director da *Revista* retirar, por algum tempo, os manuscritos ou impressos necessarios para a publicação na *Revista*.

Art. 75. Compete ao director da *Revista*:

§ 1.º Escolher toda a materia publicavel, podendo para isso requisitar, por escripto, do 1.º secretario quaesquer manuscritos, dos quaes passará recibo, que lhe será restituído quando os devolver;

§ 2.º Redigir uma summula dos artigos insertos, fazendo as observações convenientes;

§ 3.º Emitir juizo sobre as publicações historicas, geographicas, archeologicas e ethnographicas offerecidas ao Instituto;

§ 4.º Fiscalizar a revisão da *Revista*.

Art. 76. O director da *Revista* terá plena autonomia, podendo recusar trabalhos de quem quer que seja, no intuito de manter o conceito da *Revista*.

Art. 77. O 1.º secretario, a cargo de quem fica a impressão da *Revista*, fornecerá ao director desta, para serem publicados, as actas das sessões e o cadastro social.

Art. 78. O 1.º secretario fica incumbido da distribuição da *Revista* aos socios e a outras pessoas, residentes no Brasil e fóra delle.

Art. 79. Ao porteiro incumbem:

§ 1.º Guardar as chaves do edificio para o abrir e fechar diariamente, nas horas marcadas pelo presidente;

§ 2.º Velar pelo asseio da casa;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario.

Art. 80. Ao continuo compete:

§ 1.º Encarregar-se do asseio da casa;

§ 2.º Auxiliar o porteiro;

§ 3.º Cumprir as ordens do 1.º secretario e do bibliothecario.

Art. 81. O 1.º secretario poderá propôr ao presidente o não provimento de qualquer dos cargos, conforme a conveniencia do Instituto.

Art. 82. O 1.º secretario, com approvação do presidente, poderá escolher até dous collaboradores para o serviço de cópias da *Revista* e auxilio da catalogação.

Art. 83. O bibliothecario perceberá 3:600\$; o director da *Revista* 3:600\$; os officiaes da secretaria, cada um 1:800\$; o auxilliar do Bibliothecario 1:440\$; o porteiro 1:600\$; o continuo 1:200\$; os collaboradores 720\$ cada um. Todos estes vencimentos são annuaes.

§ 1.º Os funcionarios e collaboradores perderão o direito aos vencimentos integraes correspondentes nos domingos e dias feriados, si faltarem nos dias immediatamente antecedentes e subsequentes.

§ 2.º O 1.º secretario poderá relevar, por mez, até duas faltas de comparecimento.

§ 3.º Os funcionarios do Instituto, si no anno anterior não

tiverem gosado licença, nem dado mais de dez faltas justificadas, terão direito a dez dias de férias, com permissão do 1.º secretario. Taes férias, porém, não poderão passar de um anno para outro.

Art. 84. O Instituto terá uma arca especial de sigillo, onde serão encerrados todos os manuscriptos secretos, a publicar em epocha determinada.

§ 1.º As chaves da arca, que serão diferentes, ficarão em poder do presidente e do 1.º secretario.

§ 2.º Os manuscriptos ahi depositados serão préviamente numerados e inventariados, segundo os seus titulos, com indicação do formato, qualidade do papel do envolvero e outros signaes caracteristicos.

§ 3.º Além do sello e precauções tomadas pelo auctor, o presidente manda-los-ha sellar de novo.

§ 4.º Em livro proprio, será lavrado pelo 2.º secretario o termo de deposito, assignado pelo presidente, depositante ou seu procurador e pelo dicto 2.º secretario.

§ 5.º Qualquer memoria ou documento enviado ao Instituto, para deposito temporario na arca de sigillo, deve ser lacrado e acompanhado de uma carta ao Instituto, assignada pelo auctor ou por pessoa conhecida, com declaração do tempo em que deverá ser aberto e lido.

§ 6.º Chegado esse tempo, o presidente do Instituto convocará uma reunião da directoria para a abertura da arca de sigillo e, depois de extrahido e verificado o manuscripto, segundo a carta que o tiver acompanhado, será aberto e lido em uma ou mais reuniões.

§ 7.º Terminada a leitura da memoria ou documento, a directoria, antes de dar-lhe o conveniente destino, deverá submettê-lo ao juizo da commissão respectiva, conforme o character do documento.

CAPÍTULO VI

Dos fundos do Instituto e sua applicação

Art. 85. Os fundos da associação procedem :

- § 1.º Das joias de admissão, dos emolumentos dos diplomas e da contribuição annual dos socios ;
- § 2.º Do producto das remissões ;
- § 3.º Dos donativos feitos ao Instituto ;
- § 4.º Da receita líquida resultante da venda da *Revista* e das obras avulsas que publicar ;
- § 5.º Do subsidio concedido pelo Congresso Federal.

Art. 86. Os fundos do Instituto serão applicados :

- § 1.º Ao seu expediente, reparação e conservação de objectos de sua propriedade ou uso ;
- § 2.º Aos vencimentos dos funcionarios ;
- § 3.º À impressão dos seus trabalhos e publicações ;
- § 4.º À compra de livros, manuscritos, mappas e objectos historicos, a depositar no archivo, bibliotheca e museu ;

§ 5.º Ao pagamento de premios, creados pelo Instituto, aos que mais se distinguirem no desempenho dos programmas por elle distribuidos ou na execução de trabalhos que, pelo seu transcendente merecimento, reconhecido pela respectiva commissão, forem considerados dignos de semelhante distincção, e bem assim aos premios constantes do art. 68.

Art. 87. As sobras da receita annual do Instituto serão para o patrimonio social, como fór combinado entre o presidente e o thesoureiro.

§ 1.º O patrimonio social não poderá ser empregado no todo ou em parte, sem autorização da assemblea geral.

§ 2.º Os rendimentos, porém, serão applicados ás despesas fixadas no orçamento e autorizadas pelo presidente.

CAPITULO VII

Das disposições geraes e transitorias

Art. 88. Os actuaes socios correspondentes com residencia fixa no Rio de Janeiro, passarão a socios effectivos, tendo destes todas as regalias e deveres.

Art. 89. Enquanto existir numero de socios effectivos e correspondentes excedente ao fixado para cada classe, não haverá novas admissões.

Paragrapho unico. As propostas offerecidas correrão seus tramites, mas a eleição só se realizará quando houver vaga, attendendo-se á antiguidade do parecer da Commissão de Admissão de Socios.

Art. 90. Os socios actuaes excedentes do referido numero, bem como os benfektores, gosarão de todas as regalias como até aqui e estão sujeitos aos mesmos encargos.

Art. 91. A todos os socios, em atrazo de suas contribuições, fica marcado o prazo de 90 dias para solverem os seus debitos.

§ 1.º Esse prazo será contado da data do officio ou circular dirigida pelo thesoureiro aos referidos socios sob registro postal com recibo de volta.

§ 2.º A falta de resposta a esse officio-circular ou recusa na satisfação dos debitos, importará na applicação immediata da pena em que já tiverem incorrido.

§ 3.º O socio eleito que dentro de tres mezes, sendo avisado, não satisfizer as contribuições dos Estatutos, e os residentes fóra da Republica, que dentro de seis mezes não responderem ao officio da secretaria communicando a investidura, serão considerados como tendo renunciado ao titulo de socio.

Art. 92. A secretaria do Instituto organizará, annualmente, uma lista geral dos socios, de intelto accôrdo com as disposições ora consignadas.

Art. 93. Estes Estatutos entrarão em execução tres dias depois de publicados no *Diario Official* e serão devidamente registados, distribuidos em avulso até 30 dias depois da sua publi-

ção, sendo que a primeira eleição da nova directoria deverá effectuar-se a 15 de Dezembro de 1913, perdurando até á posse da nova o mandato da actual.

Art. 94. Para se realizar a reforma dos Estatutos cumpre que os membros da Comissão de Estatutos ou vinte e um socios a reclamem por escripto e fundamentadamente.

Uma assembléa geral decidirá sôbre a proposta. Caso a approve, convocar-se-ha nova assembléa geral para dahi a sessenta dias, e esta nova assembléa resolverá o assumpto de modo definitivo.

Approvados estes Estatutos pela Assembléa Geral extraordinaria de 27 de Junho de 1912, a redacção geral delles foi confiada aos abaixo assignados.

Rio de Janeiro, 13 de Julho de 1912. — *Conde de Affonso Celso, presidente do Instituto.* — *Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.* — *Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro.* — *Dr. Luiz Gastão d'Escagnolle Dória.*

DIRECTORIA ACTUAL — Presidente, conde de Affonso Celso;
Primeiro vice-presidente, dr. Manuel Clecro Peregrino da Silva;

Segundo vice-presidente, barão Homem de Mello;

Terceiro vice-presidente, desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga;

Primeiro secretario perpetuo, Max Fleiuss;

Segundo Secretario, dr. Gastão Ruch Sturzneker;

Orador, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão (barão de Ramiz);

Thesoureiro, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães.

COMISSÕES PERMANENTES — *Fundos e Orçamento.* — Dr. Clovis Bevilacqua, coronel Jesuino da Silva Mello, conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, coronel Ernesto Senna.

Estatutos — Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max

Fleuss, dr. Gastão Ruch Sturzneker, dr. Alexandre José Barbosa Lima, dr. Norival Soares de Freitas.

Historia — Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Clovis Bevilacqua, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Antonio Jansen do Paço.

Geographia — Barão Homem de Mello, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, general dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, dr. Orville Adalbert Derby.

Archeologia e Ethnographia — Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga, dr. José Pereira Rego Filho, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, dr. Sylvio Romero, dr. Amaro Cavalcanti.

Admissão de Socios — Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão de Alencar, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, almirante Arthur Indio do Brasil, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.

Bibliothecario do Instituto — Dr. José Vieira Fazenda.

Director da « Revista » — Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 15 de Agosto de 1912, — Max Fleuss, primeiro secretario perpetuo.

5.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 23 DE AGOSTO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 3 1/2 horas da tarde, presentes os srs. conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, Max Fleuss, dr. Gastão Ruch, desembargador João da Costa Lima Drummond, major dr. Liberato Bittencourt, padre dr. Julio Maria, Eduardo Marques Peixoto, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro,

dr. Norival Soares de Freitas, commendador Tobias Lauriano Figueira de Mello, dr. Pedro Souto Major e capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, abre-se a sessão.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (2.º secretario) lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O SR. FLEIUS (1.º secretario perpetuo) communica que o illustre consocio honorario dr. Manuel de Oliveira Lima acceitou a designação feita pelo sr. presidente para representar o Instituto no proximo Congresso de Sciencias Historicas a reunir-se em Londres.

Communica egualmente o sr. secretario perpetuo que o socio effectivo dr. Escragnoille Doria, com desinteresse louvavel e inextinguivel dedicação, tem auxiliado de maneira efficaz a catalogação dos manuscritos pertencentes á collecção Ourem.

O SR. PRESIDENTE agradece, em nome do Instituto, a dedicação do illustre consocio e tambem os grandes serviços, que vai prestar o dr. Oliveira Lima no Congresso de Londres.

O SECRETARIO PERPETUO communica ainda que ha poucos dias esteve no edificio do Instituto o dr. Joaquim Luiz Osorio, illustre deputado federal, o qual ratificou a promessa de remetter ao Instituto o archivo de seu glorioso avô, apenas ultimada a publicação da biographia do inclito general Osorio.

O SR. PRESIDENTE renova os agradecimentos do Instituto pela valiosa offerta.

O DR. GASTÃO RUCH (2.º secretario) lê um officio no original francez, do sr. Nicoláo J. Dehtané.

O SR. PRESIDENTE consulta a casa, e é approvado, que o referido officio figure na acta da presente sessão.

É este o officio:

« Alexandria, 20 de Junho de 1912 — Sr. secretario perpetuo — Devo antes do mais agradecer-lhe seu estimavel favor de 8 de Maio proximo findo; deixaram-me, é certo, assás captivo os sentimentos que v. s. teve a bondade de expressar-me e a honra que me conferiu v. s. com a apresentação, sob os auspícios de s. ex.ª o sr. dr. Oliveira Lima, de minha candidatura na qualidade de socio correspondente dessa illustrada companhia.

« Sensibilizou-me bastante a delicada attenção do mesmo

sr. dr. Oliveira Lima a meu respeito, e vejo que a sua benevolência de tracto se nivela pela elevação do seu talento e admiráveis predicados,

« E, no caso de ter eu a honra de ser recebido em seu seio pela mais elevada corporação scientifica do nosso Brasil, como v. s. me dá o ensejo de esperar, prometto exorçar-me, tanto quanto possível, por cooperar por minha vez, embora modestamente, em seus trabalhos sociaes, e em tudo o que de perto entente com as suas investigações scientificas, muito especialmente aqui em terras do Oriente, onde presumo ha grande numero de questões e assumptos de grande utilidade e de certo interesse para o nosso paiz. A civilização brasileira esteve em algum contacto, desde suas origens lusitana e latina, com o mundo oriental, de modo que este não lhe pôde ser indifferente.

« De resto, sob variados pontos de vista, ha copiosos traços em commum, e dignos de ser conhecidos e estudados, entre o Brasil e determinadas regiões do Oriente e da Africa Septentrional. Acresce ainda que umas tantas zonas orientaes, como o Egypto, se nos deparam, a despeito de sua antiguidade, sob um certo aspecto, como si fossem paizes novos, prestes a evoluir para uma nova civilização, o que me faz suppor que esse phenomeno offerece certo interesse em ser conhecido e acompanhado pelo Brasil.

« E já que o nosso paiz entende quebrar o seu retrahimento, preferindo manter-se em contacto com todas as partes do globo, é de esperar que as relações scientificas que se possam estabelecer entre as grandes corporações de sabios brasileiros e as instituições similares no estrangeiro serão de valioso concurso para o alludido fim.

« Demais, sr. secretario perpetuo, a minha admissão como socio correspondente do Instituto Historico Brasileiro ser-me-ha de grande incentivo e me assegurará melhor ensejo de mais efficaçmente ainda servir, longe della, os interesses de nossa patria, o que é para mim um dever, a que de ha muito já me hei consagrado.

« Lastimo não me ser possível remetter immediatamente a v. s.^a um exemplar, por mim revisto, do minha obscura confe-

rencia sobre «D. Pedro no Egypto», porquanto o *Boletim* do Instituto Egypto só muito irregularmente vem a lume.

«Por agora, só me é dado enviar a v. s.^a um texto da mesma conferencia, publicado pela *Imprensa Egyptica*, eivado embora de uns tantos erros de reproducção, que facilmente serão corrigidos em caso de ulterior transcripção.

«Peço, entretanto, a v. s.^a que releve a distribuição em capitulos feitos pela imprensa, mais attendendo ás conveniencias de impressão, do que ao proprio sentido do texto.

«Num artigo anterior por mim publicado, em 1909, no *Jornal do Commercio*, havia eu examinado já, si bem que sob ponto de vista diverso, a acção de d. Pedro no Oriente.

«Peço licença para lhe enviar o referido artigo, em que a obra do venerando imperador é estudada sob o ponto de vista practico.

«Tomo a liberdade de enviar-lhe, outrosim, alguns exemplares de uma conferencia por mim feita, no anno transacto, sobre o Brasil e a Civilização Arabe, a qual acaba de ser publicada, em seu texto definitivo, no *Boletim da Sociedade Khedival de Geographia*, e se occupa especialmente das relações entre a Civilização Brasileira e as Civilizações Orientaes, a que fiz referencia, e a esse titulo poderá ser de interesse a esse Instituto.

«Muito grato lhe ficarei, sr. secretario perpetuo, si v. s.^a de minha parte apresentar os meus cumprimentos ao distincto official, sabio e illustre inventor, o sr. capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, agradecendo-lhe por mim a grata recordação que elle se dignou conservar de minha pessoa. Lamento a urgencia de tempo, que me não permittiu apreciar mais longamente a sua convivencia em Alexandria, quando, sob seu commando, o *Benjamin Constant* aqui veio, por breve tempo infelizmente, trazer-nos a imagem da patria distante. Desejei bastante tornar a ver o sr. Gomes Pereira, quando estive no Rio, ha cerca de tres annos, mas quiz a sorte que elle então se achasse ausente.

«Peço igualmente a v. s.^a apresente ao sr. barão Homem de Mello a expressão da minha respeitosa estima.

«Reiterando-lhe, enfim, os meus agradecimentos, accete,

sr. secretario perpetuo, as seguranças de meu devotamento e respeitosa consideração.

Nicoláo José Debbané,

Adido á Agência Diplomatica do Brasil no Egypto.

Corrido depois o escrutínio, para votação dos pareceres lidos na ultima sessão, foram approvados por unanimidade os relativos aos srs. capitão-tenente Raul Tavares e Nicoláo José Debbané, e por maioria o parecer relativo ao sr. Antonio Gomes Carmo.

O sr. CONDE DE AFFONSO CELSÓ (*presidente*), á vista da votação, proclama socios effectivos do Instituto Historico os srs. capitão-tenente Raul Tavares e Antonio Gomes Carmo, e socio correspondente o sr. Nicoláo José Debbané.

O sr. 1.^o SECRETARIO PERPETUO requer, e o Instituto approva, que como annexo á sessão, na presente acta, se inclua o discurso pronunciado pelo illustre sr. presidente por occasião da inauguração do retrato do saudosíssimo visconde de Taunay, na noite de 15 do corrente.

O sr. 2.^o SECRETARIO lê as seguintes propostas para socios correspondentes:

«*Proposta* — Tenho a honra de propôr para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o cidadão portuguez Pedro de Azevedo, paleographo e conservador do Archivo Nacional e membro da Academia das Sciencias.

«Julgo desnecessario encarecer nesta proposta os bem conhecidos e altos serviços por elle prestados ás sciencias historicas, aos estudiosos e investigadores e particularmente ao Instituto Historico Brasileiro.

«Pedro de Azevedo, formado com a carta do curso superior de Bibliothecario archivista, conservador emerito da Torre do Tombo, professor de Geographia e academico, membro da commissão academica para o Centenario da Conquista de Ceuta, tem larga folha de relevantes serviços como paleographo, archivista e investigador, e no desempenho do seu cargo prestou coadjunção efficaz ao commissionado do Instituto sr. dr. Norival de Freitas, nosso illustre consocio. Envio junto alguns exemplares de

obras do candidato, por elle, a meu pedido, offerecidas a título de candidatura, e uma nota biographica e bibliographica, a elle referente.

«Em meu entender o Instituto Historico muito se honrará admittindo no seu gremio este estudioso e dedicado cultor das sciencias historicas portuguezas.

Lisboa, 3 de Agosto de 1912. — O commissario geral do Instituto em Portugal, *Victor Ribeiro*, socio correspondente do Instituto.

«Confirmamos a proposta do nosso consocio Victor Ribeiro.

«Rio, 23 de Agosto de 1912. — *Augusto de Lima*. — *Max Fleiss*. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*.»

Anexo — Pedro de Azevedo (Pedro Augusto de São Bartholomeu de Azevedo) nasceu em Santarem nos 24 de Agosto de 1860. É filho de Ventura de Faria de Azevedo, natural de Thomar e professor de um dos lycens de Lisboa, e de sua legitima mulher Gertrudes da Piedade Fonseca. Em 24 de Novembro de 1890 folhe passada a carta do curso superior de bibliothecario archivista. Em Janeiro de 1888 fôra nomeado practicamente amanuense da Inspeção Geral das Bibliothecas e Archivos, onde se conservou cerca de tres annos, até que ao cabo delles foi promovido a amanuense paleographo do Archivo Nacional da Torre de Tombo. Em 28 de Junho de 1902 foi despachado primeiro conservador desse estabelecimento, cargo que ainda exerce conjuntamente com o de professor de Paleographia. Pertence á Academia das Sciencias de Lisboa, onde é socio correspondente, á Associação dos Archeologos, á Sociedade de Geographia e á Sociedade Portugueza de Estudos Historicos. Tem publicado numerosos artigos na *Revista Lusitana*, *Archeologo Portuguez*, *Boletim de 2.ª classe da Academia*, *Tradição* (do Serpa), *Boletim das Bibliothecas e Archivos*, *Archivo Historico Portuguez*, *Revista de Historia*, etc. As suas publicações são as seguintes: *Alguns sellos antigos do concelho de Santarem*; *Nomes de pessoas e nomes de logares*; *Um inventario do sec. XIV*; *Dois frag. de uma vida de S. Nicolau*; *Docs. relativos aos Açores*; *As cartas do P. Antonio Vieira*; *Doença e morte de D. Pedro II*; *Documentos de Varrão*; *Os de Vasconcellos*; *Os escravos*; *Os antepassados do Marquez de Pom-*

bal; Livro dos bens de D. João de Portel, precedido de uma noticia historica por Braamcamp Freire. Estão esgotados O territorio de Anesia; Os antepassados de Camillo.»

À Commissão de Historia, relator o sr. dr. Clovis Bevilacqua.

Proposta — «Tenho a honra de propor para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o cidadão portuguez David de Mello Lopes, professor e membro da Academia das Sciencias. Julgo excusado encarecer nesta proposta os altos serviços por elle prestados ás sciencias historicas e linguisticas da raça portugueza.

«Arabista notavel, formado no Curso Superior de Letras, de Lisboa, e na École des Hautes Études, de Paris, actual professor de Litteratura franceza na Faculdade das Lettras de Lisboa, e membro das Comissões Academicas de Orthographia e Dictionario da Lingua e do Centenario de Centa e de Alfonso de Albuquerque, David Lopes tem a sua biographia e bibliographia magistralmente feitas por Sousa Viterbo, no Instituto de Coimbra, vols. 52.º (1905) e 53.º (1906) a pag. 551 (do 1.º) e 241 (do 2.º)

«Delle remetto, como base da candidatura, exemplares de algumas obras que ao auctor foi possivel, a meu pedido, offerter á illustre corporação scientifica do Rio de Janeiro.

«Egualmente envio a nota juncta, biographica e bibliographica do candidato, entendendo que o Instituto Historico muito se honrará tendo por seu socio correspondente este estudioso, dedicado e proficiente servidor das lettras e das sciencias historicas e da linguistica da grande familia portugueza.

«Lisboa, 3 de Agosto de 1912. — O commissario geral do Instituto em Portugal, *Victor Ribeiro*, socio correspondente do Instituto.

«Confirmamos a proposta do nosso consocio Victor Ribeiro. Rio, 23 de Agosto de 1912. — *Max Fleiuss*. — *Augusto de Lima*. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*.

Bibliographia de David Lopes:

1892. *Extractos da Historia da conquista de Yoman*. — Congresso de Orientalistas. 1 vol.

1897. *Textos em aljamia portugueza*. Centenario da India. 1 vol.

1897. *Chronica dos reis de Bisnaga*. Centenario da India. 1 vol.
1898. *Historia dos Portuguezes no Malabar por Zinadim*. Centenario da India. 1 vol.
1900. *Alexandre Herculano, Antonio Caetano Pereira e a batalha de Ourique*. 1 broch.
1902. *Toponymia Arabe de Portugal*, uma broch.
1905. *Trois faits de phonétique historique arabico-hispanique*. 1 broch.
1911. *Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano*. 1 vol.
- À Comissão de Historia, relator o sr. dr. Escragnolle Doria.

Nada mais havendo a tractar, o sr. presidente declara encerrada a sessão, ás 4 1/2 da tarde.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

ANNEXO

(Discurso pronunciado pelo sr. conde de Affonso Celso, presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ao inaugurar, na sala da Directoria, a 15 de Agosto de 1912, o retrato do visconde de Taunay)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO diz que si a inauguração do retrato do visconde de Taunay precisasse de justificação, esta houvera sido feita, da mais completa e eloquente maneira, nos dous admiraveis discursos que acabam de deliciar o Instituto, na sala das sessões.

« Nos tres quartos de seculo de existencia que conta o Instituto, numerosas vezes figura, com egregio rolêvo em seus annos, o nome de Escragnolle Taunay.

« Por occasião da posse do dr. Escragnolle Doria, referiu-se

elle, com legitimo e nobre desvanecimento, a varios parentes seus, membros prestantes do Instituto.

« Poderia ter alongado a extensa lista que apresentou, si além de nossos consocios quizesse recordar, oriundos da mesma estirpe, outros illustres operarios da grandeza brasileira, em todos os ramos da actividade social. A familia Taunay, em suas varias ramificações, é uma das que na Roma antiga se chamaria uma familia consular — uma familia genuinamente aristocratica, dando a este vocábulo a sua significação etymologica, da palavra grega *aristos* — o melhor.

« E da familia Taunay ninguem mais se destacou entre nós do que Alfredo d'Escagnolle Taunay, visconde de Taunay.

« Esmerou-se a natureza em congregar nelle os mais peregrinos predicados: varonil belleza, dom artistico, capacidade scientifica, qualidades de orador, escriptor, parlamentar, estadista, de par com uma juvenillidade de espirito e de coração muito acima do commun.

« Alfredo d'Escagnolle Taunay bateu-se denodado contra inimigos da patria, escreveu livros immortaes, compoz musicas deleitosas, leccionou numa escola superior, administrou provincias, propugnou no parlamento e na imprensa os mais levantados e humanitarios ideaes, deixando uma obra tão vasta e variada, quanto opulenta de valor litterario e moral.

« No Instituto exerceu, com a costumada distincção, elevados cargos; as paginas da *Revista* e a *Arca de sigillo* guardam preciosos documentos da sua competencia e idoneidade.

« De si proprio dizia elle, com verdade e justiça, que tinha duas azas para levar sua memoria ás gerações vindouras: *Retirada da Laguna* e *Innocencia*, esses dous lidimos primores que já receberam consagração universal.

« Rendendo especial homenagem ao visconde de Taunay, no dia em que o seu digno filho e continuador tomou assento no Instituto, quiz este tornar a cerimonia tocante e significativa, mostrando, ainda uma vez, quanto preza as tradições, a herança intellectual, os vultos notaveis do paiz.

« É um tributo de admiracção, reconhecimento e saudade.

« Quem, como o presidente do Instituto, teve a fortuna de

conviver com o visconde de Taunay, attestará sempre que elle foi uma dessas individualidades de escóla, que honram uma nação, uma epocha, uma raça.

« Convido, exclama o orador, a distinctissima nora do extinto, a ex.^{ma} esposa do sr. 1.^o tenente da armada Raul de Taunay, a commigo desvendar a formosa effigie do visconde de Taunay, certo de que toda a avultada e preclara assistencia vai reverente inclinar-se ante a evocação de tão grande alma ! »

(Applausos e vivas prolongados).

6.^a SESSÃO ORDINARIA, EM 22 DE SEPTEMBRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 3 horas da tarde, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios : conde de Affonso Celso, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Gastão Ruch, dr. Luiz Gastão d'Escagnolle Doria, conselheiro João de Sá Camelo Lampreia, dr. Alberto Rangel, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, major dr. Liberato Bittencourt, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão e dr. Pedro Souto Maior.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA (2.^o secretario interino) lê a acta da sessão anterior, a qual é, sem discussão, unanimemente approvada.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (1.^o secretario interino) lê o seguinte expediente, depois de haver declarado que o sr. Max Fleuss, 1.^o secretario perpetuo, deixa de comparecer á sessão, visto haver solicitado e obtido licença por tempo indeterminado :

— Cartas do dr. Henrique Cesidio Samico offerecendo ao Instituto, por intermedio do sr. conde de Affonso Celso, duas bengalas que pertenceram uma ao marquez de S. Vicente e outra ao barão de Loreto.

— Carta do socio correspondente dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho, nos seguintes termos :

« France — Avenue des Vignes 2 — Coteaux de Saint-Cloud — Seine et Oise, 27 de Agosto de 1912. — Illustre consocio sr. Max Fleuss. Tenho em meu poder sua carta de 8 do corrente.

« Sabia pelo nosso amigo dr. Affonso Taunay que eu ia ter a honra de ser proposto socio correspondente do Instituto, mas ignorava absolutamente que delle já fazia parte.

« Devo-lhe a noticia agradável e muito lh'a agradeço.

« Corri ao consulado para buscar o officio annunciador e tomar conhecimento do parecer do dr. Ramiz Galvão. Um e outro empenho foram satisfeitos.

« Queira transmittir ao salão relator o meu reconhecimento pelos conceitos altamente lisongeiros com que julgou os meus subsídios para o nosso passado.

« *Carta geographica.* — Não posso nada fazer de melhor do que expôr o parecer do sr. Gabriel Marcel, expresso nas sessões de 5 e 19 de Novembro de 1897 da Sociedade de Geographia, acerca da carta cuja photographia lhe mandei. O sr. G. Marcel é conservador da Bibliotheca Nacional de Paris e adquiriu a carta no leilão de um inglez. Entende que ella é anterior a 1517, porque si fôra posterior não deixaria de mencionar o rio de Solis, allás indicado, em razão dos descobrimentos deste navegante haverem sido assignalados por occasião da noticia do seu fim tragico, o não era licito a um cartographo ignorar-lhos. E acrescenta que, em virtude de certas coincidencias, que desgraçadamente não menciona, suppõe ser a carta de 1514.

« Ch. de la Roncière, outro conservador da Bibliotheca Nacional de Paris, a reproduz em ponto pequeno com a seguinte indicação — *Le Brésil vers 1520*, no volume 111, pagina 280, da sua *Histoire de la Marine Française 1906* — Librairie Plon, Paris).

« Nada sei de Cartographia, mas me parece fôra de dâvida que é anterior a 1538 por não designar o rio Maranhão e a ilha de S. Luiz, tornados celebres com o desfercho da donataria de Aires da Cunha, do feitor da casa da Índia e do thesoureiro-mór do reino. Noto que tambem ahi não figura a obra de Diogo Leite, visitada em 1531. Será a primeira carta do Brasil escripta em portuguez? Deixo a resposta aos eruditos.

« A carta é colorida, e Gabriel Marcel julga *veritable artiste celui qui a su si finement dessiner ces admirables miniatures.*

« Com os agradecimentos receba os protestos de sympathia do consocio ao seu dispôr.—*Manuel Emilio Gomes de Carvalho.*»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) agradece, em nome do Instituto, as valiosas ofertas dos d^{rs}. Samico e Gomes de Carvalho, lamentando, ao mesmo tempo, também em nome do Instituto, a ausência do digno sr. secretario perpetuo.

O mesmo SR. 1.^o SECRETARIO INTERINO, continuando a leitura do expediente, dá conta da remessa ao Instituto, por parte de s. a. r. o sr. conde d'Eu, presidente honorario do Instituto, de um livro da lavra de s. a. r. intitulado *Journal d'une Promenade autour du monde en 118 jours*, e bem assim da remessa dos livros de s. a. i. e r. o sr. d. Luiz de Orleans Bragança, socio honorario do Instituto, intitulados *Sous la Croix du Sud, Terre d'Afrique* e *A Travers L'Hindo-Rush*. — Intelrado, agradece-se.

Logo depois o mesmo sr. 1.^o secretario interino lê a seguinte proposta de orçamento para o anno social de 1913, com o parecer favoravel da Comissão de Fundos e Orçamento :

« Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1912. — Ex.^{mo} sr. presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — De conformidade com o § 6.^o do art. 38 dos Estatutos, tenho a honra de apresentar a v. ex.^a o projecto de orçamento para o anno de 1913, a fim de que v. ex.^a o mande submeter á Comissão de Fundos e Orçamento, que emitirá o seu respeitavel parecer, nos termos do § 2.^o do art. 43.

PROJECTO DE ORÇAMENTO PARA O ANNO DE 1913

Receita

Subvenção do Congresso Nacional	20:000\$000
Juros de apolices	6:400\$000
Quotas beneficiarias da Companhia de Loterias Nacionais (computando cada conto de réis em 409\$000)	9:816\$000
Anuidade de Socios	720\$000
Venda de <i>Revistas</i>	— \$ —
Total	36:936\$000

Despesa

Pessoal	18:280\$000
Impressão da <i>Revista</i>	2:400\$000
Acquisição de livros	2:400\$000
Encadernação	2:400\$000
Expediente (despesas miudas, sellos para o exterior, etc.)	1:800\$000
Eventuaes (para pagamentos diversos, cópias e ou- tros)	9:656\$000
Total	36:936\$000

O primeiro secretario interino, *Gastão Ruch*.

À Comissão de Fundos e Orçamento, sendo relator o sr. dr. Clovis Bevilacqua. — 18 de Setembro de 1912. — *Conde de Affonso Celso*, presidente.

— A Comissão de Fundos e Orçamento nada tem a oppôr á proposta de orçamento apresentada pelo digno sr. primeiro secretario, ficando, desde já, abolidas quaesquer gratificações. — Rio de Janeiro, 12 de Setembro de 1912. — *Clovis Bevilacqua*, relator. — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho*. — *Jesuino da Silva Mello*.

O SR. PRESIDENTE põe a votos o mesmo orçamento com o respectivo parecer, sendo ambos approvados unanimemente.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) communica ao Instituto que se acha sobre a mesa uma interessante noticia acerca do eclipse solar de 1864.

« Tal eclipse, nessa data, foi observado pelo então 1.º tenente da armada nacional A. von Hoonholtz, hoje almirante barão de Teffé.

« Os calculos do 1.º tenente Hoonholtz, em 1864, commandante da canhoneira *Araguary*, que um anno mais tarde devia conduzir á victoria em Riachuelo, foram plenamente corroborados pelo celebre hydrographista Mouchez, que, em 1864, a bordo

de um navio de guerra francez, proceffa a estudos de sua especialidade, nas costas da provincia de Sancta Catharina.

O SR. PRESIDENTE congratula-se com a marinha nacional e com o Instituto pelos glorias scientificas do sr. barão de Teflé, reverdecidas com a observação do eclipse solar do mez proximo, a ser observado em Passa Quatro, pelos sabios do mundo inteiro.

O SR. 2.º SECRETARIO INTERNO procede á leitura da noticia a que se referiu o sr. presidente, como homenagem ao sr. barão de Teflé.

Em seguida o sr. 1.º SECRETARIO INTERNO communica achar-se na sala da directoria o novo socio sr. capitão-tenente Raul Tavares, que vem tomar posse do seu logar de socio effectivo.

Pede por isso ao sr. presidente a nomeação de uma commissão para o introduzir no recincto.

O SR. PRESIDENTE designa para tal fim os srs. 1.º e 2.º secretarios interinos.

(Dá entrada no recincto, presta o compromisso dos Estatutos e toma posse de sua cadeira de socio effectivo o sr. capitão-tenente Raul Tavares).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) concede a palavra ao novo socio sr. capitão-tenente Raul Tavares, o qual pronuncia o seguinte discurso:

«Sr. presidente: minhas senhoras: meus senhores: — Entrando hoje neste recincto augusto, por onde tem passado uma pleiade de homens sãos e valerosos, deixai que vos diga, experimento uma sensação de pequenez e de incredulidade, por me achar, agora, entre vós, no sereno acconchego da vossa extrema bondade.

«Nada me commove mais, porque nada pôde commover mais o homem do que sentir-se o eleito entre os homens que se agitam em uma esphera afastada da rudeza e da vaidade material do mundo. Ah! vão desabrochar todas as illusões, outr'ora estioladas pelo effeito de uma inopia de seiva e de um empobrecimento de força.

«Sinto, ao vos abrir minh'alma, a sinceridade e a expressão verdadeiras do que penso e do que digo.

«Si a minha maior ventura, senhores, não foi essa de aqui

estar, esta, entretanto, foi das que mais me tem calado no animo, maximamente agora, que um vazio profundo eu sinto que se abriu aqui, e pelo qual estas envoltos no crepe de uma saudade infinda, de uma saudade viva, pelo desapparecimento de homens da estatura moral do visconde de Ouro Preto e do barão do Rio Branco.

« Bem sei que homens como esses não nos pertencem, por pertencerem antes de tudo á Historia; mas o que nos consola é a certeza de que os ensinamentos, deixados nas suas paginas indeleveis, sempre nos hão de fortalecer, sempre nos hão de acalantar com os seus conselhos e os seus exemplos.

« Horas bem amargas, senhores, temos curtido nestes derradeiros mezes de infortunios e incertezas; e a lembrança daquelles vultos varonis é como um aculeo que nos penetra fundo, é como uma chaga a sangrar eternamente.

« Cada recordação é um punhado de flores olorosas, que vão enrubescendo pela nossa estrada, sob nossos pés.

« Resta-nos, porém, a esperanza de que elle's mais do que ninguém hão de nos governar, guiando os nossos passos incertos e duvidosos pelo roteiro seguro do seu magnifico e inapagavel exemplo.

« Nas suas campas devemos pôr a nossa Fé, a nossa Crença, o nosso Idéal.

« Lá, scintillam conselhos duradouros, que tão sómente elles nos poderiam fornecer. Mas, si nos mysterios do Além mergulharam, mais vivos estão os seus passos, mais vibrante se nos afigura a sua vida. Consolemo-nos, pois! Sim, senhores, porque homens, como o barão do Rio Branco e o visconde de Ouro Preto, não morrem! Sustentam impassiveis os embates e as procellas sempre erectos á posteridade; as suas memorias os salvam do esquecimento, e atravessam as ruinas impavidos e triumphantes como os heróes de Horacio: « *Ferient impavidum ruinas.* »

« Desculpae, si com mãos rudes quiz escalar tão altas regiões e tecer corôas de louros.

« Tenho consciencia, todavia, de que obrando dest'arte não desmereci de vós, nem da Historia, que eu amo, porque não fugi á Justiça.

« Grande, senhores, é ella quando sincera, embora sem atavios de Rhetorica; falla e pretenciosa, quando desleal, embora burilada e cheia de adornos litterarios.

« A luz que guiava o divino poeta da Renascença italiana, deante dos porticos sombrios do Inferno, illumina-me agora de sua sabedoria. E, por isso, torna-se-me necessario repetir-lhe o alto lemma:

« *Justizia mosse il mio alto fattore* ». Essa, senhores, consoante o asserto d'alguem que ainda não errou entre nós, deveria ser a fonte perenne de todos os principios da nossa Ethica, o bebedouro commum de todos os systemas, de todas as crenças, de todas as virtudes, pois que ser justo é ser, antes de tudo, elevadamente virtuoso.

« A Justiça é a maior e a mais profunda de todas as virtudes; Historia sem Justiça, é como um templo sem amor.

« Nella se deve calcar a Historia; della se deve impregnar até á medula a alma do historiador.

« Malaventurados aquelles que acreditam enganar a posteridade, faltando com a Justiça á Historia

« A Justiça é a Verdade, e esta é elemento tão essencial á Historia que alguem já escreveu: *para o philosopho, como para o poeta, a moral não deve prejudica-la.*

« Vêde, si no tempo da encanecida Rhetorica dos sophistas gregos havia Historia! E por que? porque faltava-lhes sinceridade, faltava-lhes a verdade, estatelada nos topos de uma collecção de imagens exóticas. Si, ao depois de mais reflexão e menos demagogia, pôde-se construir characteres destruindo-se lendas, foi porque, no dizer de Montanus, a Historia saiu das sombras para se mostrar ao sol.

« Na immortal Hellade, patria das artes e da sciencia no Occidente, a Historia corria parelha com os mais inacreditaveis mythos e as mais inverosímeis lendas.

« Vêde Hellena, que ora passeava de carne e osso entre as muralhas de Troia, entregue aos amores de Paris, ora era reconquistada por Meneláo em terras do Egypto. Ora o proprio Euripides morria dilacerado pela furia das mulheres, como outr'ora Orpheu pelas Bacchantes, ora fallecia lastimavelmente roído pelos

ções da Macedonia. E versões desta ordem corriam empanando e desmerecendo a verdade historica a ponto de a confundir com os mysterios de Eleusis e os sacrificios de Delphos. Entretanto, quando a idéa do justo se fez sentir, deixando as abstracções, fugindo aos dogmas e aos ritos, pôde-se afirmar como soberana verdade a Historia e como desprezível mentira a Legenda. Já o grande espirito de Emanuel Kant exclamara: *com a morte do dogma começará a Moral*. E Gallien sobre dizer o seu immortal e *pur si muove* houvera previsto que *a sciencia terá vida e força com a morte do dogma*.

« Na antiguidade, portanto, a Historia poderia ter sido escripta elegantemente, os factos narrados com summa eloquencia; mas, a Historia era parcial e não geral, narrativa e não profunda. Militarmente, escreven-a Cesar; oratoriamente Tito Livio; politicamente Thucydides; descriptivamente Xenophonte; litterariamente Sallustio; Tacito moralmente. Só Polybio percebeu-a na miragem dos seus largos horizontes, mas infelizmente faltou-lhe o genio e a epocha para mostrar como deveria ser no futuro.

« Na idade média, apenas conhecemos chronistas, dentro elles Fernão Lopes, em Portugal. No seculo xvi, sendo o da reaccção litteraria do classicismo, todos os estudos, todavia, convergiram para a Grecia e para Roma, dedicando-se os historiadores aos systemas e crenças religiosas. Entretanto, surgem vultos geniaes como Machiavelli, Gibbon, Hume, Vico o Bossuet, que se dedicaram á politica, á Philosophia, convergindo Vico para a divindade, Bossuet para o catholicismo.

« Todas essas historias teem o seu valor. Mas a verdadeira historia, senhores, pertence ao seculo xix, seculo das luzes, de vastos horizontes, mixto de glorias e luctas immortaes, de idéas e principios eminentemente civilizadores; seculo que veio usufruir das doutrinas semeadas no seculo xviii, moraes e philosophicas de Voltaire, Montesquieu, Rousseau, tres astros no céu universal da França, o centro do systema evolutivo de onde irradiou a luz illuminando a intelligencia humana, com os *direitos do homem*, o *espirito das leis* e o *contracto social*. Contudo, senhores, espiritos ha, para os quaes o progresso faz o effeito do sol que illumina e deslumbra.

« Agassiz assim condensou o que repetem os misonicistas: *« Toutes les fois qu'un fait saisissant se produit dans la science, les gens disent d'abord ce n'est pas vrai, ensuite c'est contraire à la religion et à la fin il y a longtemps que tout le monde le savait. »* É por isso que a missão delicada, em cuja observância está a pureza do espirito historiador, é sobretudo contrária ao contacto das correntes polarizadoras das falsas historias e dos atavios da Rhetorica. E de toda a historia, a que mais demanda esse afastamento sensível e radical, quanto indispensavel e necessario, é, sem duvida, a historia militar.

« Imaginae, por instantes, si Thiers, escrevendo, emprestasse á Revolução Françeza os ademanos com que a entreteceu Carlyle! Com certeza claudicaria na palavra e na consciencia, e a *virtus dormitiva* de Sganarello faria em pouco tempo a obra do esquecimento. Do mesmo modo, si o artista do *Consulado e do Imperio* transplantasse na colheita dos factos a semente irresistivel do grande isonista dos — *Heroes* —, a posteridade já lhe houvera vestido as roupagens de Monchausen.

« Que seria, pois, do maior genio das pugnas terrestres? Desse Napoleão que fez surgir a miragem deslumbradora dos tempos do Annibal, a historia dos seculos, cheia de estímulos e de incitamentos, vitalizada pela resurreição de heroísmos extinctos, transfundindo na alma de seus guerreiros, por entre aquella allocução concisa, simples e enérgica, e passada pelo brilhantismo pujante da eloquencia italiana e echoada nos monumentos sarcophagos dos Pharões:

« Do alto destas pyramides, quarenta seculos vos contemplam. »

« Que dizer de Nelson, o genio das pugnas navaes, o vencedor de Aboukir, de Copenhagen e de Trafalgar, o heroe de St. Vicente de Calvi e de Tenerife? Que julgar de Togo, si a verdade historica não predominasse no espirito honesto de alguns historiadores que já se tem occupado da sua vida e das suas victorias inauditas, nessa guerra « ultra-napoléonica » a que acabamos ha pouco de assistir? Não teriamos, com certeza, um Napoleão *manqué*, um Nelson completamente cego e um Togo de rabicho e *kimono*? Entretanto, historiar é imprimir no seio da verdade,

que se desnuda, a verdade que se adorna; e para adorna-la é mister que se não falseiem a austeridade e a singeleza; historiar é construir em bases solidas, é levantar edificios firmes, providos de fixidade e não imaginar columnas doricas de capitel doirado, na fragilidade das architecturas de filigranas.

« Historiar, portanto, » é comprehender as bellezas naturoes « que os factos encerram, é desenhar os homens como elles foram, como elles são, amando-os de tal maneira que nada se lhes « deve acrescentar além da exacta reprodução delles, com a « perfeição da arte de os pintar, de os narrar, descrevendo-os « minuciosamente, em uma ordem intelligente e facil, nobre e « austera, pura e simples. » E isso porque a *Historia é de todas as produções do espirito a mais pura, a mais costa, a mais severa e ao mesmo tempo a mais humilde*. Não vos assevero, entretanto, que a historia é uma sciencia, como queria Alexandre de Humboldt, mas o historiador deve ser um cientista.

« Para tanto se lhe faz mister uma somma encyclopedica de noções gernas, allada a um conhecimento perfeito da arte. De posse desses principios, abeira-se da Philosophia que ao sabor dos Shopenhaueranos, não é tão somente o conhecimento de accordo com o principio da razão, mas um producto do mais alto grau das faculdades humanas. E, sobretudo, a Philosophia, a sciencia das sciencias, deve ser o pharol que tem de illuminar a Historia, como outr'ora os nautas tinham por unico guia os brilhantes encastoados no céu, e com elles, a fé e a religião dominavam obstaculos e vinham em busca de novas terras. E enquanto a Philosophia atravessa orgulhosa estradas e estradas, seculos e seculos, em uma horizontal indefinida em busca de um fim, o outro elemento indispensavel na Historia, a Arte, despeja-se por sobre ella como a luz do sol, sem tempestades, em mil turbilhões, plácida, tranquillia, submissa. Goethe, no *Espelho da Musa*, poz em destaque as revoluções da sciencia, representadas na caudal de um rio e a placidez da Arte gravada no quietismo de um lago.

« Desejosa de se enquirilandar, a Musa percorria, ao dealbar, « o curso de um rio, procurava o recanto mais calmo. Todavia, « buliçosa e espumarenta, a superficie fluctuante desfigurava, « incessantemente, a imagem incerta. Virou-se a deusa, irritada.

« Então, o rio entrou de ridicularizá-la, dizendo: « Sem duvida « tu não podes observar a Verdade, tal qual te mostra o meu espelho na sua pureza. Entretanto, já estava longe a Musa, mi-rando-se no lago, possuída de sua belleza e arranjando os seus « atavios. »

« Arte, não se comprehende esposada com artificios: delles se divorcia como o Hymalaia das dunas. O artista obra com elegancia, o artifice com opulencia burgueza. É como um dedo de homem cheio de aneis. Um recolhe mais tintas, côres suaves como as indica a Natureza; o outro carrega nos tons, avermelhando tudo, encenegrecendo tudo.

« Assim, o artista escreve e o artifice escrevinha. Arte e sciencia, o que vale dizer — elegancia e verdade — são os elementos com que se exercita o historiador, para investigar os factos, colorir as epochas, pintando a austeridade das physionomias ou o ridiculo dos characteres.

« Graças, portanto, ao sublime amor pela Verdade, que tanto distinguio e immortalizou Voltaire e Montesquieu, Bossuet, Renan, Faine, Michelet, Lamartine, Thiers, Henri Houssaye e tantos outros, podemos hoje aquilatar do verdadeiro valor dos grandes vultos que encheram os seculos de exemplos de abnegação, patriotismo e altivez, escrevendo com o heroismo e a intelligencia paginas e paginas da Historia da humanidade.

« A Historia do mundo, no pensar de Carlyle, é a Biographia dos grandes homens. E todos nós sabemos quanto é difficil lhes conhecer profundamente o character. Mas, ahi é que o papel do psychologo finissimo e atlato se revela herculéo e soberano. E para nós, é na Historia Militar, onde mais essencial se faz o exercicio constante da Psychologia, para se poder pintar com verdade, entre as contingencias das batalhas, os homens que as batalharam.

« Além disso, o estudo da guerra no tempo e no espaço, ou, melhor, o estudo do phenomeno da guerra, requer um cultivo especial do espirito, um conhecimento bem amadurecido das sciencias abstractas, sobretudo da Sociologia — sciencia sem fronteiras — que, infelizmente, não são familiares a muitos dos nossos historiadores militares.

« Basta encarar a guerra sob o ponto de vista politico-social. Si não houver idéas bem assentadas, juízo formado e firme das escholas philosophico-sociaes que a explicam, que impressão, por exemplo, tereis dos philosophos theistas, mostrando-nos a guerra como um facto providencial, succedendo-se na terra pela divina vontade do Ente Supremo ?

« Que impressão não tereis dos chamados *humanitarios*, tentando mostrar que a guerra é illicita, e que não procede da natureza humana, mas da malvadeza do homem ?

« Como julgar os *panegyristas* da guerra, estudando-a com visos utilitarios, proclamarem, *que a guerra é a fonte de todo o progresso humano* ?

« Que eschola seguireis, que partido abraçais, nessa contróversia absoluta ?

« Imaginae, portanto, o historiador sem esses conhecimentos superiores da Sociologia e, principalmente, da Psychologia. Teremos historia sim, mas historia que narra simples e puramente os factos, sem cogitar das epochas e dos homens que os produziram. Entretanto, senhores, os effeitos de um successo, principalmente do successo militar, são o resultado mathematico, immanente de causas todas moraes.

« Thomaz Carlyle, apesar de ser um dos maiores isonistas, era sem dúvida, como Nietzsche, profundo pensador. Na sua — *A Revolução Franceza* — elle já dizia que « os acontecimentos e os successos não são mais do que festas de costumes », como que affirmando não serem elles sinão consequencias immediatas, implicitas e inseparaveis do estado social que os produziram. Historiar, em ultima analyse, sem penetrar fundo no amago dos acontecimentos, estudando os homens e a atmospheria moral-social que respiram, será o que quizerem, menos historiar. E esse estudo é tanto mais essencial quanto se sabe que em guerra os tres quartos das probabilidades da victoria dependem das condições moraes, um quarto apenas das materiaes. Não é o fraco e humilde orador que isso assevera, mas o astro maior que illuminou a sciencia e a arte da guerra — Napoleão Bonaparte.

« Mas já o archiduque Carlos dizia : « que a guerra não é officio para ignorantes. » E tinha bem razão. Por isso, em todas

as epochas, a intelligencia e a moral, isto é, a mente e o character, foram os factores sem os quaes não ha victorias.

« Na historia das guerras, salvo como excepção de regra geral, encontrareis generaes mediocres vencendo batalhas. Occorre-me agora Waterloo, sobre a qual Victor Hugo escreveu este epigramma celebre: *Uma batalha de primeira ordem ganha por um general de segunda*. Entretanto, não bastam generaes de primeira ordem para que se façam victoriosas as batalhas. É preciso que o espirito militar da nação em armas seja de facto muito elevado para que se não repita o epigramma de Victor Hugo.

« Dragomiroff, escriptor militar dos mais notaveis, no seu — *Manual para instrução das tropas em combate* — faz a seguinte declaração: « Si o fim da arte da guerra é o conhecimento perfeito das propriedades dos elementos militares, si o mais importante entre elles é a energia moral do homem, resalta evidente quanto seja immensamente necessario procurar desenvolver energia, reforçando-a o mais profundamente possivel. » Accentuando mais o seu pensamento, diz ainda: « Si a elasticidade moral, no senso puramente militar, representa parte tão importante na formação do soldado, conclue-se que se devem empregar todos os esforços em tempo de paz para desenvolver no maximo grão essa qualidade.

« Si, pois, senhores, o elemento moral tem tão elevado significado, elle mais se manifesta na guerra naval, onde intervallos de tempo se contam por segundos, dadas as grandes velocidades dos novos elementos de combate. O estado moral das guarnições a bordo, nos limites estreitos de um navio, onde o contacto ás vezes demasiado, a promiscuidade em certas occasiões, concorrem para crear attrictos prejudiciaes, depende grandemente da relação intima que deve existir entre todos os homens na esphera dos seus deveres militares.

« Cumpri os vossos sem vos immiscuireis nos alheios deveres e tereis essa engrenagem psychologica, docil, difficil, maleavel, chamada marinha de guerra.

« Mas, senhores, o dever só fructifica, cria raizes e se exerce quando ha confiança no direito, certeza na justiça e amor á equi-

dade. Do contrario, em vez da iniciativa e do valor moral-militar, teremos a tibieza e até a falta de confiança em si proprio. E si observamos esta verdade em tempo de paz, a differença será fatal em guerra, onde tudo depende dos successos e das perdas. Na historia da marinha á vela encontrareis um facto que bem define que o maior factor do espirito militar é a justiça militar.

«A batalha de Toulon, em 1744, notavel pela coincidência de terem respondido a conselho de guerra os dous chefes das esquadras belligerantes, franceza e ingleza, nos dá exemplo frisante do valor moral da justiça. O vice-almirante inglez Leztock, que commandava a retaguarda, foi accusado de não ter participado da batalha. Mas o conselho, ouvindo as suas desculpas, decidiu que, segundo as ordens recebidas, estava elle justificado por não ter obrigação alguma de deixar a sua posição sem que o signal — ataque o inimigo — lhe houvesse sido feito. O commandante supremo, almirante Mathews, accusado de haver rompido a linha de fila, deixando a sua posição, embora esta manobra fosse precisamente para atacar, foi julgado pelo conselho inhabil no commando e condemnado á degradação.

«A conducta, senhores, do vice-almirante Leztock, na batalha de Toulon, foi, ninguém o contesta, crimínosa! Entretanto, foi absolvido pelo conselho, formado por seus pares, só porque se havia apegado á existencia de uma carta dando-lhe ordens. Por seu lado, o almirante francez De Court foi exonerado do mando. Clerk, grande escriptor e psychologo inglez, commentando esses factos, nos diz que a condemnação do almirante Mathews foi a origem de todos os desastres mais tarde soffridos pelas esquadras britannicas. E o acatado escriptor, na sua obra *Batalhas navaes da Inglaterra* escreve: «A sorte do almirante Mathews é sem duvida extremamente injusta e parece haver produzido tal impressão sobre o desgraçado Byng que este se fez quasi pasilanime ao atacar mais tarde o inimigo, com receio de ficar separado da sua retaguarda». E um notavel commentador da obra de Clerk, com finissima ironia, acrescenta: «e para que um pouco mais de energia, verdadeiramente britannica, penetrasse no animo da marinha, achou-se necessario fuzila-lo, como o espirituoso Voltaire disse — *para encorajar os outros*.

•

« Alfredo Mahan, por seu turno, faz em nota as seguintes considerações:

« Não existe, na moderna Historia Naval, nenhum ensinamento mais salutar para os officiaes de marinha do que o resultante da batalha de Toulon. » No seu pensamento, a lição está no perigo de uma queda deshonrosa, a que estão sujeitos todos aquelles que se teem exquecido de se preparar na paz, não só sobre os conhecimentos da sua profissão, como ainda sobre as necessidades de um variado cultivo do espirito philosophico.

« A média dos homens não é covarde nem ignara, mas nenhum possui, dada pela natureza, a faculdade essencial de discernir o que se deve fazer de mais producente no momento critico.

« Ganha-se essa virtude sómente com a experiencia e a reflexão, funções implicitas do desenvolvimento intellectual adquirido na practica incessante em manusear a historia dos grandes homens com amor e dedicação. Si esses dotes faltam, é irremediavel a indecisão, já porque se não sabe o que fazer, já por se não comprehender qual o sacrificio, que a nós proprios se nos impõe. De um dos commandantes condemnados após a batalha de Toulon se disse: « Nenhum outro teve reputação mais bella e honrosa antes da desgraça que manchou irreparavelmente o seu nome. Muitos dos seus contemporaneos, altamente collocados na estima publica, não puderam comprehender, antes dos factos bem estabelecidos, que um homem do valor do commandante Burroughs houvesse podido se conduzir de um modo tão covarde. Elle contava 25 annos de importantes serviços á Patria, dos quaes 11 no mar como commandante de navio. Tambem Richard Norris, que desertára para não responder a conselho de guerra, tinha fama illibada. »

« Esses factos, senhores, levaram a marinha ingleza pelo caminho inevitavel das mais cruéis provações. Em tempo, porém, a Inglaterra reconheceu o grave e damnoso processo de fazer justiça, de educar as suas forças navaes arbitrariamente, aterrorisadoramente, e procurou na confiança das leis, no amor á equidade, no respeito reciproco de officiaes e praças, e chefes e sub-chefes, esperar melhores resultados. Foi já sob o imperio da Justiça que lord Jervis pôde escapar da sorte, que o aguarda-

ria em outra epocha, quando, em 1 de Dezembro de 1796, tendo reunido no porto de Gibraltar 15 navios, em 6 do mesmo mez perdeu tres delles, arrojados em alto mar por effeito de um temporal, naufragando um e ficando outro completamente desarvorado.

« Pouco depois, ao se dirigir a Lisboa, lord Jervis perdeu dous outros e ainda ao deixar o Tejo teve de lamentar o naufragio de mais um.

« O Almirantado, porém, cujos processos de administrar haviam passado por uma transformação radical, em vez de mandalo fuzilar por ter perdido um terço da sua esquadra, apressou-se em enviar-lhe mais navios. Em 14 de Fevereiro, poucos mezes depois, senhores, Jervis batia-se heroica e habilmente em S. Vicente, dando á Inglaterra uma victoria estrondosa.

« Não ha negar que muito depende a victoria do ardor, do sangue frio e dos talentos do commandante em chefe. E' notavel, a tal respeito, o facto que os marechaes de Napoleão, apezar de experimentados na guerra, combatiam melhor, desenvolviam mais energia nas batalhas em que Napoleão se achava presente. Comparaes a campanha da Italia com a de Portugal ou a de Hespanha, dirigida por seus marechaes, e chegareis á conclusão de que o reflexo do chefe se projecta sempre intensamente sobre a massa dos combatentes.

« Mas onde não ha justiça, onde não se respira o *Forum et Jus* que fez a grandeza de Roma, onde não se ouve a voz do povo que é a nação, onde, finalmente, impera a vontade soberana das facções, pisando leis, direito, justiça e merito, não ha, não haverá, senhores, nem chefes, nem officiaes, nem força, nem victoria.

« Dahi a explicação para as derrotas russas na guerra contra o Japão; dahi a China soffocada e humilhada deante do Imperio do Sol Nascente; dahi o exterminio da Africa pela Inglaterra, pela Allemanha, pela França; dahi a Turquia vendo fugir a pouco e pouco o seu Imperio colonial, arrebatado, como Cuba á Hespanha, em nome da civilização pela Italia forte o progressista de Vittorio Emmanuel III, o rei liberal que, ao assumir a direcção dos destinos italianos, soube exquecer partidos, luctas, formando

o ministério Zanardelli, modelo patriótico de união inquebrantável entre os grandes elementos dispersos outr'ora, mas que hoje se congregam em torno do imperio, em prol do engrandecimento da bella patria de Cavour e Mazzini.

« Não foi sinão pelos mesmos motivos de cohesão, tolerancia, grandeza moral e força, que o imperio de d. Pedro II, e o Brasil livre e forte dos tempos do visconde do Rio Branco, Cotegipe, Ouro Preto, Dantas, Zacarias e outros, puderam unidos, ermanados pelos mesmos ideaes, esmagar a tyrannia abominavel de Lopez, livrando a civilização latino-americana do exemplo funesto e horripilante do caudilhismo militar implantado naquellas plagas dignas de melhor sorte.

« E' por isso que eu digo, as armas podem transformar-se e com ellas a tactica, mas as mãos que as manejam e os corações que as fazem vibrar, restam inevitavelmente os mesmos. E foi assim que em Trebia, Bragatton approximando-se de Suvaroff, o louco afortunado como lhe chamavam, e notavel auctor da « Sciencia de vencer », pediu-lhe para retardar o ataque até que chegassem reforços, pois não havia mais que 40 homens em cada companhia.

« Suvaroff, immediatamente, respondeu-lhe :

« Mas, Macdonald não tem mais do que 20, ataca immediatamente pelo amor de Deus ».

« Na guerra russo-japoneza facto identico passou-se com o general Oku. Já ia longa a peleja em Nan-Shan e a noite parecia querer envolver os combatentes, quando Oku recebeu do commandante de uma das divisões do seu exercito a noticia de que já não havia mais munição. Sem perder sequer um segundo, Oku ordenou que o general carregasse a bayoneta. Os regimentos seguiram na carga impetuosa, e a batalha pouco depois estava ganha.

« Porventura, senhores, no mar as coisas terão outra feição ? Vejamos como Nelson nos offerece a mais brilhante prova de que a energia moral, a verdadeira energia, é indomavel e irresistivel.

« Muitas vezes, senhores, na administração da marinha, se tem visto almirantes de incontestavel competencia para apreciar

as qualidades dos seus subordinados; mas também visto se tem, e frequentemente, que, ao serem empossados de tal administração, perdem a faculdade de percepção a tal ponto de se verem incapazes de distinguir o merito vulgar do merito excepcional. Foi por uma dessas desventuras que infelicitam uma classe inteira, e quizá a propria Patria, que Nelson, apezar de haver demonstrado rara habilidade e energia em alguns combates nas Indias Occidentaes, se viu entregue ao ostracismo por ser, diziam, um violento, um agitado, um subversivo. Tinha elle 26 annos de idade, e por sua capacidade e bravura era o indicado pelos seus pares que não conheciam a inveja nem o despeito, como o mais capaz para commandar em chefe. Entretanto, escreve Jurien de la Gravière, Nelson era considerado como um espirito irrequieto, agitador, que levantava suspeitas á alta administração, perturbada na sua calma olympica, e esta foi a razão pela qual a alta administração naval ingleza julgou melhor não prestar nenhuma attenção aos talentos sobrenaturaes de Horacio Nelson.»

« Quando em 1788, desgostoso com o que elle chamava « a fadiga da insinção », pediu para embarcar, nem ao menos o pedido do principe Guilherme lhe valeu, porque Herbert, secretario do Almirantado, e o conde de Chatam se oppuzeram tenazmente ao seu pedido. Por fim, Nelson, perdidas as esperanças, procurou passar para a reserva. « Eu estou certo, dizia elle, de « haver sido sempre um official devotado ao serviço e de não ter « jámais commettido um só êrro com consciencia. »

« O Almirantado, senhores, estava convencido de que precisava de homens de energia e de talento para os commandos, mas ao mesmo tempo olhava Nelson como um agitador, como si fosse possivel exercer a energia sem incommodar a muitos! Por fim Nelson foi chamado, e no ataque de Copenhague bem sabeis como sómente devido á sua energia, fingindo não perceber o signal do seu chefe, pôde salvar a esquadra ingleza de um desastre inevitavel.

« São dessa estofa, senhores, que se fazem os homens capazes de se sentarem no vertice do mundo e transformá-lo do infimo ao supremo. Mas eu já tenho abusado muito da vossa bon-

dade. Antes de terminar, porém, permiti, sr. presidente, que mais uma vez eu agradeça do fundo de minha alma a vossa imerecida gentileza, recebendo um apoucado servidor da Patria no vosso placido e subido scenaculo. E esses agradecimentos tão humildes, mas profundamente sinceros, recaem, sobretudo, no dr. Escragnotte Doria, cuja bondade lhe levou a lêr os meus fraquissimos trabalhos, que me deram agasalho entre vós.

« Si delles resultou a honra indevida de estar hoje aqui, não posso atinar qual fosse o merito encontrado. Quer-me parecer, entretanto, que atravez das paginas empobrecidas pela minha inopia, o dr. Doria poudo lobrigar que não os escrevi sómente para a Hespanha, mas principalmente para os Brasileiros.

« Foi em 1902, ha dez annos, quando mal o Brasil saia da sua gravissima crise financeira e economica, que eu o redigi.

« Nas suas paginas transbordava o receio, o panico, a desconfiança, quasi a certeza de que mais não eramos do que mera projecção geographica, olhada pela cobiça da politica imperialista dominante entre as potencias. Eu via atravez o exemplo hespanhol, a derrota, a ruina, a deshonra, desde que o Brasil permanecia indefeso, suas costas escancaradas, seu exercito enfraquecido, sua marinha esphacelada em Campo Osorio.

« Meu ser se revoltava todo ao lembrar-se de que haviamos sido a quinta potencia do mundo, e por todas essas razões o meu patriotismo inspirou o *De Cavite a Santiago de Cuba*, que, si foi recompensado pela Hespanha com a Cruz do Merito Naval, com certeza, senhores, visou mais o Brasil, porque procurava dar o grito de alerta mostrando-lhe que a « oliveira é cultura ephemera nas costas de um paiz indefeso »; que navios se alqueirem, é só questão de mezes e de dinheiro; mas que nenhum dinheiro póde substituir a historia e as tradições de uma marinha, nem cicatrizar as chagas de um aviltamento; que navios se fazem construir do ultimo ao mais aperfeiçoado typo, mas se não fazem nem se fabricam homens para guarnecer-los conscientemente, efficazmente; que sómente dos seus sentimentos, das suas virtudes, do seu moral, sempre fortalecidos e retemperados pela justiça e pela intelligencia da administração, é que elles

attingirão o valor moral preciso para se transformarem em gigantes no dia sublime da victoria.

« Talvez fosse isso, isso só que o illustrado mestre de Historia poudé descobrir como merito no meu tão imperfeito e insufficiente esforço. Mas, senhores, perdoae, si aqui não entrei como triumphador.

« Mas, me sinto bem entre vós! Sempre fui um apostolo do trabalho, um apaixonado dos livros, um fervoroso crente do papel educativo da Historia.

« Militar que sou, nunca pretendi destruir!

« Feliz, portanto, me sinto entre vós, cuja missão excelsa e essencial é construir.

« Convosco quero sómente conhecer as luctas do cerebro; neste remanso do altruismo e intellectualidade, quero tambem brandir a penna, vibrar a palavra; quero convosco folhear uma por uma as paginas grandiosas da Historia, para aprender a luctar sómente com o espirito e a idéa, com a razão e o pensamento, com a verdade e a justiça.

« Tenho concluido.» (*Applausos*).

Respondeu o sr. dr. Benjamin Franklin Ramíz Galvão, orador do Instituto, nos seguintes termos:

« Sr. presidente — Minhas senhoras e senhores — Illustre consocio, sr. capitão-tenente Raul Tavares — Representante esclarecido de uma nobre classe, na qual o Brasil tem contado servidores de altos predicados intellectuaes e moraes, e o nosso Instituto galhardos tratalladores da ordem de Augusto Leverger, Costa Azevedo, Garcez Palha, Calheiros da Graça e outros ornamentos da marinha de guerra brasileira, que ainda felizmente illustram as nossas fileiras; apaixonado cultor das cousas da Patria, vindes, sr. capitão-tenente Raul Tavares, tomar parte neste cenaculo, que muito acertadamente intitulastes *placido e subido*. *Placido*, porque o tumulto das paixões, as dissensões politicas e partidarias aqui não encontram guarida no terreno neutro e sagrado da verdade; *subido*, porque servimos todos aqui com entusiasmo e afan a um dos mais altos interesses da Patria.

« Ella não se engrandece apenas com estradas e avenidas,

com estatuas e monumentos, com progressos de industria. Tudo isto seria um apparatus transitorio, si a grande « mestra da vida » se não incumbisse de gravar em seus annos a historia do passado e do presente, a biographia dos Brasileiros illustres que deixaram á posteridade nobres modelos, os dados geographicos positivos em que se hão de basear os cidadãos de amanhã para dilatar o campo de sua actividade e aproveitar os phenomenaes elementos de riqueza, que a Providencia nos concedeu.

« Acabais de dizer-nos, illustre confrade, que foi vosso patriotismo o inspirador dessa memoria *De Cavite a Santiago de Cuba*, com que, entre outras produções, vos apresentastes aos nossos suffragios.

« Fallando de Hispanha, tinheis os olhos no Brasil, e procurastes dar o grito de alerta mostrando-nos que « a oliveira é cultura ephemera nas costas de um paiz indefeso ». Vosso ardor patriotico, digno aliás do mais caloroso encomio, inspirou talvez uma phrase que não corresponde a esta outra nobilissima profissão de fé: « Militar que sou, nunca pretendi destruir ».

« Creio, quanto a mim, que a oliveira deverá ser em qualquer circumstancia a *cultura predilecta* da nossa terra americana, destinada a receber no futuro o grande legado da civilização mundial, sem que isso importe o desprezo dos elementos preciosos de defesa aconselhados pela providencia e pelas lições da propria Historia. Somos parcella da humanidade, e esta é contingente, sujeita ao dominio das ambições nefastas e condemnaveis.

« As precauções materiaes que nos ponham a salvo das lufadas do temporal são aconselhadas portanto como medidas de alta politica e de bom governo; não posso nem pretendo nega-lo. Mas todos nós, Brasileiros, amamos particularmente a paz, somos partidarios dos triumphos gloriosos da paz, e por esta senda florida queremos o engrandecimento da Patria.

« O Instituto Historico reconhece em vós, esclarecido confrade, um apostolo destes mesmos ideaes, e por mais esta razão vos recebe com jubilo, esperando o vosso concurso dedicado nestes nossos certames, onde não vibram outras armas sinão as da razão, onde não almejamos outras conquistas que não sejam as da Verdade e da Justiça.

«Entrae pois, sentae-vos neste cenaculo, e que o espirito da Verdade e da Justiça vos illumine sempre e a todos nós, para entregarmos aos posterios accrescida, aperfeiçoada, a obra meritoria que recebemos da mão de nossos brilhantes antecessores.

«São estes os votos do Instituto, que vos saúda.» (*Applausos*).

Em seguida pede a palavra o sr. 1.º SECRETARIO INTERINO e, em lingua franceza, dirige uma saudação, em nome do Instituto, ao professor padre Deiber, illustre egyptologo presente á sessão.

«Diz ter sido encarregado pelo sr. presidente de prestar uma homenagem ao professor Deiber, em nome da associação.

«Ignora si lhe sobrarão forças para exprimir o prazer e a satisfação dos seus consocios ao acolherem o professor Deiber. Os estudos deste o fizeram subir o curso da Historia, conhecendo dest'arte as phases de evolução dos povos mais antigos da terra.

«Demorando-se nas margens do Nilo, o sr. Deiber logrou ensejo de entrar em contacto com o mysterioso Egypto, acerca do qual os seus sacerdotes observavam a Solon: «vós outros, ó Gregos, em confronto connosco, sois umas crianças».

«Accrescenta que o sr. Deiber, depois de haver subido a corrente da antiguidade classica, acaba de descer a corrente da civilização moderna, vindo ver-nos, estudar-nos e estimar-nos.

«Termina repetindo que, com muita satisfação, cumprimenta em nome do Instituto o illustre egyptologo presente, honra da Ordem Dominicana.»

O professor Deiber, em rapidas e incisivas palavras, confessa-se profundamente agradecido ao Instituto pela sua homenagem, cordial e espontanea.

«Avalia e encarece o renome mundial do Instituto e agradece ao seu interprete, o sr. 1.º secretario interino, o modo fluente e elevado com que soube saudar-lo, rendendo preito á França.»

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) diz que nada mais havendo a tractar, nem desejando socio algum fazer uso da palavra, vai levantar a sessão.

«Antes, porém, de fazê-lo, occorre-lhe o dever de agradecer, pelo Instituto, a presença, grata e honrosa, das ex.^{mas}

senhoras e dos distinctos cavalheiros que deram realce á presente sessão.»

Levanta-se a sessão ás 4 1/2 da tarde.

Luiz Gastão d'Escagnolle Doria, 2.º secretario interino.

7.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 16 DE OUTUBRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

Às 4 horas da tarde, na sôde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Gastão Ruch, dr. Luiz Gastão d'Escagnolle Doria, commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, major dr. Liberato Bittencourt, dr. José Pereira Rego Filho, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, capitão-tenente Raul Tavares, dr. José Americo dos Santos, dr. Martin Francisco Ribeiro de Andrada, dr. Leopoldo de Bulhões e dr. Pedro Souto Maior.

O SR. DR. ESCAGNOLLE DORIA (2.º *secretario interino*) lê a acta da sessão anterior, a qual, sem discussão, é unanimemente approvada.

O SR. DR. GASTÃO RUCH (1.º *secretario interino*) communica não haver nem expediente, nem pareceres.

Communica tambem que se acham, na sala da Directoria, os novos socios srs. drs. Alfredo Valladão e Eurico de Góes, que veem tomar posse de seus logares de socios effectivos.

Solicita do sr. presidente a nomeação de uma commissão para introduzi-los no recinto.

O SR. PRESIDENTE designa para tal fim os srs. 1.º e 2.º secretarios interinos e o sr. thesoureiro.

(*Dão entrada no recinto, prestam o compromisso dos Esta-*

tutos e tomam posse de suas cadeiras de socios effectivos os srs. drs. Alfredo Valladão e Eurico de Góes).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) concede a palavra ao novo socio sr. dr. Alfredo Valladão, o qual pronuncia o seguinte discurso:

« Ex.^{mo} sr. presidente. Meus senhores:

« Entre os títulos que a vossa benevolencia encarecen, ao me admittir nesta companhia, figura o trabalho que produzi sobre a *Campanha da Princesa*.

« E captiva-me, sobremodo, a deliberação que haveis tomado, de faze-lo publicar em vossa *Revista*.

« Da Campanha, posso dizer como o vate:

« *Esta é a ditosa Patria minha amada!* »

« Carinhoso estudei a sua historia. E, por isto, ao entrar neste recinto, não exclamarei como o doge de Veneza, quando se achou em Versailles — *o que mais me admira é eu estar aqui!*

« Certamente, ha muito que estou convosco. É que nos horizontes de minha cidade natal eu diviso, em sua maior parte, os grandes problemas da Historia Brasileira.

« Alli estiveram as heroicas *bandeiras*, que dilataram o nosso territorio.

« Alli resplandeceu este *ouro*, que attraiu, fixou e naturalizou populações, fazendo de Minas Geraes o berço de nossa nacionalidade!

« Alli residiu Alvarenga Peixoto, figura proeminente da Conjuração Mineira.

« E o espectáculo das minas da Campanha, onde trabalhavam os escravos,

« *Aos penosos servicos costumados* »

lhê inspirou este amor á causa da abolição, que elle deixou transparecer desde a bellissima oitava do *Canto Genethliaco*.

« Da Campanha, esperava Alvarenga Peixoto levar o mais forte contingente de pessoas para a obra da Conjuração.

«Alli viveu no fausto, e submergiu na loucura, Barbara Heliodora, a herotna da Inconfidencia!

«Alli, Maria Iphigenia, a *princeza do Brasil*, brincava descuidosa, quando a sentença de infamia lhe caiu sobre a loura cabeça, arrebatando-lhe a vida!

«Em minha cidade natal se acha, como vêdes, a pagina mais interessante da Inconfidencia!

«Certo, não foi o nome da *princeza do Brasil*, não foi o nome de Maria Iphigenia que se ligou á Campanha da Princeza: foi o nome da princeza da Beira.

«Mas, a escolha veiu da metropole; partiu de Maria I. Houvesse de escolher, a Campanha ter-se-hia pronunciado pelo nome da *princeza do Brasil*.

«E é bem verdade que se creou alli uma consignaço voluntaria *para os alfinetes da princeza da Beira*.

«Mas, eu não preciso apanhar do chão o mobil deste acto!

«Erigida em villa sob os auspicios da princeza, havia a Campanha de agradecer esta honra; era um dever de cortezia.

«E explica-se o exagêro com que o fez; foi um acto de *finura diplomatica*, como salientou o vosso eminente consocio, dr. Viveiros de Castro.

«Com o poder daquelles *alfinetes*, a Campanha venceu as hostilidades de S. João d'El-Rei e, como eu vos mostrei, conquistou para o seu termo o territorio de um Estado!

«Foi uma revelação do genio indigena. Transmudado para o scenario internacional, um expediente como este faria honra a Metternich.

«A Campanha jámais esqueceu a pagina que lhe pertence na historia da Inconfidencia!

«Culminaram, nesta pagina, o sentimento da honra e o amor da Patria: esta pagina, mais do que tudo, é a propria herotna da Inconfidencia!

«O espirito de Barbara Heliodora presidiu, de facto, os destinos daquella terra!

«Viera-nos, com d. João VI, a independencia, pois outro effeito não podia ter a transplantação da corte para o Brasil.

«E bem o comprehenderam os habitantes da Campanha.

« Dahi o entusiasmo e a fidalguia, com que receberam a noticia da chegada de d. João vi.

« Enfeitam a villa; realizam festas publicas com a maior pompa.

« Attendendo a uma recommendação do governador da capitania, abastecem o Rio de Janeiro de gado e de viveres.

« As tropas descem para aqui a meudo.

« E tudo isto á custa do bolso particular; dispensam a contribuição que o governador offercia.

« O capitão-mór da villa, João Manuel Pinto Coelho Coutinho, para mais accentuar o desinteresse da sua offerta, deixa em testamento seis mil cruzados a d. João vi.

« Era a propria independencia, que elles festejavam por esta fórma!

« Mas, não param ahi os seus cuidados pela causa nacional; acompanham-na em todas as suas phases.

« Em relação á permanencia de d. Pedro no Brasil, ao que pude lér, são tardios os votos que alli se fazem: o *fico* já estava pronnucciado.

« Entretanto, isto se deve á distancia em que a Campanha se achava, e á urgencia com que o emissario do Rio de Janeiro angariou as representações de Minas.

« Realmente, ainda nessa hora, Minas não falhou!

« Multas villas representaram naquelle sentido, e a de Barbacena teve a primazia, em todo o paiz, como salientou José Clemente, na sessão da Camara dos Deputados em 1841.

« Em Junho de 1822, a Camara da Campanha pede uma Constituição brasileira.

« E já se achava neste proposito, accentuou então em patriótico discurso o coronel Mathias Gonçalves Moinhos de Vilhena, antes de se conhecer alli que o Senado do Rio de Janeiro havia feito igual pedido.

« Em 12 de Outubro, Pedro i é acclamado, na Campanha, imperador do Brasil, mas com a clausula de prévio juramento á Constituição que a Assembléa votasse.

« A clausula, porém, alarmon os cortezãos!

« E não tardou que os procuradores geraes das provincias

colligadas, por intermedio do marquez de Valença, lançassem o seu protesto, considerando-a *virulenta, intempestiva e nulla!*

«Entretanto, fundadas suspeitas dictaram aquella clausula!

«Já pela abertura da Constituinte, Pedro I dizia com ambiguidade, *esperar que se votasse uma Constituição digna delle e do Brasil, e que, sendo assim, a defenderia.*

«Andrade Lima e outros deputados protestam, pedem explicações!

«José Bonifácio procura acalma-los, extranhando que «do mel mais puro do discurso do imperador, haja quem queira distillar veneno.»

«Mas, em 12 de Novembro, Pedro I decretava que a Assembléa se dissolvesse; commandando em pessoa a execução desta ordem!

«E, como diz um illustre historiador, «nunca mais se atou o laço rompido da confiança nacional»!

«Certo, Pedro I offerece uma Constituição ao paiz; e fa-la approvar pelas Camaras Municipaes.

«Mas o Brasil estava alerta!

«Os patriotas se arregimentaram para o combate, que não tardou!

«E, entre os legionarios, a Campanha se orgulhava de ver um de seus mais illustres filhos, o padre José Bento Leite Ferreira de Mello.

«Era uma figura da vanguarda!

«Alguns tinham mais culto o espirito, mais sonôra a palavra, mais aparada a penna; José Bento não era um Vasconcellos, não era um Honório, não era um Evaristo.

«Ninguém, entretanto, mais sincero do que elle, nem mais tenaz, nem mais destemido!

«E, por vezes, a sua intelligencia despediu clarões!

«Em 1810, parochiava o antigo povoado do Mandú, a que se dedicou em extremo, transformando-o na encantadora villa de Pouso Alegre.

«E se constituiu, desde aquella epocha, o prégoeiro da causa nacional no Sul de Minas.

«Destaca-se por tal fórma que, em 1821, faz parte do governo provisório, que se installou em Ouro Preto.

« E, em 1826, entrava para a Assembléa Geral, onde teve assento em tres legislaturas consecutivas.

« Ahí, o seu papel estava indicado.

« *Só é Brasileiro quem é constitucional*: era o lemma dos patriotas!

« José Bento toma seu posto na lucta parlamentar, que vai renhida até o glorioso 7 de Abril.

« Mas a causa nacional não se pleiteou, apenas, na Assembléa.

« Agitou-se, também, na imprensa, o seu maior sustentaculo.

« Foi na *Aurora Fluminense* que o vulto de Evaristo da Veiga culminou!

« Em 1830, José Bento funda, em Pouso Alegre, o *Pregoeiro Constitucional*, a primeira folha que appareceu no Sul de Minas, e que se havia de ligar, para sempre, á historia liberal do paiz!

« Era uma folha vibrante, o ferro em braza na chaga do absolutismo!

« E o *Pregoeiro Constitucional* repercute em Minas, como no Rio a *Aurora Fluminense*.

« Na *Aurora* estava o *príncipe da Imprensa*: não havia asperezas.

« E era o que convinha á causa nacional em um meio tão dividido, como o Rio de Janeiro.

« A *Aurora* começou *moderada*.

« Em José Bento, o jornalista era um accidente.

« Antes de tudo, elle era um liberal; e o *Pregoeiro* o seu instrumento.

« O *Pregoeiro* nasceu liberal; e o calor de sua linguagem ia bem naquelle meio.

« Em Minas, estava a alma da liberdade!

« Era pelo voto de Minas que a figura extraordinaria de Evaristo da Veiga occupava uma cadeira na Camara.

« Era de Minas o vulto proeminente de Honorio Hermeto.

« Era de Minas, e do então municipio da Campanha, José Custodio, que não deu um momento de socôgo ao absolutismo!

« Era de Minas o gigante parlamentar, que se chamou Bernardo de Vasconcellos!

« E por tal forma vibrava naquella terra o espirito liberal que, do alto de suas montanhas, em solenne desafio, Bernardo de Vasconcellos annunciava a Pedro I a proxima derrota de seu ministro Silva Maia !

« Impressionado, Pedro I corre a Minas !

« Mas é recebido a dobre de sinos : o povo estava nos templos, orando por Libero Badaró, um martyr da Liberdade !

« E, alli mesmo, elle assiste á derrota do seu ministro !

« Foi Minas que convenceu a Pedro I de que a nação o repudiava.

« O 7 de Abril é, em grande parte, uma obra de Minas.

« Mas esta obra iria por terra, si os patriotas não estivessem vigilantes.

« E José Bento foi o primeiro a dar o alarma ! Mal se abria a Camara, e elle propunha se organisasse, com urgencia, a milicia civica, pois a segurança publica estava em perigo !

« E não tardou que a tempestade se desencadenasse : amotinam-se os *exaltados*, insurgem-se os militares.

« A anarchia vem para a rua !

« E o paiz ter-se-hia dissolvido, si não surgisse o pulso forte de Feijó, apoiado na guarda civica.

« Mas, em 1832, de novo os horizontes se carregavam.

« E, agora, o maior perigo não era a anarchia : era a restauração !

« Os *restauradores* alçam o collo.

« E o Senado, em que dominavam os amigos de Pedro I, oppõe-se tenazmente ás medidas liberaes que a Camara approvara, na reforma da Constituição.

« Combina-se um golpe de Estado !

« A Camara assumira funções de Assembléa Nacional, votando uma Constituição que estava prompta.

« José Bento a trouxera de Pouso Alegre, impressa no *Pregoeiro Constitucional*.

« Esta Constituição tornava una a regencia ; supprimia o poder moderador, passando as suas funções para o executivo, salvo o direito de dissolver a Camara, que era revogado ; retirava ao imperador o titulo de *defensor perpetuo do Brasil*, esta-

belecia a temporariedade do Senado, com o mandato de seis annos, renovando-se o terço de seus membros de dous em dous annos; abolia o Conselho de Estado; e, finalmente, creava Assembléas Provinciaes, com attribuições mais amplas do que as conferidas, posteriormente, pelo Acto Adicional.

« A medida era imposta por Feijó, como de salvação publica!

« Evaristo da Veiga accedeu. E, na memoravel sessão de 30 de Julho, seria aquella a Constituição do Brasil, si não fosse Honório Hermeto.

« Entrou na Camara o officio, com que a regencia se demittia. E, alli mesmo, a commissão respectiva lavrou o seu parecer; era pela urgencia do golpe de Estado.

« Não foram muitos os oradores a fallar, esta urgencia não permittia; e, entre elles, se destacava José Bento, defendendo a causa liberal, em energico discurso.

« Estava imminente o golpe de Estado!

« Mas, sem que fosse esperado, Honório Hermeto toma a palavra. Faz justiça ás intenções de seus collegas; mas condemna a violencia do processo.

« A sua auctoridade, o inesperado de sua attitúde, a brandura de sua impugnação, abalam a Camara; muitos deputados se retiram.

« É sustado o golpe.

« Mas, a *Constituição de Pouso Alegre* ficou!

« Ficou, qual programma de um partido, como expressão que era do sentimento liberal do paiz. E desta Constituição, é impossivel separar, na historia, a figura de José Bento!

« Em 30 de Junho era, principalmente, o odio aos Andradas que movia a Feijó; era a consideração aos serviços de Feijó, que movia a Evaristo. Em José Bento fallava, de preferencia, a alma liberal.

« E com esta mesma alma, elle entraria para o Senado. Nello o espirito liberal não teve solução de continuidade. Outros ficaram pelo caminho; José Bento ia sempre para deante!

« Vasconcellos e Honório passaram mesmo a chefiar a reacção conservadora.

« E a obra liberal começava a ser destruida!

« O Acto Adicional fôra soterrado, quasi, pela Lei de interpretação. Com a reforma que se discutia, do Código do Processo, pairava uma ameaça sobre as liberdades individuaes. Ia-se restabelecer o Conselho de Estado.

« E os liberaes appellam para o joven principe. Elles lhe haviam assegurado o throno, nas incertezas do 7 de Abril; com elle deviam contar.

« E José Bento é dos que mais se agitam! Assigna com cinco senadores o projecto da maioridade. Este projecto cá; mas elle, em tom energico, affirma ao Senado que a maioridade seria declarada *por fas ou por nefas!*

« Chegou afinal o dia 22 de Julho!

« E, « nesse pronunciamento metade parlamentar e imperial, metade popular », que fez a maioridade, José Bento é figura culminante!

« O decreto de adiamento explode na Camara como uma bomba; os liberaes ficam perplexos, aturdidos!

« Mas José Bento surge no recineto e os convida a seguirem para o Senado.

« A sua presença os reanima. E Antonio Carlos é o primeiro a acceder ao convite, exclamando por sua vez: « Quem fôr Brasileiro siga commigo para o Senado ».

« A onda popular cresce, tambem, para o Campo de Sanct'Anna.

« E, no edificio do Senado, senadores e deputados deliberam em sessão tumultuosa, em que José Bento tem palavras de fogo!

« Segue uma commissão para o paço de S. Christovão. E, neste interim, de uma das janellas do Senado, abraçado com o busto do principe, elle exhorta o povo impaciente pela volta da commissão.

« Regressa, afinal, a commissão; e a Maioridade é proclamada.

« E elle é quem annuncia ao povo, congratulando-se com este. « Pareco-me estar vendo ainda », dizia um escriptor da epocha, « aquella physionomia mobil e ardente, em que se reverberavam, como em um espelho, as nobres paixões de sua alma entusiasta e patriota ».

« E, com d. Pedro II, os liberaes sobem ao poder.

« Curta, porém, foi a sua permanencia; pois não decorreu um anno e se organizou o ministerio de 23 de Março. A reacção conservadora continuou a sua obra; foi restabelecido o Conselho de Estado; foi promulgada a lei de 3 de Dezembro. E afinal, baixou o decreto de dissolução da Camara, medida de que apenas se fizera uso em 1823.

« Os liberaes appellam para a revolução, em S. Paulo e em Minas.

« E José Bento não foi estranho a este movimento, como elle proprio deixou vêr, em discurso que proferiu na sessão do Senado em 1843, ultima em que tomou parte, pois em Março de 1844 a morte arrebatou, de um modo trágico, o grande paladino da causa liberal.

« Mas a reacção conservadora ia-se accentuando em Minas.

« E da Campanha partiu o conselheiro Bernardo Jacintho da Veiga, para assumir o governo da Provincia, em tão delicado momento.

« Bernardo Jacintho, que pertenceu a esta casa, residiu desde moço naquella cidade, dedicando-se, como seu irmão, o inextinguível Evaristo da Veiga, ao commercio de livros. E, da mesma forma, trabalhou alli pela causa nacional, tendo fundado em 1833 a *Opinião Campanhense*.

« As suas ligações com Bernardo de Vasconcellos, na Assembléa Provincial, o fizeram conservador: e, anteriormente, elle já havia exercido o governo de Minas, desde 1833, deixando esta posição com a victoria da Maioridade.

« E é justo salientar-se a coragem e energia com que se houve em 1842.

« Embora a revolução não se generalizasse pela provincia, contou elementos de valor, e em Santa Luzia, o duque de Caxias teria visto empallidescida a sua estrella, si o não soccorresse a columna de seu irmão, o visconde de Tocantins.

« E o heroísmo dos rebeldes mais avulta, quando se considera que a revolução era de S. Paulo: Minas foi chamada apenas para effeito. E por motivos que não vêm ao caso examinar, Caxias não encontrou em S. Paulo difficuldades a vencer.

« A Campanha conservou-se legalista; não se levantou.

« Mas, nem por isto é apagada a sua figura naquelle momento.

« Declinava a revolução, principalmente ao Sul de Minas, na data em que se devia reunir a Assembléa Provincial em S. João d'El-Rei. A retirada de José Feliciano, o chefe dos rebeldes, de Queluz para esta cidade, fôra um desastre! Ouro Preto era a cabeça; para alli, todos o sentiam, devia ser dirigido o ataque. Por outro lado havia fracassado o movimento em S. Paulo.

« E foi em uma situação destas que os deputados se reuniram em S. João d'El-Rei, mas sem numero para a installação da Assembléa.

« Eram treze, apenas, inclusive Theophilo Ottoni. Muitos ainda não se haviam comprometido na revolução; e o momento era de desespero! Apesar d'isto, elles enviavam uma mensagem a José Feliciano, declarando-se identificados com o levante: assumem, com toda a nobreza, a responsabilidade de uma causa que sabiam perdida.

« E entre estes deputados se achavam dous fillos illustres da Campanha, o dr. Capistrano de Alckmin e o dr. Garção Stockler.

« Vencido o movimento, repetiu-se a historia de sempre: o furor da perseguição! Delle esteve immune Caxias, o soldado glorioso que jámais abusou da victoria. Caxias era clemente. Mas os esbirros da administração iam fazendo a sua obra...

E a propria Magistratura chegou a se enxovalhar! Devia-se instaurar na comarca da Campanha, pela vastidão do seu territorio, o processo do maior numero dos rebeldes do Sul de Minas. E para alli fôra enviado, como juiz municipal, um ex-soldado portuguez, que se naturalizára havia pouco! A sua missão era perseguir. Elle a desempenhou á risca, pronunciando réos innocentes, e impondo-lhes vexames de toda a especie!

« Felizmente, era juiz da comarca o dr. Tristão de Alvarenga, um fillo illustre da Campanha. Era conservador, pertencia á causa victoriosa; mas, antes de tudo, era um juiz. E a sua toga amparou os perseguidos e desaggravou a Justiça! Tristão de Alvarenga despronuncia os réos, e pronuncia o juiz municipal como prevaricador.

« Esta audacia custou-lhe uma remoção. Mas ficou salva a honra de sua toga!

« E mais gloriosa do que a espada de Caxias foi, naquelle momento, a toga deste juiz! Caxias era a força: premiaram-no. O juiz... foi castigado!

« Com o movimento de 1842, encerrou-se o cyclo revolucionario em Minas Geraes, como se havia de encerrar, no Brasil, com o movimento de 1848 em Pernambuco.

« E a reacção conservadora completou a sua obra no paiz.

« Chegou, agora, o momento da transacção. Forma-se o ministerio Paraná.

« E a sessão parlamentar de 1855, como diz Joaquim Nabuco, vai ser para o ministerio a sessão da *Lei dos Circulos*.

« Era esta a idéa fixa de Paraná. Elle queria « a representação do paiz real; que a eleição fosse uma verdade, a expressão das maiorias locais, fosse quem fosse o deputado ».

« O debate foi renhido; mas saiu victoriosa a causa liberal!

« E em 1856 executava-se a reforma.

« Entretanto, Paraná teve uma fraqueza, apresentando o nome de seu filho, o dr. Carneiro Leão, pelo circulo da Campanha.

« Cioso da verdade eleitoral, o proprio Imperador fez-lhe sentir que não achava legitima a candidatura do *filho do presidente do conselho*. Mas, nem assim Paraná desiste do seu intento; e responde com aspereza ao Imperador: « Eu, como Honorio Hermeto Carneiro Leão, não preciso do favor do presidente do conselho, para fazer um deputado por Minas ».

« A Campanha, entretanto, não se submetteu; em um movimento de altivez, levantou a candidatura de seu querido filho, o conego Antonio Philippe de Araujo, a quem coube a victoria!

« Certo, Paraná havia fallecido antes da eleição. Mas o Ministerio continuou o mesmo, assumindo Caxias a presidencia do Conselho. O espirito de Paraná dirigiu as eleições.

« Seu filho, o dr. Carneiro Leão, passou a ser o candidato do ministerio; e o presidente de Minas annunciava a victoria desta candidatura.

« E por isto, como disse Joaquim Nabuco, a derrota foi um revez sensivel e suggestivo!

«O destaque em que este pleito colloca o conego Antonio Philippe, os seus talentos, o seu tracto captivante, o prestigio de que elle gosava em Minas, onde em dous biennios successivos presidiu a Assembléa Provincial, lhe teriam aberto brilhante carreira na politica do paiz, si a morte não o colhesse logo no primeiro anno do mandato!

«Uma nota interessante de seu character, era a calma com que elle encarava as situações.

«Naquelle pleito agitadoissimo, o conego Antonio Philippe permanecêra até certa hora no collegio eleitoral, retirando-se para a sua residencia antes de apurado o escrutinio.

«E, quando os seus amigos correram a lhe annunciar a victoria, encontraram-no dormindo a somno solto!

«Muitos annos não se passaram, e surgia a *Questão Uruguia*.

«Os Brasileiros eram trucidados no Estado Oriental pelo absolutismo dos *blancos*.

«Mas o nosso govêrno cruzava os braços!

«Certo, a politica internacional do Brasil foi sempre pela independencia do Uruguai; e dahi a preocupação de nossos estadistas, em não se envolverem nos negocios internos daquelle paiz.

«Entretanto, esta politica não se deve sobrepôr ao dever fundamental do Estado, de garantir a vida e a propriedade de seus cidadãos, onde quer que elles estejam!

«Quarenta mil Brasileiros achavam-se no Uruguai sem estas garantias!

«E do patrocínio de sua causa se encarregou um filho da Campanha, o dr. Evaristo Ferreira da Veiga, então deputado, e, mais tarde, senador do Imperio, depois de repetidos e honrosos sufragios do povo mineiro.

«Memoravel a sessão da Camara no dia 5 de Abril de 1864.

«O deputado mineiro, com o mesmo ardor que, annos antes, seu tio, o primeiro Evaristo da Veiga, revelára pela causa nacional, profere eloquente e impressionante discurso, expondo a dolorosa situação daquelles Brasileiros, e exigindo do govêrno o cumprimento de seu dever de protecção para com elles.

« O discurso arrebatou a opinião !

« E foi uma victoria !

« O ministerio cedeu ; e immediatamente Saraiva era enviado para o Uruguai, em missão especial.

« Rompeu afinal a guerra ; Montevideo capitulou. E, decaidos os *blancos*, tivemos no presidente Flóres um aliado contra o Paraguai.

« Como bem salientou o illustre historiador mineiro Xavier da Veiga, « si tardasse aquelle rompimento » — e para elle o discurso de Evaristo foi o brado do Capitolo — a triplice alliança seria talvez « não do Brasil, Confederação Argentina e Estado Oriental contra Lopez, mas de Lopez e daquellas Republicas contra o Brasil ».

« Depois da guerra do Paraguai, o facto culminante de nossa Historia é a emancipação.

« E, ainda neste successo, tem grande destaque um filho da Campanha, o dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros. Foi elle o *general da idéa*, como se exprimiu o proprio conselheiro Theodoro Machado, ministro da Agricultura, no gabinete Rio Branco.

« Ao fechar o seu *Indice Chronologico*, publicado em 1850, Perdigão Malheiros formulára votos ardentes pela prosperidade do Brasil, *com todos os seus filhos livres*.

« E esta restrição, como escreveu o dr. Azevedo Castro ao traçar-lhe a biographia, foi um compromisso que elle tomou consigo mesmo, de que ergueria um dia a sua voz em prol dos escravos.

« Entregou-se a profundos estudos sobre o assumpto, para tractá-lo com firmeza, e em 1863 dava o prólogo de seu trabalho, realizando no Instituto da Ordem dos Advogados, de que era presidente, uma conferencia relativa á *illegitimidade da propriedade constituída sobre os escravos*.

« A esta conferencia seguiu-se em 1866-1867 a publicação de seu trabalho — *A Escravidão no Brasil*.

« E foi a grande obra sobre a materia, embora elle, por modestia, a denominasse um ensaio. Deixava á distancia tudo quanto anteriormente se havia escripto ; era um trabalho com-

pleto, pelo seu aspecto jurídico, histórico e social. Custou-lhe vigílias! E foi, realmente, o alcecora em que assentou o edificio da emancipação!

« Breve, o assumpto seria affecto ao Conselho de Estado, e ahí nenhuma medida foi lembrada, que não figurasse na obra de Perdígão Malheiros! É o que declara Joaquim Nabuco, salientando que esta obra « é o livro mais fecundo e benfazejo que se tem publicado no Brasil »!

« Mas, não ficou no livro a acção de Perdígão Malheiros. Em 1870, elle apresenta á Camara quatro projectos sobre a materia, em um dos quaes, pela primeira vez, se apregoava em nosso Parlamento: *No Brasil todos nascem livres e ingenuos*. Este projecto estancava, assim, a escravidão na sua fonte única!

« Entretanto, Perdígão Malheiros não foi contemplado na Comissão da Camara, que naquella anno emittiu parecer sobre a reforma; não foi contemplado no gabinete São Vicente; não foi contemplado no gabinete Rio Branco!

« Todas as opiniões, todos os projectos favoraveis á emancipação se apoiavam na sua obra.

« Mas, elle não devia ser ministro... Chegára a vez da gloria política. Esta pertence sempre aos obreiros da occasião.

« E, afinal, a lei de 28 de Setembro não contou com o voto de Perdígão Malheiros!

« Certo, elle não transigiu com os principios; dissentia do processo. Queria a liberdade immediata ao nascimento; oppunha-se á escravidão de facto, que a lei instituia, com a servidão da geração nova até vinte e um annos.

« Entretanto, não podendo obter tudo, devia ter accedido a menos.

« A que se deve a sua attitudo?

« Seria a máguia legítima das preterições soffridas? Seria o cansaço de sua obra?

« Seria, como alvitra Joaquim Nabuco, « o ciúme do apaixonado solitário, quando viu, no dia da fortuna, o tropel da multidão banal e adventicia, que só corôa o successo? »

« Não importa saber.

«Votando contra a lei de 28 de Setembro, bem o diz Joaquim Nabuco, «Perdigão Malheiros foi, apenas, um voto perdido; publicando a sua grande obra, elle fôra um iniciador, um creador, o auctor dum movimento que nada mais podia deter».

«Esta gloria pertence-lhe: Perdigão Malheiros é o auctor do movimento da emancipação!

«Tambem, em 1867, o voto de Rio Branco, no Conselho de Estado, não foi pela reforma. Entretanto, ninguém lhe pôde tirar, por isto, a sua gloria de 28 de Setembro.

«Com o *Manifesto de 1870*, iniciou-se entre nós a propaganda republicana.

«E, nesta acção, a Campanha havia de ter, ainda, um papel saliente. Foi alli que em 1873 se fundou um dos primeiros órgãos republicanos do paiz — *O Colombo*.

«Redigiam-no, ao principio, dous filhos daquella cidade, o dr. Francisco Honório Ferreira Brandão e o tenente-coronel Manuel de Oliveira Andrade.

«E *O Colombo* abria o caminho para a importante formação republicana, que veio se operar naquella zona.

«O anno politico de 1880 foi, para o paiz, o anno da *eleição directa*. Executava-se a lei Saraiva. Era a segunda tentativa de eleição livre no Brasil.

«O circulo da Campanha estava, novamente, á prova! E não desmentiu o seu passado de 1856: manteve os fóros de sua independencia, elegendo deputado ao dr. Olympio Valladão, candidato conservador e filho daquella cidade.

«Em 1883, fallecia em S. Paulo um filho illustre da Campanha, o conego João Vicente Valladão.

«Foi um dos politicos de maior popularidade naquella provincia; e achava-se filiado ao partido conservador.

«Durante trinta annos consecutivos, desde 1853 até a sua morte, fez parte da Assembléa Provincial como representante do primeiro districto.

«E tal o seu prestigio que, em muitos pleitos, levou de vencida os mais poderosos chefes politicos de S. Paulo.

«Eximio na tribuna parlamentar, desmontava, pela finura da satyra, os mais galhardos contendores.

«Bondade e desinteresse era, entretanto, a nota dominante de seu character :

«Das luctas em que se empenhava, não trazia odios ; antes, aos proprios adversarios beneficiava.

«Com direito a mais elevadas posições, quiz sempre conservar-se na Assembléa Provincial.

«A independencia de seu espirito combativo o levou á dissidencia conservadora, chefiada pelo eminente dr. João Mendes de Almeida, de quem foi sempre um dedicado amigo.

«Em 1879, Lucio de Mendonça entrava para a redacção do *Colombo*, em que devia permanecer até 1885, auxiliado pelo infatigavel Manuel de Oliveira Andrade.

«E aproveitando-se do nome daquelle orgão, dava-lhe uma expressiva legenda, tirada dos versos de Fagundes Varella :

«Ha no seio da America

«Um novo mundo a descobrir ainda».

«Este *novo mundo* era a Republica !

«E foi no *Colombo* que o bello espirito de Lucio de Mendonça mais combateu por esta causa. Em seu livro *A Caminho* elle reuniu, mais tarde, os artigos de *polemica, de doutrinação e de agitação*, com que contribuiu para a victoria da Republica. E estes artigos, em sua quasi totalidade, são extrahidos do *Colombo*.

«A acção do *Colombo* foi brilhante e efficaz ; levantou forças republicanas no circulo da Campanha.

«E, no anno de 1884, o dr. Alvaro Botelho conseguia eleger-se deputado, por aquelle circulo, á Assembléa Geral, no mesmo tempo que Prudente de Moraes e Campos Salles se elegiam pelos circulos de S. Paulo. Foram os primeiros deputados republicanos, que tiveram ingresso na Camara. E aquelle acto ainda mais accelerou o movimento no circulo da Campanha.

«Crescia a propaganda e o partido se organizava.

«E, neste trabalho, se destacam o dr. Honorio Brandão, o coronel Saturnino de Oliveira, o dr. Leonel de Rezende Filho, o dr. Alexandre Stockler, o dr. Garção Stockler, o dr. João

Braulio Junior, filhos da Campanha, e, adnal, o dr. Leonel de Rezende Alvim, jurista de alto valor.

« Isto na Campanha, pois em S. Gonçalo, sobresalam o dr. Americo Werneck, o coronel Francisco Bressane, actual deputado federal, e o dr. Thomaz Delphino, da mesma forma deputado federal; em Lavras, o dr. Francisco Salles, actual ministro da Fazenda, e que tem grande destaque na politica nacional; o dr. Alvaro Botelho, actual deputado federal, e o dr. Francisco Martins de Andrade; em Tres Pontas, o dr. Josino de Brito, actual senador ao Congresso Mineiro; e, em Machado, o dr. Astolpho Pio, que foi vice-presidente da Constituinte Brasileira.

« Entre elles, o papel culminante pertenceu, naquelle momento, ao dr. Americo Werneck, publicista eminente. Suspensa a publicação do *Colombo*, com a retirada de Lucio de Mendonça para esta cidade em 1885, Americo Werneck fundou a *Gazeta Sul-Mineira*, com Thomaz Delphino e Francisco Bressane. E continuou, brilhantemente, a propaganda que Lucio de Mendonça sustentara no *Colombo*.

« Entretanto, Americo Werneck não se limitou á propaganda pela imprensa; foi o chefe da organização do partido naquelle circulo.

« E tão forte esta organização, que em 1887 se elegiam por alli os primeiros deputados republicanos á Assembléa Provincial, dr. Leonel de Rezende Filho e dr. Francisco Martins de Andrade.

« O que mais recommendava os republicanos da Campanha era a sinceridade de suas convicções.

« Quem faz historia deve dizer a verdade. Ora, é incontestavel que o movimento republicano no Brasil tinha origens diversas. Aqui, era a pureza dos sentimentos democraticos, que se irradiava, principalmente, das escolas civis e militares; alli, era o espirito de ascendencia militar, que nos veio do contacto de nossas forças com as Republicas vizinhas, durante a guerra do Paraguai; acolá, era o estremecimento dos grandes proprietarios agricolas com o throno, por causa da obra emancipadora iniciada em 1871.

« E só o primeiro destes motivos inspirava os republicanos da Campanha.

«Alli, não havia a influencia das forças armadas. Alli, não havia grandes fortunas dependentes do braço escravo. E a lei de 13 de Maio alli não encontrou mais, pôde-se dizer, um só escravo a libertar!

«De sua antiga riqueza aurifera, explorada por aquelle braço, a Campanha apenas guardava, então, a lembrança despertada pelo cascalho denegrido, que se amontoou á margem de seus ribeiros, e pelas *catas* sem fim, em que o echo da voz humana parece retornar de além tumulo!

«A terra se achava retalhada; não havia *latifundios*. A lavoura era de productos varios, trabalhada, em grande parte, pelo braço livre. E do emporio em que se constituiria, de diversos municipios daquella zona, vivia principalmente a Campanha.

«A prosperidade era geral; mas, não se contavam grandes fortunas. Alli, maior preocupação havia em cultivar o espirito do que em accumular riqueza. Era a cidade classica das lettras em Minas.

«Outra nota interessante da propaganda republicana naquella terra, o espirito pacifico com que ella se desenvolvia: não se davam attritos, não havia commoções.

«E isto se deve não só á cultura da população, como ao chefe conservador da Campanha, commendador Manuel Ignacio Gomes Valladão, cuja influencia se extendia por todo o Sul de Minas, sendo uma das mais acatadas da provincia. Em sua longa vida politica, as victorias succediam-se; era um chefe quasi invencivel!

«Entretanto, profundo era o seu respeito pela opinião alheia. Debaixo de sua chefia, o voto foi sempre livre na Campanha!

«Além disto, a molestia de seus habitos, a dignidade de seu character e a austeridade de sua vida, em tal destaque o collocavam, que os mais eminentes chefes republicanos, como Lucio de Mendonça e Americo Werneck, o tractavam com as maiores deferencias, ainda nos dias de luta!

«Tambem fora da Campanha filhos illustres daquella cidade trabalhavam pela causa da Republica.

«Em Juiz de Fóra, o dr. Fernando Lofo; em Leopoldina, o dr. Americo Lobo e o dr. Francisco de Paula Ferreira Rezende;

em Cataguazes, o dr. Joaquim Lobo e, aqui no Rio, o dr. Alexandre Stockler.

«E, em 1889, quando o partido republicano mineiro resolveu pleitear uma cadeira no Senado do imperio, apresentou como candidato para a lista triplice um filho da Campanha, o dr. Honório Brandão, junctamente com o dr. Felício dos Santos e o dr. João Penido.

«Ainda em 1889, o circulo da Campanha confirmava as suas tradições de independencia, elegendo deputado o candidato conservador dr. Olympio Valladão, filho daquela cidade.

«O dr. Olympio Valladão já havia sido deputado á Assembléa Geral na legislatura de 1881 a 1884 e na de 1886 a 1889, em que fez parte da Commissão de Orçamento.

«Com a proclamação da Republica, não se haviam de apagar as tradições da Campanha, que possuía titulos legitimos neste successo.

«Muitos de seus filhos entraram para a Constituinte Brasileira, e para a Constituinte Mineira.

«Para aquella, como senador, o dr. Americo Lobo, e, como deputados, o dr. Honório Brandão, o dr. Leonel de Rezende Filho, o dr. Alexandre Stockler, o dr. Americo Luz e o dr. Francisco Veiga; e, para esta, como senadores, Xavier da Veiga, Manuel Valladão e o dr. Manuel Eustachio.

«Mais tarde, entraram ainda para o Congresso Federal, como senador, o dr. Fernando Lobo, e, como deputados, o dr. Estevão Lobo e o dr. Garção Stockler; e para o Congresso Mineiro, como senador, o dr. Gaspar Lopes, e, deputados, o dr. João Bráulio Junior, que foi presidente da Camara; o dr. Honório Brandão Filho, o dr. Gabriel Valladão e o dr. O'Hillon de Andrade; e, para o Congresso de São Paulo, como senador, o dr. Gabriel de Rezende, e, como deputado, o dr. João Pedro da Veiga Filho.

«Os chefes da politica mineira, Cesario Alvim e João Pinheiro, puzeram o maior cuidado na organização do Congresso Constituinte de seu Estado.

«Desfraldaram a bandeira da conciliação, e procuraram constitui-lo com os melhores elementos de Minas.

«Foi uma assembleia memorável; e, entre as figuras de destaque, contavam-se dous filhos da Campanha, o senador Xavier da Veiga e o senador Valladão.

«Xavier da Veiga discute com brilho a organização municipal, revelando profundos conhecimentos sobre o assumpto.

«Valladão discute com grande proficiencia a discriminação de rendas, quer pelo seu aspecto politico, quer pelo seu aspecto financeiro.

«Acceitando o convite de Cesario Alvim e de João Pinheiro, para collaborar na organização do Estado, elle serviu com lealdade esta causa, mas não transigiu com os seus principios conservadores.

«Affronta a opinião dominante naquelle momento; era pelo Estado contra os Municipios, como era pela União contra os Estados.

«E deixou patente que a União não podia viver sem as rendas que transferiu para os Estados, assim como o Estado não poderia viver sem as rendas que ia transferir para os Municipios.

«União e Estado breve teriam de procurar recursos novos, estabelecendo-se no paiz uma insupportavel situação tributaria.

«De um estylo simples, despretençioso, mas de argumentação incisiva, o seu discurso causou sensação no Congresso!

«E foi uma prophelia!

«Não tardou que a União appellasse para o imposto de consumo, e o Estado para o imposto territorial! O paiz vive suffocado pelos impostos!

«E, afinal, o Estado de Minas reforma a sua Constituição, para chamar a si parte das rendas que havia distribuido aos Municipios.

«A reorganização de Minas teve como complemento a mudança de sua capital, determinada pela propria Constituição.

«E o paladino desta causa foi um filho da Campanha, o dr. Alexandre Stockler. A mudança da capital, pôde-se dizer, absorveu, durante algum tempo, toda a actividade do valente propagandista!

«Foi levada a cabo pelo eminente Brasileiro conselheiro

Afonso Penna; e Bello Horizonte é hoje um titulo legitimo de orgulho, não só para Minas, como para o Brasil.

« Com a ascensão do marechal Floriano Peixoto ao poder, viria ainda sobresair, na politica nacional, um filho illustre da Campanha, o dr. Fernando Lobo. Occupou, naquelle momento, a pasta do Interior.

« Fernando Lobo havia tomado parte activa na propaganda republicana, e conquistára um legitimo renome na profissão de advogado. Convencido de que a causa da Republica estava com Floriano Peixoto, elle foi um de seus mais dedicados auxiliares. E, como profissional que era, geriu aquella pasta com grande competencia. O que o collocou, porém, em maior destaque foi a inquebrantavel austeridade desta gestão.

« Floriano Peixoto ascendera ao poder com o contra-golpe de 23 de Novembro.

« Todos os governadores de Estado, com excepção unica de Lauro Sodré, no Pará, haviam adherido ao golpe de 3 de Novembro.

« E os partidarios de Floriano Peixoto, com apoio das guarnições federaes, foram depondo aquelles governadores, um por um!

« Em Minas, o problema era mais complexo. Cesario Alvim e João Pinheiro haviam organizado, com toda a sinceridade, a politica de conciliação. O Estado sentia-se prospero e feliz. E repugnava aos Mineiros, ciosos de suas tradições, o processo de intervenção federal, que se vinha empregando em todos os Estados da Republica.

« Cesario Alvim mantinha-se no governo, em que estava, prestando relevantes serviços á causa de Minas.

« Entretanto, os amigos do Governo Federal e adversarios extremados de Cesario Alvim, levantavam-se, afinal, na Viçosa e na Campanha.

« Chefavam o movimento da Viçosa o dr. Vaz de Mello e o da Campanha, um filho illustre desta cidade, o dr. Martiniano Brandão.

« Na Campanha, traziam como programma a divisão de Minas, constituindo-se o Estado de Minas do Sul.

« Esta idéa vinha de longe; havia sido lançada no Imperio em diversos projectos apresentados á Assembléa Geral, com a assignatura de políticos eminentes do paiz. Mas, por aquelle processo, e naquella hora, não podia contar adhesões. Contra o movimento se pronunciaram, em sua quasi totalidade, os politicos de prestigio no Sul de Minas, inclusive o senador Valladão.

« Cesario Alvim, em um lance de patriotismo, renuncia o poder, passando o govêrno ao vice-presidente do Estado, dr. Gama Cerqueira.

« Com o sacrificio de sua posição, elle salva, desde logo, a autonomia de Minas, único Estado da Republica em que, naquelle momento, a successão foi legal, e em que se manteve a mesma Constituição, o mesmo Congresso, a mesma Magistratura!

« Em breve tempo havia de se extinguir, quasi por si mesmo, o movimento da Campanha! E o Govêrno Federal decretava uma amnistia, quasi immediata, para os revolucionarios.

« O grande prestigio de que gozava no Sul de Minas o senador Valladão, irradiando precisamente da Campanha, deu á sua attitudé, naquelle momento, uma importancia capital.

« Ninguém teria maior interesse do que elle em que se constituísse o Estado de Minas do Sul, um Estado na zona de sua tradicional influencia: ninguém havia servido com mais dedicação, nem por mais tempo, aos interesses do Sul de Minas, e de sua cidade natal; e nenhuma adhesão seria mais importante do que a sua para o éxito daquella causa!

« Entretanto, elle se pronunciou contra o movimento.

« Em seu character estava arraigado o sentimento da lealdade.

« Era solidario com Cesario Alvim e com João Pinheiro; e os revolucionarios da Campanha, adversarios extremados daquelles chefes.

« Era pela autonomia do Estado contra a intervenção federal, que se desencadeára naquelle momento em todos os Estados da Republica; e os revolucionarios da Campanha, partidarios dedicados do marechal Floriano Peixoto.

« Além disto, era um espirito profundamente conservador, avesso aos processos revolucionarios. Só accetava as reformas

amadurecidas na opinião e só as admittia pelos processos regulares.

« Finalmente, parecia-lhe que o problema da divisão de Minas, lançado no Imperio, se modificára com a Republica. Em Minas, a Constituição havia assegurado o maximo de autonomia aos municipios. Deu-lhes exaggeradas franquias. Era um systema que se ia experimentar, e que bem podia satisfazer ás exigencias regionaes.

« E foi por estes motivos que elle tomou aquella attitude.

« Serviu, assim, com lealdade e desprendimento, a causa da autonomia e da integridade de Minas, em dias tão criticos para a vida constitucional do paiz!

« Cesario Alvim e João Pinheiro caíram!

« Elle nobremente os acompanhou; e nesta attitude se manteve até que falleceu, em 1899, depois de cincoenta annos de serviços á causa publica!

« Tamanho o vulto do senador Valladão, que o grande estadista republicano, João Pinheiro, assim se exprimia a seu respeito: « De todos os homens que nesta vida me tem passado deante dos olhos, ninguem me deixou melhores impressões do que elle! »

« Em 1897, scindia-se o partido republicano federal, constituindo-se o partido republicano, que apoiava o presidente da Republica, dr. Prudente de Moraes, e que apresentou como candidatos á successão deste, o dr. Campos Salles, para presidente, e o dr. Rosa e Silva, para vice-presidente.

« Os elementos que restavam áquelle partido levaram ás urnas os nomes, do dr. Lauro Sodré, para presidente, e o do dr. Fernando Lobo, para vice-presidente.

« O dr. Fernando Lobo occupava, naquella occasião, uma cadeira no Senado Federal, pelo voto de seu Estado.

« A situação dominante em Minas formára, porém, com o partido republicano, sufragando os seus candidatos.

« Derrotado em Minas, Fernando Lobo renunciou nobremente a cadeira de senador, voltando á sua banca de advogado.

« É uma attitude unica na Republica.

« Em 1906, João Pinheiro saia de seu retiro do Caeté, para

assumir a presidência de Minas, iniciando essa administração modelar, que attraheu as vistas do paiz inteiro.

« Em sua pessoa chegaram-se a depositar naquelle momento todas as esperanças do Brasil.

« E entre os seus auxiliares no governo de Minas, figurava um filho illustre da Campanha, o dr. João Braulio Junior, a quem elle entregou a pasta das Finanças.

« A fatalidade da morte impediu, porém, que João Braulio Junior prestasse á obra de João Pinheiro todos os serviços de que, pelo seu bello espirito, elle era capaz!

« Essa mesma fatalidade, que privou o Brasil de ser governado por João Pinheiro, a maior revelação de estadista na Republica!

« Com o barão do Rio Branco estiveram em evidencia as nossas fronteiras, onde a sua estupenda figura — já se disse — era a do deus Terminus!

« E estas fronteiras evocavam o nome de um filho illustre da Campanha, o engenheiro-militar dr. Francisco Xavier Lopes de Araujo, barão de Parima.

« Não foi um homem politico: não realizou negociações diplomaticas; não firmou tractados. Era apenas um technico; neste character, serviu nas fronteiras.

« E talvez no Imperio ninguem tivesse tido maior numero de comissões desta natureza.

« Percorreu a linha de nossas fronteiras em diversos de seus trechos.

« Como auxiliar do barão de Caçapava, a principio, e, depois, do general Pedro de Alcantara Bellegarde, tomou parte na commissão brasileira de limites com o Uruguai.

« E, mais tarde, como chefe das respectivas comissões mixtas, serviu na demarcação de nossos limites com o Paraguai, com a Bolívia e com a Venezuela.

« Extraordinarios os serviços que elle prestou ao nosso paiz, e que o Imperio havia de consagrar do modo mais solenne, conferindo-lhe um titulo originario do extremo norte de nossas fronteiras!

« Mas, não é só pelos successos politicos que a Campanha se destaca na Historia Brasileira.

« Legítimos, ainda, os seus títulos nas letras e nas sciencias.

« Era tradicional o gosto pelas letras na Campanha.

« O ensino de humanidades era completo, e se difundia por todas as classes sociaes; até pessoas de humilde condição sabiam a fundo a lingua latina!

« Dahl, o grande numero de filhos da Campanha, graduados pelos cursos superiores do paiz.

« Neste particular, supponho, nenhuma cidade do interior a excedeu, durante o Imperio!

« Já pela fundação da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1827, dos quatro unicos estudantes Mineiros, que all se matricularam, tres eram da Campanha, o dr. Tristão Antonio de Alvarenga, o dr. José Christiano Garção Stockler e o dr. Cyrino Antonio de Lemos.

« E cada vez mais os filhos da Campanha tiveram entrada nos cursos superiores!

« Espalharam-se por todos os ramos das profissões liberaes; e muitos haviam de conquistar legitimo renome, não só em Minas, como em outros pontos do paiz.

« Nas letras, a figura culminante é o dr. Americo Lobo. Deixou esparsas diversas poesias lyricas e outros trabalhos litterarios de real merecimento. Traduziu as *Bucolicas* de Vergilio, o *Tartufo* de Molière e a *Evangelina* de Longfellow, sendo estas duas ultimas traducções verdadeiras obras primas.

« O dr. Simplicio de Salles, que infelizmente pouco sobreviveu á sua formatura, conquistou tão bella reputação litteraria, na Faculdade de S. Paulo, que Couto de Magalhães lhe fez a biographia com os maiores encomios.

« Xavier da Veiga pontificou na imprensa de Minas, onde redigiu a *Provincia*; e, nelle, o litterato se approximava do publicista.

« Deixou tambem alguns trabalhos poeticos.

« O dr. Honorio Brandão, o antigo redactor do *Colombo*, alliava a uma sólida cultura um estylo primoroso.

« No *Monitor Sul Mineiro* o dr. Evaristo da Veiga, de uma imaginação fecunda, deixou paginas que delectam; e o dr. Saturnino da Veiga escrevia com elegancia.

« Na *Peleja* o dr. Garção Stockler e o dr. João Bráulio Junior fizeram a sua obra litteraria. Garção Stockler tanto se revelou um polemista vibrante, como um fino *humorista*; em João Bráulio Junior predominou a sua alma de poeta; encantava, sem vibrar.

« E, na geração nova, surge o dr. Veiga Miranda, com promissores trabalhos poeticos e litterarios.

« Nos estudos historicos, Xavier da Veiga tem a obra mais vasta: são essas *Ephemerides Mineiras*, em que elle consumiu as suas energias e em que se acham importantes fundações para a historia de Minas. Além disso, organizou o Archivo Publico Mineiro.

« O dr. Perdighão Malheiros escreveu, em 1850, o apreciado trabalho, com que entrou para esta casa: *Indice chronologico dos factos mais notaveis da Historia do Brasil, desde o seu descobrimento em 1500 até 1849*.

« O dr. Ferreira de Rezende deu á publicidade interessantes estudos historicos, um dos quaes se intitulava — *O Brasil e o Acaso*.

« O commendador Bernardo Saturnino da Veiga, depois de uma longa excursão pela vasta zona do sul de Minas, escreveu o *Almanack Sul-Mineiro*, fonte de preciosas informações, e que lhe deu entrada para esta casa.

« O dr. Francisco Lobo tem diversos trabalhos de grande merecimento, como: *Em busca das esmeraldas; Descobrimto e devassamento do territorio de Minas Geraes; Documentos para nossa Historia* e o *Itinerario da expedição de Espinosa*.

« São trabalhos de muita investigação, e escriptos com o maior escrupulo.

« E Julio Bueno, operoso escriptor, redige o *Almanack da Campanha*, por incumbencia do infatigavel redactor do *Monitor Sul-Mineiro*, o sr. José Pedro da Costa.

« Nas sciencias juridicas e sociaes, a maior figura é o dr. Perdighão Malheiros. Além de ter sido o grande jurisconsulto da emancipação, era um dos maiores jurisconsultos do Brasil; presidiu, durante cinco annos, o Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, e foi afinal seu presidente honorario. É vasta a

sua obra de consulta; e produziu, ainda, o *Manual do Procurador dos Feitos da Fazenda*; o *Commentario á Lei de 2 de Setembro de 1847* e o *Repertorio da reforma hypothecaria e sobre sociedades de credito real*.

« O dr. Ferreira de Rezende, que possuia variada cultura, publicou, no Imperio, um projecto de Constituição para o futuro Estado de Minas.

« O dr. Americo Lobo, em quem o tracto das musas não sacrificou a cultura do Direito, traduziu as *Decisões Constitucionaes* do Marshall.

« O dr. Francisco Veiga, professor da Faculdade de Direito de Minas Geraes e antigo redactor da *Resenha Juridica*, além de seu conhecido preparo em assumptos de Direito, é versado em materia de finanças, e a sua respeitavel figura presidiu, por muitos annos, a Comissão de Orçamento da Camara dos Deputados.

« O dr. João Pedro da Veiga Filho, professor da Faculdade de Direito e director da Escola de Commercio de S. Paulo, publicou o *Manual da Sciência das Finanças*, obra classica sobre o assumpto. E escreveu, além disto, uma longa série de interessantes monographias sobre assumptos economicos e financeiros. A sua elaboração foi vasta e incessante. Ninguém, em S. Paulo, produziu mais do que Veiga Filho. E a sua auctoridade sobre estes assumptos era acatada em todo o paiz.

« O dr. Gabriel de Rezende é professor, e dos mais illustres, da Faculdade de Direito de S. Paulo: publicou recentemente o seu *Curso de Fallencias*, e tem diversos trabalhos esparsos.

« O dr. Estevão Lobo, professor da Faculdade de Direito de Minas Geraes, deixou uma legitima reputação de juriconsulto. Era um cultor exímio do Direito e, na sua idade, ninguém produziu tanto, entre nós! Publicou a monographia sobre a *Auctorria collectiva e cumplicidade*, e deixou esparsos, pelos jornaes e revistas, diversos outros trabalhos de valor, como a *Criminalidade Juvenil* e o *Jus sepulchri*. Onde, porém, a sua actividade culminou, foi na obra parlamentar; ali se accentuaram, de vez, os seus credits de juriconsulto. Organizou um projecto de *Lei de Minas*, precedido de substanciosa exposição de motivos;

offereceu as bases para a remodelação do nosso *Direito Penal Militar*; emitindo parecer sobre a intervenção federal em Goiás, concluiu por apresentar um importante projecto sobre a regulamentação do art. 6.º da Constituição, assumpto de que tractou ainda, mais tarde, com brilho, no Instituto dos Advogados; e formulou diversos outros pareceres interessantes sobre o *regimen legal da pesca*, sobre os *empréstimos estaduais*, sobre *immunidades parlamentares*, e sobre o *delicto de imprensa*.

« O dr. Gabriel Valladão era, da geração nova, uma esperança fundada; a morte, porém, cortou-lhe o surto! Deputado ao Congresso Mineiro, apenas tomou parte em uma sessão; e foi quanto bastou para que revelasse seu preparo jurídico, principalmente na discussão da Lei de minas.

« Nas sciencias medicas avultam o dr. Mathias Valladão, o dr. Vital Brasil, que descobriu o *serum* anti-ophidico; e dirige em S. Paulo o modelar Instituto de Butantan; o dr. Honorio Brandão e o dr. Mathias de Vilhena.

« Na Engenharia militar e civil se destacam o barão de Parima, que foi professor na Eschola Central e director do Observatorio Astronomico; o dr. Francisco Lobo, que foi director do prolongamento da Estrada de Ferro de d. Pedro II e chefe da Commissão de Compras na Europa; o dr. Müller de Campos, que foi professor da Eschola Militar, e é actualmente general chefe das Fortificações da Republica, e o dr. Martiniano Brandão, que foi director das Obras Publicas em Minas Geraes.

« Na carreira ecclesiastica distinguiram-se como prégadores o vigário João de Deus e o conego Theophilo de Vilhena; e, por seu saber e virtudes, chegaram ás altas dignidades da Igreja d. Francisco da Silva, bispo do Maranhão; d. João Ferrão, bispo da Campanha, e monsenhor Paulo de Vilhena, vigário geral desse bispado.

« Na Magistratura houve tres grandes figuras: o dr. Ferreira de Rezende, o dr. Americo Lobo e o dr. João Bráulio Moinhos de Vilhena.

« Ferreira de Rezende teve assento no Supremo Tribunal Federal. Mas, ahí a sua figura não se revelou por completo; vi-

ram-no, apenas, na linha austera de seu character. Elle chegou enfermo e falleceu logo.

«Entretanto, nos profundos estudos a que se dedicou na sua vida de solitario, de onde o foram tirar, adquiriu taes conhecimentos, que elle podia dar brilho áquella magistratura da Republica, incumbida de guardar a Constituição.

«Americo Lobo chegára, tambem, ao Supremo Tribunal Federal.

«O seu perfil está feito por Lucio de Mendonça.

«Americo Lobo foi o nosso Magnaud.

«A lei, para elle, não podia ter a rigidez fria de uma regua: era recta, sim, «mas como um raio solar, que fere esclarecendo e consolando.»

«Em sua delicada consciencia, «entendia que a justiça humana devia ser humana, isto é, indulgente, porque é fallivel.»

«Esta, a sua grande alma de juiz!

«João Braulio ficou em Minas.

«Fez alli toda a sua carreira de magistrado, em que alcançou a suprema investidura.

«Não chegou ao Supremo Tribunal Federal.

«Entretanto, ninguem elevou mais alto a Justiça no paiz, quer pela lucidez, quer pela rectidão de suas sentenças!

«Dir-se-hia que João Braulio era a própria encarnação da Justiça!

«Serviu-a em todos os grãos; e, durante vinte e tres annos, em sua maior parte na cadeira da presidencia, teve assento no Supremo Tribunal do Estado de Minas, onde viu passar o seu jubileu de magistrado, ao qual havia de sobreviver, ainda, naquella mesma cadeira!

«E, nesse longo periodo, a sua figura foi sempre a mesma, lúcida, serena e impassível.

«É de hontem a commemoração sem exemplo em nosso paiz, com que o Estado de Minas celebrou o jubileu do grande magistrado.

«E nessa commemoração, não sei o que mais admirar: si a figura de João Braulio, cujos cabellos eram brancos como a pro-

pria Justiça; si o amor á causa da Justiça assim expresso pelos Mineiros, e que é um dos característicos daquelle povo!

« Concluindo, direi: ahí tendes a figura de minha cidade natal na Historia Patria.

« Em vosso convívio, toma-la-hei por meu guia.

« Eu o prometto! »

(*Palmas prolongadas*).

Finda a allocução do dr. Alfredo Valladão, obteve a palavra o dr. Eurico de Góes, que pronunciou o seguinte discurso:

« Ex.^{mo} sr. presidente, illustres confrades do Instituto Historico o Geographico Brasileiro:

« O mundo não vive apenas de cruas e frivolas realidades. Vive tambem de sonhos e recordações: sonhos que prefiguram e anelam o futuro, recordações que evocam e revivem o passado. O tempo, concebido como «um movimento da eternidade», transforma a vida social e a vida cosmica num eterno presente sem limites. Mas, finitos que somos, e debatendo-nos no limitado, foi-nos dado um torrão a que chamamos Patria — espécie de lar engrandecido, ao qual consagramos o melhor dos nossos affectos e o melhor dos nossos ideaes, porque ahí viveram, e soffreram, e morreram os nossos patriarchaes antepassados, deixando-nos umas brumas de reminiscencia e de illusão...

« Foi levado por esses gratos e vivos pensamentos que, um dia (ha pouco mais de um lustro), me aprouve ir peregrinar ao morro do Castello, cujas envelhecidas construcções, em meio á cidade que se renovava, me produziram impressão comparavel á que experimentei deante da pobre casaria da *città vecchia* de San Remo, a contrastar com as suas modernas edificações entre palmeiras e as soberbas villas marinadas. A essa nossa collina historica havia eu ido effectuar umas pesquisas, justamente para o livro que me serviu de credenciaes juncto ao vosso generoso, fidalgo e nobilitante acolhimento. Allí visitára eu o tumulo do fundador da cidade, esquecido, sob uma lapide gasta, á sombra do modestissimo recincto da melancolica e velha egreja de S. Sebastião. Allí examinára, com piedosa lembrança, o marco de cantaria deixado pelos Portuguezes, a um dos angulos exteriores do templo, com a valorosa cruz da ordem militar de Chris-

to e as celebradas quinas. Ali contemplára, mergulhado numa atmosphera de poesia e de saudade, as muralhas anachronicas de antigas baterias coloniaes, bem como uns grandiosos restos de convento jesuitico, datados de 1567.

«Eis sinão quando sobreveiu a tarde, a deslumbrar num desses crepusculos ensanguentados e phantasticos, que o pincel de Luiz Graner, ainda ha pouco, melhor do que ninguem, soube tão vivamente sentir e com tanto exito fixar na tela. Achava-me então á beira duma dessas ravinas do morro, que olham para os fundos da Escola de Bellas Artes e da Bibliotheca Nacional, nessa occasião apenas arcabouçada com o seu gigantesco e fausto-so esqueleto metallico. E, ao reparar nas transfigurações radicaes por que passava o Rio do Brasil-colônia, do Brasil-reino, do Brasil-imperio e mesmo do Brasil-republica; e, ao entrever a vida intensa e cosmopolita que, lá em baixo, fervilhava, ao perpassar cinematographico dos vehiculos e dos habitantes, de mim para mim perguntei: aonde irã, finalmente, aninhar-se a alma heroica e memoravel da lendaria metropole brasileira?

«Dias depois, tinha eu categorica e eloquentissima resposta a essa intima interrogação. Precisando consultar o *facsimile* do celebre mappa conhecido pelo nome de mappa de Cantino, dirigi-me ao Instituto Historico, onde, logo ao transpor os humbraes, me despertaram a attenção as symbolicas effigies de Pallas e de Camões, isto é — a sabedoria olympica expressa pela sonora lingua lusitana. E, percorrendo a bibliotheca, o archivo, as salas em que esplende toda uma galeria de retratos e bustos de individualidades notaveis da nossa Historia, tive a sensação de que neste augusto ambito se asylava, se acolhia, se cultuava, não só a alma centenaria e veneravel da cidade, como a alma gloriosa e palpitante de todo o nosso povo. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro não constitue, sómente, o *sancta sanctorum* das nossas tradições, nem, apenas, o mais luminoso e elevado cenaculo scientifico do paiz; elle encarna e exprime, através dos vultos que por aqui passaram e dos manes que ainda aqui habitam, o Pantheon verdadeiramente vivo do Brasil.

« Entre outros generos de estudos, a Geographia e a Historia se revestiram sempre, para mim, dos mais amaveis e ferteis attractivos. Affim de amenizar o seu character didactico ou porventura monotono, idealizo a primeira como o romance da natureza e a segunda como o romance da civilização. Ellas são, respectivamente, a photographia e a reviviscencia dos aspectos physicos e sociaes do planeta. Reclus entende que o fim da Geographia consiste em « reanimar a natureza em volta de nós », e Michelet deixou esta phrase, que se acha gravada no seu jazigo : « A Historia é uma resurreição ». Conquanto ambas se desenvolvam simultaneamente no espaço e no tempo, e quasi que se identificam, o que suggere a idéa de Anthropogeographia de Frederico Ratzel, a Geographia apresenta uma feição mais restricta e material; é, de preferencia, uma catalogação e uma descripção; a Historia revela uma tendencia mais ampla e espirital; é, sobretudo, uma Philosophia e uma Encyclopedia. Diz lucidamente o auctor das *Considerações inopportunas* : « Ninguém pôde ser a um tempo um grande historiador, um grande artista e um espirito limitado. « A Historia, « palavra de oraculo », ha de exprimir verdade ou emoção, e todo historiador deve ser, forçosamente, um erudito, porque, segundo o entender de Lacombe, « sem erudição não ha Historia ».

« A História, bem considerada, certamente não é « a bajuladora das aventuras felizes, vil escrava do resultado », conforme o insultuoso cencello de Louis Jacolliot, mas deve ser a mais bella e esplendida coroa, entretecida de todas as artes e de todas as sciencias. Nos *Ensaos de critica e de historia*, escreveu Taine : « Na realidade, a Historia é uma arte mas tambem é « uma sciencia : ella requer do escriptor a inspiração, mas tambem lhe exige a reflexão; si tem por artifice a imaginação « creadora, maneja o instrumento da critica prudente e da generalização circumspecta; convem que as suas pinturas sejam « tão vivas quanto as da Poesia, porém, é mistér seja o seu es-

«tylo tão exacto, suas divisões tão assignaladas, suas leis tão demonstradas, suas induções tão precisas quanto as da *Historia Natural*».

«Na antiguidade e na idade média, a Geographia e a Historia algo possuíam de maravilhoso ou impressionista. Homero figura a Cartographia do orbe no formidável escudo de Achilles, imaginosa e forjado por Vulcano. Expedições como a dos Argonautas e os periplos primitivos afundavam-se na lenda. No imperio de Carlos Magno, o mundo conhecido, com as cidades romanas e byzantinas, era representado em magnificas taboas de prata. A Geographia arabe ostentava titulos de livros como estes: *Perola da natureza* ou *Praias de ouro e minas de pedras preciosas*. A Historia, essa era escripta em epopéas, como o *Ramayana*, a *Iliada*, a *Odysséa*, a *Encida*.

«Nos hautes tempos que correm, teriam a Geographia e a Historia perdido o seu magico sabor antigo e o encanto das cousas suggestivas? Indubitavelmente que não. O campo foi apenas alargado e cultivado. A poesia da Terra palpita e irradia em todos os seus aspectos e em todos os seus elementos: nos reconditos mysteriosos das suas grutas mirificas; no vae-vem escaçoante e espumoso dos seus mares; no macio roscier das suas nuvens sonhadoras; no golfar candente dos seus vulcões, tantas vezes, no entanto, coroados pela neve. Essa poesia sublime da natureza ou essa vida pantheistica se espiritualiza e vibra nesses chãos graníticos e nesses abysmos hiantes; no torvelinho dos cyclones e no fremito dos cataclysmos; no despeñar das cascatas e no ruir das avalanchas; na impassível alvura dos *icebergs* e no rendado alpestre e níveo dos *fjords*; no deslumbramento das auroras polares e no phenomeno extranho das miragens; nos taciturnos santelmos viajores e nos aerolithos que tombam das alturas; na geometria caprichosa dos *crystaes* e na phantasmagoria horrifica dos monstros prehistoricos; na delicadeza ideal e vellutina das rosas e na graça alada e multicolor das borboletas...

«A Terra, como o homem, é um organismo vivo e tem a osatura nas montanhas; os nervos nos filões metalliferos; as veias e as arterias, nos confluente e nos grandes rios; a sys-

tole e a diastole, no fluxo e no refluxo do mar; a vigília e o somno, no dia e na noite; as crises organicas, nos terremotos e nos diluvios; tem até o seu cerebro, com o seu pensamento, que é o pensamento colectivo da humanidade.

«E a poesia da Historia? Essa brilha, correlativamente, na evolução do homem e nos grandes cyclos da civilização. De simples anthropoide falante, em que alguns o quizeram converter, esse representante do *reino hominal* de Fabre d'Olivet passou a ser o *Homo sapiens* de Linneu, e se dispõe para realizar o intrepido sonho do superhomem, idealizado por Nietzsche. Em um tempo ao homem bastaram as cavernas de troglodyta, os monumentos megalithicos, as choças nas florestas, as tendas nos desertos, as palafitas dos lagos. Mais tarde, elle se aggregou entre contornos amuralhados das cidades primitivas e medievaes. Agora, depois de reconhecer todo o globo, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, nas viagens de circumnavegação, nas entradas pelos sertões, na conquista de ambos os polos, não se contenta com dominar a superficie e as profundezas da Terra, na sondagem dos seus mares e na exploração das suas minas: quer dominar ainda o espaço e aventurar-se ao infinito, com o telegrapho sem fios e os arrojados vôos dos aeroplanos...

«Sabe-se que o aspecto geographico da Terra não foi sempre o mesmo que ella apresenta hoje em dia. Dous immensos continentes, de que ha vestigios em innumeras ilhas, desappareceram da sua face, em consequencia de horridas catastrophes: a Lemuria, que se extendia no trecho actualmente occupado pelo Oceano Indico; e a Atlantide, que não é só descripta em dous dialogos differentes de Platão, mas que tem sido ultimamente estudada por diversos sabios. Esses cataclysmos periodicos relacionam-se, provavelmente, segundo alguns, com a mudança de inclinação do eixo terrestre, por effeito da precessão dos equinoxios. Quanto á fórma da Terra, conquanto a considerem, mais geralmente, um espheróide, outros a julgam um tetraedro, de accôrdo com a theoria de Green, ora em muita acceitação.

«Entre os massicos continentes, é a America o único que se alonga de polo a polo. Ella possui todas as zonas, todos os climas, todos os recursos. São eguaes todos os seus systemas

de governo. Acha-se, por conseguinte, apta a resumir o mundo e a receber todas as raças. E, si existem uma consciencia, um direito e um ideal americanos, elles não poderão ser differentes da consciencia, do direito e do ideal da humanidade.

« Na configuração geral do globo, a America do Sul exhibe um facies todo particular. Tem a fôrma original, não de misero presunto com que a comparou a voracidade de um estadista norte-americano, aconselhando a físgassem; mas de um regular e pensativo perfil humano, voltado para o nascer do sol e a contemplar, eternamente, o infinito. O Brasil, mais que nenhum outro paiz, contribue para essa configuração. De um lado, a columna rachidiana ou o anteparo natural dos Andes — muralha cyclopica de neves eternas e de lavas revoltas. Do outro, as suaves ondulações da costa do Brasil — paiz que se deixa abraçar pelas vagas numa caricia...

« Para o sabio dinamarquez Lund, o solitario da lagoa Sancta, o Brasil, outr'ora extensa ilha, seria, com o seu planalto central, « o mais antigo continente do nosso planeta. » Por sua vez, a visão genial de Alexandre de Humboldt previu o deslocamento da futura civilização, em torno da plethora da vida e dos inexauríveis recursos da prodigiosa aorta amazonica. « Terrenal paraíso descoberto », no dizer de Rocha Pitta, « jardim em frescura e bosques », para Anchieta, « paiz sem rival debaixo do céu », no juizo insuspeito do príncipe Mauricio de Nassau, enorme receptaculo de energias e vastissimo reservatorio de riquezas sem par, — o Brasil, está sem dôvida, fadado a grandiosos e profleros destinos.

« Elle não possui, apenas, as qualidades com que solennemente o pretendeu synthetizar um membro de um congresso internacional de orientalistas, em Lisboa: « terreno fertilissimo, agua potavel, laranjas e hospitalidade ». É, sobretudo, a terra da luz e da esperanza. Não foi sem razão, talvez, que o Destino lhe deu o ouro e o verde por distinctivos ou côres emblematicas. E' tambem, por isso mesmo, o paiz da vitalidade, da exuberancia, da perenne primavera, da confiança no futuro, assim como do vigor intellectual, da ansia de saber, da gloria, do ideal.

« A certos respeitoos, é o Brasil uma região privilegiada. O

vosso presidente, o nosso presidente celebrou-lhe as grandezas num hymno patriótico, o *Porque me ufano do meu paiz*, e assignalou-lhe quatro maravilhas sem emulas no mundo: o Amazonas, que é, para o poeta da *Alma América*,

« El gran Río, ese Río que fué un tiempo el Dorado,
« más que el Ganges fecundo, más que el Nilo sagrado »;

a floresta virgem, deante da qual declarou Darwin ser « o extase uma palavra » insufficiente para exprimir as sensações experimentadas pelo naturalista que nella perambula pela primeira vez »; a cachoeira de Paulo Afonso, cantada por Castro Alves; e a bahia do Rio de Janeiro, esse mais bello sonho da Natureza realzado na terra. O Brasil tem a prerogativa de possuir os mais esplendidos e preciosos diamantes do mundo, e, entre elles, tambem os diamantes pretos ou carbonados da Bahia, dos quaes o maior conhecido é de 3.148 quilates. No reino vegetal, ostenta desde as orchideas mais raras e garridas á extraordinaria Victoria régia amazonense. A sua Ornithologia, que vai dos lindissimos e adoraveis beija-flores ao *Falco destructor*, ou a nossa airosa agulha nacional, é tão rica e tão variada, que, numa lagoa da Amazonia, viu Agassiz mais aves (cêrca de 200 especies) do que a Europa toda contém.

« E, todavia, o povo brasileiro — amálgama de tres sub-raças em fusão — parece traduzir a funda melancolia de uma terra, que póde ser tudo e que anela por ser mais do que, de facto, é. Falta-lhe ainda um sentimento de patria, perfeitamente caracterizado, e uma cultura geral bem comprehendida, que se deve diffundir na massa amorpha da população. Sômente de posse desses elementos, poderemos realizar a nossa missão historica e o nosso proposito definido em Haya: contribuir eficazmente para o progresso humano, cooperando para a verdadeira paz internacional e affirmando a egualdade das nações perante o Direito. » (*Calorosos applausos*).

Por fim o SR. PRESIDENTE, CONDE DE AFFONSO CELSO, deu a palavra ao sr. dr. Ramiz Galvão, orador do Instituto. Este respondeu aos novos socios nos seguintes termos:

« São sempre datas de grande júbilo para nós os dias, em que temos a fortuna de receber o concurso de novos paladinos da sancta causa, que se pleiteia no Instituto.

« O bello discurso, sr. dr. Alfredo Valladão, que acabamos de ouvir com maximo interesse, seria a melhor justificação desse júbilo, se já não bastasse a preciosa memoria — *Campanha da Princeza* — que vos serviu de titulo de admissão no nosso gremio.

« Ha em ambos esses trabalhos historicos a revelação de um alto predicado que é para nós da maior valia, além de outros que recommendam a vossa individualidade.

« E' o entusiasmo fervoroso pelo renome do berço natal e pelo glorioso Estado, que vos conta por filho.

« Fizestes, illustrado collega, uma relação extensa dos principaes vultos litterarios, scientificos e politicos da vossa querida Campanha, desde o célebre Alvarenga Peixoto, agora accrescido aos nossos olhos, até os mais recentes filhos desse illustre torrão mineiro, passando pelo ardoroso José Bento Leite, que já prégou e quasi adivinhou as conquistas mais liberaes de nossa Constituição; pelo grande Perdigho Malheiros — o benemerito advogado da emancipação dos captivos; pelos brilhantes redactores do *Colombo*; por esse trabalhador emerito da exploração de nossas fronteiras, que se chamou barão de Parima; pelo honradissimo e austero Fernando Lobo, que recorda algumas das venerandas figuras do Senado Romano; pelo operoso, illustrado e purissimo Americo Werneck, que poderia servir de modelo aos melhores republicanos; por Vital Brasil, João Braulio e tantos outros nascidos naquella glorioso recanto da terra brasileira.

« Tudo isso demonstra uma verdade, que já a Historia regista: Minas é um dos mais galhardos e bellos florões da nossa corôa civica. E' a terra dos diamantes, do ouro, das gemmas preciosas, do ferro, assim como é um viveiro de bellissimos talentos cultores da Poesia e da Liberdade. Alli fulguraram os épicos do periodo colonial, os grandes lyricos da escola que com muito acerto teve o nome de *Mineira*: alli se architectou aquelle sonho de independência politica, que acabou pelo sacrificio de um martyr e pelo destérro do cantor de Marilia; alli abriram os

olhos á luz do Cruzeiro alguns dos maiores estadistas da nossa Pátria; alli as mais altas serranias, todos os climas e todas as produções da terra; alli, as virtudes domesticas que consolidam a familia, e o profundo sentimento religioso, que é um dos mais firmes esteios da vida social.

«Uma nobre altivez sem jactancia, lealdade, economia e amor ao trabalho são virtudes proverbiaes em vosso torrão patrio, digno confrade.

«Muitos Brasileiros teem uma divida sagrada a pagar-vos. Quando o funesto vendaval da revolta de 1893 perturbou os animos, quando odios particulares, vindictas e perseguições aqui se desencadearam pondo em risco a segurança de cidadãos honrados e correctos, o vosso glorioso Estado, sr. dr. Alfredo Valladão, foi o baluarte a que se puderam accolher as victimas. Minas generosamente deu guarida aos fugitivos errãos e teve a coragem de resistir ás ameaças, servindo aliás com fidelidade inquebrantavel ao Govêrno da União. Essas provas de alevantado civismo não se esquecem e podem junctar-se aos muitos meritos que ennobrece a alma dos seus filhos, que os fazem amados e respeitados, e que lhes hão de dar em todo o tempo um logar distincto na Republica.

«Tendes, pois, fundamento para esse amor ao berço, para esse estudo peculiar da historia do vosso torrão, que já nos deu tão bellas paginas e que ainda outras promette felizmente.

«Os vossos excellentes trabalhos juridicos, que por auctoridade competente foram já aqui applaudidos, não vos distrahem, e ainda bem, dos estudos historicos, a que vos chama o acendrado patriotismo. Trazel-nos breve esta collaboração valiosissima, de que havemos mistêr, para complemento da nossa obra vasta e meritoria.

«Conta-se que os Athenienses, ouvindo por occasião das Panatheneas a leitura de alguns fragmentos da celebre Historia de Herodoto, cobriram-n'o de palmas entusiasticas e promiaram o laureado filho de Lyxes.

«Aqui estaremos nós igualmente attentos e sequiosos para ouvir e applaudir o talentoso historiador da Campanha.

«Refere-se tambem que Thucydides, o grande Thucydides,

ao ouvir aquella leitura quando tinha 15 annos, derramára lagrimas de emoção e pensára talvez na composição da obra primorosa, que mais tarde legou á posteridade. Aqui estão neste recinto (quem sabe?) outros Thucydides, que, animados pelo vosso exemplo e pelo brilho de vossas composições, venham illustrar os nossos annaes com obras de subido valor.

«O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sr. dr. Alfredo Valladão, recebo-vos com admiração e carinho.

— «*O mundo vive tambem de sonhos e recordações*», acaba de dizer-nos o sr. dr. Eurico de Góes, auctor daquelle interessantissima e erudita monographia *Symbolos Nacionais*, que aqui foi recebido com merecido applauso. Sim, vive tambem de recordações; é uma verdade que légitima a função excelsa do historiador.

«As recordações constituem objecto do precioso livro do passado, em que bebemos fructuosa lição,—em que admiramos os modelos de virtudes e civismo capazes de servir á geração futura,—em que se conforta muitas vezes a nossa alma dilacerada pelos erros e desvarios do presente.

«O nosso illustre consocio, cuja profissão de fé revela um espirito de pensador, perguntou um dia a si proprio: «*onde se aninhará a alma heroica e memoravel da lendaria metropole brasileira?*» Encontrou a resposta, transpondo os humbraes desta casa de estudo e de paz, que elle intitulou «*luminoso e elevado cenaculo scientifico do paiz*»

«Em nome do Instituto vos agradeço.

«De facto, aqui está a arca das nossas tradições e das glorias brasileiras. Por aqui passou uma pleiade brilhantissima de talentos e cidadãos prestimosos que honraram o Brasil: Cunha Mattos, São Leopoldo e Januario da Cunha Barbosa, Varhagen, Macedo e Joaquim Norberto, d. Romualdo e d. Antonio de Macedo Costa, Beaurepaire Rohan e Taunay, Gonçalves Dias, Magalhães e Porto Alegre, Capanema e Baptista Caetano, Alves Serrião, Saldanha e Ladislaw Netto, Teixeira de Mello e cem outros que enriqueceram a litteratura nacional ou os annaes da sciencia com obras de apurado lavor.

«Forum todos levitas que alimentaram o fogo sagrado do

templo, e cuja sombra paira benéfica e amiga sobre as nossas cabeças, prégando-nos com seu exemplo o patriotismo, o amor ao trabalho e a justiça serena da História.

« Todos esses lutadores emeritos, que fazem a nossa galeria de honra, bem conheceram a expressão daquelle perfil humano, a que alludistes, que a orla do nosso continente representa como uma figura talhada pelas mãos do Creador. Ella contempla as planuras de Leste, de onde vem a luz, e tem o dorso voltado para a cordilheira colossal dos Andes, que fita o céu com seus olhos de fogo. Isto significa que o nosso Brasil olha cheio de esperança para o amplo horizonte do futuro, tendo já no passado uma cohorte de luzeiros que lhe illuminaram o caminho.

« Bem haja o illustre collega, estudioso da nossa bandeira e entusiasta dos nossos trabalhos, que vem fortalecer a phalange dos que neste retiro estudam a História Brasileira.

« As portas da nossa metropole repousa outro symbolo, o *Gigante de pedra*, aquelle que o poeta dos Timbiras cantou :

- E lá na montanha deitado, dormido,
- Campeia o gigante, — nem pôde acordar !
- Cruzados os braços de ferro fundido,
- A fronte nas nuvens, os pés sobre o mar !.

« Este representa quicá a segurança do génio da Pátria no brilho dos destinos que a esperam. Está alli a sonhar com o progresso, com as conquistas da civilização, com o valor cívico dos patriotas esforçados, que hão de illustrar o nome brasileiro.

« Sois um delles, prezadissimo confrade. Abraçado á bandeira que estudastes com desvelo e notavel saber, aggregue-vos de hoje em diante á nossa obra : vinde revigorar com a phalange dos novos o corpo do nosso Instituto e realizar com elles e com a experiencia dos velhos aquella missão historica, a que patrioticamente alludistes : « *Contribuir para o progresso humano, cooperando para a verdadeira paz internacional e affirmando a egualdade das nações perante o Direito* ».

« Sede benvindo. »

(*Palmas calorosas*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) annuncia ao

Instituto que, no dia 21 do corrente, ás 9 horas da noite, se realizard a sessão magna, para a qual deve ser convidado o chefe do Estado.

« Para effectuar tal convite nomeia uma commissão, composta dos srs. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Martin Francisco Ribeiro de Andrada e major dr. Liberato Biltencourt.

« Em seguida diz que nada mais havendo a tractar, nem desejando socio algum fazer uso da palavra, vai levantar a sessão.

« Antes, porém, de fazê-lo, cabe-lhe agradecer em nome do Instituto a honrosa e agradável presença das ex.^{mas} senhoras e dos conspícuos cavalheiros que entenderam assistir á presente sessão, incluídos no numero de taes cavalheiros vários dos astrónomos estrangeiros, que vieram ao Brasil observar o último eclipse solar.»

Levanta-se a sessão ás 5 $\frac{1}{2}$ da tarde.

Luiz Gastão d'Escagnolle Doria, 2.º secretario interino.

SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 74.º ANNIVERSARIO,
EM 21 DE OUTUBRO DE 1912

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO.

As 9 horas da noite, na sede social, abre-se a sessão, com a presença do sr. marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente da Republica e presidente honorario do Instituto, e dos seguintes consocios: conde de Affonso Celso, dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, barão Homem de Mello, dr. Luiz Gastão de Escagnolle Doria, dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, cardeal d. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, dr. Eduardo Marques Peixoto, dr. Alberto Rangel, dr. Alfredo Rocha, dr. He-

lio Lobo, capitão-tenente Raul Tavares, dr. Eurico de Góes, dr. Martin Francisco Ribeiro de Andrada, padre dr. Julio Maria, dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, capitão de mar e guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, dr. Pedro Souto Maior, dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, almirante barão de Teffé, conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, dr. Sabino Barroso, Carlos Lix Klett, conselheiro João de Oliveira Sá Camello Lampreia, almirante Arthur Indio do Brasil, dr. João Coelho Gomes Ribeiro, dr. Manuel Alvaro de Sousa Sá Vianna, desembargador João da Costa Lima Drummond, dr. Alfredo Valladão, coronel Jesuino da Silva Mello, dr. Francisco Agenor de Noreña Santos, conde de Leopoldina e dr. José Americo dos Santos.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA (2.^o secretario interino, servindo de 1.^o), communica a ausencia dos srs. Max Fleiuss, 1.^o secretario perpetuo, por motivo de licença solicitada, e do sr. dr. Gastão Ruch, 1.^o secretario interino, por um impedimento occasional.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) convida para servir de 2.^o secretario, na presente sessão, o sr. dr. Eduardo Marques Peixoto, que, em seguida, toma assento na mesa.

O SR. DR. ESCRAGNOLLE DORIA (2.^o secretario interino, servindo de 1.^o), procede á leitura do seguinte expediente relativo á sessão :

— Telegramma da ex.^{ma} sr.^a d. Antonietta Araripe, agradecendo, em nome de sua familia, as homenagens prestadas á memoria do dr. Araripe Junior, e incumbindo o dr. Escragnolle Doria de representar a familia Araripe na solennidade da sessão magna.

— Telegramma do barão de Werther, agradecendo o preito de apreço e saudade do Instituto ao barão do Rio Branco, seu antigo presidente perpetuo, e desculpando-se por não poder comparecer á sessão magna, devido a motivos de saúde.

Finda a leitura do expediente, o SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*), pronunciou o seguinte discurso :

« Em tres quartos de seculo entra hoje a conspicua existencia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

«Basta-lhe a anciania para o investir de dignidade e o abonar perante o conceito publico.

«É prova de que, formado com esperançosos elementos de vitalidade, não os malbaratou, ou enfraqueceu, em tão extenso percurso.

«Firme e sereno, tem elle resistido a todas as vicissitudes. Commoveram-no, porém, não o abalaram, as convulsões que, naquelle periodo, combalaram o paiz. Nascido sob o governo do regente Araujo Lima, depois marquez de Olinda, o *Instituto*, durante a agitada terminação da phase regencial, no correr do magnanimo reinado de d. Pedro II, nestes vinte e tres annos de Republica, trabalhou sempre calmamente, assistindo a várias revoluções e guerras externas, á abolição do cativeiro, á mudança do regimen politico, aos tumultuosos successos das ultimas duas decadas, sem que nada o perturbasse na execução de seu programma de paz e concordia, todo entregue a cogitações exalçadoras do coração e do engenho humanos.

«Documentos deste ininterrupto, austero, proficuo labor registam-n'os á farta os 74 volumes de sua *Revista*, — o erario maximo de informações sobre cousas nacionaes.

«Climaterico foi o anno de 1838. Continuava na Bahia, até ser suffocada em sangue, a Sabinada, revolta que, mais de quatro mezes, tyrannizou a capital da provincia. No Rio Grande do Sul, superiormente acandilhados por Bento Gonçalves e Bento Manuel, propugnando, aliás, uma idéa que todo Brasileiro deve repudiar, a da desagregação do Brasil, infligiam serios revezes ás armas imperiaes os destemidos Farrapos. Surde no Maranhão o sangrento levante da Balalada. No Piauí, assolado pelo mesmo movimento subversivo, attentam contra a vida do presidente, barão de Parnahiba. Cae assassinado o presidente do Rio Grande do Norte, Silva Lisboa. Grave sedição domina Villa Franca, em S. Paulo. Morre José Bonifacio.

«Em compensação, effectua-se a pacifica eleição do regente, que havia um anno, após a renuncia de Feijó, governava interinamente em nome do imperador, e assignala-se a criação de tres estabelecimentos uteis: o Monte de soccorro, o Archivo publico e o *Instituto Historico*.

«Resgatam, nobilitam 1838 os notorios serviços e benefícios destas tres fundações.

«Commemorando hoje a sua installação, cumpre o *Instituto* o dever de tributar os preitos da gratidão e da reverencia aos seus fundadores, cujos nomes se orgulha de recordar, pois pertencem a eminentes compatriotas.

«Ei-los:

«Marechal de campo Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim (visconde de Jerumirim), conselheiro José Feliciano Fernandes Pinheiro (visconde de S. Leopoldo), marechal de campo Raimundo José da Cunha Mattos, conego Januario da Cunha Barbosa, conselheiro Candido José de Araujo Vianna (marquez de Sapucahi), coronel dr. Conrado Jacob de Niemeyer, general Pedro de Alcantara Bellegarde, dr. Joaquim Caetano da Silva, dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, conselheiro José Antonio da Silva Maia, conselheiro Caetano Maria Lopes Gama (visconde de Maranguape), conselheiro José Clemente Pereira, conselheiro Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (visconde de Sepetiba), desembargador Rodrigo de Sousa e Silva Pontes, conselheiro Francisco Gê de Acalaba de Montezuma (visconde de Jequitinhonha), conselheiro Joaquim Francisco Vianna, conselheiro Bento da Silva Lisboa (barão de Cairú), conselheiro Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmiento, Ignacio Alves Pinto de Almeida, dr. João Fernandes Tavares (visconde de Ponte Ferreira), conselheiro José Antonio Lisboa, José Lino de Moura, dr. José Marcellino da Rocha Cabral, dr. Antonio Alves da Silva Pinto, José Silvestre Rebello e Thomé Maria da Fonseca.

«Inclina-se egualmente, repassado de reconhecimento e veneração, ante a imagem augusta de seu inexquecivel protector, s. m. o sr. d. Pedro II, que já, aos quinze annos de idade, em 1840, consagrava benévola e viva attenção aos trabalhos do *Instituto*, ao ponto de lhe offerocer uma sala do paço imperial para as sessões, ás quaes no decurso de 49 annos constantemente compareceu, distinguindo-nos ainda, depois de morto no exilio, com o donativo de importante parte de sua valiosissima bibliotheca.

«Gloria á imponente, modelar figura!

« Graças á dedicação de seus associados, á sympathia e concurso dos poderes publicos, ao favor da opinião esclarecida, proseguiu desassombrado em seu recto caminho o *Instituto*, no anno social hoje concluído.

« Ides ouvir, no relatório do digno sr. secretario, substituto do perpetuo, cuja ausencia todos deploramos, a enumeração das occurrencias que ahí nos interessaram.

« Acabrunharam-nos, neste anno, pungentissimas perdas, quaes as do presidente perpetuo Iarão do Rio Branco, do ex-presidente marquez de Paranaguá, e do aclamado, em assembléa geral, presidente honorario visconde de Ouro Preto, meu queridissimo pae.

« Em nosso nome, sobre os jazigos, embelidos de saudoso pranto, destes e outros egregios consocios, vai depositar as laureas magnificas de seu saber e de sua eloquencia o nosso orador.

« Somos uma legião, a quem, no curto prazo de uma só peleja, houvesse a morte prostrado as mais elevadas patentes, os proceres, os consagrados heroes.

« Mas corajosa, disciplinada, insubjugavel, conscia dos seus deveres e energias, confiante no seu ideal, persiste a legião na sagrada lida, certa de que o immaculado vexillo erguido ha 74 annos, não se alaterá, como jámais se abateu.

« Sustentam-no as fecundas conquistas do passado; animam-no as bellas possibilidades de hoje e amanhã.

« A Historia, a Geographia, a Ethnographia e a Archeologia do Brasil convidam, concitam a infindaveis, luminosos estudos, escopo essencial do *Instituto*.

« Para emprehendê-los com ardor, effectuá-los com segurança, conclui-los com lustre, fallecem-lhe porventura requisitos?

« Sobejam-lhe os fundamentos: fé nas bondades de sua tarefa, culto da sciencia, patriotismo.

« Principalmente patriotismo, pois acima de tudo, nesta casa « *vercis amor da patria, não movido de premio vil, mas alto e quasi sterno.* » (Palmas calorosas).

Findo esse discurso, o sr. dr. Escagnolle Doria (2.^o secretario interino, servindo de 1.^o) leu o seguinte relatório dos trabalhos annuaes do Instituto :

« Na fôrma dos Estatutos e das tradições do Instituto, cabe ao 1.º secretario a resenha annual dos trabalhos sociaes. É o pregoeiro da acção, o balanceador do esforço da nobre companhia que desde 1838, todos os annos, no dia da sua sessão magna, se senta á beira do tempo para medir a distancia percorrida no labor, saudando os obreiros depois de ter avaliado a sua obra.

« Na ausencia do 1.º secretario perpetuo, dr. Max Fleiuss, licencendo a pedido, e no impedimento do 1.º secretario interino, dr. Gastão Ruch, privado de comparecer por circumstancia occasional, venho occupar a attenção do Instituto no desempenho do encargo que devia caber áquelles distinctos consocios.

« Peza-nos a ausencia do sr. 1.º secretario perpetuo, o reorganizador do Instituto, cuja vida se tornou gomea da desta associação, á qual tem dado provas de filial zêlo, cujo conhecimento seguro, prompto e certo das menores cousas da casa, annualmente vos fornece relatorios substanciaes e entusiasticos, completos e interessantes. Antes de cumprir os deveres do meu cargo momentaneo, deixarei aos illustres consocios um momento de pausa para que se ermanem todos na saudade, que lhes inspira o afastamento involuntario do incansavel companheiro.

« Rendido este preito de estricta justiça, verificaremos que, no corrente anno, por varias vezes, o Instituto, ao imperioso convite da tristeza, se cobriu de lucto pezado, com a perda de notaveis membros seus, e, entre elles, o benemerito presidente perpetuo, o sr. barão do Rio Branco.

« Mão grado tão fundos e repetidos golpes, os trabalhos sociaes correram normaes e serenos, entre a dedicação da Directoria, a pontualidade e o esforço dos consocios, a presença dos funcionarios, sobrelevando-se entre elles o sr. dr. José Vieira Fazenda, cujos conhecimentos vastos e profundos daría realce a qualquer associação scientifica do mundo.

« É tempo agora de examinarmos junctos tudo quanto se passou, no decurso de 1912, no recinto das sessões do Instituto e nas suas dependencias.

« A 17 de Fevereiro realizon-se a assembléa geral extraordinaria para a eleição do presidente do Instituto, em substituição

ao eminente sr. barão do Rio Branco. Foi eleito, por quasi unanimidade de suffragios, o sr. conde de Affonso Celso, antigo e eloquentissimo orador do Instituto, que a elle pertence ha quasi vinte annos, tendo sempre prestado, ininterruptamente, os maiores serviços nas diversas commissões de que fez parte.

«Nessa assembléa geral, presidida pelo illustre sr. dr. Ramiz Galvão, por meio de uma proposta, assignada por vinte consocios, se conferiu ao saudoso sr. visconde de Ouro Preto a presidencia honoraria.

«A 23 de Abril effectuou-se a 1.ª sessão ordinaria do anno, na qual foi lido copioso expediente, pelo qual muitos consocios applaudiram a eleição do sr. conde de Affonso Celso.

«Na mesma sessão, o novo presidente do Instituto participou as nomeações por elle feitas, de conformidade com o art. 26 § 4.º dos antigos Estatutos, dos srs. dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva, para 1.º vice-presidente; dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, para orador e para membro da Commissão de estatutos; conselheiro Camello Lamprea, para a de Fundos e Orçamento; drs. Augusto Olympio Viveiros de Castro e Clovis Buvilacqua, para a de Historia; capitão-tenente Francisco Radler de Aquino, para a de Geographia, e dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, para a de Admissão de socios.

«Foi tambem approvedo o parecer da Commissão de fundos e orçamento, relativo ás contas do exercicio social de 1911.

«Ainda nessa sessão tiveram leitura os pareceres da Commissão de Historia, relativos aos srs. drs. Luiz Gastão d'Escraignolle Doria e Washington Luiz Pereira de Sousa e o do sr. dr. Viveiros de Castro, relativo á proposta do sr. dr. Alberto Torres.

«Na mesma sessão foram offerecidas propostas referentes aos srs. drs. Julio Fernandes, Rivadavia da Cunha Corrêa, Lauro Severiano Müller, Manuel de Oliveira Lima, barão de Studart, Amaro Cavalcanti, Pedro Lessa, desembargador Lima Drummond, Afranio de Mello Franco, Valladão, Hello Lobo, Manuel Emilio Gomes de Carvalho, major dr. Liberato Bittencourt, Francisco Agenor de Noronha Santos, Alberto Rangel, desembargador Ataulfo Napolé de Paiva e dr. Alberto Lamego. Tambem nessa sessão tomou posse o novo socio sr. dr. Pedro Souto Major, pronun-

ciando interessante discurso sobre trabalhos empreendidos em Portugal, no desempenho de missão confiada pelo Instituto. O dr. Souto Maior, nos archivos e bibliothecas da Hollanda, com extraordinaria pertinacia e notavel senso critico, descobriu varios documentos de subido valor para a nossa Historia, continuando, assim, e de modo brilhante, os grandes trabalhos de Netscher, Joaquim Caetano, Ramiz Galvão, Varnhagen e José Hygino.

« Em 4 de Maio realizou-se a 1.^a sessão extraordinaria para a leitura de pareceres e da proposta relativa ao sr. Nicoláo José Debbané. Seguiu-se logo depois uma sessão especial, para votação dos mesmos pareceres, resultando desta a eleição dos srs drs. Julio Fernandez, Rivadavia da Cunha Corrêa e Lauro Müller como socios honorarios, a elevação a essa classe dos antigos consocios, srs, drs. Pedro Lessa, Amaro Cavalcanti, Manuel de Oliveira Lima e barão de Studart e a eleição, como socios correspondentes, dos srs, drs. Washington Luiz Pereira de Sousa e Luiz Gastão d'Escagnolle Doris.

« A 13 de Maio realizou-se a 2.^a sessão ordinaria, tomando posse o sr. dr. Julio Fernandez, então representante da Republica Argentina juncto ao Góvêrno do Brasil. O discurso pronunciado pelo estimado diplomata foi mais uma demonstração do seu elevado espirito e da sinceridade com que procurou robustecer as sympathias entre os povos brasileiro e argentino.

« Nessa mesma sessão o eminente sr. dr. Pedro Lessa effectuou breve conferencia sobre a data de 13 de Maio.

« A 27 do mesmo mez de Maio realizou-se a 2.^a sessão extraordinaria, lendo-se diversos pareceres e votando-se a admissão dos srs. desembargador Lima Drummond, drs. Afranio de Mello Franco, Liberato Bittencout e Manuel Emilio Gomes de Carvalho.

« A 6 de Junho realizou-se a 3.^a sessão extraordinaria para votações, sendo eleitos socios do Instituto os srs, drs. Helio Lobo, Alberto Rangel e desembargador Ataulfo Napoles de Paiva.

« A 3.^a sessão ordinaria realizou-se em 11 de Junho, effectuando o venerando consocio sr. barão de Teflé interessante conferencia sobre a data de 11 de Junho de 1865 e tomando posse o sr. desembargador Lima Drummond, cujo discurso, notabilissimo pela fórma e pelos conceitos, mereceu os mais calorosos encomios,

« A 4.^a sessão extraordinária realizou-se a 16 de Junho, tendo-se nessa occasião o parecer relativo ao sr. dr. Alfredo Valladão, e tomando posse quem neste momento occupa vossa attenção.

« A 27 de Junho effectuou-se a assembléa geral extraordinária para discussão e approvação dos novos Estatutos, que hoje nos regem. Essa mesma assembléa ratificou todos os actos praticados pelo actual presidente do Instituto.

« A 5.^a sessão extraordinária celebrou-se em 29 de Junho, tendo-se os pareceres relativos ao sr. Nicoláo José Debbané, no qual o illustre relator, sr. dr. Viveiros de Castro, com o alto criterio que tanto o distingue, expendeu algumas verdades, cada vez mais relevantes.

« Não deixaremos de transcrever os seguintes trechos dessa pagina de observação e justiça:

« Contrariando a affirmação da eschola positivista de que cada vez mais os mortos governam os vivos, nós não temos o culto dos antepassados. Por mais cheia de serviços que tenha sido a vida de um estadista, si elle não deixou um grupo de amigos que tomem a seu cargo a tarefa de alimentar o fogo sagrado do enthusiasmo, a sua memoria vai aos poucos diluindo-se, impersonalizando-se.

« Reagir contra essa indifferença, estimular a energia da geração actual pela recordação dos feitos dos nossos maiores, é justamente a missão precípua deste Instituto.»

« O conceito do nosso eminente companheiro é de uma realidade tão indiscutivel, que ocioso se torna commentá-lo.

« A missão principal, porém, deste Instituto não se deve cingir á recordação das obras dos nossos gloriosos predecessores; cumpre-lhe tambem cultivar o sentimento de gratidão, evitando que dedicações sinceras e proficuas a esta companhia não tenham por único premio o sorriso de mofa, ou o exquecimento immediato, quando não o repudio violento.

« Nessa sessão a 29 de Junho tomaram posse os dres. Alberto Rangel, Helio Lobo e Literato Bittencourt. Está na memoria de todos o brilhantismo das suas orações academicas.

« A 4.^a sessão ordinaria realizou-se em 19 de Julho, tendo sido lido o parecer relativo ao sr. capitão-tenente Raul Tavares e to-

mando posse o sr. dr. Francisco Agenor de Noronha Santos, cujas palavras foram por todos merecidamente applaudidas.

« Nesta mesma sessão foi eleito socio o sr. dr. Alfredo Valladão.

« A 5.^a sessão ordinaria realizou-se em 15 de Agosto, nella tomando posse de sua cadeira de socio correspondente o sr. dr. Affonso d'Escagnolle Taunay, o qual teve ingresso na nossa companhia pela publicação de um romance no difficil genero historico, romance cuja acção, cozida por assim dizer ao passado, lhe permittiu demonstrar intimo tracto com os assumptos da Historia patria. Continuando a collaborar activamente na *Revista*, nos lazeres do magisterio superior e secundario, o dr. Affonso Taunay tem buscado provar que sabe reconhecer a honra de ser membro do Instituto, já narrando, longa e documentariamente, os acontecimentos que presidiram á formação e evolução do nucleo artistico francez de 1816, ao qual tanto deve a Arte no Brasil, já descrevendo a vida de probidade e de intelligencia do grande homem de bem, por nome conselheiro José Antonio de Azevedo Castro, funcionario publico que zelava a fortuna publica como defenderia um ente caro pelo sangue.

« A 6.^a sessão extraordinaria realizou-se no dia 23 de Agosto, para leitura de pareceres e votações relativos aos srs. capitão-tenente Raul Tavares e Nicoláo José Debbané.

« A 6.^a sessão ordinaria effectuou-se a 22 de Setembro, tendo sido approvado o orçamento para o anno vindouro e tomando posse o sr. capitão-tenente Raul Tavares, cujo discurso patenteou a proficiencia do joven marinheiro, tambem dedicado cultor das lettras historicas.

« Na sessão o 1.^o secretario interino, a convite do presidente, usou da palavra para saudar o illustre egyptologo dr. Deiter.

« O modo correcto e a elegancia com que, de improviso, em lingua franceza, se exprimiu o sr. 1.^o secretario interino, deixam patente o comprovado merito do nosso distincto collega.

« A 7.^a sessão ordinaria realizou-se a 16 deste mez, tomando posse os dres. Alfredo Valladão e Eurico de Góes.

« Ainda vibra nesta sala o grato echo dos discursos desses illustres recipiendarios.

« Dando conta do brilho das graças dos novos companheiros, quasi nada dissemos quanto ás respostas do nosso orador. E para que uma referencia a essas paginas de acabada perfeição, no duplo aspecto da linguagem e das idéas? Haverá porventura, entre nós, quem ignore o valor — o valor inexcedível — de Benjamin Franklin Ramiz Galvão? Basta citar-lhe o nome para que todos avaliem ou se recordem o que foram esses discursos e os applausos unanimes e colorosos que despertaram.

« Além dessas sessões, o Instituto realizou este anno algumas solennidades dignas do maior applauso, que não lhe foi regateado. Queremos nos referir á inauguração dos retratos de s. a. a. princeza Isabel — a Redemptora, — do grande e saudoso estadista Joaquim Nabuco, antigo orador e dos mais brilhantes da nossa companhia, do sr. conselheiro João Alfredo, do almirante barão de Teffé, do nosso inclyto orador sr. dr. Ramiz Galvão, do visconde de Taunay. Em todos esses actos usou da palavra o nosso illustre presidente.

« Brevemente o Instituto inaugurará tambem o retrato do sr. conselheiro Augusto Olympio Gomes de Castro, como respeitoso tributo á memoria desse consocio, que tanto renome conquistou no parlamento do Imperio e no da Republica.

« Os serviços de catalogação das collecções do nosso archivo e da bibliotheca foram realizados com afino, estando muito adeantados, podendo eu affirmar por tê-los presidido.

« Muito resta ainda fazer para que o nosso archivo seja utilizavel e utilizado, na medida de suas riquezas. Para tanto é necessario que todos os papéis obedeçam á systematização agora adoptada.

« A nossa bibliotheca, sempre frequentada, prestou relevantes serviços, sob a chefia immediata do sr. dr. José Vieira Fazenda, a quem o Instituto deve a mais legitima gratidão pelo inexcédível devotamento ao cargo, que, em boa hora, lhe foi confiado pelo inolvidavel conselheiro Aquino e Castro.

« A nossa *Revista* está em dia.

« Dentro de pouco tempo será distribuida a parte II do tomo 74, com 800 paginas de texto e composta de artigos devidos á competencia dos srs. drs. Sebastião de Vasconcellos Galvão, Pa-

dre Brasil, drs. Pereira da Silva, Vieira Fazenda e Affonso de Eschagnolle-Taunay.

« A parte 1 do tomo 75, já sob a direcção provecta do sr. dr. Ramiz Galvão, foi entregue ás officinas da Imprensa Nacional.

« Continuamos a manter ns mais estreitas relações com as principaes bibliothecas das nações americanas. Actualmente podemos affirmar que, em todas as capitães deste continente, e em muitas das cidades, figura a *Revista* do nosso Instituto, bem como as publicações por este editadas.

« E não só com relação ao nosso, mas tambem com os outros continentes temos mantido constantes communicações, recebendo de todos assíduas provas de consideração.

« É este, sem duvida, um dos grandes serviços prestados pelo Instituto ao nosso paiz.

« O estado economico do Instituto permittiu a desobriga de suas tarefas, graças á protecção sempre concedida pelo Congresso Nacional e pelo Govêrno da Republica. Sem ella fôra impossivel imprimir a indispensavel regularidade aos nossos trabalhos.

« O Instituto tornou-se, de ha muito, uma verdadeira bibliotheca publica e de natureza singular, pois os seus consultantes reclamam attenções especiaes.

« Não fosse, portanto, o amparo do Govêrno, e esta Associação por todos os títulos respeitavel e respeitada tornar-se-hia uma bella instituição extincta.

« No capitulo de nossa vida economica cumpre citar os desvelos do nosso integro thesoureiro, o sr. commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães.

« Ao Estado de S. Paulo deve tambem o Instituto os maiores agradecimentos pelo concurso, que lhe prestou.

« A construcção do nosso edificio social, para o qual o Congresso Nacional votou a necessaria verba, tendo sido aberto pelo Govêrno o credito e estando no Thesouro Nacional a respectiva quantia, deve ser em breve iniciada. A demora haviada tem sua origem na difficuldade de achar-se um terreno em local apropriado.

« Tomou o Instituto parte em congressos realizados em Londres e em Genebra, sendo brilhantemente representado pelos seus consocios srs. drs. Affonso Arinos e Fernando A. Georgette.

« Para a realização do planejado accôrdo luso-brasileiro, ideado por Consiglieri Pedroso, de saudosa memoria, o Instituto delegou poderes ao dr. Pedro Souto Maior, que se occupou do assumpto quando na Europa.

« O Instituto designou uma commissão, para observar o eclipse do sol no dia 10 deste mez.

« A commissão, composta dos consocios: almirante barão de Teffé, Major dr. Liberato Bittencourt e capitão-tenente Raul Tavares, infelizmente nada poudo fazer em prol da sciencia. O tempo chuvoso impediu por completo qualquer observação dos phenomenos a registar durante as phases do eclipse. O céu, completamente encoberto por grande quantidade de stractus, além da chuva constante e impertinente, não consentiu que se observassem as tres phases do eclipse, que, segundo os calculos, foram: 1.º contacto ext. $9^h06^m59^s$. Phase maxima: $10^h27^m54^s$. 2.º contacto ext. $11^h54^m39^s$. Duração do phenomeno: $2^h47^m39^s$.

« Entretanto, o relator do parecer da commissão, capitão-tenente Raul Tavares, tractará, em occasião opportuna, desse eclipse, que tantas preocupações scientificas despertou e tantas desillusões trouxe aos observadores.

« Varias e importantes foram as offertas para o enriquecimento de nossas collecções, recebidas todas com o carinho dispensado pelo Instituto aos que o procuram e distinguem, e, felizmente, isso succede cada vez mais.

« Taes os successos do anno social de 1912, que a sessão de hoje encerra de vez.

« Chamado á ultima hora, a desempenhar o cargo de 1.º secretario, no impedimento do sr. dr. Gastão Ruch, si pude historiar fiel e rapidamente taes successos, foi devido ao trabalho que encontrei feito, pelo sr. Max Fleiuss, cujo interesse pelo Instituto continua a manifestar-se na promptidão e solicitude das respostas ás consultas dos collegas da Directoria. Recorrem ao seu perfeito conhecimento do mechanismo administrativo desta casa, pelo que aqui lhe deixam consignados geraes agradecimentos.

« A nota predominante do anno social foi, sem duvida, a perda de eminentes consocios, alguns dos quaes occuparam a culminancia na administração publica e na direcção desta casa.

« Sobre todos dirá, daqui a instantes, o Insigne homem de letras que honra a cadeira de orador.

« O Instituto, na sua sessão magna de 1912, commemorativa do 74.º anniversario de sua fundação, recorda a dolorosa perda de taes consocios, esperando que as lições de civismo deixadas por elles e as provas de bondade sejam sempre dignificadas nesta companhia. Acima de quaesquer considerações, ella deve ser justa, honrando-se desse modo a si propria e mantendo illeso o vasto patrimonio moral de que é depositaria.

« Agora entrego a palavra ao orador do Instituto.

« Guiet-vos no edificio do trabalho, designando á vossa attenção os factos sociaes mais dignos della. Agora o nosso orador vai conduzir-nos entre cyprestes, em busca da tumba, dos serviços, da memoria de nossos finados consocios. Mas a sua palavra sempre colorida, trabalhada pela lição classica, não entoará um hymno de funebre desanimo, de luctuoso esmorecimento.

« Não. Os nossos grandes mortos ensinam, doutrinando pelo exemplo e robustecendo pela saudade, justificando a coragem, a resistencia, o progresso das gerações, as quaes, á luz perenne da vida, correm para o porvir, incitadas pelos proprios mortos que parecem exclamar: « por sobre os tumulos, adeante ». As phrases do orador são flores. O Instituto vai colloca-las sobre o tumulo dos seus, antes de continuar a gloriosa carreira ».

(*Muitos applausos*).

Tomou a palavra depois disso o sr. dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, orador do Instituto, que fez o elogio dos socios fallecidos no correr de 1912, pronunciando o seguinte discurso:

« Ex.^{mas} srs. e dignos consocios:

« Em toda a larga existencia do Instituto, que já conta 74 annos de trabalho, nenhuma pagina houve talvez tão luctuosa nos seus *Annaes*, como a de 1911 a 1912. Não fallando de outros talentos que a morte nos roubou, perdemos vultos de primeira grandeza, cujo desaparecimento cobriu de crepe não só a nossa companhia, mas a Patria inteira.

« Infelizmente ainda para vós, recaiu em fracos hombros a pezada tarefa de rememorar dignamente os meritos de tão distinctos consocios. Ha 40 annos, quando vosso orador de hoje aqui

se desempenhou de missão similhante, tinha elle ao menos o fogo vivaz da mocidade, entrava cheio de esperanças no scenario da vida e, á falta de outros predicaos, sobrava-lhe o enthusiasmo proprio da idade juvenil, que não sabe medir responsabilidades.

« Hoje, enfraquecido pelos annos e pelos embates da vida, como poderei corresponder ao brilho deste auditorio e ao magno assumpto que nos congrega? Imitando o conceito de um orador illustre, pedirei á fulgida memoria de cada um dos nossos mortos queridos um raio de luz, e, á claridade de sua alta benemerencia, estou que me seja possível não desdourar a tribuna, em que scintillou entre outras a palavra brilhante de Porto Alegre, Macedo e Affonso Celso.

« Estes certamente lembrados daquelle pagina de Thucydides, em que elle nos resume o famoso elogio dos Athenienses mortos em defesa da patria, proferido pelo insigne Pericles nos funeraes celebrados no Ceramico, á custa do erario publico. Não seguirei seu exemplo, fazendo de preferencia o elogio da Patria e dos nossos antepassados que a illustraram; mais feliz neste passo do que o eloquente filho de Xantippo, tenho por assumpto, não a vida de uma cohorte de valentes soldados desconhecidos, mas a de uma pleiade luminosa de Brasileiros e ermãos benemeritos, que foram modelos de civismo, que se nobilitaram por altos serviços, que deixaram á posteridade exemplos raros de devotamento á causa publica. Rememorar estes nomes, delinear a traços largos o seu elevado merito, propô-los á admiração dos coevos e vindouros é acto de severa justiça, que importa em celebrar as grandezas da Patria, visto que ella se dignifica aos olhos do mundo com a virtude de seus filhos illustres.

« Dentre os consocios fallecidos no decurso deste anno social os dous unicos que não tiveram berço no Brasil foram Manuel José da Fonseca e o almirante Augusto de Castilho; permittir, porém, que os intitule de ermãos, por tal fôrma captivaram a nossa estima com rasgos de magnanima dedicação aos filhos da terra em que nascemos.

— « Ambos Portuguezes. O primeiro, commerciante honradissimo e intelligente, que no Rio de Janeiro fez toda a sua carreira; o segundo, bravo e distincto militar, que, em lance angustioso e cri-

tico da nossa Historia, engrinaldou seu nome, fazendo jús á gratidão eterna dos Brasileiros.

« Espírito atilado e culto, tendo convivido sempre nas rodas selectas do Rio de Janeiro, Manuel José da Fonseca aqui fizera um largo círculo de amigos, que nelle apreciavam acima de tudo os nobilissimos predicados de coração.

« Nosso distinctissimo patricio, o dr. Carlos de Laet, em brilhante artigo que dedicou á sua memoria, narra este facto, que por si só bastaria para o recommendar á estima de todos os homens honrados. Proclamada a Republica em 1889, fôra preso e coagido a exilio o nobre visconde de Ouro Preto, chefe do ultimo gabinete ministerial da Monarchia. Nesta dolorosa conjunctura, quando muitos amigos acobardados tremeram e se esquivaram talvez, Fonseca procurou o ministro decaído e disse-lhe : « *Não acredito uma só palavra das infâmias que se propalam sobre sua fortuna ; sei que é pobre, honrado e agora ferido pela maior das injustiças politicas ; eis a minha bolsa, tire della quanto quizer...* »

« O visconde abraçou o amigo, guardou o cheque, não se serviu delle, mas conservou n'alma, como todos nós conservariamos, para sempre gravada a mais profunda gratidão por aquelle acto de immenso cavalheirismo.

— « Augusto de Castilho, filho do grande e immortal Antonio Feliciano de Castilho, nascido a 10 de Outubro de 1841, abraçou aos 15 annos a carreira das armas, Guarda-marinha desde 1862 quando já contava serviços de guerra em Angola, official superior desde 1885, contra-almirante desde 1901, Augusto de Castilho foi na marinha de seu tempo um dos vultos mais brilhantes e um dos servidores da Patria de mais alto relêvo intellectual e moral. Já como bravo homem do mar, já como criterioso administrador no Governo Geral de Moçambique e em outras altas commissões, já como jornalista e escriptor, o nosso distincto consocio honrou sempre e por toda a parte o glorioso nome paterno e o não menos glorioso nome da Patria Portuguesa.

« Em 1894 commandava elle, no porto do Rio de Janeiro, a corveta *Mindello*, (todos aqui o guardam de memoria) e assistia ao luctuoso espectáculo do duello, que se travára entre a

nossa esquadra revoltada e o Governo do marechal Floriano Peixoto.

« Essa lucta chegára ao momento critico do desenlace, depois de episodios varios e lugubres, que o nosso coração de patriota só pôde e deve lastimar. A revolta, sem ter conseguido o almejado apoio, exaurira seus recursos, enquanto o Governo, resistindo com pertinacia e amplos meios, conseguira collocar o adversario dentro de um circulo de fogo. Era chegada a hora tremenda, ou do sacrificio de todas as vidas, ou da rendição que certo acabaria por uma luctuosa hecatombe.

« Foi neste passo difficil e angustioso que o commandante Augusto de Castilho, cedendo a impulsos de humanidade e ao mais generoso dos sentimentos, prestou ao Brasil um desses heroicos serviços que immortalizam a memoria de um militar. Cedendo ao pedido do chefe da revolta deu asylo e recebeu a bordo dos navios portuguezes quantos officiaes e marujos brasileiros nelles se puderam abrigar, e saiu barra afóra, salvando centenas de vidas dum infallivel desastre, que enluctaria para sempre o nome da Republica.

« As paixões partidarias e super-excitadas do tempo não pouparam por isso o magnanimo Castilho, e o proprio Governo Portuguez julgou de seu dever processar o brioso commandante, como uma satisfação dada á nação amiga; mas os tribunaes absolveram-n'o, a posteridade o admira e abençoa, a justiça da Historia o exaltará sempre como a um benemerito, que soube antepôr os deveres de humanidade aos reclamos do interesse particular.

« O vice-almirante Augusto de Castilho foi eleito socio honorario deste Instituto em 19 de Julho de 1896. Pediu sua reforma em 1910, e falleceu a 30 de Março de 1912, contando 71 annos de idade.

« A sua lapide merece esta epigraphe pouco banal, disse, e disse bem Escagnolle Doria: « Aqui jaz um Portuguez amigo e defensor dos perseguidos, que poupon á humanidade um jorro de lagrimas e á face da civilização o opprobrio de um largo jacto de sangue ».

« — O commendador Luiz Alves da Silva Porto, que se finou ha 10 dias apenas, occupava no nosso quadro um logar de socio benfeitor desde 17 de Outubro de 1897.

«Esse illustre compatriota, nascido nesta capital aos 20 de Abril de 1830, foi na praça do Rio de Janeiro uma figura digna de veneração e cercada da mais respeitosa estima. Honradez a toda prova, austero cumprimento de deveres e grande competência em assumptos bancarios deram-lhe ahí uma posição das mais salientes. No Banco do Brasil, como director desse estabelecimento de credito por mais de trinta annos, seus serviços foram realmente inestimaveis.

«Desempenhou-se com brilho e sagacidade de melindrosas commissões na Europa e no Rio da Prata.

«Só aos 80 annos de idade lhe foi dado como premio o repouso, — repouso allás bem ganho, porque elle havia servido ao seu paiz com a maior dedicação. Silva Porto foi um desses homens utilissimos, que passam na vida publica sem apparato, sem fulgores, mas de facto legam a seus compatriotas uma somma avultadissima de beneficios, e a seus filhos um nome immaculado. Feliz herança, que os azares da sorte não dissipam, e que o tempo só consegue avultar!

«— O dr. Joaquim Xavier da Silveira, nosso consocio effectivo desde 4 de Dezembro de 1905, desapareceu da scena da vida a 4 de Março deste anno, deixando aqui e no seio da sociedade brasileira a saudosa lembrança de um bello talento ao serviço de um character de primeira agua.

«Natural de S. Paulo, onde nasceu em 1865, ali fez seus estudos e bacharelou-se na Faculdade de Direito. Desde os bancos academicos entusiasta dos ideaes republicanos, fez-se delles propagandista e estrenuo defensor pela imprensa.

«Vindo para o Rio de Janeiro, salientou-se desde logo pela firmeza de convicções e outros elevadissimos predicados mornes, que não passaram despercebidos aos proceres do novo regime inaugurado em 1889. Delegado auxiliar de policia, governador do Rio Grande do Norte, chefe de policia do Districto Federal, intendente municipal e prefeito da Capital da Republica, em todas estas funções demonstrou sempre ponderada competencia, zelo e a mais illibada honradez. Integro e inflexivel sem dureza no tracto, modestissimo e avesso a ostentações não obstante o seu merito real, Xavier da Silveira teve occasião de prestar excellen-

tes serviços á causa de embelezamento desta cidade, podendo dizer-se que foi o iniciador das grandes obras aqui realizadas com exito por administrações posteriores.

« Posto que chefe politico de um partido, não logrou a victoria em eleição para senador; mas nem por isso perdeu o alto prestigio, de que sempre viu cercado o seu nome, porque o verdadeiro merecimento é superior a estes azares da lucta. Tambem o sol padece eclipses, mas resurge sempre luminoso, brilhante, fonte de calor, de luz e de vida.

« Na sua banca de advogado, para onde voltava das commisões administrativas e dos encargos politicos, era um esclarecido cultor do Direito. Seus pares do Instituto da Ordem dos Advogados, elevaram-n'o merecidamente á cadeira da presidencia, por onde passaram tantos vultos eminentes, de que a Patria se desvanece.

«—Tristão de Alencar Araripe Junior, filho do Ceará e descendente de uma illustre familia que ligou seu nome a grandes acontecimentos da Historia Patria, nasceu a 27 de Junho de 1848 e formou-se em Direito, na Faculdade de Recife, em 1869.

« Empregando seu talento desde verdes annos ao serviço publico, foi successivamente secretario da presidencia de Sancta Catharina, juiz municipal de Maranguape, deputado pela sua provincia, director geral da secretaria do Interior, e mais recentemente consultor geral da Republica. Em todos esses cargos prestou relevantes serviços, mas em nenhum talvez deixou traço mais fulgurante de sua passagem do que no ultimo, que foi a corôa de sua carreira publica, com pareceres eruditos, que serviram de norma a decisões da alta administração.

« Esse distincto Brasileiro, que era no lar um modêlo de correção e carinho, foi tambem, pôde dizer-se, um herôe do trabalho. Sabendo distribuir o tempo entre as penosas obrigações dos cargos officiaes, a vasta leitura, que era um dos encantos de sua vida, e a producção litteraria mais abundante, Araripe Junior deixou-nos uma obra vasta e digna de alto apreço como romanista e critico.

« Collaborou brilhantemente na «Gazeta da Tarde», na «Semana», na «Gazetinha», no «Jornal do Commercio» e na «Re-

vista Brasileira». Seus perfis litterarios constituem quicá o que possuímos de mais acabado neste genero da Litteratura nacional. Agudeza de vistas, alto senso critico, conhecimento profundo da Esthetica caracterizam a obra notavel do escriptor, cujo espirito aliás, pelas necessidades da vida, tinha de dispersar-se por assumptos e cogitações de tão diversa natureza.

« Quando se fundou nesta Capital a Academia Brasileira de Lettras, em 1894, chamaram-no para fazer parte dos 40 daquella aggremação de intellectuaes, onde legitimamente se foi sentar ao lado de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, José Verissimo, Carlos de Laet, Joaquim Ribeiro e tantos outros belettristas brasileiros.

« Nesse mesmo anno o nosso Instituto teve a fortuna de o admittir em seu gremio como socio effectivo, e hoje, pela mão do mais obscuro de seus admiradores, desfolha sobre o tumulto do illustre Cearense um punhado de flores.

« Agaripe Junior deu sua bella alma ao Creador em 29 de Outubro de 1911.

« — Eis-me chegado, senhores, á parte mais árdua da ingente missão, que me foi dada.

« Tive até aqui de celebrar grandes meritos: agora, porém, sinto a propria fraqueza deante de vultos mais que insígnies, deante de extraordinarios Brasileiros, que mereciam o Pantheão, si o tivéssemos, e ante cujos nomes a posteridade se ha de sempre curvar cheia de admiração, respeito e amor. São dous socios honorarios e dous benemeritos; não os ligam nem laços de sangue, nem affinidades politicas, nem homogeneidades de estudos. Ha todavia entre elles, tão singulares e tão diversos, um liame superior que os prende, que os eleva, que os dignifica soberanamente: é o amor intenso á Patria, — sentimento com que a serviram todos de modo excepcional e em postos da maior responsabilidade; refiro-me aos eminentes dr. Joaquim Martinho, marquez de Paranaguá, visconde de Ouro Preto e barão do Rio Branco.

« A vida laboriosa e honrosissima de cada um destes consocios daria margem á composição de livros; mas aqui não me é licito mais do que rastrear-lhes de longe o elogio e tributar-lhes em synthese rapida as homenagens do nosso Instituto.

—« Joaquim Duarte Murtinho nasceu em Cuiabá a 7 de Dezembro de 1848. Vindo muito moço para o Rio de Janeiro, aqui fez seus estudos secundarios e em 1865 matriculou-se na Eschola Polytechnica. A Engenharia, entretanto, não o seduzia. Em 1868 iniciou «pari-passu» o curso medico, vindo a graduar-se em 1870 na primeira especialidade e em 1873 na segunda. Laureado em ambas, o dr. Murtinho era pouco depois lente, por concurso, da cadeira de Biologia na Eschola Polytechnica, e um dos clinicos de maior nomeada nesta Capital. Seu grande talento dava-lhe em tudo a primeira plana: na cathedra de professor era um encanto e uma illustração; á cabeceira dos enfermos, applicando com rara sagacidade a moderna medicina de Hannemann, era um penhor de esperanças e foi muitas vezes um salvador.

« Mas este largo circulo de triumpho não lhe bastou. Sociologo e politico, antigo adepto dos principios republicanos, não tardou a ser chamado a outras funções logo que o novo regime se implantou em nosso paiz; nas primeiras eleições para o Senado da Republica seu nome appareceu victorioso entre os representantes de Malto-Grosso.

« Esta é a nova phase do homem superior; ao apostolo da sciencia vai succeder o estadista e, o que é mais, o estadista de larga envergadura. Da cadeira de senador ascende elle em 1897 ao Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas, e no anno seguinte, como collaborador do presidente dr. Campos Salles, ao Ministerio da Fazenda. Neste alto posto, e na mais cruel das emergencias, coube ao preclaro dr. Joaquim Murtinho uma gloria immorredoura. Um dos seus biographos já o disse com grande acerto, e eu folgo de louvar-me em seus conceitos:

« O Brasil, a começar o quadriennio Campos Salles, era o que se costumava chamar um caso perdido. A Republica sacrificára-se financeiramente no esforço pela sua propria conservação e a estabilidade. A guerra civil arruinára o Thesouro, e a presidência Prudente de Moraes mal tivera tempo de attender á liquidação do honroso legado, assoberbada a cada instante pelos movimentos da demagogia, remanescente inquieto daquelle periodo tragico. As emissões clandestinas confessadas, augmentando consideravelmente o volume de papel moeda em circulação,

« tinham aggravado sobremaneira a situação financeira. Só nos restava uma saída: a moratoria.

« Mas a moratoria outra coisa não era senão a suspensão temporaria da banca-rola imminente e da deshonra completa e absoluta... Assignando em Londres o accôrdo do *funding*, o dr. Campos Salles comprehendeu perfeitamente a responsabilidade que tomava sobre os hombros. Uma vacillação qualquer no cumprimento desse accôrdo seria a morte do Brasil. As obrigações assumidas para com os nossos credores forçavam-nos a uma conducta de rigorosa economia, que precisava ser por outro lado completada por uma série de medidas, que reforçassem a renda e diminuíssem alguns encargos peizados que oneravam o Thesouro. Tudo isso devia ser feito sem estancar o progresso, contra o qual ninguém impunemente se insurge numa nação nova. Era mister um homem que, na pasta das Finanças, soubesse tomar resolutamente este rumo, cerrando ouvidos á grita dos descontentes e abrindo mão da popularidade, que nunca foi condição indispensavel para o exito dos bons governos nos momentos imperiosos de salvação.

« O dr. Joaquim Murinho assumiu nobremente esse papel heroico e ingrato.

« Na sua rapida passagem pela pasta da Viação tivera o ensejo de rasgar um clarão na escura noite em que viviam mergulhados os politicos da epocha, chamando a attenção de todos para a necessidade urgente de se republicanizar a Republica, a fim de que o novo regime não mentisse ás esperanças de seus propagandistas.

« Este appello patriótico enunciado na formosa introdução ao relatório daquella pasta, situára definitivamente o preclaro medico entre os estadistas capazes da grande obra do resurgimento. O dr. Campos Salles foi arranca-lo de seu consultorio e da evidencia da sua cadeira no Senado para a culminancia da pasta da Fazenda, onde devia ser o inspirador e o guia de uma politica de ferro, que nos livrasse do opprobrio do cambio e a 6 e preparasse o advento de uma epocha melhor para o paiz.

« O dr. Joaquim Murinho soube corresponder perfeitamente a essa expectativa.

« Homem de solido preparo ; observador mais habituado a reflectir por si do que a estudar nos livros ; espirito concentrado, inimigo das vastas leituras, que dispersam a intelligencia e criam a volubildade da opinião, destraindo a firmeza da idéa primordial, elle levou para o Govêrno o cabedal precioso de sua vontade e acabou vencendo, com honra e lustre para seu nome e com evidente lucro para o paiz.

« Lembramo-nos ainda da grita enorme levantada contra a sua acção decisiva e energica na pasta da Fazenda. Os rhetoricos inconscientes, imbuidos de doutrinas negativistas e theorias artificiaes chegavam a levantar as paixões subalternas da massa ; mas, apesar disso, a grande e patriotica tarefa ponde ser levada a bom termo. Creados os impostos de consumo e estabelecida em moldes mais rigorosos a fiscalização de arrecadação, as rendas subiram.

« As propostas orçumentarias soffreram amplos cortes para redução da despesa. Começou a queima do papel Inconvertivel e fez-se o resgate e arrendamento das estradas de ferro que gozavam de garantias de juro. O deficit desapareceu, o cambio subiu, o consumidor e o productor respiraram um pouco ; e já no quadriennio seguinte ponde o Govêrno cogitar do progresso e material da nação pela construcção de grandes obras, que continuam attrahindo capitaes e movimentando as correntes do trabalho.

« Nada disso poderia ter sido conseguido si não fôra a bene-merita conducta de Joaquim Martinho na pasta da Fazenda. Encelando os nossos pagamentos no estrangeiro antes do tempo e marcado pelo accôrdo *Funding*, obteve elle uma victoria es-
trondosa ».

« Este magno serviço nunca será esquecido pelos Brasileiros patriotas, que desejam a reabilitação do credito do paiz. Só elle bastaria para immortalizar o grande ministro da Fazenda do quadriennio Campos Salles, que oxalá encontre sempre imitadores para se não repetirem os dias angustiosos de 1893 a 1898. Por maiores que sejam os recursos de um paiz novo e as riquezas naturaes deste sólo abençoado, que nos deu a Providencia, não estaremos livres de situações penosissimas, si a imprevidencia e

o desbarato financeiro voltarem a desfazer a obra meritória, que com tanto sacrifício e tanto civismo se realizou.

« O dr. Murtinho veio honrar a lista dos nossos consócios em 1900. Na órbita commum dos trabalhos do Instituto não teve parte jámaes; mas, como servidor da Patria, e dos mais illustres, tem nos nossos annaes um lugar conspícuo. A data de 19 de Novembro de 1911 foi portanto para esta companhia um dia de pezadissimo lucto.

« — João Lustosa da Cunha Paranaguá, — mais tarde marquez de Paranaguá, nasceu na provincia hoje Estado do Piauí, a 21 de Agosto de 1821, tendo por progenitores o coronel José da Cunha Lustosa e d. Ignacia Antonia dos Reis Lustosa. Viu pois a luz do dia quando a nossa Patria ainda não conquistára a Independencia; atravessou todo o largo periodo do primeiro e do segundo reinado, assistiu á transformação politica de 89 e accompanhou ainda por espaço de 22 annos a vida da nascente Republica. Fechando esta larga existencia, quasi secular, poderia repetir aquella palavra da Escriptura: tive uma vida cheia de dias — *vita plena dierum*.

« Estando na Bahia em 1840, a completar o seu preparo para a Faculdade Juridica, isto é, tendo apenas 19 annos de idade, começou a sua vida publica e essa longa série de serviços á Patria, que o sagraram benemerito; naquella data abandonou por um pouco os livros e foi enfrentar na provincia natal os desordeiros *Balaíos* do Maranhão, que a baviam invadido. Academico de Direito em 1841, tomou em 1846 o grão de bacharel na Faculdade do Recife.

« É longa, muito longa, a lista dos cargos e das posições em que desde então provou as suas nobilissimas qualidades de cidadão prestimoso. Foi delegado de policia na capital da Bahia, juiz municipal e de orphãos do termo da Cachoeira, na mesma provincia, juiz de direito de S. Gonçalo de Amarante no Piauí, e por algum tempo chefe de policia na referida provincia, chefe de policia na do Rio de Janeiro, mais tarde juiz de direito na comarca de Petropolis, e aqui na Capital, juiz da 3.ª Vara Cível e da 1.ª Vara de Orphãos, — posto da magistratura em que se aposentou com as honras de desembargdor.

«Dirigiu com alto criterio em varias epochas as provincias do Maranhão, Pernambuco e Bahia.

«Como representante da Nação, foi membro da Assembléa Provincial da Bahia de 1848 a 1853; de 1853 a 1865, occupou uma cadeira na Camara dos Deputados; de 1865 até a queda da Monarchia, isto é, durante 24 annos, teve assento no Senado, representando sua provincia natal.

«Chamado por vezes aos Conselhos da Corôa, foi ministro da Justiça em 1859 no gabinete Ferraz, da Justiça e da Guerra em 1866 no gabinete Zacharias, da Guerra e Interinamente da Marinha em 1878 no gabinete Sinimbu, da Fazenda e Presidente do Conselho em 1882, e finalmente, ministro de Extrangeiros em 1885 no gabinete Saralva.

«Desde 1878 fez parte do Conselho de Estado.

«Encerrado o periodo monarchico, em que ganhára com trabalho constante e illibada honradez os titulos honorificos de visconde e marquez de Paranaguá, o venerando Brasileiro encerrou tambem a sua carreira politica, recolhendo-se á vida privada. Si, porém, fechara o cyclo das honrosissimas e laboriosas funcções publicas, não se pense que desamparára os interesses da Patria. Manteve-se trabalhando por ella na presidencia da Sociedade de Geographia, em que pontificou 29 annos consecutivos até cair fulminado pelo raio da morte; e no seio do nosso Instituto, como membro de commissões, no posto de vice-presidente (de 1904 a 1906) e por ultimo na cadeira da presidencia, de 1906 a 1907, prestou sempre o valioso concurso de seu esclarecido patriotismo.

«E não é tudo. Quando em 1898 um grupo de Brasileiros se reuniu para organizar a celebração do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, nenhum foi mais entusiasta do que o nosso querido octogenario, nenhum mais assiduo ao trabalho. Collocaram-no esses patriotas na presidencia do Conselho Deliberativo da Associação, como justa homenagem ao alto merito e ao provado civismo do batalhador. Pensais acaso que se recusou á fadiga das trabalhosas sessões, em que se organizou aquella grande festa civica? Não só accellou galhardamente o encargo como d'elle se desempenhou com a assiduidade, com o vigor e

com o entusiasmo dos moços, que o acompanhavam e a quem dirigia com o seu admirável exemplo.

« Como todos vimos, incansável no trabalho, moderado, conciliador, cortez, correctíssimo, o nosso respeitável Nestor, foi um desses typos raros que fazem o orgulho da Patria e ao mesmo tempo o encanto da familia e dos amigos; destes contava em todos os partidos e em todos os círculos sociaes; da familia, que Paranaguá formára pela sua união conjugal com uma filha do honradíssimo e benemerito Pinheiro de Vasconcellos, — dessa, elle era o idolo justamente querido.

« Conquistára pelos seus merecimentos a estima particular do nosso venerando imperador d. Pedro II, que allás não foi prodigo, todos sabem, de taes distincções em seu longo reinado; mas ainda ahí o saudoso marquez mostrou a sua superioridade moral; nunca fez alarde de similhante prerogativa, nem della pretendeu servir-se jámals para interesse proprio.

« Era um modelo o fiel servidor da Monarchia; com suas convicções morreu abraçado; com sua grandeza moral e carregado de serviços desceu ao tumulo, benquistto, venerado por gregos e troyanos, sereno com a sua consciencia de justo ardoroso no culto de Deus e da Patria.

(*Palmas*).

« Foi a 9 de Fevereiro deste anno, que o perdemos, e ainda permanece viva na memoria de seus companheiros, amigos e admiradores a lembrança do conspicio Brasileiro.

— « Sangrava ainda o coração da Patria, com o desaparecimento de Paranaguá, e doze dias depois outro patricio emerito deixava os laços desta vida para entrar na gloria da posteridade, choravamos a perda do visconde de Ouro Preto.

« Affonso Celso de Assis Figueiredo, nascido na velha e gloriosa capital da então provincia de Minas-Gerães a 21 de Fevereiro de 1837, foi nome que duas gerações inteiras admiraram e que ha de ficar na historia patria como um raro exemplar de talento e nobreza de character.

« Graduado em Direito aos 21 annos de idade e logo depois ligado pelo consorcio a uma das mais distinctas familias paulistas, entrou cedo na vida publica e nas lides da Politica, alistado

nas fileiras do partido liberal, em que militou quasi meio seculo, com excepcional galhardia.

« Depois do desempenho de cargos de confiança na administração da provincia natal, foi eleito deputado geral, e taes dotes revelou que antes de completar 30 annos era chamado aos conselhos da Corôa, na qualidade de ministro da Marinha do gabinete Zacharias, em 1866. Zacharias de Góes e Vasconcellos era um dos mais brilhantes talentos do Senado; quando chamou aquelle joven Mineiro ao desempenho de tão melindrosas funcções, em pleno periodo da guerra do Paraguai, e quando de alguma fórma periclitavam gravemente os destinos do Brasil, Zacharias sabia poder contar com um homem de valor, e não se illudiu.

« Havíamos ganho heroicamente a batalha de Riachuelo, e acabava o grande Osorio de invadir o territorio inimigo. Como proseguir, porém, na marcha victoriosa, si a tremenda Humaitá alli estava embargando o passo, e si á sombra da estependa fortaleza habilmente estabelecida e aparelhada o corajoso exercito de Solano Lopez podia infligir-nos um pavoroso desastre?

« O concurso de uma esquadra de couraçados era a resolução do problema. O joven Affonso Celso com olhos de agulha tudo viu, e com cem braços de Briareu tudo preparou para a victoria. Fez rapidamente construir os monitores, de que a esquadra carecia, desenvolveu a mais posmossa actividade e a mais criteriosa energia nesse periodo da campanha, — e o resultado faustoso, brilhante, foi aquelle feito de armas da passagem de Humaitá, que o mundo inteiro celebrou e a Historia da Marinha jámais esquecerá.

« Em 1879 os Mineiros deram ao distinctissimo Affonso Celso uma cadeira no Senado; em 1880, no gabinete Sinimbó, administrou a pasta da Fazenda, e interinamente a do Imperio, revelando naquella adeantados estudos de finanças e dotes notabilissimos de administrador; em 1882 foi nomeado conselheiro de Estado; em 1888 conferiu-lhe o Governo da princeza do nosso preclaro consocio Ouro Preto, e em 7 de Junho de 1889 accudiu elle ao convite da Corôa organizando o ministerio que veio a ser o ultimo da Monarchia.

« Não me é dado, neste rapido transumpto de vida tão rica

de serviços á Patria, enumerar sequer os actos notaveis da administração operosa e honestissima do nosso preclaro consocio. Ouro Preto era um estadista em toda a extensão da palavra; não lhe era extranho nenhum dos ramos do serviço publico, e seu vidente patriotismo sabia antecipar grandes melhoramentos, utilissimas reformas. Basta apontar, entre outros documentos de sua esclarecida gestão financeira, a decretação das obras do porto do Rio de Janeiro, — essa esplendida obra que, só annos mais tarde e sob outro regíme, veio a ter brilhante execução no govêrno do benemerito presidente Rodrigues Alves, e que é um dos attestados do nosso progresso material.

« Mas, para maior gloria do visconde de Ouro Preto, é mister que eu não omita os successos memoraveis de 89. Do grande Brasileiro pôde repetir-se o que o nosso Magalhães disse, em sua bella poesia, do glorioso vencido de Waterloo :

« na quéda
« tão grande como em horas de triumpho. »

« Por causas multiplas havia soado a hora derradeira para a vida do Imperio, que dêra aliás ao Brasil um largo periodo de paz interna, de cohesão politica e de notavel avanço no caminho da civilização.

« Na gravissima emergencia de 15 de Novembro, Ouro Preto, que só conhecia a linha recta no cumprimento do dever, integerrimo e altivo, não deslisou um instante sequer das normas de nobreza, a que sempre obedecêra. Succedeu o que a Historia regista. A revolução triumphou facilmente, porque aggregiára forças para vencer.

« O illustre visconde foi colhido pelos acontecimentos, e neste passo angustioso manteve a soberana attitudo dos homens de extraordinaria envergadura moral. Cedeu á força dos triumphadores; mas, honra lhe seja feita assim como áquelle venerando ancão que desceu do fastigio do throno para as amarguras do exilio, cedeu de frente ergulito e impavido, heróe na grandeza de alma, heróe na compostura e na dignidade.

« Coagido a deixar a Patria, longe della Ouro Preto manteve a mesma correção de todos os tempos, e, quando o Govêrno da

Republica, obedecendo ás inspirações da Justiça, lh'o permittiu, voltou elle ao seu caro Brasil, disposto a ama-lo e a servi-lo, posto que irreductivel nas suas convicções politicas e arredado de todas as posições officiaes.

« Mestre na cathedra, jurisconsulto provecto na sua banca de advogado, trabalhador illustre nesta casa, vino-lo passar os ultimos 22 annos da preciosa existencia cercado do respeito, do amor e da veneração, a que tinha direito pelos seus meritos. Sentou-se aqui entre nós pela primeira vez na memoravel sessão de 7 de Dezembro de 1900, apresentando como credencial o seu bello livro *A Marinha de Outrora*; trabalhou brillantemente na Commissão de Historia e na de Fundos e Orçamento; em 8 de Maio de 1903 foi o preclaro visconde elevado á categoria de socio honorario, e de 1905 até morrer occupou a cadeira da vice-presidencia, tendo occasião de dirigir por vezes os nossos trabalhos.

« Chegou, porém, o dia marcado pela Providencia Divina, e o bravo luctador, o exímio estadista, o Brasileiro de escol baixou a fronte submissa á lei inexoravel, que pôe termo á vida na terra para comegar a vida nova dos immortaes no seio da posteridade. Esta já o acolheu entre hymnos de gloria. (*Palmas*).

— « Eis-me chegado ao derradeiro marco desta jornada, em que passei a desfolhar goivos e sandaes sobre tumulos queridos. Na extremidade da aléa já humedecida de pranto e tapizada de flores, ergue-se, porém altivo e majestoso um monumento, que innumerias cotões, palmas e grinaldas adornem em profusão surpreendente.

« A quem pertence este despojo sagrado? Quem foi o eleito e privilegiado, que a multidão honrou com taes e tantas homenagens de admiração e amor?

« Que vejo ainda? Inclina-se sobre a lousa lousa um archanjo, que se diria baixado do Empyreo; radiante e formoso, tem nas azas de esmeralda 21 estrellas de ouro que scintillam com fulgor intenso. Ah! já posso ler. Na palma deslambrente que o rutilo archanjo deposita sobre a lousa ha umas palavras escriptas em caracteres de fogo. Mais perto... leio claramente:

« *A Rio-Branco, filho dilectissimo, a Patria eternamente agradecida* ».

« Quem elle foi, quasi não preciso dizer-lo, consócios ; eu não repetiria, si m'o não impuzesse a missão que desempenho.

« José Maria da Silva Paranhos, filho do grande estadista que se chamou visconde do Rio-Branco, viu a luz do dia nesta Capital aos 20 de Abril de 1845. Feito aqui mesmo o seu curso de humanidades, estudou Direito nas Faculdades de S. Paulo e do Recife. Pouco depois de formado fez rápida viagem á Europa, e de volta aqui iniciou a sua carreira publica aos 22 annos de idade, como promotor em Friburgo. Ephemera passagem pela magistratura ; outros horizontes o attrahiam.

« Em 1869 accompanhou como secretario seu venerando pai na missão especial ao Rio da Prata. Eleito deputado por Mattogrosso, exerceu o mandato até 1875, tomando parte activissima na campanha emancipadora dos nascituros, da qual se fez paladino pelas columnas da *Nação* em 1871, defendendo habil e arduosamente o famoso ministerio Rio Branco, que teve a gloria de iniciar a libertação dos captivos em nosso paiz.

« Mas não era ainda o Parlamento o seu verdadeiro logar.

« Em 1876 partiu para a Europa, no desempenho das funcções de consul brasileiro em Liverpool, — posto modesto que preferiu talvez para dar-lhe margem e espaço aos estudos historicos, que desde verdes annos faziam o seu encanto peculiar. Sabido é que desde 1867 fazia parte do nosso Instituto, graças á excellente *Biographia do barão de Serro Largo*, que lhe serviu de titulo de admissão. De facto, nesse periodo de sua vida não poucos trabalhos levou a cabo: annotou brilhantemente a *Historia da Guerra do Paraguai*, de Schneider, publicou ephemerides, notas biographicas, artigos de encyclopedia, a primorosa *Esquisse de l'Histoire du Brésil*, a notavel biographia do imperador d. Pedro II, que assignou com o pseudonymo *Mossé*.

« Quando em 1889 se inaugurou a Republica, Silva Paranhos, já então barão do Rio Branco, não se julgou dispensado de servir a Patria. O Governo provisório, por sua parte, fez inteira justiça ao laborioso Brasileiro, desde logo aproveitado como superintendente geral da immigração na Europa. Sem compromissos na arena politica entendeu elle, e entendeu bem, que não devia recusar á Patria o concurso de suas aptidões. O caso de Rio

Branco era diverso do de outros grandes Brasileiros, que a logica dos acontecimentos e as leis do pundonor arredaram por tantos annos infelizmente do campo de acção. E ainda bem que assim procedeu.

« Em 1894, em substituição a Agular de Andrada, foi o nosso preclaro confrade incumbido de defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Argentina, no secular litigio das Missões, submettido então ao arbitramento do presidente dos Estados Unidos.

« Abriram-se dest'arte a Rio Branco as portas da immortalidade. Seu notavel talento, sua erudição profunda nesse ramo de estudos, sua enorme e phenomenal capacidade de trabalho iam ter o campo mais adequado aos triumphos.

« Ninguém ignora a esplendida victoria que alcançou nesse pleito. A estupenda *Memoria Brasileira*, habilmente delineada e documentada, foi o braço herculeo que reivindicou para o territorio brasileiro mais de 30.000 kilometros quadrados. A famosa sentença de Cleveland deu-nos triumpho cabal e immarcescível a 5 de Fevereiro de 1895, pondo em foco perante o mundo inteiro a rara capacidade de Rio Branco, que nessa contenda se medira aliás com um adversario de reconhecido valor.

« Nossos limites ao Norte pendiam tambem de solução; cumpria firmar definitivamente a identidade do Olapoc, isto é, a nossa fronteira com a Goiana franceza. O precioso livro de Joaquim Caetano da Silva não bastara para dirimir esse pleito. O Governo da Republica submetteu em 1897 a melindrosa questão ao arbitramento do Governo da Suissa, sendo chamado Rio Branco para defender os direitos do Brasil, e para isso nomeado ministro plenipotenciario em missão especial junto ao Governo de Berne. Novo trabalho de Hercules, nova memoria magistral, novo triumpho tambem. A sentença de 1 de Dezembro de 1900 lavrada pelo arbitro deu-nos a posse incruenta de 260.000 kilometros quadrados, que a França disputara por espaço de dous seculos.

« Estas duas victorias bastariam para sugar um benemerito e justificar as excepcionaes recompensas, que o Congresso brasileiro justamente lhe conferiu; mas Rio Branco não era luctador que dormisse sobre louros. Mal iniciara, aliás com direito a re-

pouso, as funções de ministro plenipotenciário em Berlim, já em 1902 accedia a outros reclamos da Patria; a convite instantâneo do dr. Rodrigues Alves, illustre presidente da Republica, veio o inclyto barão assumir o cargo de ministro das Relações Exteriores.

« Não me seria possível apreciar aqui longamente todos os inestimáveis serviços prestados por esse grande Brasileiro na administração da pasta, que elle honrou por espaço de quasi dez annos, e onde não teve competidor desde que entrámos para o quadro das nações. Alguns serão bastantes para justificar a gratidão immorredoura do Brasil.

« As muitas convenções que levou a termo com paizes europeus e americanos; o famoso tractado de Petropolis que nos valeu a acquisição preciosissima do Acre; os tractados de limites com as Republicas vizinhas, e graças aos quaes se regularizou por fim esse problema da delimitação perfeita do nosso territorio; o sabio tractado de 30 de Outubro de 1900, em que modificámos a nossa fronteira com a Republica Oriental do Uruguaí no trecho da Lagoa Mirim e o rio Jaguarão, dando ao mundo uma prova cabal da nossa generosa politica internacional; aquelle papel brilhante que fez o Brasil na conferencia de Haya, graças á orientação superior do grande ministro, secundada pelo talento peregrino de Ruy Barbosa; o afillamento patriótico com que obteve para o Brasil a distincção do primelro cardinalato sul-americano; as intervenções conciliadoras com que, evitando conflictos, elevou o prestigio do nome brasileiro; o exito do Congresso Pan-Americano que, reunido nesta Capital, se abriu com aquelle discurso lapidar, obra prima de concisão e nobreza; — tudo, tudo isso inspirado pelo amor da Patria e pelo amor da paz, constitue um titulo de gloria tão legitimo e tão grande, que mal hastam palavras minhas para o dizer. Nem foi por outra razão que o illustado senador bahiano, o intitulou *uma entidade a todos os respeito singular*.

« O Instituto Historico, que Rio-Branco tanto amava, contou-o como socio desde 1887. Na sessão de 5 de Maio de 1895, elevou-o á categoria de honorario, e na de 21 de Novembro de 1906 fe-lo benemerito. Coube-nos a fortuna de ter o eximio Brasi-

leiro por nosso presidente desde 1907, e a 27 de Novembro de 1909 deu-lhe a nossa companhia a significação do mais alto apelo, conferindo-lhe a presidencia perpetua.

« As nossas reuniões só deixou de comparecer quando a saude compromettida por intensos trabalhos começou a faltar-lhe. A natureza aparentemente robusta não resistiu, porém, á gravidade da fatal molestia, e afinal o heróe caiu prostrado para não mais se erguer. A morte implacavel chegou a 10 de Fevereiro deste anno, arrancando ao seio da Patria um dos filhos, que mais a engrandeceram e nobilitaram.

« Em nossa curta historia de quatro seculos temos tido luminares nas sciencias, nas letras, nas artes, na religião, na politica e nas armas; mas, pôde dizer-se sem risco de erro, poucos, mul poucos se approximaram desse astro de primeira grandeza, que mereceu não só a idolatria dos compatriotas como a admiração do mundo. De uma e de outra tivemos a prova por occasião desse luctuoso acontecimento que abalou dous mundos.

« Aqui a cerimonia do enterramento de Rio-Branco foi um grandioso e commovente espectáculo sem igual.

« Dir-se-hia que desaparecêra o nume tutelar da Patria. A onda popular temerosa e avassaladora, depois de acompanhá-lo em prestito phenomenal, invadiu a vastíssima necropole e correu desvaireda a levar-lhe até juncto do tumulo as homenagens de seu amor. No auge da angustia e na séde de glorificação preteriram-se lamentavelmente as formulas do protocollo. É que o povo brasileiro sentia a immensidade do golpe, e, onde imperava a tyrannia da dôr, desapareciam a propria compostura e a ordem. Perdoemos a esse povo o desvario, por amor do sentimento generoso, sincero, vivaz e irreprimivel que o gerou.

« O heróe, o magno sabedor das cousas patrias, o servidor incomparavel do Brasil, o nosso immortal presidente lá está dormindo o somno eterno, sumido na voragem de uma sepultura, que já nos era sagrada; mas o que se não some, e que não pôde nem ha de morrer, é a luz radiante da sua obra genial de estadista.

« Agora, que prestei o culto da justiça e da saudade aos nossos mortos illustres, deixai que eu reprima os impulsos da natu-

reza para não ver sinão aquella entidade superior, a cujo culto servimos como levitas devotados, *Sursum corda* ! Permitti que eu proclame bem alto: feliz a Patria de taes cidadãos !

« Como cedros altivos que tombam na floresta, deixando pro-genie promissora, elles caíram deante da lei suprema da morte, legando á posteridade filhos illustres, discipulos de alto valor ou exemplos egregios que fructificam.

« Nos filhos preclaros a gloria dos pais revive ; nos discipulos de real talento os mestres continuam a sua obra immortal ; nos grandes exemplos ficam modelos preciosos, que as novas gerações tractarão de imitar para se não partir a cadeia magica dos benemeritos servidores da Patria Brasileira.

« Os que se foram desta vida contingente entraram no templo da immortalidade ; suas obras ou os filhos de seu sangue ahí ficam na arena do combate para gloria do Brasil, para engrandecê-lo e honra-lo.

« Salve, Patria querida, teu luminoso porvir é seguro ! » (*Applausos calorosos e prolongados. O sr. dr. Ramiz Galvão é vivamente cumprimentado por todo o auditorio.*)

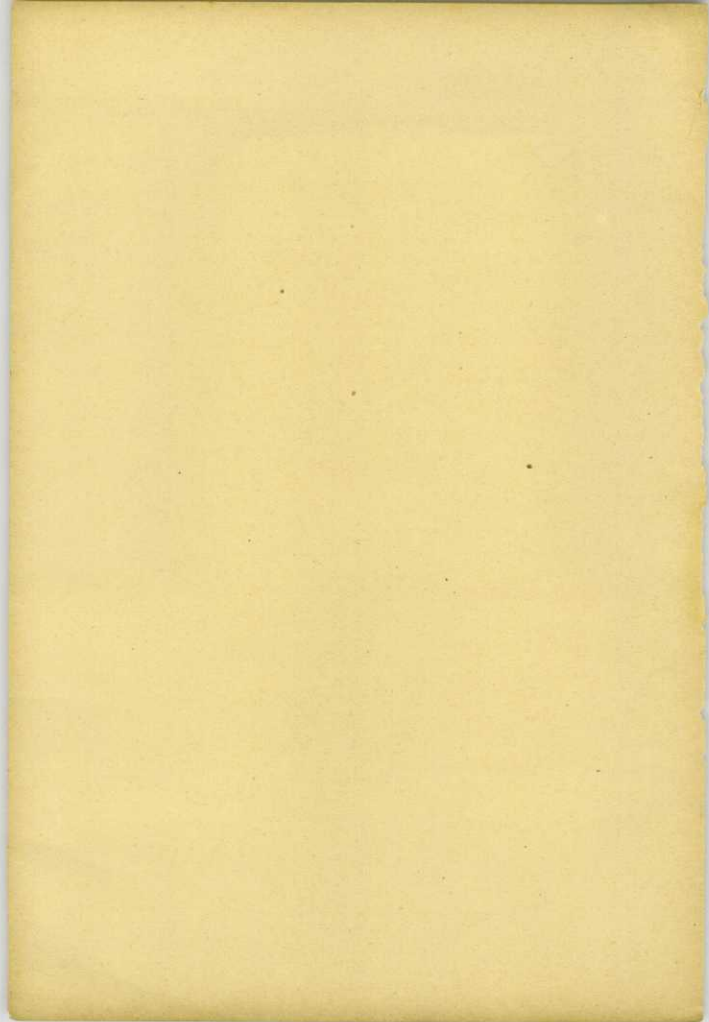
O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente*) agradeceu então a presença dos srs. presidente da Republica, ministros de Estado, altas auctoridades, consocios e convidados, levantando em seguida a sessão.

Levanta-se a sessão ás 10 e 45 da noite.

Eduardo Marques Peixoto (servindo de 2.º secretario).

ANNEXOS

CADASTRO DOS SOCIOS



CADASTRO DOS SOCIOS

Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 21 de Outubro de 1913, organizado de inteira conformidade com os Estatutos de 27 de Junho de 1912.

PRESIDENTES HONORARIOS

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residência
1	Conde d'Eu.....	16—Setembro—1864.	França
2	Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.....	30—Agosto—1896...	S. Paulo
3	General Julio A. Roca.....	7—Julho—1899....	Rep. Argentina
4	Dr. Nilo Peçanha.....	27—Novembro—1909	Rio de Janeiro
5	Dr. Roque Sáenz Peña.....	21— " —1911	Rep. Argentina
6	Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.....	" " "	Rio de Janeiro

SOCIOS BENEMERITOS (em numero de 10)

1	Barão Homem de Mello.....	3—Junho—1859....	Rio de Janeiro
2	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.....	16—Agosto—1872...	" " "
3	Desemb. ^{or} Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.....	10—Maio—1878....	Bahia
4	Barão de Alencar.....	13—Setembro—1889.	Rio de Janeiro
5	—	—	—
6	—	—	—
7	—	—	—
8	—	—	—
9	—	—	—
10	—	—	—

SOCIOS HONORARIOS (em numero de 50) ¹

1	Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.....	19—Outubro—1887..	Rio de Janeiro
2	João Capistrano de Abreu...	" " " " " "	" " "
3	D. Pedro Aug. de Saxe Coburgo	2—Agosto—1889....	Austria
4	D. Enrique Moreno.....	13—Setembro—1889	Montevideo
5	Cons. ^{ro} José Francisco Diana.	" " " "	Rio Gr. do Sul
6	D. Norberto Quirno Costa.....	17— " " "	Rep. Argentina
7	Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello.....	12—Outubro—1890..	Rio de Janeiro
8	Dr. Alfredo Nascimento Silva	12—Dezembro—1890	" " "
9	D. Guilherme A. Seoane.....	22—Maio—1891....	Peru
10	Barão de Studart.....	20—Maio—1892....	Ceará
11	Conde de Affonso Celso.....	2—Dezembro—1892	Rio de Janeiro

¹ Ha nesta classe uma vaga.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residência
12	D. Carlos Luiz d'Amour.....	9—Dezembro—1892	Matto-Grosso
13	Cardeal D. Marino Rampolla del Tindaro *	7—Abril—1893	Italia
14	Dr. Manuel de Oliveira Lima	14—Agosto—1895	Rio de Janeiro
15	Dr. Jeronymo Thomé da Silva	25—Julho—1897	Bahia
16	D. Francisco do Rego Maia...	" " "	Italia
17	Cardeal D. Joaquim Arcoveide de Albuquerque Cavalcanti.	31—Outubro—1897	Rio de Janeiro
18	Dr. Amaro Cavalcanti.....	6—Dezembro—1897	" " "
19	Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia *	15—Maio—1898	" " "
20	Cardeal D. Jeronymo Maria Gottl *	14—Outubro—1898	Italia
21	Dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz *	10—Novembro—1899	Portugal
22	Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.....	12—Dezembro—1899	Rio de Janeiro
23	D. Pedro de Orleans e Bragança	22—Junho—1900	França
24	Desemb. ^{or} Antonio Ferreira de Sousa Pitanga.....	3—Agosto—1900	Rio de Janeiro
25	Dr. Alfredo Eugenio de Almei- da Maia.....	10—Agosto—1900	" " "
26	Dr. Emilio Augusto Goeldi * ..	10—Dezembro—1900	Suissa
27	Eduardo Müller *	" " "	" " "
28	Dr. Eptacio da Silva Pessoa.	29—Março—1901	Rio de Janeiro
29	Dr. Manuel B. Otero *	24—Maio—1901	Uruguay
30	Dr. Susviela Guarch *	" " "	" " "
31	Dr. Pedro Augusto C. Lessa.	23—Agosto—1901	Rio de Janeiro
32	Dr. Sabino Barroso Junior..	2—Maio—1902	Minas Geraes
33	Dr. Anselmo Hévia Riquelme *	8—Agosto—1902	Chile
34	Dr. Bernardo Teixeira de Mo- raes Leite Velho *	24—Abril—1903	Rio de Janeiro
35	Alberto dos Santos Dumont..	11—Setembro—1903	França
36	Duque de Abruzzos *	28—Setembro—1903	Italia
37	D. Luiz de Orleans e Bragança	6—Novembro—1903	França
38	Dr. Manuel de Mello Cardoso Barata.....	20—Maio—1904	Pará
39	Barão de Muritiba.....	12—Agosto—1904	França
40	Dr. José Joaquim Seabra.....	28—Abril—1905	Bahia
41	Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim.....	28—Abril—1905	Rio de Janeiro
42	D. João Braga.....	21—Julho—1905	Paraná
43	D. Julio Tonti *	30—Abril—1906	Roma
44	D. José Joaquim Vieira.....	6—Maio—1907	Ceará
45	Dr. Alberto de Seixas Martins Torres.....	3—Outubro—1910	Rio de Janeiro

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
46	Dr. Julio Fernandez s.	4—Maio—1912	Rep. Argentina
47	Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa	" " "	Rio de Janeiro
48	Dr. Lauro Severiano Muller .	" " "	" " "
49	Coronel Theodoro Roosevelt .	6—Outubro—1913	Estados Unidos
50	—	—	—

SOCIOS EFFECTIVOS (em numero de 60) ¹

1	Barão de Tefé	27—Outubro—1882	Rio de Janeiro
2	Alm. ^{te} José Candido Guillobel	24—Novembro—1882	" " "
3	José Verissimo de Mattos	16—Novembro—1887	" " "
4	Contralmirante Arthur Indio do Brasil	31—Agosto—1888	" " "
5	Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira	12—Setembro—1890	" " "
6	Dr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	23—Setembro—1892	" " "
7	Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires	4—Maio—1894	" " "
8	Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro	14—Agosto—1895	" " "
9	Dr. Paulino J. Soares de Sousa	10—Junho—1898	" " "
10	Padre Dr. Julio Maria	15—Setembro—1899	" " "
11	Dr. Manuel Alvaro de Sousa da Vianna	12—Outubro—1899	" " "
12	General Dr. Innocencio Serze- dello Corrêa	8—Dezembro—1899	" " "
13	Dr. José Americo dos Santos	12—Dezembro—1899	" " "
14	José Francisco da Rocha Pombo	3—Agosto—1900	" " "
15	Max Fleiuss	" " "	" " "
16	General Dr. Gregorio Thaum- turgo de Azevedo	17—Agosto—1900	" " "
17	Dr. Orville Adalbert Derby *	26—Outubro—1900	" " "
18	Dr. Rodrigo Octavio Langgard de Menezes	" " "	" " "
19	Dr. Sebastião de Vasc. Galvão	" " "	" " "
20	Dr. Sylvio Romero	23—Agosto—1901	" " "
21	Conselheiro Ruy Barbosa	23—Maio—1902	" " "
22	Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque	13—Junho—1902	" " "
23	Monsenh. Vicente Ferreira Lustosa de Lima	19—Junho—1903	" " "
24	Dr. Alberto de Carvalho	18—Setembro—1903	" " "
25	Eduardo Marques Peixoto	23—Outubro—1903	" " "

¹ Ha nesta classe uma vaga.

Ordem	Nome	Data da entrada no Instituto	Residência
26	Coronel Jesuino da Silva Mello	23—Outubro—1903	Rio de Janeiro
27	Cons. ^{ro} Candido Luiz Maria de Oliveira	17—Junho—1904	" " "
28	Commend. ^{or} Arthur Ferreira Machado Guimarães	9—Dezembro—1904	" " "
29	Dr. Manuel Cícero Peregrino da Silva	21—Julho—1905	" " "
30	Barão de Paranapiacaba	" " "	" " "
31	Dr. José Pereira Fago Filho	25—Junho—1906	" " "
32	Dr. Clovis Bevilacqua	15—Outubro—1906	" " "
33	Dr. Augusto Olympio Vivei- ros de Castro	20—Maio—1907	" " "
34	Dr. José Carlos Rodrigues	10—Junho—1907	" " "
35	Paulo Barreto	29—Julho—1907	" " "
36	Dr. Gastão Buch Sturzeneker	" " "	" " "
37	Dr. Antonio Jansen do Paço	30—Setembro—1907	" " "
38	G. ^{ral} Emygdio Dantas Barreto	29—Agosto—1908	" " "
39	Dr. Alex. ^o José Barboza Lima	" " "	" " "
40	Dr. Alfredo Augusto da Rocha	" " "	" " "
41	Dr. Norival Soares de Freitas	5—Outubro—1908	" " "
42	Dr. João Coelho Gomes Ribeiro	20—Agosto—1909	" " "
43	José Felix Alves Pacheco	1— " —1910	" " "
44	Contr'almirante Antonio Cou- tinho Gomes Pereira	3—Outubro—1910	" " "
45	Dr. Eurico de Góes	" " "	" " "
46	Dr. Pedro Souto Maior	15—Julho—1911	" " "
47	Dr. Aloysio de Castro	17 " "	" " "
48	Capitão de Corveta Francisco Radier de Aquino	26—Agosto—1911	" " "
49	Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet	16—Outubro—1911	" " "
50	Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria	4—Maio—1912	" " "
51	Desembargador Dr. João da Costa Lima Drummond	27 " "	" " "
52	Major Dr. Liberato Bittencourt	" " "	" " "
53	Dr. Helio Lobo	6—Junho—1912	" " "
54	Dr. Alberto Rangel	" " "	" " "
55	Desemb. ^{or} Dr. Ataulpho Napo- les de Paiva	" " "	" " "
56	Francisco Agenor de Noronha Santos	" " "	" " "
57	Dr. Alfredo Valladão	19—Julho—1912	" " "
58	Capitão-tenente Raul Tavares	23—Agosto—1912	" " "
59	Dr. Edgard Roquete Pinto	4— " —1913	" " "
60	—	—	—

SOCIOS CORRESPONDENTES (em numero de 80) ¹

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Pedro Wenceslau de Brito Aranha	7—Agosto—1885	Portugal
2	Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa	9—Dezembro—1886	Pernambuco
3	Antonio Ribeiro de Macedo ..	19—Outubro—1887	Paraná
4	Dr. Virgilio Martins de Mello Franco	31—Agosto—1888	Minas Geraes
5	Dr. Rodolpho Marcos Theophilo	11—Julho—1890	Ceará
6	Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira	19—Junho—1891	"
7	Dr. Antonio Martins de Aze- vedo Pimentel	1—Junho—1894	Campinas
8	Christiano Frederico Seybold *	" " "	Allemanha
9	João Lucio de Azevedo	31—Março—1895	Portugal
10	Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga	25—Agosto—1895	S. Paulo
11	Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha	20—Outubro—1895	Pará
12	Dr. Henrique Americo de Santa Rosa	16—Agosto—1896	"
13	Padre Raphael Maria Galan- ti S. J. *	22—Novembro—1896	Rio de Janeiro
14	André Peixoto de Lacerda Ver- neck	13—Dezembro—1896	" " "
15	D. Joaquim Silverio de Sousa	19—Setembre—1897	Minas Geraes
16	Coronel Honorio Lima	10—Novembro—1899	Rio de Janeiro
17	Dr. Antonio Zeferino Candido *	24 " "	Portugal
18	Dr. Ermelino Agostinho de Leão	10—Dezembro—1900	Paraná
19	Dr. Antonio Augusto de Lima	9—Agosto—1901	Minas Geraes
20	Dr. João Mendes de Almeida Junior	23 " "	S. Paulo
21	Dr. Nelson de Senna	" " "	Minas Geraes
22	Dr. Sebastião Paraná de Sá Souto Maior	" " "	Paraná
23	Horacio de Carvalho	18—Outubro—1901	S. Paulo
24	Dr. José Vieira Couto de Ma- galhães	" " "	" " "
25	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco	6—Dezembro—1901	Paris
26	Dr. Alfredo de Toledo	" " "	S. Paulo

¹ Ha nesta classe quatro vagas.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residência
27	Carlos Lix Klett *.....	6—Dezembro—1901	Rio de Janeiro
28	Ernesto Quesada *.....	" " "	Rep. Argentina
29	Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada.....	24—Outubro—1902	S. Paulo
30	Dr. Theodoro Sampaio.....	" " "	Bahia
31	Dr. Albino Alves Filho.....	22—Maio—1903	Minas Geraes
32	Dr. José Manuel Cardoso de Oliveira.....	" " "	Mexico
33	Dr. Aug. ^{to} de Siqueira Cardoso	25—Junho—1903	S. Paulo
34	Dr. José Maria Per. ^{ra} de Lima *	11—Setembro—1903	Portugal
35	Victor Ribeiro *.....	" " "	"
36	José Feliciano de Oliveira...	19—Fevereiro—1904	Paris
37	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo.....	3—Junho—1904	Lisboa
38	Alberto Pimentel *.....	23—Junho—1905	Portugal
39	Dr. Alfredo Fer. ^{ra} de Carvalho	7—Julho—1905	Pernambuco
40	Dr. Luiz Gon. ^{sa} da Silva Leme	21—Julho—1905	S. Paulo
41	Dr. João Pandiá Calogeras...	18—Setembro—1905	Rio de Janeiro
42	Dr. Joaquim Nog. ^{ra} Paranaçu	4—Dezembro—1905	" " "
43	Dr. Diogo de Vasconcellos...	" " "	Minas Geraes
44	Dr. Bernardino Machado Gui- marães *.....	9—Julho—1906	Rio de Janeiro
45	D. Daniel Garcia Acevedo *..	3—Setembro—1906	Uruguay
46	Dr. Arthur Orlando da Silva.	8—Outubro—1906	Pernambuco
47	D. Gonçalo Quesada *.....	" " "	Cuba
48	Dr. Adolpho Augusto Pinto...	20—Maio—1907	S. Paulo
49	Dr. Paulo von Ehrenreich *	" " "	Allemanha
50	Dr. Augusto Tavares de Lyra	16—Setembro—1907	Rio de Janeiro
51	Dr. João Luiz Alves.....	30—Setembro—1907	Minas Geraes
52	Charles Wiener *.....	29—Agosto—1908	Paris
53	Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto.....	" " "	S. ^{ta} Catharina
54	Fernando A. Georlette.....	24—Maio—1909	Antuerpia
55	D. João Baptista Corrêa Nery	31—Agosto—1909	Campinas
56	Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha.....	12—Outubro—1909	Rio de Janeiro
57	Dr. Ramon J. Cárcano *.....	4—Agosto—1910	Buenos Aires
58	Dr. Rodolpho Schuller *.....	22—Junho—1911	Rio de Janeiro
59	Dr. Justo Jansen Ferreira...	" " "	Maranhão
60	Dr. Braz Hermenegildo do Amaral.....	" " "	Bahia
61	Henry L. Lang *.....	" " "	Estados Unidos
62	Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.....	15—Julho—1911	Minas Geraes
63	Dr. Alípio Gama.....	" " "	Manaus
64	Dr. Homero Baptista.....	26—Agosto—1911	Rio de Janeiro

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residência
65	Dr. Affonso d'Escagnolle Taunay	23—Setembro—1911	S. Paulo
66	Dr. José Salgado *	10—Outubro—1911	Montevideo
67	Dr. Washington Luiz Pereira de Souza	4—Maio—1912	S. Paulo
68	Dr. Afranio de Mello Franco.	27—Maio—1912	Rio de Janeiro
69	Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho	" " "	Paris
70	Nicolau José Debbané	23—Agosto—1912	Egypto
71	Dr. John Gasper Branner * ..	30—Maio—1913	Estados-Unidos
72	Pedro de Azevedo *	" " "	Portugal
73	David de Mello Lopes *	" " "	" "
74	Dr. Eugenio de Andrada Egas	28—Julho—1913	S. Paulo
75	Dr. Gentil de Assis Moura ..	" " "	" "
76	Prof. Fidelino de Figueiredo *	" " "	Portugal
77	Dr. D. Adolfo P. Carranza *	30—Agosto—1913	Buenos Aires
78	Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada	26—Setembro—1913	Minas Geraes
79	—	—	—
80	—	—	—

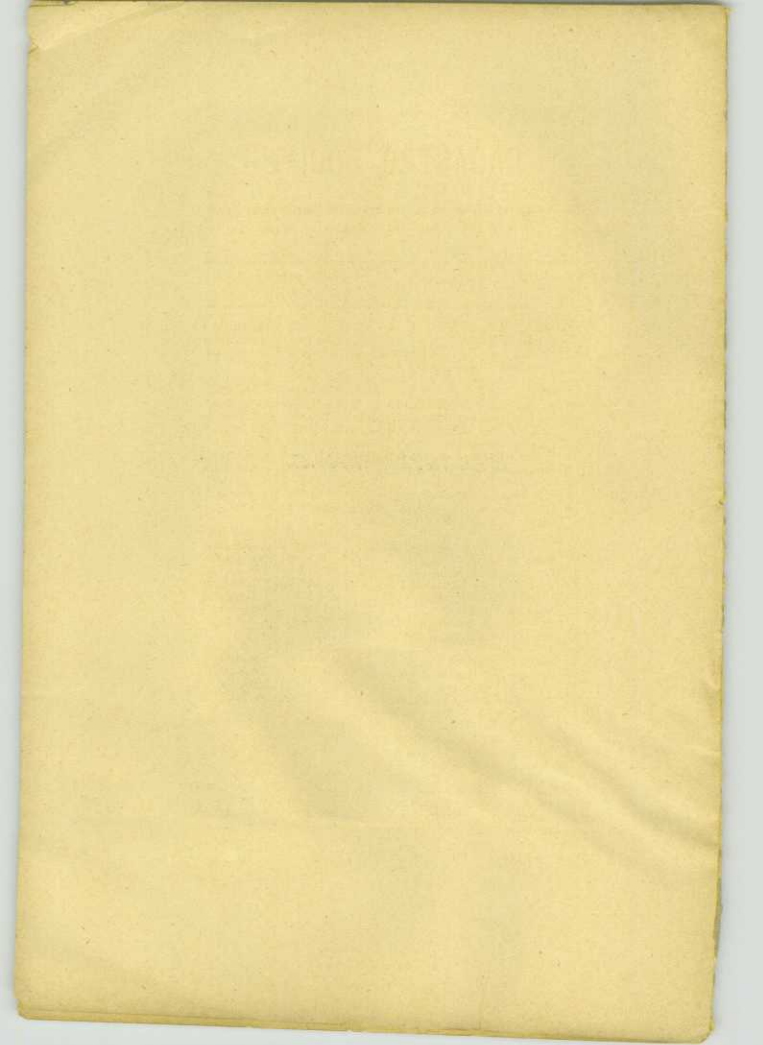
SOCIOS BENFEITORES (classe extincta)

1	Domingos José Nogueira Ja- guaribe	7—Dezembro—1883
2	Conde de Figueiredo	1—Julho—1890
3	Candido Gaffree	26—Setembro—1890
4	Antonio José Dias de Castro.	28—Setembro—1890
5	Conde de Leopoldina	5—Outubro—1890
6	Luiz José Lecoq de Oliveira.	" " "
7	Barão de Quartim	6—Março—1891
8	Barão de Mendes Tota	3—Abril—1891
9	Visconde de Moraes *	" " "
10	José Joaquim da França Ju- nior	9—Outubro—1891
11	Luiz Martins do Amaral	17—Outubro—1897

O signal * indica que o socio é estrangeiro.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 31 de
Outubro de 1913.

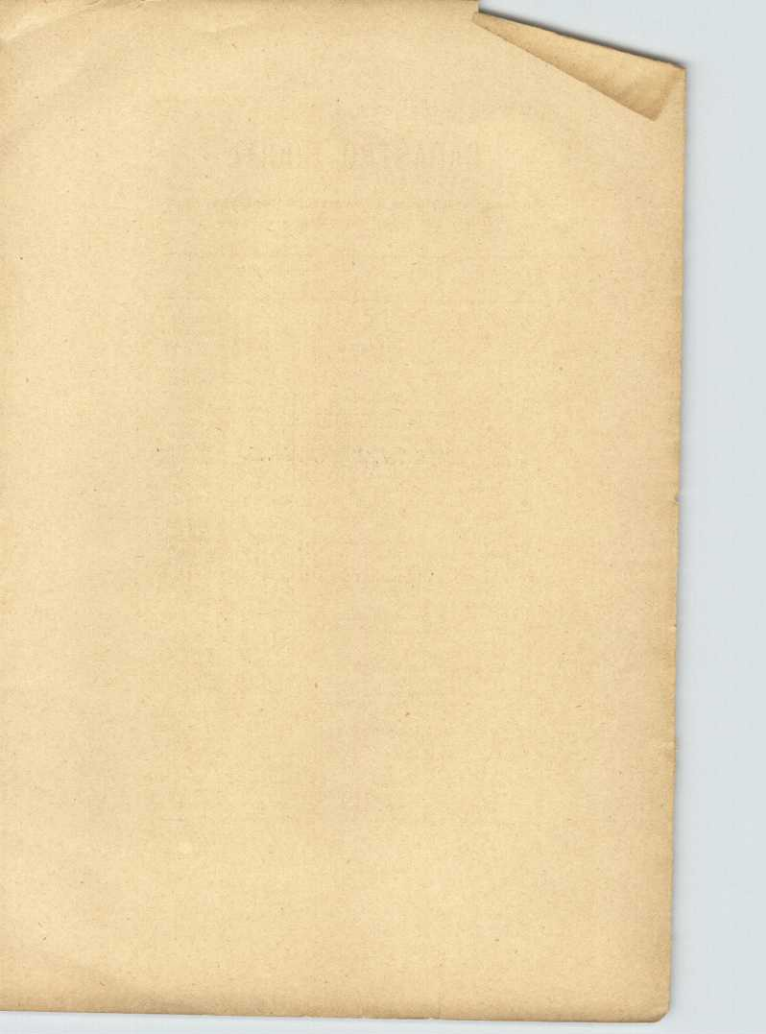
Francisco Martins Guimarães, official.



CADASTRO SOCIAL

TOMO LXXV

28



CADASTRO SOCIAL

Do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, organizado por ordem chronologica rigorosa

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
1	Barão Homem de Mello	3-6-1859	benemerito
2	Conde d'Eu	16-9-1864	P. honorario
3	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão	16-8-1872	Benemerito
4	Desemb. ^{or} Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	1-5-1878	Benemerito
5	Barão de Telfe	27-10-1882	S. effectivo
6	Almirante José Candido Guillobel	24-11-1882	S. effectivo
7	Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe	7-12-1883	Bemfeitor
8	Dr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha *	7-8-1885	S. corresp.
9	Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa	9-12-1886	S. corresp.
10	Cons. ^{ro} João Alfredo Corrêa de Oliveira	19-10-1887	S. honorario
11	João Capistrano de Abreu	19-10-1887	S. honorario
12	Antonio Ribeiro de Macedo	19-10-1887	S. corresp.
13	José Verissimo de Mattos	16-11-1887	S. effectivo
14	Dr. Virgilio Martins de Mello Franco	31-8-1888	S. corresp.
15	Contr'almirante Arthur Indio do Bra- sil	31-8-1888	S. effectivo
16	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	2-8-1889	S. honorario
17	Barão de Alencar	13-9-1889	Benemerito
18	D. Enrique Moreno *	13-9-1889	S. honorario
19	Conselheiro José Francisco Diana	13-9-1889	S. honorario
20	D. Norberto Quirno Costa *	17-9-1889	S. honorario
21	Conde de Figueiredo	1-7-1890	Bemfeitor
22	Dr. Rodolpho Marcos Theophilo	11-7-1890	S. corresp.
23	Dr. Brasílio Augusto Machado de Oli- veira	12-9-1890	S. effectivo
24	Candido Gaffrée	26-9-1890	Bemfeitor
25	Antonio José Dias de Castro	28-9-1890	Bemfeitor
26	Conde de Leopoldina	5-10-1890	Bemfeitor
27	Dr. Luiz José Leão de Oliveira	5-10-1890	Bemfeitor
28	Commendador Tobias Laureano Fi- gueira de Mello	12-10-1890	S. honorario
29	Dr. Alfredo do Nascimento Silva	12-12-1890	S. honorario
30	Barão de Quartim	6-3-1891	Bemfeitor
31	Barão de Mendes Tota	3-4-1891	Bemfeitor
32	Visconde de Moraes	3-4-1891	Bemfeitor
33	Dr. D. Guilherme Scaone	22-5-1891	S. honorario
34	Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira	19-6-1891	S. corresp.
35	José Joaquim de França Junior	9-10-1891	Bemfeitor
36	Dr. Barão de Studart	25-5-1892	S. honorario

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
37	Dr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	27-9-1892	S. effectivo
38	Conde de Affonso Celso	2-12-1892	S. honorario
39	D. Carlos Luiz d'Amour	9-12-1892	S. honorario
40	Cardenal d. Marino Rampola del Tindaro *	7-4-1893	S. honorario
41	Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires	4-5-1894	S. effectivo
42	Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel	1-6-1894	S. corresp.
43	Christiano Frederico Seybold *	1-6-1894	S. corresp.
44	João Lucio de Azevedo	3-3-1895	S. corresp.
45	Dr. Manuel de Oliveira Lima	11-8-1895	S. honorario
46	Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro *	11-8-1895	S. effectivo
47	Dr. Cincinato Cesar da Silva Braga	11-8-1895	S. corresp.
48	Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha	20-10-1895	S. corresp.
49	D. Henrique Americo de Santa Rosa	16-8-1896	S. corresp.
50	Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves	30-8-1896	P. honorario
51	Padre Raphael Maria Galanti S. J. *	22-11-1896	S. corresp.
52	Andre Peixoto de Lacerda Vernek	13-12-1896	S. corresp.
53	D. Jeronymo Thomé da Silva	25-7-1897	S. honorario
54	D. Francisco do Rego Maia	25-7-1897	S. honorario
55	D. Joaquim Silverio de Sousa	19-9-1897	S. corresp.
56	Luiz Martins do Amaral	17-10-1897	Bemfeitor
57	Cardenal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti	34-10-1897	S. honorario
58	Dr. Amaro Cavalcanti	6-10-1897	S. honorario
59	Conselheiro João de Oliveira Sá Carmelo Lampreia *	15-3-1898	S. honorario
60	Dr. Paulino José Soares de Sousa	10-6-1898	S. effectivo
61	Cardenal D. Jeronymo Maria Gotti *	14-10-1898	S. honorario
62	General D. Julio A. Roca	7-7-1899	P. honorario
63	Padre Dr. Julio Maria	15-9-1899	S. effectivo
64	Dr. Manoel Alvaro de Sousa Sá Vianna	12-10-1899	S. effectivo
65	Dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz *	10-11-1899	S. honorario
66	Coronel Honorio Lima	10-11-1899	S. corresp.
67	Dr. Antonio Zeferino Candido	24-11-1899	S. corresp.
68	General Dr. Innocencio Serzedello Correa	8-12-1899	S. effectivo
69	Dr. José Americo dos Santos	12-12-1899	S. effectivo
70	Dr. Miguel Joaq. ^{to} Ribeiro de Carvalho	12-12-1899	S. honorario
71	D. Pedro de Orléans e Bragança	22-6-1900	S. honorario
72	Desemb. ^{to} Antonio Ferreira de Sousa Pitanga	3-8-1900	S. honorario

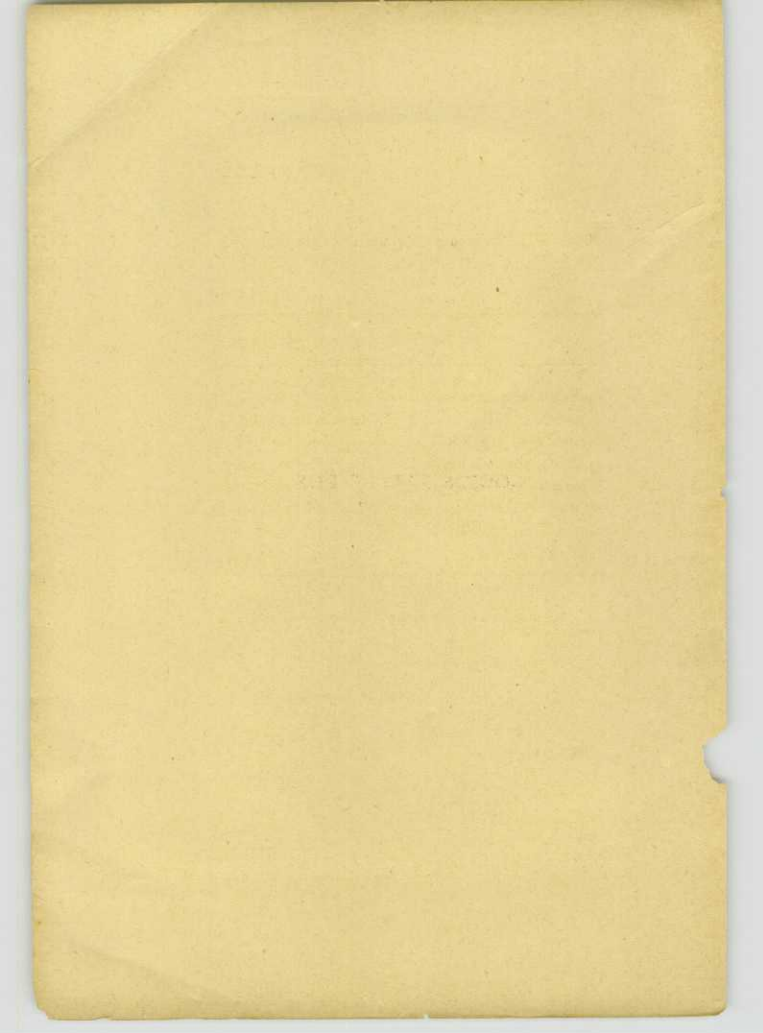
Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
73	José Francisco da Rocha Pombo . . .	3-8-1900	S. effectivo
74	Max Ficiuss.	3-8-1900	S. effectivo
75	Dr. Alfredo Eugénio de Almeida Maia	10-8-1900	S. honorario
76	General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.	17-8-1900	S. effectivo
77	Dr. Orville Adalbert Derby *.	26-10-1900	S. effectivo
78	Dr. Rodrigo Octavio de Langgard Me- nezes	26-10-1900	S. effectivo
79	Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão	26-10-1900	S. effectivo
80	Dr. Emilio Augusto Goeldi *.	10-12-1900	S. honorario
81	Eduardo Müller *.	10-12-1900	S. honorario
82	Dr. Eptacio da Silva Pessôa	27-3-1901	S. honorario
83	Dr. Manuel B. Otero *.	24-5-1901	S. honorario
84	Dr. Susviela Guarch *.	24-5-1901	S. honorario
85	Dr. Antonio Augusto de Lima	9-8-1901	S. corresp.
86	Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa . . .	23-8-1901	S. honorario
87	Dr. Sylvio Romero.	23-8-1901	S. effectivo
88	Dr. João Mendes de Almeida Junior.	23-8-1901	S. corresp.
89	Dr. Nelson de Senna	23-8-1901	S. corresp.
90	Dr. Sebastião Paraná de Sá Souto Maior	23-8-1901	S. corresp.
91	Horacio de Carvalho	18-10-1901	S. corresp.
92	Dr. José Vieira Couto de Magalhães..	18-10-1901	S. corresp.
93	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco.	6-12-1901	S. corresp.
94	Dr. Alfredo de Toledo.	6-12-1901	S. corresp.
95	Carlos Lix Klett *.	6-12-1901	S. corresp.
96	Dr. D. Ernesto Quesada *.	6-12-1901	S. corresp.
97	Dr. Sabino Barroso Junior	2-5-1902	S. honorario
98	Conselheiro Ruy Barbosa	25-5-1902	S. effectivo
99	Conselheiro Salvador Pires de Carva- lho e Albuquerque.	13-6-1902	S. effectivo
100	Dr. D. Anselmo Hévia Riquelme *. .	8-8-1902	S. honorario
101	Dr. Martin Francisco Ribeiro de An- drada.	24-10-1902	S. corresp.
102	Dr. Theodoro Sampaio.	24-10-1902	S. corresp.
103	Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho *.	24-4-1903	S. honorario
104	Dr. Albino Alves Filho	22-5-1903	S. corresp.
105	Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira.	22-5-1903	S. corresp.
106	Mons. Vicente Lustosa Ferreira de Lima	19-6-1903	S. effectivo
107	Dr. Augusto de Siqueira Cardoso. . .	25-6-1903	S. corresp.
108	Dr. José Maria Pereira de Lima *. . .	11-7-1903	S. corresp.
109	Alberto dos Santos Dumont	11-9-1903	S. honorario
110	Victor Ribeiro *.	11-9-1903	S. corresp.
111	Dr. Alberto de Carvalho	18-9-1903	S. effectivo
112	Duque dos Abruzzos *.	28-9-1903	S. honorario

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
113	Eduardo Marques Peixoto	23-10-1903	S. effectivo
114	Coronel Jesuino da Silva Mello	23-10-1903	S. effectivo
115	D. Luiz de Orleans e Bragança	6-11-1903	S. honorario
116	José Feliciano de Oliveira	19-2-1904	S. corresp.
117	Dr. Manuel de Mello Cardoso Barata	20-5-1904	S. honorario
118	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araújo	3-6-1904	S. corresp.
119	Cons. Candido Luiz Maria de Oliveira	17-6-1904	S. effectivo
120	Alberto Pinentel *	23-6-1904	S. corresp.
121	Barão de Murilha	12-8-1904	S. honorario
122	Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães	9-12-1904	S. effectivo
123	Dr. José Joaquim Seabra	2-4-1905	S. honorario
124	Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim	28-4-1905	S. honorario
125	Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho	9-7-1905	S. corresp.
126	D. João Braga	21-7-1905	S. honorario
127	Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva	21-7-1905	S. effectivo
128	Barão de Paranapiacaba	21-7-1905	S. effectivo
129	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme	21-7-1905	S. corresp.
130	Dr. João Pandiá Calogeras	18-9-1905	S. corresp.
131	Dr. Joaquim Nogueira Paranaíba	4-12-1905	S. corresp.
132	Dr. Diogo da Vasconcellos	4-12-1905	S. corresp.
133	D. Julio Tonti *	30-4-1906	S. honorario
134	Dr. José Pereira Rego Filho	25-6-1906	S. effectivo
135	Dr. Bernardino Machado Guimarães *	9-7-1906	S. corresp.
136	D. Daniel Garcia Acevedo *	3-9-1906	S. corresp.
137	Dr. Arthur Orlando da Silva	8-10-1906	S. corresp.
138	D. Gonzalo Quesada *	8-10-1906	S. corresp.
139	Dr. Clovis Bevilacqua	15-10-1906	S. effectivo
140	D. José Joaquim Vieira	6-5-1907	S. honorario
141	Dr. Aug. ^{to} Olympio Viveiros de Castro	29-5-1907	S. effectivo
142	Dr. Adolpho Augusto Pinto	20-5-1907	S. corresp.
143	Dr. Paulo von Ehrenreich *	20-5-1907	S. corresp.
144	Dr. José Carlos Rodrigues	10-6-1907	S. effectivo
145	Dr. Gastão Ruch Sturzenacker	29-6-1907	S. effectivo
146	Paulo Barreto	29-7-1907	S. effectivo
147	Dr. Augusto Tavares de Lyra	16-9-1907	S. corresp.
148	Dr. Antonio Jansen do Paço	30-9-1907	S. effectivo
149	Dr. João Luiz Alves	30-9-1907	S. corresp.
150	General Emygdio Dantas Barreto	29-8-1908	S. effectivo
151	Dr. Alexandre José Barbosa Lima	29-8-1908	S. effectivo
152	Dr. Alfredo Augusto da Rocha	29-8-1908	S. effectivo
153	Charles Wiener *	29-9-1908	S. corresp.
154	Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto	29-9-1908	S. corresp.
155	Dr. Norival Soares de Freitas	5-10-1908	S. effectivo
156	Fernando Augusto Georlette	24-3-1909	S. corresp.

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
157	Dr. João Coelho Gomes Ribeiro . . .	20-8-1909	S. effectivo
158	D. João Baptista Corrêa Nery . . .	31-8-1909	S. corresp.
159	Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha	12-10-1909	S. corresp.
160	Dr. Nilo Pecanha	27-11-1909	P. honorario
161	Dr. Ramon J. Carcano *	1-7-1910	S. corresp.
162	José Felix Alves Pacheco	1-8-1910	S. effectivo
163	Dr. Alberto de Seixas Martins Torres	3-10-1910	S. honorario
164	Dr. Eurico de Góes	3-10-1910	S. effectivo
165	Contra almirante Antonio Coutinho Gomes Pereira	3-10-1910	S. effectivo
166	Dr. Rodolpho Schüller *	22-6-1911	S. corresp.
167	Dr. Justo Jansen Ferreira	22-6-1911	S. corresp.
168	Dr. Braz Hermenegildo do Amaral	22-6-1911	S. corresp.
169	Henry R. Lang *	22-6-1911	S. corresp.
170	Dr. Pedro Souto Maior	15-7-1911	S. effectivo
171	Dr. José Bonifácio de Andrada e Silva	15-7-1911	S. corresp.
172	Dr. Alípio Gama	15-7-1911	S. corresp.
173	Dr. Aloysio de Castro	17-7-1911	S. effectivo
174	Capitão de corveta Francisco Radler de Aquino	26-8-1911	S. effectivo
175	Dr. Homero Baptista	26-8-1911	S. corresp.
176	Dr. Afonso d'Escragnolle Taunay . .	23-9-1911	S. corresp.
177	Dr. José Salgado *	10-10-1911	S. corresp.
178	Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet	16-10-1911	S. effectivo
179	Dr. D. Roque Saenz Peña *	21-11-1911	P. honorario
180	Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca	21-11-1911	P. honorario
181	Dr. D. Julio Fernandez *	4-3-1912	S. honorario
182	Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa . . .	4-3-1912	S. honorario
183	Dr. Lauro Severiano Müller	4-3-1912	S. honorario
184	Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria .	4-3-1912	S. effectivo
185	Dr. Washington Luis Pereira de Sousa	4-3-1912	S. corresp.
186	Desembarg. ^{or} Dr. João da Costa Lima Drummond	27-5-1912	S. effectivo
187	Major Dr. Liberato Bittencourt . . .	27-5-1912	S. effectivo
188	Dr. Afranio de Mello Franco	27-5-1912	S. corresp.
189	Dr. Manuel Emilio Gomes de Carvalho	27-5-1912	S. corresp.
190	Dr. Helio Lobo	6-6-1912	S. effectivo
191	Dr. Alberto Rangel	6-6-1912	S. effectivo
192	Desemb. Dr. Ataúlpho Napolés de Paiva	6-6-1912	S. effectivo
193	Francisco Agenor de Noronha Santos	6-6-1912	S. effectivo
194	Dr. Alfredo Valladão	19-7-1912	S. effectivo
195	Capitão tenente Raul Tavares	23-8-1912	S. effectivo
196	Nicoláo José Debbané	23-8-1912	S. corresp.
197	Dr. John Gasper Branner *	30-5-1913	S. corresp.
198	Pedro de Azevedo *	30-5-1913	S. corresp.
199	David de Mello Lopes *	30-5-1913	S. corresp.

Ord. chr.	Nomes	Data da entrada no Instituto	Classe
200	Dr. Eugenio de Andrada Egas . . .	28 7-1913	S. corresp.
201	Dr. Gentil de Assis Moura. . . .	28 7-1913	S. corresp.
202	Fidelino de Figueiredo *	28 7-1913	S. corresp.
203	Dr. Edgard Roquette Pinto	4 8-1913	S. effectivo
204	Dr. D. Adolfo P. Carranza * . . .	30 8-1913	S. corresp.
205	Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada	25 9-1913	S. corresp.
206	Theodoro Roosevelt *	6 10-1913	S. honorario

SOCIOS FALLECIDOS

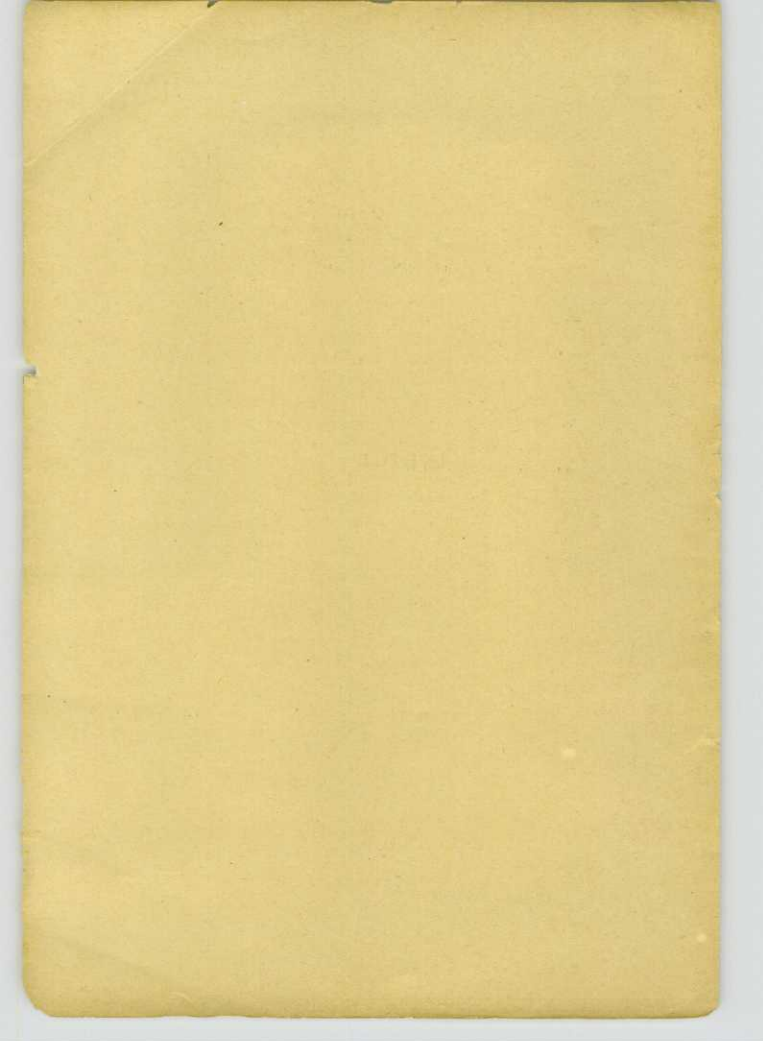


SÓCIOS FALLECIDOS no periodo de 21 de Outubro de 1912
a 21 de Outubro de 1913

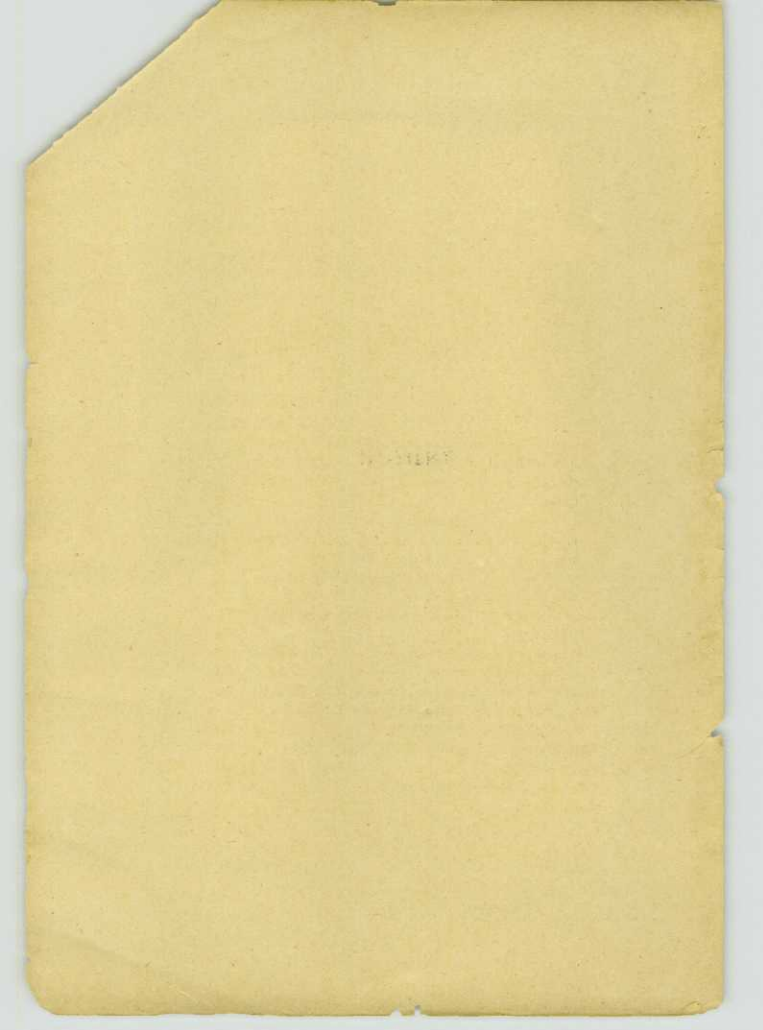
Nomes	Classes	Data do fallecimento
Conselheiro Manuel Antonio Duarte de Azevedo	Honorario	9—XI—912
Domingos Rayol (bardo de Guajará) .	Correspondente	27—X—912
Dr. Adelino Augusto de Luna Freire.	"	1—III—913
Bernardo Horta de Araujo	"	20—II—913
Dr. Manuel Ferraz de Campos Salles .	Pres. honorario	28—VI—913
Dr. D. Vicente G. Quesada	Correspondente	20—IX—913
Coronel Ernesto Senna.	Effectivo	19—X—913

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 21 de
Outubro de 1913.

F. Martins Guimarães, official.



INDICE



INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NA PARTE II DO TOMO LXXV

	Pag.
Visconde de Ouro Preto, pelo Dr. Alfredo Valladão, socio effectivo do Instituto	7
Papeis ineditos sobre João Fernandes Vieira, pelo Dr. Alberto Lamego	23
Anchieta — a doença eucharistica do noviço José — pelo Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior, socio effectivo do Instituto	53
Campanha da Princeza, pelo Dr. Alfredo Valladão, socio effectivo do Instituto	71
Cartas ineditas da 1. ^a Imperatriz D. Maria Leopoldina (1821 a 1826)	111
D. Pedro II no Egypto. Conferencia de Nicolas Debbané, socio correspondente do Instituto.	131
Cartas do exilio de D. Pedro II ao visconde de Tannay (1890-91)	163
Scenas e paizagens do Espirito Sancto, por D. Julia Lopes de Almeida	177
Actas das sessões realizadas no anno de 1912	221
Cadastro dos socios	585
Cadastro social por ordem chronologica	595
Socios fallecidos.	603

